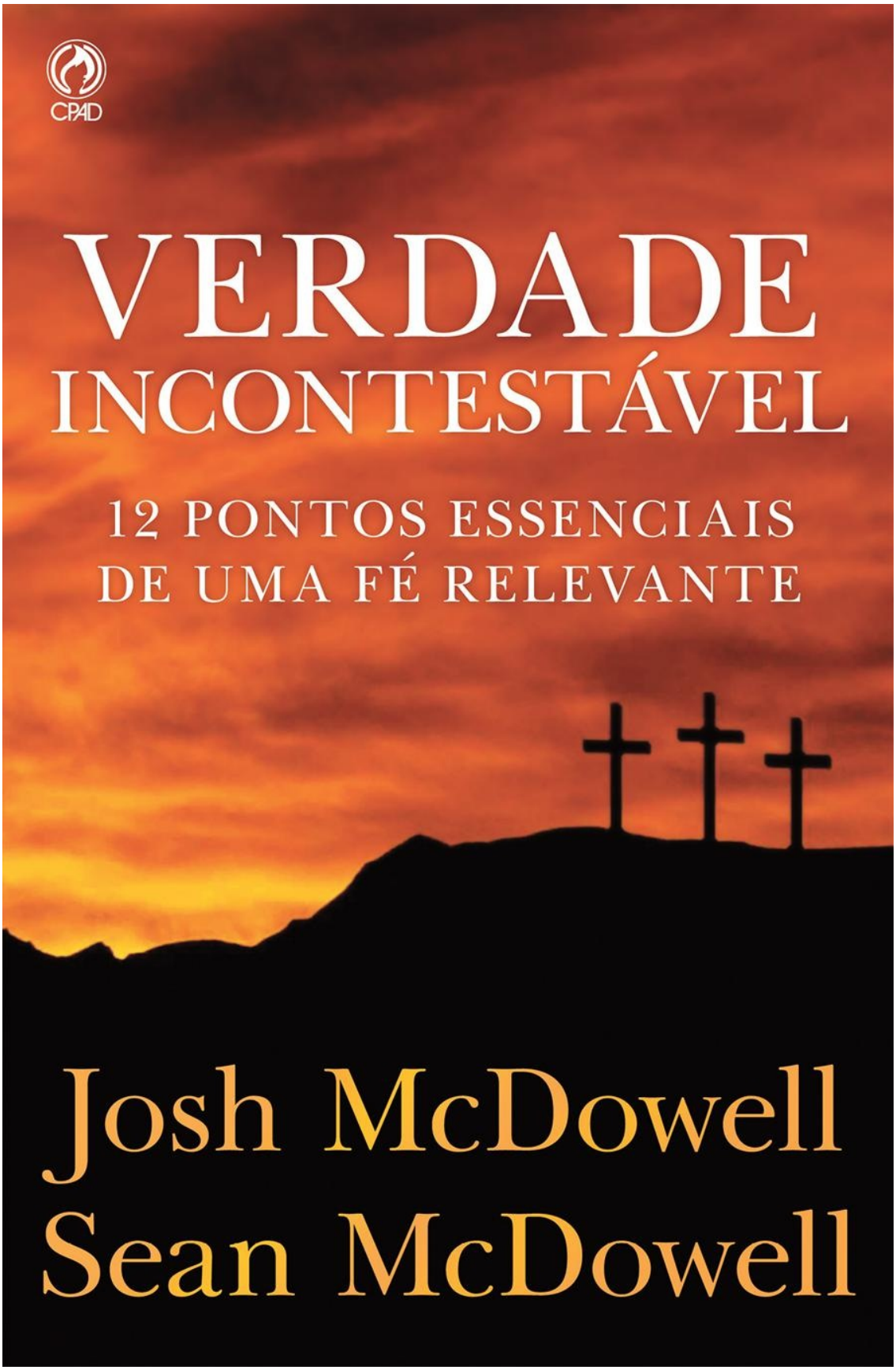
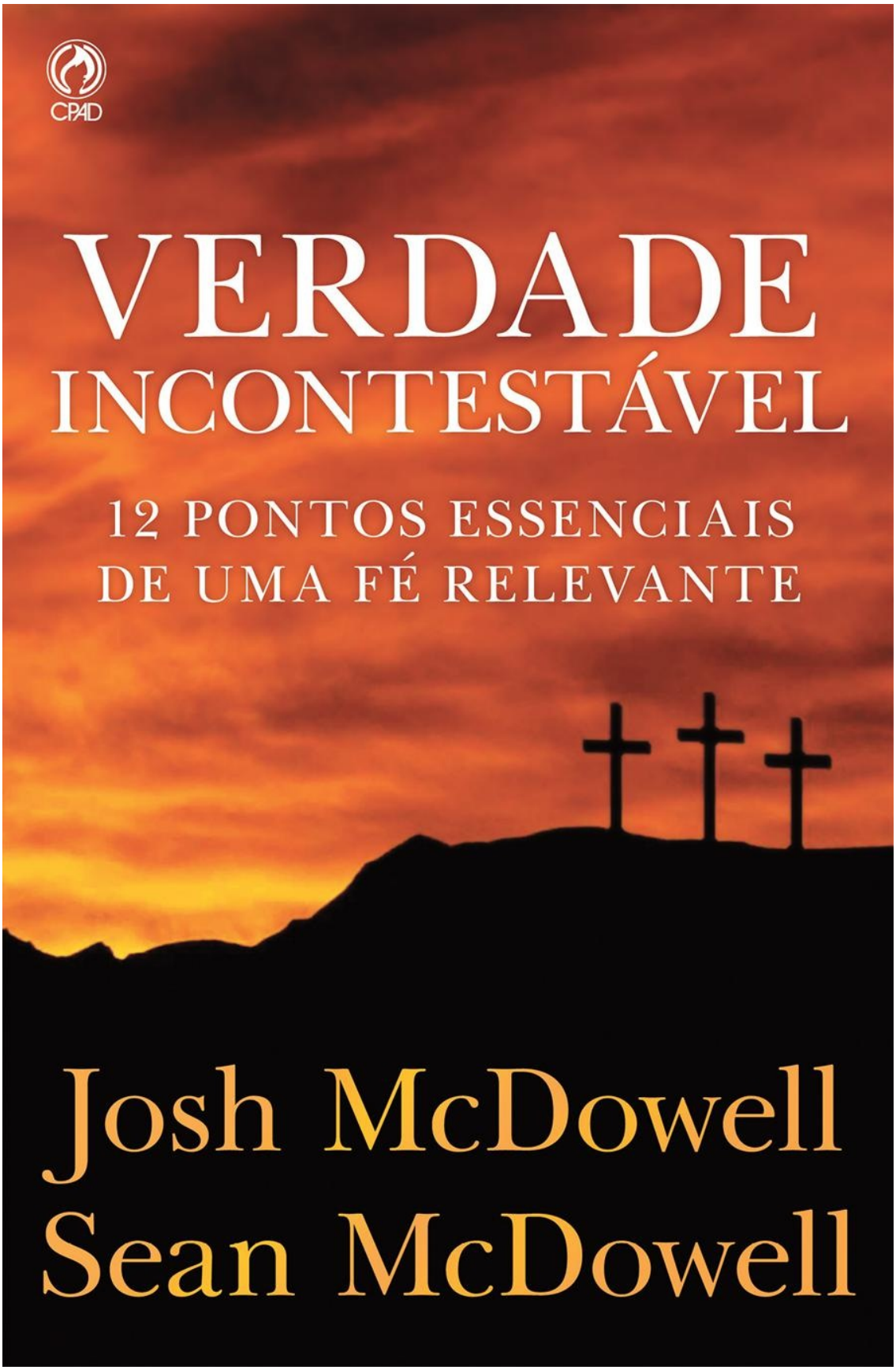

CPAD
VERDADE
INCONTESTÁVEL
12 PONTOS ESSENCIAIS
DE UMA FÉ RELEVANTE
Josh McDowell
Sean McDowell


CPAD
VERDADE
INCONTESTÁVEL
12 PONTOS ESSENCIAIS
DE UMA FÉ RELEVANTE
Josh McDowell
Sean McDowell

VERDADE INCONTESTÁVEL

12 PONTOS ESSENCIAIS DE UMA FÉ RELEVANTE

Josh McDowell
Sean McDowell

Traduzido por Degmar Ribas e Michael Ribas

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2015

Todos os direitos reservados. Copyright © 2015 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: The Unshakable Truth

Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, EUA

Primeira edição em inglês: 2010

Tradução: Degmar Ribas e Michael Ribas

Preparação dos originais: Cristiane Alves

Capa: Marlon Soares

Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

Conversão para e-Pub: Cumbuca Studio

CDD: 239 - Apologética

ISBN: 978-85-263-1350-7

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

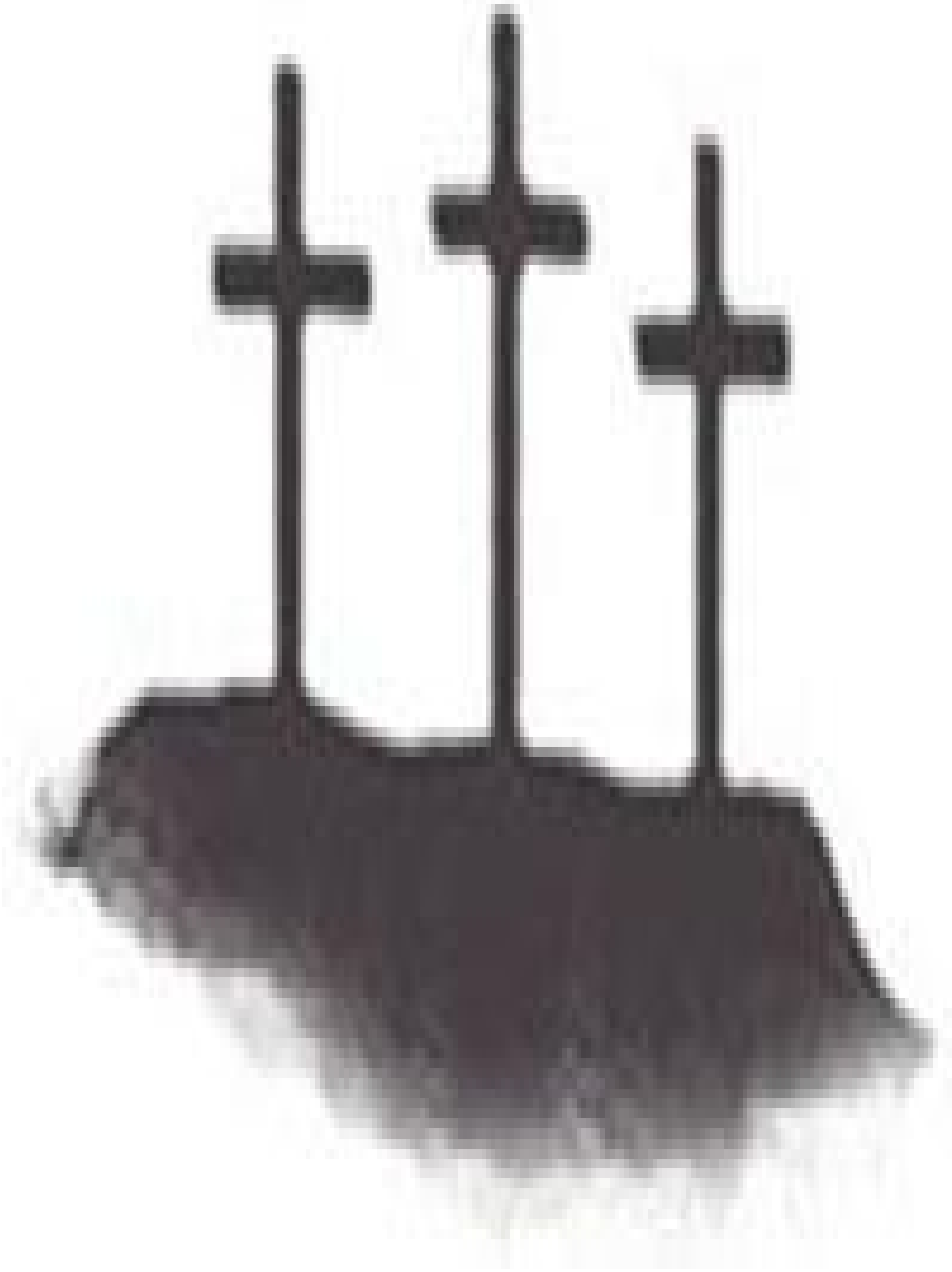
SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: Julho /2015 - Tiragem: 3.000



AGRADECIMENTOS

Uma obra desta magnitude não seria completa sem longas horas e ampla colaboração de muitas pessoas. Desejamos reconhecer os seguintes indivíduos pela sua valiosa contribuição a este livro:

Dave Bellis, meu amigo (de Josh) e colega durante 33 anos, por idealizar o tema e o foco do livro, colaborar conosco na pesquisa para o livro, escrever os rascunhos, reescrever, e, de maneira geral, orientar o livro e dar-lhe a sua forma final. Sob muitos aspectos, Dave poderia ser considerado um “terceiro autor”, e nós somos profundamente gratos pela sua contribuição.

Tom Williams, por editar o manuscrito, ao qual aplicou sua valiosa percepção, sua habilidade para expressar palavras e o coração apaixonado para dar vida às palavras em uma página impressa.

Becky Bellis, por seu trabalho árduo no computador para preparar o manuscrito.

Jason Carlson e o pastor Mark Fitter, por sua criteriosa análise a respeito da perspectiva teológica apresentada no livro.

Rich e Pam Bucha, Regina SirLouis, Blake e Deanna Matthies, Ron Pavlovich, Ken e Debbie Kear, Tammy Bellis, Bryan e Annette Walters, Dave Bellis II, Chris e Charlotte Woofter, Laura Fahringer, Shane e Dawn Meyers, Becky Bellis, Caleb e Jen Nichols, e Angela Farkas, por participar do grupo e fornecer ideias que nos ajudaram a esclarecer a mensagem do livro e torná-lo fácil de entender e mais fácil de aplicar.

Terry Glaspey, de Harvest House Publishers, por sua habilidade analítica, suas noções teológicas e seu entendimento estrutural sobre o que é necessário para um livro convincente e prático. A sua colaboração foi inestimável.

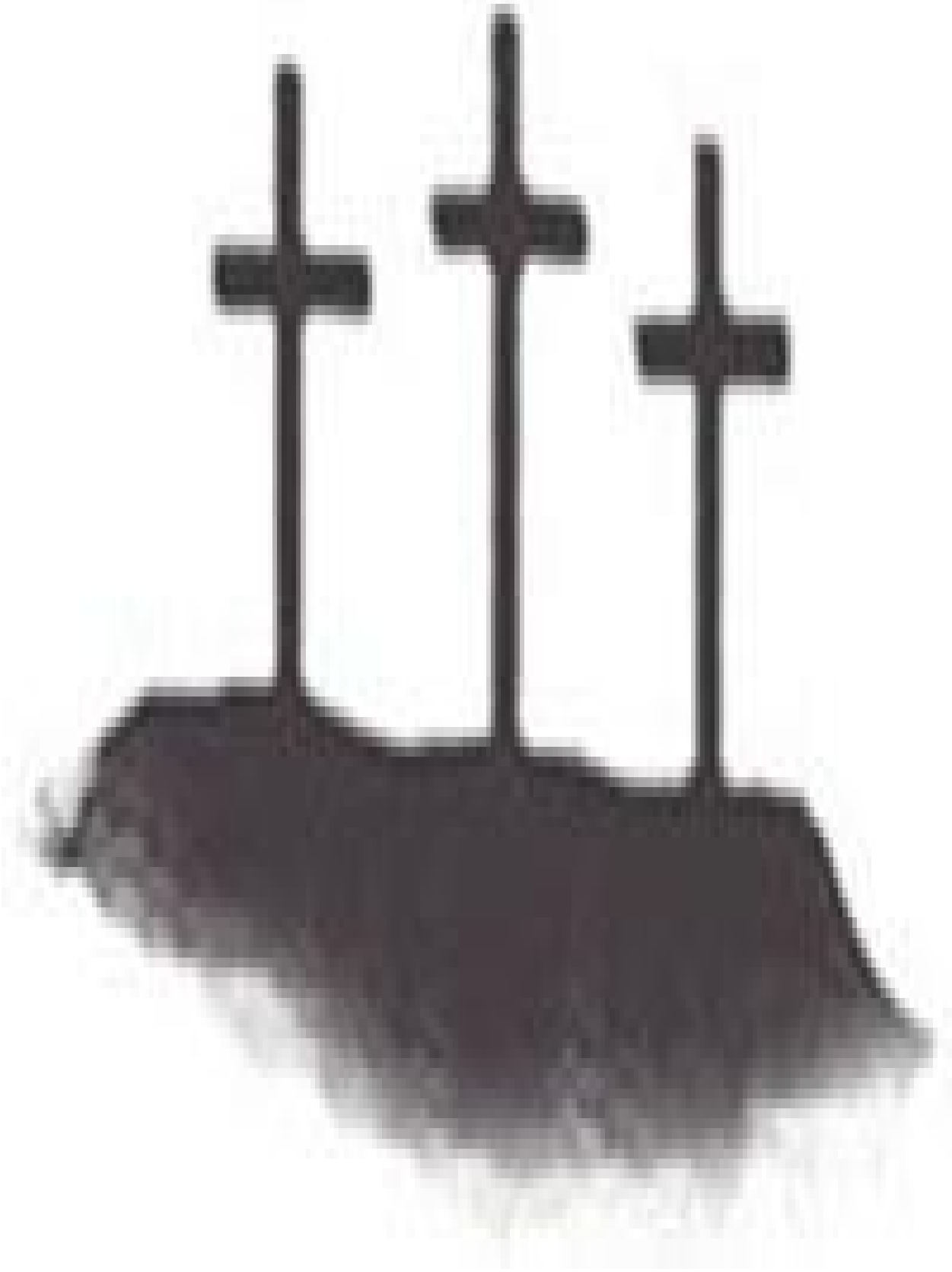
Paul Gossard, pela edição especializada e pela percepção que trouxe para a conclusão do manuscrito.

Bob Hawkins Jr. e LaRae Weikert, da Harvest House, por sua visão desta obra e por toda a paciência e incentivo que nos deram.

E, finalmente, a todos da equipe da Harvest House Publishers que estiveram envolvidos na edição, no projeto interno e na apresentação, na arte da capa e nos muitos detalhes necessários para levar um livro à prensa — nós lhes agradecemos muito.

Josh McDowell

Sean McDowell



SUMÁRIO

Parte 1 - As Doze Verdades Incontestáveis do Cristianismo

Capítulo 1: O que Todos nós Queremos da Vida

Capítulo 2: Doze Verdades que Definem a Fé Cristã

Capítulo 3: O Verdadeiro Significado da Verdade

Parte 2 - A Verdade Incontestável da Criação de Deus

Verdade Número Um: Deus Existe

Capítulo 4: Quem é Deus?

Capítulo 5: Evidências a Favor da Existência de Deus

Capítulo 6: A Descoberta da nossa Identidade

Capítulo 7: Exibir a Imagem Relacional que Você Tem de Deus

Verdade Número Dois: A Palavra De Deus

Capítulo 8: Por que Deus nos Deu as suas Palavras

Capítulo 9: A Evidência de que a Palavra de Deus é Confiável

Capítulo 10: A Proteção e a Provisão da Palavra de Deus

Capítulo 11: Vivendo sob a Proteção de Deus e Desfrutando da sua Provisão

Verdade Número Três: O Primeiro Pecado

Capítulo 12: O Primeiro Relacionamento Destruído

Capítulo 13: Evidências de que o Pecado Tem Consequências

Capítulo 14: Escolhendo o Certo, e não o Errado

Capítulo 15: Exemplos Práticos de como Fazer Escolhas Corretas

Parte 3 - A Verdade Incontestável da Encarnação de Deus

Verdade Número Quatro: Deus Se Fez Homem

Capítulo 16: Nós Rejeitamos a Deus — Deus nos Aceitou

Capítulo 17: Evidências de que Deus se Fez Humano para nos Redimir

Capítulo 18: O que a Aceitação Incondicional de Deus Produz

Capítulo 19: Como Aceitar os outros como Deus nos Aceita

Verdade Número Cinco: A Expiação Do Pecado Feita Por Cristo

Capítulo 20: O Alto Preço do Perdão

Capítulo 21: Evidência de que Jesus era o Sacrifício Perfeito de Deus

Capítulo 22: O Verdadeiro Significado do Amor

Capítulo 23: Como Amar os outros como Deus nos Ama

Capítulo 24: O que nos Justifica perante Deus?

Verdade Número Seis: A Justificação Pela Fé

Capítulo 25: A Evidência de que Cristo Tem o Poder de nos Salvar

Capítulo 26: A Alegria da Salvação

Capítulo 27: Explicando como Ter um Relacionamento com Deus

Verdade Número Sete: Vivendo A Vida Transformada

Capítulo 28: Entendendo o seu Propósito

Capítulo 29: Evidências de uma Vida Transformada

Capítulo 30: Vendo a nós Mesmos como Deus nos Vê

Capítulo 31: Vivendo uma Vida Transformada

Parte 4

Verdade Número Oito : A Ressurreição Física De Jesus

Capítulo 32: A Necessidade Histórica da Ressurreição de Cristo

Capítulo 33: As Evidências de que Jesus literalmente Ressuscitou dos Mortos

Capítulo 34: Vencendo o Medo da Morte

Capítulo 35: Vivendo Fisicamente na Terra, mas com o nosso Coração no Céu

Verdade Número Nove : A Trindade

Capítulo 36: O Significado de um Deus em Três Pessoas

Capítulo 37: A Evidência da Existência do Espírito Santo

Capítulo 38: O Propósito do Espírito Santo em Nossa Vida

Capítulo 39: O Poder do Espírito Santo

Verdade Número Dez: O Reino De Deus

Capítulo 40: Os Reinos em Guerra

Capítulo 41: A Evidência de que o Reino de Deus Tem Influenciado o Mundo de uma Maneira Positiva

Capítulo 42: Determinando a sua Visão de Mundo Relacionada ao Reino de Deus

Capítulo 43: De que Modo a sua Visão de Mundo Define quem Você É, por que Está aqui e para onde Está Indo

Verdade Número Onze: A Igreja

Capítulo 44: O que É a Igreja?

Capítulo 45: A Evidência de que a Igreja de Deus Está Viva e Muito Bem

Capítulo 46: A Prioridade da Igreja

Capítulo 47: Como a Igreja Atende às Necessidades Humanas e Espirituais

Verdade Número Doze: A Volta De Cristo

Capítulo 48: O nosso Lar Restaurado: O Céu na Terra

Capítulo 49: Evidências de Vida após a Morte

Capítulo 50: Vivenciando a Alegria Eterna

Capítulo 51: Cumprindo o seu Destino

Apêndice A - A Celebração da Redenção

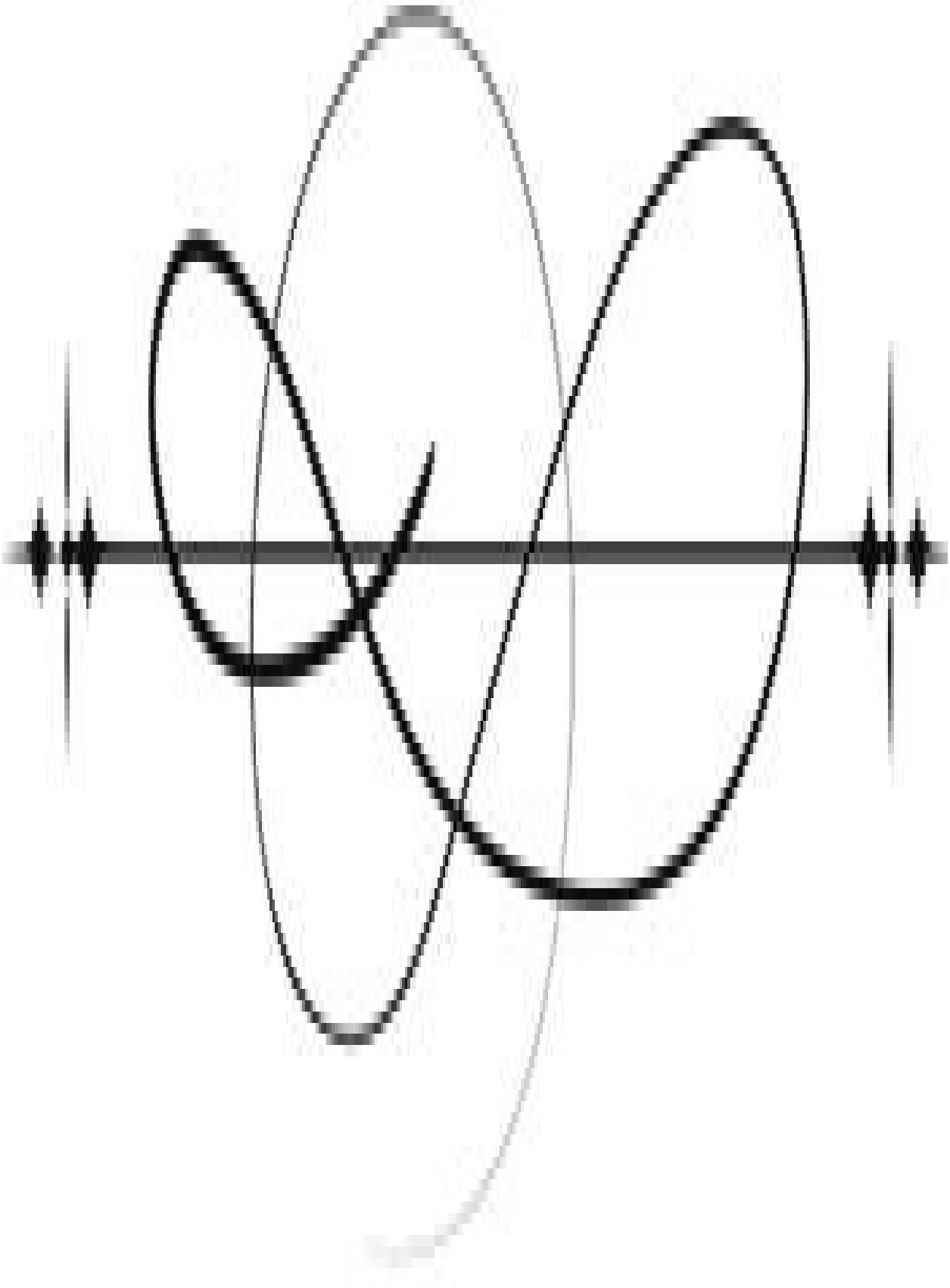
Apêndice B - a Celebração da Revelação

Apêndice C - A Celebração da Restauração

Notas

Parte 1

AS DOZE VERDADES INCONTESTÁVEIS DO CRISTIANISMO



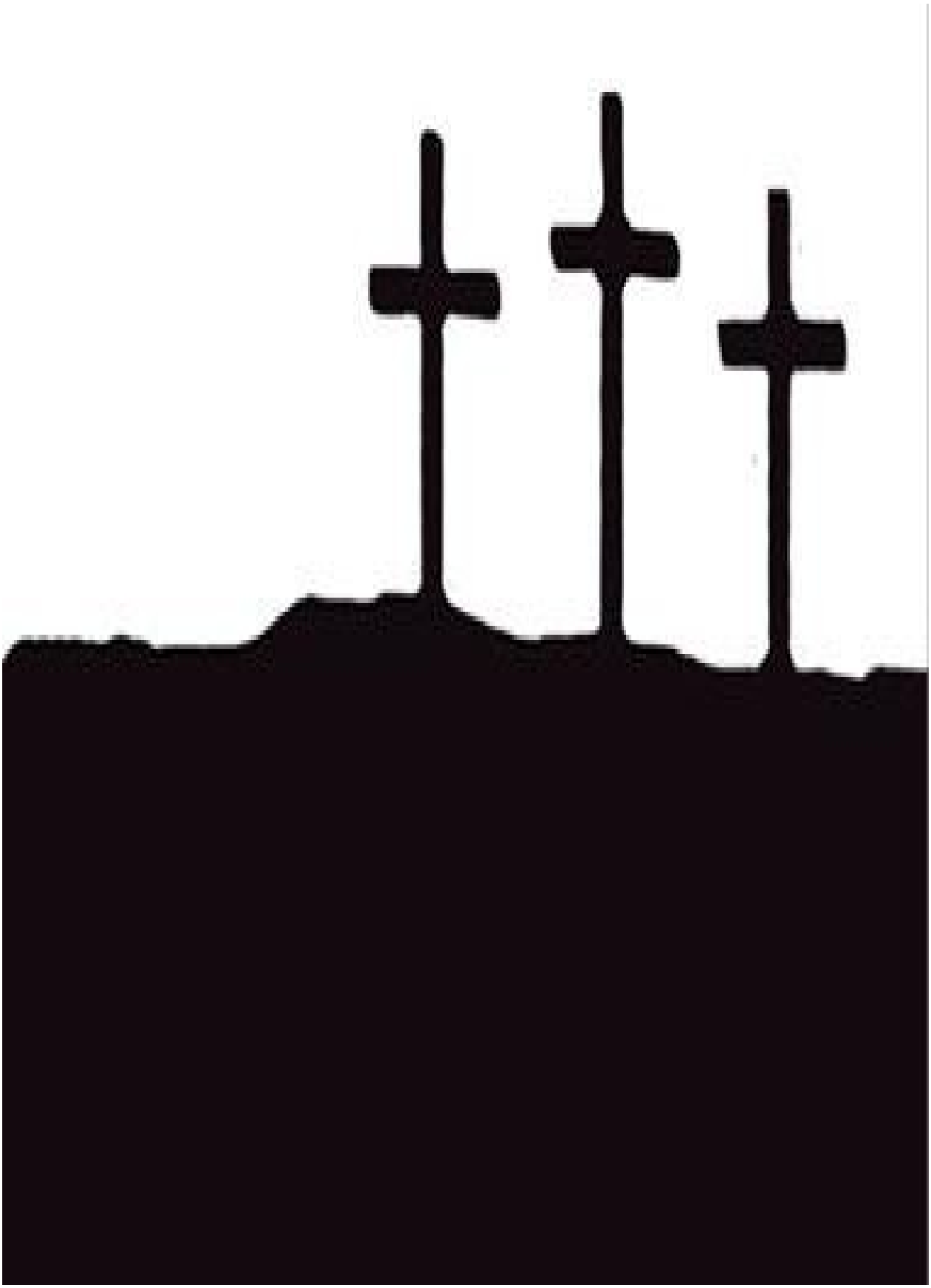
O que é a fé cristã, realmente?

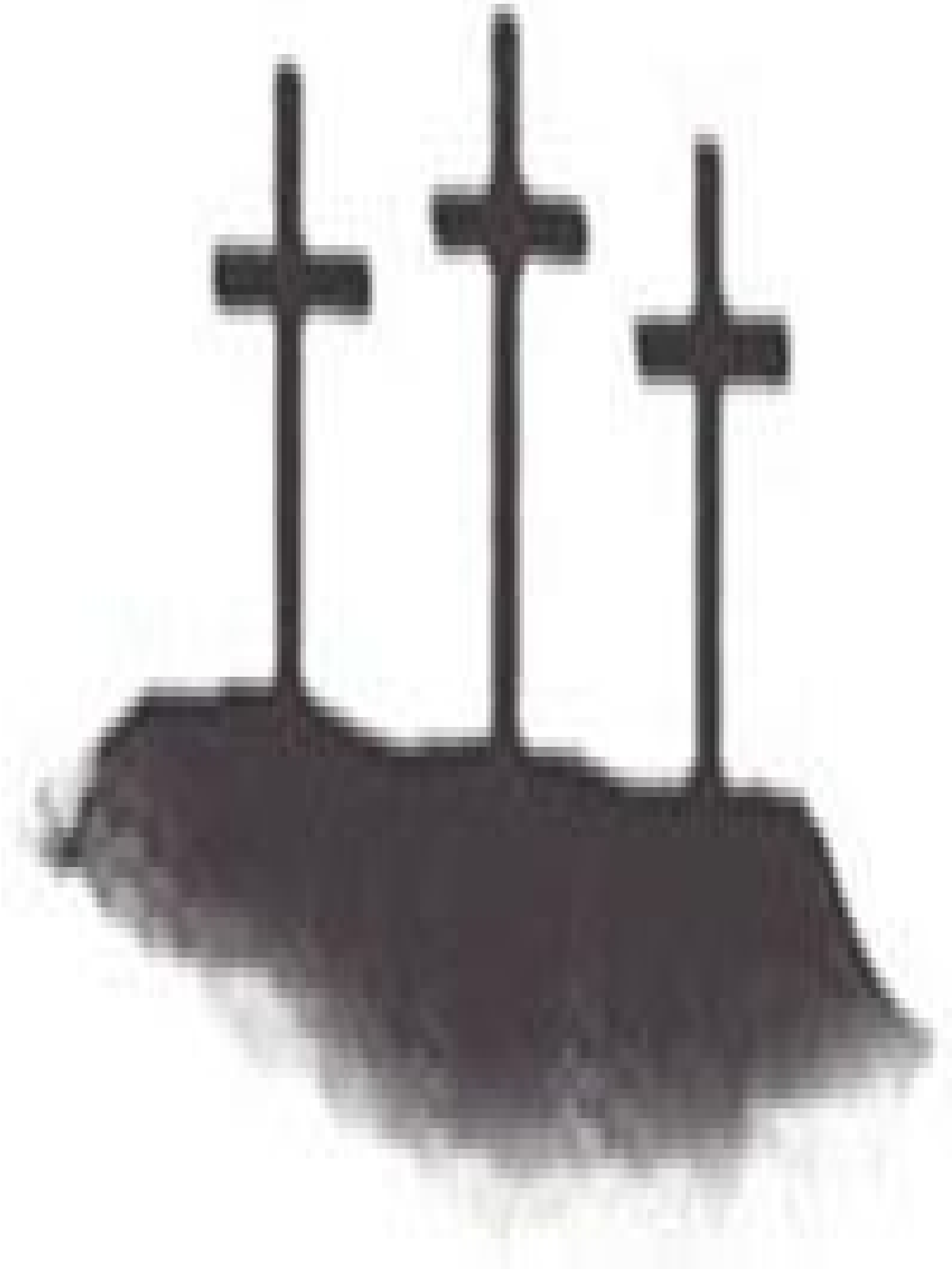
Em que cremos?

Por que cremos?

Como isso é relevante para as nossas vidas?

Como podemos demonstrar?





Capítulo Um

O QUE TODOS NÓS QUEREMOS Da VIDA

Era um belo dia de outono. As janelas do carro estavam abaixadas. Eu (Josh) estava em meu primeiro ano da faculdade, e estava indo de carro com alguns de meus amigos, do campus até o centro da cidade. Estávamos nos divertindo muito. Uma mulher parou seu carro ao nosso lado no semáforo, abaixou sua janela, e com uma expressão carrancuda no rosto perguntou: “Que direito vocês têm de estar tão contentes?”

O nosso Desejo de Profunda Felicidade

Lá no fundo, todos nós desejamos ser felizes. Queremos viver uma vida satisfatória, uma vida de alegria e contentamento. Na verdade, Deus também quer que tenhamos essa vida. Jesus disse: “Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15.11). Mas a busca de profunda felicidade frequentemente nos ilude. O Dicionário Webster define a felicidade como “uma experiência prazerosa ou satisfatória”. A felicidade usualmente é equiparada a sentimentos prazerosos. E, naturalmente, não há nada inerentemente errado com a satisfação prazerosa, exceto a maneira como a buscamos.

O Foco em si Mesmo

Eu (Sean, filho de Josh e coautor) trabalho como educador. Quando pergunto aos meus alunos o que desejam mais intensamente em suas vidas, a resposta típica é “felicidade”. Eu lhes peço que definam felicidade, e muitos me dizem que a felicidade é sentir-se bem e divertir-se. Muitos de nós definimos a felicidade desta maneira. Se a felicidade tem a ver com um sentimento prazeroso ou uma sensação de diversão, então, consequentemente, quanto maior o número de experiências divertidas que tivermos, mais felizes seremos.

Mas, de alguma maneira, a coisa não parece funcionar assim. Por exemplo, o poder de conquistas das pessoas nascidas depois da Segunda Guerra Mundial cresceu consideravelmente acima do de qualquer geração anterior na história. Eles tiveram mais dinheiro, mais tempo de lazer, mais acesso a esportes, viagens e diversões do que teve qualquer sociedade. E ainda assim, segundo o especialista em felicidade, Dr. Martin Seligman, eles tiveram uma taxa de depressão dez vezes superior à de qualquer geração anterior. A razão para a depressão, conclui o Dr. Seligman, era o fato de que as pessoas deram início a um foco em si mesmas.[1]

Quando a missão de uma pessoa na vida é buscar o prazer, o resultado é que ela se torna focada em “mim”. E a felicidade focada em “mim”, em geral, tem vida curta. Mais cedo ou mais tarde (e para a maioria das pessoas isso ocorre mais tarde), quando nos concentramos principalmente no nosso próprio prazer, as nossas vidas tendem a se tornar vazias, deprimidas e sem qualquer significado real. Acabamos vivenciando a realidade de que um foco egocêntrico não produz satisfação verdadeira, nem alegria, nem a verdadeira felicidade. O filósofo cristão e apologista J. P. Moreland sugere uma conclusão para uma vida egocêntrica:

Se a felicidade é ter um sentimento interior de diversão ou uma satisfação prazerosa, e se esse é o nosso objetivo principal, onde colocaremos o nosso foco, durante o dia todo? O foco estará em nós, e o resultado será uma cultura de indivíduos egocêntricos, que não conseguem viver para nada maior do que nós mesmos.[2]

No entanto, esta é a filosofia de vida atual que muitas pessoas adotaram: O

indivíduo sempre vem em primeiro lugar, com a virtude número um sendo sentir-se bem a respeito de si mesmo. A cultura diz, “seja você mesmo, acredite em você mesmo, expresse a você mesmo”. É por isso que nós temos YouTube e MySpace. Ego, ego, ego. A visão preponderante é de que você faz tudo o que for necessário para se sentir bem consigo mesmo, porque esta é a coisa mais importante do mundo. Este é o caminho para encontrar a felicidade.

De uma maneira ou outra, muitos de nós aceitamos esse ponto de vista. E é fácil entender o motivo. Se o objetivo é a felicidade, então por que não buscaríamos as cosias que nos darão prazer e, portanto, nos tornarão felizes?

O Foco em Jesus e na sua Perspectiva

Jesus, no entanto, tem outra perspectiva para alcançarmos a genuína felicidade e alegria — uma perspectiva que envolve um conjunto totalmente diferente de prioridades. Em vez de buscar a nossa felicidade em primeiro lugar, Jesus nos diz que devemos colocar a Ele e ao Seu reino em primeiro lugar (Mt 6.33). Ele diz que devemos morrer para nós mesmos, isto é, para encontrar a nossa vida, devemos perdê-la; basicamente, que devemos olhar além de nós mesmos, e buscá-lo em primeiro lugar. Ao ler essas coisas, muitas pessoas se perguntam como podemos esperar ser felizes, se deixarmos de lado a nossa busca pelo que nos dá prazer e seguirmos a alguém que nos pede o nosso comprometimento total. Como resultado, elas pensam que o cristianismo pode estragar toda a sua diversão.

Este, enfaticamente, não é o caso. Jesus disse que Ele é “o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6) e a nossa fonte de genuína felicidade. Segundo Jesus, a felicidade não está baseada em determinado sentimento. Em vez disso, é uma sensação de contentamento, paz e alegria que transcende às nossas circunstâncias e sentimentos. Quando Jesus disse que a sua alegria estaria em nós e a nossa alegria seria completa, Ele estava definindo o verdadeiro caminho para a felicidade — uma felicidade que não desaparece, mas cresce e se expande em alegria verdadeira e duradoura.

Ele estava dizendo que deveríamos nos concentrar nEle e no seu caminho — a

sua perspectiva de mundo. E fazendo isso, entenderíamos quem somos, e assim vivenciaríamos a nossa identidade como uma pessoa de valor. Nós perceberíamos por que estamos aqui, e assim vivenciaríamos o nosso propósito e significado na vida. Nós saberíamos para onde vamos, e assim vivenciaríamos o nosso destino e a nossa missão em uma vida maior do que nós mesmos.

E nesse processo, descobriremos que alcançamos algo muito maior e melhor do que a maneira como a nossa cultura entende a felicidade, que está baseada no prazer do momento. Nós encontraremos uma alegria verdadeira, satisfatória, profunda e duradoura. Uma alegria que permanecerá intacta por toda a vida, com ou sem prazeres, em meio a altos e baixos, em meio a dores, angústias e perdas. Isso é algo que todos nós queremos.

O caminho para alcançar a alegria duradoura é aceitar a ideia que Jesus tem da vida — isto é, a sua perspectiva de vida. Uma perspectiva de mundo é o que supomos ser verdade a respeito da constituição básica do mundo. Uma perspectiva de mundo é como um mapa mental da realidade. Nós cremos em certas coisas a respeito de nós mesmos, e Deus e a vida, e então interpretamos as nossas experiências por meio disso. Todo mundo tem uma perspectiva de mundo, ainda que nem todos percebam.

A perspectiva que Jesus tem da vida — a sua visão de vida — é chamada de perspectiva bíblica. Aceitar uma perspectiva bíblica quer dizer entender e viver a vida a partir da perspectiva de Deus. Significa entender o que devemos saber e ser, e a maneira como devemos viver. Esta perspectiva bíblica funciona, porque explica a verdade sobre Deus e sobre nós. Isto é o que fazem Jesus e todas as Escrituras — eles nos dão a verdade a respeito da vida e da felicidade, e a capacidade de viver de acordo com o reino de Deus. Como diz J. P. Moreland:

Uma perspectiva de mundo é o que supomos ser verdade a respeito da constituição básica do mundo.

É por isto que a verdade é tão poderosa. Ela permite que cooperemos com a

realidade, seja espiritual ou física e usemos o seu poder. Quando aprendermos a pensar corretamente sobre Deus, ensinamentos escriturais específicos, a alma ou outros aspectos importantes de uma perspectiva cristã, seremos colocados em contato com Deus e essas realidades.[3]

Nada funciona corretamente, a não ser que esteja em conformidade com a realidade. Um avião voa porque engenheiros projetaram a sua forma em conformidade com as realidades das correntes de ar e da gravidade. Um barco flutua porque os seus projetistas o criaram em conformidade com as realidades dos deslocamentos de água. Tente fazer um barco voar ou um avião flutuar, e os resultados serão desastrosos. A mesma coisa acontece com a sua vida. Se você deseja uma vida significativa, deve vivê-la em conformidade com o que ela foi projetada. A sua vida foi criada para funcionar adequadamente, quando em conformidade com a realidade do seu propósito. E Deus fez grandes esforços para nos mostrar a realidade do nosso propósito, que é absolutamente oposta à maneira como a nossa cultura entende a felicidade. Ele nos diz que, quando abandonamos o egocentrismo, encontramos significado. Quando buscamos o seu reino em primeiro lugar, todas as demais coisas nos são acrescentadas (Mt 6.33). Quando descobrimos o significado que Ele tem para as nossas vidas, obtemos um profundo contentamento, mesmo em meio à nossa dor, perda e abandono, que caracterizam o nosso mundo de pecado. É por isso que é vital que adotemos a perspectiva de Deus sobre a vida. Este, e apenas este, é o caminho para a genuína felicidade e a alegria profunda e duradoura.

O meu Caminho (de Josh)

Quando era adolescente, eu (Josh) comecei a minha busca da felicidade, pelo caminho errado. No entanto, eu queria, sinceramente, as respostas para Quem sou eu? Por que estou aqui? Para onde vou? Assim, comecei a buscar respostas. Certamente, não encontrei as respostas em casa. O meu pai era o bêbado da cidade. Cresci observando, com medo e horror, quando meu pai batia em minha mãe e instalava o caos em casa. Sofri violência sexual de um homem chamado Wayne, a quem meus pais haviam empregado em período parcial. Depois que

cresci, acabei contando à minha mãe o que Wayne estava fazendo, mas ela não acreditou em mim. Não tenho como lhe descrever a dor do abandono que senti quando minha mãe se recusou a crer em mim. Além disso, enquanto crescia, eu não me lembro de ter ouvido meu pai me dizer que me amava. O único amor que eu sentia era de uma mãe lutadora e maltratada, que morreu, repentinamente, quando eu ainda era um adolescente. Portanto, o meu lar não era um lugar onde encontrar respostas ou felicidade.

Na pequena comunidade do estado de Michigan em que cresci, todos pareciam estar envolvidos com a religião, e por isso a minha busca começou ali. Eu realmente entrei no ambiente da igreja. Mas devo ter escolhido a igreja errada, porque me sentia pior dentro da igreja do que fora dela. Assim, desisti da igreja como um meio de encontrar quaisquer resposta.

Então pensei que a educação poderia ter as respostas e me matriculei em uma universidade. Em pouco tempo, me tornei impopular com os meus professores, porque os apertava com muitas perguntas. Mas descobri que os meus professores tinham tantos problemas, frustrações e perguntas sem respostas quanto eu.

Eu me lembro de ter visto um aluno usando uma camiseta com os dizeres, Não me siga, estou perdido. Assim me pareciam todas as pessoas na universidade. Concluí que a educação não era a resposta.

Então tentei o prestígio. Pensei que poderia encontrar uma causa nobre, comprometer-me com ela, e, no processo, ficar bastante conhecido. Assim eu procurei vários cargos estudantis. A princípio isso foi ótimo. As pessoas me conheciam e eu gostava de gastar o dinheiro que ganhava da universidade para convidar os oradores que eu queria. Eu também gostava da ideia de gastar o dinheiro dos alunos para promover festas.

Mas o encanto do prestígio logo se acabou. Eu acordava na manhã de segunda-feira normalmente com uma dor de cabeça da noite anterior, temendo os cinco dias seguintes. Eu aguentava os dias de segunda a sexta-feira, apenas para ter as festas nas noites do fim de semana. Mas toda segunda-feira trazia o ciclo de falta de propósito outra vez.

Naquela época, notei um pequeno grupo de pessoas que pareciam diferentes dos demais. Eles pareciam saber quem eram e para onde iam. Eles tinham um conjunto claro de convicções em que criam. E o que realmente se destacava era

o fato de que elas pareciam genuinamente felizes. A felicidade e alegria deles não eram como as minhas, que dependiam das minhas circunstâncias. Eu ficava feliz somente quando as coisas iam bem — quando eu estava me "divertindo". Mas eles pareciam possuir uma fonte interior de alegria, pela qual eu ansiava, e eu me perguntava de onde ela vinha.

Fiz amizade com essas pessoas, e tentei entender o que eles sabiam que eu não sabia. Um dia, perguntei a uma das estudantes (uma mulher de boa aparência) do grupo o que a tornava tão diferente, tão feliz. Ela havia me dito antes que nem sempre havia sido assim, mas havia mudado. Assim, perguntei a ela: "O que foi que mudou a sua vida?"

A sua resposta me chocou. Ela usou duas palavras como uma solução, duas palavras que eu nunca pensei que ouviria na universidade. Ela disse, simplesmente: "Jesus Cristo". Imediatamente, eu disse a ela que estava cansado da religião e da igreja e que isso certamente não era uma solução. Novamente, esta mulher tinha convicções e ela sabia em que acreditava. Ela respondeu rapidamente, e disse: "Eu não disse religião,eu disse Jesus Cristo".

Ela e seus amigos continuaram explicando que um relacionamento com Deus, por intermédio de Jesus Cristo, oferecia o que eu viria a conhecer como uma perspectiva bíblica. Eles me disseram que Cristo e a Sua perspectiva de mundo — ver tudo de uma perspectiva bíblica — é que poderiam responder a todas as perguntas que eu tinha. Eles não se ofereceram para fazer comigo uma oração superficial nem me levar a "reuniões da igreja". O que eles fizeram foi me incentivar a examinar intelectualmente as declarações de Jesus e determinar, em essência, se a perspectiva de Deus, escrita nas Escrituras, era digna de crédito. Aceitei o seu desafio, com orgulho. Eu queria provar que o cristianismo era uma farsa.

Mas descobri que eu era a farsa. A minha busca por felicidade e significado foi satisfeita em Cristo.

Muitas pessoas que conhecem o meu testemunho sabem que me preparei para refutar o cristianismo, e supõem que eu vim até Cristo pelo caminho intelectual. Elas pensam que o meu exame da evidência da divindade de Cristo, da sua ressurreição e a confiabilidade das Escrituras me convenceram de que Deus havia falado, e que isso me ofereceu uma perspectiva que estabeleceu a minha identidade, propósito e significado na vida — e, por isso, confiei em Cristo.

A verdade é que toda a evidência que documentei em meus livros não me trouxe a um relacionamento com Cristo. A evidência convincente certamente chamou a minha atenção, mas foi o amor de Deus que me atraiu para junto dEle. Eu via o amor entre um grupo de seguidores de Jesus que se devotavam a Deus e uns aos outros. E Deus me demonstrou o seu amor por meio deles. Pelo poder do Espírito Santo, a minha vida foi transformada, por meio de um relacionamento com Deus. Descobri toda uma nova forma de pensar e viver, que trouxeram pura alegria. Esta nova forma de pensar e viver foram possíveis, à medida que Deus me capacitou para viver a verdade da sua perspectiva — uma perspectiva bíblica.

Muitos cristãos creem que a perspectiva de Jesus é o que precisamos seguir, no entanto, encontramos muitos que parecem ter dificuldades em fazer isso funcionar em suas vidas. A nossa experiência nos diz que a citação a seguir representa uma quantidade incontável de pessoas:

“Eu sou cristão, e quero encontrar a verdadeira alegria. Acredito que possa encontrá-la, seguindo a Cristo, mas de alguma maneira isso não parece estar acontecendo. Faço o melhor para viver a minha fé. Mas, para ser honesto, na realidade eu não conheço muita coisa sobre o motivo pelo qual eu creio no que creio. E no que diz respeito a uma perspectiva bíblica, há muitas declarações conflitantes ao meu redor sobre o que isso quer dizer. Eu não tenho certeza de estar formando a perspectiva correta. Como posso ter certeza?”

Responder a essas perguntas que encontramos nos lábios de tantos cristãos é o nosso primeiro propósito ao escrever este livro. Queremos demonstrar uma maneira de vivenciar a felicidade e a alegria que todas as pessoas desejam e que Deus deseja que tenhamos. Também temos um segundo propósito ao escrever este livro.

O nosso Desejo de Transmitir a Fé à Próxima Geração

“Eu sou cristão, e quero transmitir a minha fé aos meus filhos, mas não me sinto muito capacitado para fazer isso. Mas, definitivamente, eu não quero perder os meus filhos para uma cultura sem Deus. O que posso fazer?”

Nós encontramos centenas de cristãos que nos dizem alguma coisa como:

O medo de que nossos filhos sejam capturados pela cultura é real. Este manual tem o objetivo de lhe proporcionar uma maior compreensão dos fundamentos da fé de tal maneira a lhe dar um melhor entendimento do que você crê, por que crê e como isso leva você a uma alegria mais profunda na vida. Esse entendimento por si mesmo servirá como uma plataforma para instilar, de maneira exitosa, um cristianismo forte e ativo nas vidas da próxima geração. Sabemos que a transmissão da fé é uma necessidade real e vital. E ela não acontece automaticamente.

Capturados pela Cultura

Muitas vezes, ouvimos histórias similares à seguinte situação:

Marsha abraçou seu filho, quando ele se preparava para sair:

— Foi bom ter você em casa outra vez, querido — disse ela.

— É verdade, Greg — acrescentou seu pai, Mike. — Foi muito bom.

Ele se adiantou para um abraço.

— Sinto falta dos fins de semana em família, ir todos juntos à igreja, e todo o resto, mas eu imagino que, a esta altura, você já encontrou uma igreja na região da faculdade, não encontrou, filho?

Greg colocou sua mochila no ombro.

— Bem, pai, na realidade, não — ele respondeu hesitante. — Ser um calouro é difícil, e estou realmente ocupado.

Sarah, a irmã de Greg, de 16 anos, lhe passou a sua mala.

— Mas a faculdade é assim tão difícil?

— Eu não diria difícil, mas nos mantém ocupados, sabe?

Mike agarrou gentilmente o ombro de Greg.

— Se você está ocupado demais para ir à igreja, filho, penso que talvez você esteja realmente ocupado.

— Bem — respondeu Greg —, o seu tipo de igreja já não é mais o meu lance, pai. Tenho alguns amigos e nós nos reunimos como um grupo de estudos uma vez por semana, e isso é suficiente para mim.

— Eu também preferiria fazer coisas com meus amigos — acrescentou Sarah. — A igreja é muito chata.

— Sarah! — repreendeu Marsha. — Isso é uma coisa terrível de se dizer.

— Mas é verdade! — disse Sarah.

— Ela tem razão, mamãe — disse Greg. — A igreja não serve mais para mim.

— Querido, não diga isso — disse Marsha, tocando o braço de seu filho. Essa faculdade não está afastando você de Deus, não é?

— Não, mamãe — riu Greg. — Eu apenas estou reavaliando uma porção de coisas. Deus ainda é importante para mim. Mas acredito em algumas coisas diferentes de vocês. — Ele ajustou o peso da mochila. — Bem, tenho que ir.

Greg saiu pela porta enquanto Sarah o ajudava com suas bagagens. Marsha e Mike saíram para a varanda e observaram seu filho caminhando em direção ao carro.

— Nós vamos orar por você, filho — disse Mike.

— Obrigado, pai — respondeu Greg, com uma risada.

Marsha e Mike observaram em silêncio enquanto ele se afastava.

— Espero que não estejamos perdendo o nosso filho — disse Marsha.

Mike concordou com a cabeça.

— Espero que não estejamos perdendo o nosso filho e também a nossa filha.[4]

Se há um tema dominante e recorrente entre os muitos líderes de igreja e família com que entramos em contato, é o medo que Mike expressa acima. Há um temor profundo e permanente entre os pais de que os seus filhos, depois de serem criados em uma família cristã e depois de terem passado a sua infância e adolescência na igreja, ainda assim se afastem de Deus.

Um Hiato entre Gerações

O problema é que esse temor está se tornando uma realidade. Atualmente, dez anos antes da idade adulta, muitos adolescentes que professem ser cristãos se afastarão da igreja e arquivarão qualquer compromisso que tenham feito com Cristo.[5] Isto não quer dizer que todos os nossos jovens estejam rejeitando a Deus abertamente e se tornando ateus. Não é isso. O que acontece é que eles estão adotando crenças e uma perspectiva que definitivamente não é "a fé que uma vez foi dada aos santos" (Jd 3). Uma grande parte dos jovens de hoje repetiriam a observação de Greg a seu pai: "Deus ainda é importante para mim. Mas acredito em algumas coisas diferentes de vocês". Essas diferenças, frequentemente mencionadas como o conflito de gerações, são mais amplas e profundas hoje do que nunca. Segundo um recente estudo do Pew Research Center, quase 80% dos adultos percebe uma diferença entre as crenças e os pontos de vista dos jovens e os seus próprios. Quando solicitados a identificar onde estava a maior diferença entre os jovens e as pessoas mais velhas, 47% apontaram as áreas dos valores sociais e da moralidade.[6]

Considere algumas das coisas em que os jovens cristãos de hoje creem:

• 23% não têm certeza da existência dos milagres;

• 33% creem na reencarnação, “com certeza” ou “possivelmente”;

• 42% não têm certeza da existência do mal como uma entidade;

• 48% creem que muitas religiões são verdadeiras.[7]

É difícil levar um jovem a adotar uma perspectiva cristã quando praticamente um em cada dois jovens não consegue dizer que Jesus é, definitivamente, “o caminho, e a verdade, e a vida”.

E mesmo quando os nossos jovens realmente começam a aceitar uma perspectiva cristã, eles sofrem intensos ataques, a partir de seus anos no ensino médio. Segundo um estudo realizado em 2006 por professores de Harvard e George Mason Universities, a porcentagem de agnósticos e ateus que ensinam em faculdades norte-americanas é três vezes maior do que na população geral. Mais de metade dos professores de faculdades hoje em dia creem que a Bíblia é “um livro antigo, de fábulas, lendas, história e preceitos morais”.[8]

Os alunos aprendem continuamente, com a cultura de hoje, que a Bíblia não é digna de crédito, que Jesus não foi diferente de nenhuma outra figura religiosa, e que a pessoa que declara que existe uma verdade objetiva que forma uma perspectiva, é intolerante e preconceituoso. É muito difícil que os jovens resistam a pressões desse tipo, a menos que estejam plenamente equipados, como disse o apóstolo Pedro, “estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (1 Pe 3.15). A verdade é que poucos estão equipados e preparados para enfrentar um mundo que é cada vez mais hostil ao cristianismo.

Se você tem filhos ou trabalha com jovens, sabe o quanto pode ser difícil se aproximar deles. E, às vezes, parece que todas as vantagens que a tecnologia de comunicação nos ofereceu não nos ajudaram em nada. Na verdade, o aumento da comunicação eletrônica pode ser um dos obstáculos que precisamos vencer.

Em seu livro Handoff o Dr. Jeff Myers diz:

Os jovens que a nossa organização estudou passam entre 27 e 33 horas por semana usando tecnologia de comunicação — jogando, vendo televisão e filmes, enviando e recebendo mensagens de texto, usando programas de mensagens instantâneas e navegando pela internet. Em resumo, eles estão sobrecarregados de informação.

A sobrecarga de informação destrói a capacidade de discernimento de uma pessoa. Por exemplo, C. John Sommerville argumentou que os canais de 24 horas de notícias na verdade nos tornam mais estúpidos, e não mais inteligentes. Eles apresentam tanta informação que nós julgamos impossível entender o que é verdadeiramente importante.[9]

Jeff acrescenta:

Com as compras e a navegação na internet disponível 24 horas por dia, os jovens adultos acreditam que podem fazer o que quiserem, quando quiserem, como quiserem e com quem desejarem. Nada está a mais de alguns cliques de distância.

E aqui está o paradoxo: quando não há mais nada para ver ou fazer, não há mais nada a esperar. É fácil perceber por que as pesquisas com jovens adultos identificam elevados níveis de desesperança, desconfiança, cinismo e tédio.

O acesso incessante ao prazer e a consequente infelicidade levaram o evangelizador Ravi Zacharias a citar G. K. Chesterton dizendo que “a falta de propósito, em última análise, não resulta do fato de se estar cansado da dor, mas de se estar cansado do prazer”.[10]

A tarefa pode não ser fácil, mas se existe um momento para fazer um esforço concentrado para instilar uma perspectiva bíblica na geração seguinte — uma

maneira de pensar, em conformidade com uma perspectiva bíblica — é agora. Os seus conceitos equivocados e as suas visões distorcidas sobre o que é importante na vida e o que traz felicidade e alegria devem ser corrigidos. As consequências do fracasso em atacar de frente este problema são desencorajadoras.

Os jovens devem ser levados... a adotar a perspectiva bíblica como seu princípio orientador.

Os jovens têm sido convencidos a adequar as suas crenças e o seu comportamento à realidade, o que quer dizer, basicamente, adotar a perspectiva do mundo como seu princípio orientador. Em The Scandal of the Evangelical Conscience, o autor Ron Sider conclui que as pessoas que têm uma perspectiva bíblica vivem de modo diferente — de maneiras que são altamente significativas para as tentações que os jovens de hoje enfrentam. Elas têm uma probabilidade nove vezes maior de evitar o material "apenas para adultos" na internet, três vezes maior de não usar produtos derivados do tabaco, e duas vezes maior de ser voluntárias para ajudar os pobres.[11] Aquilo em que as pessoas creem, a respeito de Deus, da verdade e do mundo à sua volta (por exemplo, uma perspectiva bíblica) faz uma diferença tangível na maneira como elas vivem.

Equipando a Mente

Algumas pessoas poderiam pensar que os seus jovens reagirão negativamente à correção de suas crenças e ao desafio para que examinem o motivo pelo qual creem no que creem. Algumas pessoas pensam que tudo o que os jovens de hoje desejam é lidar com relacionamentos e o que eles podem sentir. Mas este não é o caso. No recente "National Study of Youth and Religion", milhares de adolescentes não religiosos disseram que foram criados para ser "religiosos",

mas haviam se tornado “não religiosos”. No estudo, perguntaram a eles: “Por que você se afastou da fé em que você foi criado?”, sem lhes dar um conjunto de respostas entre as quais escolher, era uma pergunta aberta. A resposta mais frequente — fornecida por 32% dos entrevistados — foi ceticismo intelectual.[12] Esta é uma porcentagem muito elevada, considerando o fato de que era uma pergunta aberta. As suas respostas incluíam declarações como, “Ela não fazia nenhum sentido para mim”; “Algumas coisas são muito absurdas para que eu creia nelas”; “Eu creio, cientificamente, que não há nenhuma prova real”; e “Há muitas perguntas que não têm respostas”. Os nossos jovens desejam respostas que eles consigam entender com suas mentes, além de seus corações.

No que diz respeito à formação espiritual e de caráter, as Escrituras atribuem grande importância ao treinamento da mente. “E não vos conformeis com este mundo”, declara Paulo, “mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (Rm 12.2).

Todos nós desejamos que os nossos filhos estejam equipados, na mente, no espírito e no caráter, que sejam capazes de resistir às pressões desta cultura cada vez mais sem Deus, de modo que, não importando quais tentações e oposições eles enfrentem, possam viver de maneira que possamos nos orgulhar — vidas que sejam agradáveis a Deus e a outras pessoas. Queremos que os nossos filhos tenham uma perspectiva bíblica, no entanto, ter uma perspectiva bíblica é impossível, sem um relacionamento transformado, por intermédio de Jesus Cristo. Nem os nossos jovens, nem nós mesmos, temos a inclinação natural ou a capacidade em nossa força humana para viver “à maneira” de Jesus. Isso quer dizer que cada um de nós, e também os nossos jovens, temos que depositar a nossa confiança em Cristo e entregar a Ele as nossas vidas, de modo que possamos defender, com profundas convicções, as verdades incontestáveis de Deus.

Este livro fornecerá orientações para conduzir os seus jovens a esse tipo de fé em Cristo. Porque, por meio de um relacionamento transformado com Deus, eles não serão mais “meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulosamente” (Ef 4.14). Você quer ensiná-los e orientá-los e capacitá-los a pensar e viver como “sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo” (Fp 2.15).

Provavelmente, não há nada mais recompensador para nós (Josh e Sean) do que

conseguir transmitir a fé cristã aos nossos filhos. Jeff Myers explicou isso bem, em Handoff:

O universo foi projetado de tal maneira que transmitir a fé é a única maneira pela qual consigo verdadeiramente sentir bênçãos, plenitude, significado, satisfação e alegria na vida. Posso desejar crer que satisfazer as minhas vontades vai me levar à felicidade, mas o meu coração sabe que isso não é verdade. Não importa quanta coisa eu compre ou em que tipo de casa eu more, ou para onde eu viaje, a vida somente tem significado quando vivo para alguma coisa maior do que eu mesmo.[13]

Use este Manual como seu Guia

Alguns livros são idealizados para que você se aconchegue sobre um sofá com eles e desfrute de uma "boa leitura". Outros são textos de referência, dos quais você obtém informação específica. Este livro é um manual. A melhor maneira de usá-lo é, antes de qualquer coisa, absorvê-lo, e então engajar-se em um processo de longo prazo para aplicar o seu conteúdo, gradativamente, à sua própria vida e às vidas de seus filhos, netos, grupo de jovens ou outras pessoas a quem você deseje transmitir a fé.

Este livro apresentará os fundamentos da perspectiva bíblica, explorando o que identificamos como as doze verdades básicas da fé, que estão registradas nas 12 seções deste trabalho. Os dois capítulos a seguir lhe darão um resumo dessas 12 verdades, e os 48 capítulos seguintes examinarão cada verdade detalhadamente.

Cada verdade fundamental receberá quatro capítulos. Alguns capítulos são curtos e sucintos. O primeiro capítulo de cada seção identificará uma verdade particular e o que nós, como cristãos, cremos a respeito dela. O segundo capítulo examinará o motivo pelo qual você crê nessa verdade com confiança. O terceiro capítulo de cada seção explorará como essa verdade é relevante para a sua vida. O quarto capítulo oferecerá maneiras práticas de viver essa verdade na presença dos que estão à sua volta. À medida que você viver essas verdades, cada vez

mais, diante de sua família e amigos estará mais capacitado para transmiti-las aos outros.

Não é necessário ler cada verdade e os seus capítulos na sequência. Não há problema em saltar à frente, para uma verdade particular que interesse ou para aquela que se aplica a uma situação imediata na sua vida. Por exemplo, se a Páscoa estiver se aproximando, você poderá ir diretamente à Verdade Oito: “A Ressurreição Física de Jesus”. Ou se o Natal estiver próximo, você poderá ir à Verdade Quatro: “Deus se Fez Humano”. A questão é, embora cada verdade da fé cristã represente uma base para a outra, cada uma delas é autossuficiente, por seus próprios méritos. Assim, se em determinada época do ano for mais apropriado estudar certas verdades, ou se as pessoas ao seu redor estiverem suscitando alguma dúvida que tornará o foco em uma particular verdade mais apropriado, vá em frente. No entanto, desejamos estimular você a estudar todas as verdades neste manual — e a revê-las mais de uma vez.

Há uma razão pela qual Deus instruiu o seu povo, dizendo “intimarás [as verdades de Deus] a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te” (Dt 6.7). Não importa quão velhos ou jovens sejamos, nunca compreenderemos completamente as profundezas e as riquezas de Deus e das suas verdades. As verdades da fé podem se tornar renovadas e vivas a cada vez que você estudar. Absorvê-las repetidas vezes poderá dar-lhes uma relevância cada vez mais profunda, porque, no processo de nos encher com o da sua verdade, na realidade estamos aprofundando o nosso relacionamento com um Deus relacional e infinito. Não vamos enganá-lo — os McDowell, esta equipe de pai e filho, não afirma entender completamente todas as profundas verdades que vamos apresentar aqui. Tampouco dominamos a vida cristã. Longe disso. É importante que você perceba que nós também estamos em uma jornada para descobrir as riquezas de Deus e aplicar essas verdades às nossas vidas.

Vivencie uma Celebração Enriquecedora com a sua Família

As doze verdades incontestáveis que você descobrirá neste manual estão enraizadas no Antigo Testamento, embora muitas das passagens que usamos

como referência pertençam ao Novo Testamento. E para ajudar você a instilar essas verdades em sua família, adaptamos três festas dos judeus do Antigo Testamento e as convertemos em celebrações para as refeições.

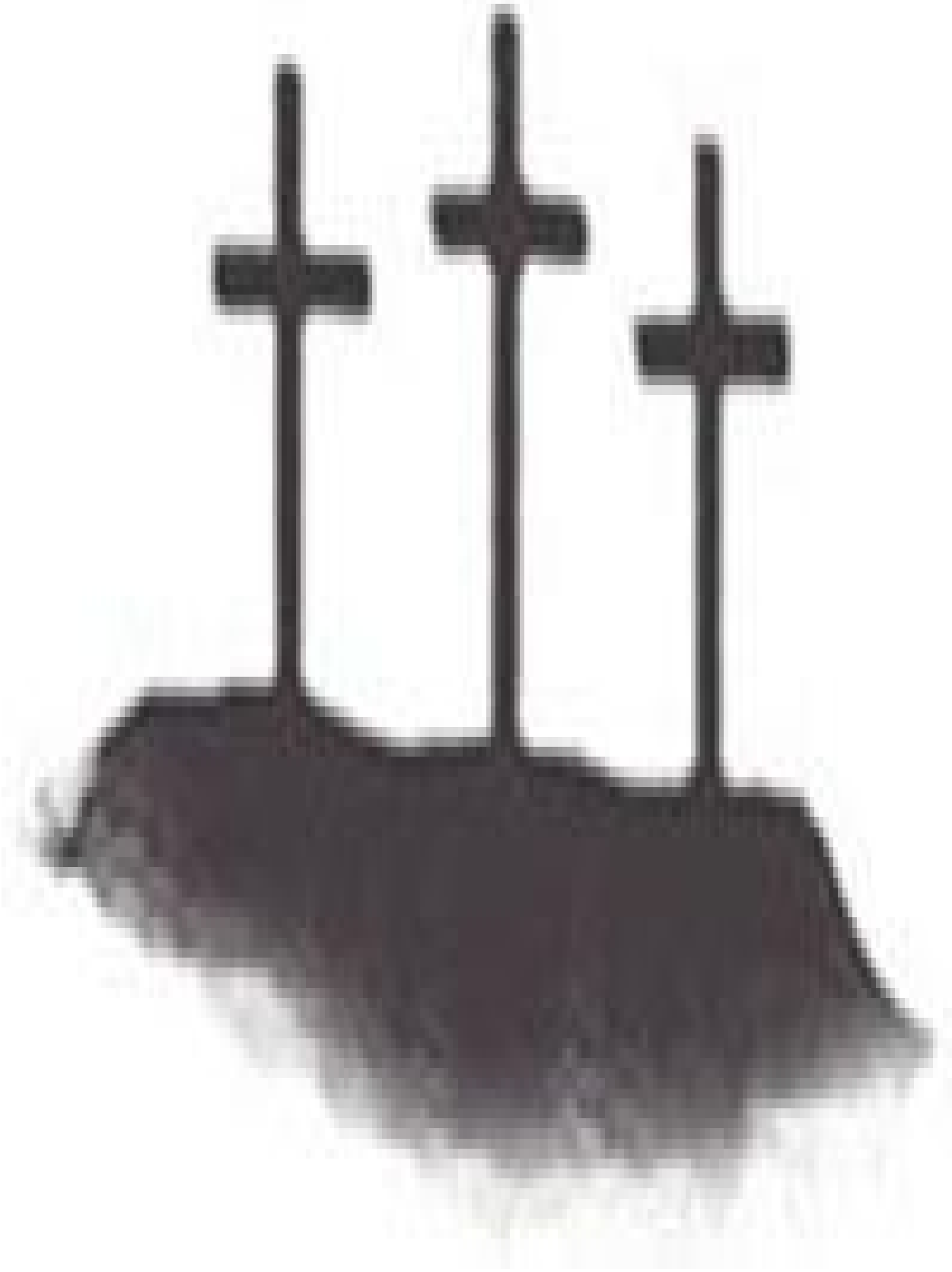
Durante séculos, as famílias judias se reuniram ao redor da mesa de jantar para celebrar as festas que Deus lhes havia ordenado. Hoje em dia, muitos cristãos estão percebendo os benefícios e as riquezas dessas festas, ao nos ajudar a compreender melhor o significado do plano de Deus para cada um de nós. Assim, para ajudá-lo a transmitir as verdades da fé à sua família e aos seus amigos, você encontrará, nos apêndices deste livro, uma festa judaico-cristã dos Pães Asmos (Páscoa), uma festa da Colheita (Pentecostes) e uma festa dos Tabernáculos. Estes três eventos para as refeições se concentram em celebrar o Deus do relacionamento, da redenção e da restauração, tudo o que é encontrado na arrebatadora história, desde a criação até Deus assumindo a humanidade para o retorno de Cristo. Incluímos instruções detalhadas sobre como planejar e executar essas celebrações para as refeições. Aproveite-as.

O desenvolvimento dessas festas se beneficiou da ajuda de Harvey Diamond e sua obra, Pathways to Glory interativa e devocional. Harvey realizou um trabalho fenomenal, explicando todas as festas do Antigo Testamento e a sua relevância para a atualidade e a vida cristã. Visite www.ariseinglory.org e clique em Pathways to Glory Relational Devotional. Você se beneficiará imensamente com os ensinamentos de Harvey e as suas informações.

A nossa Oração por Você

Com o início da sua jornada, oramos para que você conheça a Deus mais profundamente, para que entenda o seu lugar nEle e no mundo com mais clareza. Acima de tudo, oramos para que Deus capacite você mais plenamente para viver a sua perspectiva bíblica de modo que possa transmitir mais eficazmente a verdade viva de Jesus Cristo à sua família e às pessoas à sua volta. Vivemos em um mundo dominado pela dor e pelo sofrimento, pelo pecado e pela mágoa, pela guerra e pela morte. Mas não devemos temer os males deste mundo. Só devemos temer ao próprio Deus (veja Mt 10.28). Servimos a um Deus conquistador, que está trabalhando em você e em mim, para transformar o reino atual deste mundo

no futuro reino de Deus. É uma honra iniciar esta missão com você. Que a jornada de revelar a verdade inabalável de Deus se inicie.



Capítulo Dois

DOZE VERDADES QUE DEFINEM A FÉ CRISTÃ

Imagine um auditório cheio de pessoas que frequentam a igreja. Você lhes propõe esta pergunta: “O que define a fé cristã?” Provavelmente, você esperaria conseguir uma miríade de respostas. Mas o que você não poderia esperar é que as respostas estivessem longe do que define o verdadeiro cristianismo bíblico.

Um recente estudo realizado entre cristãos revelou que 81% disseram que a essência da fé cristã era “esforçar-se para obedecer às regras descritas na Bíblia”. Até mesmo os pastores lutam com esta questão. Espantosamente, 75% dos líderes cristãos não conseguiram definir claramente a essência do cristianismo e o processo da maturidade espiritual.[1] Pesquisas e a nossa própria experiência nos dizem que há muita confusão entre os cristãos a respeito do que é, verdadeiramente, a essência do cristianismo. O cristianismo é um conjunto de ensinamentos bíblicos que devemos seguir? É um relacionamento com Deus? É um ponto de vista filosófico? É um conjunto de crenças que devemos adotar? O que é, exatamente, a fé cristã, que faz dela uma perspectiva bíblica?

Adotando a Perspectiva Bíblica

A fé cristã é mais do que um conjunto de ensinamentos ou leis que governam as nossas ações. Em seu livro, intitulado The Faith, o autor e orador Chuck Colson disse que a fé cristã é “uma visão completa do mundo e do lugar da humanidade nele. O cristianismo é uma perspectiva que trata de cada área da vida, e as suas doutrinas fundamentais definem o seu conteúdo”.[2] No entanto, essa fé que forma a nossa perspectiva bíblica não deve ser interpretada apenas como uma ideia, um ponto de vista filosófico ou um conceito. Ela tem a ver com um relacionamento

— um relacionamento perdido no início da história humana e um relacionamento restabelecido pela intervenção de Deus. E ao vivenciar este relacionamento reconectado entre Deus e o homem, temos toda a vida iluminada por uma nova lente, que aclara e define tudo o que conhecemos e vivenciamos.

A fé cristã, que forma a nossa perspectiva... é uma maneira de conhecer a Deus, e estar e viver em um relacionamento correto com Deus, com nós mesmos, com os outros, e o mundo ao nosso redor.

Isto não quer dizer que adotar uma perspectiva bíblica define a essência do cristianismo. Uma maneira melhor de explicar isso é dizer que estar em um relacionamento adequado com Deus define a nossa perspectiva. Quando estamos em um relacionamento apropriado com Ele, entendemos como nos relacionamos, uns com os outros. Nós entendemos a Sua missão global no mundo. Entendemos a Sua verdade sobre a ética e a moralidade. Em outras palavras, a adesão a um conjunto de ensinamentos ou regras não forma, por si só, o nosso conceito de cristianismo e a nossa perspectiva bíblica. A nossa perspectiva deve ser formada a partir do nosso relacionamento com Deus, definida por Cristo, pela Sua Palavra, e capacitada pelo Seu Santo Espírito.

O profeta Oseias disse aos filhos de Israel: “Eu quero misericórdia e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6.6). Moisés disse ao povo de Deus:“Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; Deus zeloso é ele” (Êx 34.14). Sim, Deus quer que conheçamos a Sua verdade, a Sua vontade e os Seus mandamentos, mas, como Moisés nos disse, todas estas coisas envolvem uma ideia central: Deus é apaixonado a respeito do Seu relacionamento conosco. Ele nos ama profundamente. Com todo o Seu coração, Ele quer ter um relacionamento íntimo e amoroso conosco.

Embora esses versículos venham do Antigo Testamento, o propósito relacional de Deus não mudou, com a vinda de Cristo. Na verdade, a razão pela qual Ele

veio foi restaurar e solidificar o nosso relacionamento com Ele. Isso é a essência do cristianismo. Isso diz respeito a quem somos e à maneira como nos relacionamentos com Deus, o que cremos a respeito dEle, a maneira como asseguramos um relacionamento com Ele, e a maneira como viver em um relacionamento com Ele define todos os nossos outros relacionamentos. Esta é a maneira como Deus nos criou desde o princípio — para o relacionamento com Ele. Portanto, é crucial que saibamos como Deus deseja que nós nos relacionemos com Ele.

Quando entramos nesse relacionamento com Deus, começamos a adotar a nossa perspectiva bíblica. Nós começamos a entender a nós mesmos verdadeiramente (quem somos, por que estamos aqui, e para onde vamos), a maneira como nos relacionamos com os outros e a maneira como devemos interagir com o mundo natural que Deus nos deu. Para apresentar uma definição resumida da fé cristã que forma a nossa perspectiva, nós poderíamos dizer que é uma maneira de conhecer a Deus, e estar e viver em um relacionamento correto com Deus, com nós mesmos, com os outros e o mundo à nossa volta. É o "caminho" de Cristo, que devemos voltar a obter e reconquistar; e quando vivermos desta "maneira", a nossa alegria será completa.

Reconquistando a História Viva

Para entender a fé verdadeira e formar uma perspectiva bíblica, nós devemos começar com as Escrituras. A Bíblia nos apresenta, por meio de muitas histórias, uma imagem clara de como Deus se relacionou conosco por toda a história humana — com a primeira família humana, com os filhos de Israel no Antigo Testamento, e com as pessoas que vieram a conhecer Jesus e o Seu "caminho" no Novo Testamento. Estas histórias são o meio pelo qual Deus nos transmite quem Ele é.Elas nos apresentam imagens vívidas de pessoas piedosas que creem e vivem as grandes verdades de Deus. Estas histórias, e as verdades incontestáveis que elas apresentam, definem quem somos, como Deus quer se relacionar conosco e quer que nos relacionemos com Ele, e a maneira como devemos nos relacionar, uns com os outros. Tudo isto foi registrado em textos sagrados que agora fazem parte das nossas confiáveis Escrituras. O próprio Deus preservou estas verdades para nós, para que possamos conhecê-lo e transmitir a

fé a outras pessoas.

São estas histórias vivas que proporcionam a base para a nossa perspectiva bíblica. O que temos hoje, nos 66 livros da Bíblia, é uma coisa “divinamente inspirada... proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16-17).

Muitos cristãos veem as Escrituras como meramente um conjunto de regras e ensinamentos. Eles não conseguem ver a Bíblia como uma expressão de quem somos, como a criação de Deus, e o nosso propósito para a existência. Abra as Escrituras, e elas proporcionarão um retrato de determinado modo de vida, uma maneira de saber o que é verdade, um retrato de como ser o que Deus quer que sejamos e um padrão de vida com base na revelação de quem é Deus, no relacionamento conosco. Ou, em outras palavras, as Escrituras revelam tudo o que precisamos saber para ver a verdade sobre o que o mundo deve ser, o que ele é agora, e como ele pode ser restaurado à sua intenção original. As Escrituras nos mostram o que fomos originalmente destinados para ser, no relacionamento com Deus, o que fez que perdêssemos nesse relacionamento, e como ele pode ser reconquistado. É, verdadeiramente, a arrebatadora história da criação, encarnação e recriação. Entender o que as Escrituras nos revelam sobre essas três verdades fundamentais nos dará a nossa perspectiva panorâmica, abrangente.

Descobrindo a Verdade que Faz a Diferença

As três verdades fundamentais da fé — a criação original de Deus, a Sua encarnação em nosso mundo, e o Seu plano para uma nova criação — foram delineadas claramente, em primeiro lugar, nos ensinamentos de teólogos do século II, como Tertuliano e Irineu. A Igreja Primitiva usou essas três verdades como a fundação para edificar um conjunto de crenças básicas que capturavam a essência da perspectiva bíblica. E isso funcionou. Incrivelmente bem! Esses primeiros cristãos eram tão intensamente disciplinados em suas crenças que não somente sentiam genuína felicidade em suas vidas, mas também transmitiam a fé cristã de uma geração para a seguinte, em um movimento que se expandia como

um incêndio descontrolado. Alan Hirsch, fundador de Forge Mission Training Network, diz que por volta do ano 100 d.C., aproximadamente 65 anos depois que Jesus havia estado na terra, havia, quando muito, 25.000 cristãos. Depois de duzentos anos, o seu número explodiu, chegando a 20 milhões.[3] O número de cristãos aumentou 800 vezes! Vamos explorar o que Deus fez por intermédio desses cristãos que fez que acontecessem tão espantosa mudança e crescimento.

No século III, havia um consenso focado na comunidade cristã quanto a de que tratavam as verdades da fé cristã, e existia uma perspectiva definida que governava a maneira como os cristãos deveriam viver. Para conservar esse consenso e evitar um desvio da verdade, 300 Pais da Igreja se reuniram na cidade de Niceia, na Ásia Menor, em 325 d.C., para confirmar por escrito as verdades essenciais da fé cristã. O resultado é o que conhecemos como o Credo de Niceia. Esses homens produziram o que é a declaração de fé mais amplamente usada que já foi escrita. Ela foi endossada e aceita por praticamente cada comunidade cristã importante na história. Nesta sucinta declaração, o concílio de Niceia capturou a verdade de quem Deus é, e quem nós somos (a criação), o que Deus fez, e o nosso propósito na vida (a encarnação), e qual é a missão de Deus, e para onde vamos (nova criação).

O Credo de Niceia (veja o fim deste capítulo) identificava pelo menos 12 verdades básicas em que os cristãos criam — verdades baseadas nas três declarações de criação, encarnação e nova criação — que se combinam para formar a base da perspectiva bíblica. O que fizemos neste manual foi identificar, isolar e definir essas verdades, de tal maneira que possamos facilmente compreendê-las e adotá-las em nossas vidas. A seguir, está um resumo dessas 12 verdades. Elas aclaram e definem as três declarações básicas (criação, encarnação e nova criação) que apresentamos neste capítulo. Abaixo, apresentamos cada declaração — escritas todas na primeira pessoa, como se Deus estivesse falando — e abaixo de cada declaração, nós apresentamos quais das 12 verdades básicas as aclaram.

As Declarações da Verdade de Deus

A primeira declaração: Criação. Eu sou Deus. Eu falei, para trazer o mundo

à existência, e transmiti as minhas palavras de maneira tão precisa, para que possas conhecer-me e à minha verdade. Eu te criei à minha semelhança, com o propósito de ter um relacionamento de amor contigo. Com esse relacionamento, encontrarás alegria, ao saber quem és, por que estás aqui, e para onde vais. No entanto, não confiaste no que eu te disse. Pecaste, ao desobedecer à minha verdade, e o pecado te trouxe a morte — uma separação de mim. Esta separação resultou na deformação de minha imagem e semelhança em ti, e como resultado, sofreste imensamente. Por ser eu um Deus de relacionamentos, isso partiu o meu coração.

Com base nesta declaração, afirmamos e cremos nestas três verdades incontestáveis:

1. A verdade de que Deus existe. Deus é o criador pessoal. Ele criou os seres humanos, porque queria que tivéssemos um relacionamento de amor com Ele. É por meio desse relacionamento que encontramos a integridade que resulta em sentir verdadeira alegria e felicidade.

2. A verdade sobre a Palavra de Deus. Deus quer um relacionamento em que nos conheçamos, um ao outro, intimamente. Ele nos deu a Sua Palavra para se revelar a nós, para que possamos conhecê-lo — senti-lo em toda a Sua plenitude.

3. A verdade sobre o pecado original. Infelizmente, esse relacionamento de amor entre Deus e os homens terminou, porque a desobediência dos homens a Deus trouxe a morte — a separação entre nós. A natureza deformadora do pecado causou a morte física e também espiritual, resultando em grande dor e infelicidade, que, em última análise, resultam na morte física de todos os humanos. Deus não queria que a morte fosse o nosso fim definitivo, e iniciou um plano de redenção.

A segunda declaração: Encarnação. Como eu sou também um Deus de redenção e quero reconquistar o meu relacionamento contigo, propiciei a única solução para o teu problema: o pecado e a morte. Eu vim ao mundo em forma humana, com a missão de redimir-te e transformar-te de volta à minha imagem. Isto exige que eu expie o teu pecado, entregando a minha

vida humana. Se aceitares a minha provisão para a tua salvação, que eu ofereço com amor e graça, tu e eu poderemos novamente ter um relacionamento, um com o outro.

Com base nesta declaração, nós afirmamos e cremos nestas quatro verdades incontestáveis:

1. A verdade sobre Deus se tornar humano. Antes que o mundo fosse formado, Deus planejou redimir os humanos pecadores. Ele fez isso, vindo ao nosso mundo sob forma humana — e o Seu nome era Jesus.

2. A verdade sobre a expiação do pecado por Cristo. A desobediência e o pecado contra um Deus justo e santo tiveram que ser expiados. Jesus, o Cordeiro de Deus, sem pecado, pagou a nossa dívida de pecado, para que pudéssemos ser reconciliados com Deus.

3. A verdade sobre a justificação pela fé em Cristo. Pela morte de Jesus, podemos ser declarados justos perante o justo e santo Deus. Pela Sua misericórdia e graça, podemos ser justificados diante dEle, quando depositamos a nossa fé em Jesus. Nós somos salvos pela graça, por meio da fé no Filho de Deus.

4. A verdade sobre viver uma vida transformada. Graças a Jesus, nós passamos da morte para a nova vida, em um relacionamento com Deus. Ele nos transmite a Sua natureza e nós começamos o processo de estar em conformidade com a imagem de Cristo, Seu Filho. Na semelhança de Cristo, a nossa alegria é perfeita.

A terceira declaração: Nova criação. Eu não posso cumprir a minha missão, de te redimir eternamente, a menos que vença a morte, pela ressurreição de Cristo, e estabeleça o meu reino eterno, em um novo céu e uma nova terra. Tu deves unir-te a nós — o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que te capacita — em nossa missão, para estabelecer o nosso reino, em primeiro lugar, nos corações e nas mentes de homens e mulheres. Nós cumpriremos esta missão por meio do corpo de Cristo, a igreja; e no Seu retorno, todas as coisas serão eternamente restauradas ao meu desígnio original. Eu farei isto, porque

também sou um Deus de restauração.

Com base nesta declaração, nós afirmamos e cremos nestas cinco verdades incontestáveis:

1. A verdade sobre a ressurreição física de Jesus. A morte de Jesus foi necessária. Mas Ele também teve que ressuscitar dos mortos, para nos ressuscitar da nossa condição de morte espiritual. E Ele o fez. É a ressurreição de Cristo que traz significado e o poder de salvação à nossa fé nEle.

2. A verdade sobre a Trindade. Deus é um relacionamento. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Deus Pai nos amou o suficiente para enviar o Seu Filho. O Seu Filho nos amou o suficiente para se sacrificar. O Espírito Santo nos amou o suficiente para entrar em nossas vidas e tornar real o nosso relacionamento com Deus.

3. A verdade sobre o reino de Deus. Jesus veio para estabelecer o Seu reino, para resgatar a raça humana de Satanás, aquele que governa o reino das trevas. Estabelecer o Seu reino não é apenas parte da missão de Cristo, é também a nossa perspectiva. Esse reino deve estar, antes de mais nada, nos corações e nas mentes de homens e mulheres, e então, posteriormente, deve se tornar o nosso destino eterno.

4. A verdade sobre a igreja. O estabelecimento do reino de Deus não foi concluído por Jesus. A Sua missão foi transmitida a cada um de nós, individualmente, e coletivamente, como a Sua igreja. Funcionando como o Seu corpo com a Sua missão, nós cumprimos o Seu plano de salvação para o mundo.

5. A verdade sobre o retorno de Cristo. Um dia, Cristo retornará, literalmente, para estabelecer o Seu reino na terra — um reino sem fim. Embora devamos sofrer a morte física, o Seu plano é nos ressuscitar, com novos corpos, que viverão para sempre. Esta é a nossa herança eterna. É um reino em que viveremos juntos, com Deus e os nossos entes amados, em Cristo, livres do pecado e da morte, por toda a eternidade.

Estas declarações de verdades e as doze declarações que as respaldam sintetizam a vida e a mensagem cristãs. Elas são a essência do que é o Evangelho. Essas verdades incontestáveis da fé cristã nos proporcionam uma perspectiva que define aquilo em que cremos, quem somos, no relacionamento com Deus, e a maneira como devemos nos comportar. Elas nos dão as respostas, sobre quem somos nós, por que estamos aqui, e para onde vamos — a nossa identidade, o nosso propósito, e o nosso destino. Elas não são conceitos teológicos áridos, para discussão e debate. Na verdade, esta é a história, verdadeira e cativante, proclamada desde o livro de Gênesis até o livro do Apocalipse, a história que chega ao âmago do que são a vida, os relacionamentos, a felicidade humana e a alegria.

Viver o Sonho

Cada um de nós, e aqueles a quem amamos,pode se tornar os “irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa” que Paulo descreveu em Filipenses 2.15. Nós podemos aceitar e crescer na maneira relevada por Deus, de conhecer, estar e viver no mundo, até o ponto em que fica inequivocamente claro, àqueles ao nosso redor, o que significa verdadeiramente o cristianismo. Isto trará prazer a Deus e verdadeira alegria e felicidade às nossas vidas.

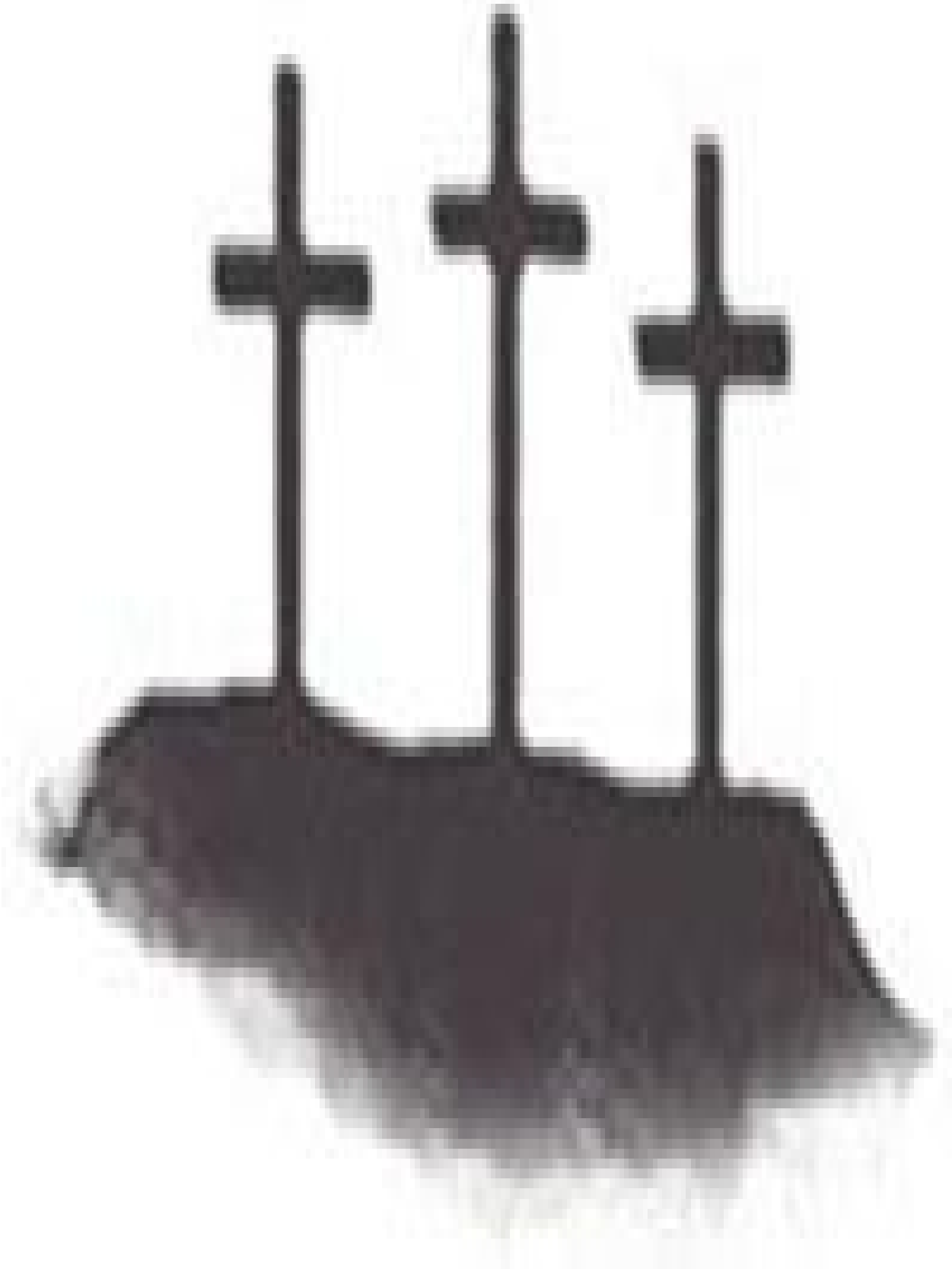
O Credo de Niceia

Cremos em um só Deus, o Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas, visíveis e invisíveis; e em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, Unigênito de Seu Pai antes de todos os mundos, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, da mesma essência que o Pai, por quem todas as coisas foram criadas; que, por nós

homens e por nossa salvação, desceu do céu, e se encarnou pelo Espírito Santo, na virgem Maria, e se fez homem, e também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; sofreu e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu ao céu, e está assentado à direita do Pai; e virá outra vez, com glória, para julgar os vivos e também os mortos; e o Seu reino não terá fim.

Cremos no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, que se origina do Pai e do Filho; que, com o Pai e o Filho, é adorado e glorificado, e que falou através dos profetas. E cremos na santa igreja católica e apostólica; reconhecemos um batismo para a remissão dos pecados; e esperamos a ressurreição dos mortos e a vida no mundo que há de vir.

▪



Capítulo Três

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DA vERDADE

Há aproximadamente vinte séculos, um oficial de governo, de alta patente, versado em política e na lei, fez uma pergunta que tem ecoado até o século XXI.

Imagine Pôncio Pilatos, então o governador romano da Judeia, em pé, em seu decorado palácio, magistralmente adornado. Ele propôs um conjunto de perguntas sérias para o homem que estava algemado entre dois soldados.

“És tu o Rei dos judeus?”, perguntou Pilatos. O prisioneiro era acusado de sedição.

Este prisioneiro, diferente da maioria, permanecia em pé na presença do governador, e o olhava nos olhos, enquanto falava. “O meu Reino não é deste mundo... o meu Reino não é daqui”.

“Logo tu és rei?”, perguntou o governador.

Tu dizes que eu sou rei”, respondeu o prisioneiro, ciente de que aquele que o interrogava tinha uma posição política difícil. Ele olhava para o político com olhos que pareciam ler não apenas o seu rosto, mas também a sua alma. “Eu para isso nasci”, continuou o prisioneiro, “e para isso vim ao mundo. Todo aquele que ama a verdade ouve a minha voz”.

Pilatos respondeu: “Que é a verdade?”

Imagine, por um momento, que você está naquele salão, com Pilatos e seu prisioneiro. Imagine as palavras da pergunta do governador, ecoando pelas paredes de mármore. Imagine a expressão no rosto de Pilatos, quando fez essa pergunta, zombeteiramente, a princípio, mas depois assumindo uma expressão séria, quando a resposta não veio imediatamente.

Segundos se passaram. O prisioneiro e o governador ainda estudavam um ao outro. Imagine os pensamentos do governador: Quem é este homem? Por que ele me olha assim? E os pensamentos do prisioneiro: Eu não te disse? Eu vim para trazer a verdade ao mundo. Pilatos está olhando para a resposta para a sua própria pergunta: Eu sou a verdade.[1]

A Verdade no Relacionamento

-

Explicar uma perspectiva bíblica... fora do relacionamento é distorcer e convidar o erro ao cristianismo.

-

Naquele dia, em seu palácio, em Jerusalém, quando conheceu Jesus, Pilatos não estava meramente discutindo a verdade, ele estava, literalmente, olhando para ela. A verdade estava diante dele, vestida em carne humana. Poucos dias antes, Jesus havia dito a seu discípulo Filipe: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6). Ele estava dizendo que a verdade é uma pessoa com quem podemos nos relacionar, que o “caminho” é uma pessoa com quem devemos interagir e a quem devemos seguir, e que Ele é a única fonte verdadeira de vida. A verdade, um caminho para a vida, e a própria vida, tudo está personificado na pessoa de Deus. E a maneira de obter a verdade, o caminho e a vida, é por meio de um relacionamento com Jesus.

Explicar ou apresentar uma perspectiva bíblica e as verdades da fé fora do relacionamento é distorcer e convidar o erro ao cristianismo. Jesus não estava simplesmente tentando corrigir a teologia dos líderes judeus com seus ensinamentos. Ele também não estava lançando uma nova filosofia da religião judaica. Ele estava oferecendo uma maneira de restaurar o desígnio original de Deus para um mundo que havia enlouquecido. Ele estava oferecendo os meios para restaurar o relacionamento entre Deus e os homens, que havia sido rompido pelo pecado. O relacionamento era a chave, e ainda é.

Há alguns anos, a Dartmouth Medical School encomendou um estudo científico a respeito dos jovens. O projeto, que teve o nome de “Hardwired to Connect”, analisou os resultados de mais de 260 estudos sobre a juventude. Os resultados revelaram que 100% de todos os estudos analisados mostraram que, desde o momento em que um bebê nasce, o seu cérebro é física, biológica e quimicamente estruturado para se conectar com outras pessoas, em relacionamentos.[2] Isso não deveria nos surpreender, uma vez que fomos criados à imagem de um Deus relacional, com o propósito de relacionamentos. Na verdade, quanto mais saudáveis somos, em termos de relacionamentos, mais receptivos seremos para a verdade relacional de Deus.

Mark Matlock, autor e presidente do WisdomWorks Ministries, fez esta observação sobre os estudantes a quem ele pregava:

Alguns de meus estudantes eram incrivelmente inteligentes, e até mesmo mostravam um interesse em Cristo, mas nunca pareciam ter um verdadeiro progresso. Eu estava tentando convencê-los da evidência de Cristo, e eles não conseguiam entender.

Examinando o passado, percebo que muitos desses estudantes eram pessoas emocionalmente feridas (ou até mesmo abandonadas) que simplesmente não conseguiam se conectar com o que eu estava dizendo.[3]

É aceitável que, se a verdade é de natureza intrinsecamente relacional, e nós temos dificuldades ou disfunções em nossa vida relacional, será mais difícil receber a verdade, mas o outro lado desta moeda é o fato de que receber a verdade, em todo o seu significado relacional, pode vencer os problemas em nossos relacionamentos. A verdade não se limita a apontar o nosso erro e nos corrigir, mas também traz a cura relacional, porque a verdade é uma pessoa que se interessa, afetuosamente, por nós.

Há pouco tempo, eu (Josh) estava falando em uma grande igreja, no Meio Oeste. A igreja havia concluído um projeto de edificação e havia se mudado para suas grandes instalações. Quando me aproximei da entrada, percebi uma grande faixa pendurada diante do edifício. Na faixa, estavam os dizeres: “Nós pregamos a verdade — e apenas a verdade!”

Eu sei que não há nada errado em declarar a verdade, se por verdade quisermos dizer toda a verdade, com todas as suas dimensões. No entanto, eu já ouvi declarações similares em número suficiente para suspeitar quando os pastores fazem declarações sobre pregar “apenas a verdade”. Assim, o meu primeiro pensamento, ao ver aquela faixa, foi, Se essa faixa significar o que eu suspeito esta igreja está fadada ao fracasso. No decorrer do fim de semana, conversei com o pastor sobre a faixa. Perguntei por que ele estava dando tanta ênfase à questão de “apenas a verdade”. Ele explicou que se preocupava com um Evangelho que era destinado, emocionalmente, a fazer com que nos sintamos bem conosco mesmos, mas nunca se dirigia, verdadeiramente, à mente das pessoas. Ele queria voltar à ênfase que a Igreja Primitiva teve em proclamar a verdade e somente a verdade, porque ela, como ele disse, “foi o que virou o mundo de cabeça para baixo”.

Sorri e sacudi a minha cabeça, negativamente. “Não, não foi”, disse eu, e expliquei que ele estava tendo uma reação exagerada a uma ênfase desequilibrada sobre um aspecto da verdade. Como seres relacionais, nós pensamos e sentimos. Temos uma mente e um coração. Eu disse ao meu amigo, o pastor, que a verdade deve ser proclamada no contexto dos relacionamentos, para que alcance tanto o nosso intelecto como as nossas emoções. Este é o tipo de proclamação a que Paulo se referiu, quando retratou o processo que trouxe os tessalonicenses a uma fé vibrante: “Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma; porquanto nos éreis muito queridos” (1 Ts 2.8).

Paulo estava transmitindo a fé de uma forma relacional, da mesma maneira como Cristo a havia exemplificado. A verdade que ele nos proclama apela às nossas mentes, apontando o nosso dilema (o pecado e a morte).

Mas ela também demonstra um amor que, em última análise, oferece uma solução — uma maneira de reconquistar um relacionamento com Cristo. Nós vivemos em uma cultura destruída e desconectada em termos relacionais. Cada um de nós tem dificuldades nos relacionamentos e nas emoções. “Apenas a verdade” — se, com esta expressão, quisermos dizer um conjunto de fatos que apelam unicamente ao intelecto — não solucionará as nossas dificuldades nos relacionamentos e nas emoções. É na verdade, no contexto do relacionamento, que podemos crer, com todo o nosso pensamento, e viver com as nossas emoções. É a verdade penetrante de Deus que revela a nossa verdadeira condição, que nos ama e aceita como somos, e que se oferece para nos perdoar,

livre e gratuitamente. A verdade relacional é o que cada um de nós necessita e almeja.

Temos um Modelo para Formar a nossa Perspectiva Bíblica

A Igreja Primitiva oferece o modelo ideal para como a verdade relacional de Deus era transmitida de maneira tão eficaz aos outros. O cristianismo nasceu do judaísmo. Os seguidores mais próximos de Jesus eram homens e mulheres judeus que foram criados em um modelo hebraico de educação. Há um vasto contraste entre a maneira como nós aprendemos e ensinamos, em nossa cultura ocidental, e a maneira como Deus instruiu os hebreus a aprender e ensinar. Hoje em dia, praticamente toda a educação moderna na América do Norte, incluindo a da maioria das igrejas e escolas cristãs, emprega uma forma de ensino baseada em um modelo grego. Os gregos formaram grande parte da maneira como pensamos, hoje em dia, sobre a educação e a transmissão de conhecimento. Essencialmente, esta abordagem grega consiste em apresentar a um estudante interpretações racionais e lógicas de informações que ele deverá absorver intelectualmente. Para determinar se o assunto foi, realmente, absorvido, os estudantes devem devolver a informação ao professor. Isto é chamado de teste. Se o estudante conseguir repetir a informação com literalidade, é aprovado, e diz-se que o aluno foi “ensinado”.

-

A fé cristã... é um ciclo integrado e orgânico que consiste de conhecer intimamente a verdade,ser a verdade em relacionamento com Deus e os outros, e viver a verdade diante do mundo ao nosso redor.

-

O modelo hebraico de educação é muito diferente. O objetivo deste modelo não é a mera memorização de fatos repetíveis: o objetivo é que a verdade se torne uma só com o estudante, até o ponto em que ela é vivida. Segundo esta

abordagem, a verdade deve ser aprendida, quando o aluno a pratica no relacionamento com os outros. Isto quer dizer que não “aprendemos” necessariamente uma verdade simplesmente porque somos capazes de repeti-la a um mentor, Nós meramente a guardamos em nossa mente. Ela é aprendida somente quando é refletida em nossas vidas, no relacionamento com Deus, com os outros ou com o nosso ambiente. Neste modelo educacional, o teste está em viver aquilo que aprendemos. A questão não é se armazenamos corretamente a informação em nossas cabeças, mas, na verdade, a maneira como a verdade transformou a nossa atitude e o nosso comportamento.

Se considerarmos o cristianismo simplesmente como uma perspectiva a ser discutida, debatida e provada, com uma base racional, em lugar de demonstrada em uma base relacional e transformadora, então, sem dúvida, não consideraremos o cristianismo da maneira como Deus desejava. E também não estaremos transmitindo a fé eficazmente à geração seguinte.

No início do século II, a igreja estabeleceu firmemente um modelo relacional, que capacitou os indivíduos a aceitar a fé e transmiti-la a outras pessoas. Em 130 d.C., Justino Mártir declarou que a fé cristã girava em torno de um ciclo contínuo de crença, entrosamento e comportamento. Estes três componentes não eram divididos em três disciplinas, mas eram considerados como um todo — integrados e contínuos.

Crer ou conhecer a verdade é um processo de entendimento sobre quem Deus é e como nós nos relacionamos com Ele e outras pessoas. Esta verdade em que cremos leva naturalmente a uma transformação de nossas vidas no relacionamento com Deus. É aqui que entra o entrosamento. Entrar em um relacionamento com Deus nos conecta a outras pessoas que têm o mesmo relacionamento, capacitando-nos a ter uma sensação de entrosamento, de fazer parte, de pertencer. O apóstolo falou sobre a “unidade da fé” pela qual “todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor” (Ef 4.13, 16). Nós conhecemos a verdade, e então nos tornamos essa verdade, em um relacionamento com Deus e com outras pessoas, no corpo de Cristo.

O processo da verdade não se limita à crença e ao entrosamento, mas continua, e afeta o nosso comportamento. Quando nos tornamos íntimos com a verdade, ela transforma o nosso próprio ser e a maneira como nos relacionamentos com outras pessoas e isso resulta em um modo de vida piedoso e devoto. A verdade

deve ser vivida.

A Igreja Primitiva via esse comportamento como um ciclo orgânico de trazer novos convertidos à maturidade espiritual e equipá-los para transmitir a fé a outras pessoas. Eles davam exemplos, diante de seus filhos e de um mundo necessitado, sobre o que significava estar em relacionamento com Deus, tanto como indivíduos quanto como uma comunidade de crentes. Uma sensação de entrosamento havia sido estabelecida. Em seguida, eles tomavam seus filhos e os novos convertidos pela mão e os conduziam por um processo intencional de transformação de vida, instruindo-os a conhecer a verdade e crer nela, a verdade transmitida pelos apóstolos. Eles os ensinavam a viver aquela verdade como seguidores devotados de Jesus, e os iniciavam em um envolvimento ativo no mundo ao seu redor.

Este processo naturalmente embutia em cada seguidor de Cristo uma perspectiva bíblica. A fé cristã era, então, e ainda é, um ciclo integrado e orgânico de conhecer intimamente a verdade, ser a verdade no relacionamento com Deus e outras pessoas, e viver a verdade diante do mundo à nossa volta, começando em nossas próprias famílias. Este é o plano de Deus, conhecer, ser e viver esta verdade, e, naturalmente, transmitir essa verdade viva e transformadora a outras pessoas.

Este processo de formar uma perspectiva bíblica e transmitir a nossa fé, estabelecido no século II, ainda pode funcionar no século XXI. Mas nós enfrentamos alguns desafios, tanto ao lidar com as influências em nossas próprias vidas quanto com as influências na sociedade de que fazemos parte. Para tratar de tais desafios, vamos examinar individualmente cada um dos três elementos que constituem este ciclo que acabamos de esquematizar e considerar como fazer com que funcionem na atualidade.

Conhecer a Verdade

Imagine um pequeno grupo de estudo da Bíblia. O líder do grupo, que acabou de ler uma passagem das Escrituras, se dirige para uma mulher, membro do grupo, e pergunta: “Pam, o que significa este versículo?”.

Pam, que se diz cristã, faz uma pausa para refletir sobre a passagem. “Bem”, começa ela, depois de alguns momentos de cuidadosa consideração, “para mim, este versículo significa...”

Provavelmente a maioria de nós nem mesmo detectaria a sutil diferença de significado, refletida no uso que Pam faz das palavras para mim. Mas a importância dessas duas minúsculas palavras não deve ser subestimada. Elas indicam uma condição que existe entre a maioria dos cristãos de hoje. Muitos cristãos não estão examinando o texto bíblico para conhecer a verdade, mas, na realidade, eles procuram a “sua verdade”. A grande maioria das pessoas em nossa cultura, incluindo muitas pessoas que se dizem cristãs, dizem que não existe uma verdade moral objetiva. Em um mundo sem verdade moral objetiva, não é possível afirmar que existe qualquer verdade específica a ser encontrada em determinado versículo da Bíblia. Portanto, o melhor que podemos fazer com a Bíblia é usá-la como um contraste, para determinar uma “verdade” pessoal que se mescla com o nosso próprio modo de pensar e assim, tem significado apenas “para mim”.

Muitos pastores e líderes de pequenos grupos se tornaram moderadores de grupos, em lugar de professores da verdade escritural. Não é tanto porque esses líderes não têm a intenção de transmitir o significado da verdade escritural — muitos deles têm. O problema é que muitas pessoas simplesmente ouvem a verdade através de seu próprio “filtro”, que, fortemente influenciado por uma cultura pós-moderna, lhes diz que toda a verdade é determinada subjetivamente e pessoalmente.

Não faz muito tempo, eu (Sean) estava falando em uma reunião de jovens sobre o tema da sexualidade. Na metade de minha palestra, uma jovem me interrompeu e proferiu as cinco palavras que eu ouço muito frequentemente dos jovens de hoje: “Quem é você para julgar?” Ela estava dizendo que eu não tinha nenhum direito de fazer juízos morais, porque a verdade é subjetiva — isto é, era a “minha verdade” o que torna todos os pontos de vista iguais. Esta jovem, como muitos de nós, cresceu em uma cultura de relativismo moral que se orgulha de aceitar muitas verdades. Nós aprendemos que precisamos tolerar todas as crenças, sem julgar, sem ser críticos, e sem pensar que uma maneira é melhor que outra. Na verdade, no momento em que alguém afirma ter a verdade, será rotulado como arrogante, preconceituoso e crítico.

Embora rejeitemos a ideia de que a verdade é pessoal e subjetiva, essa ideia não

é completamente incorreta. Alguma verdade é uma escolha ou preferência pessoal. Por exemplo, qual dessas declarações é verdadeira: “Chocolate é o melhor sabor de sorvete” ou “Baunilha é o melhor sabor de sorvete?” A sua resposta dependerá das suas preferências de sabor, e por isso não seria nem certa, nem errada, nem verdadeira nem inverídica. Chocolate pode ser o melhor para você, e baunilha pode ser o melhor para mim. Não existe nenhuma contradição aqui, porque estamos falando sobre as nossas preferências subjetivas. Este tipo de verdade é relativo ao indivíduo, e pode mudar. Mas no que diz respeito a verdades morais, esta é uma questão totalmente diferente.

Gregory Koukl, presidente da Stand to Reason, esclareceu que uma pessoa poderia crer que o sorvete controla a diabetes, mas a realidade é que a insulina é que controla a diabetes. Uma pessoa pode crer, com grande convicção, que o sorvete controla a diabetes, mas isso não muda o fato objetivo de que a insulina é o fator de controle. A mesma coisa é verdadeira a respeito da moralidade. Mesmo que alguém acreditasse que o estupro era correto, ele ainda seria errado. A verdade moral não se baseia em preferências pessoais. Ela se baseia na realidade objetiva.

A verdade moral não é algo que você ou eu possamos criar ou decidir por nós mesmos, de fato, não é nem mesmo alguma coisa que Deus decide. É algo que Ele é. É a natureza de Deus e o caráter dEle, que definem a verdade moral. A base de tudo o que chamamos de moral e correto se origina da verdade que reside no caráter do Deus eterno, que está fora de nós, acima de nós, e além de nós.

Um dos aspectos mais atraentes de decidir subjetivamente a sua própria verdade é o fato de que você pode aceitá-la como algo que é seu, pessoalmente e empiricamente. Mas descobrir uma verdade fora de você mesmo é ainda mais pessoal e experimental quando você entende que Jesus é a verdade — Ele é a representação exata do seu Pai. E quando a verdade em pessoa — Jesus — entra em nossa vida, Ele está ali para nos transformar em uma representação de si mesmo.

Naturalmente, percebo que nós, cristãos, podemos conversar um dia inteiro sobre a maneira como conhecemos a verdade, porque vivenciamos Jesus pessoalmente. Mas não podemos esperar que esta declaração convença os outros de que aquilo que proclamamos como verdade é, na realidade, verdade. Eles podem, simplesmente, afirmar que ela pode ser verdadeira para nós, porém isso

não a torna verdadeira para todos. Sabemos que a verdade de Deus é verdadeira para todos, todavia a menos que a verdade possa ser provada ou demonstrada, não podemos esperar que os outros se unam à nossa crença. E é aqui que entra em jogo o saber por que cremos que alguma coisa é verdade.

Conhecer a verdade exige uma abordagem equilibrada de coração e mente. Jesus desejou que os seus seguidores cressem nEle, por quem afirmava ser, mas Ele não queria que cressem nEle cegamente. Jesus queria que eles estivessem confiantes de que aquilo em que Ele lhes pedia que cressem era verdade. Assim, Jesus apelou para a evidência que estabelecia que Ele era, verdadeiramente, o Filho de Deus. “Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?”, perguntou Ele. A seguir, Ele os incentivou, dizendo: “Crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras” (Jo 14.10,11). As evidências para crer no que Deus diz que é verdade existem para convencer as nossas mentes de que o que Ele diz é real e verdadeiro. Sim, como dissemos acima, a verdade é mais do que somente um conjunto de fatos; ela é relacional e emocional. Ela traz alegria, porém é impossível que os nossos corações se alegrem pelo que as nossas mentes rejeitam. É por isso que precisamos saber não apenas o que cremos, mas também por que cremos. Saber em que cremos forma o nosso sistema de crenças. Quando sabemos por que cremos, desenvolvemos convicções mais profundas.

A própria Bíblia nos convida, repetidas vezes, a examinar por que uma verdade é verdadeira, para que possamos formar as nossas convicções. O apóstolo João, que teve conhecimento da verdade, em primeira mão, escreveu: “Jesus, pois, operou também, em presença de seus discípulos, muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.30,31). Em outras palavras, João registrou evidências que confirmavam que Jesus era o único Deus verdadeiro, para que pudéssemos conhecer a verdade com confiança e profunda convicção.

Assim, à medida que você explora cada verdade da fé neste livro, você examinará igualmente, tanto a verdade em que você deve crer, como também a evidência do motivo pelo qual você pode crer com confiança. Naturalmente, não importa o quanto a evidência é convincente, você ainda precisa exercitar a fé. Por exemplo, eu (Sean) não tinha um conhecimento abrangente sobre Stephanie, antes de me casar com ela. Eu não tinha como saber, com 100% de certeza, que ela era a pessoa de integridade que eu acreditava firmemente. Mas eu tinha evidências suficientes para tomar uma decisão sábia e informada sobre o caráter

moral da pessoa que eu estava namorando. E agora que temos sido casados e felizes por mais de uma década, agradeço a Deus porque cada um de nós deu esse passo de fé.

Raramente você terá evidências abrangentes, se é que poderá vir a ter alguma vez, mas poderá encontrar suficientes evidências para decidir que aquilo em que você crê é aceitável e objetivamente verdadeiro. Isso é o que a fé informada faz — ela baseia o seu caso em evidências suficientes. O famoso autor e apologista J. R. Moreland define apropriadamente a fé como: “a confiança naquilo em que temos razões para crer que é verdade”.[4] Uma fé enraizada na verdade que temos razões para crer que é objetivamente verdadeira nos fundamentará no conhecimento da verdade, tanto intelectualmente como experimentalmente.

Quando conhecermos a verdade e o motivo pelo qual cremos nela, poderemos, então, oferecer aos outros uma fé que convence o coração e a mente.

Ser a Verdade

Simplesmente saber em que cremos e por que cremos não é, por si só, suficiente. A verdade em que cremos também deve se tornar o âmago de quem somos. Viver a fé cristã envolve ser uma representação viva da verdade.

Nós temos um amigo chamado Frank; o seu filho é chamado de Frankie. Frank é um homem de poucas palavras; seu filho, também. Frank parece muito à vontade quando suas mãos estão enfiadas nos bolsos de suas calças; Frankie não é diferente. Frank é um mecânico habilidoso; Frankie é fascinado por coisas mecânicas. Nem uma vez sequer o pai de Frankie se sentou com ele para lhe ensinar esses comportamentos ou interesses. O filho é uma representação de seu pai, devido à pura genética e simplesmente pelo relacionamento que tem com seu pai.

Ser uma representação da verdade diz respeito a permitir que a verdade de Deus nos penetre de maneira tão íntima, a ponto de transformar as nossas vidas. “Todos nós, com cara descoberta”, declara Paulo, “refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem,

como pelo Espírito do Senhor” (2 Co 3.18). O propósito do Espírito de Cristo — a verdade — ao vir à nossa vida é se tornar aquele que nos dá a verdade. Frankie tem o DNA de seu pai, de modo que é natural que ele se tornasse como seu pai. Quando nós recebemos o Espírito Santo da verdade, o apóstolo Pedro diz que nos tornamos “participantes da natureza divina” (2 Pe 1.4). Metaforicamente falando, o próprio DNA de Deus é implantado em nós, e um processo de transformação tem início quando somos feitos “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29).

Há alguns anos, havia um aluno da faculdade, a quem nos referiremos como Chad, que se matriculou para todas as suas aulas, e foi morar em um quarto do dormitório. Chad se esforçava na escola, e tinha um orçamento apertado. Assim, para o café da manhã, o almoço e o jantar, tudo o que ele podia pagar para comer era queijo e bolachas, em seu quarto. Todos os dias, todas as suas refeições consistiam apenas de comida de ratos. Depois de algumas semanas, ele ficou extremamente cansado de queijo e bolachas, e decidiu se dar o luxo de uma refeição na lanchonete da faculdade. Ele encheu sua bandeja com carne e batatas, salada, legumes e algumas sobremesas. Quando chegou ao caixa, perguntou, “Quanto custa tudo isto?” O caixa respondeu, “Você tem a sua carteirinha de estudante?” “Sim”, respondeu Chad. “Bem, não lhe custará nada. Todas as suas refeições estão incluídas na sua matrícula”.

Desde o primeiro dia na escola, Chad tinha tido total acesso a toda a comida que conseguisse comer. No entanto, ele não havia entendido como o programa de refeições da faculdade se aplicava a ele. Há muitos crentes que têm um conhecimento da verdade de Deus e podem até saber por que creem nela, mas, por alguma razão, não conseguem entender como essa verdade é relevante para suas vidas. Consequentemente, esta pessoa não se apropria do poder de tal verdade, em benefício da sua vida. Assim, nos capítulos seguintes, à medida que descobrimos, passo a passo, em que cremos e por que cremos, também descobriremos a natureza relevante e transformadora de cada verdade, quando aplicada às necessidades específicas de nossas vidas. Esta aplicação leva à nossa natureza “que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou [em nós]” (Cl 3.10). Quando conhecemos a verdade e nos tornamos uma representação da verdade, não somente começamos a adotar uma perspectiva bíblica, mas também estamos em posição de transmiti-la eficazmente a outras pessoas. Alguém disse: “Nós ensinamos o que sabemos, nós transmitimos o que somos”. E se nos tornarmos uma representação viva da verdade de Deus, nós o demonstraremos em nossas vidas — nós a viveremos.

Viver a Verdade

Conhecer a verdade e ser uma representação da verdade leva, naturalmente, a viver essa verdade. João, o discípulo de Jesus, disse: “Não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. E nisto conhecemos que somos da verdade” (1 Jo 3.18,19). A verdade deve ser vivida, e quando é vivida, ela também se torna um exemplo para os outros.

Para que você não desista da esperança antes mesmo de começar, vamos dizer, rapidamente, que ser uma representação da verdade não significa que devemos ser perfeitos. Eu (Sean) me lembro de uma ocasião em que o meu pai estava em uma discussão acalorada com mamãe. Para ser honesto, papai estava terrível. Em certo ponto da discussão, ele atirou uma pasta sobre a mesa, e disse: “Eu vou embora daqui”. Ele se lançou pela porta, e saiu de carro. Lembro-me de ter pensado, Cara, como ele está zangado!

Minhas irmãs e eu voltamos a fazer o que estávamos fazendo antes da “explosão de Josh”, mas logo papai retornou, e nos convocou para uma reunião. Diante de todos, ele disse a minha mãe como ele estava errado e o quanto lamentava tê-la magoado, e pediu o seu perdão. Ele se dirigiu a cada um de nós, e nos disse quão desrespeitoso ele havia sido com a nossa mãe, e pediu também o nosso perdão. Agora, os atos anteriores de meu pai estavam longe de ser um modelo perfeito de semelhança de Cristo, mas ainda assim ele era um grande modelo de alguém que estava, verdadeiramente, seguindo a Cristo. Como? Quando ele percebeu a sua ofensa e buscou perdão, estava sendo sensível ao Espírito de Deus. O meu pai era um modelo de pessoa que deseja, sinceramente, estar em conformidade com a imagem de Cristo.

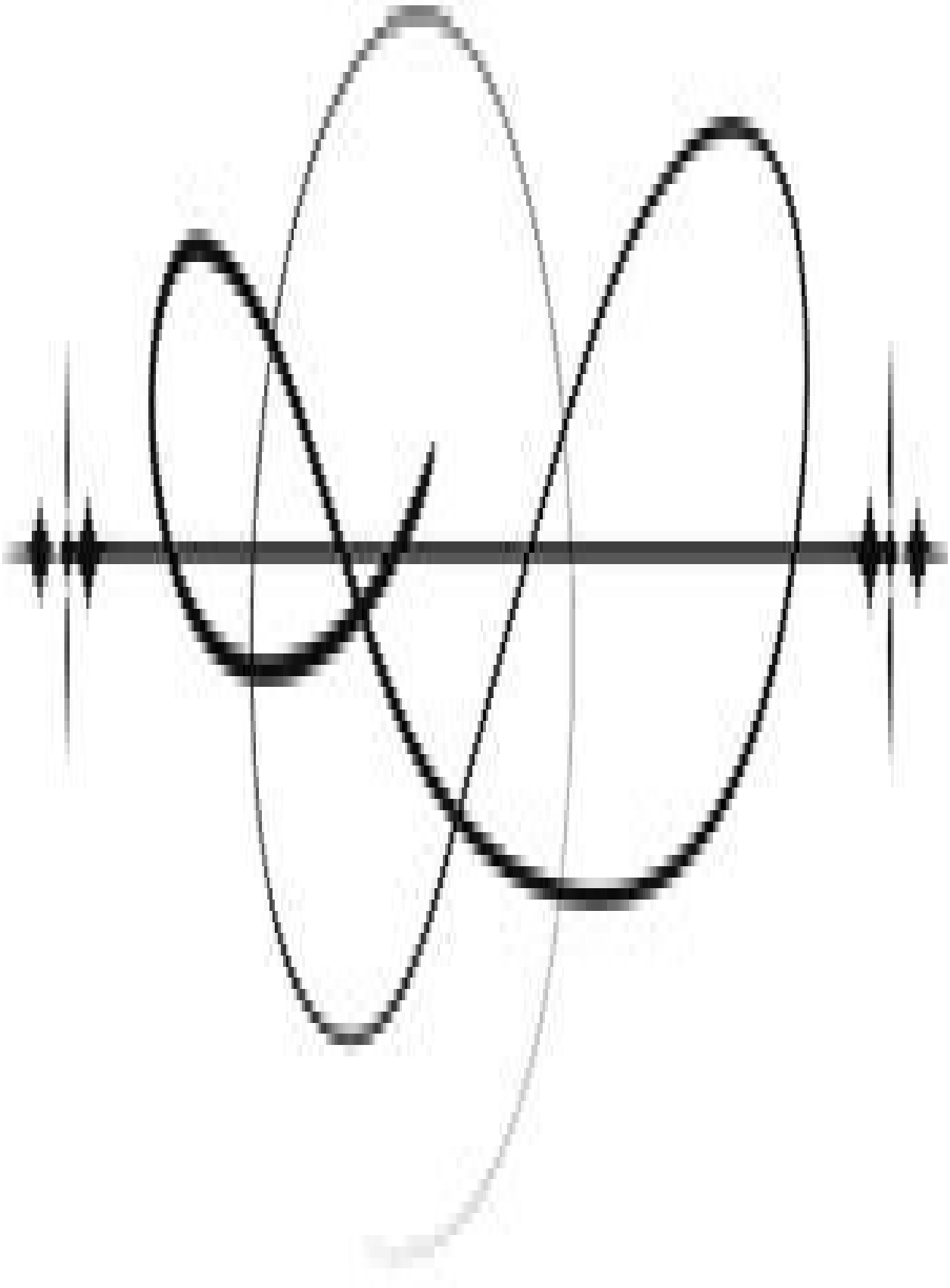
Acredite ou não, os que estão à nossa volta precisam ver que falhamos e pedimos perdão humildemente. O Espírito da verdade, por intermédio da sua Palavra, existe para “ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm 3.16). Ser um reflexo vivo da verdade em um mundo de pecado quer dizer que, às vezes, nós erramos, e erramos feio, mas quando fizermos isso, devemos perceber e nos corrigir. O grande e espiritual apóstolo Paulo disse: “Não que já a tenha alcançado [a ressurreição dos mortos] ou que seja perfeito;

mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus” (Fp 3.12).

Assim, à medida que abordarmos as verdades da fé, nas páginas seguintes, não somente descobriremos: 1) em que cremos, mas 2) por que cremos, e então, 3) como essas verdades são relevantes para a vida e como elas nos transformam internamente; e, finalmente, 4) como podemos viver a verdade diante do mundo à nossa volta, para que ela possa ser transmitida àqueles a quem amamos. À proporção que essas verdades se enraizarem em nosso âmago, estaremos refletindo o caminho de Deus, a sua verdade e a sua vida — vivendo uma perspectiva bíblica.

Parte 2

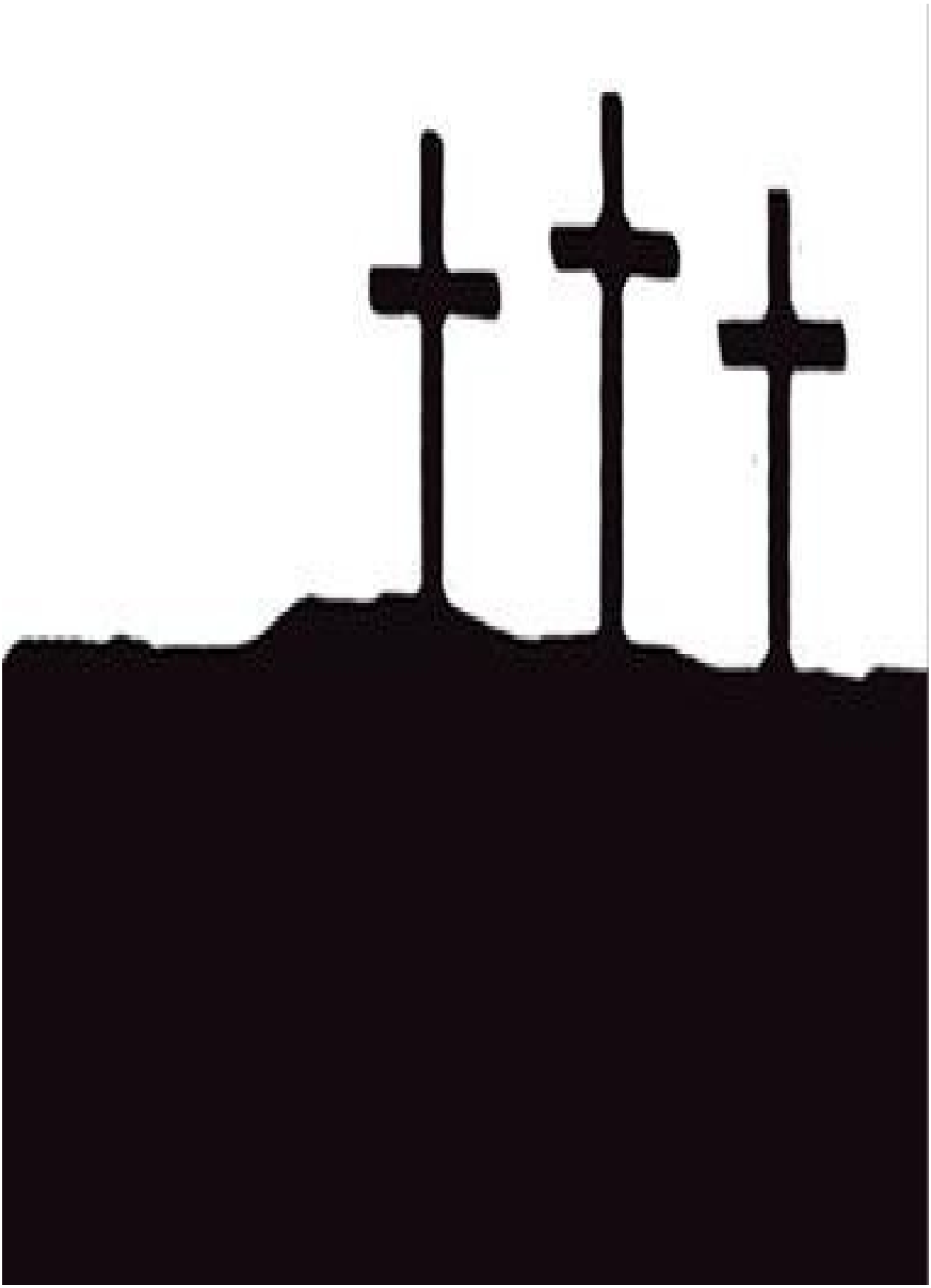
A VERDADE iNCONTESTÁVEL DA cRIAÇÃO DE DEUS



Deus é um Deus pessoal, que deseja um relacionamento de amor.

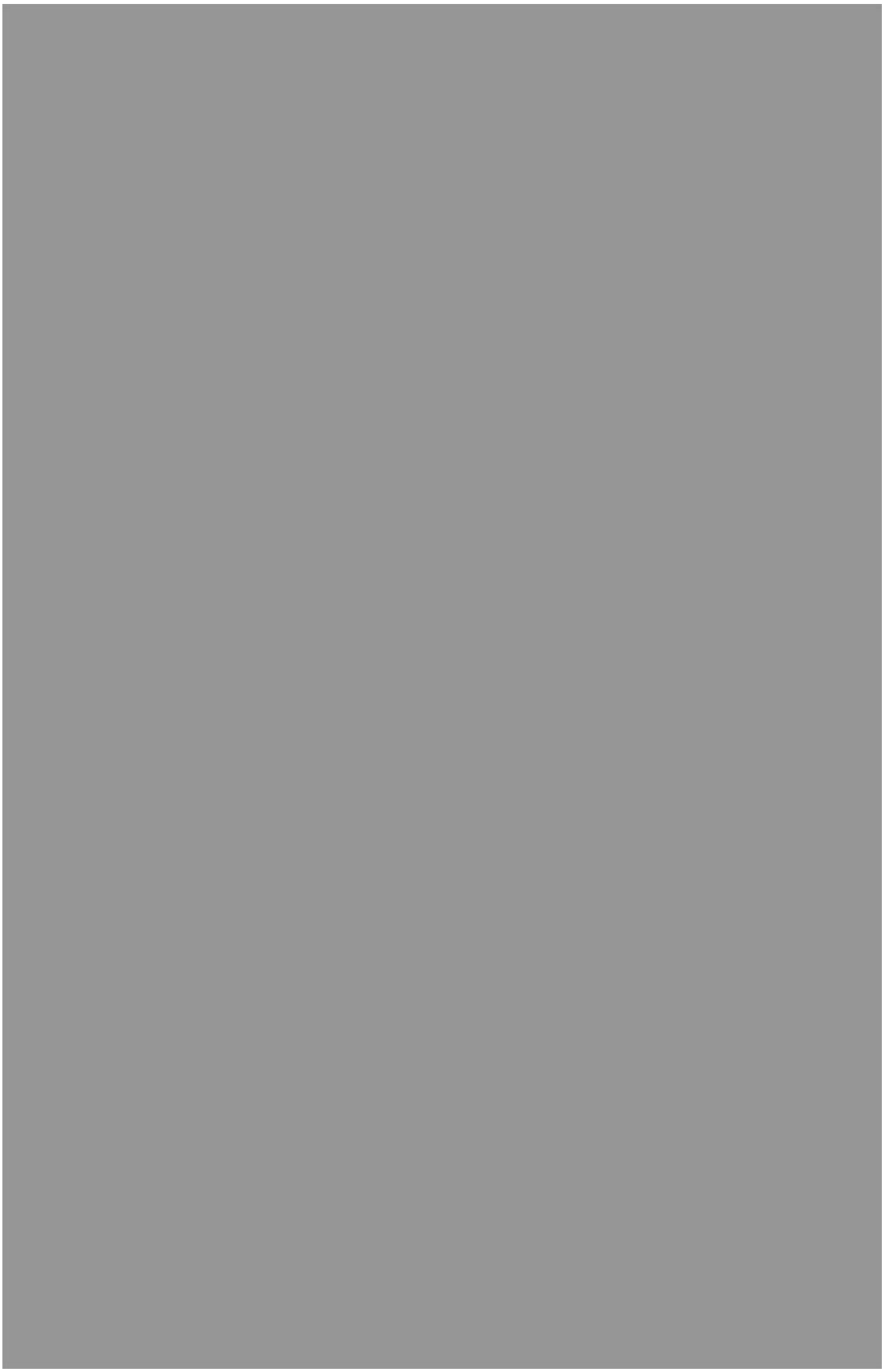
Deus deseja que nós o conheçamos; Ele se releva, por intermédio da Sua Palavra escrita.

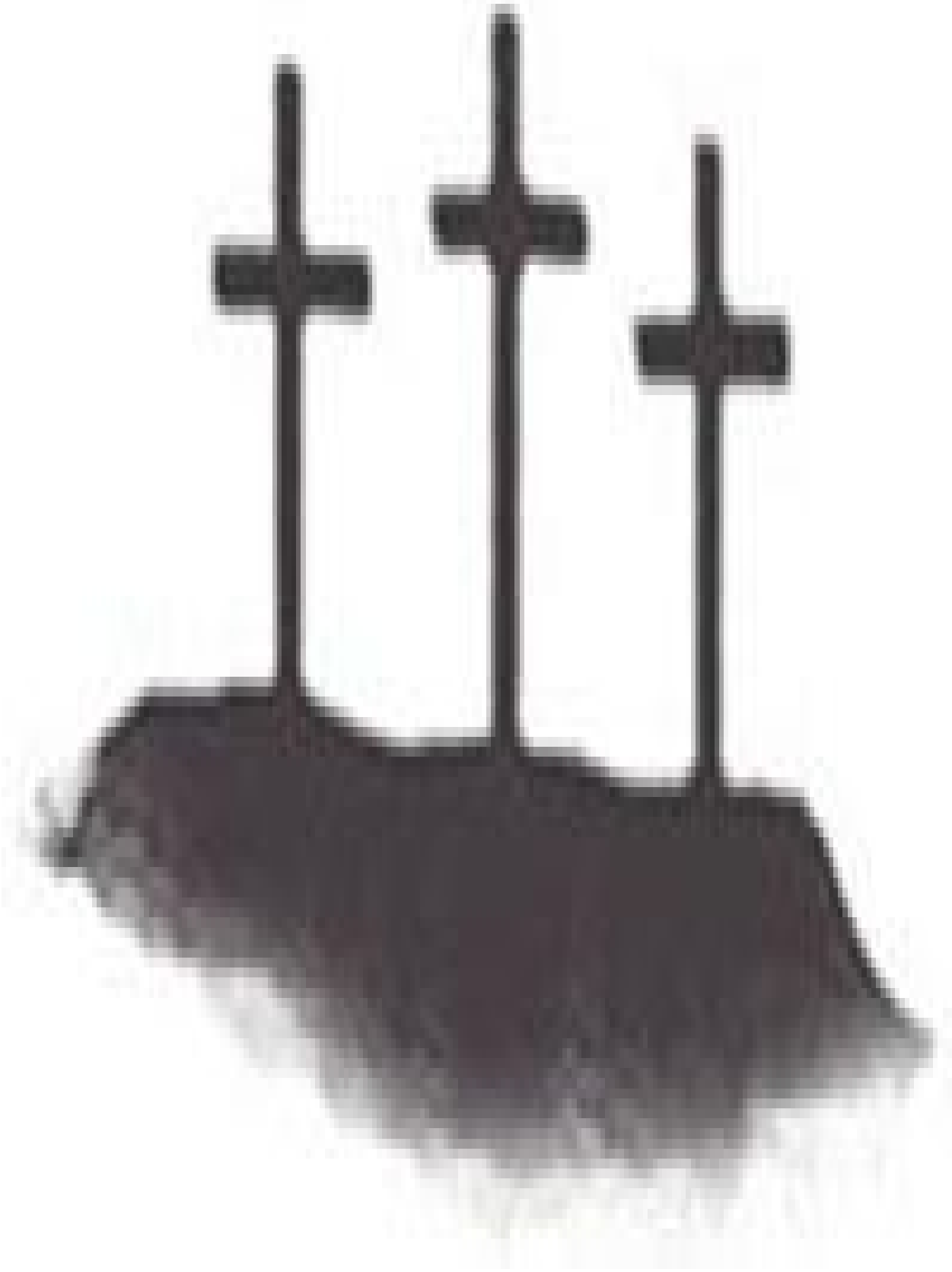
O pecado entrou no mundo e trouxe a morte à raça humana.



Verdade Número Um

Deus Existe





Capítulo Quatro

QUEM É DEUS?

Quando eu (Josh) era adolescente, não gostava de quem era — o filho do bêbado da cidade. Eu odiava o meu pai, e tudo o que ele representava, e isso influenciou o que eu pensava sobre mim mesmo, de uma maneira significativa. Quando fiquei mais velho, e saí de casa, levei comigo a desconcertante pergunta: “Quem sou, realmente?”

Sendo cético, questionava a existência de um Deus pessoal. Assim, eu não tinha uma resposta definitiva sobre quem eu deveria ser, como uma criação de Deus. Mas quando eu olhava para as estrelas, à noite, me perguntava como tudo foi posto ali. O planeta Terra girando ao redor do sol, em apenas uma galáxia, entre bilhões que enchem o espaço profundo. Eu me sentia extremamente pequeno e solitário em um universo tão vasto. E, para ser honesto, eu esperava, secretamente, que houvesse algum ser Inteligente lá fora, chamado Deus, que pudesse me ajudar a entender quem eu era e o que era a minha vida.

Deus Existe?

Vivemos em um planeta, em meio a um vasto universo. E é natural perguntar de onde viemos e com que propósito existimos. A nossa casa, na terra, parece extremamente insignificante e pequena suspensa na vastidão do espaço. Deus está lá fora, em algum lugar em meio à vastidão? Pense sobre o espaço, por um momento. Ele parece se estender incessantemente, sem nenhuma possibilidade de chegar ao fim. Quando tentamos imaginar o tamanho, até mesmo do universo conhecido, é impossível compreender verdadeiramente. Mas vamos tentar.

Por que Existe qualquer Coisa?

As dimensões do universo são tão imensas que nós as medimos usando a unidade de ano-luz, que é a distância que a luz percorre em 365 dias. A luz viaja à velocidade de 186.282 milhas [300.000 quilômetros] por segundo. Em um ano, essa distância, multiplicada e arredondada, chega a 5.865.696.000.000, quase 6 trilhões de milhas. Para explicar de uma maneira que seja quase possível entender, um raio de sol precisa de pouco mais de oito minutos para viajar os 93 milhões de milhas [150 milhões de quilômetros] desde o sol até a terra. Assim, qual é o tamanho do universo observável, em termos de anos-luz? Os cientistas afirmam que a matéria está espalhada por um espaço cujo diâmetro é, pelo menos, 93 bilhões de anos-luz. A nossa Galáxia da Via Láctea tem aproximadamente cem mil anos-luz de diâmetro. A sua irmã mais próxima, a galáxia de Andrômeda, se situa a aproximadamente 2,5 bilhões de anos-luz de distância. E provavelmente há mais de cem bilhões de galáxias no universo observável.[1] Como seres finitos, nós simplesmente não conseguimos imaginar tais distâncias, tal magnitude. E o próprio conceito de espaço infinito é muito mais do que as nossas mentes podem compreender. Como este vasto espaço foi formado, e por quê?

Pensar sobre o tempo apresenta um dilema similar. É impossível conceber um princípio ou um fim do tempo, porque a única coisa que podemos imaginar, antes ou depois do tempo, é apenas mais tempo. Uma vez que tudo o que vivenciamos tem um princípio ou um fim, o conceito de eternidade é incompreensível para nós.

O tempo, a vastidão do espaço, e o número de galáxias são, em muitos aspectos, mistérios para nós. Poderia estar tudo ali apenas por acaso? De onde veio tudo? Se procurarmos aqui mesmo, em nosso planeta, também encontraremos os mistérios e a fascinação da natureza. Veja, por exemplo, a formiga cortadora de grama. Essas espantosas criaturas desenvolveram uma estrutura social complexa chamada colônia, que pode abrigar centenas de milhares de formigas. É preciso comunicação sofisticada e coordenação para ajuntar grandes quantidades de alimento para dar de comer, e cada formiga é um membro especializado de um time que prepara o banquete.

Formigas exploradoras são enviadas para encontrar comida. Quando uma

formiga encontra uma folha suculenta, corre de volta à colônia para transmitir a notícia, frequentemente tocando o solo com seu corpo, para deixar um rastro com o seu cheiro, entre o formigueiro e a fonte de alimento. As formigas recolhedoras seguem esse rastro até a fonte de alimento.

Certas formigas cortadoras têm um “canto” para comunicar a descoberta de folhas de grande qualidade que precisam ser recolhidas. A formiga “canta” produzindo uma vibração de alta frequência com seu abdômen, contra a folha. Outras formigas, até três pés de distância (aproximadamente um metro) percebem a vibração, em suas pernas. Elas seguem a vibração até chegar à folha, e juntas elas a cortam de seu caule e a carregam até o formigueiro. As formigas conseguem suportar 100 vezes o seu próprio peso, e essas formigas cortadeiras carregam as folhas por uma distância de até mil pés (300 metros) — uma distância equivalente a mais de três campos de futebol — para levar o alimento à colônia.[2]

Essas formigas são, verdadeiramente, um grande e maravilhoso mistério, mas um mistério ainda maior é a capacidade que você tem de ler estas palavras e maravilhar-se com as sofisticadas habilidades de comunicação, habilidades de coordenação e força dessas pequenas criaturas. Porque no interior do seu cérebro há uma maravilha de um quilo e meio. Os seus olhos piscam e acompanham as palavras desta página. As palavras são símbolos com significados específicos, que conectam pensamentos, que você consegue compreender quando lê. O seu coração bate, você inspira e expira, o seu corpo faz a digestão e processa o alimento.

▪

O que, ou quem trouxe tudo à existência? E com que propósito?

▪

Todos esses movimentos musculares involuntários são controlados pelo milagroso órgão, chamado cérebro. A sua capacidade de andar, correr, sentar, dormir, tocar, ver, ouvir, sentir cheiros, sabores e todos os tipos de emoção, está sendo processada, agora mesmo, por mais de cem bilhões de células nervosas,

chamadas neurônios. Os seus neurônios têm a espantosa capacidade de coletar e transmitir sinais eletromagnéticos que ordenam que seus músculos movam as partes de seu corpo, para que faça o que você deseja. Esses neurônios são como as portas e os cabos em um computador — porém imensuravelmente mais complexos. Embora a ciência médica tenha conseguido significativos progressos no entendimento de como funciona o cérebro, grande parte ainda continua sendo um mistério. Por exemplo, em um computador digital, a informação é processada por um pequeno conjunto de "registros" que funcionam a uma velocidade de bilhões de ciclos por segundo. O cérebro usa os seus neurônios para processar muito mais informação, mas a velocidades de apenas 100 ciclos por segundo, aproximadamente.[3] Como pode funcionar o cérebro, de maneira muito mais eficaz do que o mais sofisticado e complexo computador fabricado na atualidade? Ninguém sabe.

O seu cérebro é a estrutura biológica mais complexa conhecida hoje. E como pode ser isso? De onde vem você e o seu cérebro, a minúscula formiga, a Galáxia da Via Láctea, e tudo o que há no universo, de onde vem tudo isso? Por que há algo em existência, em lugar de nada? O que, ou quem trouxe tudo à existência? E com que propósito?

Um Poder Impessoal?

Alguns diriam que tudo o que existe foi criado pelo próprio universo e, um dia, será reabsorvido pelo universo. Deste ponto de vista, uma entidade ou ser chamado Deus nem sequer existe. Deus, dizem eles, é uma força de vida cósmica que inclui toda a substância do universo. A natureza e a ideia de Deus são a mesma coisa. Esta perspectiva é chamada panteísmo.[4] Oito por cento dos adolescentes que se identificam como protestantes conservadores adotam esta filosofia da Nova Era, que inclui seguidores como Oprah Winfrey. Além disso, desta força de vida cósmica todos nós somos capacitados para ser deus e um só ser, com o universo.[5] A clássica frase usada para descrever esta crença é "Deus é tudo, e tudo é Deus". Esta é a visão de Deus que foi propagada de maneira tão eficaz no filme Avatar.

Alguns que discordam da doutrina panteísta dizem que um ser supremo, que não

faz parte do universo, criou tudo o que existe, mas essencialmente este ser não está envolvido, de nenhuma outra maneira, com a criação. Esta é a perspectiva dos deístas, que rejeitam muitos eventos sobrenaturais (profecia, milagres) e afirmam que Deus, "o Arquiteto Supremo", tem um plano para o universo, que não é alterado, nem pela sua intervenção nas questões da vida humana, nem pela suspensão das leis naturais do universo.[6]

Dez por cento dos adolescentes que se identificam como protestantes conservadores defendem esta filosofia deísta.[7] Eles creem que existe um Deus, mas Ele é como um excelente fabricante de relógios, que projetou o mundo, deu corda e desde então deixou que o mundo corresse por si mesmo. Um jovem com esta perspectiva jamais oraria a Deus pedindo ajuda em tempos de necessidade, ou forças, para resistir à tentação. Neste modo de pensar, Deus é um ser impessoal que nos deixou para que nos arranjássemos sozinhos.

O que Cremos, a Respeito de Deus

Os cristãos, no entanto, creem que existiu um ser pessoal, antes do tempo e do espaço, como os conhecemos. Este ser pronunciou a palavra "Haja..." e pelo poder da sua vontade, tudo o que existe passou a existir (Gn 1.3). Nós cremos que essa palavra veio da voz de um Deus pessoal e infinito, e que "todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Nós cremos que este Deus é o Projetista Inteligente de tudo o que existe no universo.

Surgem, naturalmente, as perguntas, qual é a natureza deste Deus, Ele pode ser conhecido, e por que Ele nos criou? Embora um Deus com o poder de criar grandes universos necessariamente esteja além da nossa compreensão, de muitas maneiras, Ele pode ser conhecido por nós, criaturas finitas. Mas como? Embora não possamos conhecê-lo de maneira plena, podemos conhecê-lo verdadeiramente e com confiança, por causa do que Ele revelou sobre si mesmo, a nós. Por exemplo, Deus é conhecido por nós mediante pelo menos seis características.

Deus é eterno. Eterno quer dizer vida, sem princípio ou fim. Nunca houve um momento em que Deus não existiu, e Ele nunca irá acabar. É impossível

que nossas mentes compreendam isso. Moisés não conseguia entender. Ele estava no deserto, pastoreando ovelhas, quando Deus apareceu, em uma sarça ardente, que ardia em chamas que não a consumiam. Quando Deus o enviou para contar ao povo de Israel que ele iria livrá-los do Egito, Moisés disse: "Eles não acreditarão em mim. Perguntarão: "De que Deus estás falando? Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós" (Êx 3.13,14). O grande EU SOU não teve dia de nascimento e não terá funeral.

Disse o profeta Isaías: "Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos confins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não há esquadrinhação do seu entendimento" (Is 40.28).

Deus é onipotente. Deus é Todo-Poderoso. Se Ele quiser fazer alguma coisa, pode fazê-la. Jó disse a Deus: "Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido" (Jó 42.2). O rei Davi disse: "Grande é o nosso Senhor e de grande poder" (Sl 147.5). O profeta Jeremias disse: "Ah! Senhor Jeová! Eis que tu fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; não te é maravilhosa demais coisa alguma" (Jr 32.17). O profeta Isaías proclamou: "Assim diz o Senhor, teu Redentor, e que te formou desde o ventre: Eu sou o Senhor que faço todas as coisas, que estendo os céus e espraio a terra por mim mesmo" (Is 44.24). O Deus eterno e interminável é também o Deus Todo-Poderoso, que pode fazer qualquer coisa que desejar.

Deus é onipresente. Deus está sempre presente. A sua presença abrange todas as galáxias enquanto, ao mesmo tempo, Ele está com você agora mesmo, exatamente onde você está. O rei Davi disse: "Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também" (Sl 139.7,8). Porque somos seres finitos é difícil imaginar um ser que está presente em todas as partes, mas esta é uma característica de Deus: "Sou eu apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? Porventura, não encho eu os céus e a terra? — diz o Senhor" (Jr 23.23,24). O Deus sempre presente abrange todo o escopo do universo, e ainda está aqui, para ouvir quando você sussurra uma oração.

Deus é imutável. Deus, pela sua própria natureza, é sempre digno de confiança, porque Ele não mudará. O salmista disse que a terra perecerá, "mas tu [Deus] permanecerás... tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim" (Sl 102.26,27). O autor da epístola aos Hebreus disse: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13.8).

Podemos estar seguros em um Deus que nunca esmorece nem mente. Ele sempre fará o que diz. "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?" (Nm 23.19). O Deus imutável merece a nossa total confiança.

Deus é onisciente. Deus sabe tudo. Todo o passado, o presente e o futuro, Ele conhece. Ele tem conhecimento infinito. Ele falou por intermédio do profeta Isaías, e declarou: "Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade" (Is 46.9,10). O rei Davi disse: "Senhor, tu me sondaste e me conheces" (Sl 139.1). Tão impressionante conhecimento está além de nós. Imagine os discos rígidos de um trilhão de computadores, cheios com toda a informação conhecida dos humanos... e isso nem mesmo seria equivalente ao princípio do conhecimento de Deus.

Deus é pessoal. Embora Deus seja o Deus eterno, Todo-Poderoso, onipresente, imutável e onisciente, Ele também é um Deus que deseja interação pessoal. Por um lado, o seu poder impressionante é atemorizante, mas Ele também é o Deus "zeloso" no seu relacionamento com você (Êx 34.14).

Isto é, na verdade, o que eu (Josh) estava procurando, mas não sabia. Conhecer o Deus do universo de uma maneira pessoal responderia a muitas perguntas, como quem eu era, por que estava aqui e para onde ia. Deus não é um Deus ausente que criou o universo e então partiu, deixando-o sozinho. Ele é ativo e está envolvido com a sua criação. Ele entrou no nosso mundo sob a forma de um ser humano; no momento da salvação, Ele entra em nossas vidas, sob a forma do seu Espírito Santo; Ele atende às nossas orações e nos dá forças, pelo Espírito Santo, Ele nos capacita para resistir à tentação e quer cumprir o seu propósito em nossas vidas. Ele é um Deus pessoal e interativo que deseja ter um relacionamento com a sua criação.

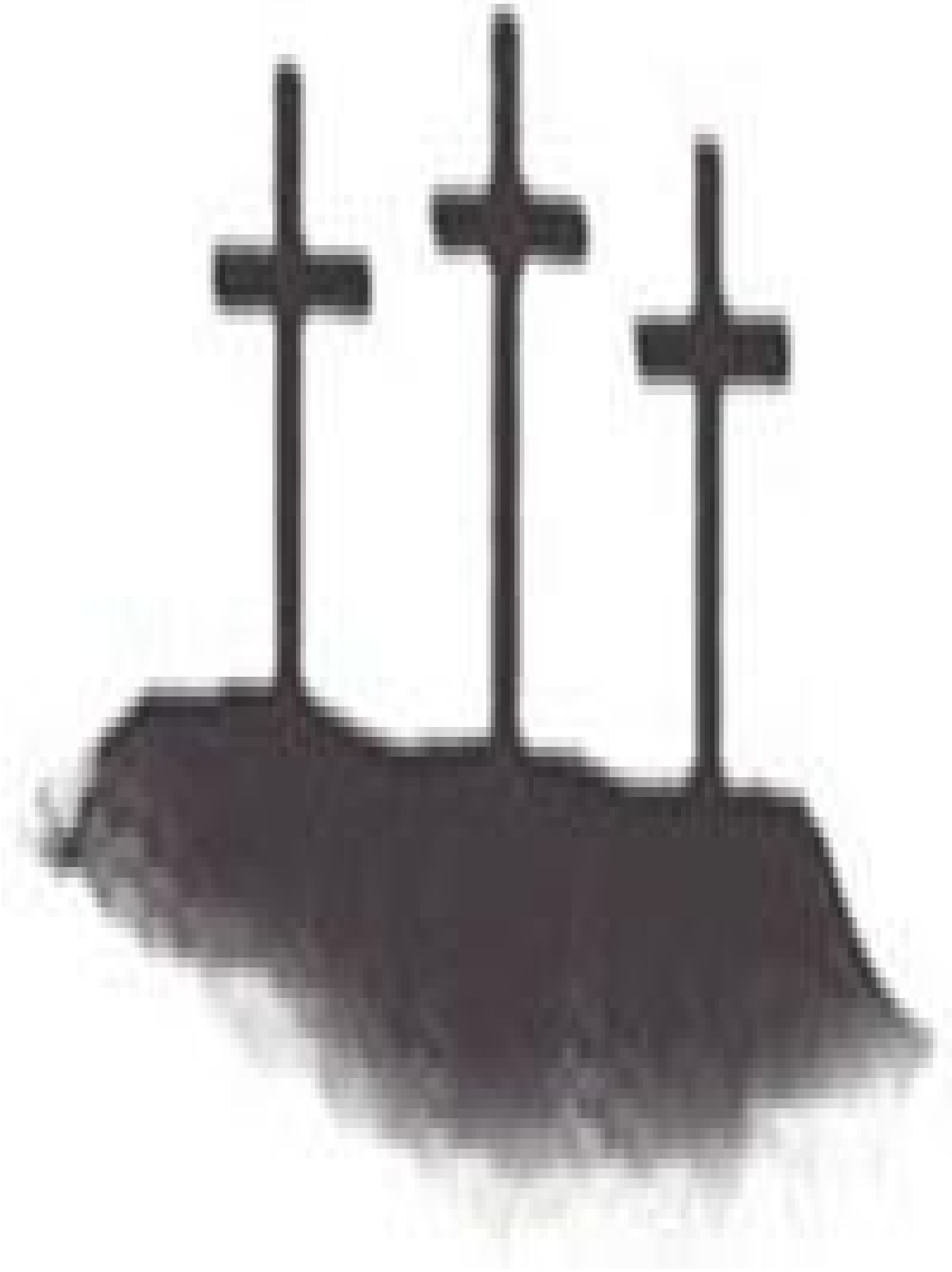
Portanto:

-

Nós cremos na verdade de que existe um Deus pessoal e infinito, que é o Deus do universo.

-

O anjo que falou com Maria disse bem: “Para Deus nada é impossível” (Lc 1.37). E embora Ele seja infinito, em sua existência, poder, presença e conhecimento, Ele quer um relacionamento pessoal com cada um de nós. Isto é o que é tão maravilhoso. Um Deus que não precisa de nada e pode fazer toda e qualquer coisa ainda deseja ter um relacionamento íntimo e pessoal com você e comigo. Este é o Deus que é e sempre será o Deus em que você e eu podemos crer com toda confiança.



Capítulo Cinco

EVIDÊNCIAS A FAVOR

DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Podemos crer que um Deus pessoal existe, mas podemos saber que Ele existe? Não é possível oferecer uma prova absoluta de Deus, fazendo com que Ele se materialize diante de uma grande multidão e demonstre a sua onipotência, onipresença, onisciência e glória para que todos vejam.

Mesmo que isso acontecesse, muitas pessoas não aceitariam isso como prova. Elas imaginariam que estavam tendo alucinações. Na verdade, Deus realmente apareceu em forma humana e demonstrou a sua divindade com milagres e profecias. E as pessoas ainda duvidaram que Ele era Deus.

Deus se faz conhecido dos que desejam buscá-lo.

No entanto, não somos deixados sem suficientes evidências da existência de Deus. Há dados convincentes em número mais que suficiente para quem quiser examiná-los. Deus se faz conhecido dos que desejam buscá-lo. Jesus disse: “Buscai, e achareis” (Lc 11.9). Há evidências dEle ao nosso redor. As suas digitais podem ser vistas em qualquer parte em que olharmos — desde a imensidão do universo até a mais minúscula célula microscópica. Vamos examinar apenas quatro evidências ou argumentos em favor da existência de Deus.

I. O argumento Cosmológico

Também chamado de argumento de primeira causa. Esse argumento defende que tudo o que começa a existir deve ter uma causa. Assim, se você retroceder suficientemente no tempo, poderá encontrar a primeira causa — e essa causa será o Deus Criador.

Tomás de Aquino, um famoso filósofo do século XIII, defendeu um argumento similar. Ele disse que nada que esteja em movimento, como o universo, poderia ter colocado a si mesmo em movimento. Ele declarou que algo que está em movimento deve ter o seu movimento provocado. Ele concluiu que era preciso que houvesse um Movedor Imóvel, e esse Movedor é Deus.

Frank Turek, apologista cristão e autor, defende que a ciência sustenta a existência de Deus como a primeira causa, em um artigo publicado em Apologetics Study Bible for Students, de que eu (Sean) sou o editor geral. Nem todas as propostas do Dr. Turek são aceitas por todos os cristãos. No entanto, nós faremos uma citação do seu texto, para permitir que você avalie esta posição por si mesmo. Ele afirma:

Na filosofia, o argumento cosmológico em favor da existência de Deus diz:

1. Todas as coisas que começam a existir têm uma causa para que comecem a existir.

2. O universo começou a existir.

3. Portanto, o universo foi levado a existir (e, por dedução, Deus é a causa).

A ciência respalda esta conclusão? Absolutamente. A evidência científica esmagadora nos diz que o universo explodiu e passou a existir, a partir de nada, em algum ponto no passado distante...

Existem cinco linhas principais de evidência científica — indicadas pelo acrônimo SURGE — que apontam para o princípio definitivo do universo. São elas a Segunda lei da termodinâmica, o Universo em expansão, o Radiante brilho, as sementes da Grande galáxia no radiante brilho, e a teoria de Einstein da relatividade geral.

A conclusão de que o universo teve um início é praticamente certa (conforme o capítulo 3 de I Don't Have Enough Faith to Be an Atheist)... Segundo a evidência, o universo se iniciou a partir do nada — literalmente — nenhuma coisa física, temporal ou espacial. No princípio, não existia tempo, nem espaço, e nem matéria e então tudo explodiu e passou a existir, a partir do nada.

O que causou este evento da criação? Para responder isso, é importante perceber que não foi uma explosão no espaço, mas uma explosão de espaço. Não foi uma explosão no tempo, mas o princípio de tempo. Não foi uma explosão de matéria pré-existente, mas a criação da própria matéria. Portanto, a causa do universo deve ser algo além do espaço, além do tempo e além da matéria — um ser que é sem limites espaciais, sem limites temporais e imaterial. Esses são atributos de Deus!

Um ateu poderia perguntar: "Por que uma força ou processo natural não poderia ter causado o universo?" O problema é que a natureza e as forças naturais não existiam antes... e, portanto, não poderiam tê-lo causado. Isto quer dizer que a causa do universo deve ser algo além da natureza — algo sobrenatural.[1]

Assim, quem Criou Deus?

Isto nos traz de volta à pergunta, "Quem criou Deus?" É importante esclarecer que os cristãos não creem que tudo o que existe precisa de uma causa. Na verdade, tudo o que começa a existir deve ter uma causa. Há muitas coisas que existem e que não têm causa, como as verdades matemáticas e as leis da lógica. Mesmo que o mundo nunca tivesse sido criado, 1+1 = 2 ainda seria verdade. O universo teve um princípio, portanto deve ter tido uma causa. Mas Deus, por definição, não precisa de uma causa — Ele não tem causa.

O filósofo William Lane Craig comenta, de maneira penetrante:

E isto não é uma defesa especial do caso de Deus. Afinal, os ateus sustentaram, durante muito tempo, que o universo não precisa de uma causa, porque é eterno. Como eles podem sustentar que o universo pode ser eterno e sem causa, mas Deus não pode ser atemporal e sem causa?[2]

Quando era um garotinho, eu (Sean) frequentemente me perguntava como Deus poderia ser eterno. Concluí que se o universo teve um princípio, então algo deve ter existido, antes dele, para fazer com que ele existisse. Este pensamento atordoava a minha mente então, e ainda o faz hoje! Embora a mente humana não seja capaz de entender como Deus sempre existiu, todos nós sentimos que alguma coisa, fora do universo, fez com que o universo passasse a existir. E um Deus que não teve causa é a explicação mais razoável.

2. O Argumento Teleológico

Este é o argumento em favor do projeto. Ele afirma que a vida, as leis da natureza e todo o universo demonstram uma complexidade específica imensa, a marca do projeto; por isso, o universo deve ter vindo de um projetista pessoal. O rei Davi explicou isto, quando disse:

Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes em toda a extensão da terra, e as suas palavras, até ao fim do mundo (Sl 19.1-4).

Recentemente, eu (Sean) colaborei com o Dr. William Dembski na escrita de um

livro intitulado Understanding Intelligent Design.[3] Nele, nós abordamos as muitas facetas dos argumentos em favor do projeto inteligente. A parte restante desta seção é extraída desse livro.

Se você já visitou a Disneylândia ou o Disney World, provavelmente notou o canteiro de flores em um terreno em declive. As cores, a forma e as flores em particular formam uma clara semelhança com Mickey Mouse. Ninguém pode atribuir essa maravilha de jardinagem ao mero acaso. Por quê? Em primeiro lugar, as flores dessa variedade e cor não crescem por acaso para reproduzir a forma e a cor do famoso Mickey Mouse. Os vários tipos de flores e a sua multiplicidade de posições indicam claramente complexidade. Complexidade, neste sentido, é o mesmo que dizer que é altamente improvável que estas flores cresçam ali por acaso ou que se posicionem desta maneira intrincada.

Em segundo lugar, além de complexo, o arranjo floral foi feito de uma maneira muito específica. Certas flores constituem os olhos, outras, o nariz, e outras a boca e as famosas orelhas. A imagem exibe um padrão independente — é, portanto, específico.

Esta combinação de complexidade (ou improbabilidade) e especificidade (ou padrão independentemente imposto) é chamada de complexidade específica. A complexidade específica é um sinal de inteligência. Como uma impressão digital ou uma assinatura, a complexidade específica identifica a atividade de um agente inteligente. O imenso canteiro de flores na Disneylândia exibe uma complexidade específica e nos leva a crer que um jardineiro inteligente foi a sua causa.

O que Declara uma Única Célula Viva

Quanto mais complexidade específica algo exibe — isto é, quanto mais complexo é, e quanto mais a sua forma segue, obviamente, padrões específicos — mais aponta para um projetista inteligente. Veja, por exemplo, o elemento básico da vida humana — uma única célula viva. Ela tem complexidade específica?

Vamos examinar rapidamente uma célula, ampliada um bilhão de vezes. Na sua superfície, encontramos milhões de aberturas, como janelinhas em um barco. Mas não são meras janelinhas. Elas regulam o fluxo de materiais, para dentro e para fora da célula. As células exibem nanoengenharia, em uma escala e sofisticação que os cientistas mal começaram a compreender. Francis Crick, um dos descobridores da estrutura do DNA, descreveu a célula como “uma fábrica minúscula, que ferve com atividade química rápida e organizada”. Isso foi no início dos anos 1980. Os cientistas agora consideram a célula como uma cidade automatizada.

Dentro da célula, encontramos uma grande quantidade de matéria prima, conduzida de um lado a outro por máquinas, como robôs, todas trabalhando em harmonia. Na verdade, muitos objetos diferentes se movem, em perfeita harmonia, por meio de condutos aparentemente intermináveis. O nível de controle nestes movimentos coreografados é verdadeiramente espantoso. E isso é apenas uma célula. Em organismos maiores, as células devem trabalhar juntas para o funcionamento apropriado de órgãos como corações, olhos, fígados, e ouvidos, e estes, por sua vez, devem trabalhar juntos pela vida do organismo.

Se examinarmos mais atentamente a célula, veremos espirais de DNA que armazenam a informação necessária para construir proteínas. As proteínas são sistemas moleculares admiravelmente complexos. Uma proteína típica é composta de algumas centenas de aminoácidos, organizados em uma sequência ordenada com precisão que, então, se desdobra em uma estrutura tridimensional altamente organizada. Esta estrutura permite que a proteína exerça a sua função dentro da célula.

Hoje em dia, os biólogos mal conseguem descrever as atividades no interior da célula sem compará-la a máquinas e outras proezas da engenharia moderna. A razão para isso é o fato de que praticamente cada recurso de nossa própria tecnologia avançada pode ser encontrado dentro da célula.[4]

Quando observamos cuidadosamente o funcionamento interior da célula, uma coisa fica aparente: Há complexidade e sofisticação gigantescas, em comparação com a inovação tecnológica humana de hoje. Este é o motivo pelo qual cada vez mais cientistas concluem que a melhor explicação para a célula é o projeto inteligente.

A Vida Exige Grandes Quantidades de Transformação

A característica principal da vida é a informação. A vida, até mesmo a mais simples das células bacterianas, requer grandes quantidades de informação para funcionar. No DNA está armazenada a informação celular. O DNA em uma célula no corpo humano contém aproximadamente oito mil livros de informação. Um corpo humano típico tem quase 100 trilhões de células, cada uma delas com uma espiral de DNA que poderia, se desenrolada, chegar a três metros de comprimento. Assim, se o DNA de um humano adulto fosse enfileirado, se estenderia pelo equivalente à distância da Terra ao sol, ida e volta, cerca de setenta vezes![5]

Supondo que não houvesse um Projetista Inteligente — como a informação necessária para a vida seria reunida? A resposta típica que os darwinistas apresentam é que, com o tempo suficiente, junto com a matéria e o acaso, qualquer coisa pode acontecer.

Mas quanto tempo, matéria e acaso estão, realmente, disponíveis? Já em 1913, o matemático francês Emile Borel afirmou que um milhão de macacos que datilografassem durante dez horas por dia dificilmente conseguiria reproduzir os livros nas bibliotecas do mundo. O universo é muito antigo e enorme, segundo Borel, mas não suficientemente antigo e grande para algo tão improvável.

Vamos limitar o escopo de Borel. Em vez de se concentrar em muitos livros, vamos considerar as palavras de Shakespeare. Aqui está a pergunta: Quantos macacos e quanto tempo seriam necessários para reproduzir uma das obras de Shakespeare, ou apenas algumas poucas linhas?

Seth Lloyd, físico quântico computacional do MIT, tentou responder a esta pergunta. De acordo com ele, no universo físico conhecido, o acaso é capaz de produzir apenas 400 bits de informação pré-especificada (isso é equivalente a uma cadeia de 400 números “zero” e “um”). E equivale a uma sequência de 82 letras comuns e espaços. Portanto, o mais longo segmento inicial do solilóquio que todo o universo — considerando o seu tamanho e a sua história de supostamente muitos bilhões de anos — poderia reproduzir, pelo acaso, são as duas linhas seguintes:

SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO.

SERÁ MAIS NOBRE SOFRER NA ALMA...

Está claro que o fenômeno do acaso é limitado, em sua capacidade, para explicar certas características do universo. Todo o acaso no universo conhecido não pode datilografar aleatoriamente mais de duas linhas de Shakespeare, e muito menos um livro inteiro.[6]

Se o acaso, com o tempo, não pode criar informação suficiente para duas linhas de Shakespeare, como poderia criar a complexidade até mesmo de uma única célula primitiva? Uma única célula requer centenas de milhares de bits de informação em sequência exata em seu DNA. Assim, os que negam um Projetista Inteligente têm a tarefa impossível de explicar como a informação (complexidade específica) em um organismo vivo simples pôde surgir do processo de acaso e tempo. A vida simplesmente requer uma quantidade excessiva de informação para ocorrer aleatoriamente. Por exemplo:

A capacidade de armazenamento de informação do DNA supera, de longe, os mais poderosos sistemas de memória eletrônica conhecidos hoje em dia. O biólogo molecular Michael Denton observa que, considerando todos os diferentes tipos de organismos que já viveram. A informação necessária para seu DNA para a construção de suas proteínas “poderia estar contida em uma colher de chá, e ainda sobraria lugar para toda a informação de cada livro já escrito”. Mas o DNA não se limita a armazenar informação. Em combinação com outros sistemas celulares, ele também processa informação. Por isso Bill Gates compara o DNA a um programa de computador, embora muito mais avançado que qualquer programa que os humanos inventaram.

É por isso que o projeto inteligente explica melhor o conteúdo de informação do DNA. Imagine que você está andando na praia e percebe a mensagem “Sean ama Stephanie” inscrita na areia. O que concluiria? Você poderia pensar que Sean,

Stephanie ou algum estranho mexeriqueiro escreveu isso, mas nunca passaria pela sua mente atribuir isso ao acaso, à necessidade ou a alguma combinação das duas coisas. O vento, a água e a areia simplesmente não geram informação significativa. A conclusão mais razoável é a de que se trata de um produto de projeto inteligente. Se deduzirmos, de forma justificável, uma mente por trás de uma simples mensagem de 16 caracteres, então deduzir uma inteligência para a origem da célula — que requer centenas de milhares de bits de informação — é plenamente justificado.[7]

3. O Argumento da Lei Moral

Cada cultura humana conhecida pelo homem teve uma lei moral. Embora haja alguma variedade a respeito dos costumes considerando as diferentes culturas, há uma concordância universal espantosa sobre a validade de princípios morais, como justiça, coragem e decência. Sem apelar para uma fonte superior, especificamente Deus, o que poderia explicar o senso moral que é comum a toda a raça humana, por toda a história? De onde mais poderia ter vindo a moral?

Um padrão objetivo, universal e constante de verdade e moralidade aponta para a existência de um Deus pessoal e moral.

Em Irmãos Karamazov, o escritor russo Fyodor Dostoyevsky observou, apropriadamente: “Se não existir imortalidade da alma, não poderá existir virtude, e, portanto, tudo é permissível”. Em outras palavras, se Deus não existir, como a fundação da moralidade, então vale tudo. Isso não quer dizer que os ateus ou outros incrédulos necessariamente irão agir de maneira mais imoral do que os crentes, mas significa, sim, que perderemos uma base objetiva segundo a qual poderíamos fazer juízos morais. Se Deus não existir, então perderemos o direito de julgar os nazistas e qualquer outra pessoa de quem discordemos moralmente. Eles acreditavam estar certos. Nós pensamos que eles estavam errados. Sem uma lei superior acima da humanidade, quem pode decidir a verdade moral? Se não houver uma fonte superior, acima dos seres humanos, então a existência da moralidade é uma ilusão inexplicável.[8]

Mas, se Deus existe, então temos razões para crer na moralidade. Nós devemos

ser sinceros, porque Deus é verdadeiro e fiel. Nós devemos realizar atos de amor, porque Deus é amor. A moralidade deriva do caráter e da natureza de Deus, e é obrigatória, em sua criação. A existência de moralidade aponta para o absoluto da existência e do caráter de Deus. Somente a existência e o caráter de Deus podem explicar, apropriadamente, a moralidade.

Entretanto há aqueles que poderiam argumentar que a moralidade pode existir, independentemente de Deus. Eles afirmam que não precisamos de um Deus, para sermos bons — ou maus. No entanto, esta afirmação apresenta um problema: Como você define o bem ou o mal, sem algum padrão moral transcendente? O mal, por exemplo, é tradicionalmente interpretado como a perversão do bem; da mesma maneira que a distorção implica a existência de um padrão de algo reto, o mal implica a existência de um padrão do bem. C. S. Lewis disse que reclamar porque uma vareta está torta é algo que faz sentido somente tendo em vista o conceito de algo reto. Similarmente, pode haver mal apenas se o bem existir antes. Mas se não existir Deus, então o que define o padrão do bem? Sem Deus, nos resta apenas entender o significado do bem para nós mesmos, e o conceito do bem objetivo desaparece. “Bem” se torna uma palavra sem sentido, pois é simplesmente o que cada um de nós deseja ser, em determinado momento, ou o que a evolução nos levou a crer, cegamente.

A existência universalmente reconhecida de valores morais objetivos é uma forte razão para crer em Deus. Considere este simples argumento:

1. Se existem valores morais objetivos, Deus deve existir.

2. Existem valores morais objetivos.

3. Portanto, Deus deve existir.

Sabemos que existem valores morais objetivos. Não precisamos ser persuadidos de que, por exemplo, torturar bebês por pura diversão é errado. Todas as pessoas razoáveis sabem disso. Portanto, uma vez que existem valores morais, então Deus também deve existir.

4. O Argumento da Experiência Pessoal com Deus

Não muito depois que eu (Josh) me tornei cristão, estava em um debate, com o chefe do departamento de história, em uma universidade do Meio Oeste. Eu estava lhe dizendo o quanto o meu novo relacionamento com Deus me dera significado e propósito. Ele me interrompeu: “McDowell, você está tentando me dizer que você crê em Deus e que Ele realmente transformou tanto a sua vida? Dê-me alguns detalhes”. Depois de ouvir o que expliquei durante 45 minutos, finalmente, ele disse: “Está bem, está bem — isso é suficiente!”

As pessoas me perguntam: “Como você sabe que se tornou cristão?” “Como você sabe que Deus é real?” Bem, para começar, Ele mudou a minha vida. Esta transformação é uma das maneiras pelas quais tenho certeza da validade da minha conversão e da existência de um Deus real e pessoal.

Tenho certeza de que você já ouviu pessoas falando do “raio” que os atingiu quando tiveram a sua primeira experiência religiosa. Bem, a coisa não foi tão dramática comigo. Depois que orei nada aconteceu. Eu quero dizer, nada. E ainda não tenho asas nem uma auréola. Na verdade, depois de assumir o meu compromisso com Deus, me senti ainda pior. Na verdade, parecia que eu estava prestes a vomitar. Oh, não, em que me meti agora?, eu me perguntava. Eu realmente sentia que havia perdido o controle (e tenho certeza de que algumas pessoas pensam que perdi!).[9]

A transformação em minha vida não foi imediata, mas foi real. Durante um período entre seis e dezoito meses, soube que não havia perdido o controle. Eu havia sentido Deus, e isso mudava tudo.

Uma experiência pessoal com Deus é evidência da sua realidade. Alguns podem desafiar esta afirmativa, dizendo que uma experiência com Deus poderia, facilmente, ser uma ilusão ou uma fantasia, emocional ou psicológica. Mas os que sentiram genuinamente encontros similares ao que Paulo, o apóstolo, teve na estrada para Damasco, não se deixariam enganar. Eles sabem que é real. Essas experiências são uma das muitas afirmações da declaração de Paulo: “E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa” (Gl 3.29).

É verdade que nós, que somos seguidores de Jesus e filhos de Deus, devemos aceitar o nosso relacionamento pessoal com Deus, pela fé. Contudo isso não torna o relacionamento menos real. Sendo um seguidor de Cristo, você é um dos que recebeu o "espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.15,16).

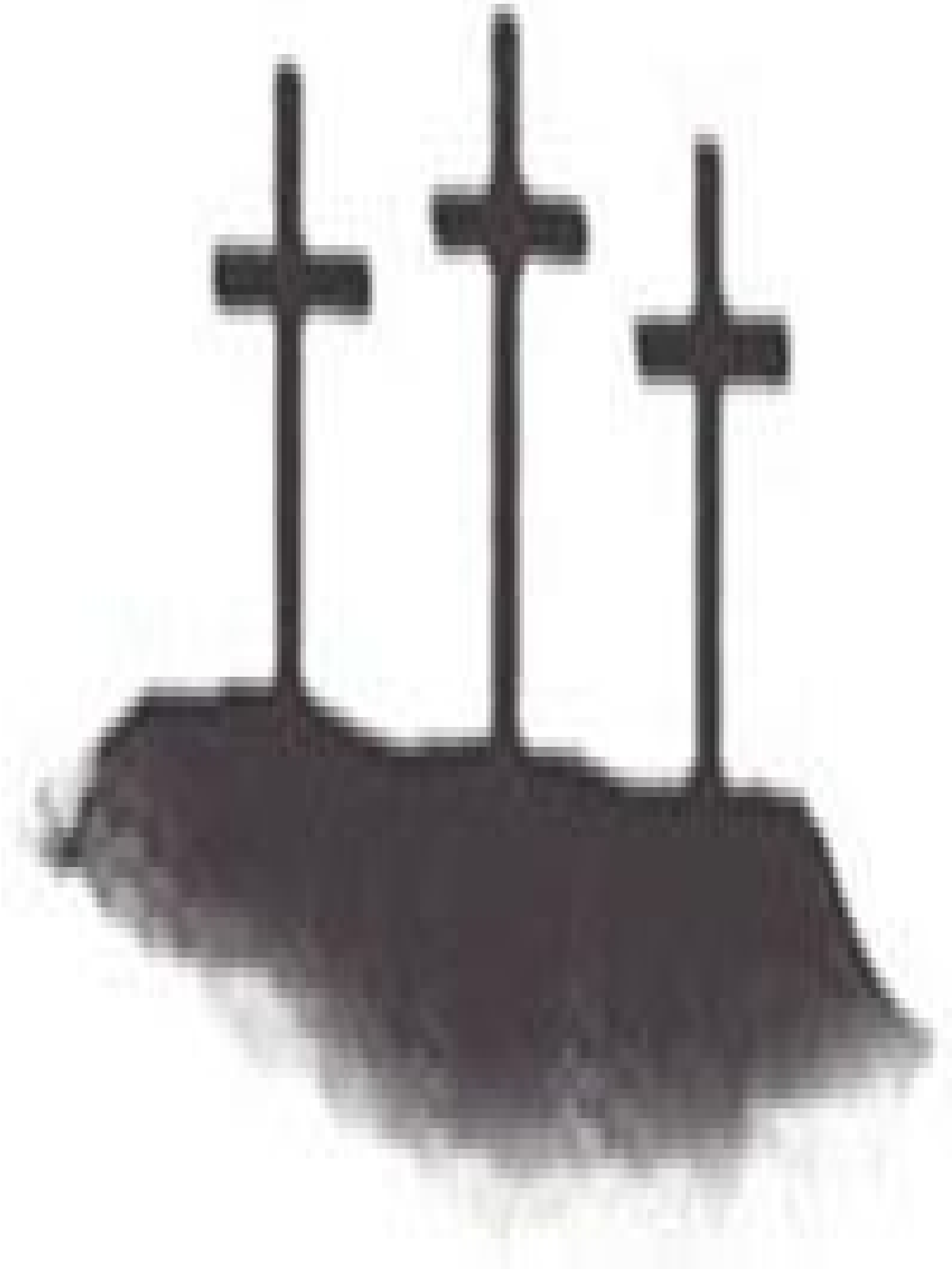
Se você teve um encontro pessoal com o Deus Criador, por intermédio de Jesus Cristo, sabe que Ele é real. A evidência de uma experiência pessoal com Deus não pode, necessariamente, ser prova suficiente para os outros, mas pode ser um dos muitos argumentos convincentes para aquele que conhece a Deus pessoalmente.

Resumo

Muitos filósofos tentaram excluir Deus de suas explicações da existência humana e do significado da vida. Mas sem um Deus Criador, pessoal e infinito, não temos vida nem significado. O famoso ateu britânico Bertrand Russell explicou isso claramente, quando declarou que é "quase certo" que o homem é o produto de causas que não tiveram previsão do fim a que estavam conduzindo; que a sua origem, o seu crescimento, as suas esperanças e temores, os seus amores e as suas crenças, são apenas o resultado de colocações acidentais de átomos; que nenhum fogo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento pode preservar uma vida individual além da sepultura; que todos os esforços das eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o esplendor da genialidade humana, se destinam à extinção, na vasta morte do sistema solar, e que todo o templo das realizações do homem deve, inevitavelmente, ser sepultado, além do lixo de um universo em ruínas.[10]

Sem um Deus Criador, pessoal e infinito, não temos vida nem significado.

Ou Deus é a “primeira causa” da vida e de todas as coisas, ou não há significado permanente para a nossa existência nem para nada que realizemos. Nós, e tudo o que fazemos, como diz Russell, morreremos “em um universo em ruínas”. Negar a existência de um Deus infinito e pessoal nos deixa sem esperança, propósito ou significado na vida. É como se fôssemos arrastados por um rápido rio e devêssemos escolher entre subir em uma pedra ou mergulhar em uma catarata. Uma opção oferece segurança e um apoio sólido sobre uma realidade estável; o outro significa o nosso mergulho em um vazio em que nada tem significado e nada é verdade.[11] Mas a evidência presente em nosso universo e na própria vida simplesmente contém grande quantidade de complexidade específica para negar a existência de nosso Projetista Inteligente. Isso nos deixa, como disse Paulo, “inescusáveis” por não conhecer a Deus (Rm 1.20). E ao conhecer a Deus e refletir a sua imagem, encontramos a alegria e a felicidade que Ele designou, tanto para esta vida como para a que há de vir. A decisão de crer em Deus e ter um relacionamento com Ele nos oferece uma maneira para compreender quem realmente somos. E este é o assunto do nosso próximo capítulo.



Capítulo Seis

A DESCOBERTA DA NOSSA IDENTIDADE

Imagine, por um momento, como deve ter sido, quando o primeiro homem e a primeira mulher foram criados. Adão, o primeiro humano, vivia no paraíso, chamado Jardim do Éden. Tudo era perfeito. Relva e flores, animais de todos os tipos, perambulando, saltando e pastando sob uma abóbada de nuvens e céu... tudo pintado em uma tela de tirar o fôlego, em perfeição e beleza.

Cada manhã devia trazer consigo uma combinação variável de formas, cores, texturas, sons e movimentos, que convergiam para trazer encanto aos seus sentidos. Pássaros musicais e cataratas borbulhantes enchiam o ar. Árvores tropicais e plantas exuberantes produziam frutos deliciosos, cujo sabor e texturas traziam alegria ao paladar e satisfação ao corpo. Ao observar o pôr do sol, o primeiro humano, sem dúvida, contemplava, com assombro, as nuvens multicoloridas se erguendo no horizonte, em uma exibição silenciosa, mas espantosa de fogos de artifício.

A beleza perfeita do seu mundo deve ter cativado a sua alma com puro arrebatamento. Da maneira como Adão estava em harmonia com seu ambiente, cada entardecer encantado deve ter resultado em tanta satisfação e contentamento que ele pensava que nada poderia superar.

Embora não tenhamos nenhum registro de que Adão tivesse reclamado de sua condição no jardim primitivo, algo, realmente, estava faltando. Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). Lembre-se, este era um mundo perfeito, sem pecado, e Adão tinha Deus como seu amigo e a insuperável beleza de seu ambiente para desfrutar. Mas Deus estava prestes a acrescentar outra dimensão à realidade de Adão.

Criado para o Relacionamento

Embora tivesse a Deus, Adão ainda não estava completo. Pois lá no fundo, habitava uma solidão dolorosa, uma sensação de desconexão emocional, e um sentimento de falta de plenitude emocional, porque algo ainda estava ausente — um relacionamento humano. Mesmo no mundo perfeito do Éden, antes que o pecado corrompesse os relacionamentos, Deus declarou que algo não estava bem: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). A solidão humana não é boa.

Assim, Deus fez com que Adão dormisse, e enquanto ele dormia, Deus formou outro humano. Imagine a reação de Adão, quando acordou. Imagine como ele deve ter olhado em meio às palmeiras que se agitavam suavemente para ver um rosto tão cativante que ele pensou que se contentaria em nunca mais olhar para nada. Ele observa, fascinado, enquanto ela sai de uma cortina de névoa, deslizando em direção a ele com majestosa elegância e graça. Quando ele a alcança, descobre que ela é suave ao toque, e a sua fragrância enche os seus sentidos. Ele sente o coração batendo mais depressa, a respiração mais profunda. Ele está maravilhado por esta criatura, chamada mulher. Ele nunca havia visto tanta beleza.

No entanto Adão estava intrigado por algo mais que apenas o seu rosto e a sua forma. Havia um mistério nesta atração. Adão sentia uma necessidade de conhecer sobre esta criatura mais do que aquilo que ele pudesse tocar fisicamente e acariciar. E foi isso o que ele fez. Eles foram levados a uma intimidade mais profunda do que os seus sentidos físicos poderiam vivenciar. Esses primeiros humanos tinham um desejo de conhecer alguma coisa sobre o outro que não conseguiam ver com seus olhos nem tocar com seus corpos físicos. Eles sentiam um desejo de uma conexão emocional, uma conexão do espírito interior, uma ligação íntima da alma. Em resumo, eles tinham um desejo de um relacionamento de amor. Porque Deus plantou dentro deles um sinal identificador da sua própria semelhança — a capacidade de ter relacionamentos de amor. É esta realidade — criada por Deus — de relacionamentos de amor que remove a solidão humana e faz com que você seja você. É a sua capacidade de ter relacionamentos que proporciona todo o significado, a felicidade e a alegria que você pode ter esperança de vivenciar.

A sua Marca de Personalidade: O DNA Relacional de Deus

“No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Depois, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gn 1.26,27). Assim, antes que existissem humanos, antes que existisse o planeta Terra, ou o universo, ou o tempo, como o conhecemos, Deus existia eternamente, como um ser de relacionamentos de amor.

Ele é um Deus de relacionamentos, pela sua própria natureza, três personalidades fundidas em perfeita harmonia — Pai, Filho e Espírito Santo. (Mais detalhes sobre a Trindade são apresentados na Verdade Número Nove.) Embora Ele seja o infinito e nós, sendo humanos, somos finitos, nós temos o seu DNA de relacionamentos, nós herdamos a sua capacidade relacional de amar outro ser humano. As Escrituras dizem, “o amor procede de Deus... pois Deus é amor” (1 Jo 4.7,8, na versão ARA).

-

A base de sua verdadeira identidade está no fato de que você foi formado, de maneira singular, à imagem de Deus.

-

Juntamente com a capacidade de ter relacionamentos — de amar a Deus e outros seres, além de nós mesmos — nós também herdamos várias características de Deus, que dizem respeito à sua natureza relacional. Nós herdamos a sua capacidade de transmitir a outras pessoas os nossos pensamentos, intenções e sentimentos. As Escrituras empregam repetidas vezes a expressão, “Deus disse”, mostrando-nos que os relacionamentos significam comunicação com outras pessoas. A capacidade de expressar e ampliar relacionamentos pela comunicação é outra maneira pela qual refletimos a imagem de Deus.

Nós herdamos o seu senso de valor por intermédio dos relacionamentos humanos e da própria vida. Deus disse: “Honra a teu pai e a tua mãe... Não matarás... E não adulterarás... E não furtarás... E não dirás falso testemunho... E não cobiçarás a mulher do teu próximo” (Dt 5.16-21). Desde que Deus entregou a Lei, no Monte Sinai até a Igreja Primitiva, e depois dela, entendia-se e ensinava-se que a vida é sagrada, em todos os estágios. Promover a justiça social, cuidar dos pobres e defender os direitos humanos, são ações que encontram a sua base em cada um de nós, pelo fato de que fomos propositadamente criados à imagem de Deus. Em seu livro The Faith,Chuck, Colson explicou bem: “Quando os cristãos de hoje veem a vida através dos olhos de Deus... somos persuadidos não apenas a cuidar dos pobres e vulneráveis, mas a defender cada direito humano, dado por Deus”.[1] Isto é porque fomos criados à imagem relacional de Deus, com valor e dignidade.

Herdamos o sentimento de satisfação e alegria de Deus, ao conseguir as coisas por meio dos relacionamentos. Depois de cada ato criativo, no Gênesis, este Deus relacional “viu que era bom” (Gn 1.10). O Pai, o Filho e o Espírito Santo encontraram alegria em seus atos criativos e coletivos como o Senhor do universo.

Herdamos do Senhor do universo a incumbência de “dominar” toda forma de vida (Gn 1.26). Deus disse aos primeiros humanos que, no relacionamento de um com o outro, deviam também viver em um relacionamento apropriado com o seu lar — o Planeta Terra. Deus disse que eles deviam administrar a terra e “lavrar e guardar” (Gn 2.15). Assim, Deus instilou em sua criação humana uma responsabilidade ambiental, de ter um relacionamento de amor com o planeta que eles herdaram.

Como você pode ver, Deus colocou os humanos em um nível acima do resto da criação, quando os criou à sua imagem e semelhança relacional. Para resumir, esta semelhança com Deus concedeu à raça humana certos dons e obrigações:

• Amar a Deus, e uns aos outros

• Comunicar-se de maneira eficaz

• Ser criativo

• Pensar de maneira lógica

• Tomar decisões morais

• Defender a dignidade e o valor de toda vida humana, ser o protetor da paz e da harmonia entre todas as pessoas, preservar a unidade e a santidade do casamento entre um homem e uma mulher e a família

• Ser o administrador da criação, e assim por diante

É esta dimensão relacional, com todas as suas ramificações, que nos distingue, como criados à semelhança de Deus, e nos dá significado especial. Mas esta dimensão relacional faz mais do que simplesmente nos distinguir do resto da criação de Deus. Ela também define quem somos e nos dá o nosso senso de realidade.

Descobrindo quem Você É

Quando fazemos uma pausa para pensar sobre isso, você e eu entendemos, a nós mesmos — a nossa identidade — em termos de relacionamentos. Nós nos percebemos — e aos outros, à nossa volta — como o filho ou a filha desta pessoa, como o marido ou a esposa daquela pessoa, e como o pai ou a mãe de alguém, como “o vizinho dos McDowell”, “o amigo de Sean” ou “o pastor de Josh”.

Embora os relacionamentos humanos possam lhe dar conhecimento sobre a sua identidade, a base de sua verdadeira identidade está no fato de que você foi formado, de maneira singular, à imagem de Deus. Como o pecado fez com que nós nascêssemos alienados e desconectados de Deus, nós perdemos aquele senso de identidade pessoal que nos fora instilado. Mesmo depois que nos tornamos cristãos, não fica automaticamente mais fácil descobrir quem realmente somos. Embora eu (Josh) confiasse em Cristo e me tornasse cristão quando era aluno de uma universidade, não compreendi, inicialmente, quem eu era. Isso aconteceu,

basicamente, porque eu tinha pouco, se é que tinha algum, contexto experimental e emocional com o qual entender o verdadeiro significado de um relacionamento de amor. Os anos em que cresci foram repletos de disfunção relacional, dor emocional e caos. Consequentemente, eu não me via, verdadeiramente, como uma pessoa distinta e única, criada para ter um relacionamento de amor com Deus e com os outros.

Ainda assim, cada um de nós é original. Nenhuma outra pessoa foi projetada como nós. Da mesma maneira como não há dois flocos de neve exatamente iguais, não há dois seres humanos criados que sejam semelhantes. Naturalmente, nós temos algumas similaridades. Se você tem um irmão ou uma irmã, provavelmente você percebe a semelhança que resulta de pertencer à mesma família. No entanto, você também sabe que são diferentes. Os pais, certamente, podem afirmar que não há dois filhos semelhantes. Cada um de nós, sendo um filho humano e um filho de Deus, tem uma identidade original. Você é um original único. Você recebeu qualidades distintas e especiais, que lhe tornam único, em termos relacionais. Deus colocou em você dons, talentos, paixões especiais e uma personalidade distinta que fazem com que você seja, singularmente, você.

As Escrituras reconhecem a nossa originalidade. Uma sutil, mas poderosa indicação disto é encontrada nas palavras familiares que escreveu o rei Salomão: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele” (Pv 22.6).

Infelizmente, este versículo é frequentemente mal interpretado e mal aplicado por aqueles que são responsáveis pela instrução dos jovens. Alguns pensam que o versículo significa, “Tenha devoções familiares, certifique-se de que os seus filhos frequentem a igreja, o grupo de jovens e uma escola cristã, e então, quando eles crescerem, não se afastarão da fé”.

A verdadeira ênfase deste versículo, no entanto, está na expressão “no caminho em que [ele ou ela] deve andar”. O autor está se referindo ao caminho do filho, à tendência dele (ou dela). O significado essencial dessas palavras sugere que devemos guiar cada filho de acordo com a sua própria unicidade. Em outras palavras, os pais devem discernir exatamente quem é seu filho — a sua unicidade, as suas habilidades, interesses e talentos — e então extrair e desenvolver essa unicidade e singularidade. Instrua a criança para ser a pessoa única que Deus a criou, relacionalmente, para que fosse.

A mesma palavra hebraica que é usada em Provérbios 22 é traduzida como "armar" em dois salmos, e se refere ao curvar dos arcos dos arqueiros (veja Sl 11.2; 64.3). Hoje, com a precisão da fabricação, praticamente qualquer pessoa pode manusear um arco com um peso de 22 quilos, puxar a corda, e conseguir atingir o alvo. Mas nos tempos bíblicos, nada era padronizado. Os arqueiros fabricavam seus próprios arcos, e cada arqueiro tinha que conhecer as características exclusivas de seu próprio arco se esperasse atingir alguma coisa com ele.

A Palavra de Deus nos diz que você tem uma singularidade inata que os seus pais e os que cuidam de você devem identificar e instruir de maneira adequada. Em Ryrie Study Bible, uma nota sobre Provérbio 22.6 explica que, "'o caminho em que deve andar', na verdade, significa 'de acordo com o seu caminho, isto é, os hábitos e interesses da criança'. A instrução deve levar em consideração a sua individualidade e suas inclinações, a sua personalidade, a maneira exclusiva como Deus a criou, e deve acompanhar o seu desenvolvimento físico e mental".[2]

Os meus pais (de Sean) entenderam esta verdade e me guiaram para que eu entendesse a minha "tendência" — os talentos, dons, inclinações e a singularidade que fazia com que eu fosse eu. O meu pai viu que eu tinha uma inclinação para jogar basquete. Eu não sou uma pessoa alta, e nem o meu pai. Mas quando jovem, Josh foi excelente no basquete, e ele pressentiu que eu tinha o mesmo talento. Ele me incentivou a buscá-lo, e me treinou, enquanto eu aprendia o jogo. E acabei realizando o meu sonho de ser atacante no time da Biola University.

Os meus pais também perceberam a minha curiosidade; eu queria saber as coisas, gostava de imaginar por que isto era verdade ou aquilo era verdade. E gostava de compartilhar com os outros o que estava aprendendo. Como eles cultivaram as minhas inclinações naturais nessas direções, acabei me graduando em filosofia e teologia, e me tornei educador e orador. Tudo isso resultou em que eu entendesse quem sou — a pessoa única e singular, que Deus criou à sua própria imagem.

Qual É a sua Identidade Exclusiva?

Deus criou você como uma pessoa especial e singular, dando-lhe vários talentos e habilidades. E Ele também colocou em você certas preferências pessoais e uma personalidade distinta que tornam você um indivíduo singular e único — uma pessoa destinada a fazer as coisas de maneiras como só você pode fazer. Deus criou você à sua imagem, como um floco de neve complexo, uma pessoa singular e única, que se destaca, perante Ele, como sua criação especial e original.

Deus deseja que você use as características exclusivas que Ele lhe deu para se relacionar, não somente com Ele, mas também com os outros. “Porque assim como em um corpo temos muitos membros”, disse Paulo, “e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Rm 12.4-5).

Nunca existirá outro “você”. Deus lhe deu dons especiais para desempenhar um papel — um propósito — que ninguém mais pode desempenhar. Você e eu queremos conhecer o nosso lugar neste mundo. Deus nos criou especificamente para aquele lugar que nós — e apenas nós — podemos ocupar.

Você tem características exclusivas com as quais poderá amar e viver por Deus, de uma maneira que apenas você está capacitado para fazer — Deus precisa de você porque nunca haverá outra pessoa que possa ocupar o seu lugar. E Ele quer exercer o seu amor e a sua vida em você, e por seu intermédio, de uma maneira exclusiva e original. Paulo declara:

E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil... Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer (1 Co 12.6, 7, 11).

Alguns aspectos da sua singularidade são prontamente aparentes. A sua identificação pessoal é distintamente sua. As suas impressões digitais são exclusivas, a sua retina é distinta, o seu rosto e o seu corpo são, pelo menos, ligeiramente diferentes dos de qualquer outra pessoa que exista no planeta. Mas não é sempre tão fácil entender a singularidade com que Deus criou você e quais

dons o Espírito Santo distribuiu a você.

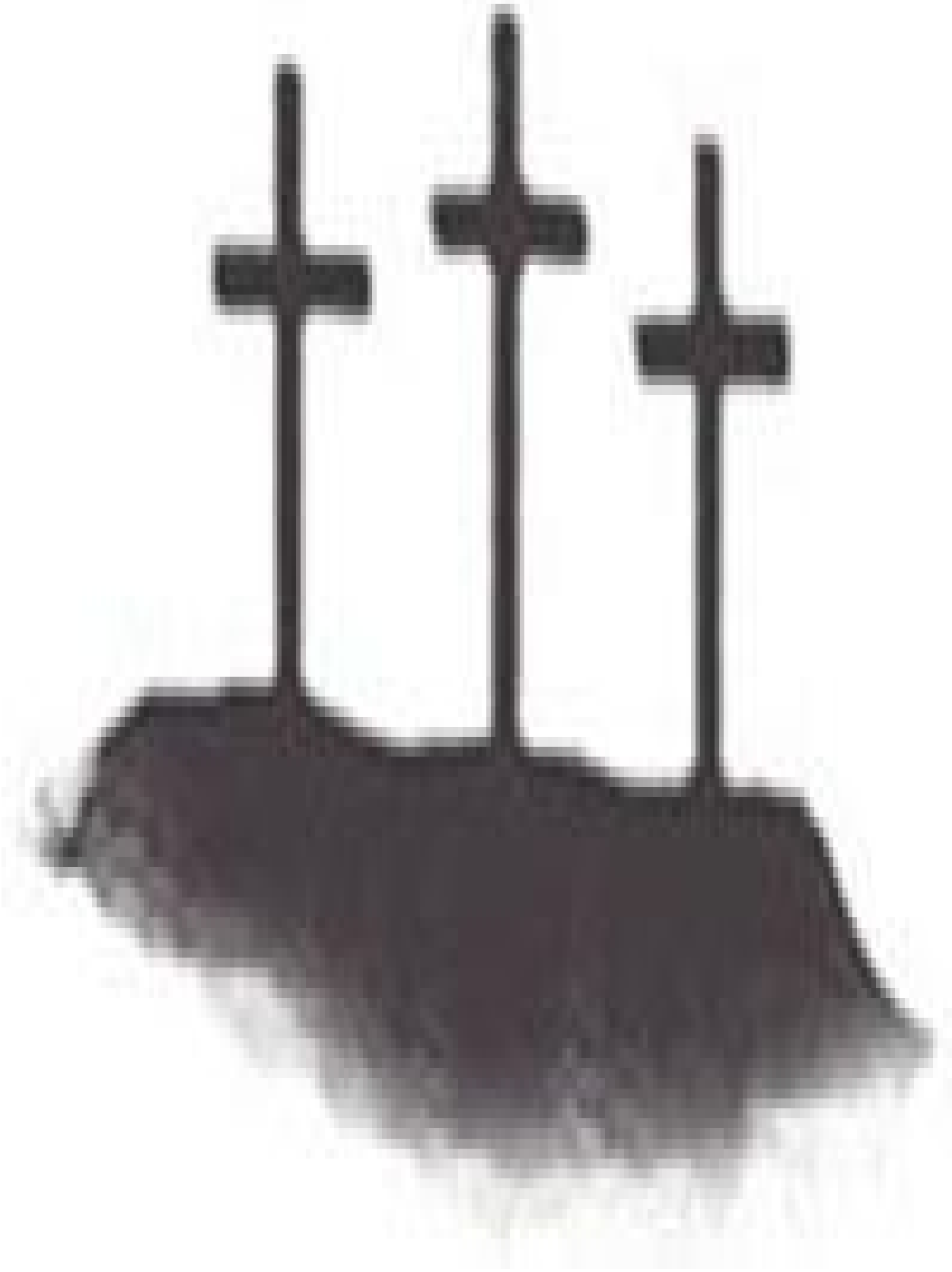
Você pode aprender a identificar a sua singularidade prestando atenção à maneira como funciona a sua mente e o que atrai o seu interesse. Deus lhe deu determinadas paixões, coisas sobre as quais você tem fortes sentimentos, coisas pelas quais você se interessa fervorosamente, coisas que lhe dão uma sensação especial de alegria quando você fala sobre elas ou as busca. Essas paixões orientam você, com relação a quem, onde e o que Deus quer que você ame na vida... como somente você pode fazer. Você consegue identificar especificamente as suas paixões dadas por Deus?

Da mesma maneira como os computadores Mac e PC têm diferentes sistemas operacionais, Deus lhe deu maneiras embutidas diferentes de processar informações e tomar decisões. Você tende a ser emocional ou racional? Refletivo ou aberto? Criativo ou sistemático? Artístico ou mecânico? Essas tendências, juntamente com as suas paixões e interesses, constituem a sua personalidade distinta. O amor de Deus deve ser expresso de maneira distinta pela sua personalidade distinta, da maneira como somente você pode expressá-lo.

Se os seus pais entenderam que você era um indivíduo único e singular e procuraram instruir você no “caminho em que [você] deve andar”, sem dúvida você teve grandes progressos na identificação do seu tipo de personalidade, os seus talentos, os seus dons especiais e o que ama na vida. Mas se você é como a maioria das pessoas, possui apenas um entendimento parcial sobre quem você é. Provavelmente você poderia ter alguma ajuda para entender. Busque “Bobb Biehl” na internet, e examine o seu livro, Why You Do What You Do. Outro recurso excelente é Discover Who You Are de Jane A. G. Kise, David Stark, e Sandra Krebs Hirsh.[3]

Mais uma ideia sobre as nossas identidades pessoais. Entender que somos filhos de Deus, que temos um lugar especial no seu corpo, não quer dizer que os incrédulos não têm talentos nem dons naturais. Não quer dizer que eles não possam entender a si mesmos e às suas singularidades de variadas formas. O que isso significa, no entanto, é que, a menos que as pessoas conheçam a Deus como seu Pai, por meio de Cristo, e até que elas o façam, elas nunca entenderão o seu verdadeiro lugar neste mundo. Um não cristão pode exercer um talento ou uma habilidade, mas isso nunca será plenamente expresso como deveria ser, ou nunca trará o máximo significado para a sua vida. Deus nos criou à sua imagem, e quando nós vivemos o seu caminho, a sua verdade e a sua vida, encontramos a

nossa verdadeira identidade e sentimos pura alegria, porque estamos sendo o que fomos criados para ser. Estamos refletindo a sua imagem. Saber quem somos e viver como Deus desejou que vivêssemos nos traz uma sensação de significado e propósito na vida.



Capítulo Sete

EXIBIR A IMAGEM RELACIONAL QUE VOCÊ TEM DE DEUS

saber que você é um ser relacional, criado à imagem de Deus, é importante. Mas como você exibe esta imagem, no relacionamento com os outros? Como declaramos anteriormente, refletir a imagem de um Deus relacional inclui determinadas responsabilidades sociais, escolhas morais e éticas, criatividade, etc. Estas responsabilidades derivam diretamente da característica essencial que melhor define Deus — o amor. “Deus é amor”, diz João, “E aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é em nós aperfeiçoado o amor... pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo.” (1 Jo 4.16,17 ARA). É como se Deus colocasse em nós um anseio por exibir a nossa natureza relacional, um anseio por amar alguém e ter alguém que nos ame de modo suficientemente intenso para explorar as profundezas de quem somos, realmente, como pessoas criadas à imagem de Deus.

O Processo do Amor Relacional

Os relacionamentos que são duradouros e mais significativos são aqueles em que nós conhecemos outra pessoa intimamente e permitimos que ela nos conheça de igual maneira. É quando acontece o processo de amor relacional, de conhecer e ser conhecido.

Conhecer os Outros

Uma das palavras que as Escrituras usam para indicar a intimidade duradoura é a palavra hebraica yada, que significa “conhecer”. A palavra indica um conhecimento profundo e íntimo. Uma jovem de 16 anos me enviou (a Josh) uma das melhores definições de intimidade que eu já vi. Ela escreveu: “É a capacidade de ser verdadeiro com outra pessoa... sem ilusões, sem barreiras”. Todos nós queremos ser verdadeiros e ser conhecidos. É como se as pessoas ao seu redor tivessem um sinal ao redor de seus pescoços, dizendo, Por favor, conheça-me! No livro de Jeremias, Deus usa esta palavra para dizer ao profeta: “Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci” (Jr 1.5). Deus nos conheceu intimamente antes que nascêssemos, e Ele quer nos ensinar como podemos conhecer os outros intimamente.

Ser criado à imagem de Deus quer dizer que somos complexos e de projeto intrincado. Portanto, é preciso tempo para explorar as profundezas relacionais das pessoas a quem você ama — descobrir do que gostam ou do que não gostam, investigar seus interesses e desejos e o quanto são maravilhas. Quando uma pessoa sente que alguém deseja conhecê-la verdadeiramente, e amá-la por quem ela é, começa a vivenciar o relacionamento como Deus desejou. E quando isto acontecer você estará reproduzindo o DNA da imagem de amor de Deus.

Ser Conhecido

O rei Salomão disse que “com os sinceros está o seu segredo [do Senhor]” (Pv 3.32). A amizade (ou segredo), neste versículo, é a palavra hebraica sod que significa revelação vulnerável ou transparente. Em outras palavras, Deus oferece a sua amizade — uma revelação transparente de si mesmo — aos sinceros. Deus deseja que o conheçamos intimamente. O Senhor disse: “Eu quero misericórdia e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6.6).

Deus se alegra em se revelar a nós, e Ele nos criou à sua imagem e semelhança para se revelar aos outros. Esta é outra dimensão para vivenciar relacionamentos profundos de amor. Não é fácil abrir-se e ser vulnerável. Pode ser arriscado, e às vezes nós podemos sair feridos. Mas é um risco que vale a pena correr.

Quando você inicia relacionamentos íntimos com outras pessoas, é importante

deixar que elas o conheçam da maneira como você realmente é, lá no fundo. Deixe que elas conheçam os seus sonhos e aspirações, os seus temores e hesitações, as suas esperanças e expectativas. À medida que você aprender a se "autorrevelar", estará espelhando uma semelhança com Deus e vivenciará um relacionamento mais profundo de amor com os outros.

Envolva-se

O rei Davi escreveu: "Senhor, tu me sondaste e me conheces... e conheces todos os meus caminhos" (Sl 139.1,3). A palavra hebraica sakan, traduzida como "conhecer" aqui, significa ter um envolvimento de cuidado e carinho. Deus possuía muito mais do que simplesmente um conhecimento de informações sobre Davi; Ele estava carinhosamente envolvido na vida de Davi. O DNA do Deus dos relacionamentos não apenas nos conhece e deseja que nós o conheçamos; Ele quer estar amorosamente envolvido em nossa vida.

Para que nós façamos o mesmo, devemos estar envolvidos na vida daqueles a quem amamos. Isto significa entrar em seu mundo, e nos interessarmos por aquilo que os interessa. Quando você se interessar sinceramente por outra pessoa e demonstrar estará exibindo a imagem de Deus, e o seu relacionamento com a outra pessoa se aprofundará.

Quando eu (Sean) tinha aproximadamente dez anos de idade, realmente gostava de carros esportivos. Eu recortava de revistas fotografias de carros como Maserati, Lamborghini, e a Ferrari Testarossa. Eu as fixava na parede do meu quarto e achava aqueles carros muito bacanas.

O meu pai percebeu o meu recente interesse, e, certo dia, ele realmente me surpreendeu. Ele havia procurado nas Páginas Amarelas e escolhido alguns dos melhores negociantes de carros esportivos em Beverly Hills. A seguir, enviou a cada negociante uma carta que dizia:

Eu sou um pai desesperado, e quero fazer qualquer coisa para passar algum

tempo com o meu filho, e agora ele se interessa por carros esportivos. Seria possível que eu o buscasse da escola um dia, e o levasse à sua loja, para que nós fizéssemos alguns test-drives? No entanto, eu já lhe aviso de antemão, que não estou interessado em comprar um carro.

Espantosamente, meu pai recebeu respostas positivas de cada negociante. Ele telefonou e marcou horários para nós, e fomos de carro até Beverly Hills (uma distância de cerca de 240 quilômetros) para passar um dia nas lojas de carros esportivos. E que dia foi esse! Papai esperou nas lojas enquanto eu saía nos test-drives com os vendedores e "experimentava" praticamente cada carro de nome complicado que você puder imaginar. Quando eu chegava à loja, e entrava em cada carro, eu acenava para papai — eu estava muito orgulhoso.

E além dos test-drives ganhei pôsteres, alguns dos quais autografados por famosos pilotos de carros de corrida. Foi um dia incrível. No caminho de volta para casa, conversamos sobre quais carros havíamos gostado mais e examinamos todos os folhetos, livros e pôsteres que eu havia recebido. Então, gentilmente, papai mudou de assunto e começou a conversar comigo sobre encarar tudo isso sob a luz de nossa perspectiva cristã.

"Você sabe, Sean", disse ele, "todos esses carros são divertidos, mas eles custam imensas quantias de dinheiro. Nós deveríamos estar pensando sobre o que Deus quer que nós valorizemos, como uma família". Ele explicou, "Vamos ver o que nós fizemos hoje, à luz do amor de Deus por nós... o que Cristo fez na cruz... para que Ele nos criou". E com este princípio, Ele conseguiu me transmitir, aos dez anos de idade, uma das melhores lições sobre o materialismo que poderia ter ensinado. Ele não o fez como uma pregação, mas conseguiu me explicar como nós podemos gostar de certas coisas e desfrutá-las, mas o seu custo as rebaixa a uma categoria muito inferior, em comparação com a importância de nossa posição, como seguidores de Jesus.

Eu nunca me esqueci dessa lição sobre o materialismo. Porém estou convencido de que a lição sobre o que nós valorizamos na vida nunca teria sido aprendida, se o meu pai não tivesse entrado no meu mundo e não tivesse me demonstrado que me amava, concentrando-se nos meus interesses. A verdadeira lição daquele dia, que me moldou e formou como um pai e um marido, é que eu devo entrar na vida de minha esposa e de minha família, para poder amar e ser amado.

Conversar sobre o Contexto Relacional de Vida

Tudo o que está ao nosso redor e dentro de nós reflete o fato de que fomos criados para relacionamentos. Você pode falar sobre valores morais ou sobre a criação ao nosso redor — seja o que for, estará baseado no relacionamento de Deus conosco.

Coloque os Mandamentos de Deus em um Contexto Relacional

Sempre que você conversar com alguém sobre os mandamentos e as regras de Deus, sempre os coloque no contexto da sua motivação amorosa de atender as nossas necessidades e nos proteger. Isso é importante, porque muitas pessoas consideram os mandamentos divinos restritivos e rígidos. Mas a verdade é que os mandamentos de Deus vêm de quem Ele é e do seu desejo de nos abençoar. Descubra os cuidados amorosos e a proteção que estão por trás de seus mandamentos, e você descobrirá o amor que reflete o Seu caráter. Isto é o que devemos ensinar.

Os mandamentos de Deus têm o objetivo de nos abençoar. Por exemplo, lemos que não devemos roubar os outros, nem mentir ou trapacear (veja Êx 20.15,16). Em outras palavras, devemos viver honestamente, porque Deus é verdadeiro. “Ele é a Rocha”, declarou Moisés, “cuja obra é perfeita... Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é” (Dt 32.4). A sua natureza é verdadeira — Ele não se desvia da própria essência do fato de que Ele é santo e justo. A razão pela qual o autor da epístola aos Hebreus disse, “É impossível que Deus minta” (Hb 6.18) é o fato de que Deus não pode negar a sua própria natureza. E quando vivemos honestamente, refletimos a natureza verdadeira de Deus. Fazendo isto, estamos protegidos da culpa e desfrutamos de uma consciência limpa. Estamos protegidos da vergonha e temos uma reputação de integridade. Estamos protegidos de relacionamentos arruinados e desfrutamos de relacionamentos baseados na confiança.

Quando colocamos os mandamentos de Deus em um contexto relacional... podemos perceber que, ser como Ele, é algo para a sua glória e para o nosso benefício.

Quando minha (de Josh) filha Kelly estava na quarta série, vários alunos de sua classe pegaram um objeto da mesa da professora enquanto ela estava fora da sala de aula. As crianças apenas queriam brincar com o objeto, mas ele se quebrou. Então, o devolveram ao seu lugar anterior, sobre a mesa da professora.

Quando a professora descobriu a avaria, perguntou a uma das colegas de Kelly o que havia acontecido. A garota se rendeu à pressão do grupo e mentiu. A seguir, a professora perguntou a Kelly, que explicou honestamente o que havia acontecido.

No dia seguinte, levei Kelly para tomar o café da manhã no Rong Branch Cafe, um restaurante local. Eu lhe disse que ela havia feito a coisa certa, apesar de qualquer pressão ou insistência importuna que pudesse receber de seus colegas.

“Querida”, perguntei, “por que é errado mentir?”

“Porque a Bíblia diz que é errado”, respondeu ela.

“Por que a Bíblia diz que é errado?”

“Porque Deus ordenou”.

“Por que Deus ordenou?”

“Eu não sei”, admitiu ela.

Peguei as mãos dela e olhei nos seus olhos. “É porque Deus é verdadeiro. Pela sua própria natureza, Ele não pode ser desonesto. Assim, o que você fez, quando disse a verdade, foi agir como Deus. Você refletiu a sua natureza”. Nós

continuamos conversando sobre os muitos benefícios de ser uma pessoa honesta.

Quando colocamos os mandamentos de Deus em um contexto relacional, isto é, quando nos vemos como suas criaturas, com um relacionamento de amor com Ele e destinados a sentir alegria quando refletimos a sua natureza — podemos perceber que, ser como Ele, é algo para a sua glória e para o nosso benefício. Isto permite que evitemos ver as suas regras como restritivas ou legalistas.

Coloque as suas Próprias Instruções em um Contexto Relacional

Como pai, obviamente você não precisa dar a seus filhos uma razão ou um benefício para tudo o que lhes diz que devem fazer. No entanto, eles precisam entender que todas as suas instruções e regras vêm de seu coração amoroso por eles, e um desejo afetuoso pelo seu melhor interesse.

Enquanto crescia, eu (Sean) me lembro de ocasiões em que meu pai ou minha mãe nem sempre me deixavam ir a todos os lugares, ou comprar tudo o que eu desejasse. Naturalmente, eu ficava desapontado, e às vezes reclamava ou discutia com eles. Agora, ao relembrar aqueles tempos, o que mais me chama a atenção não são as discussões ou o desapontamento que eu sentia, mas os seus constantes lembretes desta única coisa: Eles diziam, “Sean, espero que você saiba que as coisas devem ser assim, porque eu amo você”. Este era o tema.

Quando jovem, certamente não conseguia entender a profundeza do amor de meus pais. Eu entendo melhor agora que sou pai. Porém saber que eles me amavam, e desejavam verdadeiramente o melhor para mim, me impediu de cometer alguns erros graves. Isto não quer dizer que eu sempre lhes dei ouvidos. Como qualquer garoto, eu tive a minha cota de más escolhas. Mas saber que os meus pais verdadeiramente me amavam foi uma força poderosa e motivadora para levar a sério a sabedoria deles. Ninguém pode ser um pai perfeito, todavia podemos ser pais profundamente amorosos. Nós podemos procurar fazer com que os nossos filhos saibam que nós os corrigimos por que os amamos.

Use os Fascínios da Natureza para Louvar a Existência de Deus

Aproveite o nosso mundo natural para apontar para o nosso Projetista Inteligente, Deus. Você pode fazer isto com colegas de escola, amigos ou a sua família. Filmes sobre a natureza ou um passeio ao zoológico podem servir como grandes oportunidades para nos maravilhar com o espantoso projeto de Deus para o mundo. Você pode propor perguntas como, “O que uma rosa nos diz, a respeito de Deus, e o que Ele gosta?” ou “Por que Deus criou as girafas com pescoços tão compridos?” Nós não temos que conhecer, necessariamente, todas as respostas, para nos maravilhar com a milagrosa criação de Deus e louvá-lo por ela.

Há algum tempo, a BBC produziu uma série de televisão, chamada Planeta Terra. Muitos dos meus amigos (de Sean) estavam falando sobre isso, e decidi comprar os DVDs, para ver o motivo de tanta comoção. Fiquei completamente maravilhado! As cenas de natureza que eles captaram eram absolutamente maravilhosas. Depois que mostrei alguns episódios à nossa família, o nosso filho caçula, Scottie, começou a perguntar, “Podemos ver Planeta Terra hoje à noite?”

Na minha cena favorita, um gigantesco tubarão branco persegue uma foca. Os tubarões são velozes e poderosos; a foca é mais ágil. Mas apesar de sua agilidade, a foca não consegue escapar do mais temido predador da terra. A perseguição termina quando o tubarão se lança para fora da água, e pega a foca com seus dentes, em pleno ar. A cena em câmara lenta valeu o preço da série inteira. Incrível.

Minha esposa e eu aproveitamos a oportunidade proporcionada pela série para comemorar as poderosas forças da Criação de Deus com nosso filho, usando a natureza como um trampolim para transmitir uma perspectiva bíblica. “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?” (Sl 8.3,4).

Se você tem um interesse por astronomia, flores ou jardinagem, ou se sente fascinado por abelhas, formigas, baleias ou a hibernação dos ursos, você pode usar esses interesses para se maravilhar, em voz alta, com o milagre da criação e o que ele pode sugerir sobre a natureza do nosso Deus Criador. A física e o

estudo da gravidade, a luz, a energia atômica ou a eletricidade são outros campos ricos em mistérios que inspiram maravilha pelo Deus da Criação. Você não precisa ser um cientista ou um botânico para ver o mundo natural como um meio para glorificar a Deus diante dos que estão à sua volta. Sair em uma caminhada e se maravilhar com a criação de Deus pode ser igualmente eficaz.

Use o Milagre do Nascimento para Louvar a Existência de Deus

Use o nascimento de um bebê ou a lembrança do dia em que uma pessoa nasceu para se maravilhar com o milagre do nascimento. O rei Davi disse: “Possuíste o meu interior; entreteceste-me no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem” (Sl 139.13,14).

Os aspectos fascinantes de nossos corpos complexos podem ser usados para louvar a Deus por esta obra. Talvez você se lembre, da biologia do ensino médio, que a forma do DNA, em “dupla hélice”, se assemelha a uma escada torcida. Cada degrau é uma parte do nosso código genético, e, espantosamente, cada célula no seu corpo contém uma cópia completa do DNA a respeito de tudo sobre você. A sequência desses degraus proporciona um padrão para a produção de cada elemento de vida. Não apenas isso, mas nas células reprodutoras de cada ser humano está a informação que, quando combinada com a informação genética de um parceiro, resulta no padrão genético transmitido a um filho.

Em outras palavras, o DNA é o que determina, não apenas quem nós somos, mas também como serão os nossos filhos. Use informações fascinantes como esta, para reverenciar o nosso Deus Criador. Maravilhe-se em voz alta, a respeito de “Como seria saber tudo o que há para saber?”; “Qual será a aparência de Deus?”; “Será que Ele tem uma cor favorita?” “Por que Ele nos ama tanto?” Este exercício não tem a intenção de humanizar Deus, mas ajudar as pessoas ao seu redor a entender que, por um lado, embora Deus seja infinito e esteja além da nossa compreensão, por outro, Ele é um Deus relacional e acessível que sabe até mesmo quantos fios de cabelo há em nossa cabeça.

Ensine aos seus Filhos a Base para uma Perspectiva Bíblica

Sendo um educador cristão, eu (Sean) estou constantemente pensando em maneiras simples para ensinar aos meus alunos uma perspectiva bíblica. Eu lhes explico que cada perspectiva deve responder a três perguntas:

1. Origem — como chegamos aqui?

2. Dificuldade — o que deu errado?

3. Solução — como podemos solucionar isso?

Desde que Deus criou o mundo, tudo era originalmente bom (origem). Mas os seres humanos distorceram essas boas coisas, e as tornaram más (dificuldade). Deus enviou o seu filho, Jesus, para morrer na cruz pelos nossos pecados, para que pudéssemos ser restaurados em nosso relacionamento com Ele (solução).

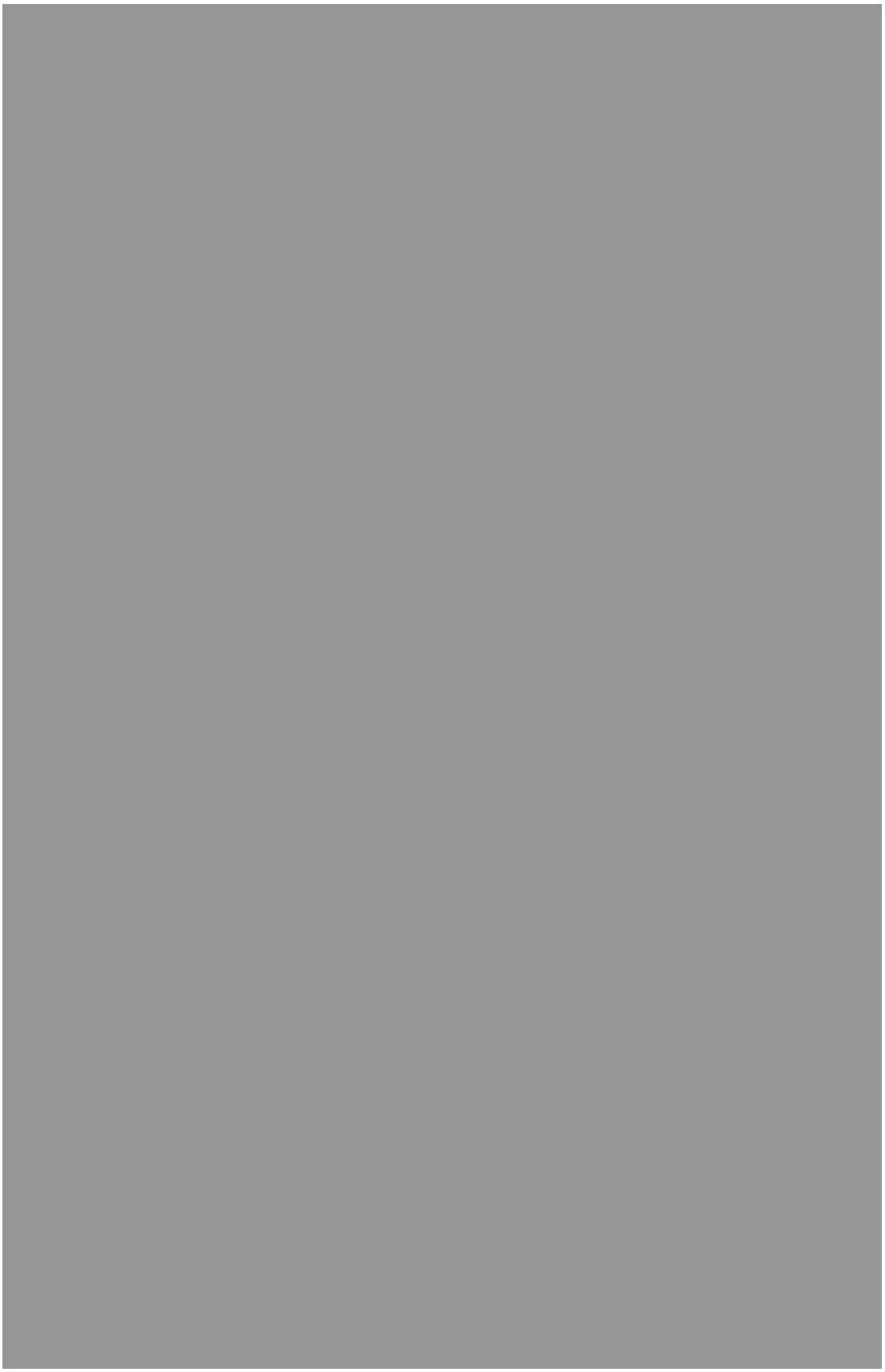
Para aplicar esta verdade, normalmente proponho a meus alunos uma pergunta, como: “O que dá valor aos seres humanos?” A resposta, é claro, é o fato de que eles foram criados à imagem de Deus (origem). A seguir, pergunto: “Como esta verdade foi distorcida?” As respostas incluem as falsas noções de que o nosso valor deriva de nossas posses, nossa aparência, nosso sucesso, e assim por diante (dificuldade). A seguir, pergunto: “Como podemos voltar a nos ver como Deus nos vê?” (solução). A resposta, é claro, é substituir as falsas noções que aceitamos da nossa cultura pela verdade bíblica. Você pode fazer este pequeno exercício, usando qualquer coisa que Deus tenha criado, incluindo a arte, os esportes, o trabalho, a música, os relacionamentos, e assim por diante. Ao propor estas perguntas sobre vários assuntos, você pode ajudar as crianças a formar uma perspectiva bíblica.

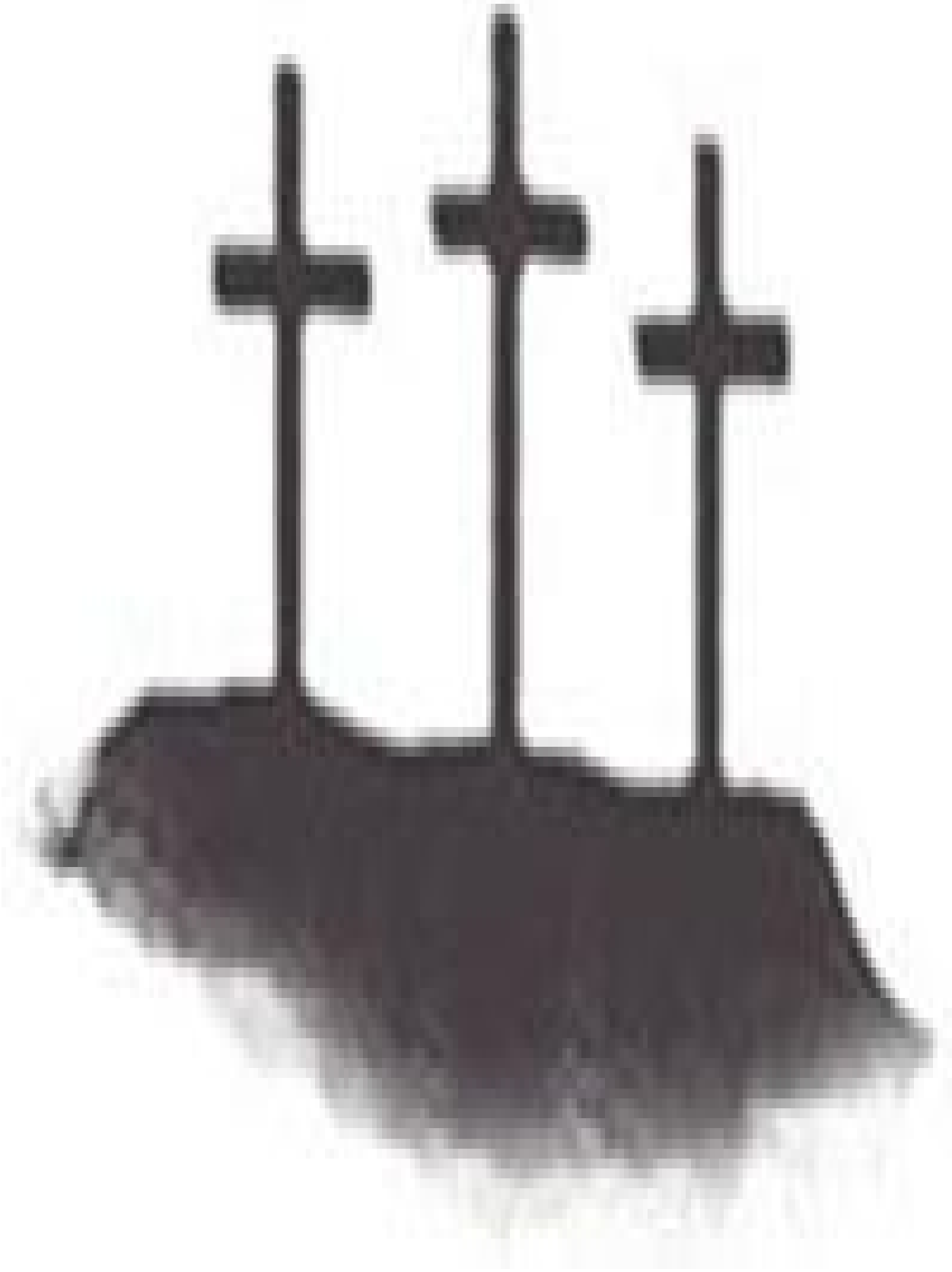
Resumo

Como nós cremos na verdade de que existe um Deus pessoal que nos criou à sua imagem, podemos desfrutar dos benefícios da sua criação, em particular os relacionamentos de amor. A nossa ética, a nossa moral, as responsabilidades sociais e cívicas e a capacidade de amar e ser amado se originam do fato de que fomos criados à imagem relacional de Deus. Nós encontramos a nossa verdadeira identidade no nosso Criador. E quando exibimos quem somos, no contexto de amor da imagem e semelhança de Deus, isso traz prazer a Ele e propósito, significado e alegria a nós.

Verdade Número Dois

A Palavra de Deus





Capítulo Oito

POR QUE DEUS

NOS DEU AS SUAS PALAVRAS

Quando Sean tinha 12 anos de idade, e sua irmã, Kelly, tinha 14, eu (Josh) escrevi um livro com 15 cartas para eles. A capa do livro continha os dizeres: “Meus preciosos filho e filha, aqui estão as cartas que prometi. Elas vêm do fundo do meu coração... Com amor, papai”. A primeira carta dizia, em parte:

Querida Kelly... Querido Sean,

Se as cartas tivessem braços que pudessem abraçar, elas estariam apertando vocês agora, com o abraço mais apertado do mundo.

Nos últimos anos, vocês sabem que estive por toda a América do Norte, falando, aparecendo no rádio e na TV e conversando com os jovens sobre a sua sexualidade. Vocês estiveram comigo em muitas dessas viagens.

Fico realmente ferido quando ouço as histórias pessoais que os rapazes e as garotas me contam. Fico com o coração partido, quando eles falam como a sua vida está em desordem, porque eles não entenderam o plano de Deus ou não sabem como controlar a sua sexualidade.

Se há um presente que a sua mãe e eu queremos que você, Kelly, e você, Sean, tenham, é o presente da integridade sexual. E esse presente pode ser de vocês, se vocês conseguirem atravessar os seus campos minados de pressão sexual da adolescência sem ser destruídos emocionalmente. Para ajudar vocês a vencer, eu lhes estou dando este livro. Ele é um tipo de mapa para o caminho, obtido com

as melhores noções, experiências, sugestões e segredos que eu pude aprender durante 20 anos de casamento com a sua mãe...

Bem, querida Kelly e querido Sean, aqui estão as minhas cartas para vocês dois. Oh, como eu amo vocês!

▪

Cada mandamento e instrução de Deus se origina do seu coração amoroso, para cuidar de nós e nos proteger.

▪

— Papai

PS — Eu não me importo se vocês quiserem compartilhar estas cartas com alguns de seus amigos que possam achá-las úteis.

Embora eu (Sean) tivesse apenas 12 anos quando meu pai me deu este livro de cartas, ele teve um profundo impacto sobre a minha vida. Isso foi profundo, porque o livro se tornou o fator motivador para a abstinência da imoralidade sexual. À primeira vista, você pode pensar que segui as diretrizes para pureza sexual porque elas me foram apresentadas de maneira muito explícita em um livro. Mas não foi isso o que me influenciou tão profundamente. Foi o fato de que, de um coração de amor de um pai, viessem diretrizes para me proteger de problemas e desgostos, e me darem a máxima alegria em meus futuros relacionamentos. Papai simplesmente queria que eu vivenciasse o que ele tinha, na vida e no casamento.

Cartas de um Coração Amoroso

O seu pai terreno pode não ter escrito um livro para você, mas o seu Pai celestial escreveu. O seu livro, que é chamado Bíblia, é como cartas do seu coração para você. Elas foram escritas “para que... a vossa alegria seja completa” (Jo 15.11). Elas são o “mapa do caminho” de Deus para você. São os “segredos” dEle, sobre como você pode atravessar os campos minados do mundo que ameaçam lhe trazer pesar e infelicidade. A Palavra escrita de Deus vem do coração de um Pai.

“Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16,17). Então, todos os ensinamentos das Escrituras — quer estejam na forma de instrução, parábola, admoestação, preceito, ordenança ou mandamento — têm o propósito de revelar quem Deus realmente é e fornecer uma explicação detalhada dos seus caminhos. Assim, quando Deus diz, “evitem esta atitude”, “sigam este caminho”, “abstenham-se destas ações” ou “aceitem estes pensamentos”, Ele não está tentando nos impedir de sermos felizes. Ele está tentando nos conduzir a um modo de vida correto, no relacionamento com Ele. Isto é o que traz prazer a Ele e felicidade e alegria para nós.

Cada mandamento e instrução de Deus se origina do seu coração amoroso, para cuidar de nós e nos proteger. Como Moisés disse à nação de Israel:

Guardai os mandamentos do Senhor e os seus estatutos, que hoje te ordeno, para o teu bem... Eis que hoje eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: a bênção, quando ouvirdes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, que hoje vos mando; porém a maldição, se não ouvirdes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno (Dt 10.13; 11.26-28).

Ao nos ordenar que o amemos, Deus está dizendo, na verdade: “Dediquem-se a me conhecer intimamente, e abram-se para mim completamente, de modo que os meus caminhos se tornem os seus caminhos”. O desejo de Deus para os seres humanos é tal que um relacionamento íntimo com Ele é a única maneira de conseguirem ter vidas significativas de alegria. Moisés entendeu isto, e implorou a Deus: “Se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber

o teu caminho, e conhecer-te-ei” (Êx 33.13). Seguir os caminhos de Deus leva a conhecê-lo; conhecê-lo leva a ser e viver como Ele; ser e viver como Ele leva à alegria.

Em outras palavras, quando demonstramos o nosso amor por Deus, agindo em conformidade com os seus caminhos, nós desfrutamos da bênção de Deus, porque os caminhos de Deus refletem quem Ele é — o Deus supremo, bom e perfeito. Quanto mais conseguimos viver como Ele, mais perto chegamos da bondade e da perfeição. Ser honestos, por exemplo, traz bênçãos porque Deus é verdade. Permanecer sexualmente puro traz bênçãos, porque Deus é santo. Tratar os outros com justiça traz bênçãos, porque Deus é justo.

Os mandamentos e as instruções de Deus para que ajamos de determinadas maneiras se originam de quem Ele é e como Ele mesmo age. Quando procuramos conhecê-lo intimamente — amá-lo — podemos adotar os seus caminhos e colher os benefícios. O salmista Davi disse, em Salmos 19, que os caminhos do Senhor refrigeram a alma, nos dão sabedoria, nos alegram o coração e nos dão esclarecimento para a vida. Esta é a sua provisão de amor. A vida sem Ele resulta em culpa, aflição emocional, vergonha, solidão e relacionamentos destruídos. É disto que Ele quer nos proteger.

Assim, nós podemos dizer que a Bíblia é um conjunto perfeitamente correto de leis e diretrizes que se originam de um Deus perfeitamente correto, que nos instruem para que vivamos como Deus desejou que vivêssemos. Portanto,

-

Nós cremos na verdade de que a Bíblia é a revelação que Deus fez de si mesmo para nós, e que ela declara os seus caminhos que devemos seguir.

-

A Bíblia nos revela um Deus relacional, o Deus que “falava a Moisés face a face, como qualquer fala com o seu amigo” (Êx 33.11). É a revelação de que “o nome do Senhor é Zeloso” no seu relacionamento com você (Êx 34.14). E é uma revelação que, desde as primeiras palavras que Moisés escreveu no livro de Gênesis até a última palavra que João escreveu no livro do Apocalipse, reflete o

coração amoroso de um Deus que deseja que estejamos em um relacionamento correto com Ele para que possamos desfrutar todos os benefícios que esse relacionamento oferece.

Para resumir: As Escrituras são o meio pelo qual Deus decidiu revelar-se para que Ele possa ter um relacionamento com você. A Palavra de Deus — o registro de todos os seus caminhos — é entregue a você com um propósito relacional, para que possa conhecê-lo e desfrutar de todas as bênçãos de um relacionamento com o seu amoroso Criador.

Faz Diferença se É Confiável ou Não?

Imagine um grupo de cristãos, com idade de alunos de faculdade, reunidos para um estudo da Bíblia. Ouça como segue o bate-papo, quando eles começam a conversar sobre o propósito da Bíblia.

Chad, o líder do pequeno grupo, puxa uma cadeira e se senta, enquanto começa a conversar com os doze estudantes reunidos para o estudo.

— Eu gostaria de começar uma nova série — disse Chad. — Vocês gostariam de fazer este estudo sobre “Como aproveitar ao máximo a sua Bíblia?” — ele pergunta segurando um folheto sobre o estudo. O grupo acena com a cabeça, em aprovação.

— Muito bem, vou começar propondo uma pergunta: Qual é o propósito da Bíblia?— Ele olha ao redor da sala, para os rostos expectantes. — Como vocês descreveriam o que ela faz por nós?

Os momentos passam. Alguns do grupo parecem estar pensando.

Finalmente, Allen decide falar:

— É a verdade de Deus. É a Palavra inspirada de Deus.

Chad concorda com a cabeça.

— Muito bem. E o que mais?

— É... o livro com os ensinamentos cristãos — propôs Sara.

— São os ensinamentos da religião judaica, também — acrescentou Megan — pelo menos, o Antigo Testamento.

Várias outras pessoas do grupo se manifestaram, oferecendo outras respostas.

— Muito bem — disse Chad, indicando a sua aprovação com a cabeça. — Essas são boas respostas. Mas deixem-me apresentar uma descrição um pouco diferente da Bíblia e ver o que vocês pensam. Ele deu uma olhada para o seu folheto, e leu: “A Bíblia é o manual de instruções de Deus para a vida. É o nosso mapa para o céu. É a carta de amor de Deus para nós. É o meio que usamos para conhecê-lo”.

Ele permitiu que as palavras se sedimentassem por um momento, e então segurou a sua Bíblia em uma das mãos e continuou:

— Assim, se as pessoas não estudam este livro, não podem conhecê-lo muito bem.

— E se não tivermos toda a Bíblia? — interrompeu Allen. — E se estiverem faltando livros ou capítulos? Isso significa que não podemos conhecer a Deus?

— Bem... — começou Chad colocando a sua Bíblia no colo.

— Sim — intercedeu Sara. — E se Deus, na verdade, nos deu 15 mandamentos, mas temos apenas 10 deles?

— Ei, devagar — começou Chad levantando a mão, como se tentasse parar o trânsito. — Não vamos nos entusiasmar.

— Mas Sara e Allen estão certos — protestou Megan. — E se as pessoas que escreveram a Bíblia não escreveram tudo o que Deus disse... ou talvez eles tenham entendido tudo ou algo errado. Isto quer dizer que estamos sem sorte? É isso o que vocês estão dizendo?

Chad suspirou profundamente e olhou para o grupo, com a expressão congelada. Finalmente, ele disse:

— Querem saber de uma coisa, talvez este seja um bom momento para uma pizza. — Ele olhou para os rostos curiosos pela sala. — Eu... bem, vamos voltar a estas questões algum outro dia, está bem?

Não podemos culpar Chad por ter sido surpreendido um pouco desprevenido. As perguntas que os colegas estão fazendo podem angustiar até mesmo o mais experiente professor da Bíblia. Mas são boas perguntas — dúvidas que devem ser respondidas se esperamos desenvolver um entendimento profundo, sólido e duradouro da Bíblia. E são perguntas que inevitavelmente confrontarão a cada um de nós e aos nossos filhos, em uma sociedade pós-moderna, que considera a verdade religiosa como algo que pode ser determinado subjetivamente.

Se a Bíblia é apenas uma coleção útil de bons pensamentos, então não importa muito se algumas de suas partes tiverem desaparecido ou tiverem sido mal traduzidas ao longo dos anos. Se a Bíblia é meramente outra versão da verdade, então faz pouca diferença se ela é precisa ou não. Mas se a Bíblia é aquilo que Chad declara — o manual de instruções de Deus para a vida, e o meio principal pelo qual podemos conhecer a Deus — então é extremamente importante saber se ela é confiável, se foi registrada exatamente como Deus a transmitiu, e se nos foi transmitida de maneira exata e precisa. Quando entendermos verdadeiramente o que é a Bíblia, então as perguntas sobre a sua confiabilidade se tornam crucialmente importantes. Quando Megan, a colega de faculdade, perguntou, “E se as pessoas que escreveram a Bíblia não escreveram tudo o que Deus disse... ou talvez eles tenham entendido tudo ou algo errado. Isto quer dizer que estamos sem sorte?”

A pergunta de Megan, por casualidade, já foi respondida na própria Bíblia, em um incidente que está registrado no Antigo Testamento.

Quando o Livro da Lei Foi Perdido

O incidente aconteceu em Judá, durante um período em que um jovem, chamado Josias, era o rei. Naquela época, o povo de Judá vinha adorando ídolos durante muitos anos, e muitos dos caminhos antigos haviam sido negligenciados ou perdidos, mas Josias “começou a buscar o Deus de Davi, seu pai” (2 Cr 34.3).

Ele decretou a destruição dos ídolos e altares pagãos que abarrotavam a terra e iniciou um esforço para reparar, restaurar e reconsagrar o Templo em Jerusalém.

Certo dia, quando Hilquias, o sumo sacerdote, estava trabalhando em meio à agitação dos esforços de restauração do Templo foi encontrado um longo e antigo pergaminho. As mãos do sacerdote devem ter tremido ao desenrolar o pergaminho, quando leu as palavras que haviam sido escritas muitos anos antes. Reconhecendo a sua importância, Hilquias entregou o pergaminho a um homem chamado Safã, que era o secretário particular do rei.

Quando Safã leu o pergaminho para Josias, o rei, sem dúvida, reconheceu as palavras. Embora ele nunca as tivesse ouvido antes, grande parte do que Safã leu havia circulado durante muitos anos, oralmente, de pai para filho e de mestre para aluno. Josias, como Safã e Hilquias, reconheceu que este era o "livro da Lei do Senhor, dada pelas mãos de Moisés" (2 Cr 34.14).

Mas logo a fascinação de Josias se converteu em preocupação, e rapidamente, em horror, quando Safã leu:

E será que, se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu te ordeno hoje, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do Senhor, teu Deus...

Se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, para não cuidares em fazer todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno...

Maldito serás tu na cidade e maldito serás no campo... [com] a maldição, a turbação e a perdição em tudo que puseres a tua mão para fazer, até que sejas destruído. (Dt 28.1-20)

Quando o rei ouviu essas palavras, rasgou suas roupas com as suas próprias mãos. "Nossos pais não guardaram a palavra do Senhor, para fazerem conforme tudo quanto está escrito neste livro" (2 Cr 34.21). Ele entendeu que, independentemente de suas boas intenções, Deus não havia sido relevado ao seu povo, porque eles haviam estado sem a revelação escrita de Deus. Temendo por

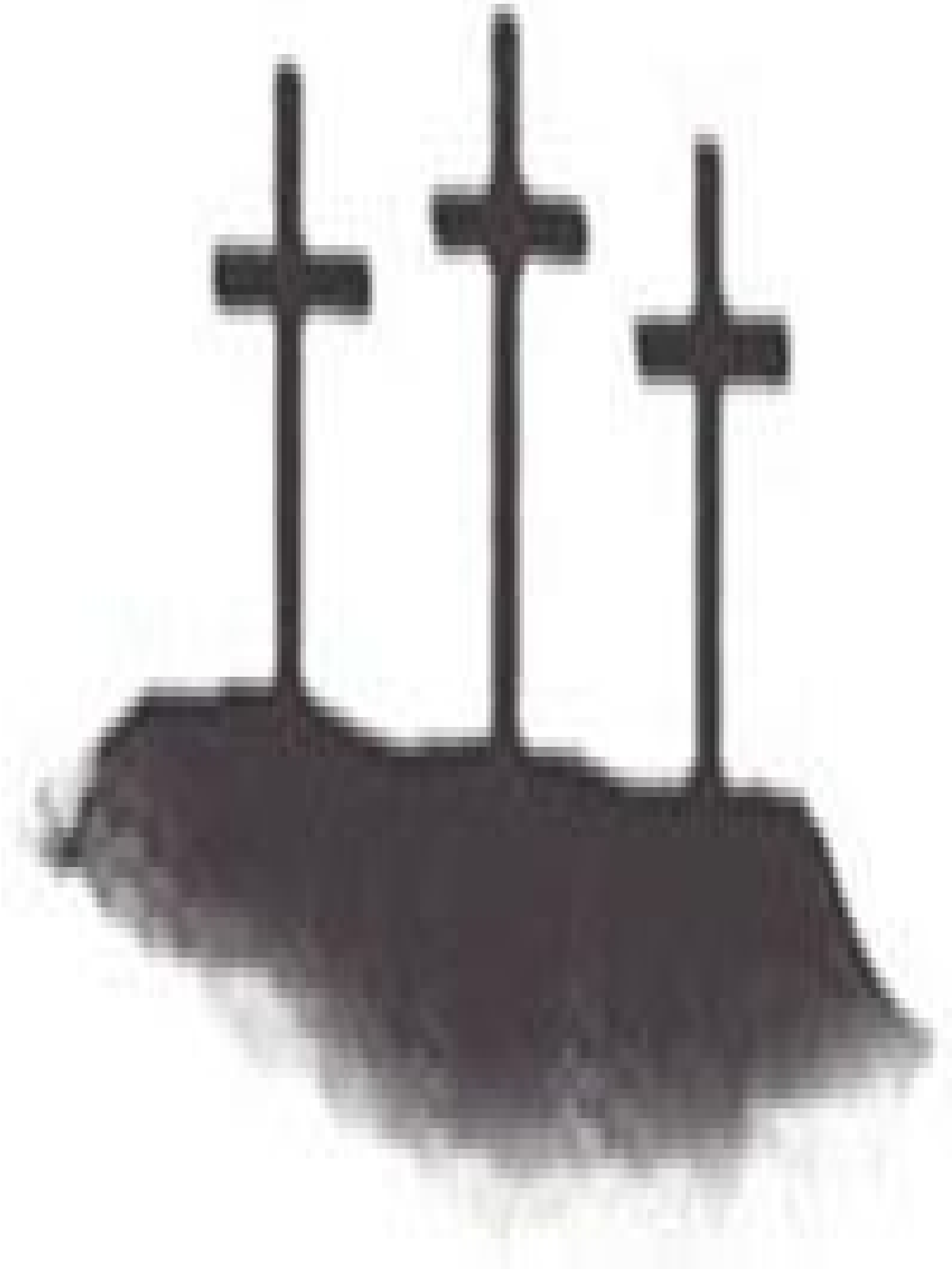
si mesmo e pelo seu povo, Josias reuniu o povo e leu para eles o texto do pergaminho perdido, e juntos prometeram obedecer ao Senhor e à sua Palavra.

Uma Revelação Distorcida Produz Resultados Distorcidos

A história do rei Josias enfatiza o quanto seria perigoso se a Palavra de Deus fosse perdida... ou distorcida, alterada ou apresentada indevidamente por meio de cópias inexatas durante centenas ou milhares de anos. Antes da Palavra escrita, Deus falou diretamente a Moisés, Abraão e os profetas. Deus também se revelou na carne, e falou conosco por intermédio do seu Filho, Jesus (veja Hb 1.1,2). Estas revelações de Deus foram registradas em forma escrita e preservadas nas páginas das Escrituras. Mas se os fatos e eventos da Bíblia não foram sido cuidadosamente e fielmente registrados, então a Bíblia que temos hoje é um reflexo distorcido da natureza e do caráter de Deus.

Assim, conhecer a Deus e viver em um relacionamento com Ele são coisas que dependem de que recebamos e possuamos uma revelação exata sobre Ele. A menos que a Bíblia seja confiável, não temos certeza de que os ensinamentos que seguimos e aos quais obedecemos são verdadeiros. Imagine, por exemplo, que Deus realmente tivesse dado a Moisés 15 mandamentos, e alguns escribas, durante o passar do tempo, tivessem decidido eliminar cinco deles. Na melhor das hipóteses, nós teríamos uma imagem incompleta de como é Deus e o que Ele requer de nós. E, na pior das hipóteses, como Josias percebeu, estaríamos a caminho do desastre, convidando “a maldição, a turbação e a perdição em tudo que [pusermos] a... mão para fazer” (Dt 28.20).[1]

Se esperamos desfrutar os benefícios de conhecer a Deus, devemos ter a certeza de que temos uma Bíblia que representa, com exatidão, o que Deus inspirou as pessoas a escreverem em seu nome. Porque, se a Palavra de Deus não foi registrada e transmitida com exatidão, então nós e os nossos filhos, como Josias e a nação de Judá, seremos frustrados em nossos esforços para conhecê-lo, e poderemos estar expostos a “maldição, turbação e perdição”.



Capítulo Nove

A EVIDÊNCIA DE QUE A PALAVRA DE DEUS É CONFIÁVEL

Como você pode ter certeza de que a Bíblia que lê é o que Deus realmente disse? Lembre-se de que ela foi escrita há milhares de anos. Como você pode ter certeza de que ela foi copiada com exatidão? Quem pode garantir que grandes passagens não foram omitidas ou distorcidas por pessoas que acrescentaram as suas próprias ideias? Ou existe alguma evidência de que a Bíblia que temos hoje é uma reprodução confiável do que Deus inspirou seus autores a escrever? Vamos explorar essas perguntas.

As Palavras de Deus Foram Transmitidas com Exatidão

Este livro inspirado por Deus, chamado Bíblia, foi escrito ao longo de um período de mil e quinhentos anos, durante mais de 40 gerações, por mais de 40 diferentes autores, de situações diferentes na vida — pastores, soldados, profetas, poetas, estudiosos da monarquia, estadistas, mestres, servos, cobradores de impostos, pescadores e fabricantes de tendas. As palavras inspiradas por Deus foram escritas em vários lugares diferentes: no deserto, em palácios, em masmorras, em montanhas, em prisões e no exílio. O livro foi escrito nos continentes da Ásia, África e Europa e foi escrito em três idiomas: hebraico, aramaico e grego. Ele narra centenas de histórias, registra centenas de cânticos e trata de centenas de assuntos controversos. Apesar de toda a sua variedade de autores, origens e contextos, a obra apresenta uma milagrosa continuidade no tema — a redenção que Deus proporciona aos seus filhos e a restauração de todas as coisas ao seu desígnio original.

Devido ao propósito redentor e relacional da Bíblia, Deus não pode permitir que

ela seja perdida, distorcida ou profanada. Como disse Jesus: “Em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido” (Mt 5.18). Ele não permitirá que nada impeça o seu propósito. Jesus disse: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24.35).

Deus é tão extasiado a respeito do seu relacionamento conosco que providenciou pessoal — e milagrosamente — a inspiração da sua Palavra, supervisionou a sua transmissão, e reforçou, repetidas vezes, a sua confiabilidade para que todos aqueles que têm ouvidos e olhos abertos possam crer nela com confiança. Nações a rejeitaram, tiranos tentaram extingui-la, hereges tentaram distorcê-la, mas a evidência em favor da confiabilidade da Bíblia é suficiente para assegurar, a nós e aos nossos filhos, que ela continua sendo um reflexo fiel da realidade — de quem Deus é — e que “é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da Lei”.

Não é difícil perceber a supervisão de Deus na estrutura do Antigo e do Novo Testamento. Considerando o processo de escrita e preservação de manuscritos nos tempos antigos, o fato de que podemos ter certeza de que temos uma Bíblia exata é verdadeiramente milagroso. Nenhum dos manuscritos originais que Deus inspirou os autores a escrever — chamados autógrafos — existe hoje. O que lemos agora são cópias impressas, baseadas em antigas cópias manuscritas de cópias ainda mais antigas dos originais. Isto se deve ao fato de que a Bíblia foi escrita e transmitida em uma era anterior à imprensa. Todos os manuscritos tinham que ser escritos à mão. Com o passar do tempo, a tinta desbotava, e o material em que ela havia sido escrita se deteriorava. Assim, se um documento devia ser preservado e transmitido à geração seguinte, novas cópias deviam ser feitas, ou o documento estaria perdido para sempre. Naturalmente, essas cópias eram feitas exatamente como os originais — à mão, com tinta que desbotava, em materiais que se deterioravam.

Mas, você poderia se perguntar, com razão: a confecção de reproduções manuscritas não abriria todo o processo de transmissão para a possibilidade de erro? Como sabemos que um copista cansado, com a visão embaçada pela falta de sono, não omitiu inadvertidamente algumas palavras críticas, ou não excluiu seções inteiras, ou citou erroneamente alguns versículos essenciais? Ou que, durante a cópia do Evangelho de Marcos, algumas centenas de anos depois que ele o escreveu, algum escriba, motivado por seus interesses, não teria adicionado cinco capítulos de sua própria autoria, ou distorcido as coisas que Jesus fez ou

disse? Se as palavras que Deus entregou a Moisés, Davi, Mateus ou Pedro foram modificadas ou copiadas descuidadamente mais tarde, como podemos ter a certeza de que estamos conhecendo o único Deus verdadeiro? Como podemos ter confiança de que os mandamentos a que obedecemos são um reflexo fiel da natureza e do caráter de Deus? E se for verdade, como dizem alguns críticos, que a Bíblia é uma coletânea de textos ultrapassados que estão cheios de inexatidões e distorções? Como podemos ter certeza de que os manuscritos disponíveis para nós hoje em dia são uma transmissão exata dos originais?

Deus não nos deixa limitados a conjeturas. Ele supervisionou pessoalmente a transmissão da sua Palavra, para assegurar que ela fosse transmitida com exatidão, de uma geração a outra.[1]

O Caso dos Escribas Meticulosos

Uma das maneiras pelas quais Deus assegurou que a sua Palavra seria transmitida com exatidão foi escolhendo, chamando e cultivando uma nação de homens e mulheres que levaram o livro da Lei muito a sério. Deus ordenou e instilou no povo judeu uma grande reverência pela sua Palavra. Desde os seus primeiros dias como uma nação, Deus lhes disse: “Ouve, pois, ó Israel, Israel... E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas” (Dt 6.3, 6-9).

Esta atitude com relação aos mandamentos de Deus se tornou uma parte tão importante da identidade dos judeus que uma classe de acadêmicos judeus, chamados Sopherim, palavra que deriva do termo hebraico que significa “escribas”, surgiu entre os séculos V e III a.C. Estes guardiões das Escrituras hebraicas se dedicaram a preservar cuidadosamente os manuscritos antigos e a produzir novas cópias, quando necessário.

Os Sopherim foram eclipsados pelos escribas talmudistas, que guardaram, interpretaram e comentaram os textos sagrados, entre 100 e 500 d.C. Por sua

vez, os escribas talmudistas foram substituídos pelos famosos escribas masoréticos (500-900 d.C.).

O zelo dos masoréticos superou até mesmo o dos seus mais dedicados antecessores. Eles estabeleceram disciplinas detalhadas e severas para a cópia de um manuscrito. As suas regras eram tão rigorosas, que quando uma nova cópia estava completa eles concediam à reprodução a mesma autoridade que tinha a cópia que a originou, porque estavam completamente convencidos de que tinham uma cópia exata.

Estas foram as pessoas que, pela providência de Deus, foram escolhidas para preservar o Antigo Testamento, durante séculos. Um escriba começava o seu dia de transcrição lavando cerimonialmente todo o seu corpo. A seguir, ele se vestia, com vestes judaicas completas, antes de se sentar à sua mesa. Durante a escrita, se chegasse ao nome hebraico de Deus, ele não podia começar a escrever o nome com uma pena recentemente mergulhada na tinta, temendo que ela manchasse a página. Depois de começar a escrever o nome de Deus, ele não podia parar nem se permitir nenhuma distração; mesmo que um rei entrasse na sala, o escriba era obrigado a continuar sem interrupções, até que terminasse de escrever o santo nome do único Deus verdadeiro.

As diretrizes masoréticas para cópia de manuscritos também exigiam o seguinte:

• O pergaminho devia ser escrito sobre a pele de um animal limpo.

• Cada pele devia conter um número específico de colunas, que deviam ser iguais por todo o livro.

• O comprimento de cada coluna não devia ser inferior a 48 linhas nem superior a 60 linhas.

• A largura da coluna devia ser de exatamente 30 letras.

• A medida de um fio devia aparecer entre cada consoante.

• A largura de nove consoantes tinha que ser inserida entre cada seção.

• Um espaço de três linhas tinha que aparecer entre cada livro.

• O quinto livro de Moisés (Deuteronômio) tinha que ser concluído com uma linha completa, exatamente.

• Nada — nem mesmo a palavra mais curta — podia ser copiada de memória, ela tinha que ser copiada letra a letra.

• O escriba devia contar o número de vezes que cada letra do alfabeto aparecia em cada livro e comparar esse número com o original.

• Caso se descobrisse que um manuscrito continha um erro, ainda que só um, era descartado.[2]

Deus instilou nos masoréticos uma reverência tão meticulosa pelas Escrituras hebraicas para assegurar a transmissão espantosamente exata do livro da Lei para que você e eu — e os nossos filhos — tivéssemos uma revelação precisa de Deus.

Até recentemente, no entanto, não tínhamos nenhuma maneira de saber o quanto havia sido assombrosa a preservação do Antigo Testamento. Antes de 1947, o mais antigo manuscrito hebraico completo datava de 900 d.C. Mas com a descoberta de 223 manuscritos, em cavernas no lado oeste do mar Morto, temos agora manuscritos do Antigo Testamento que foram datados, pelos paleógrafos, em aproximadamente 125 a.C. Esses Pergaminhos do mar Morto, como são chamados, são mil anos mais antigos do que quaisquer manuscritos anteriormente conhecidos.[3]

Mas aqui está a parte emocionante: Depois que os Pergaminhos do mar Morto foram traduzidos e comparados com versões modernas, a Bíblia hebraica provou ser idêntica, palavra a palavra, em mais de 95% do texto. (A variação de 5%consistiu principalmente de variações na ortografia. Por exemplo, das 166 palavras em Isaías 53, somente 17 letras foram questionadas. Entre elas, 10 letras foram uma questão de ortografia, e 4 eram modificações por estilo; as três letras remanescentes consistiam a palavra luz, que foi acrescentada ao versículo 11).[4]

Em outras palavras, a maior descoberta de manuscritos de todos os tempos revelou que mil anos de cópias do Antigo Testamento haviam produzido apenas variações dolorosamente sem importância, das quais nenhuma alterava o claro

significado do texto nem provocava dúvidas sobre a integridade fundamental do manuscrito.

Os críticos ainda farão suas declarações em oposição à evidência. No entanto, o peso esmagador da evidência afirma que Deus preservou a sua Palavra e a transmitiu, com exatidão, através dos séculos, de modo que, quando você pega hoje um Antigo Testamento, pode ter total confiança de que está segurando um documento bem preservado e completamente confiável.

O Caso do Texto do Novo Testamento

Como você sabe, os escribas hebreus não copiaram os manuscritos do Novo Testamento. Houve várias razões para isto. A liderança oficial dos judeus não endossava o cristianismo; as cartas e as histórias que circulavam, por parte dos autores do Novo Testamento, não eram, então, consideradas como Escrituras oficiais; e esses documentos não foram escritos na língua hebraica, mas em formas de grego e aramaico. Assim, as mesmas disciplinas formais não foram seguidas na transmissão desses textos de uma geração a outra. No caso do Novo Testamento, Deus fez uma coisa nova para assegurar que a bênção da sua Palavra fosse preservada, para nós e para os nossos filhos.

Os historiadores avaliam a confiabilidade textual da literatura antiga de acordo com dois padrões: 1) o intervalo de tempo entre o original e a primeira cópia, e 2) quantas cópias manuscritas há disponíveis.

Por exemplo, praticamente tudo o que sabemos hoje sobre as proezas de Júlio César nas Guerras Gaulesas deriva de dez cópias manuscritas, das quais a primeira data de cerca de mil anos depois que The Gallic Wars foi escrita. O texto moderno que temos hoje de History of Rome, de Livy, se baseia em um manuscrito parcial e 19 cópias muito posteriores, que datam de 400 a 100 anos depois do texto original (veja o quadro abaixo).[5]

Padrões de Confiabilidade Textual Aplicados à Literatura Clássica

Autor	Livro	Data da escrita	Primeiras cópias
Homero	Ilíada	800 a.C	c. 400 a.C.
Heródoto	Historia	480-425 a.C.	c. 900 d.C.
Tucidides	Historia	460-400 a.C.	c. 900 d.C.
Platão		400 a.C.	c. 900 d.C.
Demóstenes		300 a.C.	c. 1100 d.C.
César	Guerras da Gália	100-44 a.C.	c. 900 d.C.
Lívio	Historia de Roma	59L a.C. - 17 d.C.	século IV (parcial); principal
Tácito	Anais	100 d.C.	c. 1100 d.C.
Plínio Secundus	Historia Natural	61-113 d.C.	c. 850 d.C.

Em comparação, o texto da Ilíada de Homero é muito mais confiável. Ela é respaldada por 643 cópias manuscritas, em existência hoje em dia, com um intervalo de meros 400 anos entre a data da escrita e a primeira dessas cópias.

A evidência textual em favor de Lívio e Homero é considerada mais que adequada para que os historiadores usem para validar o original, mas esta evidência empalidece, em comparação com o que Deus fez, no caso do texto do Novo Testamento.

O Novo Testamento Não Tem Igual

Usando este padrão reconhecido para avaliação da confiabilidade textual de textos antigos, o Novo Testamento não tem comparação. Nenhum outro livro do mundo antigo tem sequer uma confiabilidade próxima à do Novo Testamento. (Veja o quadro de "Padrões de confiabilidade textual aplicados à Bíblia").[6]

Praticamente 25.000 manuscritos ou fragmentos de manuscritos do Novo Testamento estão guardados em bibliotecas e universidades do mundo todo. O mais antigo deles é um fragmento do Evangelho de João, atualmente na John Ryland's Library em Manchester, Inglaterra: que foi datado em 50 anos depois da época em que o apóstolo João escreveu o original.[7]

Padrões de Confiabilidade Textual Aplicados à Bíblia

Autor	Livro	Data da escrita	Pri

João Os outros autores do Novo Testa mento	Novo Testamento	50-100 d.C.	c. 1
			c. 3
			TO

Desde quando os manuscritos originais foram escritos — há mais de 1900 anos — os céticos vêm tentando refutar a Bíblia, infiéis vêm tentando reprimi-la, e ditadores vêm tentando queimá-la. No entanto, a Palavra de Deus não apenas prevaleceu, ela também proliferou — Voltaire, o famoso cético francês do século XVIII, predisse que cem anos após a sua época o cristianismo seria apenas uma nota de rodapé na história. Ironicamente, em 1828, 50 depois de morte de Voltaire, a Geneva Bible Society se mudou para a casa dele e usou a sua prensa para produzir milhares de Bíblias para distribuir por todo o mundo.

“Toda carne é como erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor”, escreveu Pedro, citando o profeta Isaías, “mas a palavra do Senhor permanece para sempre” (1 Pe 1.24,25).

Nenhum outro livro na história tem sido tão amplamente distribuído em tantos idiomas. A distribuição da Bíblia chega à casa dos bilhões! De acordo com o relatório de 2008 da United Bible Society, apenas naquele ano as organizações haviam distribuído 28,4 milhões de Bíblias completas, e pouco menos de 300 milhões de textos escolhidos da Bíblia.[8] Eles também informam que a Bíblia ou porções dela foram traduzidas em mais de 2.400 idiomas. E, espantosamente, esses idiomas representam o principal veículo de comunicação para mais de 90% da população do mundo![9]

A Palavra de Deus Foi Registrada com Exatidão

Podemos ter certeza de que os manuscritos do Antigo Testamento e do Novo foram transmitidos, ao longo dos séculos, com precisão e exatidão. Em outras palavras, podemos ter certeza de que o que foi escrito inicialmente é o que temos hoje. Mas surge uma pergunta mais básica. As palavras de Deus foram registradas exatamente como Ele pretendia? Quando esses autores inspirados estavam registrando eventos históricos, estavam cronologicamente próximos a esses eventos, de modo que possamos ter confiança na exatidão do que eles escreveram?

Você percebe, muitos textos antigos têm pouca conexão com os fatos ou eventos que registram. Alguns autores muito considerados do mundo antigo, por exemplo, registraram eventos que ocorreram muitos anos antes que eles nascessem, e em países que eles nunca haviam visitado. Embora os seus textos possam ser, em grande parte, verdadeiros, os historiadores admitem que maior credibilidade deve ser atribuída a autores que estavam tanto geograficamente como cronologicamente próximos aos eventos que registravam.

Esta cuidadosa inspiração e supervisão da Bíblia enfatiza o propósito de Deus, para que nenhuma parte desta revelação sobre si mesmo, ou sobre a condição humana, seja deixada ao acaso ou registrada incorretamente.

Tendo isso em mente, veja o cuidado amoroso que Deus teve quando inspirou a escrita do Novo Testamento. A esmagadora maioria do meio acadêmico confirma que as narrativas da vida de Jesus, a história da Igreja Primitiva e as cartas que constituem o volume do Novo Testamento, tudo foi escrito por homens que eram testemunhas oculares dos eventos que registraram, ou contemporâneos de testemunhas oculares. Deus escolheu Mateus, Marcos e João para escreverem três dos quatro Evangelhos. Esses eram homens que podiam dizer coisas como: “Aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro” (Jo 19.35). Ele falou, por intermédio de Lucas, o médico, para registrar o terceiro Evangelho e o livro de Atos. Lucas, um escritor meticulosamente cuidadoso, escreveu “segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros da palavra” (Lc 1.2).

Deus poderia ter falado por intermédio de qualquer pessoa, em qualquer lugar, para escrever as suas palavras a respeito de Cristo. Mas para nos dar confiança adicional na verdade, Ele trabalhou por intermédio de testemunhas oculares, como João, que disse: “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos” (1 Jo 1.3). Ele trabalhou por intermédio de Pedro, que declarou: “Não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente

compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade" (2 Pe 1.16). E quem Ele escolheu, como o seu mais prolífico escritor? O apóstolo Paulo, cuja dramática conversão, de perseguidor de cristãos a fundador de igrejas fez dele, talvez, a testemunha mais digna de crédito!

Porém Deus não parou por ali. Aqueles por cujo intermédio Ele transmitiu a sua Palavra inspirada também eram apóstolos. Esses homens podiam confiar em suas próprias experiências de testemunhas oculares e podiam recorrer ao conhecimento de primeira mão de seus contemporâneos, mesmo os seus mais severos oponentes (veja At 2.32; 3.15; 13.31; 1 Co 15.3-8). Eles não apenas diziam, "Veja, nós vimos isso" ou "Nós ouvimos aquilo", mas também estavam tão confiantes no que escreviam, a ponto de dizer, na verdade "Verifique"; "Pergunte por aí"; e "Você sabe tão bem quanto eu!" Esses desafios demonstram uma suprema confiança de que a Palavra "inspirada por Deus" foi registrada exatamente como Deus a pronunciou (2 Tm 3.16).

Esta cuidadosa inspiração e supervisão da Bíblia enfatiza o propósito de Deus, para que nenhuma parte desta revelação sobre si mesmo, ou sobre a condição humana, seja deixada ao acaso ou registrada incorretamente. Existem amplas evidências que sugerem que Deus foi muito seletivo com as pessoas que escolheu para registrar as suas palavras — pessoas que, em sua maioria, tinham conhecimento de primeira mão de eventos cruciais e que eram canais dignos de crédito para registrar exatamente aquelas verdades que Ele desejava que soubéssemos.[10]

A Palavra de Deus Foi Reforçada Externamente

Deus não parou de trabalhar depois que possibilitou o desenvolvimento das grandes evidências textuais em favor da confiabilidade da sua Palavra. Ele trabalhou para reforçar a evidência por meios externos.

Um critério rotineiro para examinar a confiabilidade de um documento histórico é verificar se algum outro material histórico confirma ou nega o testemunho interno do próprio documento. Os historiadores perguntam: "Quais fontes, sem considerar a literatura sob exame, substanciam a sua exatidão e confiabilidade?"

De toda a história, a Bíblia é, de longe, o livro mais amplamente citado. Por exemplo, apenas o Novo Testamento é tão frequentemente citado em antigos manuscritos de autores não bíblicos, que todos os 27 livros, desde o Evangelho de Mateus até o livro do Apocalipse, puderam ser reconstruídos, praticamente palavra a palavra, com base nessas fontes.

Os textos dos primeiros cristãos, como Eusébio (339 d.C.) em sua Ecclesiastical History III.39 e Irineu (180 d.C.) em sua Against Heresies III reforçam o texto dos escritos do apóstolo João. Clemente de Roma (95 d.C.), Inácio (70-110 d.C.), Policarpo (70-156 d.C.), e Ticiano (170 d.C.) oferecem confirmações externas para outras narrativas do Novo Testamento. Historiadores não cristãos, como o historiador romano do século I, Tácito (55-117 d.C.) e o historiador judeu Josefo (37-100 d.C.) confirmam a essência de muitas narrativas das Escrituras. Estas e outras fontes externas substanciam a exatidão do registro bíblico como nenhum outro livro da história.[11] [12]

No entanto, estas referências extrabíblicas não são as únicas evidências externas que respaldam a confiabilidade da Bíblia. As próprias pedras clamam que a Palavra de Deus é verdadeira. Muitas vezes, ao longo dos séculos, a confiabilidade da Bíblia tem sido respaldada regularmente e consistentemente pela arqueologia. Considere as seguintes evidências, recentemente publicadas no Apologetics Study Bible for Students, de que eu (Sean) fui o editor geral.

Arqueologia Bíblica. Até o fim do século XVIII, a busca de relíquias bíblicas no Oriente Médio era o trabalho de caçadores de tesouros amadores cujos métodos incluíam furtos de sepulturas. A descoberta da Pedra Roseta, no Egito pelo exército de Napoleão, em 1799, mudou tudo. A arqueologia bíblica se tornou o domínio de respeitados arqueólogos. A descoberta de ruínas antigas por todo o Oriente Médio lançou nova luz sobre povos e eventos mencionados nas Escrituras. Agora, podemos entender melhor os costumes e estilos de vida que são estranhos à mente moderna.

A arqueologia também estabeleceu a historicidade das pessoas e eventos descritos na Bíblia, e resultou em mais de 25.000 descobertas que, diretamente ou indiretamente, dizem respeito às Escrituras. Além disso, a existência histórica de aproximadamente 30 indivíduos mencionados no Novo Testamento, e quase 60 no Antigo Testamento foi confirmada por meio da investigação arqueológica e histórica. Apenas uma pequena fração de possíveis locais bíblicos foi escavada na Terra Santa e muito mais poderia ser publicado sobre as escavações

existentes. Ainda assim os dados arqueológicos que possuímos agora indicam, claramente, que a Bíblia é historicamente confiável e não é o resultado de mitos, superstições ou enfeites (Jo 3.12; 2 Pe 1.16; 1 Jo 1.1,2).

A Antiga Corinto. A pesquisa arqueológica realizada em Corinto, entre 1928 e 1947, descobriu dois objetos impressionantes relacionados com as epístolas de Paulo à igreja de Corinto e à de Roma. Uma inscrição em latim, que data de aproximadamente 50 d.C., esculpida em uma antiga calçada, identifica o colaborador de Paulo, "Erasto", como o tesoureiro da cidade (Rm 16.23).

A inscrição diz que Erasto lançou uma parte da calçada, com seus próprios custos, como agradecimento por ter sido eleito como tesoureiro. Além disso, uma plataforma de pedra, usada como local para palestras púbicas, assuntos oficiais e julgamentos, foi desenterrada em 1935 e identificada como a bema. Bema é a mesma palavra grega que Paulo usou para descrever o tribunal de Cristo (2 Co 5.10) diante do qual todos os cristãos devem comparecer para receber suas recompensas (1 Co 3.10-17).

Arco de Tito. Quando Jesus falou com os seus discípulos, no Monte das Oliveiras sobre as construções do Templo, disse: "Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada" (Mt 24.2). A exatidão da profecia de Jesus é demonstrada pelo Arco de Tito, que foi construído como um monumento à vitória do Imperador Tito (79-81 d.C.) por seu irmão mais moço, o Imperador Domiciano (81-96 d.C.). Situado em Roma entre o antigo Fórum e o Coliseu, o arco de mármore retrata o transporte dos despojos (o menorá e as trombetas sagradas) do Templo saqueado de Jerusalém.

Além desta importante evidência, as escavações na rua de baixo, que acompanha a extremidade sudoeste do Templo de Jerusalém, realizadas nos anos 1970 revelou grandes pedras que foram arremessadas do alto pelos romanos, em sua campanha militar de 70 d.C. Hoje, nenhuma das estruturas originais permanece em pé na área do Templo. As imagens e a inscrição no Arco de Tito, bem como os escombros encontrados na área do Templo de Jerusalém, oferecem verificação histórica do cumprimento da predição de Jesus de que o Templo judeu seria completamente destruído.

Crônicas Babilônias. As Crônicas babilônias são uma série de tábuas cuneiformes que descrevem eventos importantes que aconteceram entre os

séculos VIII e III a.C. Uma crônica em particular abrange o período entre 605 e 594 a.C. e registra os feitos militares do rei babilônio, Nabucodonosor II (605 a 562 a.C.) e a sua invasão a Jerusalém (2 Rs 23). Ela conta como, em 605 a.C., Nabucodonosor foi coroado rei depois da morte de seu pai, Nabopolassar. As Crônicas dizem que, aproximadamente em 599 a.C., o exército de Nabucodonosor invadiu a Síria, prosseguindo rumo oeste à Judeia e chegou ali, em março de 597 a.C. Uma vez ali, ele invadiu Jerusalém, levou cativo o rei Jeoaquim (609-597 a.C.), e coroou o seu rei substituto, Zedequias (597-586 a.C.; 2 Rs 24.10-20).

Robert Koldewey descobriu evidências que corroboram esses eventos nos registros de rações da Babilônia (595 a.C.), pois eles documentavam a quantidade de rações alimentares dadas a Jeoaquim e sua família real durante o cativeiro (2 Rs 24.8-16). Adicionalmente, fragmentos inscritos às pressas, conhecidos como as Cartas de Láquis, registram os apelos desesperados dos israelitas pouco antes que as forças babilônias subjugassem os postos militares de Israel, a 38 quilômetros de Jerusalém. Estas fortes evidências arqueológicas corroboram o registro bíblico que descreve os últimos dias de Jerusalém sob o cerco de Nabucodonosor.

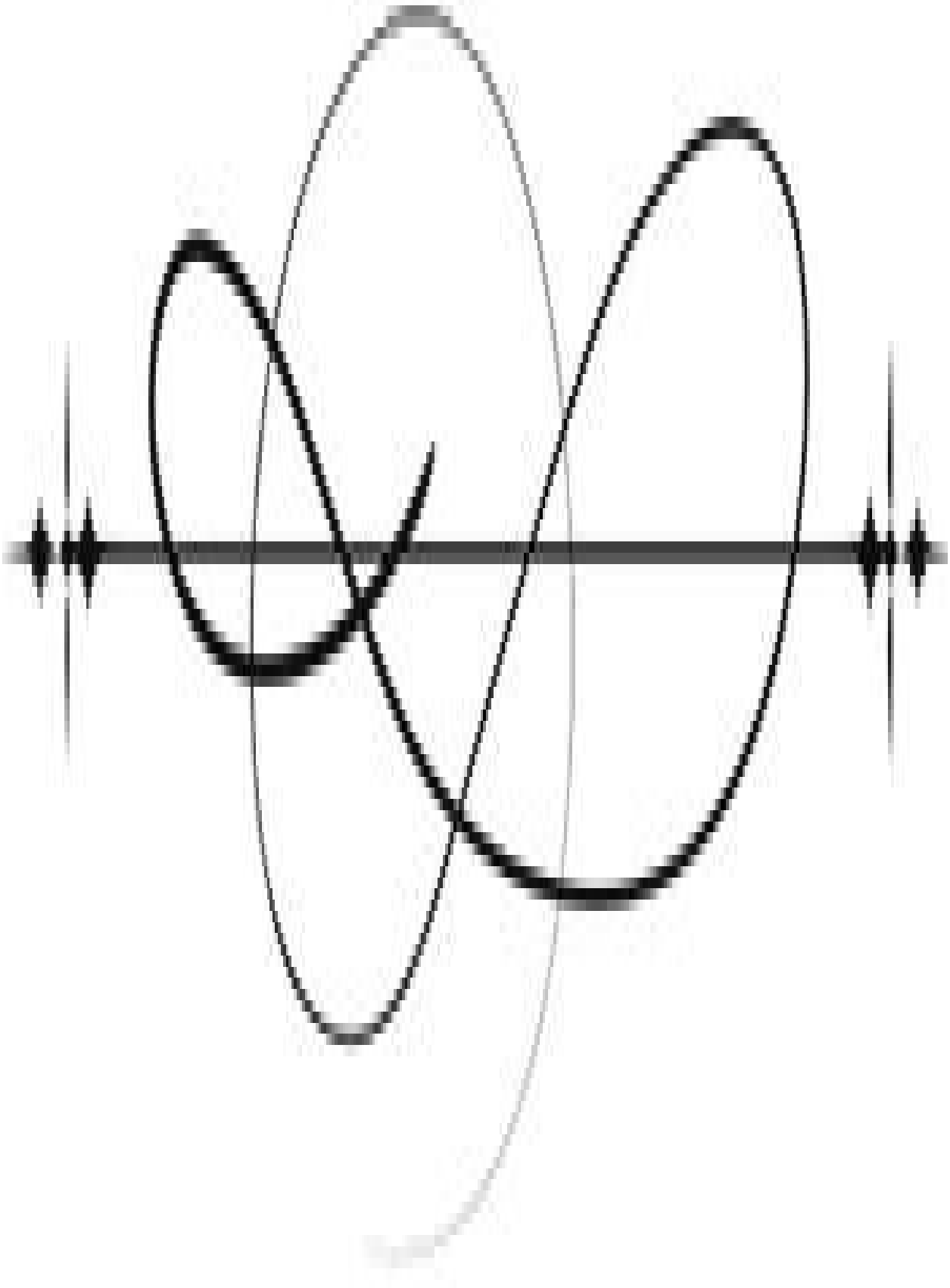
A Inscrição de Balaão. A história de Balaão e sua jumenta falante (Nm 22.22-40) foi vista com ceticismo por acadêmicos críticos durante muitas décadas. Havia dúvidas até de que Balaão tivesse realmente existido. Esta perspectiva começou a se modificar em 1967, quando arqueológicos encontraram um texto aramaico em fragmentos de gesso, nos escombros de uma antiga construção em Deir ‘Alla (Jordânia). O texto contém 50 linhas escritas em tintas vermelhas e pretas desbotadas. A inscrição diz, “Advertências do Livro de Balaão, o filho de Beor. Ele via os deuses” (Nm 22.5; Js 24.9). Embora a construção em que o texto foi encontrado date apenas do século VIII a.C. (durante o reinado do rei Uzias; veja Is 6.1), a condição do gesso e da tinta do próprio texto indica que ele é, muito provavelmente, muito mais antigo, datando dos tempos do Balaão bíblico.

Além de Balaão, quase 60 outros personagens do Antigo Testamento foram historicamente ou arqueologicamente identificados. Entre eles, se incluem os reis Davi (1 Sm 16.13), Jeú (2 Rs 9.2), Onri (1 Rs 16.22), Uzias (Is 6.1), Jotão (2 Rs 15.7), Ezequias (Is 37.1), Jeoaquim (2 Cr 36.8), Salmaneser V (2 Rs 17.3), Tiglate-Pileser III (1 Cr 5.6), Sargão II (Is 20.1), Senaqueribe (Is 36.1), Nabucodonosor (Dn 2.1), Belsazar (Dn 5.1), Ciro (Is 45.1) e outros.

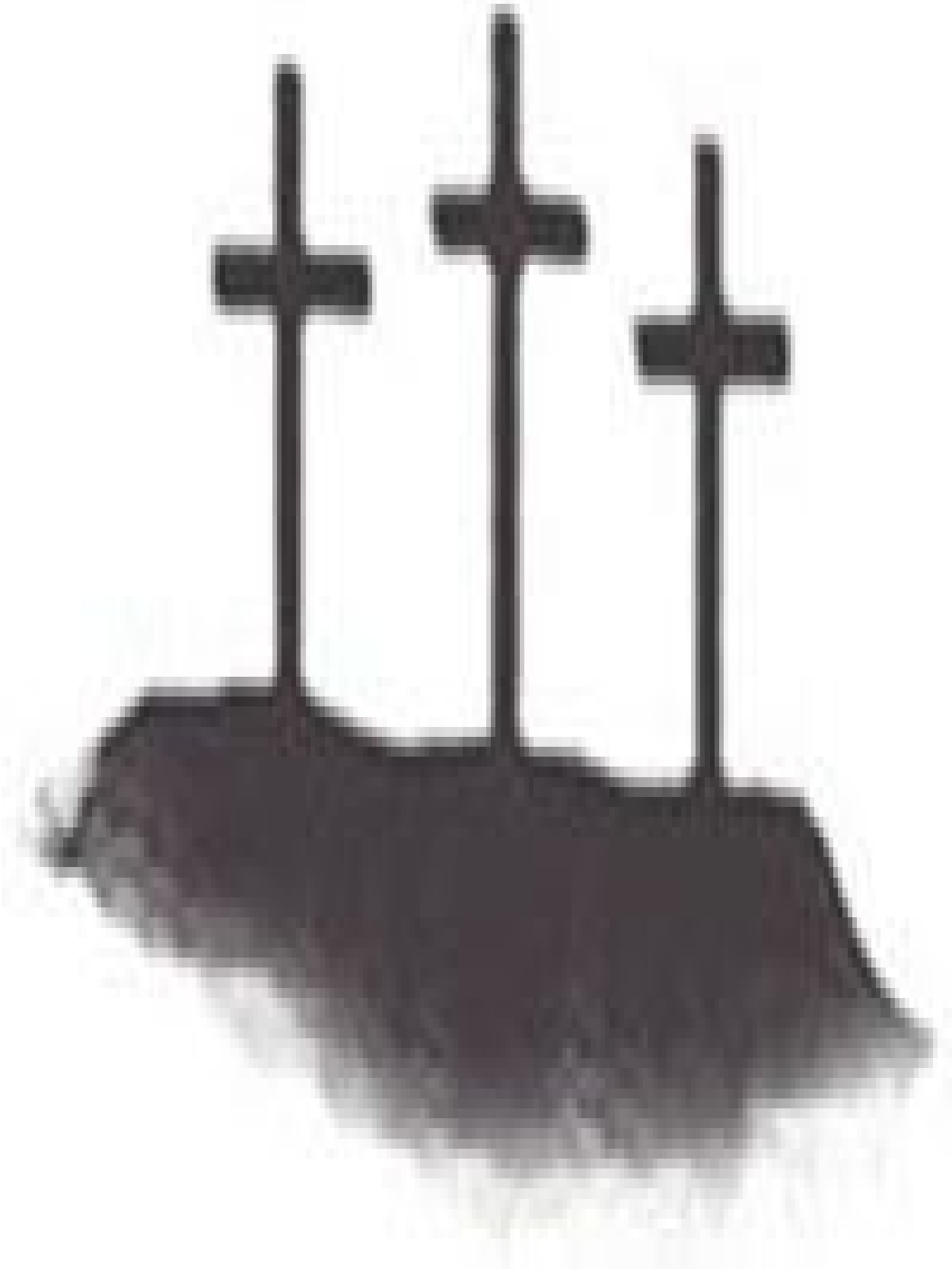
Tábuas de Ebla. Descobertas pelo arqueólogo italiano, Paolo Matthiae em 1976 em Tell Mardikh em Aleppo (Síria), as tábuas de Ebla representam um arquivo real de mais de 16.000 tábuas de barro. Datando de 2400 a.C., os registros nos apresentam um vislumbre do modo de vida, vocabulário, comércio, geografia e religião dos povos que viviam perto de Canaã (posteriormente chamada Israel) na época imediatamente anterior a Abraão, Isaque e Jacó. Traduções de várias tábuas feitas por Giovanni Pettinato em sua obra Archives of Ebla: An Empire Inscribed in Clay corroboram a existência de cidades bíblicas, como Sodoma (Gn 19.1), Zebulom (Gn 14.2, 8), Admá (Gn 10.19), Hazor (1 Rs 9.15), Megido (1 Cr 7.29), Canaã (Gn 48.3), e Jerusalém (Jr 1.15).

Além disso, as tábuas incluem nomes pessoais atribuídos a pessoas bíblicas, como Naor (Gn 11.22-25), Israel (Gn 32.28), Éber (Gn 10.21-25), Micael (Nm 13.13) e Ismael (Gn 16.11). Com respeito de vocabulário, as tábuas contêm certas palavras similares às usadas na Bíblia, como tehom, que em Gênesis 1.2 é traduzida como “o abismo”. Além disto, as tábuas proporcionam informações relativas ao estilo literário hebraico e à religião, ajudando-nos a entender as civilizações na região que se tornou conhecida como Israel.[13]

Repetidas vezes ao longo da história, a espantosa exatidão da Palavra de Deus foi confirmada externamente. Isto é muito diferente do Livro dos Mórmons, por exemplo, para o qual não há respaldo externo. A evidência externa em favor da Bíblia é um fenômeno extremamente raro, e faz com que a Bíblia seja singular, em comparação com outros textos religiosos do mundo.



A evidência em favor da confiabilidade do Antigo e do Novo Testamento não apenas é convincente e persuasiva, mas também é uma indicação clara e louvável de como Deus supervisionou, com amor, a sua transmissão, de modo que Ele pudesse preservar para nós — e nossos filhos — todas as bênçãos que resultam de conhecê-lo e obedecer à sua palavra.



Capítulo Dez

A pROTEÇÃO E A PROVISÃO DA PALAVRA DE DEUS

Você já perguntou a um adolescente em que ele crê a respeito da verdade bíblica? Nós propusemos perguntas como a que apresentamos abaixo a incontáveis jovens, representados aqui por Amber, uma típica cristã de 16 anos de um sólido lar cristão. As respostas foram consistentemente similares, entre pessoas jovens e mais velhas. Observe a resposta.

— É errado envolver-se com o sexo antes do casamento? — perguntamos.

— Bem, eu acredito que é errado para mim — responde Amber.

Nós vamos um pouco mais fundo.

— Mas você acredita que a Bíblia ensina que o sexo antes do casamento é errado para todas as pessoas?

Os olhos de Amber vão de um lado a outro, enquanto ela pondera a sua resposta.

— Bem — ela começa, lentamente —, eu sei que é errado para mim e decidi não ter relações sexuais até que me case, porém não acho que possa julgar outras pessoas pelo que elas fazem.[1]

Você percebe, não é que Amber não acredite que a Bíblia fornece uma descrição exata da verdade moral. Ela diria que isso é exatamente o que ela crê, contudo a jovem é como a maioria das pessoas de hoje, que foram condicionadas a crer que as declarações morais e espirituais são verdadeiras apenas quando decidimos crer nelas. Quando as pessoas defendem esta visão da verdade, o significado e o poder da Palavra de Deus em sua vida são diminuídos, até o ponto de ter pouco efeito.

Os Dois Modelos de Visão da Verdade

Na nossa cultura, há dois modelos distintos para saber que alguma coisa é verdade.

Cada modelo afeta a maneira como vemos e aplicamos a Palavra de Deus. Os dois modelos, na realidade, representam duas perspectivas radicalmente diferentes e opostas.

• Modelo número 1: A verdade é definida por Deus para todos; ela é objetiva e universal. A verdade é conhecida apenas pela descoberta de Deus e da sua Palavra.

• Modelo número 2: O que é verdade é definido pelo indivíduo; é subjetivo e situacional. A verdade é conhecida simplesmente pela decisão de se crer nela.

No primeiro modelo, reconhecemos que Deus — e não os seres humanos — é central, que Ele é a origem de todas as coisas e que Ele governa sobre tudo. Deus é o detentor da verdade, o autor e juiz de tudo o que é certo e errado.

O segundo modelo, por outro lado, coloca o indivíduo no controle das questões morais. Como o padrão está no indivíduo, é particular daquela pessoa específica (subjetivo) e circunstância (situacional). Em outras palavras, cada pessoa se considera o juiz do que é verdade para ela, em qualquer situação.

O segundo modelo — um modelo relativista — é o modelo que muitas pessoas usam hoje. Esta visão pessoal e flutuante da verdade está moldando a sua perspectiva. É a lente através da qual as pessoas consideram as escolhas da vida e a base sobre a qual elas tomam as decisões.

De acordo com este modelo relativista, quando alguém age de maneira imoral ou antiética, essa pessoa está ofendendo a “noção” de outra pessoa a respeito do que

é certo ou errado. Mas quando uma pessoa age de maneira imoral ou antiética usando Deus como o modelo do que é verdadeiro, está agindo contra a Palavra de Deus, o padrão da moralidade que reflete o seu caráter e a sua natureza. Um modelo nega a relevância do que Deus tem a dizer, o outro considera Deus como o árbitro do que é certo ou errado.

Paul Copan apresenta este exemplo de verdade versus relativismo em seu livro True for You, but Not for Me.

Imagine uma colisão de vários carros em um cruzamento perto de você. Imediatamente depois do acidente, todos os envolvidos correm pelo cruzamento, declarando o seu lado da história. Um diz, “Você me cortou!”, outro diz, “Eu tinha a preferencial!” E um terceiro grita, “Você não sabe que uma luz vermelha quer dizer PARE?” Até mesmo os pedestres que viram o acidente da calçada apresentam suas impressões sobre os fatos. Então, talvez, finalmente o culpado dê um passo à frente e confesse: “Foi culpa minha. Eu fui desligar o rádio e perdi o controle do carro”.

Apesar de todas as deliberações após o acidente, uma coisa está clara: um acidente aconteceu. E depois de algum tempo, a verdade será conhecida. Nós cremos que há uma verdade objetiva sobre o acidente. No final, aparecerá uma descrição do acidente que corresponde à realidade.[2]

Em outras palavras, o que aconteceu no acidente realmente aconteceu. A verdade não depende da versão dos motoristas sobre a verdade nem das opiniões dos espectadores. A verdade era o que estava em conformidade com a realidade, e não o que as pessoas envolvidas acreditavam ser verdade. Da mesma maneira, a verdade de Deus está em conformidade com a realidade. Ela não se ajusta às crenças das pessoas. Ela não está sujeita a opiniões ou a visões pessoais sobre ela. Ela é o que é, e ou nos conformamos e vivemos de acordo com essa realidade absoluta, ou substituímos a nossa própria versão da verdade e vivemos com a consequência de desafiar a realidade.

Como as pessoas no local do acidente, podemos nem sempre conhecer a verdade imediatamente. Mas como crentes em Deus, não inventamos uma verdade que seja confortável para nós no momento. Nós sabemos que a verdade objetiva existe — ela está logo ali, esperando para ser descoberta. E quando ela nos parece pouco clara, nós procuramos descobri-la. Quando tomamos decisões, nós consideramos fatos e avaliamos as evidências, nós fazemos o melhor para chegar

à verdade, e então vivemos de maneira apropriada. Entretanto para um relativista, não há verdade objetiva. Os relativistas dirão que, uma vez que todos têm um ponto de vista diferente, como na cena do acidente, a verdade não pode ser conhecida com certeza. Na verdade, por incrível que pareça, alguns diriam que não poderíamos nem mesmo ter certeza de que o acidente aconteceu![3]

O mesmo princípio se aplica, a respeito da verdade moral. Sem referência a um padrão objetivo, as pessoas lutam com o desafio impossível de tentar definir a verdade ou a mentira, o certo ou o errado, o bem ou o mal. Quando nos afastamos do padrão objetivo — a Palavra de Deus que reflete a natureza e o caráter do nosso Criador — e tentamos definir os nossos próprios padrões morais, a imagem não apenas se torna indistinta e turva, mas a relevância das Escrituras e os seus benefícios positivos de proteção e provisão são perdidos.

Deus e a sua Palavra como o nosso Padrão

A cidade de Sèvres, na periferia de Paris, aloja a sede do International Bureau of Weights and Measures — Departamento Internacional de Pesos e Medidas. Essa entidade estabelece e assegura padrões confiáveis para todas as medidas físicas — massa, comprimento, volume e peso — pela maior parte do mundo industrializado.

Se você quisesse ter certeza absoluta de que as divisões milimétricas em sua régua eram precisas, você as compararia com os padrões lineares do Bureau. Se você quisesse saber se a garrafa de Coca-Cola que você tem na sua geladeira contém exatamente dois litros de líquido, você a compararia com as medidas de volume do Bureau.

Agora, suponha que tenhamos uma disputa a respeito de uma peça de madeira que foi cortada para você. Nós a medimos com o nosso metro e lhe dissemos que ela tinha um metro de comprimento. Você a mediu com o seu metro e declarou que ela media um pouco menos. Como poderíamos determinar quem estava certo? Poderíamos apelar ao padrão objetivo e universal de Sèvres, na França. Para determinar a validade de nossas medidas individuais precisamos somente compará-las com o original.

A relevância da Palavra de Deus como o nosso padrão para a vida proporciona tanto os meios para conhecer a Deus como Ele é, como as diretrizes para viver de uma maneira piedosa.

De maneira similar, nós sabemos que há um padrão para definir discussões sobre o conhecimento moral — um padrão do certo e errado, que existe fora de nós, acima e além de nós. Este padrão é a natureza do próprio Deus, conforme revelada nas Escrituras. Assim, a relevância da Palavra de Deus como nosso padrão para a vida proporciona tanto os meios para conhecer a Deus como Ele é, como as diretrizes para viver de uma maneira piedosa — o que resulta em honra a Deus e uma vida de alegria para nós. É por isso que adotar a definição de Deus do que é correto e errado e viver de acordo com isso nos concede os benefícios de sua proteção e provisão.[4]

Vivendo sob a Proteção e a Provisão de Deus

Algumas pessoas reagem negativamente às leis de Deus. Elas consideram os seus mandamentos como restritivos e a moralidade bíblica como confinante. Elas não percebem os benefícios de um modo de vida moral. Elas não se dão conta de que os mandamentos de Deus, são como as instruções de um pai amoroso — “Não toque no fogão”, “Olhe para os dois lados antes de cruzar a rua”, “Coma os seus legumes” — não têm a intenção de estragar a nossa diversão e nos tornar infelizes. Deus deu mandamentos — “Fugi da prostituição”; “Vós, maridos, amai vossa mulher”; “Não cometerás adultério” — e todos os outros, porque Ele queria nos proteger e cuidar de nós. Ele não inventou essas regras apenas para estragar nossa alegria ou ser arrogante, Ele as deu porque sabia algumas coisas que nós não sabíamos. Ele sabia, por exemplo, que a imoralidade sexual é um caminho, não para o prazer e a satisfação, mas

para o vazio e a frustração.

Moisés reconheceu esta verdade, quando desafiou a nação de Israel:

Agora, pois, ó Israel, que é o que o Senhor, teu Deus, pede de ti, senão que temas o Senhor, teu Deus, e que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma, para guardares os mandamentos do Senhor e os seus estatutos, que hoje te ordeno, para o teu bem? (Dt 10.12-13)

A relevância da Palavra de Deus para cada um de nós é simplesmente isto — ela é para o nosso bem! Olhando para baixo, de uma perspectiva eterna e onisciente, Ele pode ver coisas que nós não podemos. Ele é como um general que, de um helicóptero, dá instruções aos soldados. Ele consegue ver todo o campo de batalha, Ele sabe onde o inimigo está escondido e onde colocou armadilhas. De seu ponto de vista superior, Ele pode instruir seus exércitos para que evitem o inimigo e suas armadilhas. Cada verdade, cada regra e cada diretriz que vem da Palavra de Deus resulta do coração amoroso e do caráter dEle, para o nosso próprio bem.

Como escreve Bill Hybels:

O Senhor nos diz, especificamente, que os seus mandamentos nunca não pesados (1 Jo 5.3). Com isto, Ele não quer dizer especificamente que eles são fáceis de obedecer. Na verdade, Ele nos está dizendo que eles nunca são tolos, nunca são desnecessários nem puramente arbitrários. Ele não nos força a observar formalidades sem sentido, nem impõe regras que não têm valor.

Ao contrário, cada diretriz, cada lei, cada imperativo na Bíblia foi designado com infinita sabedoria. Eles foram dados não somente para honrar a Deus, mas também para nos beneficiar. Todo o livro de Deuteronômio, por exemplo, é um testamento desta verdade. Nesse livro, Moisés declara repetidas vezes que Deus

nos deu os mandamentos para o nosso bem e que promete nos abençoar se nós obedecermos a eles.[5]

"Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós", disse Deus à nação de Israel, "pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais" (Jr 29.11). Ele continuou, expressando o seu desejo de que os seus filhos tivessem "um mesmo coração, e um mesmo caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos, depois deles" (Jr 32.39). Escolher o caminho de Deus, em vez do caminho errado, não nos tira toda a diversão e emoção da vida, mas, ao contrário, traz o nosso bem, porque fomos criados para refletir a sua imagem e semelhança. Quando vivemos vidas piedosas — vidas que refletem o caráter de Deus — inevitavelmente sentimos uma alegria verdadeira. Paradoxalmente, a alegria não vem da busca da alegria. Como indica o título da autobiografia espiritual de C. S. Lewis, Surprised by Joy, a verdadeira alegria vem do último lugar em que pensariam procurar os que criticam as leis de Deus. Ela vem de buscar a Deus e seguir os seus caminhos.

Palavras de Advertência

Ao falar sobre a alegria da proteção e provisão de Deus que resulta de conhecer e seguir os seus caminhos devemos tomar cuidado para não dar a impressão de que coisas ruins não acontecem a pessoas morais, ou que as pessoas que se envolvem com a imoralidade nunca são felizes. Na verdade, o profeta Jeremias perguntou: "Por que prospera o caminho dos ímpios, e vivem em paz todos os que cometem o mal aleivosamente?" (Jr 12.1), e o rei Davi confessou que havia visto "o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal" (Sl 37.35).

Viver os caminhos de Deus não significa que, no curto prazo, a moralidade é sempre recompensada imediatamente e que a imoralidade é sempre punida imediatamente. O pecado promete satisfação imediata e frequentemente traz prazer por um período de tempo. Muito frequentemente, as recompensas da moralidade e a consequência do pecado se tornam aparentes nesta vida. Mas nem sempre. Algumas dessas recompensas e consequências não podem ser avaliadas, até depois que esta vida se acabe.

Nós também devemos ter cuidado para não dar a impressão de que os mandamentos de Deus são verdadeiros simplesmente porque são benéficos. Para exemplificar isto, pense sobre quando você estava no quarto e quinto ano. Você estava aprendendo a multiplicação. Esse conhecimento já lhe trouxe inúmeras vantagens. Ele é útil para preencher a sua declaração de imposto de renda e comparar preços na mercearia. Você poderia dizer que consegue algo de bom no seu relacionamento com a multiplicação.

Entretanto 5 x 6 = 30 não é verdade porque você consegue algo de bom com isso. É verdade, porque é verdade, porque reflete certas leis — reflete a realidade. O benefício que você obtém por ter aprendido a multiplicação não é o que torna esses fatos verdadeiros; eles são verdadeiros, quer você se beneficie deles ou não. Mas quando você faz uso da verdade da multiplicação, verdadeiramente tem benefícios.

O mesmo acontece com aquelas coisas que são verdadeiras e corretas na Palavra de Deus não o são por causa de algum benefício que você possa obter delas; elas são verdadeiras porque são verdadeiras.

Enxergando a Proteção de Deus

Havia um jovem que vamos chamar de Greg. Ele vivia no mesmo quarteirão que uma família, que tinha uma piscina no quintal. Greg nunca ia nadar nessa piscina, ele mal conhecia as pessoas e havia uma cerca de madeira em volta da piscina.

Certa noite escura, quando Greg sabia que seus vizinhos não estavam em casa, ele e sua namorada entraram pelos fundos da casa, subiram pela cerca e entraram na área da piscina para nadar.

Greg tirou os sapatos, subiu a escada e enquanto sua namorada ainda estava tirando os sapatos e as meias, saltou da borda do trampolim.

Ele ouviu sua namorada gritar pouco antes de perder a consciência. A piscina tinha apenas alguns centímetros de água; o mergulho de Greg terminou com o

som do borrifar de um pouco de água e o doloroso esmagar de ossos. O seu mergulho noturno o deixou paralítico do pescoço para baixo, pelo resto de sua vida.

Greg ignorou a cerca que seus vizinhos haviam levantado ao redor da piscina. Provavelmente, supôs que ela estava ali apenas para impedir que pessoas, como ele e sua namorada, se divertissem. Na verdade, ela estava ali para a proteção de Greg e pessoas como ele, e o seu desrespeito a este limite lhe custou muito caro. De maneira similar, quando desrespeitamos os limites morais que Deus erigiu para nosso benefício — para nos proteger do mal — o custo pode ser devastador.

Há mais de 40 anos, o Dr. S. I. McMillen escreveu um livro brilhante, chamado None of These Diseases. Ele demonstrou como mais de duas dúzias de mandamentos divinos ou normas serviram para evitar doenças como males cardíacos, câncer cervical e artrite muito antes do advento da medicina moderna! McMillen escreveu, no prefácio:

Quando Deus tirou os israelitas do conturbado Egito, Ele lhes prometeu que se obedecessem aos seus estatutos, Ele não poria sobre eles “nenhuma das más doenças dos egípcios”. Deus garantiu uma liberdade de doenças que a medicina moderna não pode repetir.[6]

Isto não significa que se sempre obedecermos a Deus, nunca ficaremos doentes. No entanto os mandamentos de Deus agem, verdadeiramente, como um guarda-chuva. Quando você abre um guarda-chuva, ele o protege. Mas se você decidir sair da proteção do guarda-chuva durante uma tempestade ficará molhado. Enquanto você e eu permanecermos debaixo do guarda-chuva dos mandamentos de Deus, estaremos protegidos de muitas consequências. Mas, se deixarmos esse abrigo protetor, não deveremos nos surpreender se sofrermos os efeitos negativos do comportamento pecaminoso.

Enxergando a Provisão de Deus

Até agora, muito do que escrevemos sobre os benefícios da Palavra de Deus enfatizou a maneira como ela nos protege do mal. Mas a proteção não é o único lado da moeda. O outro lado é a provisão. A obediência às instruções de Deus não apenas nos protege das consequências do mal, como nos traz benefícios positivos. Para exemplificar, há alguns anos, eu (Josh) estava caminhando pelo Great Smoky Mountains National Park com meus filhos. Nós partimos pela manhã para caminhar até o topo de Clingmans Dome, o ponto mais elevado do parque, com uma altura de 2.024 metros.

Foi uma longa caminhada desde o local onde estávamos acampados, muito mais longa do que eu havia imaginado. Ficamos realmente cansados, mas continuamos, penosamente. Sean começou a reclamar, e a sua irmã também. E as suas queixas pareciam aumentar em intensidade e volume com a altitude. Eu começava a me perguntar se estava sendo cruel exigindo tanto de meus filhos.

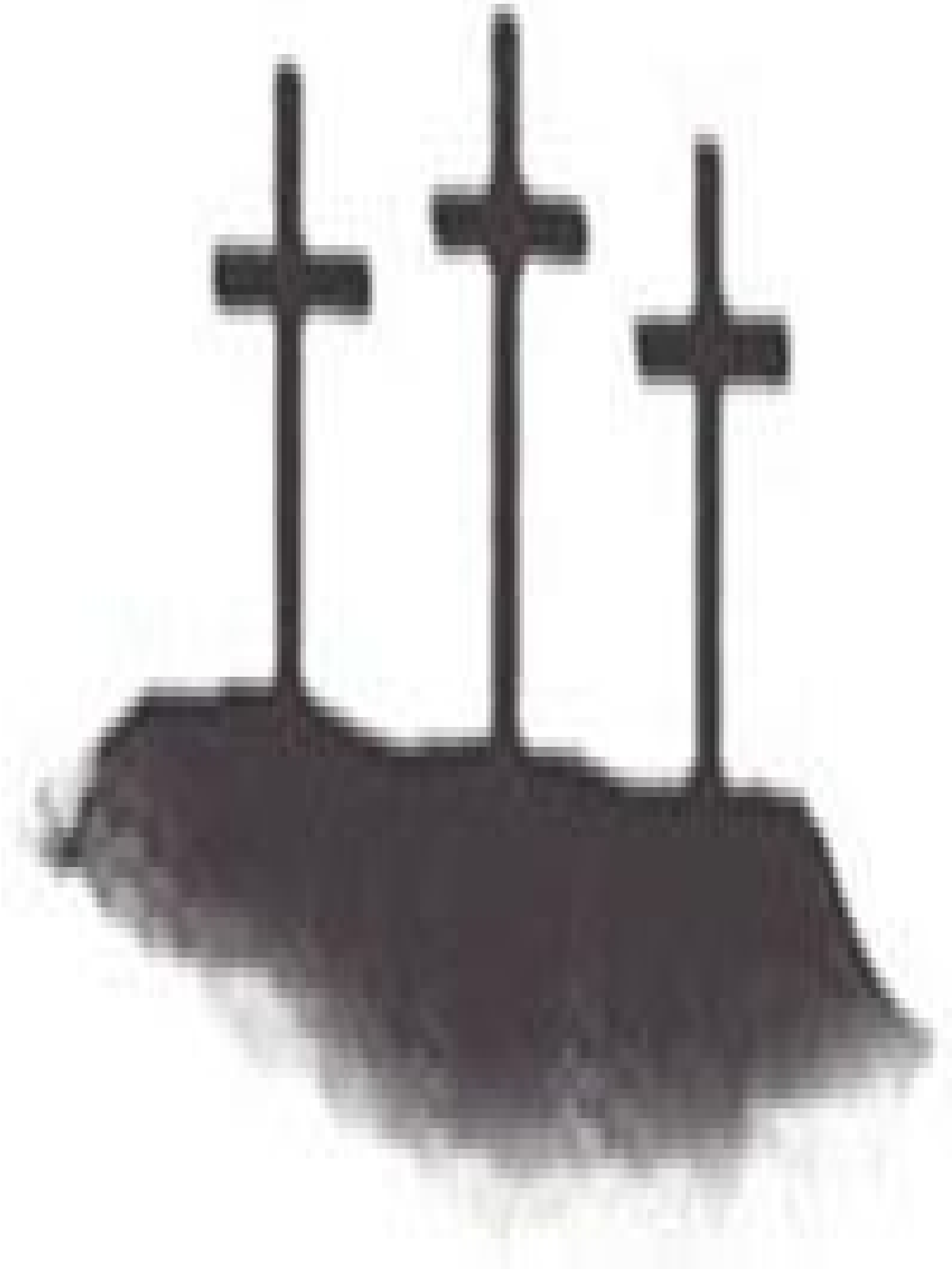
Mas nós conseguimos chegar ao cume, o ponto descampado que parecia ser o topo da terra. Olhamos para a vista de tirar o fôlego. A vista magnífica fez com que nos esquecêssemos de nossa perna que doía e de nosso pulmão que palpitava. Sean passou os seus braços ao meu redor, e sussurrou: “Obrigado, papai. Isto é maravilhoso”. Sua irmã também nos abraçou.

A vista — e a sensação de realização ao ter concluído uma enorme caminhada — converteu queixas em apreciação. A minha insistência em completar a caminhada nos havia trazido uma experiência que nenhum quadro ou programa em alta definição sobre as Smoky Mountains poderia nos trazer.

Esse tipo de coisa pode ser o que o salmista tinha em mente, quando escreveu: “[Deus] faz os meus pés como os das cervas e põe-me nas minhas alturas” (Sl 18.33). A obediência aos mandamentos de Deus não apenas nos protege do mal, mas também permite que Deus cuide de nós, às vezes em maneiras de tirar o fôlego.

Quando Jesus disse, “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32), Ele não se referiu apenas à liberdade de algo (liberdade de coisas como doenças, desilusão e desapontamento), mas também a liberdade para algo (liberdade para amar e ser amado, confiar e rir). Ser obediente à Palavra de Deus não significa desistir dos prazeres do lazer ou da satisfação ou da liberdade;

significa ser livre para desfrutar do máximo lazer, da máxima satisfação e da máxima liberdade — da maneira como Deus desejou. As proibições e diretrizes que Deus estabeleceu para nós vêm de um coração amoroso que diz, na verdade: “Siga pelos meus caminhos, e a tua alegria será completa”. Deus sempre deseja o melhor para nós.



Capítulo Onze

VIVENDO SOB A PROTEÇÃO DE DEUS E DESFRUTANDO DA SUA PROVISÃO

Missouri é chamado de “Estado ‘mostre-me’ ou ‘quero ver’”. E há um pouco dessa atitude em todos nós. A maioria de nós está interessada em ver como as coisas funcionam e saber por que elas funcionam dessa maneira. Bem, quando Deus nos dá instruções para agir de determinada maneira, há uma imagem clara de como a nossa obediência resulta na proteção do mal e em uma provisão de bênçãos. Há incontáveis exemplos que poderíamos apresentar aqui, mas a extensão do capítulo nos limitará a apenas dois. [1]

A Palavra de Deus sobre a Imoralidade Sexual

Em termos bíblicos, a imoralidade sexual é toda a relação sexual que acontece fora do casamento entre um homem e uma mulher (sexo extraconjugal e pré-conjugal). As Escrituras declaram:

• “Que vos abstenhais... da fornicação” (At 15.29).

• “Fugi da prostituição” (1 Co 6.18).

• “E não nos prostituamos” (1 Co 10.8).

• “A prostituição e toda impureza ou avareza nem ainda se nomeiem entre vós, como convém a santos” (Ef 5.3).

• “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição” (1 Ts 4.3).

A Imoralidade Sexual Viola a Natureza de Pureza e Fidelidade de Deus

A natureza de Deus é pura. “Qualquer que nele tem esta esperança [de glória] purifica-se a si mesmo, como também ele [Deus] é puro” (1 Jo 3.3).Uma vez que devemos refletir a sua imagem e seguir nos seus caminhos, nos é ordenado “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência” (Cl 3.5).

A natureza de Deus é fiel. “Saberás, pois, que o Senhor, teu Deus, é Deus”, disse Moisés aos israelitas, “o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações” (Dt 7.9). Uma vez que devemos refletir a imagem de fidelidade de Deus e seguir os seus caminhos, nos é ordenado: “Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará” (Hb 13.4). A fidelidade pode, é claro, ser infringida, mesmo antes do casamento. Envolver-se em relação sexual pré-conjugal é conectar-se com outra pessoa de uma maneira tencionada apenas para um relacionamento de concerto, desta maneira sem base para um sólido compromisso de ser fiel.

A Proteção e a Provisão para Viver sexualmente Puro e Fiel

Viver uma vida sexualmente pura e permanecer fiel a um casamento presente ou futuro resulta nos seguintes benefícios:

Proteção de: • culpa • gravidez não planejada • doenças sexualmente transmissíve

Nós dois (Josh e Sean) tomamos uma decisão, desde o princípio, de esperar até o compromisso de amor do casamento antes de nos expressarmos sexualmente. Como nós e nossas esposas entramos em nossos relacionamentos matrimoniais puros e fiéis, estamos protegidos de sentimentos de culpa e desfrutamos de um relacionamento ininterrupto com Deus.

Nós nunca tivemos que passar pelo sofrimento de uma gravidez não planejada, e consequentemente os nossos filhos, concebidos em um relacionamento de um casamento de amor, tiveram a oportunidade de ser criados por sua mãe e seu pai biológicos.

Estamos protegidos do medo de que alguma doença sexualmente transmissível pudesse chegar ao nosso leito matrimonial.

Estamos protegidos da insegurança sexual que pode acontecer pela comparação com amantes sexuais anteriores que o cônjuge pudesse ter tido, e consequentemente temos a provisão da confiança em nosso relacionamento.

Estamos protegidos da aflição emocional que o sexo pré-conjugal pode trazer e dos sentimentos de traição que um caso extraconjugal pode causar. Como resultado, temos a intimidade relacional com nossas esposas sem empecilhos, sem violação de confianças nem fantasmas do passado. Refletir o caráter de Deus, em termos de pureza e fidelidade em nossos relacionamentos glorifica a Deus e traz bênçãos para nós.

Nem todos permanecem fiéis, antes do casamento ou durante o casamento. É importante que as pessoas que cometeram esse erro saibam que Deus é um Deus fiel, um Deus que perdoa, que pode restaurar corações partidos, emoções abaladas e casamentos destruídos. Michael Leahy autor de Porn Nation,é apenas um exemplo deste tipo de restauração. O seu casamento foi completamente destruído pelo seu vício em pornografia. Quando chegou ao fundo do poço, ele se converteu a Deus. Com o amor de Deus, o seu perdão e o seu poder de cura, Michael foi completamente restaurado. Hoje, ele viaja pelo país, falando a estudantes de faculdade sobre os perigos da pornografia e o poder da graça redentora de Deus. O nosso Deus fiel é o Deus de recomeços.

Exemplos de Ensinamentos aos outros sobre a Pureza e a Fidelidade no Casamento

Comemore aniversários. Os aniversários de casamento são ocasiões ideais para permitir que seus filhos e amigos saibam como a fidelidade e a pureza protegeram e cuidaram de vocês nas áreas comentadas acima. Isto pode incluir pessoas que sofreram um divórcio, mas que agora estão buscando um relacionamento fiel e a unidade em seu casamento. Faça do seu próprio aniversário uma celebração familiar. Deixe que os outros saibam o quanto significa para você a fidelidade conjugal. Explique o que o compromisso conjugal fez pelo seu relacionamento. Quanto mais essas pessoas, em particular os membros da sua própria família, perceberem a maneira como a fidelidade e a pureza beneficiaram suas vidas e as deles, mais impacto isso terá sobre eles.

Não subestime a capacidade dos filhos pequenos (seis, cinco ou quatro anos de idade, por exemplo) de entender os princípios da pureza sexual e da fidelidade conjugal. Você tem uma excelente oportunidade de construir o alicerce para a castidade sexual dos seus filhos, ajudando-os a entender os princípios da fidelidade e da pureza. Você pode explicar a eles a sua fidelidade ao seu cônjuge, esclarecendo em termos do cumprimento de uma promessa. “Eu prometi que amaria sempre a sua mãe, e é isso o que vou fazer, porque eu amo a sua mãe mais do que a qualquer outra pessoa, e Deus ficaria desapontado comigo se eu não cumprisse a promessa que fiz a ela”. A esposa pode explicar a fidelidade conjugal, dizendo: “Eu vivo somente com o seu pai, e com ninguém mais, porque eu o amo muito, e porque Deus criou uma esposa para amar apenas um homem dessa maneira”. Ensine-lhes desde cedo o seu compromisso, um com o outro, e como vocês são exclusivamente devotados, um ao outro. Os seus exemplos e ensinamentos serão recompensados, em uma década, aproximadamente, quando os hormônios de seus filhos começarem a se manifestar.

Pastores e pessoas que trabalham com jovens podem aproveitar o seu aniversário, ou o de um casal maduro na sua igreja. Peça que o seu cônjuge venha à reunião do grupo de jovens ou adultos para uma celebração de fidelidade e pureza. Explique como esses princípios trouxeram proteção e provisão ao casamento.

Aproveite as cerimônias de casamento. Quer você seja um pastor, uma pessoa que trabalha com jovens ou um pai, você pode aproveitar uma cerimônia de casamento para comemorar o princípio de fidelidade e pureza de Deus. Certifique-se de que os seus filhos ou amigos entendem o seu significado. Dedique algum tempo, antes e depois da cerimônia, para enfatizar o compromisso que o casal está assumindo e a sua promessa de ser fiel a vida toda. Consiga uma cópia dos votos de casamento e leia-os com seus amigos ou filhos mais jovens. Os adolescentes podem não reagir favoravelmente à leitura em conjunto dos votos, mas você pode fazer com que esse momento seja importante para uma criança ou um pré-adolescente. As cerimônias de casamento são uma ocasião ideal para reforçar o caminho que Deus nos preparou, para o amor e o sexo no compromisso do casamento — e como isso reflete o caráter relacional de Deus.

Use as oportunidades apresentadas pelos noticiários, pela televisão e pelos acontecimentos da atualidade. Aproveite algumas das muitas oportunidades para corrigir os retratos deturpados do amor e do sexo nos noticiários e nos programas de "diversão". Quando você e os seus filhos, por exemplo, virem alguma coisa na televisão ou no cinema que contradiz as normas de Deus para o sexo, converse sobre os benefícios de obedecer ao mandamento de Deus e as consequências de infringi-lo. Você poderá se surpreender ao ver o quanto os jovens são intuitivos ao detectar os benefícios e as consequências dos atos das pessoas, quando começarem a ver a vida através da lente de Deus e dos seus mandamentos. (Um excelente recurso para orientar você nesses ensinamentos é o livro Hollywood Worldviews, de Brian Godawa.)

A Palavra de Deus sobre a Família

Durante séculos, os judeus fiéis têm iniciado as suas orações diárias, recitando o shema, a expressão que Moisés disse aos israelitas depois lhes entregar os Dez Mandamentos:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor (Dt 6.4).

Para um judeu, essas palavras são sagradas. Essas são as palavras, escritas em hebraico, sobre minúsculas tiras de papel, que os judeus ortodoxos prendem a seus braços e a suas testas, e ao lado de porta de entrada de seus lares, em uma pequena caixa ou cilindro, chamado mezuzak.

A shema revela a singularidade de Deus, “Vede, agora”, diz Deus na sua Palavra, “que eu, eu o sou, e mais nenhum deus comigo” (Dt 32.39). “Que entendais que eu sou o mesmo”, declara Ele, “e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá” (Is 43.10).

Mas a shema não se refere apenas à singularidade de Deus; Ela também testemunha a sua unidade. Muito antes que Jesus Cristo fosse revelado aos humanos como o Filho de Deus, muito antes que o Espírito Santo fosse dado à igreja, no Pentecostes, Deus se revelou como uma unidade misteriosa. A narrativa da criação, no livro de Gênesis, afirma que Deus disse: “Façamos [nós] o homem à nossa imagem” (Gn 1.26), mas “o Senhor é o único Senhor”. O primeiro livro de Moisés registra a reação de Deus ao pecado de Adão e Eva. Ele disse: “Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal” (Gn 3.22), mas “o Senhor é o único Senhor”.

A Bíblia diz que Deus reagiu à Torre de Babel, dizendo: “Eia, desçamos [nós] e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro” (Gn 11.7), mas “o Senhor é o único Senhor”. O nome divino, Elohim, aplicado a Deus por todo o Pentateuco, é um plural, em hebraico, mas “o Senhor é o único Senhor”.

Até mesmo nos tempos do Antigo Testamento, o conceito de uma Divindade plural — o que os cristãos agora chamam de Trindade — existia. A unicidade de Deus representa um relacionamento perfeito de unidade. A shema deixa claro que Deus não é uma parceria. Ele não é um conglomerado. Ele não é um comitê. Ele é uma unidade: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”(Dt 6.4).

Deus não pode ser separado. Ele não pode ser dividido. A sua unicidade perfeita em um relacionamento de amor não é algo por que Ele luta, nem mesmo é algo que Ele fabrica, mas é algo que Ele é. “Eu e o Pai somos um”, Jesus disse,

“acrediteis que o Pai está em mim, e eu, nele” (Jo 10.30, 38).

Famílias Divididas Violam o Caráter de Unidade de Deus

A unidade é parte da natureza e do caráter de Deus, Ele é relacionalmente um. E é essa unidade que Ele deseja que reflitamos em nossos casamentos e relacionamentos familiares. Quando a Bíblia diz que “deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2.24), ela está dizendo que o casamento deveria refletir a natureza de Deus, de unicidade e unidade. Deus explicou e expandiu este tema da unidade a respeito do casamento. Jesus, falando especificamente a respeito do compromisso do casamento, acrescentou: “Já não serão dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem” (Mc 10.8,9).

A Proteção e a Provisão para Famílias Unidas

Quando os casamentos e as famílias são unidos pela unidade e pelo amor, o relacionamento resulta nos seguintes benefícios:

Proteção de: • falta de atenção dos pais • insegurança emocional • problemas de r

Não são necessários vastos estudos de investigação por parte de universidades ou do governo para que saibamos que a infidelidade conjugal e o divórcio têm consequências negativas a todos os envolvidos. Em julho de 2009 a Time magazine dedicou a sua matéria de capa à decadência do casamento na América do Norte. O título da matéria era "'Unfaithfully Yours — Infidelity is eroding our most sacred institution" [Infielmente seu — a infidelidade está destruindo a nossa mais sagrada instituição]. No artigo da revista intitulado "Why Marriage Matters" [Por que o casamento é importante] a autora Caitlin Flanagan afirmava:

Durante os últimos quarenta anos, a face da família norte-americana se modificou profundamente. Como observa o sociólogo Andrew J. Cherlin, em um memorável e recente livro, chamado The Marriage-Go-Round: The State of Marriage and the Family in America Today [O carrossel do casamento: a situação atual do casamento e da família nos Estados Unidos] o que é significativo a respeito das famílias norte-americanas, em comparação com as de outras nações, é a sua combinação de "casamento frequente, divórcio frequente" e o elevado número de "curtos relacionamentos de coabitação sem o vínculo do casamento". Consideradas em conjunto, essas forças "criam uma grande turbulência na vida da família norte-americana, um fluxo familiar, um ir e vir de parceiros em uma escala que não é vista em nenhuma outra parte. Há mais parceiros na vida pessoal dos norte-americanos do que na vida das pessoas de qualquer outra nação ocidental..."

Que importância tem isto? Mais importância do que podemos explicar com palavras. Não existe nenhuma outra força que cause tão mensurável aflição e infelicidade humana neste país quanto o colapso do casamento. Ele fere os filhos, reduz a segurança financeira das mães e aterrissa com particular destruição sobre aqueles que menos têm condições de suportá-lo: a classe baixa da nação.[2]

Flanagan fala, ainda, sobre a necessidade do amor de uma mãe e também do amor de um pai, para que os filhos amadureçam de uma maneira saudável.

Poucas coisas prejudicam mais um filho do que não ter um pai em casa. "Sendo

uma feminista, eu não queria acreditar nisto", diz Maria Kefalas, uma socióloga que estuda problemas matrimoniais e familiares e é coautora de um livro criativo sobre mães de baixa renda, chamado Promises I Can Keep: Why Poor Women Put Motherhood Before Marriage [Promessas que eu consigo cumprir: por que as mães pobres colocam a maternidade acima do casamento], "As mulheres sempre me dizem, 'eu posso ser mãe e pai de um filho', mas isso não é verdade". Crescer sem um pai tem um profundo efeito psicológico sobre uma criança. "A mãe pode não precisar daquele homem", diz Kefalas, "mas os seus filhos ainda precisam".[3]

Jesus tinha bons motivos para dizer: "Assim [as duas pessoas casadas] não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem" (Mt 19.6). Um casamento e uma família unida alimentam sentimentos de consistência, permanência e estabilidade, além de ajudar os filhos a saberem a quem pertencem, quem pertence a eles, em quem podem confiar, e como seá a sua vida no futuro.

Eu (Josh) cresci em um lar onde havia o problema do alcoolismo. Eu sabia como era um lar dividido e defeituoso. E ainda hoje sofro com os resquícios emocionais de ter crescido em um lar que não era unido.

Eu (Sean) cresci em um lar unido. Testemunhei a devoção de um marido e uma esposa, que se amavam, diante de mim e de minhas irmãs. E esse legado de família unida continua vivo, em minha vida e na da minha própria família.

A maior segurança que você pode dar a seus filhos é o conhecimento, por experiência, de que você ama o seu cônjuge. Você pode dizer a um filho que o ama do fundo do seu coração e demonstrar esse amor todos os dias, e assim lhe dirá, emocionalmente, que ele é digno de amor. Mas se você desejar dar uma segurança real aos seus filhos demonstre o quanto você ama o seu cônjuge.

Quando Sean tinha seis anos de idade, certo dia eu (Josh) percebi que ele não estava bem ao voltar da escola.

— Eu lhe perguntei qual era o problema:

— Ah, nada, papai, respondeu ele.

Sean e eu sempre tivemos uma boa comunicação, e por isso eu lhe disse:

— Vamos, diga-me o que você está sentindo.

Ele hesitou, e então perguntou:

— Papai, você vai deixar a mamãe?

Eu sabia que, um dia, essa pergunta apareceria

— Por que você pergunta isso? Perguntei.

Sean me contou que os pais de três de seus amigos haviam acabado de se divorciar das mães, e ele temia que eu pudesse fazer a mesma coisa.

Eu me sentei com Sean, olhei nos olhos dele, e disse:

— Eu quero que você saiba de uma coisa. Eu amo muito a sua mãe. Eu tenho um compromisso com ela, e nunca a deixarei. Ponto final.

Aquele menino de seis anos de idade soltou um grande suspiro de alívio, sorriu e disse:

— Obrigado, papai.

Naquele momento, ele não precisava ter certeza do meu amor por ele tanto quanto precisava da segurança que resulta de saber que a sua mãe e eu nos amamos e estamos comprometidos em um relacionamento permanente. A unidade de amor de um casamento reflete a natureza da unidade de Deus, e é esse vínculo indissolúvel de amor que transmite segurança a esta geração.

Exemplos para que os Pais Transmitam a Unidade na Família

Demonstre abertamente o seu amor pelo seu cônjuge hoje. Aproveite cada oportunidade para permitir que os seus filhos saibam o quanto você ama o seu cônjuge e faça um esforço para fazer isso hoje. Sejam afetuosos, um com o outro, diante dos filhos. Como dissemos acima, quanto mais você lhes demonstrar o quanto é devotado ao seu cônjuge, mais seguros eles se

sentirão. Beijos, rosas, datas especiais, refeições favoritas — há mil e uma maneiras de demonstrar abertamente, diante de seus filhos, o quanto vocês se amam. Os seus filhos adorarão se você os envolver para preparar uma refeição especial ou uma surpresa que demonstre o seu amor e apreço pelo seu cônjuge. A participação de seus filhos para ajudá-lo a planejar essas coisas também aumenta a percepção e a confiança deles no compromisso de amor que você tem com o seu cônjuge.

Mostre o seu álbum de fotos da cerimônia do casamento. Você poderá se surpreender por ver o quanto seus filhos são fascinados — até mesmo os adolescentes — pela história e pelas fotografias da cerimônia do seu casamento. Mostre as fotografias e use-as como uma maneira de transmitir as suas profundas convicções sobre o casamento, os votos que vocês fizeram, e como esse compromisso permanece até hoje.

Contar histórias sobre o namoro e o casamento — e como honrar o casamento resultou na proteção e na provisão de Deus na sua vida — reforçará as crenças de seu filho no caminho de Deus para o casamento e a família.

Exemplos para que os Pais e outras Pessoas Transmitam Unidade

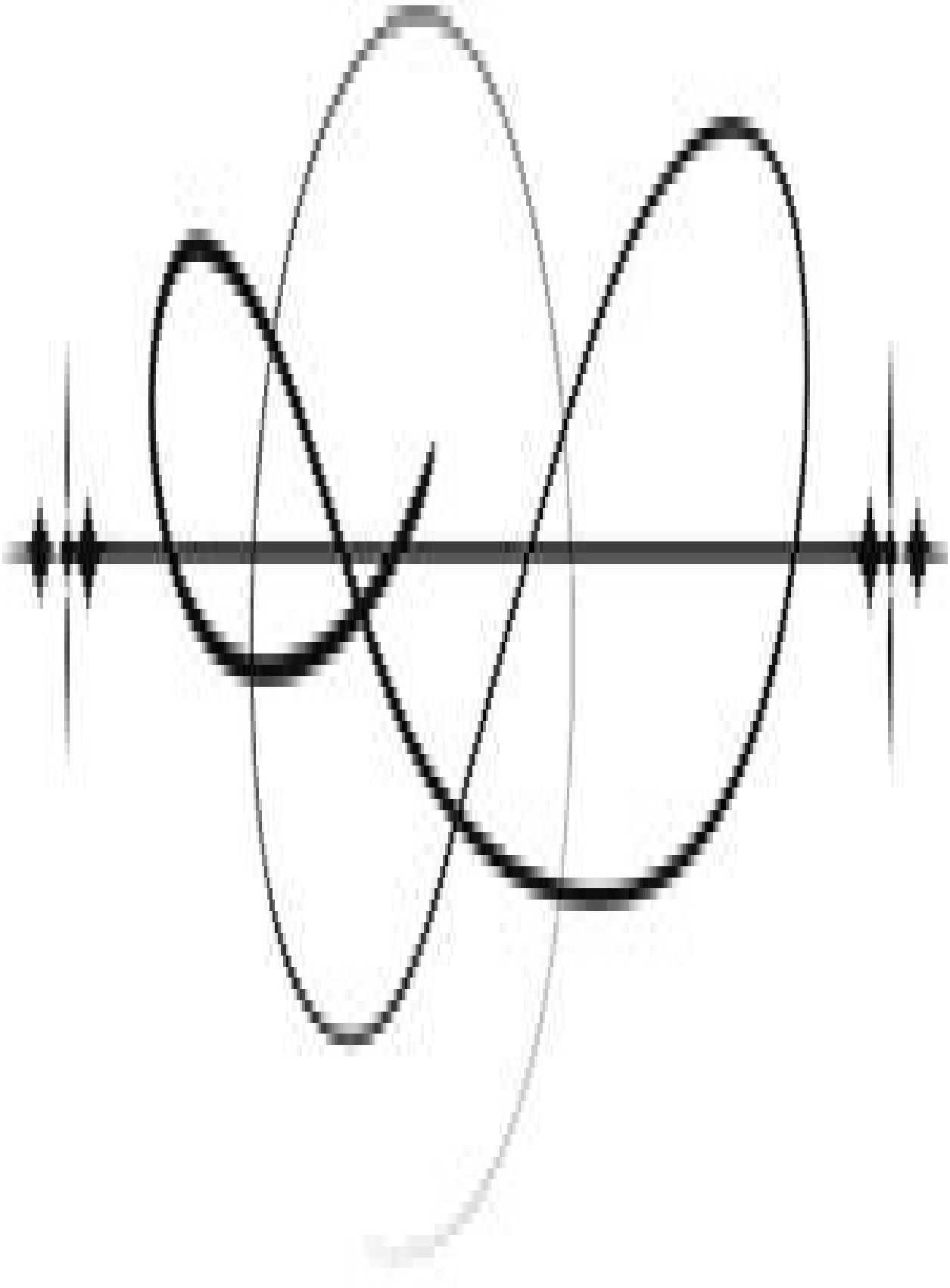
Torne os aniversários especiais. Quer você tenha 5, 15 ou 50 anos, ouvir sobre os detalhes do dia em que você nasceu sempre é algo fascinante. Use este fascínio para transmitir a seu filho uma maior sensação de entrosamento. Enfatize a seu filho o fato de que ele vem da união do seu amor pelo seu cônjuge. Explique como ele herdou características distintas de cada um de vocês. Explique a um amigo como o fato de que ele existe no mundo é importante para você. Quanto mais as pessoas obtiverem uma sensação de sua herança ou importância, mais unidade terão com a sua família e com os seus amigos.

Use as oportunidades apresentadas pelos noticiários, pela televisão e pelos acontecimentos da atualidade. Use filmes ou acontecimentos de divórcios ou casamentos em dificuldades como temas de conversa. Em vez de condenar uma pessoa que passa por um divórcio, converse sobre a proteção e a provisão que ela está perdendo. Se você conhece a pessoa, comente como você e os seus filhos e amigos podem dar apoio e ajudar. Usar eventos atuais pode ser uma maneira ideal de conversar sobre as consequências negativas de infringir os padrões de Deus para a unidade no casamento e na família, e uma boa maneira de enfatizar as recompensas positivas de viver desta maneira.

Resumo

Deus nos deu a sua Palavra confiável que reflete, com exatidão, quem Ele é (puro, fiel, uma unidade e assim por diante). Como Deus nos criou à sua imagem, na sua Palavra Ele nos dá instruções que nos mostram como conduzir a nossa vida de uma maneira que reflita a sua natureza. Seguindo essas instruções, podemos viver vidas piedosas e desfrutar da proteção e provisão que Ele planejou para nós. Esta verdade de Deus e a sua Palavra é outro componente na edificação de uma perspectiva cristã. Quanto mais entendemos o caráter e a natureza de Deus e a maneira como eles estão refletidos nos mandamentos e nas instruções encontradas na sua Palavra, mais adquirimos uma perspectiva da vida, como Deus desejou.

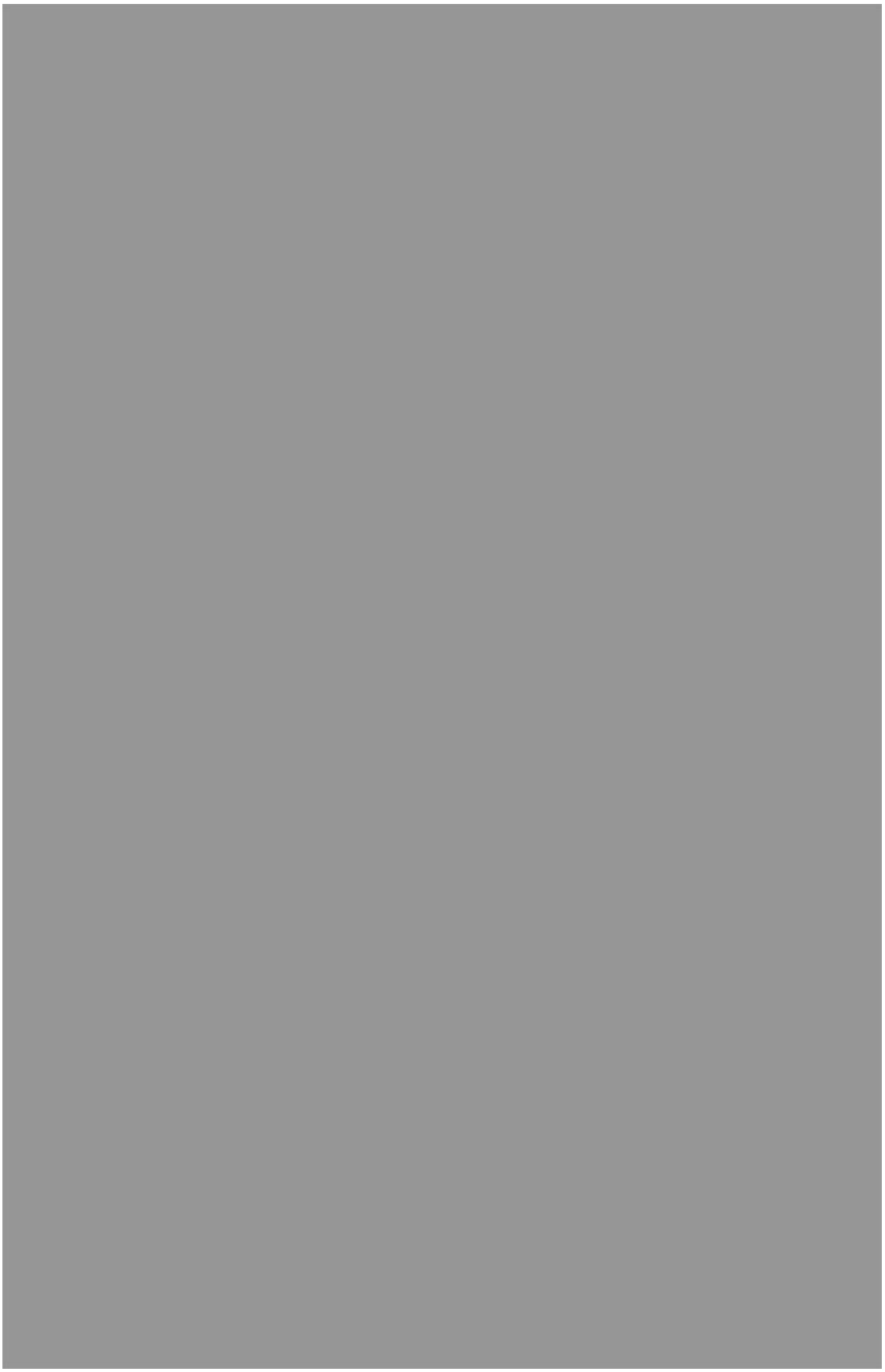
Para mais informações sobre o caráter e a natureza de Deus, e a proteção e a provisão para viver nos seus caminhos, sugerimos que você adquira o livro Right from Wrong [Distinguir o certo do errado], de Josh McDowell e Bob Hostetler. Grande parte deste capítulo deriva desse livro.

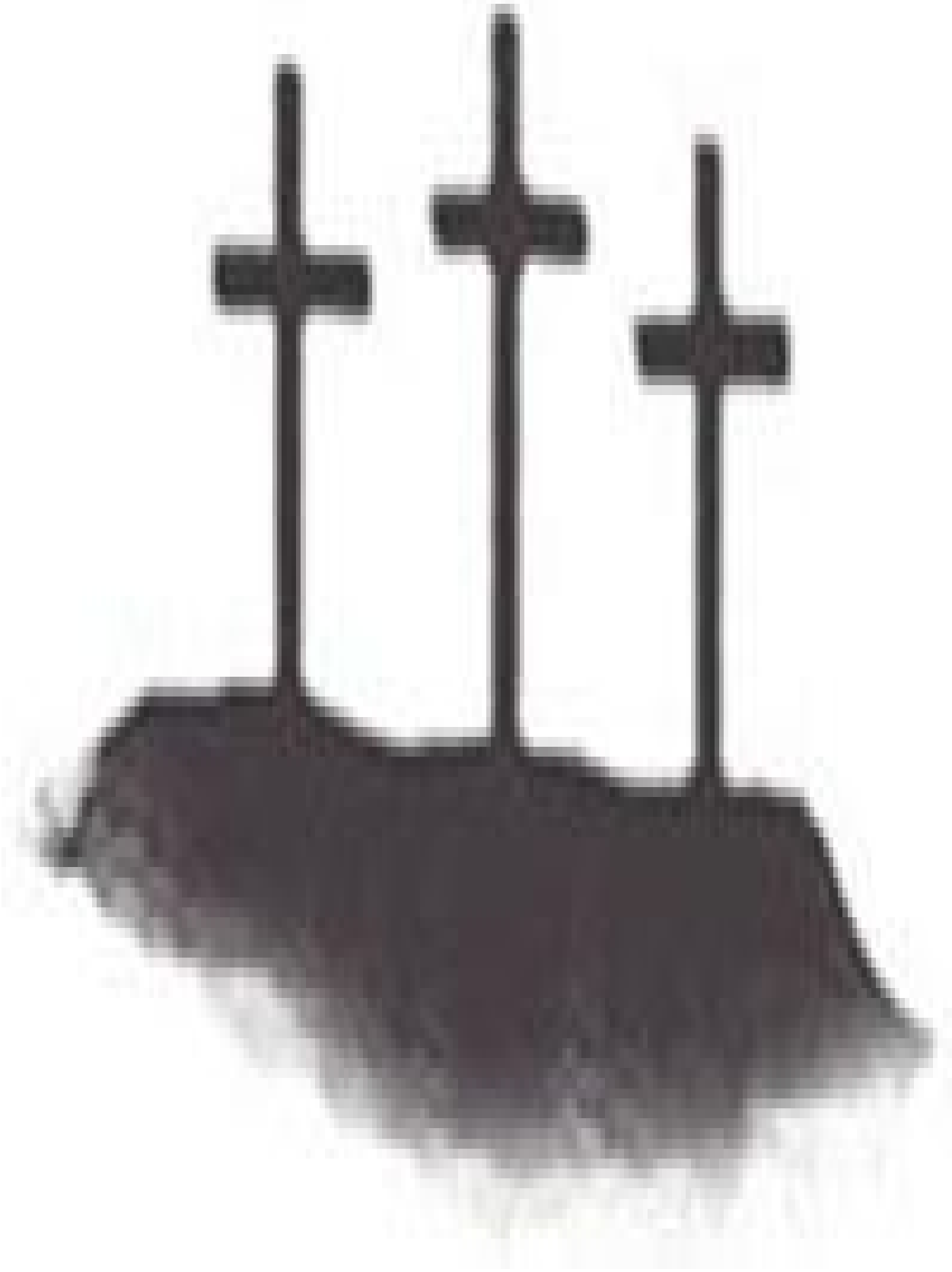


Para ajudar vocês, como: uma família, um grupo de jovens, ou um grupo de adultos, a solidificar o significado da Palavra de Deus, desenvolvemos uma Festa judaico-cristã da Colheita, uma Celebração da Revelação, que é descrita no apêndice B deste livro. Esta festa foi planejada para permitir que vocês tenham juntos uma refeição que se concentra, especificamente, na celebração do Deus dos relacionamentos. Ele nos criou e nos deu uma revelação de si mesmo, pelo seu Espírito, e pela Palavra, para que possamos ter um relacionamento íntimo com Ele. Ter essa refeição de celebração acrescentará relevância à sua perspectiva cristã e instilará essa perspectiva em seus amigos e em sua família.

Verdade Número Três

O Primeiro Pecado





Capítulo Doze

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO DESTRUÍDO

Scottie, o nosso primogênito, era um precioso pacote de amor, que Stephanie e eu (Sean) amamos desde o primeiro dia. Nós não fazíamos nada além de enchê-lo de amor e devoção. Mesmo desde os seus primeiros movimentos no útero de sua mãe, ele fez parte de nossa família. Quando o pequeno Scottie chegou à nossa família, nós pudemos enchê-lo de amor e dar a ele exemplos de um relacionamento de doação e confiança.

No entanto, apesar de todos os nossos esforços de amor, e sem nenhuma influência da cultura exterior, certo dia o nosso Scottie agarrou um brinquedo de minha mão, e me disse: “É meu”. Em vez de desfrutar de um relacionamento de doação com seu pai, ele declarou a sua independência, como único responsável pelo brinquedo. Eu não fiquei surpreendido nem chocado com os seus atos — na verdade, eu ri, por dentro. Conhecendo a natureza humana, eu estava esperando que, em algum momento, o meu filho exibisse egoísmo.

Se você já esteve por muito tempo junto a crianças, você também pode testemunhar que uma criança, sem nenhum treinamento ou instrução, tem uma tendência independente que é egocêntrica. Desde a infância parece haver uma luta pelo controle, para conseguir o que queremos e quando queremos. De uma forma ou de outra, este impulso independente para estar no comando está por trás de cada luta pelo poder, cada preconceito, cada conflito e cada abuso de relacionamento, desde o princípio dos tempos. E por quê? Os seres humanos foram criados à imagem de um Deus trino, cujas Pessoas têm um relacionamento harmonioso, umas com as outras. No entanto, como pode a raça humana ter sido formada à semelhança deste Deus perfeito e ser tão egocêntrica, desde o nascimento? A resposta está no princípio, quando o pecado entrou no mundo.

Imagine passar um dia com o primeiro homem e a primeira mulher, em um relacionamento perfeito com Deus. Ao nascer do sol, Adão e Eva acordam, renovados e alegres, sem nenhum sinal de mau humor matinal. Eles se abraçam e se beijam, e então saem, para trabalhar no jardim. Embora se dediquem diligentemente a cada tarefa, eles nunca se cansam, e, na verdade, parecem encontrar imensa alegria em cuidar de sua propriedade e dar forma a ela, e nutrir e cuidar das criaturas que os servem. Quando sentem fome, eles fazem uma pausa e se alimentam da comida abundante que cresce à sua volta. Eles matam a sede com correntezas cristalinas. Com o cair da tarde, eles deixam o trabalho, mergulham em um lago límpido e nadam por cerca de meia hora, então se enxugam correndo pelas folhagens frescas, sem a presença de espinhos ou veneno. Ao chegar à sombra coberta de flores que é a sua casa, eles se sentam, bebendo o líquido refrescante de um coco, enquanto esperam ansiosamente o ponto alto de seu dia.

— Ele já está vindo? pergunta Eva, olhando para o caminho pela floresta.

— Eu não o ouço, responde Adão. Pode ser cedo ainda.

Eles bebem, e conversam sobre os planos para um bosque de árvores perto da cascata do lado leste. Depois de alguns momentos, Eva olha outra vez em meio às árvores, com os olhos brilhando de antecipação.

— Eu ainda não o vejo, diz ela.

— Ouça, responde Adão, eu acho que estou ouvindo alguma coisa.

Ambos ficam em silêncio e ouvem, e depois de alguns momentos, o som familiar e suave do movimento em meio à mata é inconfundível.

— Oh, Ele está chegando! Exclama Eva, sem conter a emoção. Ela começa a correr alegremente pelo caminho, e Adão a segue de perto. Eles correm para junto de Deus, como filhos que correm para um pai que está voltando para casa, no fim de um dia de trabalho. E até o pôr do sol, o feliz casal caminha pelas trilhas do jardim e conversa com o seu Criador, enquanto suas almas ardem dentro deles, cheias de alegria e êxtase.

Embora os detalhes desta cena sejam fictícios, este é um retrato fiel de como

Adão e Eva devem ter amado a Deus e reagido a Ele. Eles esperavam ansiosamente a sua presença. Deus os amava e sentia prazer neles. O homem e a mulher amavam a Deus, e amavam um ao outro. Eles haviam entrado no círculo do relacionamento da Divindade, e juntos sentiam a sua incrível bondade. Eles sentiam a alegria de se dedicar um ao outro. Eles tinham a segurança de ser aceitos, incondicionalmente. Eles se sentiam valorizados pelo Deus autossuficiente que desejava passar algum tempo com eles. O louvor e o apreço que Deus deve ter dado a eles pelos seus excelentes cuidados com o jardim deve ter feito com que Adão e Eva se sentissem importantes. E o afeto e a gratidão que eles ofereciam, um ao outro, expressava um relacionamento dedicado de amor.

Este círculo perfeito de relacionamento de amor era a intenção suprema de Deus para toda a humanidade, desde a criação. Ele desejava que Adão e Eva, e todos os seus descendentes, fossem extremamente felizes, em um relacionamento de amor com Ele, e entre si, para sempre. E no Éden, tudo funcionava perfeitamente.[1]

O que Há em uma Escolha?

Obviamente, alguma coisa deu errado no meio do caminho. Este mundo em que vivemos não tem nada a ver com o Jardim do Éden. Longe de sentir prazer em Deus, muitas pessoas hoje em dia sentem exatamente o oposto com relação a Ele. Alguns veem Deus como um tipo de juiz rígido que observa cada movimento com um olhar severo e desaprovador. Alguns consideram a ideia de Deus tão forçada e distante que nem mesmo acreditam que Ele exista. E mesmo se Ele existir, essas pessoas pensam que Ele está distante e não se importa — em algum lugar, no céu longínquo, e que Ele nos deixa aqui, lutando sozinhos com problemas que não parecem ter solução, em um mundo cheio de todos os tipos de males. Muitas pessoas, na realidade, desejam que Deus continue distante. Na verdade, esta é uma motivação frequente para o ateísmo. Aldous Huxley, autor de Brave New World, explicou que ele e seus amigos ateus desejavam um mundo sem o significado que Deus poderia lhe dar, porque esse mundo lhes daria “libertação de certo sistema de moralidade. Nós objetávamos com relação à moralidade porque ela interferia com a nossa liberdade sexual”.[2]

O sociólogo Christian Smith descobriu, em sua pesquisa, que muitos adolescentes dos Estados Unidos acreditam que “Deus é algo parecido com uma combinação de Mordomo Divino e Terapeuta Cósmico: Ele está sempre a postos, resolve qualquer problema que apareça, ajuda profissionalmente o seu povo para que eles se sintam melhor consigo mesmos, e não se envolve excessivamente no processo”.[3] Estas noções de Deus, que são tão comuns hoje em dia, são quase que infinitamente distantes da maneira como Adão e Eva o viam no Gênesis. Eles viam Deus como um ser que os amava profundamente, e exultavam no seu relacionamento próximo e íntimo com Ele. Como é que nós, humanos, passamos da intimidade com Deus, em um mundo perfeito, à alienação dEle, no mundo atrapalhado de hoje?

A Liberdade para Confiar

▪

Deus é apaixonado pelo nosso amor por Ele, e zeloso se nos afastamos dEle, porque Ele sabe que amá-lo é a única maneira para que encontremos alegria e perfeição.

▪

Nas Escrituras, não há nenhuma indicação de que a continuação de um relacionamento perfeito entre Deus e os humanos seria automática. O relacionamento era baseado em um amor autêntico que devia ser expresso livre e voluntariamente. Portanto, o relacionamento íntimo envolvia uma escolha e devia produzir o fruto da confiança. Naturalmente, Deus é Todo-Poderoso e poderia ter criado os humanos sem nenhuma capacidade de escolha. Ele poderia ter manipulado cada movimento deles, e poderia tê-los feito em conformidade com cada desejo seu. Mas se Ele tivesse feito isto, os humanos não teriam sido criados à sua própria imagem. Deus é livre para escolher, e Ele deu aos humanos a mesma capacidade. Adão e Eva exerciam essa capacidade de escolha, participando do círculo de relacionamento de Deus, para expressar livre e voluntariamente o seu amor por Ele, e o amor de um pelo outro. No

relacionamento de Deus não havia nenhum jogo de poder autosserviente, nem desejo de controlar outra pessoa, nem ambições de independência. Era um relacionamento em que o foco estava na outra pessoa. Era um relacionamento que procurava o melhor na outra pessoa, e em que uma pessoa se entregava livremente para agradar à outra. Quando uma pessoa conhece outra e escolhe voluntariamente amá-la desta maneira, isto dá origem a um relacionamento em que há intimidade e confiança.

Assim, na perfeição primitiva do Jardim, Deus ofereceu a Adão e Eva uma maneira tangível de expressar o seu amor abnegado e a sua confiança nEle. Ele lhes deu uma ordem, para que não comessem determinada fruta. E foi assim: Eles tinham uma escolha a fazer, uma escolha voluntária, entre crer que Deus agia de maneira abnegada e tinha em mente o melhor para deles, ou crer que Ele estava, de modo egoísta, proibindo que eles tivessem algo bom. Nesta simples escolha, Adão e Eva tinham que demonstrar que confiavam que Deus era bom, e que Ele não impediria, com egoísmo, que eles tivessem algo bom. Escolher alguma outra coisa seria destruir o relacionamento de amor estabelecido entre Deus e os humanos. E romper esse relacionamento significava se desligar da única fonte verdadeira de amor e da própria vida. Isto, é claro, teria um resultado desastroso.

Assim, havia um risco, no plano magistral de Deus de criar os humanos à sua imagem e semelhança relacional. O risco era que eles escolhessem rejeitar tal relacionamento. O amor autêntico não pode ser forçado. Deus sabia disto, e também conhecia as consequências, se eles o rejeitassem. É por isso que a simples indicação de que os humanos que Ele havia criado tentassem satisfazer as suas necessidades longe dEle produzia zelo e ciúmes. O seu primeiro mandamento diz: “Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; Deus zeloso é ele” (Êx 34.14). A versão New Living Translation traduz “um Deus zeloso” como “um Deus que é apaixonado a respeito do seu relacionamento convosco”.

O zelo de Deus está longe de ser egoísta. Ele queria que Adão, Eva e todos os seus descendentes o adorassem, e somente a Ele — mas não porque o seu orgulho seria ferido se não o fizessem, ou porque Ele não consegue tolerar a rejeição. Na verdade, Ele é apaixonado a respeito do nosso amor por Ele, e zeloso se nos afastamos dEle, porque Ele sabe que amá-lo é a única maneira para que encontremos a verdadeira alegria e perfeição.

Deus é amor, alegria, paz, bondade e tudo o que é necessário para proporcionar a pura felicidade e alegria. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito”, declara Tiago, “vêm do alto, descendo do Pai” (Tg 1.17). Assim, quando Deus disse a Adão e Eva que evitassem aquela fruta, na verdade Ele estava tentando conduzi-los à vida sem egoísmo, a vida focada na outra pessoa, no relacionamento com Ele. Esse tipo de relacionamento traria grande prazer a Deus e profunda felicidade a eles.

A Separação de Deus

Mas, como todos nós sabemos, Adão e Eva escolheram outro caminho. Satanás, o inimigo de Deus, entrou no Jardim do Éden, e os convenceu a fazer uma escolha que destruiu o relacionamento que Deus tencionava ter com a raça humana, e infligiu ao mundo uma agonia e devastação indescritíveis. “E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me” (Gn 3.8-10). Apenas um dia antes, Adão e Eva não conseguiam conter a sua emoção pela chegada de seu Criador. No entanto, nessa tarde em particular, a sua reação foi completamente diferente. O medo havia erigido uma barreira entre os humanos e Deus, e por isso eles se esconderam com vergonha. Esse medo e o ato de esconder-se dEle foram o resultado de seu ato egocêntrico, que é o que chamamos de pecado. Mas a desobediência de Adão e Eva envolveu algo além de simplesmente comer o fruto de uma árvore proibida. Esse ato envolveu a rejeição de Deus como a fonte de tudo o que é correto e verdadeiro. Essa rebelião contra Deus trouxe a morte ao relacionamento. O homem e a mulher foram expulsos do Jardim do Éden (Gn 3.23, 24).

O seu ato resultou em mais tragédias, além da expulsão de Adão e Eva do Jardim. As consequências foram terríveis e devastadoras, e afetaram o próprio planeta. Cada planta e cada animal e cada ser humano que nasceu depois daquele dia esteve sujeito a dor, doenças, decadência, tristezas e morte (Rm 8.20-22).

A entrada do pecado no mundo tirou dele a vida. Ao pecar, Adão e Eva

corromperam o seu relacionamento com um Deus santo e perfeito — que é a própria vida e de quem vem toda a vida (Jo 1.4; 5.26). Estavam acabados os momentos de alegria e intimidade compartilhada com seu Deus Pai. Estavam acabados os momentos de riso que haviam tido juntos. Estava acabado o seu relacionamento pessoal.

O pecado deles trouxe ao mundo não apenas a morte através da separação de Deus, mas a aparição do pecado trouxe fome, doenças, ódio e sofrimentos que terminariam com a sua morte física e a separação eterna de Deus. O pecado e a morte passaram a reinar sobre toda a raça humana, a partir daquele momento. As Escrituras declaram: “Como por um homem [Adão] entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram” (Rm 5.12).

Pense no pior que pode acontecer. Qual é a maior tragédia da vida? O que tira toda a alegria de viver? A reposta é a morte. Na morte, não há esperança, não há existência física, não há alegria de nenhum tipo. A morte é a maior maldição da humanidade, pois é a ausência do Deus de toda a vida e bondade.

“O salário do pecado”, declaram as Escrituras, “é a morte” (Rm 6.23). E não há nada que nós, seres humanos, possamos fazer, em nós mesmos, para reverter o pagamento do pecado. O apóstolo Paulo disse que nós somos completamente “fracos” (Rm 5.6).

Quando a Bondade não Adianta Nada

A população geral dos Estados Unidos acredita que “as pessoas boas vão para o céu, quando morrem”.[4] Eles acreditam que se você e eu nos aprimorarmos com o passar do tempo, as nossas boas obras superarão as más, pendendo a balança em nosso favor e conquistando o direito de entrada no céu. Essa mentalidade diz que Deus nos avaliará, nos comparará com outras pessoas e permitirá que vivamos com Ele outra vez em um céu e terra perfeitos.

O que esta crença deixa de levar em consideração é a verdade completa a respeito da morte. A morte é mais do que aquilo que acontece quando você deixa

de respirar e é enterrado. Mesmo enquanto nós, humanos, respiramos e caminhamos pela face do planeta já estamos mortos espiritualmente. Os mortos não têm a capacidade de se salvar, com boas obras ou sem elas. Eles não têm a capacidade de fazer nada — pois estão mortos! Fazer boas obras não significa que estamos espiritualmente vivos, não mais do que os espasmos do rigor mortis em um cadáver significam que ele está fisicamente vivo. As Escrituras nos dizem, claramente: “[A salvação] não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.9). Nem mesmo a completa adesão à lei de Deus poderá ajudar. “Era impossível à lei [de Moisés], visto como estava enferma pela carne” (Rm 8.3). Não há absolutamente nada que possamos fazer, sozinhos, para solucionar o nosso problema com o pecado, porque estamos todos mortos espiritualmente e logo estaremos mortos fisicamente.

O limite de confiança que Deus havia planejado foi ultrapassado pelos primeiros humanos. A sua ordem que exibia a obediência humana havia sido violada. A escolha egocêntrica de Adão e Eva trouxe a morte e um dilema desesperador para toda a raça humana. Para resumir o que dissemos até agora:

-

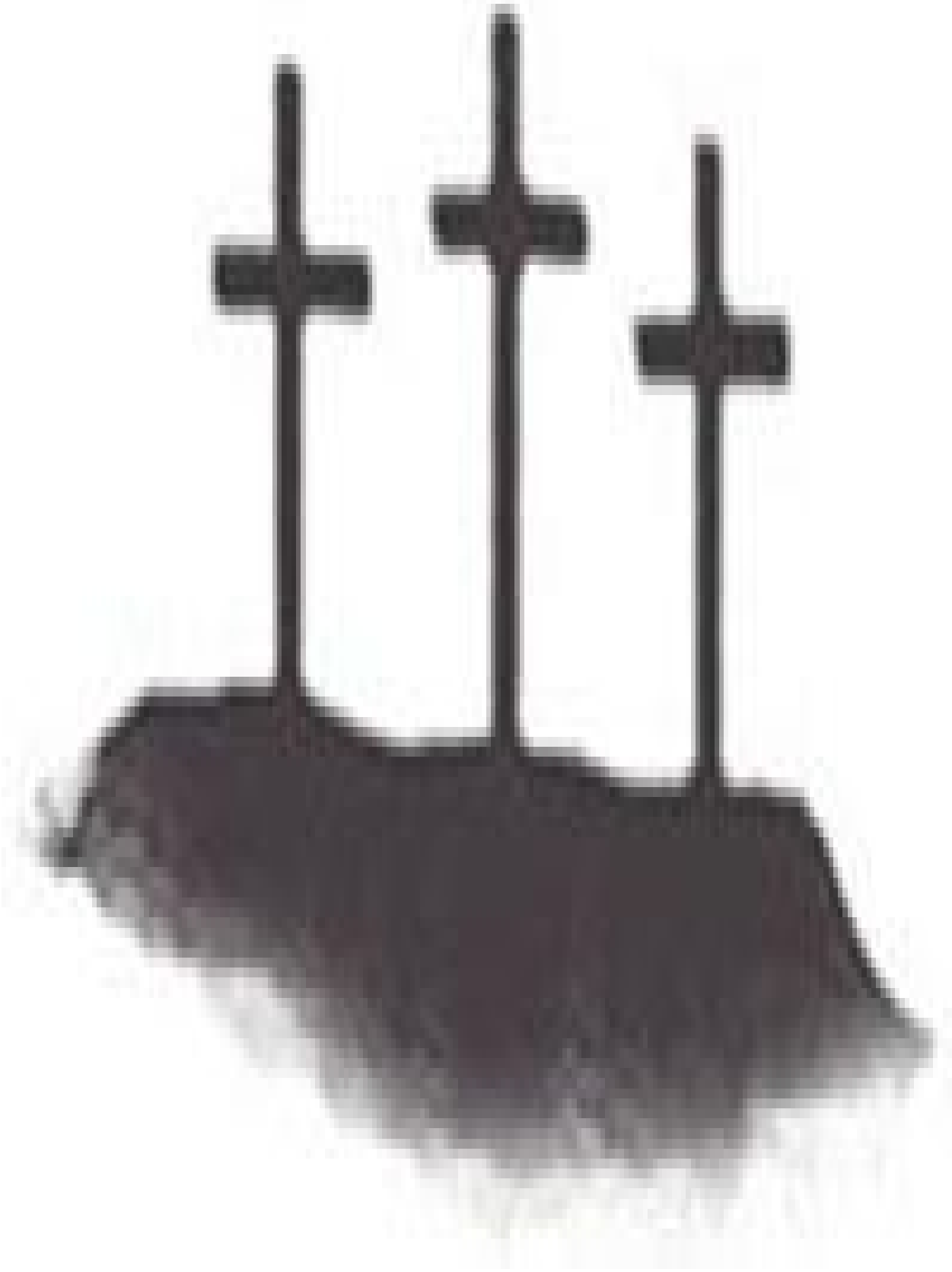
Nós cremos na verdade de que Deus criou os seres humanos à sua imagem, para ter um relacionamento de amor com Ele, porém esse relacionamento foi destruído, por causa do pecado original. O pecado foi transmitido a toda a raça humana, e consequentemente todos nascem espiritualmente mortos, e completamente incapazes de obter a benevolência de Deus.

-

Como resultado do pecado e da morte, o universo está em um estado de entropia, passando da ordem à desordem. Tudo está morrendo, e nenhuma quantidade de engenho humano ou tecnologia ou progressos da medicina poderão reverter permanentemente a perdição inevitável de todos nós. Isto é, nada, exceto uma intervenção milagrosa de Deus.

Há, no entanto, os que preferem dizer que os humanos nascem naturalmente bons, e, com o tempo, o processo de evolução operará e os melhores e mais fortes da natureza humana sobreviverão. Para alguns, os problemas dos humanos

têm uma explicação natural, com soluções naturais. Mas as Escrituras narram outra história, uma história que registra o fato de que o pecado humano tem consequências. Este é o tema do capítulo seguinte.



Capítulo Treze

EVIDÊNCIAS DE QUE O PECADO TEM CONSEQUÊNCIAS

Hoje, quando escrevemos estas palavras, algumas das manchetes do jornal local dizem:

• Coreia do Norte e do Sul combatem no mar

• Bomba mata 24 pessoas

• Cidades às escuras

• Atirador é executado

• Ex-astronauta é culpado

• Engenheiro do Distrito morre aos 49 anos[1]

Cada jornal e cada fonte de notícias da internet, por todo o mundo, estão cheios de manchetes e narrativas como estas, falando sobre a população da terra presa em avareza, desconfiança, roubos, conflitos, matanças, guerras, destruição e morte.

O problema do pecado no mundo não é um problema sociológico, econômico ou intelectual. É um problema espiritual ou um problema do coração.

Será que este poderia ser o resultado do fato de que os humanos egocêntricos escolheram desconsiderar Deus e os seus caminhos? Os marxistas culpam o capitalismo e a distribuição desigual de riquezas por grande parte do mal no mundo. Os humanistas seculares culpam a religião, e certas formas de budismo dizem que todo o mal que há no mundo é simplesmente uma ilusão. Mas Jesus disse que não são as circunstâncias externas que provocam o mal no mundo, Ele disse que "do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias" (Mt 15.19).

O problema do pecado no mundo não é um problema sociológico, econômico ou intelectual. É um problema espiritual ou um problema do coração. Todos nós temos corações que estão em uma rebelião natural contra Deus e os seus propósitos para o mundo.

Você não precisa de evidências, além das observações da sua vida e das notícias diárias, para confirmar que o pecado resulta em consequências negativas. Mas se isso não for suficiente, milhares de anos de história registrada a respeito de uma família particular de pessoas serve como um testemunho vivo das consequências do pecado original. Este registro histórico preciso está documentado na Bíblia hebraica, o Antigo Testamento. Deus nos deu as histórias precisas do seu povo, os filhos de Israel, que demonstram como a vida em um relacionamento com Ele traz bênçãos, e a escolha de um caminho egocêntrico (o pecado) traz consequências negativas. A seguir, estão apenas alguns poucos exemplos de manchetes extraídas das páginas das Escrituras.

Ressentimento e Ciúmes Produzem Assassinatos

De Gênesis 4

Caim era o primeiro filho de Adão e Eva. Ele se tornou agricultor. Abel era o segundo filho do casal. Ele se tornou pastor.

Quando os garotos se tornaram adultos, ambos trouxeram ofertas a Deus. Caim trouxe a sua colheita, e Abel trouxe suas melhores ovelhas. Deus aceitou as ofertas de Abel, mas não as de Caim, e ele ficou furioso.

“Por que te iraste?”, perguntou o Senhor a Caim. “E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti? E, se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e para ti será o seu desejo, e sobre ele dominarás” (Gn 4.6-7).

Se Adão e Eva tivessem aprendido algo com o seu próprio pecado, certamente teriam compartilhado isso com seus filhos. Você pensaria que eles devem ter enfatizado aos seus filhos que um relacionamento como o de Deus é baseado em um foco abnegado na outra pessoa, e uma confiança de que Deus é bom — os seus caminhos são sempre os melhores para eles. Mas obviamente Caim não havia entendido, porque, quando Deus disse, em outras palavras, creia que os meus caminhos são corretos e segue-os, e eles funcionarão para ti, porque Eu tenho em mente os teus melhores interesses, Caim reagiu com ira.

Caim rejeitou a advertência de Deus de que o pecado estava esperando para atacá-lo e destruí-lo. Quando ele se recusou a ter um relacionamento de amor com Deus, o seu ressentimento e o seu ciúme o levaram a matar seu irmão, Abel. Esta história, documentada historicamente, exemplifica que o pecado tem consequências negativas.

Desejo, Lascívia, Estupro e Matanças

De Gênesis 34

Jacó era filho de Isaque, e neto de Abraão. Juntamente com sua grande família, ele se instalou fora da cidade de Siquém, em Canaã. A cidade tinha o nome do seu príncipe, Siquém.

Um dia, Diná, filha de Jacó, estava visitando alguns amigos naquela área. O príncipe Siquém viu Diná, e desejou tê-la. Para horror de Diná, ele a violentou.

O príncipe decidiu que queria Diná como sua esposa, e começou as negociações

com Jacó por intermédio de seu pai. Na verdade, a proposta era que os homens de Siquém tomassem todas as filhas de Jacó em casamento, e os filhos de Jacó tomassem todas as filhas de Siquém em casamento.

Os filhos de Jacó fizeram uma contra-oferta. Eles propuseram que, se os homens de Siquém se circuncidassem, a oferta de troca seria aceitável. Siquém concordou, e toda a população masculina da cidade se circuncidou. Mas isto não era nada além de um truque por parte dos filhos de Jacó. Eles tinham a vingança em mente.

Três dias depois da circuncisão, quando os homens ainda sentiam muita dor e estavam fracos e poucos ágeis, os filhos de Jacó mataram todos os homens da cidade. A seguir, “as suas ovelhas, e as suas vacas, e os seus jumentos, e o que na cidade e o que no campo havia tomaram; e toda a sua fazenda, e todos os seus meninos, e as suas mulheres levaram presos e despojaram-nos de tudo o que havia em casa” (Gn 34.28-29). Mas pouco depois da matança, Jacó teve tanto medo de retaliação por parte das cidades vizinhas, que tirou toda a sua família da região.

Uma mulher foi violentada porque um homem a desejou. A luxúria (ou lascívia) consiste em tomar com egoísmo, e nada dar. A lascívia de Siquém foi um ato brutal e egocêntrico de agressão que resultou em um trágico efeito dominó, gerando pecados de retaliação atrás de si, e deixando um rastro de tragédia. Mentiras e enganos, morte e destruição, mulheres que se tornaram viúvas, crianças que ficaram órfãs, famílias destroçadas e separadas. Esta história, documentada historicamente, exemplifica que o pecado traz consequências negativas.

A Sede de Poder Leva à Escravidão

De Êxodo 1

Pouco depois do problema de Siquém, Deus mudou o nome de Jacó, para Israel. E Israel levou a sua família para o Egito. Depois de algumas gerações, os filhos de Israel povoaram grande parte da terra. Este crescimento explosivo preocupou

o novo rei do Egito, “o qual disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é muito e mais poderoso do que nós. Eia, usemos sabiamente para com ele, para que não se multiplique, e aconteça que, vindo guerra, ele também se ajunte com os nossos inimigos, e peleje contra nós” (Êx 1.9-10).

A sede de poder e o desejo de conservá-lo levaram o rei egípcio a uma solução brutal: escravidão. Esta sede de poder levou homens e mulheres livres a correntes e à servidão. Mas, mesmo durante o seu cativeiro, os filhos de Israel continuavam a se multiplicar. Temendo uma revolta das massas, o rei teve uma ideia para manter os israelitas em um número mínimo manipulável. Ele ordenou o assassinato de todos os recém-nascidos do sexo masculino entre os israelitas. Mas isso não funcionou. O povo de Deus continuava a se multiplicar.

Um bebê foi milagrosamente salvo da matança e cresceu para se tornar o libertador de Israel. Moisés tiraria o seu povo da escravidão no Egito e os conduziria rumo à Terra Prometida de Deus.

Uma total falta de consideração pelos outros e uma rejeição à maneira de Deus de respeitar e honrar a sua criação são atitudes egocêntricas e pecaminosas. Uma sede de poder fez com que uma nação inteira de pessoas sofresse a brutalidade da escravidão. Este apetite pecaminoso pelo domínio resultou em dor física, sofrimento emocional e a perda da dignidade humana. Esta história, documentada historicamente, exemplifica que o pecado tem consequências negativas.

O Preço do Pecado

Deus deu as suas palavras a Moisés no Monte Sinai, e Moisés as transmitiu aos filhos de Israel.

Agora, pois, ó Israel, que é o que o Senhor, teu Deus, pede de ti, senão que temas o Senhor, teu Deus, e que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma, para guardares os mandamentos do Senhor e os seus estatutos, que hoje te ordeno, para o teu bem? (Dt 10.12,13).

Portanto, há benefícios definitivos na vida daqueles que se mantêm em um relacionamento com Deus. Porém, como vimos nos exemplos anteriores, há consequências negativas para o pecado. Na verdade, Deus advertiu os filhos de Israel muitas vezes.

Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, para não cuidares em fazer todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno... O Senhor mandará sobre ti a maldição, a turbação e a perdição em tudo que puseres a tua mão para fazer, até que sejas destruído e até que repentinamente pereças, por causa da maldade das tuas obras, com que me deixaste (Dt 28.15-20).

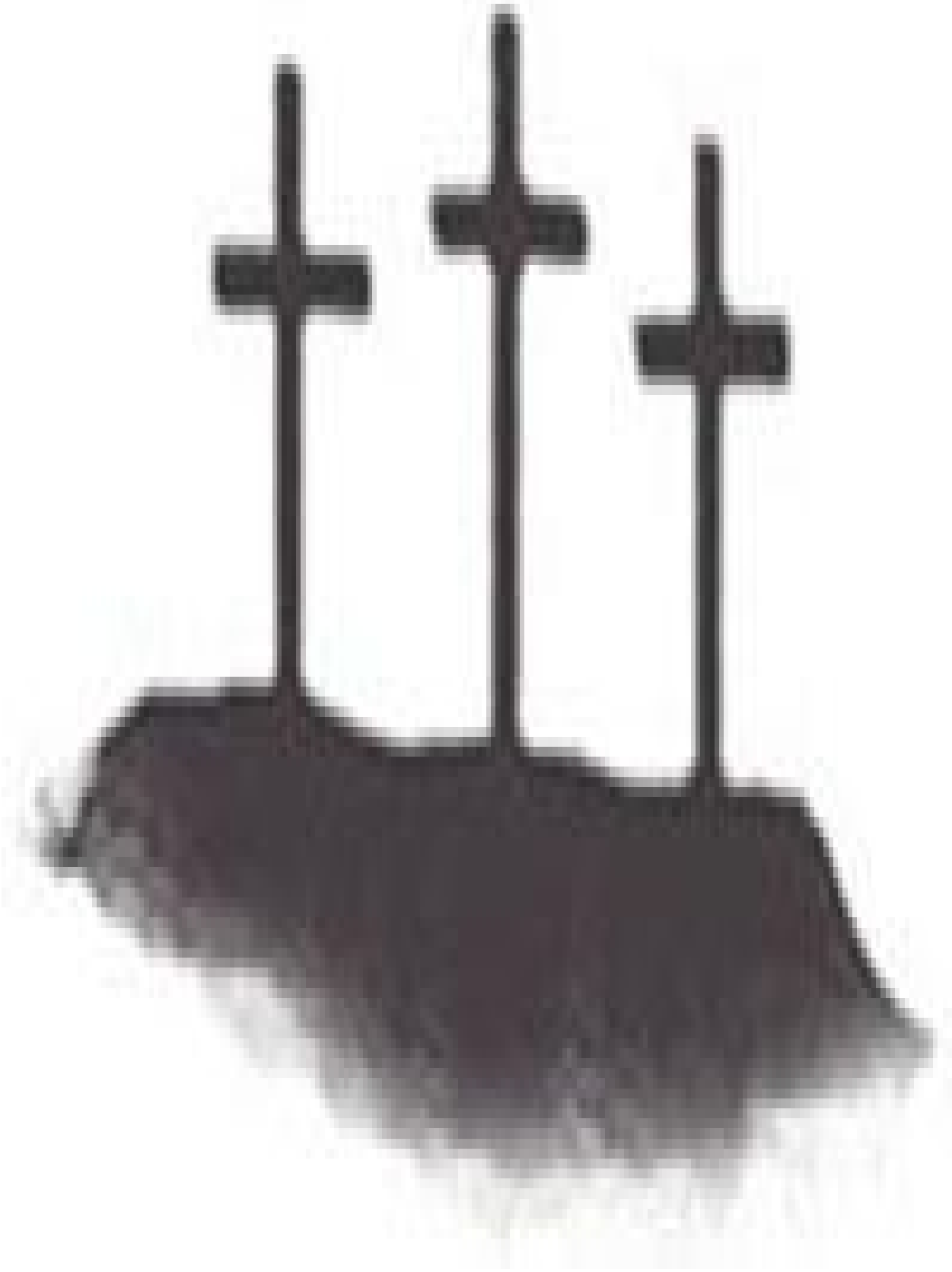
O preço do pecado é alto. O Antigo Testamento menciona este tema constantemente. As Escrituras falam de um povo que, às vezes, anda nos caminhos de Deus. Eles vivem relacionamentos piedosos, e colhem os benefícios de alegria e felicidade. A seguir, vemos que eles pecam — eles agem de modo egocêntrico e deixam de confiar em Deus e nos seus caminhos. Por toda a história da nação, este afastamento de Deus se acelera, e apesar dos avisos de vários profetas, as pessoas não se arrependem, e se recusam a voltar para junto de Deus. Consequentemente, “sucedeu assim por os filhos de Israel pecarem contra o Senhor, seu Deus, que os fizera subir da terra do Egito, de debaixo da mão de Faraó, rei do Egito; e temeram a outros deuses” (2 Rs 17.7). O resultado é sempre o mesmo: dor e sofrimento, aflição e ruína, destruição e morte. A morte, em última análise, é o salário do pecado exatamente como Deus proclamou a Adão e Eva. A história registra e nós vemos isso ao nosso redor o tempo todo; nós até mesmo sentimos parte disso em nossas próprias vidas.

Sugerimos antes que não precisamos ir além de um espelho para ver os resultados do pecado original. O apóstolo Paulo explicou que “tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado” (Rm 3.9). Ele prosseguiu, com uma citação do Antigo Testamento, dizendo: “Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só” (Rm 3.10-12).

A família McDowell, a sua família, e cada um de nós sofre, pessoalmente, por nossos próprios pecados. As histórias do Antigo Testamento podem nos dar claros exemplos, mas cada um de nós tem exemplos pessoais das consequências negativas do pecado em nossas vidas. Os pecados de uma língua afiada, um

temperamento explosivo, lascívia, ciúme, avareza e negligência familiar, são os pecados que nos trazem, e às pessoas à nossa volta, sofrimento e dor. Grandes ou pequenos, cometidos secreta ou abertamente, todos devemos admitir que lutamos com o problema do pecado.

Mas nós temos uma escolha. Da mesma maneira como Adão e Eva eram livres para escolher o caminho de Deus ou o seu próprio caminho, também nós podemos fazer escolhas morais que afetam nosso cotidiano. Deus não nos deixou sem nenhuma instrução ao fazermos essas escolhas. Deus nos deu uma fórmula para dar as costas para o pecado, escolher a Ele, e fazer escolhas corretas na vida. A questão é a maneira como nós podemos fazer as escolhas corretas.



Capítulo Quatorze

ESCOLHENDO O CERTO, E NÃO O ERRADO

O disfarce de Satanás era perfeito. Serpentes são espertas e sutis, e a inocente Eva não suspeitaria de nada se uma dessas criaturas começasse uma conversa com ela. Satanás penetrou no Jardim do Éden e se aproximou da mulher.

— Como é o relacionamento entre vocês e Deus? — perguntou a serpente a Eva. — Olhe para vocês: tudo é como Ele quer. Mas e o que vocês querem? Ele está roubando de vocês a sua verdadeira identidade, como pessoas verdadeiras.

O animal girou os olhos para cima.

— Esse seu Deus enganou vocês, fazendo-os pensar que dar ouvidos a Ele é o melhor para vocês. Mas como podem pensar que isso é o melhor se nunca têm liberdade suficiente para tomar as suas próprias decisões? Ele nem mesmo deixa que vocês decidam o que é bom que vocês comam.

— Oh, não é assim — respondeu Eva. — Ele nos dá o controle do jardim, nós temos muitos alimentos deliciosos para comer, e Ele não nos diz que façamos nada, exceto o que nos deixará felizes.

Ela fez uma pausa para prender um ramo de hera ao redor de um carvalho.

— Por que desejaríamos qualquer coisa diferente?

— Mas Ele proibiu que vocês comessem uma fruta, não proibiu? — respondeu a serpente. — Por que vocês não podem comer aquela fruta de aroma doce, brilhante e suculenta que está pendurada ali mesmo, naquela árvore? — E a serpente apontou para a árvore frondosa no centro do jardim, cujos ramos pendiam com o peso de esplêndidas frutas.

— Bem, você tem razão, Deus disse que não devíamos comer aquela fruta —

disse a mulher. — Ele disse que se a comêssemos, morreríamos.

— Ah, mas acontece que eu sei de uma coisa — respondeu Satanás. — Aquela fruta não vai matar vocês. Você quer saber o verdadeiro motivo por que Deus proíbe que vocês a comam?

Satanás se aproximou do ouvido de Eva, diminuiu o volume de sua voz, resultando em pouco mais que um sussurro.

— Ela fará que vocês sejam iguais a Ele, e Deus não quer ter rivais. Deus quer conservar vocês ignorantes, para que Ele possa os controlar. Se você realmente quer ser como Deus, deve ser independente para tomar as suas próprias decisões e comer o que quiser comer. Deixe que Deus saiba que você não quer mais ser controlada. Tenha a sua própria identidade, assuma o controle do seu próprio destino. Seja você mesmo. Faça o que você quiser.

Quanto mais Eva ouvia a fala mansa da serpente, menos se lembrava da advertência de Deus, e as suas palavras se tornavam nebulosas. Elas não pareciam mais fazer sentido. Talvez a serpente estivesse certa; talvez Deus não tivesse em mente o melhor interesse dela. Talvez ela precisasse se libertar de Deus para ser ela mesma. Com o coração disparado, ela estendeu a mão e tocou a fruta, cuidadosamente. Nada aconteceu. Ela tocou a fruta outra vez, fechando os seus dedos ao redor dela. Nada aconteceu. Então, ela a pegou firmemente, a arrancou da árvore e deu uma mordida rápida, antes que pudesse mudar de ideia. Imediatamente, ela correu até Adão e conseguiu convencê-lo a comer com ela.[1]

Obviamente, o encontro infame entre Satanás e Eva, narrado em Gênesis 3, foi muito expandido aqui. Mas nós cremos que esta ampliação na história proporciona informações impressionantes que nos ajudam a entender a natureza da tentação de Satanás e a decisão fatal de Eva.

Deus, e somente Deus, é o árbitro do que é certo e do que é errado

Essa decisão teve um efeito catastrófico sobre a raça humana e todo o universo, a partir daquele instante. Na verdade, o seu próprio conceito de certo e errado, e a maneira como você toma decisões morais, foram distorcidos depois da decisão de Eva. Não importa o quanto o seu relacionamento com Deus possa estar bem agora, você ainda precisa lutar para fazer boas escolhas morais. O conhecimento do que é bom não mais vem naturalmente. Agora é preciso um processo deliberativo de disciplina espiritual para manter Deus no centro de cada decisão.

Qual foi o verdadeiro pecado que Adão e Eva cometeram naquele dia? Foi o fato de que eles não amaram a Deus o suficiente para fazer o que Ele lhes pediu que fizessem? Foi o fato de que eles deixaram de ter o "foco no outro" em seu relacionamento com Deus? Ou foi o fato de que eles não confiaram em Deus o suficiente para crer que a proibição da fruta era para o seu próprio bem? Todas essas coisas são parte do quadro. O que é fundamental, em todas elas, é a independência — soberania própria. Eva sentiu que tinha o direito de escolher por si mesma se devia ou não comer a fruta. Ela decidiu ser relacionalmente independente de Deus e dos seus interesses.

A serpente estava certa em um aspecto. Quando disse a Eva que, ao fazer essa escolha, ela se tornaria uma deusa de si mesma, ela tinha razão. A partir daquele momento, Eva teria a opção de decidir por si mesma o que era certo e errado. Mas o que a serpente não disse a ela é que nenhum ser humano poderia determinar, com exatidão, o que é certo e errado. Deus, e somente Deus, é o árbitro do que é certo e errado. Ele é o padrão absoluto da justiça, e tudo o que é moral flui de sua natureza. Quando Adão, Eva ou qualquer outra pessoa decide que sabe sozinha o que é certo para si, está, na realidade, adorando o deus do ego. Escolhas corretas e piedosas, que trazem satisfação e alegria a nossa vida são as que estão de acordo com a pessoa e caráter de um Deus santo e justo. Ele, e somente Ele, estabelece os limites do que é certo e errado — limites que, por sinal, sempre são o nosso melhor interesse.

Os Quatro "Cs" das Escolhas Corretas

Existe um processo relacional de fazer escolhas corretas e morais que, se seguido, trará a proteção e a provisão de Deus à vida, em todos os momentos.

Nós condensamos esse processo em uma fórmula fácil de memorizar à qual chamamos de “4 Cs”. Todas as vezes que formos confrontados com uma escolha moral, podemos seguir este processo.

1. Considere a Escolha

Em um único dia, cada um de nós faz, literalmente, dezenas de escolhas. Muitas delas são quase automáticas. Nós escolhemos a que hora nos levantaremos pela manhã, que roupa vestiremos, o que comeremos, que caminho faremos até a escola ou o trabalho, onde estacionaremos e assim por diante. Nós dedicamos pouco tempo para considerar essas escolhas.

Mas no que diz respeito à consideração de escolhas morais, devemos fazer uma pausa e perceber que estamos em uma encruzilhada. As escolhas que fazemos — para ser minimamente honestos, para levar um flerte até o próximo nível, para melhorar a nossa nota “tomando emprestadas” as respostas de outra pessoa, ou para mostrar misericórdia a alguém — frequentemente são feitas sem considerar a gravidade do que realmente estamos fazendo. Para fazer escolhas morais corretas, devemos, antes, fazer uma pausa suficientemente longa para nos lembrar de que estamos diante de uma oportunidade para tomarmos uma decisão certa ou errada.

2. Compare a Escolha a Deus

Eva pareceu fazer uma pausa suficientemente longa para perceber se estava prestes a fazer uma escolha certa ou errada, mas ela não comparou a sua decisão com os padrões de Deus. É isto o que faz um relacionamento piedoso — ele se concentra nos desejos da outra pessoa. Mas a serpente lhe havia dito que ela se tornaria como Deus, suficientemente independente para conhecer o bem e o mal, sem ter que considerá-lo. Ela se deixou convencer. “Aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento,

tomou do seu fruto, e comeu” (Gn 3.6).

O que Eva não fez, como muitos de nós, foi levar Deus em consideração e comparar a sua atitude e ação com Ele, o que quer dizer examinar a escolha com relação aos mandamentos que emanam da sua natureza. Isto, naturalmente, teria exigido que ela cresse que Deus era o seu padrão absoluto para o certo e o errado — e não ela mesma. Quando decidimos obedecer a Deus, estamos, na realidade, dizendo a Ele, “Eu te amo o suficiente para colocar os teus interesses em primeiro lugar em minha vida. Tu és o Deus soberano, cujo caráter e natureza definem o que é certo para mim”.

Quando fazemos uma pausa para considerar a nossa escolha e então comparamos a nossa atitude ou ação com o caráter e com os mandamentos de Deus, isso muda tudo. Por exemplo, digamos que você recebeu uma quantia de dinheiro em um negócio com um amigo. Se você não informar o pagamento na sua declaração de imposto de renda economizará mil dólares. Você sabe que algumas pessoas diriam que está mentindo ou trapaceando, mas você pergunta a si mesmo se, considerando as circunstâncias, isso seria justificável.

Em primeiro lugar, você pensa que o governo recebe mais do que é suficiente de todos. Além disso, aqueles perdulários em Washington gastam dinheiro de muitas maneiras que você considera imorais e um desperdício. E os gastos irresponsáveis deles fazem com que os preços subam, fazendo com que você se endivide para conseguir viver. De certa forma, eles lhe devem mil dólares por tudo o que estão fazendo. Não é que você esteja enganando o seu amigo. Ele está recebendo a sua parte do dinheiro. Seja como for, você sabe que há muitos outros cristãos que também não informam toda a sua renda. Portanto, não é nada assim tão grave.

Quando nós justificamos os nossos atos ou atitudes com base no que nós pensamos que é correto, estamos, como dizemos, inventando desculpas, ou seja, estamos nos convencendo, com “mentiras racionais”, de que um ato é correto quando, na realidade, está em oposição ao caráter de Deus. Na verdade, estamos usurpando o papel de Deus como o árbitro soberano, com base em seu caráter e sua natureza, do que é certo e errado. A Palavra de Deus diz:

• Não furtareis,

• nem mentireis,

• nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo...

• Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás (Lv 19.11-13).

Os mandamentos de Deus para que sejamos honestos se originam de sua natureza e a sua natureza é a verdade absoluta. Os seus atos não se desviam do seu caráter de integridade. Deus sempre cumpre as suas promessas e faz o que diz que fará. Quando nos comparamos a Ele, estamos admitindo que Ele é soberano; Ele é aquEle que define o que é certo e o que é errado, a respeito de honestidade e todas as outras ações morais. Quando tomamos a nossa decisão moral considerando o caráter de Deus, a nossa escolha se torna clara — devemos, neste exemplo, nos comprometer em ser honestos com o governo dos Estados Unidos.

3. Comprometa-se com o Caminho de Deus

Comprometer-se com o caminho de Deus é mais fácil de falar do que fazer. Isso significa que temos que admitir que não estamos no controle de nossa vida — Deus está. O conceito atual de decidir o que “é certo para você” é tão atraente a muitas pessoas porque ele nos coloca no controle. Ele permite que nós justifiquemos as nossas atitudes e ações, independentemente de como elas se comparam com a natureza e com o caráter de Deus. Dar a nós mesmos a capacidade de decidir a nossa própria moralidade faz com que nos sintamos independentes e capacitados. E tem a vantagem adicional de fazer com que nos sintamos morais, porque não estamos sendo críticos. Permitimos que todos tomem suas próprias decisões morais sem julgar as suas escolhas. O que poderia ser mais justo que isso?

Pensar dessa maneira é simplesmente enganar a nós mesmos, com mais “mentiras racionais”. Contudo mesmo quando examinamos as nossas desculpas e reconhecemos que o que desejamos fazer pode ser autosserviente, ainda

achamos difícil nos comprometer com o caminho de Deus. O que queremos fazer está em conflito com o que devemos fazer, porque estamos atormentados por uma natureza de pecado que deseja o que quer, quando quer. É por isso que Paulo diz: “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra” (Cl 3.5). Devemos dar as costas aos apetites e desejos que não estão em conformidade com o nosso santo Deus. Essas atitudes e ações não são agradáveis a Ele. Quando rejeitamos os nossos caminhos autosservientes e nos comprometemos em seguir a Deus, então nós o estamos amando. E, em resposta, Ele nos dá a capacidade de andar em seus caminhos. E, finalmente, então podemos...

4. Conte com a Proteção e Provisão de Deus

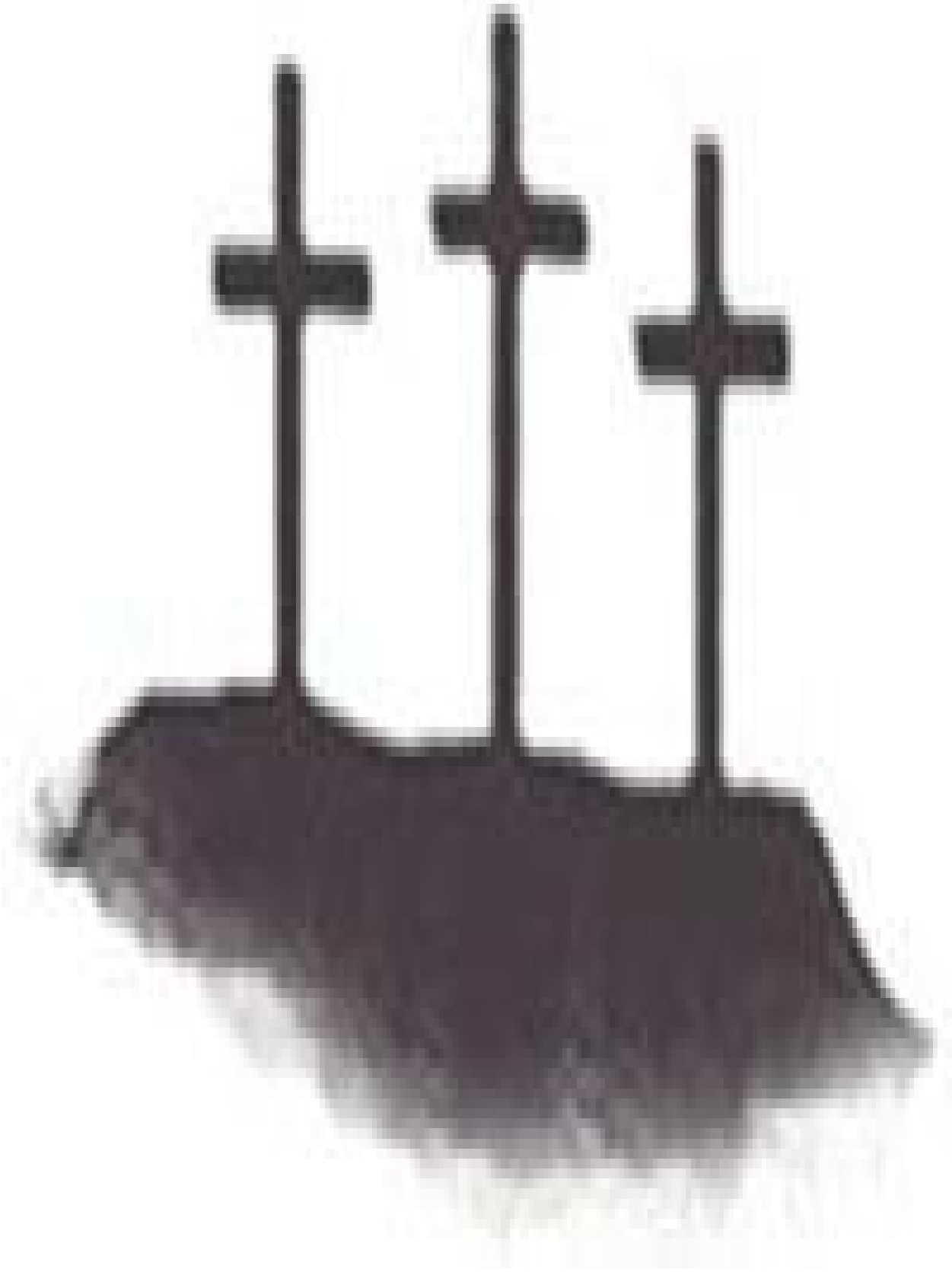
Quando nós admitimos, humildemente, a soberania de Deus e procuramos, em amor, agradá-lo, não somente começamos a ver claramente as distinções entre o certo e o errado; nós também começamos a contar com a proteção e a provisão de Deus.

Isto não significa que tudo será fácil e agradável; na verdade, Deus diz, abertamente, que às vezes poderemos sofrer, por causa da justiça. Mas até mesmo esse sofrimento tem recompensas. Viver de acordo com o caminho de Deus traz muitas bênçãos espirituais, como a liberdade da culpa, uma consciência limpa e a alegria do sorriso de Deus em nossa vida.

Também podemos desfrutar de muitos benefícios físicos, emocionais, psicológicos e relacionais, quando nos comprometemos com os caminhos de Deus. Naturalmente, a proteção e provisão de Deus não devem ser a motivação principal para obedecê-lo, devemos obedecer a Ele simplesmente porque o amamos, confiamos nEle e queremos ser como Ele. Todavia os benefícios práticos e espirituais de obedecer certamente proporcionam forte encorajamento para escolher o que é certo e rejeitar o que é errado.

Adão e Eva não passaram pelo processo dos “4 Cs”. Eles não consideraram a escolha, não a compararam com os padrões de Deus, não se comprometeram com o seu caminho e não contaram com a sua proteção e provisão. Hoje, todos nós sofremos as consequências da péssima escolha deles.

Deus preparou uma maneira de nos redimir das consequências eternas, que vamos abordar na próxima seção. Mas, como seguidores de Cristo, ainda precisamos aprender como resistir à nossa tendência natural de decidir, por nós mesmos, o que é certo ou errado e escolher o caminho de Deus (considerar, comparar, comprometer-se, e contar). E quando fizermos isso, poderemos sentir a alegria que resulta de estar em um relacionamento de amor com Deus e seguir os seus caminhos.



Capítulo Quinze

EXEMPLOS PRÁTICOS DE COMO FAZER ESCOLHAS CORRETAS

Confiar que Cristo nos redime realmente nos protege das consequências permanentes do pecado (morte e separação eternas de Deus) e nos dá a vida eterna com Cristo e todos os nossos entes queridos, que confiaram igualmente nEle. Mas essa salvação eterna não nos protegerá das consequências negativas de tomar decisões erradas aqui na terra. Como cristãos, há algumas diretrizes a seguir e um processo para fazer boas escolhas, que chamamos de os “4 Cs”. Para ajudá-lo a compreender melhor este sistema, criamos dois “casos para estudo” que fornecem exemplos práticos do processo dos 4 Cs. Converse sobre eles com a sua família e os seus amigos e faça do processo dos 4 Cs um padrão de vida.

Caso para Estudo nº 1: Honestidade

“Você Perde, Eu Ganho”

Terry havia comprado um ventilador em uma loja. Na primeira vez em que conectou o aparelho à eletricidade e tentou fazê-lo funcionar, o ventilador não funcionou. Ele desparafusou o estojo e olhou o interior para ver se poderia detectar algum problema com a fiação. Ele não era um mecânico e não entendia nada de eletricidade, assim, sem tocar nenhum dos mecanismos nem os cabos, Terry simplesmente recolocou o estojo e voltou para a loja com o ventilador e pediu que trocassem o aparelho ou lhe devolvessem o dinheiro.

— Eu sinto muito — disse o supervisor, nós não podemos trocar um ventilador que está danificado desta maneira. Está claro que o estojo foi desparafusado. Isso indica que o interior do aparelho foi manuseado indevidamente, o que, sem

dúvida, causou o não funcionamento.

— Eu estou lhe dizendo — insistiu Terry, eu não mexi em nada! Ele já não funcionou na primeira vez que tentei ligá-lo.

— Não há nada mais que eu possa fazer — respondeu o supervisor. — Nós poderemos consertar o ventilador, mas haverá uma taxa referente ao conserto.

“Esqueça”, retorquiu Terry nervosamente, antes de sair da loja.

Algumas semanas depois, Terry estava saindo da mesma loja, depois de comprar vários itens no valor aproximado de 50 dólares. Enquanto caminhava até o carro, ele olhou o seu recibo e contou o troco que o caixa lhe dera. O caixa lhe havia cobrado dez dólares a menos. O que Terry deveria fazer? O que você faria?

Considere a escolha. Seria fácil para Terry simplesmente desconsiderar o erro do caixa e ir embora sem não mais pensar no assunto. Especialmente uma vez que o erro do caixa parecia compensar a fraude que ele havia sofrido anteriormente por parte da mesma loja. Mas há uma escolha a ser feita aqui, e é importante que Terry faça uma pausa e considere a escolha. Ele pode a) voltar para o interior da loja e devolver os dez dólares que recebeu, erroneamente, ou b) guardá-los, como reembolso parcial do dinheiro que perdera, tendo em vista que a loja agiu de modo fraudulento com ele anteriormente.

Compare a sua escolha com os padrões de Deus. O impulso natural de Terry é ficar com o dinheiro, mas ele precisa fazer uma pausa e pensar como essa escolha se compara com o caráter de Deus. Ele poderia perguntar a si mesmo: Se esta loja tivesse agido de maneira fraudulenta com Jesus, e depois, acidentalmente, lhe tivesse dado um troco excessivo, o que Ele teria feito? Terry deve se lembrar de que a natureza de Deus é a verdade. Independentemente das circunstâncias, Deus não se desvia do Seu caráter, que é o padrão de toda a correção e justiça. Do caráter de absoluta verdade de Deus nasce o princípio da honestidade, que inclui não enganar alguém, tomando-lhe algo que lhe pertence. Comparar as suas opções com os padrões de Deus significa que Terry deve devolver os dez dólares à loja.

Comprometa-se com os caminhos de Deus. Agora, Terry deve tomar uma decisão, mas ele tem um problema. Sob circunstâncias normais ele devolveria o dinheiro, mas ele entende que a sua situação atual é um caso especial. A loja lhe havia cobrado o preço do conserto de um ventilador. Assim, na verdade, ficar com os dez dólares do engano ajudaria a consertar a situação. Assim, Terry se convence de que estaria justificado ao ficar com o dinheiro. Ele o coloca no bolso e segue seu caminho.

Terry está certo? Ou está inventando justificativas? Ele quer ser honesto, mas nesta situação, a aparente ganância da loja não sobrepuja a necessidade de devolver o troco em excesso? Vamos examinar as Escrituras para ver o que Terry ganhou ou perdeu, com a escolha que fez.

Conte com a proteção e a provisão de Deus. O que Terry ganha, ao justificar a sua ação? Bem, parece que ele ganhou duas coisas: ele está dez dólares mais rico, e tem a satisfação de saber que uma loja gananciosa não ficou impune por tê-lo enganado.

O que Terry perdeu com a sua ação?

As Escrituras dizem: “Não [torneis] mal por mal... pelo contrário, bendizendo, sabendo que para isto fostes chamados, para que, por herança, alcanceis a bênção... Melhor é que padeçais fazendo o bem (se a vontade de Deus assim o quer) do que fazendo o mal” (1 Pe 3.9, 17).

• De acordo com o princípio de Pedro, devolver o dinheiro teria trazido uma bênção a Terry e também lhe teria dado uma consciência limpa e proteção da culpa. Terry perdeu essas bênçãos. “Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que as muitas riquezas; e a graça é melhor do que a riqueza e o ouro” (Pv 22.1).

• Devolver o dinheiro traz uma reputação de integridade e protege da vergonha. Terry perdeu isso.

O rei Davi disse que o justo “mesmo que jure com dano seu, não muda” (Sl 15.4). Paulo diz que é melhor ser enganado que enganar. Ele disse aos coríntios: “Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?” (1 Co 6.7). Embora Terry acreditasse que a loja o havia prejudicado, e o engano de dez dólares poderia ter ajudado a compensá-lo por isso, a longo prazo, o caminho de integridade de Deus honra a Ele, e traz bênçãos para nós.

Caso para Estudo nº 2: Misericórdia

“O que Vai, Volta”

Geena, uma encarregada do setor de empréstimos no banco, estava no supermercado no seu dia de folga. Enquanto colocava suas compras no carro, no estacionamento, uma mulher arranhou o carro de Geena com o carrinho.

“Moça”, disse Geena, “você acaba de arranhar o meu carro com esse carrinho”.

“Você não deveria ter estacionado tão perto do local para devolução dos carrinhos”, respondeu a mulher, “o problema é seu, não meu”.

“Espere um pouco”, respondeu Geena. “Eu quero resolver este problema. Por favor, dê-me as informações sobre o seu seguro”.

“Eu estou indo embora”, foi a resposta. “O meu seguro não cobre esse tipo de dano”. E a mulher se dirigiu rapidamente para o seu carro e foi embora. Em sua frustração, Geena nem se lembrou de anotar o número da placa do carro da mulher.

Uma semana mais tarde, Geena estava trabalhando no banco, processando um pedido de financiamento para um carro que estava prestes a ser aprovado. O gerente do banco disse a Geena que ela decidiria se aprovaria ou não. A pessoa que havia solicitado o empréstimo veio ao banco para saber se o empréstimo havia sido aprovado. Geena ficou surpresa por ver que era a mesma mulher que

havia arranhado o seu carro. A mulher, no entanto, não reconheceu Geena.

Considere a escolha. Seria muito tentador negar o financiamento à "arranhadora de carros". A mulher havia sido descortês e irresponsável ao não reparar o estrago que havia causado ao carro de Geena. Geena tem uma escolha a considerar — mostrar misericórdia, perdoando a mulher e aprovando o empréstimo, ou dar a ela uma dose do seu próprio remédio. O que Geena deve fazer? O que você faria?

Compare a sua escolha com os padrões de Deus. "Assim falou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Executai juízo verdadeiro, mostrai piedade e misericórdia cada um a seu irmão" (Zc 7.9). A misericórdia é correta e é uma virtude, porque ela se origina da própria natureza de Deus. Como declarou Miqueias: "O Senhor tem prazer na benignidade" (Mq 7.18). O rei Davi diz que "A sua benignidade [de Deus] é para sempre" (Sl 107.1). Paulo observou que Deus "é riquíssimo em misericórdia" (Ef 2.4).

Se Geena desejar refletir a natureza de misericórdia de Deus, deverá mostrar misericórdia.

Comprometa-se com os caminhos de Deus. Geena tem um problema. Mostrar misericórdia a esta mulher, na verdade, seria como recompensar uma pessoa irresponsável que não mostrou misericórdia para com ela. O interessante é que a mulher não reconheceu Geena e não sabe que a prejudicou. Assim, Geena poderia negar o financiamento e ninguém ficaria sabendo de nada.

Geena decidiu aprovar o financiamento. O que ela ganhou, mostrando misericórdia?

Conte com a proteção e a provisão de Deus. Jesus prometeu: "Dai, e ser-vos-á dado... porque com a mesma medida com que medirdes também vos

medirão de novo” (Lc 6.38).

• Ao exibir misericórdia, Geena pode contar que Deus a protegerá da necessidade. “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós” (Mt 6.14).

• Mostrar misericórdia nos protege do juízo de Deus etraz o perdão. É relativamente fácil exibir misericórdia aos misericordiosos. Mas é preciso um compromisso com os caminhos de Deus para exibir misericórdia aos que não a merecem. Mas Jesus disse: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Mt 5.7).

Nós nascemos no pecado, e embora Deus perdoe as nossas transgressões e injustiças, ainda nos deparamos com os desejos da natureza pecadora. O processo dos 4 Cs é um meio para que nos treinemos e acostumemos a resistir ao impulso natural de seguir a nossa própria natureza e, em vez disso, nos comprometamos com os caminhos de Deus. Paulo disse: “Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão” (1 Co 9.27). E fazendo isso, poderemos contar com a provisão e a proteção de Deus.

RESUMO DA PARTE II Declaração da Verdade de Deus:

Eu Sou o Deus da Criação — O Deus dos Relacionamentos

• Nós cremos na verdade de que existe um Deus infinito e pessoal e que há suficientes evidências que nos permitem crer nessa verdade com confiança.

A existência de Deus é importante para nós especificamente porque fomos

criados à Sua semelhança. Essa semelhança nos deu a capacidade de ter relacionamentos de amor.

Quando exploramos a nossa capacidade relacional, de conhecer e ser conhecidos, descobrimos a nossa verdadeira identidade como filhos de um Deus real e relacional. Esta descoberta nos permite saber quem somos.

• Nós cremos na verdade de que a Bíblia é a revelação que Deus faz de Si mesmo a nós, que, por sua vez, nos revela o Seu caráter. Do Seu caráter emanam os Seus caminhos, que, como declara a Bíblia, são o padrão que devemos seguir em todos os nossos atos.

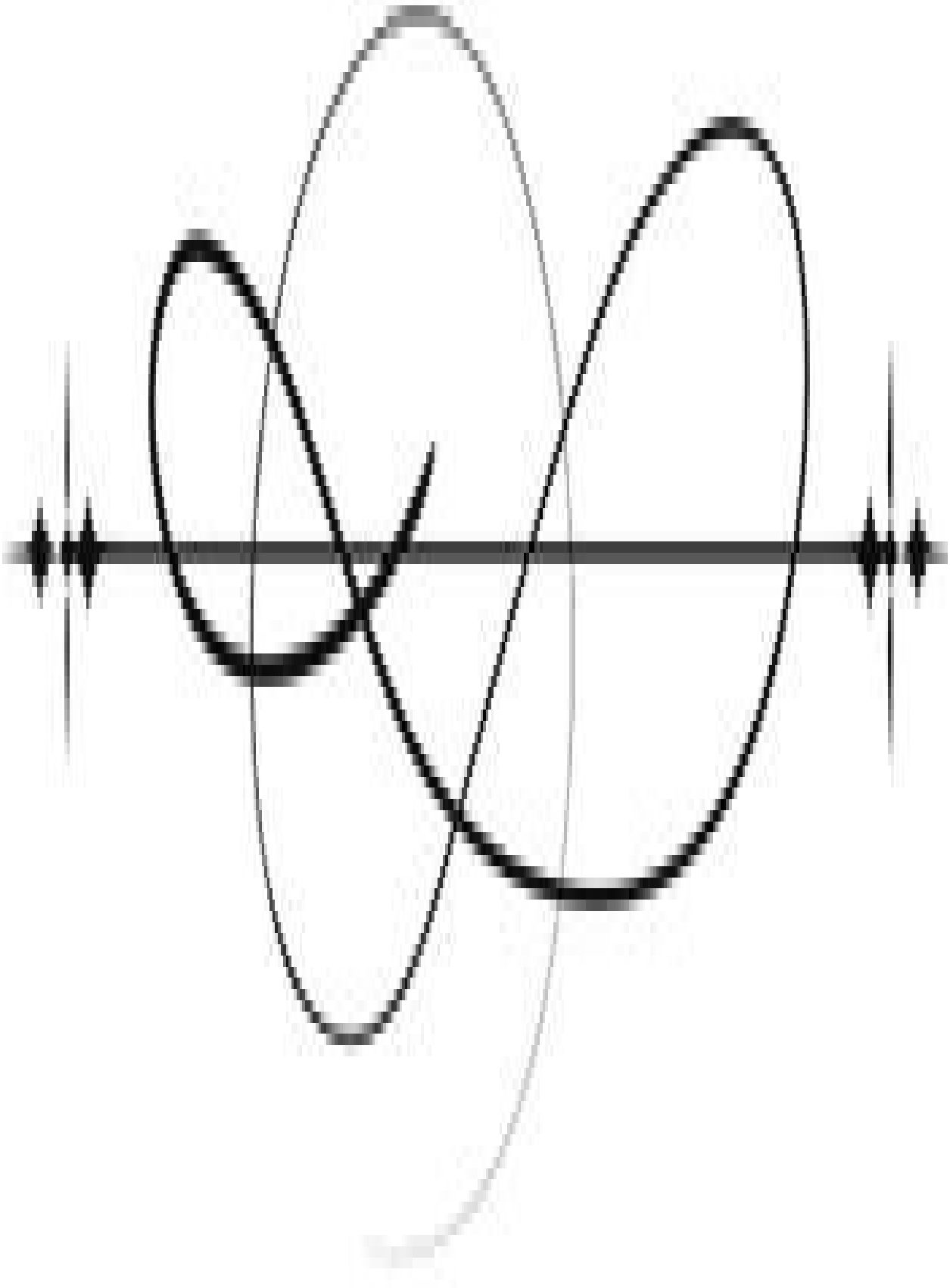
Como a Bíblia foi fielmente e confiavelmente transmitida de uma geração a outra, podemos crer com confiança que ela reflete uma revelação exata de Deus e da Sua verdade.

Quando seguimos os caminhos de Deus e vivemos as verdades das Escrituras podemos ter a proteção e a provisão de Deus e viver a vida de alegria que Ele quer que vivamos.

• Nós cremos na verdade de que Deus criou os seres humanos para que tivessem um relacionamento de amor com Ele, mas esse relacionamento foi destruído por causa do pecado original.

O pecado foi transmitido a toda a raça humana, e consequentemente todos nascemos espiritualmente mortos e completamente incapazes e impotentes de obter a benevolência de Deus. Nós podemos crer nesta verdade com confiança, porque, historicamente, vemos as devastadoras consequências do pecado.

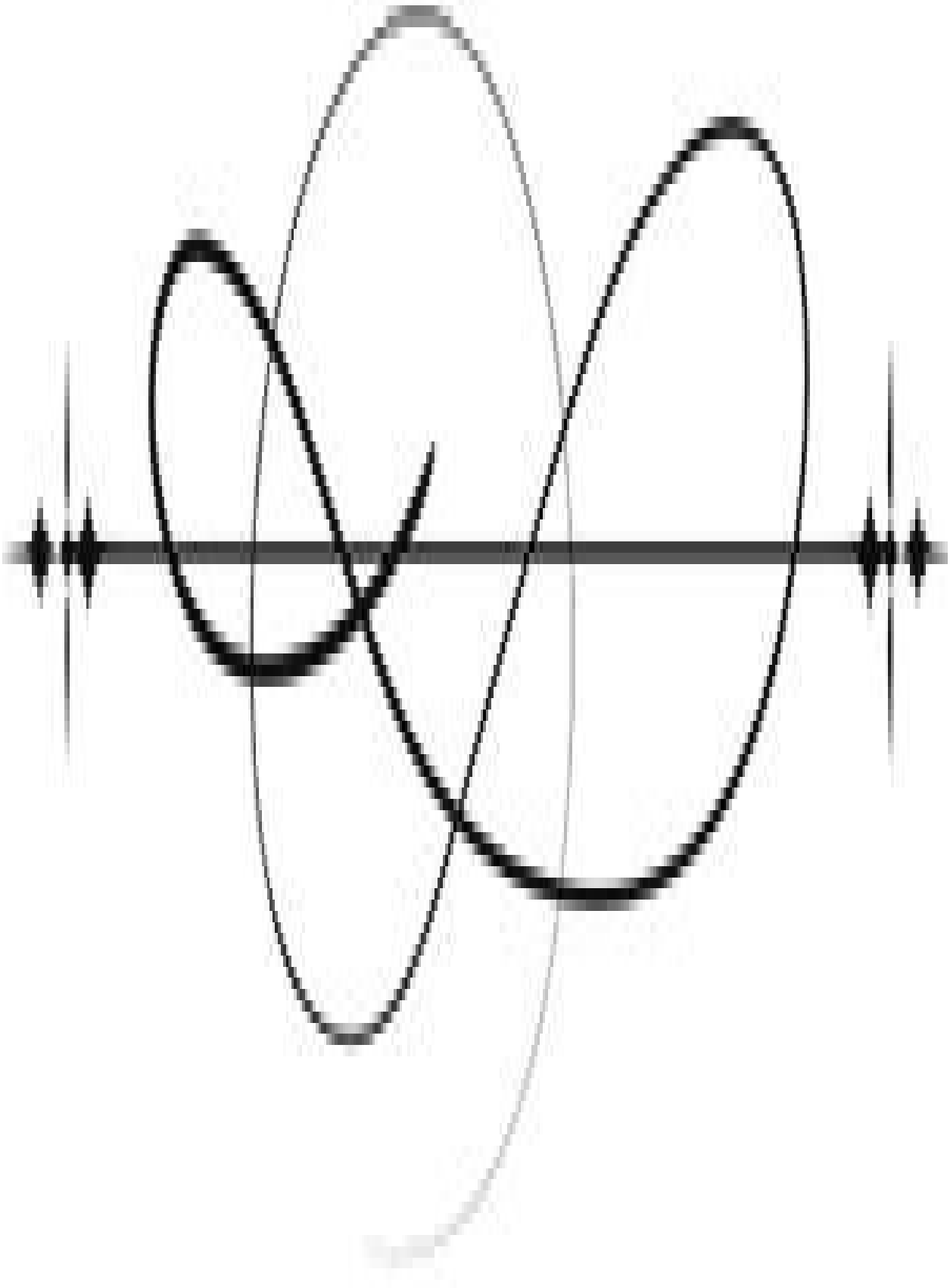
A nossa natureza pecadora nos incentiva a seguir os nossos próprios caminhos. Quando resistimos à nossa natureza pecadora, comparamos as nossas atitudes e ações com os padrões de Deus, e nos comprometemos com os Seus caminhos, Ele nos capacita a fazer escolhas piedosas. As escolhas corretas nos permitirão desfrutar da provisão e da proteção de Deus em nossa vida.



A fé cristã declara a verdade de que existe um Deus Criador relacional, que Ele se revela por meio da Sua confiável Palavra e que o pecado destruiu o relacionamento entre Deus e o homem. Se a história humana terminasse aí, seria algo indescritivelmente trágico, mas a história não termina aí. Na parte III, nós apresentamos o que cremos a respeito da solução para o grande dilema humano do pecado e da morte: a verdade da encarnação.

Parte 3

A VERDADE INCONTESTÁVEL DA ENCARNAÇÃO DE DEUS

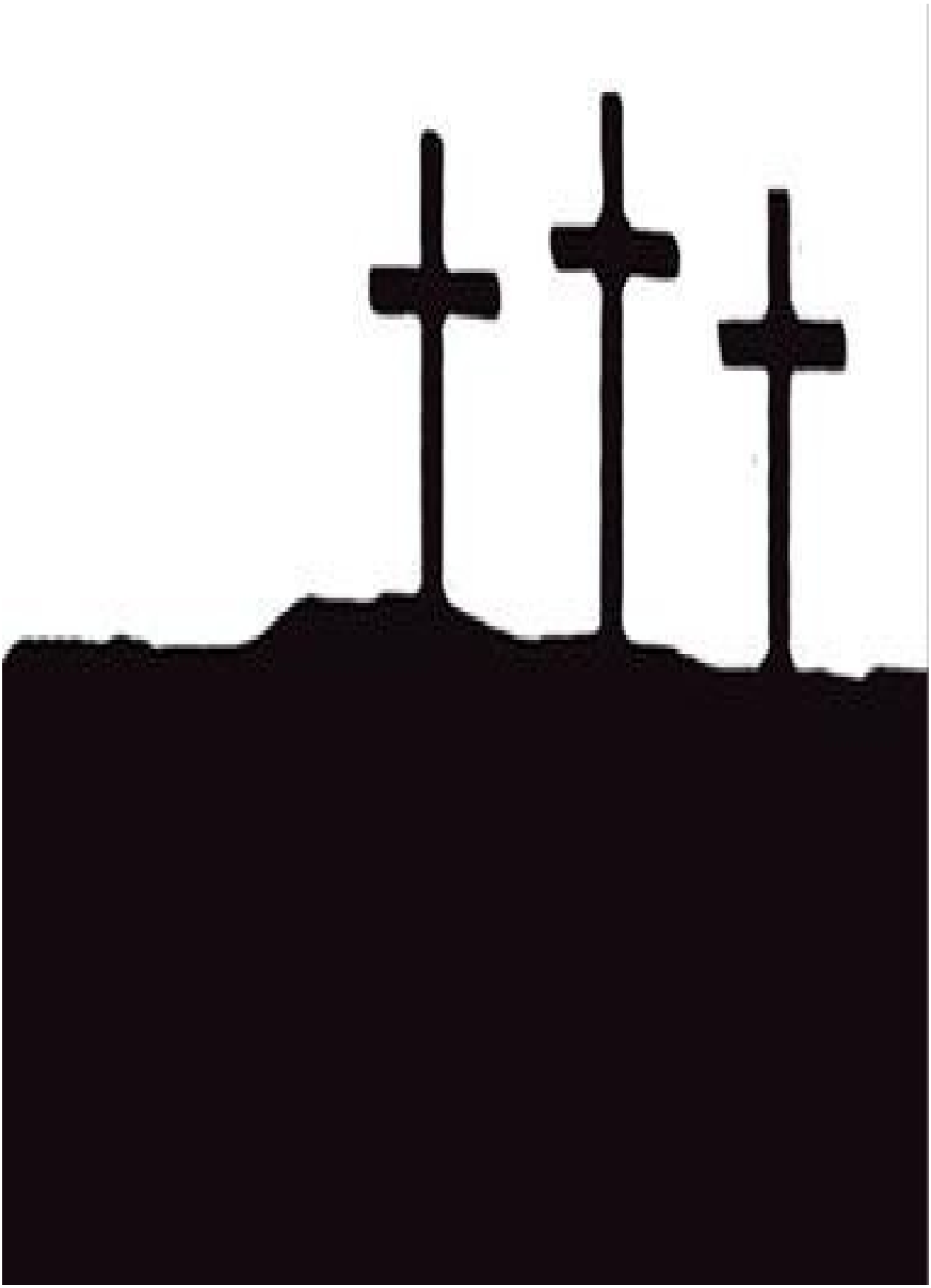


Deus veio à terra em forma humana.

A morte de Jesus faz a expiação pelos nossos pecados.

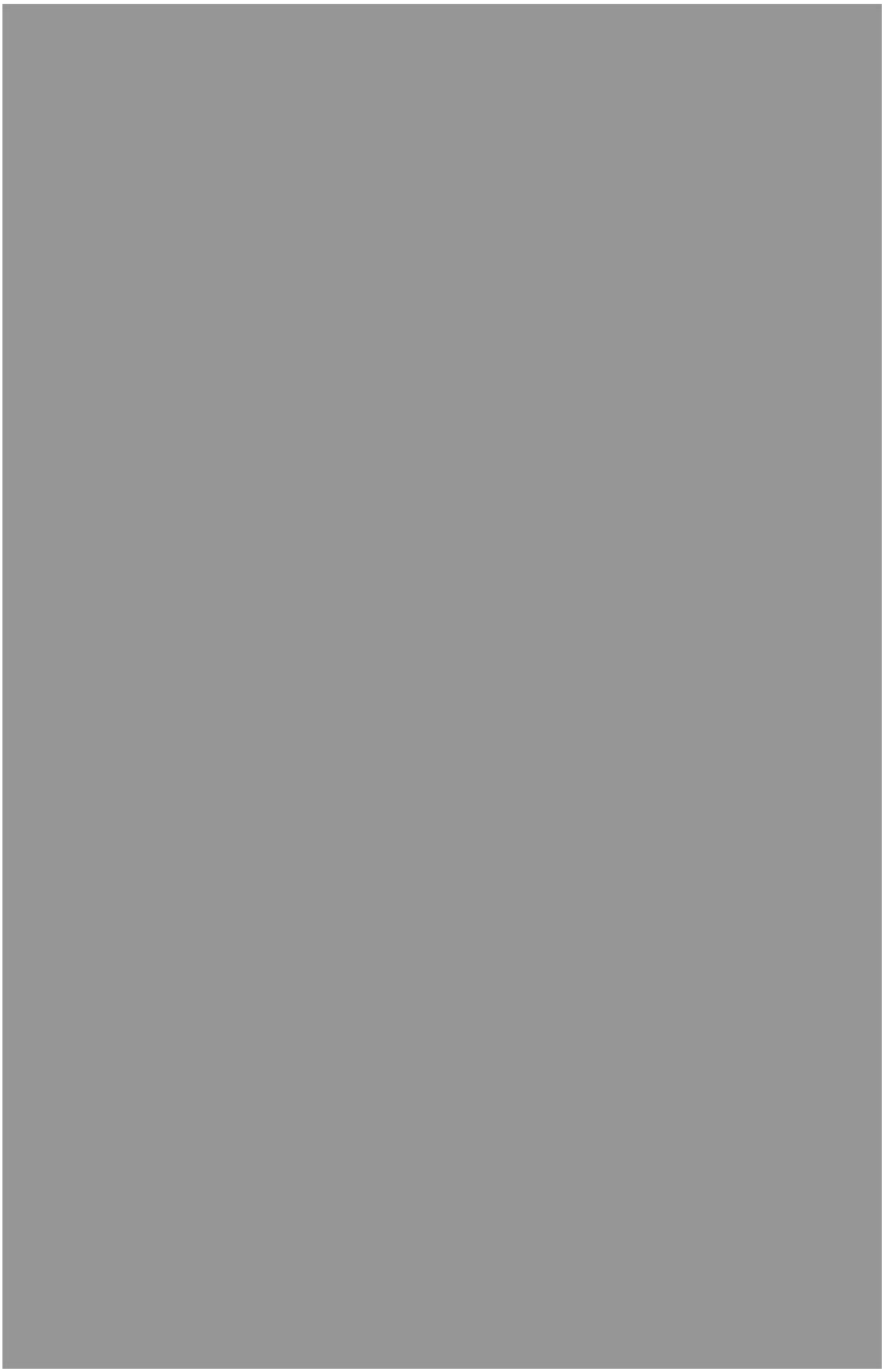
A justificação diante de Deus se dá pela graça, por meio da fé em Jesus Cristo.

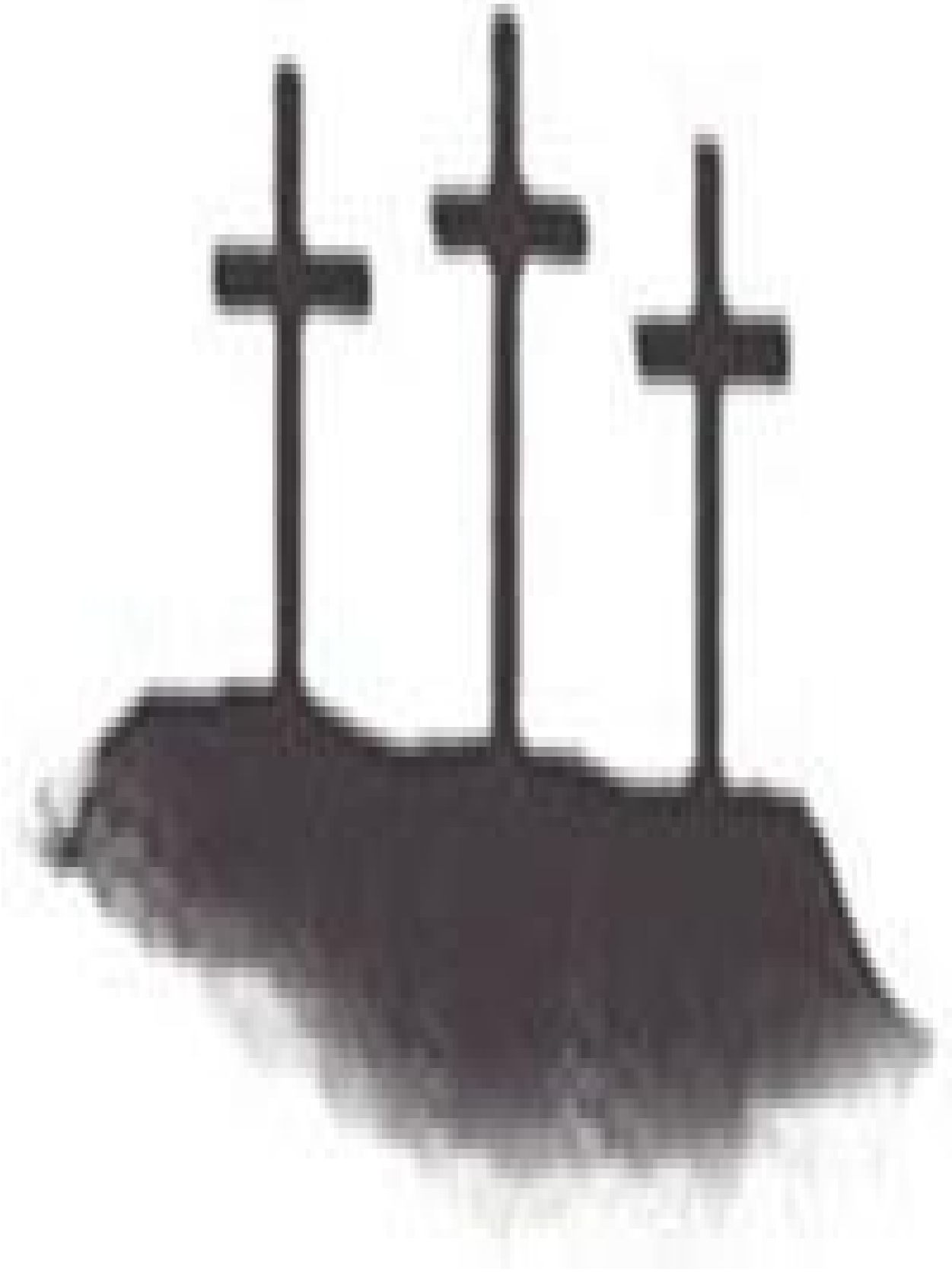
A nossa alegria é completa quando estamos em conformidade com a imagem de Deus.



Verdade Número Quatro

Deus se Fez Homem





Capítulo Dezesseis

NÓS REJEITAMOS A DEUS — DEUS NOS ACEITOU

"A gora, você constrói uma casa com esses blocos, Joslin", ordenou a professora do segundo ano, batendo seu pé de maneira preocupante e segurando uma ameaçadora régua na mão direita. A professora Lenard mandou que eu (Josh) me sentasse junto à mesinha dos blocos para me ensinar uma lição — usar a minha mão direita.

Sou canhoto, mas a minha professora estava tentando, com todo o seu poder, fazer com que eu passasse a ser destro. Quando estendi a mão esquerda, ela bateu nela com a régua e disse: "Pare — pense. Faça isso com a sua mão direita". Eu estava aterrorizado e confuso. Eu só estava fazendo o que me era natural, porém estava sendo severamente punido por isso. Essa experiência afetou significativamente a maneira como eu me via e comecei a pensar que era defeituoso.

O trauma desta experiência também fez com que eu desenvolvesse um problema com a fala. Sempre que eu ficava amedrontado, ansioso ou cansado — e normalmente na escola — eu gaguejava. A minha gagueira era uma grande vergonha para mim. Na quinta série tive que memorizar e recitar o discurso de Gettysburg. Eu estava tão nervoso quando me levantei que comecei a gaguejar. Diante da classe toda, a minha professora ordenou: "Fale! Fale! Pare de gaguejar, e fale!" Mortificado de vergonha diante dos meus amigos, saí correndo da sala, chorando.

Como a educação de meus pais havia parado na segunda série, eles nunca haviam aprendido bem a gramática. Como resultado, normalmente eu mutilava o idioma. Se os meus professores enfatizassem a gramática correta, de alguma maneira ela não penetrava em mim. De alguma maneira, eu sobrevivia. Contudo quando entrei na faculdade, a minha gramática caseira foi o meu ponto fraco e novamente se tornou o objeto de ridículo. Eu tinha vergonha de falar na classe. Um dia, na aula de inglês dos calouros, a professora me perguntou: "Onde está

Bob?” eu disse, “Ele não está bom”. Diante de todos a professora me corrigiu: “Sr. McDowell, o senhor quer dizer “Bob não está bem”. Olhei para ela, perplexo, sem entender qual era o problema. Para mim, parecia correto dizer “bom”! Experiências como essas ajudaram a solidificar a minha percepção de que eu era um ser humano inferior e uma pessoa totalmente inaceitável.

Aceitando o Inaceitável

Adão e Eva devem ter se sentido dessa maneira, depois que pecaram. A princípio, eles haviam vivenciado um maravilhoso relacionamento de amor com Deus, no perfeito Jardim do Éden. Não havia fome, avareza, medo ou dor, porque a santa presença de Deus não produzia nada além de bondade. Mas depois que eles pecaram foram banidos do jardim.

Nós rejeitamos a Deus, mas Ele, ainda assim, nos aceitou.

Não eram mais inocentes — ao contrário, eram culpados. Não sentiam mais prazer em Deus — em vez disso, sentiam medo e vergonha. Em lugar de se deleitarem na benevolência de Deus e desfrutarem a sua provisão, eles seguiram o caminho da maldição, tentando fazer com que as coisas se encaixassem. O seu pecado fez com que eles se sentissem sozinhos e inaceitáveis.

Mas como Deus se sentiu? Ele ficou irado e vingativo? Ele nunca mais quis ter nada a ver com a criação humana que se havia rebelado contra Ele?

Em vez de ira, Deus sentiu tristeza e pesar. Uma geração após outra, os seus amados seres humanos viveram uma vida de pecado e rebelião e isso “pesou-lhe

em seu coração” (Gn 6.6).

Imagine Deus, observando com pesar e tristeza enquanto a sua própria geração sofre as consequências dos seus pecados. Ele estava ali, quando você nasceu para o mesmo mundo onde Ele e o primeiro casal humano andaram antes, em um relacionamento perfeito. E, em vez de rejeitar você, Ele aceita você, apesar do seu pecado. Ele deseja ter um relacionamento com você e comigo e com os que estão à nossa volta, tão intimamente como antes se relacionou com o primeiro casal. Ele quer deleitar-se conosco. Ele quer ver em nossos olhos a alegria que somente a sua vida e o seu amor podem trazer. Mas isso não é possível, porque o nosso pecado nos separou da vida que é encontrada nEle, desde o momento em que fomos concebidos. Embora o seu coração nos aceite incondicionalmente, a sua santidade não pode aceitar a nossa vida de egoísmo. Pois cada um de nós seguiu os passos de Adão e Eva, tornando-se seu inimigo, escolhendo, repetidas vezes e de modo egoísta, os nossos próprios caminhos pecaminosos, em lugar dos seus santos caminhos.

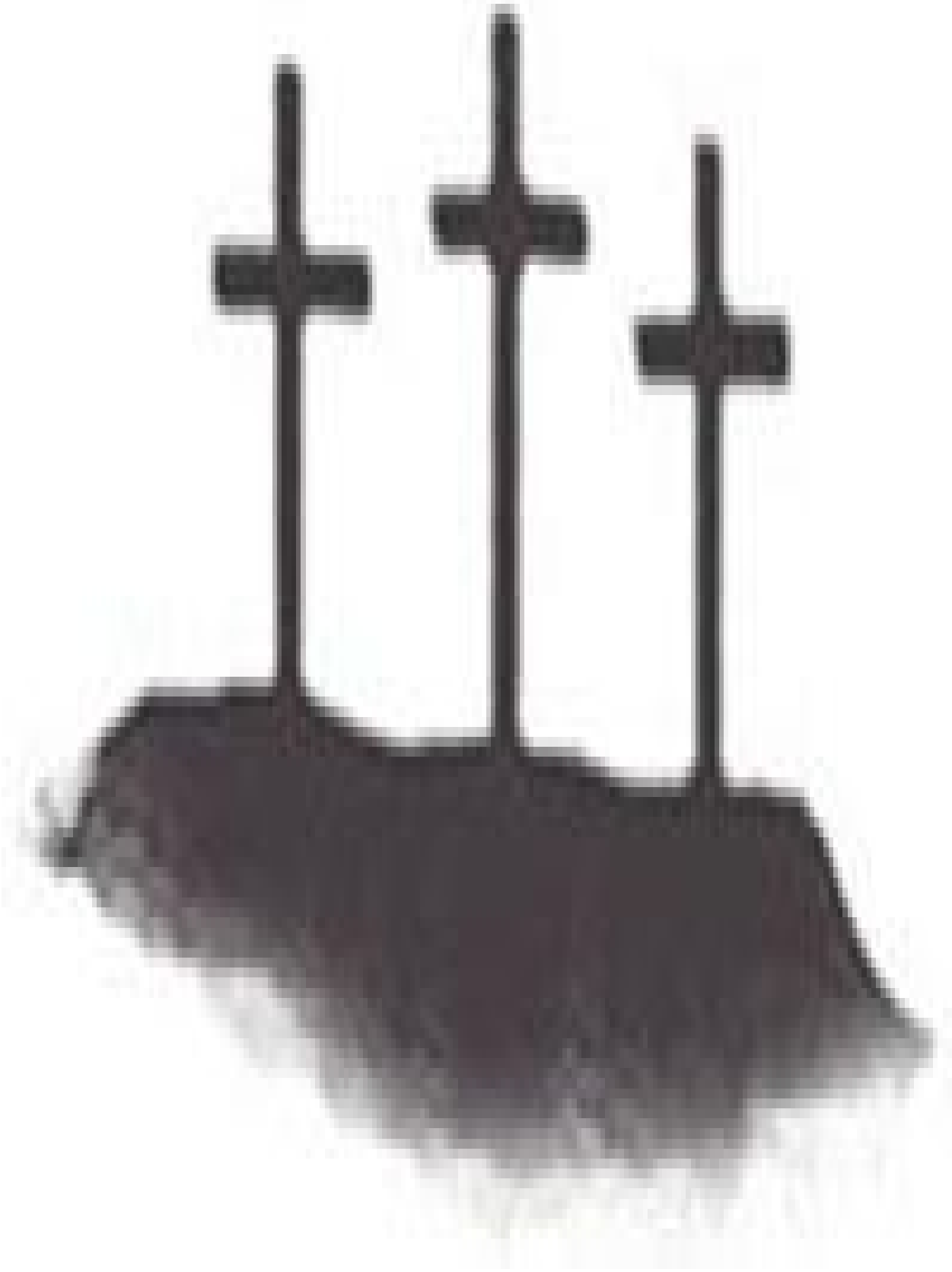
Assim, o que Deus fez? Ele tomou a iniciativa. Nós é que precisamos desesperadamente dEle, mas não o buscamos. Nós é que deveríamos estar clamando, pedindo ajuda. No entanto, o Senhor autossuficiente, que “tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” quer, a você e a mim (At 17.25). Nós o rejeitamos, mas Ele ainda assim, nos aceitou. Ele quer se relacionar conosco — desfrutar, e deleitar-se, e ter prazer em um relacionamento pessoal conosco. Ele quer completar a nossa alegria.

Assim, Deus entrou no nosso mundo para cancelar a maldição do pecado e da morte que tem poder sobre nós. Ele “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14). “E, visto como os filhos [de Deus] participam da carne e do sangue, também ele [Jesus] participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hb 2.14). “[Deus nos descobriu] o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas” (Ef 1.9,10). Somente o Filho do Deus vivo poderia arrancar o poder da morte do nosso arqui-inimigo, Satanás, para que Deus pudesse se reconectar com os seus filhos de uma maneira pessoal.

A encarnação é o milagre do Filho de Deus assumindo forma humana.

Nós cremos na verdade da encarnação (Deus se fazendo humano), em que Deus nos aceitou incondicionalmente e enviou Jesus Cristo, nascido da virgem Maria, para nos redimir e restaurar a um relacionamento com Ele.

A encarnação diz: “Você pode ter se afastado de mim, mas eu não vou me afastar de você. Você é tão importante para mim, que farei esforços extraordinários para termos um relacionamento pessoal. Vou entrar no seu mundo e me tornarei humano como você, para salvá-lo da morte e da solidão eterna, longe de mim”. Diante da questão de restaurar um relacionamento com os humanos, Deus não se limitou a enviar um profeta ou mesmo um anjo para declarar a sua verdade, da sua aceitação incondicional a nós: Ele enviou o presente supremo — Ele mesmo!



Capítulo Dezessete

EVIDÊNCIAS DE QUE DEUS SE FEZ HUMANO PARA NOS REDIMIR

O dia 25 de dezembro é comemorado, por bilhões de pessoas, por todo o mundo, todos os anos. Nesse dia, comemora-se um aniversário que as pessoas têm reconhecido durante séculos. Milhares de cânticos são entoados todos os anos, em festiva celebração. São realizadas encenações de um nascimento humilde em uma manjedoura. E milhões ouvem a leitura de "[Ela] deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.7).

Comemoramos o nascimento de Jesus Cristo, ano após ano. Proclamamos a milagrosa encarnação de Deus, assumindo a forma humana. Pregamos sobre um Deus cheio de amor e aceitação, que entrou em nosso mundo para nos salvar da perdição eterna. E embora as Escrituras digam que Deus "se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14), como podemos ter a certeza de que Deus realmente veio demonstrar o seu amor e a sua aceitação por nós?

Deus nos deu uma maneira de identificar essa pessoa na história, como sendo verdadeiramente o Filho de Deus.

A pergunta pode parecer cínica, mas a realidade é que o próprio Deus deseja nos certificar de que Ele realmente veio a terra para nos redimir. É por isso que Ele ordenou que um anjo dissesse aos pastores: "Eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor!" (Lc 2.10,11). Deus queria assegurar, as

pessoas que viviam naquela época, que o bebê de Maria era, verdadeiramente, o Filho de Deus — o Ser Supremo que viera para redimi-los. Deus deseja que acreditemos, com confiança, que o seu Filho, nascido há dois mil anos, é também nosso redentor.

Deus deu a Maria um sinal de que ela daria à luz ao Deus-homem. Deus deu aos pastores um sinal de que o Salvador havia nascido em uma manjedoura. Ele deu aos magos um sinal de que o filho de Maria era, verdadeiramente, o Rei dos reis. E Ele nos deu um sinal. Deus nos deu uma maneira de identificar esta pessoa na história, como sendo verdadeiramente o Filho de Deus, "que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29).

Jesus de Nazaré, nascido em Belém, na Judeia, há cerca de dois mil anos, é a pessoa da história que afirmou ser o Filho de Deus. A sua declaração foi exclusiva. Ninguém, exceto o Encarnado, poderia redimir a raça humana. Na verdade, Ele fez dessa verdade o centro de tudo o que fez e disse. Era crucial que esta declaração fosse verdade, porque apenas o Filho de Deus poderia solucionar o problema do pecado e da morte. Ele fez com que a crença nEle como o Encarnado fosse o ponto central. Jesus disse aos seus céticos: "Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo. Por isso, vos disse que morrereis em vossos pecados, porque, se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados" (Jo 8.23,24). "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida", disse Jesus, "ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Mas se Jesus não fosse o verdadeiro Filho de Deus, então a sua oferta de salvação seria uma farsa, uma mentira. É absolutamente vital que a sua declaração de divindade seja válida, se confiarmos que Ele é a nossa salvação.

Senhor, Mentiroso ou Lunático?

Alguns dizem que a declaração de Jesus Cristo de ser a Divindade não é, realmente, o que é importante aqui. Eles sugerem que os ensinamentos de Jesus é que são importantes — amar uns aos outros, alimentar os famintos, tornar este planeta um lugar melhor. Assim, eles apontam para Jesus como um grande professor moral e rejeitam a sua declaração de divindade. Mas quem quer que diga às coisas que Jesus falou sobre si mesmo não poderia ser um grande

professor de moral. C. S. Lewis, professor da Cambridge University e um ex-agnóstico, entendeu esta questão claramente. Ele escreve:

Estou tentando impedir que alguém diga aquela verdadeira tolice que as pessoas frequentemente dizem sobre Ele: “Eu estou pronto para aceitar Jesus como um grande professor moral, mas não aceito a sua declaração de ser Deus”. Esta é a única coisa que não devemos dizer. Um homem que fosse um mero homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande professor de moral. Poderia ser um lunático — como o homem que diz que é um ovo pochê — ou poderia ser o Diabo do Inferno. Você deve fazer a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou é um louco, ou algo pior.

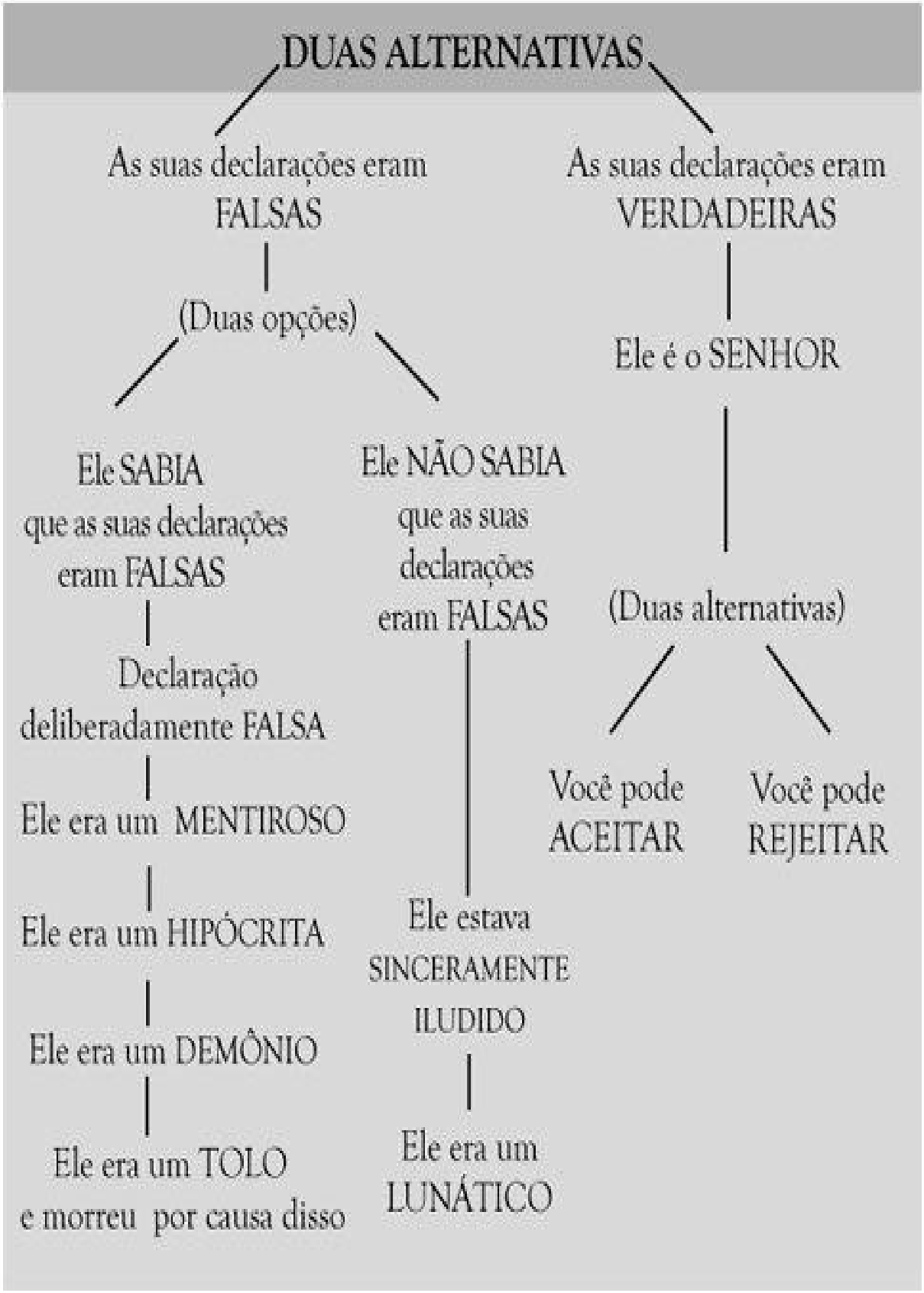
Então, Lewis acrescenta:

Você pode silenciá-lo, como sendo um tolo, você pode cuspir nEle e matá-lo como um demônio, ou você pode cair aos seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não devemos inventar nenhuma bobagem condescendente sobre Jesus ser um grande professor humano. Ele não nos deixou essa possibilidade. Ele não tencionou fazer isso.[1]

A afirmação de Jesus de que era Deus (Divindade) nos deixa com duas alternativas: ou a sua declaração é verdadeira, ou é falsa. E se a sua declaração for falsa, temos duas opções adicionais (veja o diagrama).

Declarações em que Jesus diz que é Deus

[2]


DUAS ALTERNATIVAS
As suas declarações eram FALSAS
(Duas opções)
Ele SABIA que as suas declarações eram FALSAS
Declaração deliberadamente FALSA
Ele era um MENTIROSO
Ele era um HIPÓCRITA
Ele era um DEMÔNIO
Ele era um TOLO e morreu por causa disso
Ele NÃO SABIA que as suas declarações eram FALSAS
Ele estava SINCERAMENTE ILUDIDO
Ele era um LUNÁTICO
As suas declarações eram VERDADEIRAS
Ele é o SENHOR
(Duas alternativas)
Você pode ACEITAR
Você pode REJEITAR

Em primeiro lugar, vamos considerar a alternativa de que as declarações de Jesus de ser Deus fossem falsas. Isso nos dá duas opções, ou Ele sabia que eram falsas, ou Ele não sabia que eram falsas.

Jesus Era um Mentiroso?

Se, quando Jesus fez as suas declarações, Ele soubesse que não era Deus, então Ele estava mentindo e deliberadamente enganando seus seguidores. Mas se Ele era um mentiroso, então era também um hipócrita, porque ensinava os outros a serem honestos, qualquer que fosse o custo. E, pior do que isso, se Ele estava mentindo, Ele era um demônio, porque disse às pessoas que confiassem a Ele o seu destino eterno. Se Ele não podia respaldar as suas declarações, e sabia disso, então Ele era indescritivelmente perverso por enganar os seus seguidores com uma tão falsa esperança. Por fim, Ele também seria um tolo, porque as suas declarações de ser Deus levaram à sua crucificação — declarações que Ele poderia ter desmentido para se salvar, mesmo no último minuto.

Como Jesus poderia ser considerado um grande professor de moral, se não fosse realmente a Divindade? Isso quer dizer que Ele estaria, deliberadamente, enganando as pessoas sobre a questão mais importante dos seus ensinamentos — crer nEle como o Filho de Deus.

Concluir que Jesus era um mentiroso deliberado não coincide com o que sabemos a respeito dEle ou os resultados da sua vida e ensinamentos. Onde quer que Jesus tenha sido proclamado, vemos as vidas se transformando, para melhor, nações se modificando para melhor, ladrões se tornando honestos, alcoólatras passando a ser sóbrios, indivíduos odiosos se tornando canais de amor e pessoas injustas adotando a justiça.

Considere William Lecky, um dos mais conceituados historiadores da Grã-Bretanha. Embora fosse um veemente oponente do cristianismo organizado, ele viu o efeito do verdadeiro cristianismo no mundo. Ele escreve:

Cabia ao cristianismo a tarefa de apresentar ao mundo um ideal que, em meio a todas as mudanças de dezoito séculos, inspirou os corações dos homens com um amor apaixonado; mostrou-se capaz de agir sobre todas as gerações, nações, temperamentos e condições; não somente tem sido o mais elevado padrão de virtude, mas também o mais forte incentivo à sua prática. O simples registro desses três curtos anos de vida ativa (de Cristo) fez mais para regenerar e abrandar a humanidade do que todas as dissertações de filósofos e todas as exortações dos moralistas.[3]

Jesus Era um Lunático?

Se considerarmos que é inconcebível que Jesus fosse um mentiroso, então será que Ele não poderia ter se considerado, equivocadamente, Deus? Afinal, é possível ser, ao mesmo tempo, sincero e errado. Mas devemos nos lembrar de que, alguém se considerar, equivocadamente, como Deus, especialmente no contexto de uma cultura tremendamente monoteísta como era o judaísmo, e então dizer aos outros que o seu destino eterno dependia de crer nEle, não é algo sem importância. São os delírios de um lunático completo. É possível que Jesus Cristo fosse demente?

Hoje em dia, nós trataríamos alguém que crê ser Deus da mesma maneira como trataríamos alguém que acredita ser Napoleão. Nós o consideraríamos louco e arrogante. Nós o trancafiaríamos para que ele não ferisse a si mesmo nem aos outros. Mas não observamos, em Jesus, as anormalidades e o desequilíbrio que normalmente acompanham tal loucura. Se Ele fosse insano, a sua postura não deixaria de ser assombrosa.

Os eminentes pioneiros da psiquiatria, Arthur Noyes e Lawrence Kolb, em sua obra Modem Clinical Psychiatry [Psicologia Clínica Moderna] descrevem o esquizofrênico como uma pessoa que é mais autista que realista. O esquizofrênico deseja escapar do mundo da realidade. Encaremos a realidade — o fato de que um mero homem afirmasse ser Deus certamente seria uma fuga da realidade.

Considerando outras coisas que sabemos sobre Jesus, é difícil imaginar que Ele fosse mentalmente perturbado. Aqui está um homem que pronunciou as mais profundas palavras já registradas. As suas instruções libertaram muitas pessoas da escravidão mental. Clark Pinnock, professor emérito de teologia sistemática na McMaster Divinity College, pergunta: “Estaria Ele iludido a respeito da sua grandeza, seria Ele paranoico, um enganador involuntário, um esquizofrênico? Novamente, a habilidade e a profundidade dos seus ensinamentos defendem apenas a hipótese da sua total sanidade mental. Se apenas fôssemos sãos como Ele!”[4]

O psicólogo Gary R. Collins explica que Jesus,era amoroso, mas não permitia que a sua compaixão o imobilizasse; Ele não tinha um ego inchado, embora estivesse frequentemente cercado por multidões que o adoravam; Ele mantinha o equilíbrio apesar de um estilo de vida frequentemente exigente; Ele sempre sabia o que estava fazendo e para onde estava indo; Ele se importava profundamente com as pessoas, incluindo as mulheres e as crianças, que não eram consideradas importantes naquela época; Ele era capaz de aceitar as pessoas, sem nem mesmo piscar diante de seus pecados; Ele reagia aos indivíduos com base na situação em que estavam e no que precisavam. Considerando tudo isso, eu simplesmente não vejo nenhum sinal de que Jesus estivesse sofrendo de alguma doença mental conhecida... Ele era muito mais saudável do que qualquer pessoa que conheço — incluindo a mim mesmo![5]

Jesus Era Senhor?

Como podemos ver, seria muito difícil que qualquer pessoa concluísse que Jesus era um mentiroso ou um lunático. A única alternativa restante é a de que Ele era — e é — o Cristo, o Filho de Deus, como Ele dizia ser. No entanto, apesar da lógica e da evidência, muitas pessoas não parecem se persuadir a aceitar esta conclusão.

Em seu livro The Da Vinci Code [O Código Da Vinci], Dan Brown afirma: “Endossando oficialmente Jesus como o Filho de Deus, Constantino converteu Jesus em uma divindade que existia além do escopo do mundo humano, uma entidade cujo poder era incontestável”.[6] O livro propaga a ideia de que a

divindade de Cristo foi inventada no Concílio de Niceia. Este, simplesmente, não é o caso.

O próprio Novo Testamento fornece as mais antigas evidências em favor da crença de que Jesus é divino. Uma vez que esses documentos foram escritos no século I, poucas décadas depois dos eventos que envolveram Jesus, eles são anteriores ao Concílio de Niceia em mais de dois séculos. Embora tenham sido escritos por pessoas diferentes, com vários propósitos, um tema inconfundível que eles compartilham é o de que Cristo é Deus.

Os pais pré-nicenos eram antigos autores cristãos que viveram depois do fim do período do Novo Testamento (aproximadamente 100 d.C.), mas antes do Concílio de Niceia (325). Eles fornecem respaldo adicional de que Jesus era considerado divino muito antes do Concílio de Niceia. Entre essas pessoas, se incluem Justino Mártir, Inácio e Irineu. Não há dúvida de que eles entendiam que Jesus era divino. Considere algumas citações de suas obras antigas:

Inácio de Antioquia (110 d.C.): “Deus encarnado... o próprio Deus, apareceu na forma de homem”.[7]

Justino Mártir (100-165 d.C.): “Sendo o Verbo Unigênito de Deus, Ele é o próprio Deus”.[8]

Irineu (177 d.C.): “O Pai é Deus e o Filho é Deus; pois AquEle que nasceu de Deus é Deus”.[9]

Provavelmente, a evidência mais convincente de que Jesus era considerado divino antes de Niceia vem de autores não cristãos: o escrito satírico grego, Luciano de Samosata (cerca de 170 d.C.), o filósofo romano Celso (cerca de 177 d.C.), e o governador romano Plínio, o jovem (cerca de 112 d.C.) deixam claro que os primeiros cristãos consideravam Jesus divino. Plínio perseguiu os cristãos por causa da sua crença de que Jesus era divino. Plínio reconheceu: “Eles se

congregavam antes do amanhecer, em um dia específico, para entoar versos alternadamente entre si mesmos, em honra a Cristo, como se fosse um deus".[10]

Considerando esses fatos, além de muitos outros, os autores de Reinventing Jesus [Reinventando Jesus] concluem: "Sugerir que Constantino teve a capacidade — ou até mesmo a inclinação — de manipular o concílio e levá-los a crer no que eles já não aceitavam é, na melhor hipótese, uma noção tola".[11] A evidência é clara: acreditava-se que Jesus era divino muito antes do Concílio de Niceia.

O problema com essas três alternativas a respeito de Jesus não é qual delas é possível. Obviamente todas elas são possíveis. A questão é, "Qual delas é mais provável?" Nós não podemos, como tantas pessoas querem fazer, colocar Jesus na prateleira meramente como um grande professor moral ou um profeta. Esta não é uma opção válida. Ele é um mentiroso, um lunático, ou Senhor e Deus. Nós temos que fazer uma escolha. A nossa decisão a respeito de Jesus deve ser mais do que um exercício intelectual. Como escreveu o apóstolo João: "Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31).[12]

Jesus Declarou que É Deus

Hoje em dia, há algumas pessoas que diriam que Jesus nunca declarou ser o Filho de Deus — Ele apenas disse que era o Filho do homem, sugerindo que Ele não estava fazendo uma declaração de ser divindade. Mas essas pessoas simplesmente estão erradas. Jesus declarou ser o Filho de Deus. Ele tornou a sua identidade o centro da sua mensagem.

De acordo com o registro do Novo Testamento, Jesus deixou claro, repetidas vezes, que Ele era o unigênito Filho de Deus, uma declaração que não passou despercebida pelos líderes religiosos da sua época. Na verdade, essa declaração foi a razão pela qual eles tentaram desacreditá-lo e, em última análise, a razão pela qual eles o condenaram à morte: "Os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (Jo 5.18).

Em mais de uma ocasião, a declaração clara de Jesus de sua própria divindade fez com que seus compatriotas judeus desejassem apedrejá-lo. Certa vez, quando Ele disse aos líderes judeus, “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se”, os seus ouvintes se indignaram: “Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou. Então, pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo” (Jo 8.56-59). Em outra ocasião, quando Jesus disse que Ele e o Pai eram um só, os líderes judeus novamente pegaram pedras para matá-lo (Jo 10.30,31).

Quando Jesus lhes perguntou por que desejavam matá-lo, eles responderam: “Pela blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (Jo 10.33).

Em outra ocasião, Jesus disse a um homem paralítico, “Filho, perdoados estão os teus pecados”, e novamente os líderes religiosos reagiram com indignação. “Por que diz este assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?” (Mc 2.5-7).

Nos últimos dias antes da morte de Jesus, Ele deixou claro — até mesmo para o Sinédrio (a suprema corte dos judeus) — exatamente quem Ele era: “O sumo sacerdote lhe tornou a perguntar e disse-lhe: És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito? E Jesus disse-lhe: Eu o sou... E todos o consideraram culpado de morte” (Mc 14.61-64).

Tudo o que Jesus disse e fez indicava a sua identidade, como a Divindade e o Messias, e tudo indicava o propósito com que Ele veio à terra. Se Ele não é quem dizia ser, então os seus ensinamentos são os desvarios de um lunático que sinceramente pensava que era Deus (mas não era) ou as palavras de um mentiroso que sabia que não era Deus (mas dizia que era).

Mas podemos ter confiança na verdade — de que Ele é Senhor! Ele é o Filho encarnado do único Deus do universo, aquele que disse, “Eu sou o Senhor, e não há outro” e “Não terás outros deuses diante de mim” (Is 45.6; Êx 20.3).

Considerando as três opções consideradas acima, é plenamente razoável concluir que Jesus é Senhor. Mas temos muito mais evidências da sua divindade do que esta. Nós vamos apresentar algumas dessas evidências aqui e as demais nos capítulos 21 e 25.

Jesus Nasceu de uma Virgem

Muito antes que existisse a Palavra escrita, muito antes que alguém tivesse ouvido falar no Messias, Deus erigiu, no Jardim do Éden, um sinal que indicava exatamente a maneira como o seu Filho nasceria. Quando Deus amaldiçoou a serpente que tentou Eva, Ele lhe disse: “Porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). Este versículo é profético, pois a semente da mulher é, naturalmente, Cristo. As palavras “entre ti e a mulher” se destacam, como sendo únicas e também proféticas, por uma razão crítica que exploraremos a seguir.

É altamente significativo que Gênesis 3.15 se refira especificamente à semente da mulher, e não do homem. O processo natural de conceber e dar à luz envolve o óvulo de uma mulher e o esperma de um homem. O óvulo e o esperma são as “sementes” dos dois sexos que são necessários para o nascimento humano. Quando Deus prometeu à serpente que ela seria esmagada pela semente de uma mulher, Ele se referiu a um processo sobrenatural: Satanás seria derrotado por uma pessoa concebida da semente de uma mulher, apenas, sem o requisito usual da semente de um homem.

As Escrituras predisseram esse mesmo processo sobrenatural outra vez, 700 anos antes que Deus nascesse como um menino, quando o profeta Isaías disse: “O mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel — Deus conosco”(Is 7.14).

Que palavras espantosas: “Uma virgem conceberá”. No curso da natureza, as virgens não concebem. A concepção requer a fertilização do óvulo (ovo) da fêmea pelo gameta do macho (esperma), para formar uma nova célula, chamada zigoto. O zigoto deve, então, implantar-se na parede do útero. Essa única célula possui um conjunto completo de cromossomos, que contêm informações genéticas, sendo que metade delas vem do pai e a outra metade, da mãe.

Mas Deus, ao falar com a serpente, e outra vez por meio do profeta Isaías, prometeu algo que a história humana nunca havia visto antes (nem viu depois): um filho nasceria fora do processo natural da concepção. Em vez disso, o Espírito Santo de Deus formaria, no oceano escuro do útero de uma virgem, um filho de origem divina. Esta pessoa teria uma identidade única, porque o Deus

infinito seria o seu pai, e uma virgem humana finita seria a sua mãe — desta maneira, nasceria o Deus-homem. A partir desse milagroso momento de concepção, esse feto divino-humano se desenvolveria, a partir de uma única célula, em três trilhões de células, e seria trazido ao mundo, como Emanuel, "Deus conosco"! (Veja Is 7.14; Mt 1.23).

Se isso realmente aconteceu — se o Jesus histórico nasceu, verdadeiramente, de uma virgem — isso forneceria evidência convincente da sua divindade. Se Jesus foi concebido fora do processo natural da concepção, então temos fortes evidências comprobatórias para respaldar as suas declarações de divindade. Podemos ver que o registro do livro de Gênesis e a profecia de Isaías apontam para o nascimento virginal do Messias, mas há evidências de que o que foi prometido nessas passagens realmente aconteceu? Há alguma maneira confiável de investigar as circunstâncias do nascimento de Jesus?

As Narrativas do Evento

Comecemos com o registro histórico. Sete séculos depois da profecia de Isaías, Mateus registrou as circunstâncias extraordinárias do nascimento de uma criança, chamada Jesus de Nazaré. Ele escreveu:

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo... Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL traduzido é: Deus conosco)" (Mt 1.18, 22,23).

O Evangelho de Lucas, o cuidadoso historiador cujos textos foram repetidas vezes confirmados pela arqueologia, registra a aparição do anjo Gabriel a Maria e o seu anúncio de que ela daria à luz o Messias. Maria respondeu com uma pergunta: "Como se fará isso, visto que não conheço varão? E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lc 1.34,35).

Esses dois relatos históricos nos apresentam um registro do evento do nascimento virginal, mas não nos fornecem nenhuma evidência que nos assegure que o evento realmente aconteceu. Contudo, quando continuamos a examinar o registro, as evidências começam a aparecer, e elas nos dão confiança de que o relato global é verdadeiro.

Reações dos Contemporâneos de Jesus

Entre as mais significativas dessas evidências, se incluem as contidas nas narrativas de como as pessoas da cidade de Jesus, Nazaré, reagiram depois que Ele iniciou o seu ministério público.

Em certa ocasião, depois que Ele havia ensinado na sinagoga, as pessoas com quem Jesus havia crescido disseram: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria... E escandalizavam-se nele” (Mc 6.3). A expressão “filho de Maria” era um insulto inequívoco em uma sociedade que chamava os filhos pelos nomes de seus pais — exceto, é claro, no caso de filhos cuja paternidade fosse incerta.

Em outra oportunidade, os oponentes de Jesus lhe fizeram uma crítica incisiva, quando disseram, “Nós não somos nascidos de prostituição” (Jo 8.41).

Penso que o insulto e a referência a Jesus como o “filho de Maria” sugerem que todos sabiam, na cidade de Jesus, que Ele havia sido concebido antes do casamento de Maria com José, e, talvez, sem a ajuda deste.

Em outras palavras, parece muito provável que as circunstâncias no nascimento milagroso de Jesus — de uma virgem — fizessem com que Ele fosse rotulado como um filho ilegítimo na sociedade da sua época. Portanto, como resultado direto das circunstâncias incomuns do seu nascimento, Ele não apenas aceitou o manto de humanidade como, sem dúvida, suportou insultos cruéis no jardim da infância e comentários grosseiros de críticos, quando adulto. Quando Jesus declarou a sua divindade, as pessoas o ridicularizaram e zombaram: “Nós não somos nascidos de prostituição; temos um Pai, que é Deus” (Jo 8.41).

Em uma ironia de incredulidade, a evidência da sua glória divina se tornou uma

mancha para a sua reputação humana. Essa ironia persistiu em alguns dos textos veementemente anticristãos de autoria de rabinos judeus, nos anos que se seguiram à sua morte. Os rabinos inventaram uma história que afirma que Jesus é o filho ilegítimo de um soldado romano chamado Panthera, "admitindo, inadvertidamente, que Jesus não nasceu de um casamento comum", como explica Orígenes, teólogo e estudioso da Bíblia do século III.[13]

Esses insultos feitos a Jesus nos apresentam evidência de que as pessoas da sua cidade sabiam que Ele não era filho de José. Isto nos ajuda a crer no nascimento virginal, mas não é um argumento convincente. Como sabemos que os que o insultavam não estavam certos? Como podemos avaliar se o nascimento foi realmente milagroso ou se Maria estava mentindo e José havia sido enganado? Para obter as respostas, vamos examinar, em primeiro lugar, a história de Maria, e depois a narrativa de Mateus sobre o nascimento de Jesus.

As Reações de Maria e José

Quando Maria ficou grávida, por que ela teria insistido que era virgem? Ela sabia que essa história certamente seria muito louca para ser digna de crédito; por que ela não apareceu com uma história mais plausível? Ela poderia ter inventado uma desculpa que a fizesse parecer inocente de qualquer transgressão, ou, pelo menos, que colocasse toda a culpa ou parte dela sobre outra pessoa. Ela poderia ter dito que havia sido estuprada, ou poderia ter dito que José a havia pressionado para ceder ao seu desejo. José teria sabido a verdade, porém ninguém mais. Entretanto em vez de apresentar uma explicação racional que se encaixasse nas leis conhecidas da natureza, ela diz às pessoas que está grávida através do Espírito Santo de Deus. Por que ela diria tal coisa, sendo tão certo que esta era a menos plausível das explicações? Somente uma razão faz sentido. Era verdade.

Vamos examinar, agora, a sua gravidez, do ponto de vista de seu noivo, José. Aqui está o que Mateus nos diz sobre a reação de José:

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. Então, José, seu marido, como era justo e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente.

E, projetando ele isso, eis que, em sonho, lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo... E José, despertando do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher. (Mt 1.18-20,24)

Como você pode ver, José sabia tudo a respeito dos pássaros e das abelhas, ele sabia como se faziam os bebês, e ele não havia tido relações sexuais com a sua noiva. Assim, quando Maria apareceu grávida, ele se convenceu, naturalmente, de que a moça havia cometido fornicação. Assim, José decidiu fazer o que qualquer outro homem faria — romper o noivado. A narrativa de Mateus, no entanto, nos fala que um anjo disse a ele a verdade sobre a gravidez de Maria, e com base nessa informação, José acreditou e prosseguiu com os planos de casamento.

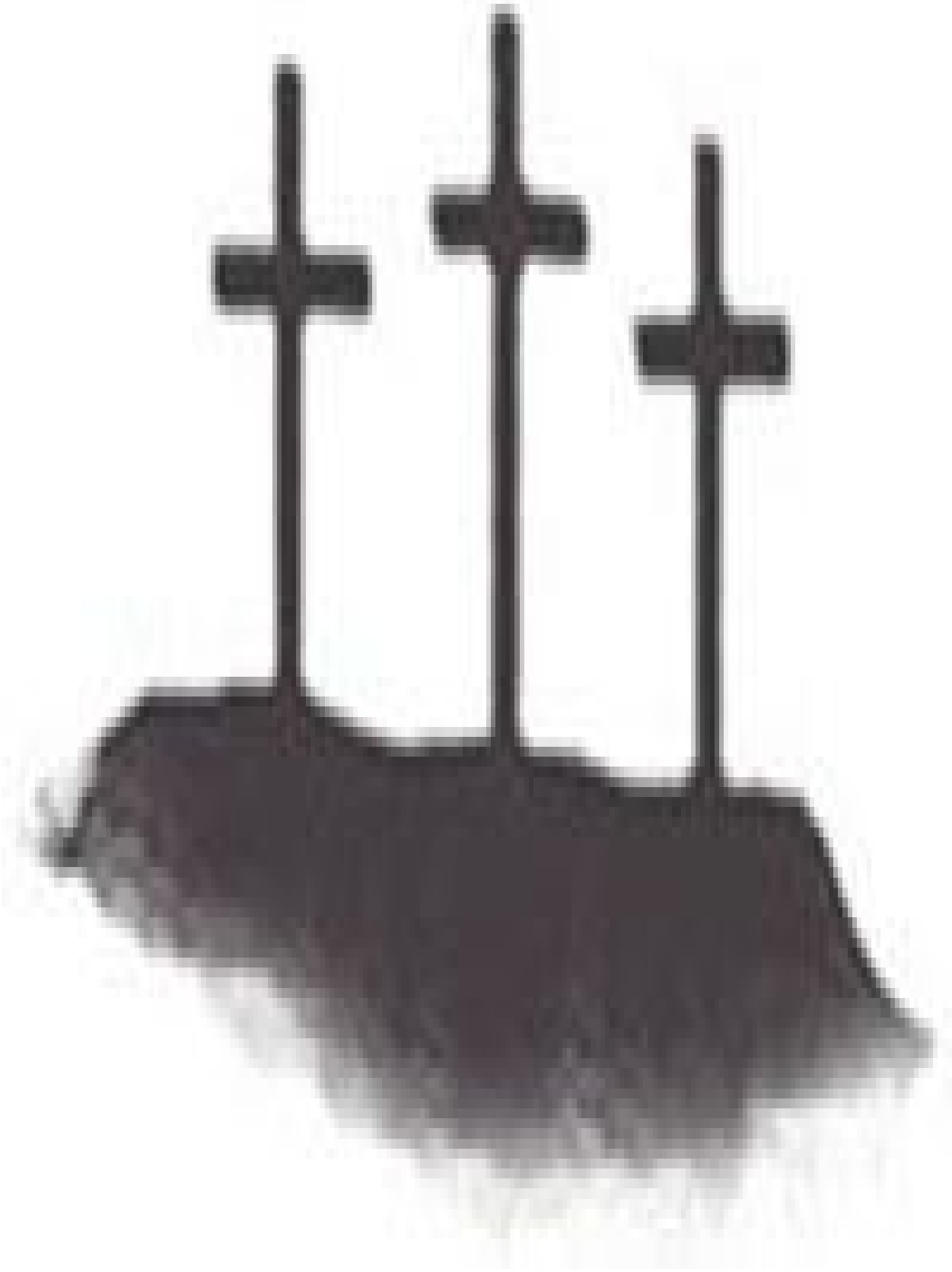
Pense no que isso nos diz. José teria sido o homem mais difícil do planeta a se convencer da história de Maria de que ela era virgem. Ele era o homem mais afetado pela história. Ele era o homem que, durante o resto de sua vida, seria ridicularizado por se casar com uma mulher infiel e grávida, que estava esperando um filho de outro homem. Ele teria tido que suportar o desprezo dos homens da cidade, que sempre o considerariam um homem traído, tolo demais para crer na louca história de Maria sobre Deus tê-la feito engravidar. Ele teria tido que suportar a humilhação de estar casado com uma mulher envergonhada e ter que criar o filho fruto do adultério dela.

Todavia, está claro que José não era tolo e tomou a sua decisão plenamente ciente de suas consequências. O fato de que, a princípio, ele não cresse em Maria e decidisse romper o noivado, como qualquer outro homem faria, nos mostra que ele não era tolo, que conhecia muito bem as consequências de infringir as expectativas sociais a respeito da pureza e da santidade do matrimônio. Um homem justo e prudente, como Mateus se refere a José, estaria completamente ciente de como o seu casamento com Maria mancharia a sua reputação pelo resto de sua vida. Sendo assim, por que ele continua e se casa com ela? Somente uma

razão faz sentido. José conhecia a verdade. Ele realmente recebeu uma mensagem de um anjo, e essa mensagem que lhe foi transmitida era a absoluta verdade. Maria era uma virgem que trazia, em seu ventre, o Filho de Deus.

O fato de que José acreditava nesta verdade, conhecia as consequências para toda a sua vida, e ainda assim fez o que era certo e tomou sob a sua proteção o Filho de Deus e sua mãe terrena é o que faz deste homem um dos grandes heróis da Bíblia.

A evidência em favor do nascimento virginal não apenas aponta para a conclusão de que Jesus de Nazaré é quem Ele afirmava ser, ela também nos mostra o quanto Ele se identifica conosco. Embora fosse Deus, se humilhou e voluntariamente suportou as zombarias e o escárnio daqueles que não acreditavam nEle. A evidência da divindade de Cristo, pelo milagre do nascimento virginal, é apenas uma das verdades que Deus nos deu para reforçar o fato de que Ele nos aceitou, apesar do nosso pecado, e enviou a única pessoa que poderia nos redimir.[14]



Capítulo Dezoito

O QUE A ACEITAÇÃO INCONDICIONAL DE DEUS PRODUZ

A grande temporada ia começar. Eu (Sean) tinha 12 anos, e estava pronto para jogar na liga infantil de beisebol. Antes do primeiro jogo, o meu pai, Josh, teve uma ideia de como me ensinar — e aos meus colegas — uma importante lição. Ele comprou 12 vales-sorvete em um restaurante local e os levou ao nosso técnico.

— Técnico, esses vales são para os meninos — disse ele.

— Ótimo — disse o técnico, com um grande sorriso.

— Isso é ótimo. Eu gostaria que mais pais tivessem um interesse como o seu. Vou levá-los para tomar o sorvete depois da nossa primeira vitória.

— Não, técnico — disse Josh rapidamente —, eu quero que você os leve para tomar o sorvete depois da sua primeira derrota.

O meu técnico olhou com estranheza para o meu pai.

O que o meu pai estava dizendo não estava de acordo com o conceito do técnico de vitória, derrota e recompensas por um bom jogo. Assim, papai explicou o seu modo de pensar.

— Técnico, eu não sei quanto a você, mas na criação dos meus filhos, não quero reconhecer os seus sucessos, mas os seus esforços. E não quero reconhecer os seus esforços, mas o fato de que eles foram criados à imagem de Deus. Creio que o meu filho foi criado à imagem de Deus e que ele tem infinito valor, dignidade e importância. Nenhuma dessas coisas tem nada a ver com jogar beisebol. Se ele nunca jogasse beisebol nem uma vez em sua vida, eu amaria e o aceitaria da mesma maneira.

O meu técnico olhou para Josh, e, finalmente, tudo o que ele pôde dizer foi:

— Isso é esquisito.

Mas ele concordou em usar os vales como papai havia instruído.

A temporada começou, e o nosso time venceu os seus primeiros jogos. Mas nós perdemos o terceiro ou quarto jogo, e o técnico cumpriu a sua palavra. Ele deu a cada jogador um vale-sorvete, e todos fomos "comemorar" a nossa derrota.

Naturalmente, os meus colegas e eu gostamos muito dos sorvetes. Mas a generosidade do meu pai teve ainda um benefício maior. Durante as duas semanas seguintes, três dos rapazes do time apareceram e lhe agradeceram pelo presente especial. Um dos meus colegas, um garoto chamado Jesse, disse a papai, "Muito obrigado pelos sorvetes, Sr. McDowell! Uau! O senhor não se importa se vencemos ou perdemos — o senhor nos ama de qualquer maneira!" A lição poderosa que eu aprendi naquele dia é que o meu pai me aceita, de qualquer maneira.

A Aceitação de Deus É ainda mais "Fantástica"

Um pai que recompensa seu filho e o time de beisebol quando eles perdem um jogo pode ser esquisito, mas a aceitação de Deus é ainda mais esquisita, chegando a ser fantástica. O apóstolo Paulo disse: "Vós também, que noutro tempo éreis estranhos e inimigos [de Deus] no entendimento pelas vossas obras más" (Cl 1.21). Nós, sendo humanos, não perdemos apenas um jogo. Nós rejeitamos os caminhos de Deus e o seu amor e trouxemos o mal ao seu mundo perfeito de bem absoluto. No entanto Jesus veio para morrer por nós "sendo inimigos" (Rm 5.10). O fato não é apenas que não merecêssemos — nós éramos rebeldes contra Deus. E como estávamos mortos espiritualmente, não podíamos fazer nada para modificar a nossa condição de inimigos. Se éramos tão pouco merecedores e se éramos inimigos de Deus, que tipo de aceitação é essa, que o motivou a vir à terra para morrer por nós?

Podemos dizer que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho

unigênito” (Jo 3.16), e isso, é claro, é verdade. O amor de Deus fez com que Ele nos aceitasse mesmo quando não merecíamos. Mas foi um tipo único de aceitação que encontra suas raízes apenas em Deus. Foi um amor que aceitou, a mim e a você, sem nenhum tipo de condição. Deus foi motivado por um amor que nos aceita exatamente como somos — pecadores rebeldes e sem merecimento.

Talvez não haja nada que traga maior alegria ao coração humano do que outra pessoa que conhece todas as suas falhas e fracassos e, apesar de tudo isso, ame você, como você é.

A vinda de Deus à terra não se baseia em nada que você possa ter feito ou pudesse fazer no futuro. É puramente o resultado da sua graça. Todas as outras religiões do mundo ensinam que é necessário esforço humano para alcançar algum tipo de “salvação”. Mas o que algumas religiões chamam de salvação é, basicamente, uma maneira de escapar do mal, sem nenhuma perspectiva de alegria. Os budistas explicam que uma pessoa precisa passar por ciclos incontáveis de reencarnação para chegar ao que é chamado nirvana, que é, essencialmente, uma condição de esquecimento pessoal. O islamismo ensina os muçulmanos que eles devem trabalhar arduamente para se qualificarem para as recompensas que Alá pode decidir lhes dar. Os mórmons declaram que a graça somente será obtida depois que a pessoa fizer tudo o que puder para receber a salvação.

Mas o cristianismo ensina que os humanos são impotentes e nada podem fazer para merecer a salvação. É Deus que toma a iniciativa de estender a mão a seus inimigos. “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9). Nós declaramos isso outra vez, para ênfase: A sua graça nos foi estendida quando estávamos sob o poder da morte — pecadores por nascimento e inimigos de Deus. “Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios... Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós

ainda pecadores”(Rm 5.6,8). “Onde está, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não! Mas pela lei da fé” (Rm 3.27). Independentemente do que você tenha feito — ou não — Ele oferece a graça. Deus aceita você completamente, sem nenhuma condição, e apesar do seu pecado, Ele oferece um caminho de volta para Ele. Isso é mais do que esquisito!

A vinda de Deus à terra em forma humana é a conversão do paraíso perdido no livro do Gênesis no paraíso recuperado no livro do Apocalipse, embora nenhum de nós mereça isso. É a abolição da nossa sentença de morte, embora nada tenhamos feito para garantir a vida eterna no relacionamento com Deus. João disse: “Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens” (Jo 1.4). Mas a base para receber essa vida não é nada que possamos fazer, ela é, estritamente, um presente de Deus.

O significado relacional da encarnação é que você e eu somos amados e aceitos incondicionalmente. Talvez não haja nada que traga maior alegria ao coração humano do que outra pessoa que conhece todas as suas falhas e fracassos e, apesar de tudo isso, ame você, como você é.

Quando Josh me deu (a mim, Sean) e ao meu time os sorvetes, depois que nós perdemos o nosso primeiro jogo de beisebol, o seu presente queria dizer: “Eu sei que você estragou tudo e não jogou tão bem assim, mas apesar do seu fracasso, eu amo você”. O meu pai olhava além do meu fracasso no beisebol, e me amava porque eu era eu. E muito mais Deus nos conhece, por tudo o que somos, incluindo as nossas falhas, os nossos fracassos e pecados — e, no entanto, Ele nos aceita incondicionalmente. Bill e Gloria Gaither acertaram, quando escreveram a canção, “I Am Loved” [Eu Sou Amado], em que dizem, “AquEle que me conhece melhor do que todos, é aquEle que me ama mais do que todos”.[1]

Aceitos, apesar da nossa Fraqueza

Depois que eu (Josh) me tornei cristão, me transferi para a Wheaton College, uma escola cristã. Quanto mais eu crescia na minha fé, mais lutava com o desfio de me entregar inteiramente a Deus. Eu resistia ao desafio, porque pensava que Ele poderia querer que em trabalhasse no ministério cristão, o que, para mim,

significava apenas uma coisa — falar em público. Naquela época, a minha gramática ruim e o meu problema de gagueira que mencionei antes ainda eram muito evidentes. Como resultado, parecia que dar “tudo” a Deus era dar a Ele muito pouco que Ele pudesse usar.

Finalmente, eu disse: “Deus, eu não creio que tenha nenhum talento de oratória ou qualquer outro dom que possas usar no ministério. Eu gaguejo quando estou amedrontado, e falo um inglês horrível. Tenho todas essas limitações e certamente não me queres no ministério. Mas se puderes usar essas limitações para a tua glória, então te servirei pelo resto de minha vida, a cada respiração minha”.

Deus me aceitou integralmente, apesar das minhas limitações. E como Ele me aceitou sem nenhuma condição, eu pude me entregar sem reservas. E, espantosamente, Ele fez alguma coisa com as minhas limitações. Eu verdadeiramente acredito que estou vivendo uma vida sobrenatural porque estou vivendo acima de minhas limitações humanas.

Agora, sou privilegiado por falar a respeito de Cristo a milhões de pessoas em mais da metade das nações do mundo. Sinto-me humilde quando percebo quantas pessoas foram alcançadas pelos textos de meus livros. Depois de todos esses anos, eu ainda tenho um pouco de dificuldades com a minha gramática quando falo e escrevo. Todas as vezes que falo diante de uma multidão ou começo a escrever um livro, tenho consciência da minha fraqueza e da graça de Deus. Ele me aceita como sou, com fraquezas e todo o mais, e eu não poderia ser mais feliz. O dicionário Webster diz que a alegria é uma “emoção evocada pelo bem estar, sucesso, ou sorte, ou pelas perspectivas de se possuir o que se deseja”. A nossa aceitação incondicional por parte de Deus, apesar de tudo, evoca uma profunda alegria que é difícil de explicar. Embora isso nos tire a pressão de mostrar desempenho, cria uma motivação para que façamos o melhor que pudermos. E quando fazemos alguma bobagem, não somos condenados. A liberdade de sermos aceitos incondicionalmente produz um relacionamento seguro.

A Aceitação Incondicional Cria um Relacionamento Seguro

Quando alguém o aceita como você é, isso lhe dá uma sensação de segurança. Uma vez que esse tipo de relacionamento não está baseado no desempenho, ele cria uma vulnerabilidade natural, em que você se abre e confia na outra pessoa. A aceitação incondicional é a fundação de um relacionamento saudável, porque envolve uma segurança que lhe dá a confiança de que, não importa o que aconteça, você será amado.

A encarnação é um reflexo da aceitação de Deus, que produz um relacionamento seguro. Nós vemos isso na morte de Jesus por nós, enquanto éramos pecadores e inimigos de Deus. Mas também vemos isso na maneira como Ele interagiu com os outros. Veja, por exemplo, a mulher samaritana de João 4. Ela tinha três pontos negativos contra si, em termos sociais: 1) Ela era uma mulher, alguém inferior a um homem naquela cultura; 2) Ela era uma samaritana, uma raça de pessoas desprezada pelos judeus; e 3) Ela era imoral, e vivia com um homem que não era seu marido. Embora Jesus expusesse o seu pecado, Ele conversou com ela, sem juízo ou condenação. Como resultado, a mulher recebeu a verdade quando Jesus a transmitiu, e a sua vida se modificou.

Os fariseus da sua época criticaram Jesus por ser amigo de “publicanos e pecadores” (Mt 9.11). Jesus respondeu: “Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes” (v. 12). Como um médico responde a uma pessoa que o procura com uma doença ou um ferimento? Você consegue imaginar um médico que condene o pobre paciente por estar doente? “Como você é burro! Se tivesse prestado atenção, não teria atingido o polegar com o martelo”. Não, o médico aceita o paciente exatamente como ele é, e se concentra em propiciar o conforto e a cura necessários.

É assim que o Encarnado se conecta conosco quando estamos em meio à dor, aflição ou crise. Ele não nos condena nem nos critica, embora possamos estar errados. Deus também não tolera nem ignora o nosso pecado; Ele trata dele nos seus próprios termos. Mas Ele nos ama como somos, e nos aceita no momento do nosso fracasso. E quando aceitamos esse amor e essa aceitação de Deus, isso nos dá a alegria de um relacionamento seguro, para que possamos dizer, como Paulo: “Estou certo de que [nada] nos poderá separar do amor de Deus” (Rm 8.38).

A Aceitação que se Identifica Conosco Cria um Relacionamento Íntimo

Jesus não apenas nos aceita como somos; Ele se identifica com tudo o que sentimos. Ele sabe pelo que estamos passando, não importa o que seja, e Ele entende isso como ninguém mais. E isso cria um vínculo e uma intimidade como ninguém mais pode criar.

Lembre-se, Ele viveu como um bebê, uma criança, um adolescente e um homem. Ele sofreu vergonha, humilhação e rejeição. Como Deus, Cristo entendia a sua criação perfeitamente. Mas ao se tornar um ser humano, Ele deixa que saibamos o quão intima e completamente Ele se identifica conosco — e com tudo o que passamos.

Sim, Deus nos amou e enviou o seu Filho na forma de um ser humano, para morrer por nós, para que pudéssemos ter um relacionamento com Ele. Mas algumas pessoas tendem a se concentrar tão exclusivamente nessa verdade central que deixam de perceber o pleno significado de quão íntimo Ele quer que esse relacionamento seja.

Como Cristo assumiu a forma humana, podemos saber que Ele nos aceita em nossas fraquezas, dores e tentações. Ele queria que eu (Josh) soubesse que Ele se identificou com a minha humilhação como o filho do bêbado da cidade e com a minha sensação de solidão. Ele quer que você saiba que Ele se identifica com os seus sentimentos de rejeição quando o seu filho não é escolhido para o time de basquete ou quando você é preterido para uma promoção no emprego. Ele se identificou com você quando foi cruelmente ridicularizado ou evitado pelos seus colegas ou “amigos”. Ele pode se identificar com aquilo que você sente quando é traído por uma namorada ou um namorado, ou colega de trabalho ou um cônjuge.

Pense nisso: Ele é o Senhor autossuficiente, mas quando nasceu de Maria, Ele se tornou tão dependente quanto você era quando bebê. Ele formou o corpo humano, mas, como você, teve que aprender a andar. Ele era o Verbo pré-existente, mas teve que aprender a falar, como você. Ele criou nuvens e rios e lagos, mas teve sede. Ele suportou a zombaria dos que conheciam apenas parte da história da sua família. Ele deve ter sentido o peso quase intolerável da amargura quando seu pai terreno, José, morreu. Ele não sofreu apenas a tortura física da cruz, quando morreu por você, mas também a angústia de ser rejeitado, humilhado, renegado, abandonado e até mesmo traído pelos seus mais íntimos

amigos. Por que Ele passou por tudo isso, voluntariamente?

Como Deus quer que você saiba que Ele entende, Ele sofreu como um ser humano e quer aceitar você no seu sofrimento. O autor da epístola aos Hebreus nos diz que Cristo “sendo tentado, padeceu... pode socorrer aos que são tentados... [Ele pode] compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ... [para] achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”(Hb 2.18; 4.15,16). Não há nada que você tenha sentido que Deus, em Cristo, não entenda, de primeira mão! Como você, Ele sentiu:

• a rejeição — por parte do seu próprio povo

• abandono — pelos seus próprios discípulos

• mal-entendidos — pelos seus próprios seguidores

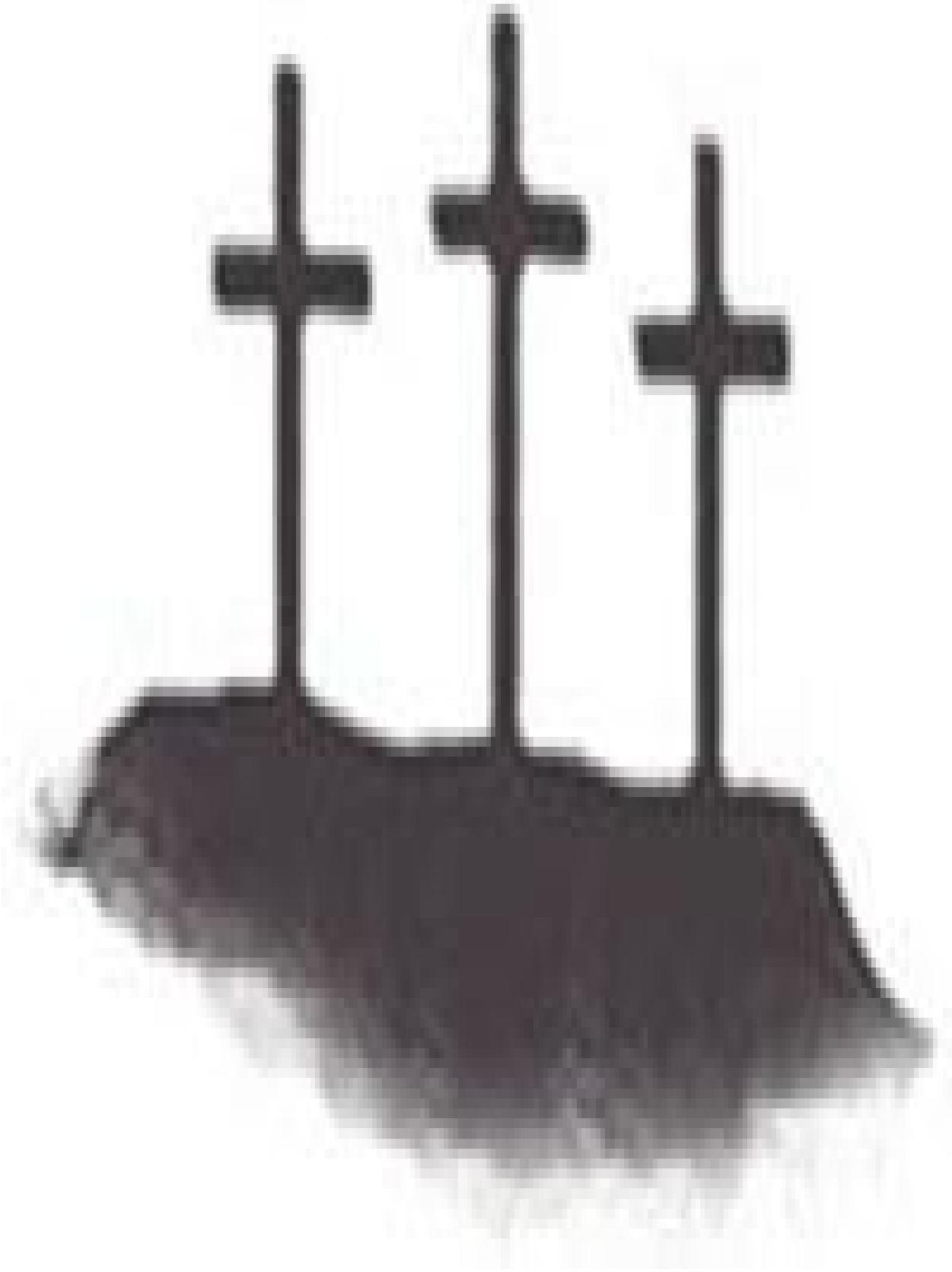
• ridículo — no seu próprio julgamento

• traição — de um amigo íntimo

• crítica — dos líderes religiosos da sua época[2]

Mas isso não é tudo. Ele também teve realizações humanas e vitórias. Ele sabe como é sentir-se amado e aceito. Ele conhece a alegria de concluir um trabalho bem feito. Ele ouviu a voz de seu Pai dizendo, “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 17.5). Ele também conheceu a alegria de fazer a vontade do seu Pai e a vitória de conquistar o que ninguém nunca havia conquistado: a morte.

Ele sentiu todos os altos — e baixos — da existência humana. Ele “esteve ali”, “fez isso” — onde quer que você tenha estado. A encarnação é a maneira de Jesus de dizer: “Não importa que emoção você possa estar sentindo, não importa qual experiência possa estar atravessando, eu posso me identificar com o que você está passando, e quero apoiá-lo”. Esta é a relevância relacional da encarnação.



Capítulo Dezenove

COMO ACEITAR OS

OUTROS COMO DEUS NOS ACEITA

A vinda de Deus à terra diz, a cada um de nós: “Independe do seu pecado, eu darei a minha vida para redimi-lo”. Esse tipo de aceitação incondicional é a base para um relacionamento com Deus que é íntimo e também seguro. Mas essa aceitação não é apenas para que Deus expresse para nós — Ele deseja que nós expressemos esse mesmo tipo de aceitação com relação aos outros.

Se desejamos viver uma aceitação como a de Deus em nossas vidas, então precisamos aprender a aceitar os outros como eles são, apesar de tudo.

O apóstolo Paulo nos exorta, dizendo, “recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus” (Rm 15.7). Deus não esperou até que estivéssemos crendo ou vivendo corretamente antes de nos convidar para um relacionamento com Ele; Ele se entregou por nós “sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). Essa é uma mensagem essencial que Jesus estava transmitindo na história do filho pródigo, em Lucas 15: a resposta do Pai — uma resposta de aceitação incondicional. Sim, o filho voltou para casa... mas para pedir para viver como um servo, e não como um filho. O pai, no entanto, “se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou” (Lc 15.20). O pai rompeu com os costumes da época, tomou a iniciativa com relação ao rapaz volúvel, e o recebeu, incondicionalmente, com todos os direitos

de filho. Isso é uma aceitação verdadeira, divina.

Se desejarmos viver a aceitação divina em nossas próprias vidas, devemos aprender a aceitar os outros como eles são, como quer que eles sejam. Então Deus será glorificado, e os outros vivenciarão um vínculo relacional que reflete a conexão de Cristo conosco. E esse tipo de conexão irá promover a alegria dos relacionamentos seguros e nos ajudará a transmitir a nossa fé aos outros.

A Aceitação Envolve Fazer-se Disponível aos outros

Aceitar os outros como Cristo nos aceita significa que devemos dedicar algum tempo para estar com outras pessoas.

A pressão era grande. O prazo final para o livro se aproximava rapidamente, e eu (Josh) precisava me concentrar em escrever e editar. Embora a lembrança dessa experiência me faça retroceder 30 anos, eu a tenho vívida em minha memória. Eu estava no meio da edição de um capítulo quando Sean, na época com dois anos de idade, entrou na sala.

— Quer brincar, papai? — gorjeou ele, com expectativa.

Como um pai experiente (nós já havíamos passado pelo estágio de dois anos de idade com Kelly), eu deveria ter percebido que o que Sean realmente queria era apenas um abraço, um tapinha na cabeça e um minuto ou dois para me mostrar a nova bola que ele estava segurando. Mas eu estava trabalhando em um capítulo "importante" e achei que não tinha nem mesmo dois minutos a perder.

— Filho, que tal brincar um pouco mais tarde — respondi.

— Estou bem no meio de um capítulo.

Sean não sabia o que era um capítulo, mas entendeu a mensagem. Papai estava muito ocupado, e ele tinha que sair da sala agora. Ele saiu sem reclamar, e eu voltei ao meu manuscrito. Mas o meu alívio durou pouco. Dottie logo entrou e se sentou para "uma conversinha".

Ela começou:

— Querido, Sean acaba de me contar que você estava ocupado demais para brincar com ele. Sei que esse livro é importante, mas gostaria de lhe chamar a atenção para uma coisa.

— O que é? — perguntei, um pouco impaciente, porque agora a minha esposa estava me afastando do meu projeto tão importante.

— Querido, acho que você precisa perceber que sempre terá algum texto para escrever, e sempre terá prazos. Toda a sua vida será de pesquisas e de projetos semelhantes. Mas você não terá sempre um filho de dois anos de idade que quer se sentar no seu colo e lhe fazer perguntas e mostrar a sua bola nova.

— Acho que sei o que você está dizendo — disse eu — e faz muito sentido, como sempre. Mas agora preciso terminar este capítulo.

— Tudo bem, Josh — respondeu ela. — Mas, por favor, pense nisso. Você sabe, se passarmos tempo com nossos filhos agora, eles passarão tempo conosco no futuro.

Eu realmente pensei sobre isso, e quanto mais eu pensava, mais as palavras gentis de Dottie eram como uma faca, perfurando-me até o fundo. Ela tinha razão. Eu sempre teria prazos a cumprir, contratos a obedecer, telefonemas a retribuir, pessoas a ver, e viagens a fazer, mas os meus filhos seriam crianças durante um curto período de tempo. Os anos passariam depressa. Será que eu teria mais tempo para eles no próximo ano do que tinha neste ano?

Eu sabia a resposta, se não mudasse os meus hábitos. Silenciosamente, sem grandes discursos ou uma fanfarra, tomei uma decisão. Levei Sean para o quintal e joguei bola com ele durante algum tempo. Desde então, tentei colocar os meus filhos acima dos meus contratos, prazos, e do clamor de um mundo que deseja que eu entre em contato, assim que possível. E isso realmente valeu a pena.

Fui frequentemente o beneficiário pela decisão do meu pai. Eu (Sean) não me lembro daquele dia. Mas me recordo de meu pai fazendo o possível para planejar a sua programação de palestras de acordo com os meus jogos de basquete, e se esforçando para se envolver na minha vida, bem como na vida de minhas irmãs. À medida que eu ficava mais velho, mais apreciava o sacrifício que o meu pai fazia para construir um relacionamento comigo — em particular, agora, que

tenho a minha própria família. Ele se recusou a sacrificar a sua família no altar do sucesso, da fama ou da popularidade. Isto não quer dizer que não foi difícil, às vezes, ter um pai que era tão ocupado e que viajava tanto. Senti falta dele muitas vezes — muita falta. O que me fez aguentar isso era saber quão apaixonadamente ele amava os filhos, bem como o compromisso resoluto de minha mãe com a nossa família e com o chamado de Deus na vida de meu pai.

Demonstrar que você aceita um filho, um cônjuge ou um ente querido como eles são envolve dedicar tempo para estar ali quando eles precisarem de você.

A Aceitação Envolve Entrar no Mundo da outra Pessoa

Eu (Josh) me lembro de ter conversado com um pai que me contou que havia dedicado tempo para passar com seu filho, mas agora se arrependia disso. O pai e o filho não tinham um bom relacionamento, e o pai considerava o tempo passado com o seu filho como um grande fracasso.

— O que vocês faziam juntos? — perguntei.

— Bem, adoro golfe — respondeu ele —, e eu o levava para jogar, e era um desastre.

— O seu filho gosta de golfe? — perguntei.

— Não, mas eu gosto — respondeu ele.

O Deus Encarnado entrou em nosso mundo. Ele não exigiu que nós entrássemos no seu. Ele veio até nós e nos aceitou, para lidar com o nosso problema. Nós também devemos entrar no mundo dos outros, e nos concentrar nos seus interesses, e problemas, para que eles sintam que nós os amamos e aceitamos. Você não pode fazer isso sem conhecer verdadeiramente a outra pessoa. Se as pessoas com quem você se importa pudessem verbalizar esse profundo anseio de ser amadas pelo que são, seria algo como isto: “Anseio que você pense em mim e entre no meu mundo — que mostre um interesse pelo que faço e pelo que gosto, que se interesse pelos meus sonhos e aspirações. Mas não me ajudará se

você entrar no meu mundo apenas porque eu quero; terá significado se você fizer isso apenas porque quer, porque verdadeiramente me ama e me aceita pelo que sou".

Dottie, que é a minha mãe (de Sean), conta uma história sobre o que a mãe dela fez para entrar no seu mundo e aceitar o seu espírito imaginativo, quando ela era criança. Dottie conta, com suas próprias palavras:

Quando eu era menina, o meu herói era Peter Pan. Só ouvir a história já me tirava o fôlego. Eu passava grande parte do meu tempo vivendo e revivendo cada cena, e não me cansava disso. Cada vez que sonhava sobre o menino que podia voar, me sentia inspirada.

Lembro-me claramente do dia em que desci ao nosso porão, tinha cerca de cinco anos de idade. Encontrei uma caixa de Ivory Snow, um sabão para roupas popular naquela época, ao lado da máquina de lavar roupas da minha mãe. Com a minha imaginação bem desenvolvida, cada punhado de flocos do sabão me parecia como o pó mágico que Sininho jogava sobre Wendy, Michael e John para permitir que eles voassem. Emocionada com a perspectiva, decidi reviver a cena de Sininho. Eu nunca me esquecerei de como me senti, quando peguei punhados de "pó mágico" e os espalhei generosamente por todo o porão. Foi um momento mágico na minha tenra idade.

Quando acabei, tudo o que havia no porão estava coberto de sabão. Quando minha mãe descobriu o que eu havia feito, ouviu as minhas explicações, entendeu carinhosamente a minha fantasia infantil, e reconheceu o quanto a experiência significara para mim. Em vez de reagir com raiva ou frustração à confusão que eu havia criado, ela riu comigo e me encorajou a repetir toda a história de Peter Pan para ela. Mais tarde, ainda de bom humor, limpamos juntas a enorme bagunça.

O que esta experiência me disse? Ela me assegurou que a minha mãe me aceitava, e à minha imaginação louca. Sem egoísmo, ela decidiu encorajar os meus sonhos infantis, e isso fez com que me sentisse aceita. Eu nunca me esquecerei disso!

Mesmo depois de adulta, minha mãe sonhava os meus sonhos comigo, querendo saber cada detalhe e deleitando-se com cada interesse que eu buscava. Mamãe

agora está com o Senhor. Mas o seu interesse em conhecer os detalhes de minhas buscas me dizia que ela me aceitava como eu era. E isso me ensinou como demonstrar aceitação por meu esposo, meus filhos e as pessoas à minha volta.

A Aceitação Envolve a Aceitação das Falhas dos outros

Todos nós temos a necessidade de que os outros nos aceitem como somos, apesar de tudo. A genuína aceitação consegue separar a pessoa de seu comportamento, da mesma maneira como Cristo nos ama e aceita, apesar do nosso pecado.

No fundo, a necessidade de aceitação pode parecer algo como isto: “Por favor, permita-me cometer erros, e ame-me mesmo assim. Sei que não sou perfeito, mas preciso que você olhe além das minhas falhas e imperfeições, e me ame como sou. Eu sempre preciso de dez vezes mais retornos positivos do que críticas construtivas”.

Quando alguém que você ama faz algo diferente do que você faria ou comete um grave erro, a aceitação se concentrará na pessoa que você ama, e não na diferença ou no erro. A aceitação divina diz: “Mesmo que nada tivesse mudado em você, ainda assim eu o amaria”; “Quero saber o que você está sentindo, porque a maneira como se sente é importante para mim”; “Orgulho-me muito da maneira como você lidou com aquela situação”; “O que aconteceu com o carro naquele pequeno acidente não é importante — estou feliz porque está bem, porque é você que é importante para mim”.

Depois de uma divergência ou um conflito de vontades, é provável que a sua aceitação precise ser expressa novamente. Isso pode assumir a forma de preparar uma refeição favorita da pessoa, o envio de um ramo de flores ou qualquer expressão externa que transmita, “Nós podemos nem sempre nos olhar, olhos nos olhos, mas sempre amo você”.[1]

Sendo um professor, eu (Sean) peço, às vezes, que os meus alunos de primeiro ano escrevam diários. Eu nunca me esquecerei das palavras de uma jovem, quando ela escreveu sobre o seu relacionamento com os seus pais. Ela disse: “Se

os meus pais fossem mais compreensivos e misericordiosos, penso que eu me envolveria em menos problemas". Em outras palavras, a compreensão expressa cuidado, amor e relacionamento, e o perdão em um relacionamento faz com que a outra pessoa ame, em retribuição, o que significa o desejo de agradar. Foi por isso que Salomão disse: "O bom entendimento dá graça" (Pv 13.15); em outras palavras, o bom entendimento ganha o favor das pessoas. Quanto mais tempo dedicarmos para entender outra pessoa, mais aceita essa pessoa se sentirá. O Encarnado que entrou em nosso mundo e nos aceitou incondicionalmente é o nosso modelo perfeito.

Celebrando a Encarnação no Natal

A época do Natal proporciona ricas oportunidades, todos os anos, para que nos concentremos na espantosa verdade da encarnação — "Deus quer ter um relacionamento com você!" Aqui estão algumas maneiras práticas de alcançar esse objetivo.

Durante a colocação dos enfeites na árvore. Algumas pessoas dizem que a tradição da árvore de Natal começou quando Martinho Lutero, maravilhado pela beleza de uma floresta de pinheiros iluminados pelas estrelas, trouxe uma para dentro de casa e a decorou com velas, para lembrar seus filhos da criação de Deus. Quando você e a sua família estiverem enfeitando a sua árvore de Natal, você poderá iniciar a seguinte conversa:

Pergunte: "O que as luzes na árvore nos dizem sobre o significado do Natal?" Depois de propor perguntas, apague as luzes de Natal da árvore, e diga: "Isto é o que todos nós somos, sem Jesus — lâmpadas vazias, sem luz nem vida". Acenda as luzes, e diga: "Isto é o que todos nós somos, quando temos um relacionamento com Deus".

Ele dá vida e luz a todos os que creem em Cristo como seu Salvador. Quando vocês virem a árvore de Natal acesa, pensem no significado verdadeiro do Natal — o fato de que Deus enviou o seu Filho à terra, porque Ele quer muito ter um relacionamento com você.

Pergunte: “O que a árvore perene[2] nos diz sobre o significado do Natal?” Depois das respostas e dos comentários, diga: “Vocês sabem que as folhas de outras árvores amarelam e caem no outono, mas a árvore perene nunca amarela, ela permanece verde durante o ano todo. Antes que Cristo entrasse em nossas vidas, nós éramos como as outras árvores. Nós não poderíamos viver para sempre. Mas, graças a Cristo, nós temos a promessa de vida eterna. Quando vocês virem uma árvore perene, lembrem-se de que Cristo veio para que vocês pudessem permanecer vivos para sempre, se tiverem um relacionamento com Ele”.

Ao cantar ou ouvir músicas natalinas. A música de Natal é uma ferramenta excelente para reforçar o significado da encarnação. Quando a palavra Emanuel é usada em um cântico, pergunte o que a palavra significa. Explique que Cristo era chamado Emanuel, com o significado de “Deus conosco”, porque Jesus é Deus, que veio para habitar conosco. E por que Jesus veio à terra? Ele veio para se oferecer como um sacrifício para que pudéssemos ter um relacionamento com Deus.

Ao ouvir “Noite Feliz”, pergunte: “O que significa dizer que Jesus era um ‘santo menino, tão terno e meigo?’” Esta expressão lhe dá a oportunidade de enfatizar que Jesus era o “santo menino”, porque o seu pai não era José, mas, na verdade, o Santo Deus do universo. Assim, Jesus nasceu de uma virgem, e seu pai era Deus.

Ao ouvir “Angels We Have Heard on High”, pergunte, “Por que os anjos cantam ‘Gloria in excelsis deo?’” Explique que a frase significa “Glória a Deus nas alturas” e explique que os anjos a cantaram porque foi um dia glorioso quando Deus se tornou um ser humano como parte do seu maravilhoso plano para nos restaurar a um relacionamento com Ele.

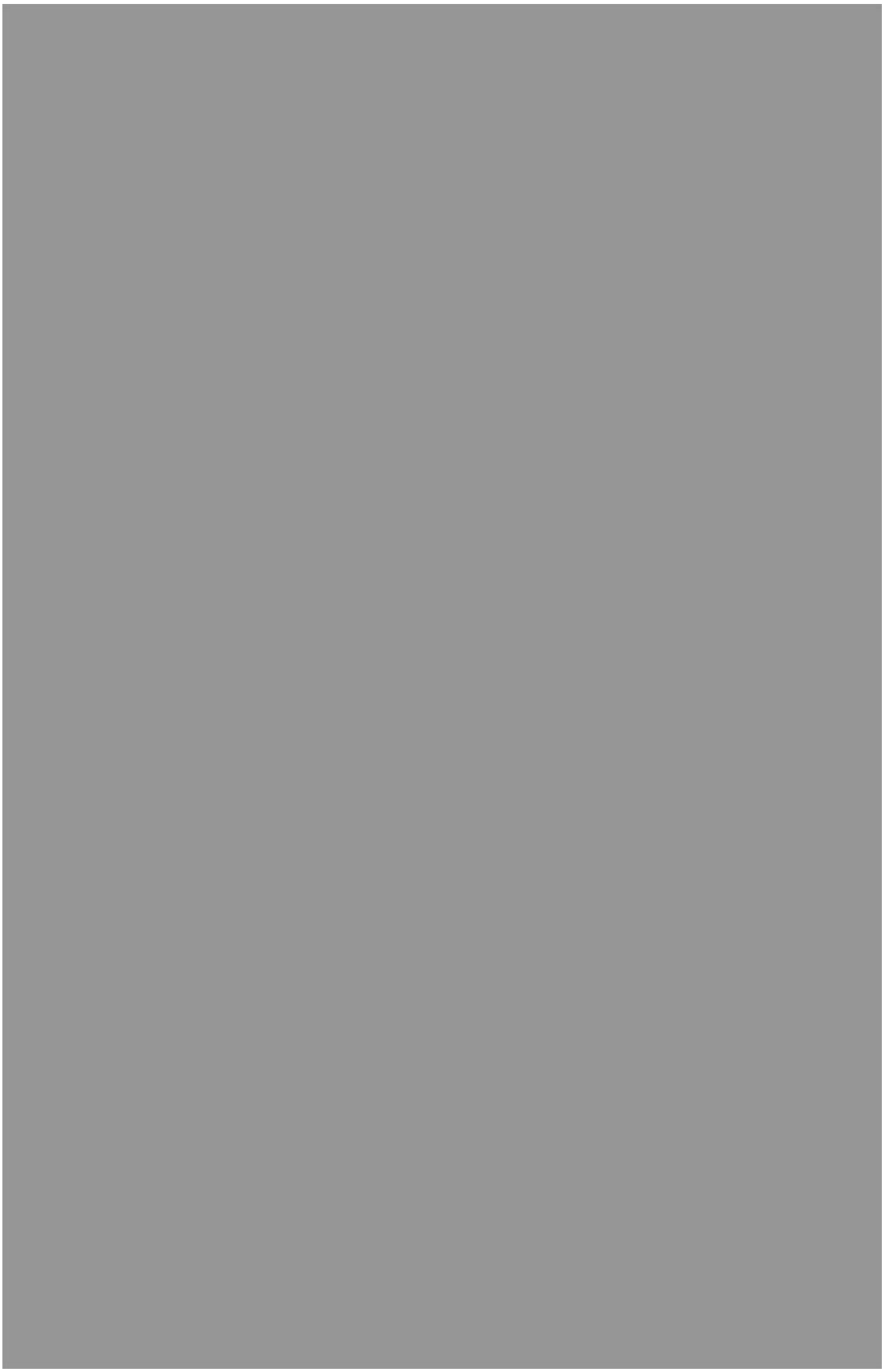
Durante a decoração das salas. As crianças, de modo geral, amam o Natal e toda a decoração que acompanha a época de festas. No entanto, elas podem não pensar muito nas razões mais profundas para a decoração com guirlandas, enfeites brilhantes e outros adornos. Use o momento da decoração de sua casa ou o local de encontro do grupo de crianças, ou a igreja, para enfatizar o propósito da decoração. "Nós enfeitamos nossas casas e edifícios para expressar o quanto somos gratos porque Deus enviou Cristo à terra para que pudéssemos desfrutar de um relacionamento com Deus".

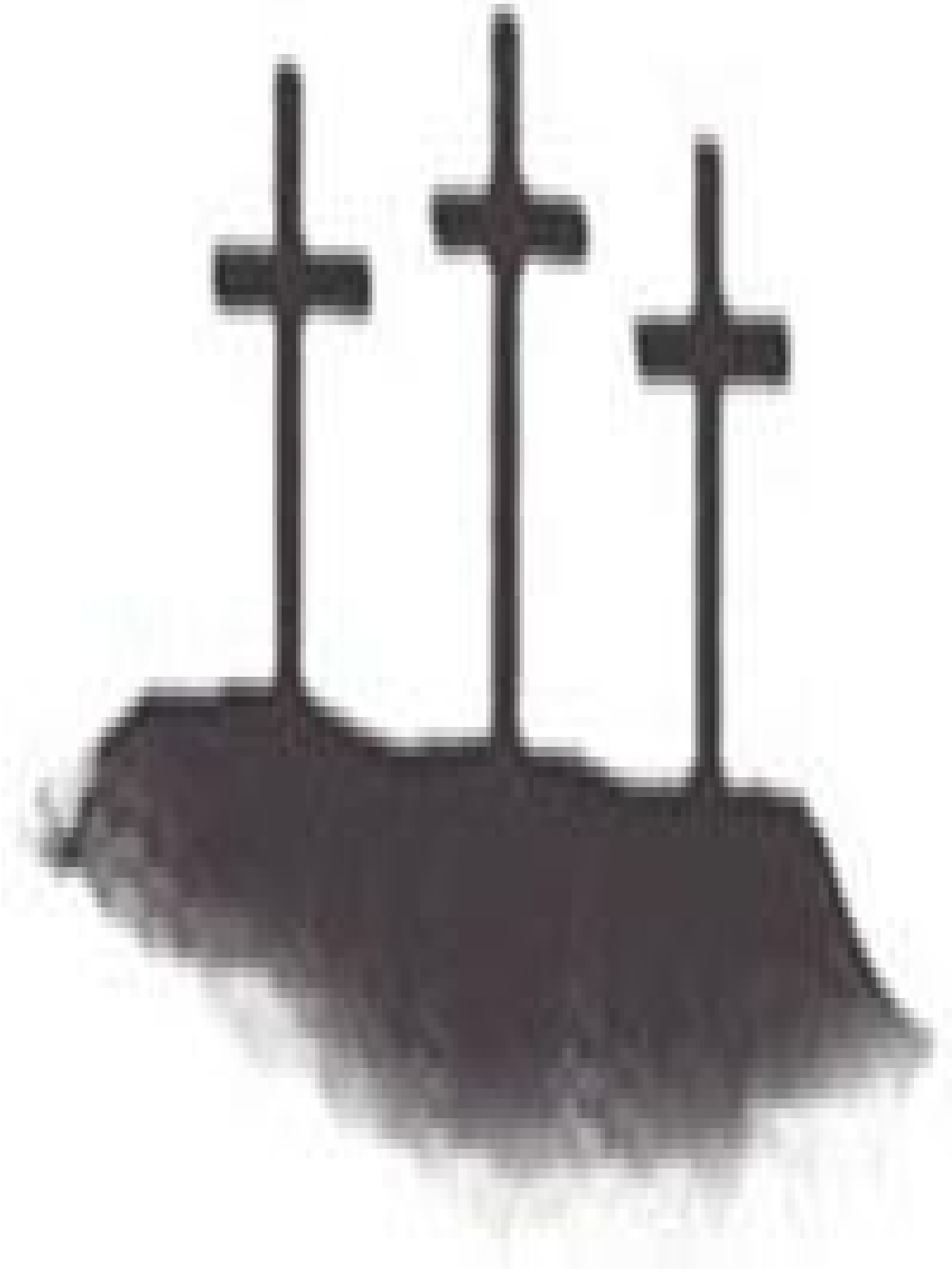
Escreva um cartão de Natal para Jesus. Os cartões de Natal são usados, principalmente, para expressar votos e sentimentos. Mas você também pode usar os cartões para ensinar às crianças o significado relacional do Natal. Peça que elas escrevam um cartão para Jesus, expressando a sua gratidão porque Ele se fez homem por amor a todos nós e nos salvou da morte eterna.

A mensagem básica do cartão deveria ser: "Eu te agradeço porque me aceitas incondicionalmente". Peça que as crianças expressem com suas próprias palavras como se sentem com o fato de que Deus as aceita, independente de serem ricas ou pobres, populares ou não, tirando notas boas na escola ou não. Sugira: "Em primeiro lugar, diga a Jesus que você sabe que Ele vê e sabe tudo o que você faz e pensa, seja bom ou mau, e ainda assim Ele o aceita exatamente como é. E então diga a Jesus como se sente por isso e agradeça a Ele por aceitá-lo incondicionalmente".[3]

Verdade Número Cinco

A Expiação do Pecado Feita por Cristo





Capítulo Vinte

O ALTO PREÇO DO PERDÃO

Eu (Sean) cresci na pequena cidade de montanha, Julian, na Califórnia. Muitas das minhas compras eram feitas no armazém da cidade. Ali eu comprava doces, material para a escola, para artesanato e outras coisas. Os meus pais haviam nos deixado, a mim, dois de meus amigos da escola e Katie, a minha irmã de cinco anos, para fazer algumas compras, enquanto esperavam no carro. Quando saímos da loja, Katie tinha consigo alguns broches de lapela e lápis coloridos. Enquanto caminhávamos até o carro, ela os deu aos meus dois amigos, e disse: “Tomem, comprei essas coisas para vocês”.

Nós entramos no carro e meus pais se olharam de uma maneira estranha. Minha mãe, então saiu e pediu que Katie a acompanhasse. Meus pais sentiram que havia algo errado, porque não deram a Katie nenhum dinheiro para comprar coisas. Em alguns minutos, descobri que a minha irmã havia roubado a loja!

Minha mãe e meu pai conversaram durante um minuto. Então Dottie (minha mãe) recolheu os itens roubados, pegou a sua pequena ladra pela mão e a levou à loja.

Há leis contra esse tipo de roubo na Califórnia. O roubo é punido com multas e algum tempo na prisão. Naturalmente, eu não estava muito preocupado. Imaginei que se Katie devolvesse as coisas roubadas e pedisse desculpas, ela seria perdoada e ficaria livre.

Mas e se o dono da loja estivesse realmente zangado com Katie? E se ele se recusasse a perdoar e a acusasse? Imaginei que os tribunais, então, exigiriam justiça contra a minha irmã, e ela enfrentaria as consequências — prisão. E eu teria uma condenada como irmã.

Naturalmente, isso não aconteceu. Foi oferecido perdão, e Katie ficou livre das consequências do roubo.

Mas e quanto à suprema corte do céu? Pode Deus dizer apenas: “Está bem, você pecou, mas não há problema em perdoar isso — vou perdoá-lo, e seremos amigos”? A realidade é que Deus, por natureza, é santo. Ele não pode ignorar o pecado. A Bíblia diz a respeito de Deus: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a vexação não podes contemplar” (Hc 1.13). Deus é tão santo que “não pode contemplar a vexação” (Hc 1.13). Assim, pela sua própria natureza, Ele é incapaz de ter um relacionamento com os que estão infectados com o pecado.

Portanto, embora Deus seja “riquíssimo em misericórdia” (Ef 2.4), o pecado nos separa dEle. E essa separação é séria, porque o pecado provocou uma terrível consequência: a morte. O apóstolo Paulo disse que nós estávamos “mortos em ofensas e pecados” (Ef 2.1). Os mortos não podem aceitar o perdão, mesmo quando é oferecido. Eles não podem aceitar nada, porque estão mortos. Assim, isto é um dilema. Para que Deus nos perdoasse, Ele precisava lidar com o nosso pecado. E para fazer isso, Ele colocou em operação um plano milagroso. Um plano que trazia um preço muito alto.

Um Sacrifício É Necessário

Eles tinham viajado durante três dias. O menino não conseguia se lembrar de ter feito tão longa viagem com o seu pai. Era emocionante.

Quando o pai viu o destino ao longe, disse aos seus dois servos: “Eu e o moço iremos até ali; e, havendo adorado, tornaremos a vós”. Abraão colocou a madeira para a oferta de holocausto sobre os ombros de Isaque, enquanto ele mesmo levava a faca e o fogo (Gn 22.5,6).

Isaque conhecia as ofertas de holocausto, e sabia que estava faltando alguma coisa nos preparativos de seu pai. “Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” (v. 7). Isaque havia sido ensinado de que havia um preço a pagar para obter o perdão. Uma criatura viva tinha que morrer como um sacrifício de sangue.

Você conhece a história. Abraão colocou o seu filho sobre o altar para sacrificá-

lo, como Deus havia ordenado. Mas quando Abraão levantou a faca para sacrificar o seu filho a Deus, “o Anjo do Senhor lhe bradou desde os céus e disse: Abraão, Abraão! Não estendas a tua mão sobre o moço e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus e não me negaste o teu filho, o teu único. Então, levantou Abraão os seus olhos e olhou, e eis um carneiro detrás dele, travado pelas suas pontas num mato; e foi Abraão, e tomou o carneiro, e ofereceu-o em holocausto, em lugar de seu filho” (Gn 22.11-13).

A Aceitação de um Substituto

Como todos nós, Abraão havia pecado e estava morto espiritualmente, e separado de Deus. Mas neste dramático exemplo, Deus lhe estava mostrando que tinha um plano milagroso em ação, pelo qual Abraão, e todos nós, poderíamos ser trazidos de volta à vida espiritual, em troca de outra vida. Um sacrifício de sangue seria feito em nosso lugar e, em um sentido real, compraria a nossa ressurreição para uma nova vida em relacionamento com Deus.

Mas esta troca de uma vida por outra vida era muito específica. As Escrituras nos dizem que “Chamou o Senhor a Moisés e falou com ele da tenda da congregação, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando algum de vós oferecer oferta ao Senhor, oferecerá macho sem mancha... E porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito por ele, para a sua expiação” (Lv 1.1-4).

Os sacerdotes, então, eram instruídos a oferecer o sacrifício diante de Deus, no lugar da pessoa — ou como substituto dela — para expiar os pecados da pessoa. O cordeiro sacrificado diante de Deus foi oferecido no lugar de Isaque. Os sacerdotes ofereciam holocaustos e ofertas de expiação a Deus para que o sacrifício “fosse aceito por Ele”, em seu lugar. As pessoas eram culpadas dos pecados, mas o animal sem mancha se tornava um santo sacrifício que Deus aceitava. A morte do animal expiatório era um substituto para a morte do pecador.

No entanto, o sacrifício anual não era a solução permanente de Deus para o nosso dilema do pecado e da morte. Ele era apenas um símbolo do que estava

por vir. Para que as consequências do pecado (a morte) fossem revertidas, para que pudéssemos ficar vivos para Deus, um sacrifício mais poderoso e mais perfeito tinha que ser feito.

O Perfeito Sacrifício Redentor de Cristo

▪

É a morte de Jesus na cruz que expia os nossos pecados.

▪

Uma vez que nascemos espiritualmente mortos, o pecado nos tem, a todos, escravizados. O apóstolo Paulo disse: “Eu sou carnal, [vendido à escravidão] sob o pecado” (Rm 7.14). Paulo disse que era um prisioneiro do pecado, e declarou: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.24). Ele, então, responde à sua própria pergunta: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7.25).

“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” (Jo 3.16), e, ao fazer isso, “Àquele que não conheceu pecado [Cristo, o cordeiro de Deus sem manchas], o fez pecado por nós” (2 Co 5.21). Foi Jesus, o Deus-homem, que teve que ser sacrificado, “visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hb 2.14).

A nossa liberdade da escravidão do pecado e da morte se deu pelo ato redentor de Cristo como o nosso sacrifício. Foi a “redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue” (Rm 3.24,25). A redenção, neste versículo, é um termo comercial. É uma referência ao alto preço que se pagava para comprar um escravo naquele dia — um preço tão elevado que não somente comprava o escravo, mas também comprava o documento legal para tirar o escravo completamente da escravidão. Este preço de redenção comprava a liberdade total, para que a pessoa nunca mais fosse vendida. A redenção é o ato de Cristo que nos livra da escravidão do pecado e da morte.

Aí está! O plano redentor de Deus, milagroso e misericordioso, para nos livrar dos nossos pecados e nos trazer de volta à vida em relacionamento com Ele. “Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo” (Ef 2.4,5). O sacrifício de sangue de bois e cabras não era suficiente nem suficientemente poderoso para que um Deus justo cancelasse a nossa sentença de morte. Você percebe, uma morte sacrificial era apenas parte do plano de redenção. O sacrifício também tinha que vivificar outra vez, para que nós, também, pudéssemos ser trazidos de volta à vida.

É um milagre assombroso. Embora o “salário do pecado” seja a morte (Rm 6.23), “não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados...mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pe 1.18-19). É a morte de Jesus na cruz que expia os seus pecados. Ele se tornou o seu sacrifício pelo pecado. A morte dEle substitui a sua morte, e então a ressurreição dEle para a vida é a sua ressurreição para a nova vida nEle. Assim, através do sacrifício expiatório de Cristo, você pode ser livre, ter os seus pecados perdoados e escapar à eterna separação da presença de Deus. “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” (1 Pe 3.18).

Da mesma maneira como os sacerdotes de antigamente faziam a oferta de expiação no santo tabernáculo e apresentavam um sacrifício a Deus para a redenção do povo, “vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção” (Hb 9.11,12).

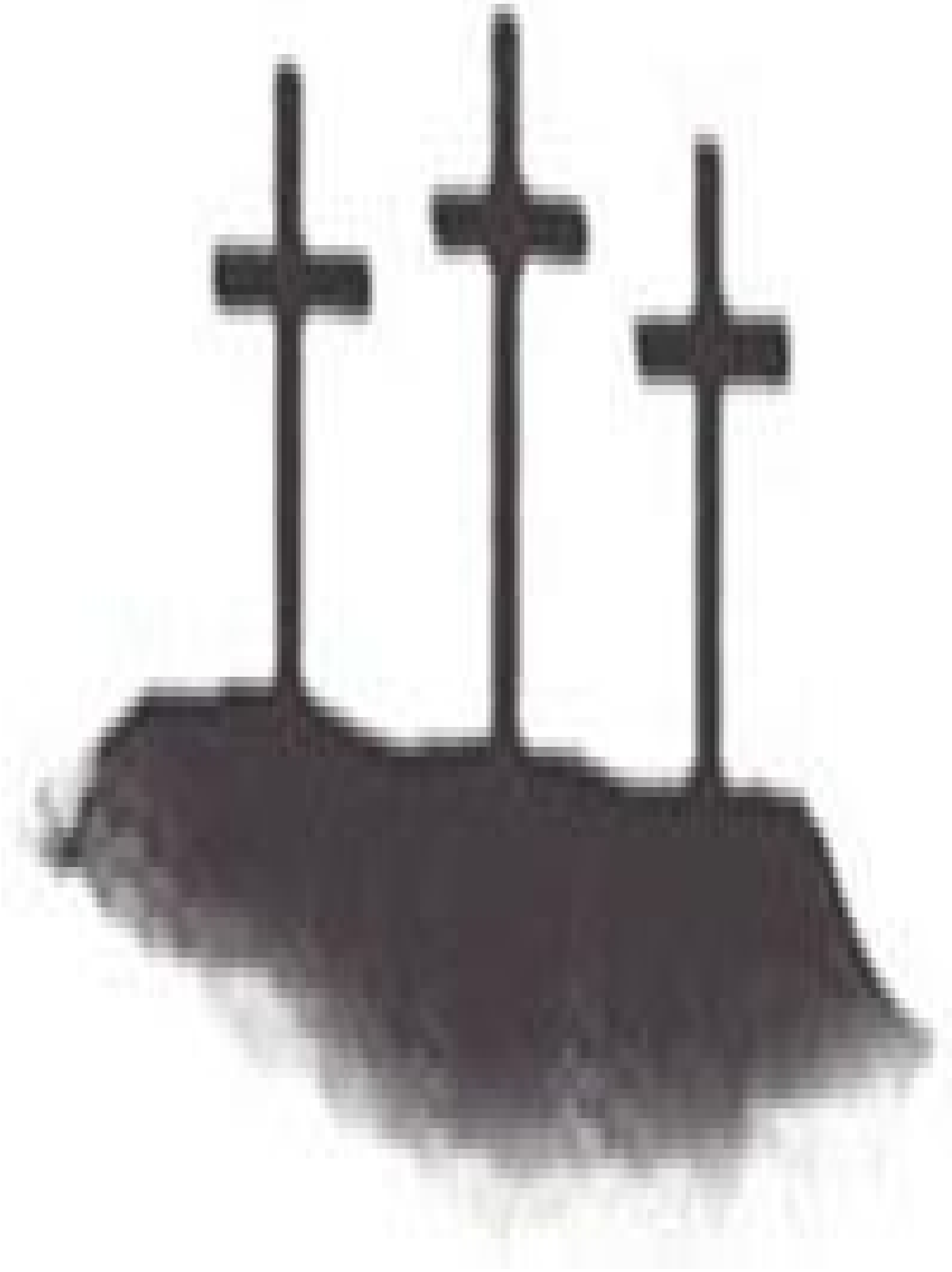
A epístola aos Hebreus nos apresenta um claro retrato de Jesus, o nosso grande Sumo Sacerdote, espargindo o seu próprio sangue no Templo diante de seu Pai, Deus, “para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hb 9.26). O que os sacerdotes do Antigo Testamento faziam, quando sacrificavam animais, ano após ano, para expiar o pecado, era um retrato ritualista e contínuo que prenunciava o verdadeiro sacrifício que haveria de vir. O verdadeiro sacrifício foi completado no último ato de Jesus, como sumo sacerdote, quando Ele “havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus” (Hb 10.12).

Portanto:

Nós cremos na verdade de que Jesus, como o Filho de Deus sem pecado, expiou os nossos pecados através da sua morte na cruz. E a oferta do seu sangue como um sacrifício pelo pecado nos redime para que sejamos perdoados — libertados — e ressuscitados à nova vida nEle.

Alguns diriam que a morte de Jesus como o “cordeiro imaculado e incontaminado de Deus” satisfaz os requisitos da santidade de Deus e também da sua justiça. A sua santidade é satisfeita porque Jesus era sem pecado — um sacrifício perfeito sem pecado. A sua justiça é satisfeita, porque a morte de Cristo pagou o nosso “salário do pecado”, que é a morte. Há várias perspectivas sobre a doutrina da expiação, com a expiação substitutiva sendo a mais amplamente aceita pelos protestantes e pelas igrejas evangélicas. Isto é, a justiça perfeita de Deus exigia que a penalidade pelo pecado fosse paga, e Cristo se adiantou e a pagou. Outros veem o seu sacrifício mais como um resgate. Isto é, quando nós pecamos, nos tornamos escravizados por Satanás. Cristo nos comprou e nos resgatou, dizendo: “Levai-me no lugar dele”. E Satanás aceitou a oferta. Biblicamente falando, as duas perspectivas são verdadeiras.

Embora haja alguma discordância a respeito de Cristo ter “sofrido por nós” ou de ter sido “punido em nosso lugar”, há um consenso geral de que, por intermédio da morte de Jesus, nós somos redimidos — temos os nossos pecados perdoados, somos ressuscitados para uma nova vida e reconciliados com Deus. “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21). Era um preço muito alto para que Deus pagasse, mas Ele considerou que você e eu merecíamos.



Capítulo Vinte e Um

EVIDÊNCIA DE QUE JESUS ERA O SACRIFÍCIO PERFEITO DE DEUS

Quando você estiver na balança da justiça de Deus, há apenas uma coisa que poderá superar o seu pecado. Não são as suas boas obras, uma vida de penitência, e nem mesmo o sacrifício da sua própria vida. A única coisa que poderá cancelar o seu pecado e satisfazer a balança da justiça de um Deus santo é um sacrifício puro e santo.

Deus disse aos filhos de Israel: “Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2). E deixou claro que as ofertas de sacrifício feitas a Ele tinham que ser puras e sem máculas, oferecidas por santos sacerdotes. Quando essas condições fossem satisfeitas, Ele aceitaria a oferta como substituta do pecado e a sua balança da justiça seria satisfeita.

A epístola aos Hebreus nos diz que Jesus não apenas morreu por nós, mas Ele é “tal sumo sacerdote [que nos convinha], santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores... que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios... porque isso fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo... constitui ao Filho [de Deus], perfeito para sempre” (Hb 7.26-28).

Se o Jesus da história, nascido em Belém há aproximadamente dois mil anos, era verdadeiramente o Filho de Deus, então está claro que Ele era o sacrifício perfeito e o Sumo Sacerdote Santo, necessário para assegurar a nossa salvação. E Deus quer que nos sintamos confiantes em nossa fé de que Jesus é o santo Cordeiro de Deus. É por isso que Ele nos deu sinais tão claros.

Em primeiro lugar, Deus deu a João Batista um sinal claro para identificar Jesus como o Filho de Deus. João viu Jesus vindo em sua direção um dia depois de tê-lo batizado, e disse:

▪

Deus quer que nos sintamos confiantes em nossa fé de que Jesus é o santo Cordeiro de Deus. É por isso que Ele nos deu sinais tão claros.

“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. E João testificou, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba e repousar sobre ele. E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus [o Escolhido de Deus]” (Jo 1.29-34).

Da mesma maneira como Deus deu a João uma maneira de identificar Jesus como o “Escolhido de Deus”, Ele também nos deu meios claros e indiscutíveis para identificar o seu Filho por meio do que chamamos de profecias messiânicas. É uma maneira clara de saber, com certeza, que podemos ser perdoados por Deus — porque o Jesus da Bíblia é o nosso sacrifício perfeito.

As Profecias Messiânicas Cumpridas em uma Pessoa

Imagine concordar, em uma ligação telefônica, em encontrar um conhecido de negócios — talvez alguém que você nunca tenha conhecido — em uma grande convenção.

— Como poderei identificá-lo? — Você pergunta.

— Bem — diz o seu colega —, eu estarei segurando uma pasta para documentos.

— Isso ajuda — você responde —, mas provavelmente haverá muitas pessoas segurando uma pasta para documentos. De que cor é a sua?

— Preta.

— Isso já diminui as possibilidades — você comenta —, mas ainda não é suficiente.

— Eu sou ruivo — afirma o seu colega.

— Isso ajuda — você responde. Um ruivo carregando uma pasta preta. Pode ainda não ser específico o suficiente. — Como você estará vestido?

— Com um blazer azul. Melhorou?

— Melhorou, mas, só para ter certeza, será que você pode usar tênis vermelhos?

— Muito engraçado — responde o colega. — Eu estarei com um crachá com o meu nome em letras grandes.

— Isso deve resolver o problema — você responde. Eu vou procurar um ruivo carregando uma pasta preta, que esteja vestindo um blazer azul, com um crachá. — Eu o reconhecerei à distância, e o seu nome no crachá será a confirmação.[1]

A Identificação da Divindade

Agora imagine Deus, há vários milênios, idealizando o plano para enviar o seu único Filho à terra, para nascer como um bebê humano. Se nós pudéssemos ter falado pelos corredores do tempo, poderíamos ter perguntado:

— Como o reconheceremos? Como saberemos que Ele é o Messias, o santo Cordeiro de Deus, o teu sacrifício aceitável para o pecado?

Deus poderia ter respondido:

— Farei que Ele nasça como um israelita, um descendente de Abraão (Gn 22.18; Gl 3.16).

— Mas os descendentes de Abraão serão tão numerosos quanto as estrelas! —

poderíamos protestar.

— Então vou limitar as possibilidades a apenas metade da linhagem de Abraão, e o farei descendente de Isaque, e não Ismael (Gn 21.12; Lc 3.23-34).

— Isso ajuda, mas ainda não serão muitas pessoas?

— Pois Ele será nascido na linhagem de Jacó, eliminando, então, metade da linhagem de Isaque (Nm 24.17; Lc 3.23-34).

— Mas...

— Serei ainda mais específico. Jacó terá doze filhos; Eu trarei o Messias da tribo de Judá (Gn 49.10; Lc 3.23-33).

— Não serão ainda muitas pessoas? Pode ser que não o reconheçamos quando Ele vier.

—Não se preocupe! Procure-o na linhagem de Jessé (Is 11.1; Lc 3.23-32). E na casa e linhagem do filho mais jovem de Jessé, Davi (Jr 23.5; Lc 3.23-31). E então lhe direi onde Ele nascerá: em Belém, uma pequena cidade na região chamada Judá (Mq 5.2; Mt 2.1).

— Porém como saberemos qual das pessoas nascidas ali é o teu Filho?

— Ele será precedido por um mensageiro que irá preparar o caminho e anunciar o seu advento (Is 40.3; Mt 3.1, 2). Ele começará o seu ministério na Galileia (Is 9.1; Mt 4.12-17) e ensinará por parábolas (Sl 78.2; Mt 13.34, 35), operará muitos milagres (Is 35.5, 6; Mt 9.35).

— Está bem, isso ajuda muito.

— Oh, estou apenas começando — Deus poderia ter respondido. — Ele entrará na cidade de Jerusalém montado em um jumento (Zc 9.9; Mt 21.2; Lc 19.35-37) e aparecerá repentinamente e vigorosamente nos átrios do templo e zelosamente ‘limpará a casa’ (Sl 69.9; Ml 3.1; Jo 2.15,16). Ora, em um dia Eu vou cumprir nada menos que 29 profecias específicas sobre Ele, pronunciada pelo menos 500 anos antes! Ouça isto:

1. Ele será traído por um amigo (Sl 41.9; Mt 26.49)

2. O preço da sua traição será de 30 moedas de prata (Zc 11.12; Mt 26.15).

3. O dinheiro da sua traição será lançado sobre o piso do meu templo (Zc 11.13; Mt 27.5).

4. O dinheiro da sua traição será usado para comprar o campo de um oleiro (Zc 11.13; Mt 27.7).

5. Ele será abandonado e desamparado pelos seus discípulos (Zc 13.7; Mc 14.50).

6. Ele será acusado por falsas testemunhas (Sl 35.11; Mt 26.59-60).

7. Ele ficará em silêncio diante dos seus acusadores (Is 53.7; Mt 27.12).

8. Ele será ferido e moído (Is 53.5; Mt 27.26).

9. Ele será odiado sem motivo (Sl 69.4; Jo 15.25).

10. Ele será espancado e cuspirão nEle (Is 50.6; Mt 26.67).

11. Ele será ridicularizado, zombado e rejeitado (Is 53.3; Mt 27.27-31; e Jo 7.5, 48).

12. Ele cairá de fraqueza (Sl 109.24,25; Lc 23.26).

13. Ele será insultado com palavras específicas (Sl 22.6-8; Mt 27.39-43).

14. As pessoas sacudirão negativamente a cabeça diante dEle (Sl 109.25; Mt 27.39).

15. As pessoas o contemplarão (Sl 22.17; Lc 23.35).

16. Ele será executado entre ‘pecadores’ (Is 53.12; Mt 27.38).

17. As suas mãos e os seus pés serão perfurados (Sl 22.16; Lc 23.33).

18. Ele orará pelos que o perseguiram (Is 53.12; Lc 23.34).

19. Os seus amigos e familiares ficarão à distância e assistirão (Sl 38.11; Lc 23.49).

20. As suas vestes serão repartidas e conquistadas pelo lançar de sortes (Sl 22.18; Jo 19.23,24).

21. Ele terá sede (Sl 69.21; Jo 19.28).

22. Alguém lhe dará fel e vinagre (Sl 69.21; Mt 27.34).

23. Ele se entregará a Deus Pai (Sl 31.5; Lc 23.46).

24. Os seus ossos não serão quebrados (Sl 34.20; Jo 19.33).

25. O seu coração se romperá (Sl 22.14; Jo 19.34).

26. O seu lado será perfurado (Zc 12.10; Jo 19.34).

27. A terra escurecerá ao meio-dia (Am 8.9; Mt 27.45).

28. Ele será sepultado no sepulcro de um homem rico (Is 53.9; Mt 27.57-60).

29. Ele morrerá 483 anos depois da declaração de Artaxerxes sobre a reconstrução do templo, em 444 a.C. (Dn 9.24).[2]

— Como um testemunho final, no terceiro dia depois da sua morte, Ele ressuscitará dos mortos (Sl 16.10; At 2.31), ascenderá aos céus (Sl 68.18; At 1.9), e se assentará à direita de Deus, em total majestade e autoridade (Sl 110.1; Hb 1.3).

Que extraordinários esforços Deus fez para nos ajudar a identificar e reconhecer o seu Filho Unigênito! Jesus cumpriu 60 importantes profecias do Antigo Testamento (com cerca de 270 ramificações adicionais) — todas proferidas mais de 400 anos antes do seu nascimento. Isto resulta em um caso convincente a favor de Jesus ser a única pessoa que “tira o pecado do mundo”.

O Fator da Probabilidade

Naturalmente, Jesus não foi o único judeu nascido da tribo de Judá, na cidade de Belém e sepultado no sepulcro de um homem rico. Assim, será possível crer que os detalhes da vida de Jesus simplesmente coincidiram casualmente com todas aquelas profecias do Antigo Testamento?

Para responder a esta pergunta, precisamos apenas recorrer à ciência de estatísticas e probabilidades. O Professor Peter W. Stoner, em uma análise que foi cuidadosamente revisada e declarada confiável pela American Scientific Affiliation, declara que a probabilidade de que apenas oito profecias se cumpram em uma pessoa é de 1 em 1017 (isto é, 1 em 100.000.000.000.000.000).[3]

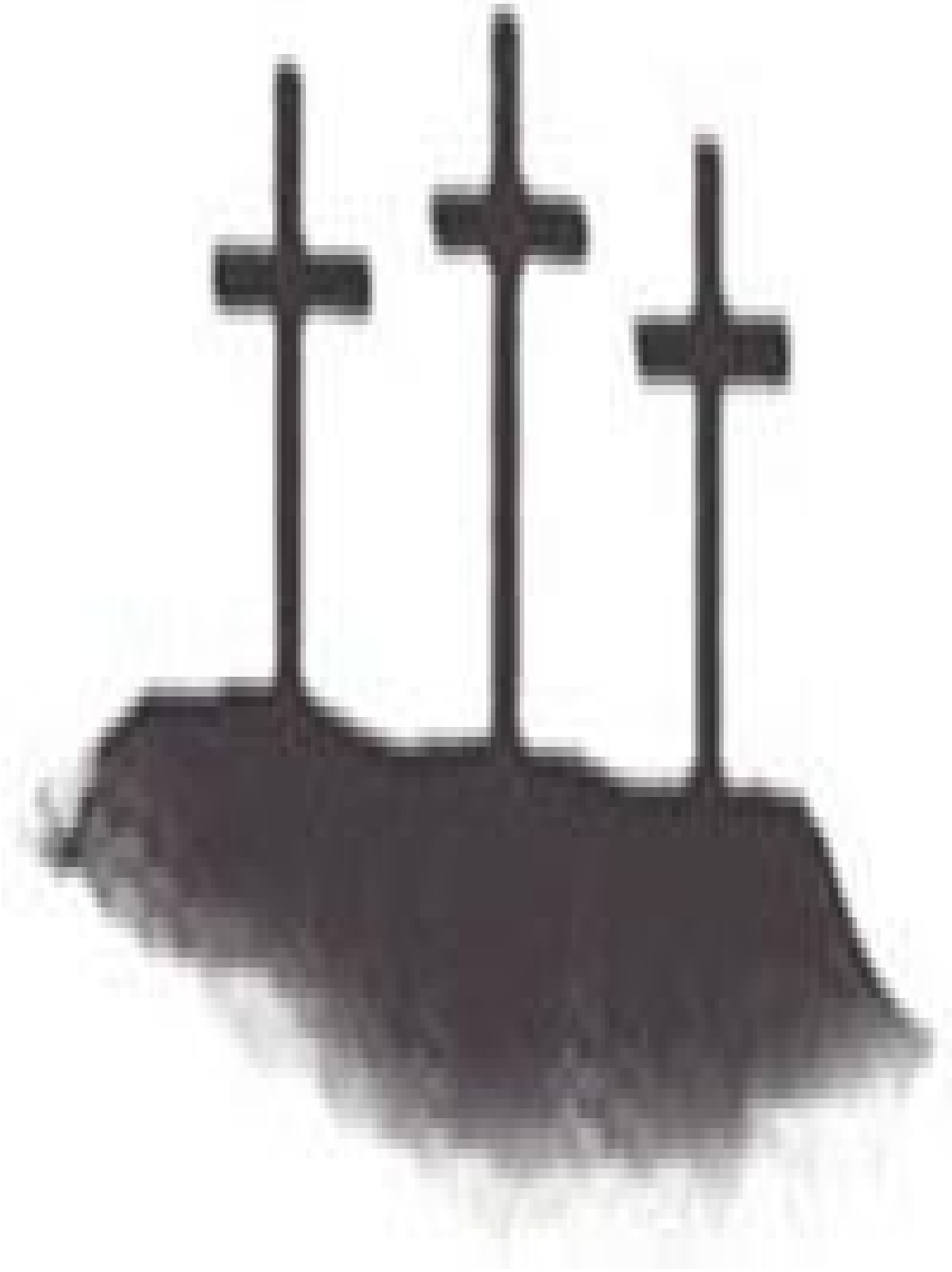
Para fazer uma ideia desse número, suponha que você pegasse 100.000.000.000.000.000 moedas e as espalhasse pelo estado do Texas. Essas moedas não somente cobririam todo o estado, como formariam uma pilha de 60 centímetros de altura! Agora, pegue uma moeda, marque-a com um grande X vermelho, jogue-a naquela pilha e mexa todo o monte de moedas.

Então cubra os olhos com uma venda, e começando em El Paso na fronteira ocidental, percorra toda a extensão e largura desse enorme estado, desde Amarillo, na ponta, até Laredo junto ao Rio Grande até chegar a Galveston no Golfo do México, abaixando-se apenas uma vez em todo o caminho para pegar uma única moeda daquela pilha de 60 centímetros de altura. A seguir, tire a sua venda, e olhe para a moeda na sua mão. Quais são as probabilidades de que você tenha apanhado a moeda marcada naquele monte de moedas do tamanho do estado? A mesma probabilidade de que uma pessoa pudesse ter cumprido apenas oito profecias messiânicas em sua vida.[4]

Em outras palavras, praticamente não faz sentido imaginar que oito profecias do Antigo Testamento sobre o Messias pudessem ter se cumprido em um homem por acaso — e muito menos, que as 60 profecias principais que se cumpriram em Jesus de Nazaré — a menos, é claro, que Ele seja (como Ele mesmo afirmou) “a glória do Unigênito do Pai” (Jo 1.14).

Deus nos deu essas profecias para que pudéssemos ter confiança na verdade de que Jesus legitimamente é a expiação perfeita de Deus pelos nossos pecados. Por

causa da morte de Cristo na cruz, podemos ser livres — perdoados — do salário da morte, e ter a vida eterna com Deus. Essa verdade faz com que nos alegremos com os anjos, quando cantam: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças” (Ap 5.12).



Capítulo Vinte e Dois

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO AMOR

Acruz caiu no buraco com um ruído forte, enviando ondas de agonia pelas pernas e braços de Jesus. Antes de ser pregado à cruz, Ele havia sido espancado até ficar quase irreconhecível. Agora, estava pendurado ali no madeiro, em dor alucinante. Os soldados, abaixo dEle, jogavam pelas suas vestes. Líderes religiosos zombavam dEle. Jesus procurou se erguer sobre os seus pés, perfurados por pregos, roçando contra a cruz grosseiramente cortada, em seus esforços para conseguir respirar. Todas as vezes que Ele fazia isso, a dor torturava suas pernas, mas Ele finalmente conseguiu fôlego suficiente para dizer: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Esse tipo de amor é tão espantoso que desafia o nosso entendimento.

A multidão ria do poderoso Criador do universo, que aparecia estar pendurado, impotentemente na cruz. "Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus" (Lc 23.35).

Dois criminosos culpados e condenados foram crucificados, um de cada lado de Jesus. Um deles zombou: "Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.39-43). Embora culpado e morrendo sozinho, este criminoso que merecia a nossa punição recebeu o amor clemente do Salvador.

O criminoso pendurado ali, ao lado de Jesus, estava praticamente morto. Como você. Como aquele criminoso moribundo, você é culpado do pecado. O seu pecado está entre você e um santo Deus, sem esperança de perdão. Você está morto para Ele, sem nenhuma capacidade, em você mesmo, de modificar a sua condição. Isto é, a menos que Cristo se lembre de você, como Ele se lembrou do criminoso crucificado ao seu lado.

Era uma manhã de sábado. Eu (Josh) tinha 11 anos de idade. Eu me vesti antes do amanhecer e fiz apressadamente as minhas tarefas matinais antes que os trabalhadores chegassem.

Você e eu estávamos na mente e no coração de um Deus amoroso no dia em que Jesus se sacrificou na cruz.

Um grupo de homens estava trabalhando havia alguns dias para levantar uma pequena casa na fazenda de meus pais, preparando-a para ser transportada para um novo local. O meu irmão mais velho, Wilmont, a estava transportando, apesar das objeções de meu pai. Wilmont havia se envolvido em uma amarga briga com meu pai, uma briga que havia chegado à condição de uma guerra declarada por metade da fazenda da família. Tendo processado meu pai, e tendo vencido, Wilmont havia chegado naquela manhã, com um xerife, um delegado e uma ordem judicial que o autorizava a transportar a casa.

Eu, no entanto, estava tentando ficar fora do conflito da família. Detestava ver meu pai e meu irmão brigando, mas isso era entre eles. Naquele dia eu queria apenas saborear a emoção de ver uma casa inteira ser rebocada pela estrada, um espetáculo mais interessante para uma mente de onze anos de idade do que um circo itinerante.

Quando os tratores estavam sendo conectados a casa, meu pai, embriagado com sempre, começou a gritar com Wilmont. O xerife se dirigiu rapidamente até o homem cambaleante para evitar uma cena desagradável.

Mas era tarde demais para isso. Meu irmão, que esperava algo desse tipo, havia conseguido que muitas famílias de nossa pequena comunidade agrícola estivessem a postos para lhe dar apoio moral. Muitos deles começaram a gritar obscenidade para o meu pai, enquanto o xerife o restringia.

Observei, horrorizado, enquanto o meu entusiasmo se convertia em vergonha. Assustado pelo conflito e humilhado por ver a briga de nossa família encenada diante de meus amigos e vizinhos, eu corri, fugindo da vergonhosa cena e entrei no nosso celeiro.

Batendo a porta atrás de mim, corri até o depósito de trigo e mergulhei nele até o pescoço.

No escuro, em silêncio e sozinho, a minha vergonha lentamente se converteu em raiva. Eu estava com raiva porque a embriaguez do meu pai havia trazido tal divisão ao meu lar. Eu estava com raiva porque ele raramente estava sóbrio. E eu estava com raiva porque ele havia causado muita dor à vida da minha mãe. Mas, mais do que qualquer outra coisa, me sentia sozinho.

Fiquei ali, no meio do trigo, durante o que devem ter sido horas. Ninguém veio me procurar. Ninguém pareceu nem mesmo perceber que eu havia desaparecido. Eu me senti esquecido.

Não é difícil se sentir sozinho, mesmo em um mundo cheio de agitação e atividade. Mas, na realidade, eu não estava esquecido naquele depósito de trigo. E nem você, nem mesmo em seus momentos de maior solidão. Embora um pecador por nascimento não mereça nada exceto a sua sentença de morte, o seu santo e imaculado Criador abre os seus braços com a largura de uma cruz e diz: “Eu te amo e estás perdoado”.

O Significado do Amor

Por mais sozinho que você possa se sentir de vez em quando na vida, você não está esquecido por Deus. Você e eu estávamos na mente e no coração de um Deus amoroso no dia em que Jesus se sacrificou na cruz. Se você confiou em Jesus como seu Salvador, como o criminoso à morte confiou, o salário do seu

pecado está perdoado. Agora você tem um lugar à sua espera no paraíso, com Ele, para sempre.

“Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.” (1 Jo 4.9-10 na versão ARA). O alto preço do seu perdão valia o sacrifício para Deus. Mesmo quando você era um inimigo de Deus, separado e sozinho, Ele o amou. Ele viu a sua necessidade, identificou-se com o seu sofrimento e morte, e se sacrificou para que você pudesse ter os seus pecados perdoados e ressuscitasse para uma nova vida em um relacionamento com Ele, para sempre. Este é o verdadeiro significado do sacrifício expiatório de Cristo por você.

É difícil compreender que Cristo amasse cada um de nós dessa maneira. O grande compositor de cânticos e pregador, Charles Wesley, também não conseguiu compreender isso, e escreveu as palavras do cântico “And Can It Be?” [E é possível?]

E é possível que eu ganhasse

um interesse no sangue do Salvador?

Que Ele morresse por mim, que causei a sua dor...

Por mim, que o persegui até à morte?

Amor espantoso! Como é possível

Que tu, meu Deus, morresses por mim?

Ele deixou o trono do seu Pai, nas alturas.

Tão livre, tão infinita a sua graça —

Ele se esvaziou de tudo, menos do amor

E sangrou pela raça desamparada de Adão:

É misericórdia, imensa e gratuita,

Pois, oh, meu Deus, ela me encontrou!

Nenhuma condenação temo agora

Jesus, e tudo o que há nEle, é meu;

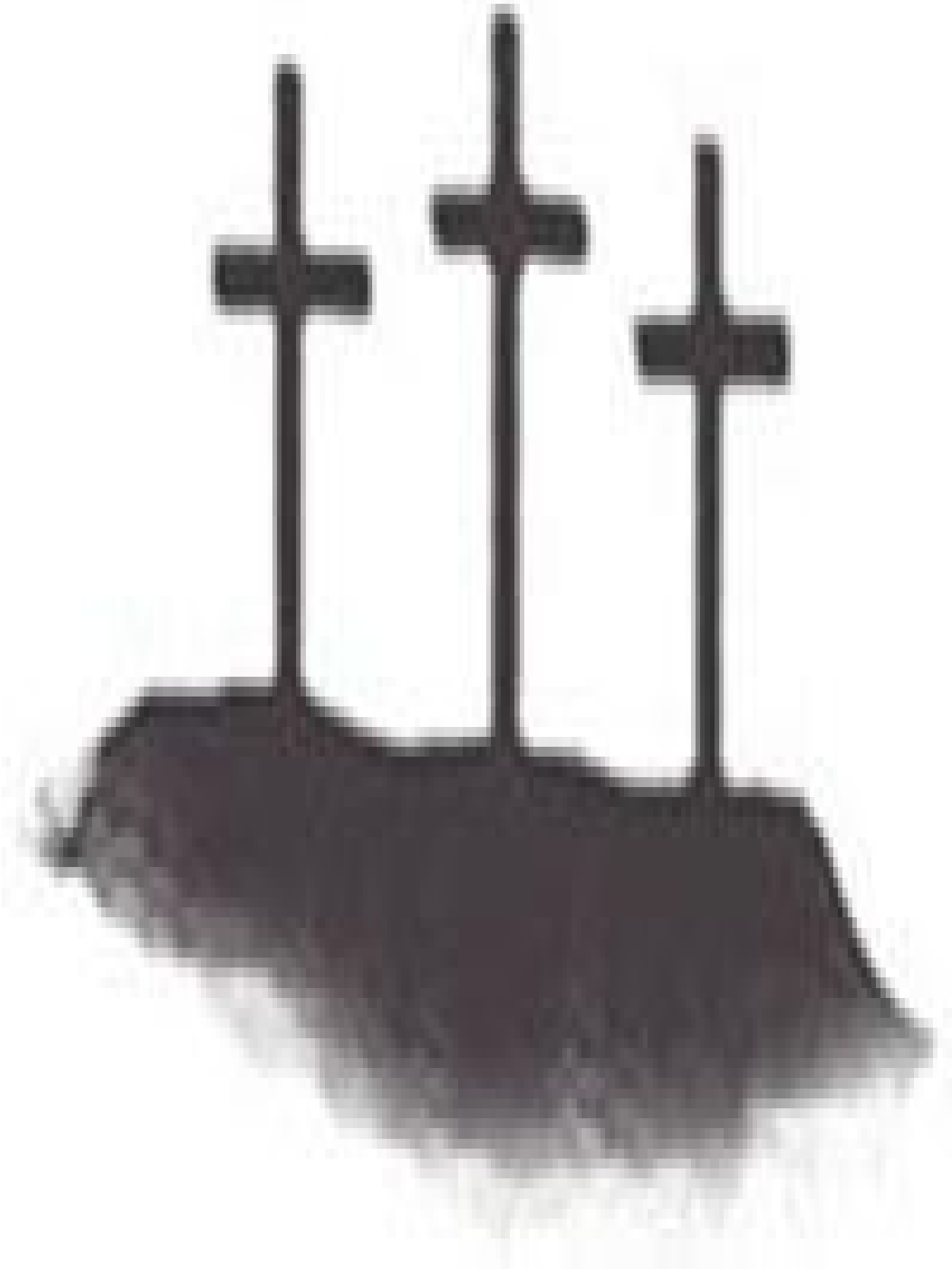
Vivo nEle, meu Líder vivo,

e revestido de justiça divina,

corajosamente me aproximo do trono eterno,

E reivindico a coroa, que, por meio de

Cristo, é minha.[1]



Capítulo Vinte e Três

COMO AMAR OS OUTROS COMO DEUS NOS AMA

"N isto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos" (1 Jo 3.16). Sim, "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito [em sacrifício]" (Jo 3.16). Mas nós recebemos a ordem de realmente exibir esse tipo de amor às pessoas ao nosso redor? Como pode o amor humano pelos outros se equiparar ao seu amor infinito? Os nossos esforços de amar não se comparam ao amor de Deus, da mesma maneira como o livro de colorir de uma criança no jardim da infância não se compara ao crepúsculo multicolorido de Deus ou como um vaso moldado à mão por um oleiro não se compara a um bebê recém-nascido delicadamente formado por Deus. No entanto, o seu amor é um padrão a ser seguido, pois seguindo os seus passos de amor encontramos o nosso propósito e a verdadeira alegria na vida. Vamos examinar duas dimensões de amor como o de Deus e observar o que ele faz. E, ao fazer isso, poderemos ver como Deus completa a nossa alegria, quando amamos como Ele ama.

O Verdadeiro Amor Faz Sacrifícios

Um amor sacrificial dá, quer obtenha algo em troca ou não. "Andai em amor, como também Cristo vos amou", declarou Paulo, "e se entregou a si mesmo por nós" (Ef 5.2). "O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal;" (1 Co 13.4, 5 ARA). Deus deseja que amemos os outros como Ele nos ama, e isso significa sacrificar alguma coisa. Talvez nós não sacrifiquemos literalmente a nossa vida física, mas o significado é de amar e viver sem egoísmo. Isso pode significar desistir de

nosso conforto por outra pessoa, dar livremente o nosso tempo, e entregar, sem egoísmo as nossas posses. É assim que demonstramos um amor como o de Deus pelos outros.

O Verdadeiro Amor Sacrifica o Conforto

-

A grande recompensa de suportar os desconfortos do amor sacrificial é a alegria — um pouco nesta terra, e o resto, na eternidade.

-

Quando Stephanie e eu (Sean) tivemos o nosso primeiro filho, não percebemos tudo o que significaria amar e cuidar do nosso pacote de alegria. Scottie era um bebê saudável e ativo. Eu sabia que gostaria de alimentá-lo e niná-lo e até mesmo cantar para ele. E realmente gostei. Mas acho que não me dei conta de que essa era uma proposta de 24 horas por dia, 7 dias por semana. Stephanie e eu nos revezávamos cuidando de Scottie à noite. Assim, às vezes, eu me via, às duas horas da manhã, atendendo as necessidades de um bebê que chorava. Às vezes, às quatro horas da manhã, Stephanie ou eu tentávamos ninar um Scottie em prantos durante alguma de suas dores de barriga. Era desagradável perder o sono valioso e arrastar-se para trabalhar no dia seguinte. Sendo um casal jovem, nós sentíamos falta de sair à noite com os amigos, porque tínhamos que ficar em casa com o nosso bebê. No entanto, nós abrimos mão de alguns dos nossos confortos passados, voluntariamente, e, de uma estranha maneira, alegremente, porque amávamos o nosso pequeno bebê. É isso o que o amor sacrificial faz.

Max Lucado, em seu livro intitulado 3.16. The Numbers of Hope [3.16. Os Números da Esperança] fala sobre um pai que amava o seu filho de uma forma sacrificial.

Conheço um pai que, por amor ao seu filho, passa todas as noites em uma

cadeira reclinável, e nunca dorme mais do que duas horas consecutivas. Um acidente de carro deixou o adolescente paralítico. Para manter a circulação do garoto, os terapeutas massageiam seus membros de poucas em poucas horas. À noite, o pai ocupa o lugar dos terapeutas. Embora ele tenha trabalhado o dia inteiro, e vá trabalhar de novo no dia seguinte, ele regula o despertador para acordar a cada duas horas, até o nascer do sol.[1]

Um amor sacrificial abdica de confortos pessoais para que nos entreguemos livremente. Não devemos amar os outros com amor sacrificial tendo em mente o ganho pessoal, mas permita que eu (Josh) lhe diga algo surpreendente. Passar horas sem dormir com um bebê, viajar longas horas para chegar a tempo de um jogo de basquete de um filho, suportar alguns dos problemas dos anos de adolescência de um garoto ou de uma garota, e todos os sacrifícios permanentes, contínuos, menores, mas ainda assim tediosos e opressivos de criar um filho ou uma filha definitivamente têm uma recompensa. Os sacrifícios que Dottie e eu fizemos para criar Sean e ajudá-lo a chegar à idade adulta produziram mais alegria do que eu consigo explicar. Não pode haver pai mais orgulhoso de seu filho do que eu. Não vou envergonhá-lo aqui, citando todas as suas qualidades como filho, marido, pai, orador e educador. Mas valeu a pena ter vivido a minha vida, apenas para me casar com a mulher mais maravilhosa do mundo, e para ver um menino e três meninas crescerem e se tornarem pessoas que estão amando a Deus, às suas famílias e o mundo ao seu redor com amor sacrificial. O presente de Deus, que é a minha família, fez minha alegria completa. Ame a sua família com amor sacrificial e esse tipo de alegria também poderá ser seu.

Os menores sacrifícios da vida podem, às vezes, ser mais difíceis do que os grandes. Mas não se sinta desencorajado porque amar outra pessoa sem egoísmo pode causar algum desconforto pessoal e temporário. Instilar o amor sacrificial em outra pessoa pode produzir uma colheita de alegria. Dedique-se, sem pensar em retribuição, aceite as provações e os desconfortos que derivam do sacrifício abnegado, e Deus lhe devolverá mais do que pode imaginar. O apóstolo Pedro disse: “Vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações” (1 Pe 1.6). A grande recompensa de suportar os desconfortos do amor sacrificial é a alegria — um pouco nesta terra, e o resto, na eternidade.

O Verdadeiro Amor Sacrifica as Posses

Depois que o apóstolo João nos disse “nós devemos dar a vida pelos irmãos”, ele acrescentou, “Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele a caridade de Deus?” (1 Jo 3.17). “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta”, declarou Jesus: “visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo” (Tg 1.27). Viver um amor sacrificial significa dar os nossos bens a outras pessoas.

Nós não temos que ser ricos, aos olhos do mundo, para darmos os nossos bens. E a doação não precisa ter proporções de Bill Gates para significar alguma coisa. Quando a viúva lançou duas moedinhas na caixa de coleta do Templo, Jesus disse: “Em verdade vos digo que esta pobre viúva depositou mais do que todos os que depositaram na arca do tesouro; porque todos ali depositaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, depositou tudo o que tinha, todo o seu sustento” (Mc 12.43). Dar não é tão importante quanto dar com sacrifício.

Deus não pede apenas dez por cento de suas posses. Ele pede que você seja todo dEle — e quando fizer isso, incluirá as suas posses. Jesus disse: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento... [E] amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.37-39). “Rogo-vos... que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”, aconselha Paulo, “que é o vosso culto racional” (Rm 12.1). Há uma perspectiva que considera a posse de propriedades e o acúmulo de riquezas como sendo o que faz funcionar a economia do mundo. Definir as prioridades permite que você consiga o suficiente para dar aos outros. Jesus tinha uma perspectiva diferente sobre as propriedades e a riqueza. Ele disse: “As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8.20).

Isto não significa que ter uma casa ou ganhar dinheiro seja errado, mas simplesmente significa que tudo o que temos, na verdade, pertence, antes de qualquer coisa, a Deus. A posse é mais uma questão de administração do que de propriedade. Deus deu, a todos nós, alguns bens, e Ele quer que sejamos bons administradores desses bens, usando-os para satisfazer as necessidades de outras pessoas. É por isso que as Escrituras dizem: “Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Fp 2.4).

Em seu livro, The Faith, Chuck Colson nos desafia a ver o mundo de posses através dos olhos de Deus:

Quando vemos o mundo através dos olhos de Deus, na realidade, colocamos as necessidades dos outros acima das nossas. É por isso que, quando um dos correspondentes da grande escritora Flannery O'Connor perguntou a ela como poderia sentir o amor de Deus, a resposta foi: "Dê esmolas". Ela queria dizer, fazer alguma coisa pelos pobres, pelos necessitados, o que, na realidade, é uma das mais evidentes marcas da santidade cristã, como nos lembra o apóstolo Tiago (1.27; 2.17).

Quando cuidamos dos amados de Deus, os pobres, que incluem os destituídos, as viúvas, os órfãos, os doentes, os prisioneiros e quem quer que sofra injustiça, mergulhamos imediatamente na batalha que está sendo travada entre o bem e o mal. Nós escolhemos o nosso lado. Uma vez do lado de Deus, entendemos o ponto de vista dEle e nos posicionamos para vivenciar o seu amor e a sua amizade de uma maneira inteiramente nova.[2]

O tipo de amor de Cristo — um amor sacrificial — é um amor em ação, que inclui dar aos outros aquilo que Deus deu a você.

O Verdadeiro Amor Sacrifica Tempo

Nós dois tivemos a nossa cota de viagens e palestras aos jovens. E se há uma coisa que ouvimos constantemente dos jovens de hoje, é o seguinte: "Tenho um problema com o meu pai — ele não passa tempo comigo". Não é que esses garotos não precisem de suas mães — pois precisam. Mas a sua percepção é: "A minha mãe está ali, quando preciso, mas o meu pai não. E quando ele está em casa, é como se não estivesse, realmente, você entende?"

O que sentimos que os jovens estão dizendo é que amor se escreve como T-E-M-P-O. Na verdade, todos nós dizemos que amor se escreve dessa maneira. Quando alguém diz que nos ama, porém não passa nenhum tempo conosco, a sua declaração de amor não parece sincera. Os pais que não passam tempo com os seus filhos frequentemente compensam esse problema, trazendo para casa presentes. Mas o que nós queremos daqueles a quem amamos não são presentes, nós queremos o seu tempo. Nós não queremos mais coisas, nós queremos a pessoa. Acredita-se que o filósofo e poeta Ralph Waldo Emerson tenha dito que um presente é uma desculpa para não dar a si mesmo. Os presentes são importantes, mas não substituem o presente supremo do nosso tempo.

Algumas pessoas tentam disfarçar a necessidade de passar tempo com seus entes queridos, dizendo que não é a quantidade de tempo que é importante, mas a "qualidade do tempo" que importa.

Um dos maiores mitos da atualidade é o mito da "qualidade do tempo". Naturalmente, todos nós desejamos tempo de qualidade com nossas famílias, mas não é possível obtê-los com nenhum tipo de programação: você obtém momentos de qualidade passando maior quantidade de tempo com a sua família. Da quantidade deve vir a qualidade. Nós precisamos ter ambas!

Uma das maiores vantagens do "tempo de quantidade" que você passa com seus filhos é o fato de que eles o verão como um modelo. Sempre que você for fazer uma compra ou algo fora de casa, tente levar um de seus filhos. Caso contrário, você poderá perder uma oportunidade de ser um exemplo para eles. É quando estão conosco, seus pais ou avós, que podem ver como nós reagimos ao mundo. A maneira como agimos quando alguém nos intercepta no trânsito, ou quando um vendedor insistente ou uma garçonete lenta nos irrita. Os nossos filhos aprendem mais sobre como viver as suas vidas quando estão nos observando e prestando atenção às nossas reações com os outros do que podem aprender em qualquer aula ou com qualquer livro.

Outro mito de que somos vítimas é o que diz: "São os grandes momentos que são importantes". Você pode chamá-los de "experiências de Disney World" — aqueles passeios que ocupam um dia inteiro ou uma semana inteira, e normalmente custam muito dinheiro. Para os pais, esses "grandes momentos" incluem o parque de diversões, o cinema ou o zoológico; para os líderes de jovens, atividades como viagens para esquiar, ou acampamentos ou grandes férias. Mas a verdade é que os seus filhos podem se lembrar dos "grandes

momentos”. No entanto, são os momentos pequenos e constantes de todos os dias que moldarão verdadeiramente os seus filhos. Não é que os grandes eventos sejam errados ou prejudiciais; nós planejamos grandes eventos com os nossos filhos e eles criam algumas lembranças maravilhosas. Mas os grandes eventos nunca poderão substituir os momentos pequenos e consistentes de simplesmente estar com eles.

Estar com uma pessoa é mais do que simplesmente estar na sua presença física. Você pode passar algum tempo perto de uma pessoa e não estar com ela. Estar com uma pessoa significa que você se concentra nela e nos seus interesses, para deixar que saiba que você realmente a ama e se importa com ela.

Jeff Myers, presidente de Passing the Baton International, enfatiza a importância de fazer perguntas para envolver uma pessoa e deixar que ela saiba que você se importa com as respostas. Jeff diz:

O meu objetivo ao fazer perguntas não é uma oportunidade de dar instrução, mas ajudar os meus alunos a solucionar sozinhos os seus problemas.

“O que você acha disso?”

“Por que isso está acontecendo?”

“O que aconteceu?”[3]

Com base na abordagem de Jeff, aqui estão algumas perguntas sugeridas que você pode propor aos seus filhos quando estiver passando algum tempo com eles.

• Vamos falar sobre a sua cor favorita, ou comida, ou música, esporte, lugar para férias e assim por diante. Agora, vamos pensar sobre isso — por que nós gostamos de algumas das mesmas coisas, e apesar disso temos alguns outros interesses que são diferentes? (Esta pergunta trata da exclusividade individual, bem como das conexões familiares).

• Descreva o momento mais vergonhoso, o mais feliz, o mais triste, que você já passou. Por que você se sentiu assim? O que estava acontecendo?

• Se você pudesse fazer uma pergunta a Deus, qual seria ela?

A autora Mary DeMuth tem algumas questões excelentes que podem fazer com que você realmente esteja “com” uma pessoa.[4] Ela sugere as perguntas:

• Qual seria uma coisa que você gostaria de mudar em você mesmo? Por quê?

• Descreva um dia perfeito. O que você faria? O que você veria?

• Se você pudesse dar um presente ao seu melhor amigo, qual seria? Por quê?

Sacrificar o seu tempo para demonstrar um amor como o de Cristo requer uma mentalidade de relacionamento. Concentrar a sua atenção constantemente nos interesses de outra pessoa convencerá essa pessoa para que creia que “eu sou verdadeiramente amada”.

O Verdadeiro Amor Oferece Afirmação

Como Jesus sofreu a tortura e a morte por nós, sabemos que somos os beneficiários do seu amor sacrificial. Mas quando nos dirigimos a Ele, em oração, e derramamos a nossa tristeza pela perda de um ente querido, a nossa mágoa por uma traição de um “amigo” ou o nosso sentimento de ter sido abandonado por um colega, como Deus responde? Ele responde com um amor que reconhece. O amor sacrificial de Cristo, que o levou a vir à terra e viver conosco, permitiu que Ele vivenciasse os mesmos tipos de perdas e mágoas que nós temos. Por isso podemos ter confiança de que Ele entende. Jesus está conosco nessas mágoas, dizendo: “Eu sofro por você. Sei que você está

sofrendo, e estou aqui, com você". O tipo de amor de Cristo — um amor que oferece afirmação — é o nosso padrão, para que estejamos ao lado daqueles que estão sofrendo ou lutando com os problemas da vida — e também para ficar felizes, quando a vida dessas pessoas estiver maravilhosa.

Todos os dias, nós encontramos situações que nos permitem exemplificar o amor que oferece afirmação. Considere as seguintes situações comuns: O seu cônjuge chega depois de ter ido ao shopping e confessa que amassou o pára-choques do carro. Como você reage?

A sua filha de 14 anos, cujas notas normalmente são B+, traz um boletim com três notas C e uma D. Qual é a primeira coisa que você diz a ela?

O seu amigo lhe telefona, frustrado, dizendo que discutiu com o supervisor e foi despedido. O que você diz a ele?

Essas difíceis situações, e inúmeras outras como elas, refletem a vida em um mundo de dificuldades e lutas. Os seres humanos cometem erros. Os jovens têm problemas. Os amigos se magoam. As pessoas se envolvem em confusões. Às vezes, esses incidentes são verdadeiras crises: uma doença que pode levar à morte, o rompimento de um sério relacionamento, a morte de um amigo ou parente, uma gravidez não planejada e outras situações. No entanto, na maior parte do tempo, eles são os acontecimentos relativamente sem importância da vida diária — desapontamentos, perdas, conflitos e mágoas. Lidar com as dificuldades é uma consequência da vida.

Nesses momentos, as pessoas não precisam de uma conversa encorajadora, um sermão ou um plano para solucionar o problema. Elas precisam de alguém que se identifique com a sua dor e se solidarize com elas. As Escrituras nos dizem: "Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram" (Rm 12.15). É isso o que faz o amor que oferece afirmação. Ele o motiva a se identificar com a situação de uma pessoa, triste ou feliz, e a apoiá-la.

Durante anos, eu (Josh) não compreendi a verdade de um amor que oferece afirmação. Sempre que Dottie me procurava com um problema com que ela estivesse lutando, em especial um que houvesse causado o seu sofrimento, eu tentava solucioná-lo. Eu não lidava com a sua dor, eu lidava com o problema que causara a dor.

Certo dia, Dottie voltou para casa, voltando de uma reunião na escola, muito

magoada por algo que algumas mães haviam dito sobre um dos nossos filhos. No passado, quando ela me contava um problema desse tipo, eu dominava a situação e dizia algo como, “Querida, não deixe que isso atinja você. Você precisa fazer o seguinte...” E então eu idealizava um plano para solucionar o problema. Poderia ter sido um bom plano, mas não lidava com a dor que Dottie sentia no momento. Mas nessa ocasião em particular, eu finalmente entendi. Simplesmente coloquei os meus braços à sua volta, e disse: “Querida, eu sinto muito que você tenha tido que ouvir essas palavras. Eu sofro com você”. Só isso. Nenhum plano para solucionar o problema, nenhuma medida corretiva, simplesmente uma expressão sincera de que eu me identificava com o sofrimento dela.

Surpreendentemente, funcionou. Dottie se sentiu afirmada e compreendida, e isso era tudo o que ela necessitava no momento. Alguns dias depois, ela voltou a me procurar e me perguntou o que eu pensava que ela deveria fazer para lidar com aqueles comentários críticos sobre o membro da nossa família. Então, o meu plano de solução foi bem-vindo.

Nós não temos que entender exatamente o que uma pessoa está enfrentando para lhe dar amor que oferece afirmação. Um amigo nosso descobriu isso, da maneira mais difícil.

-

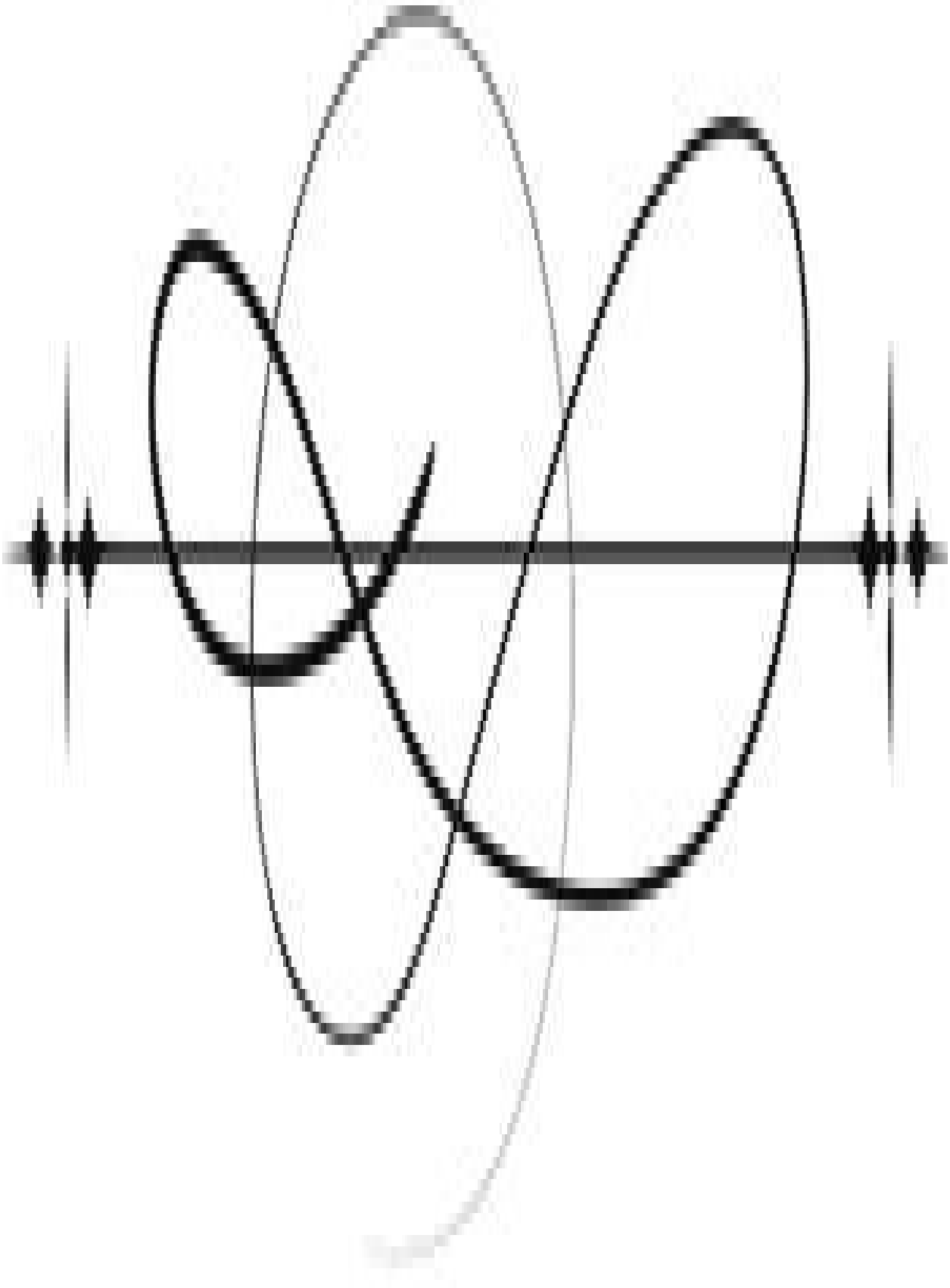
Exibir um amor que oferece afirmação traz cura para a dor de outra pessoa e aprofunda o seu relacionamento com essa pessoa.

-

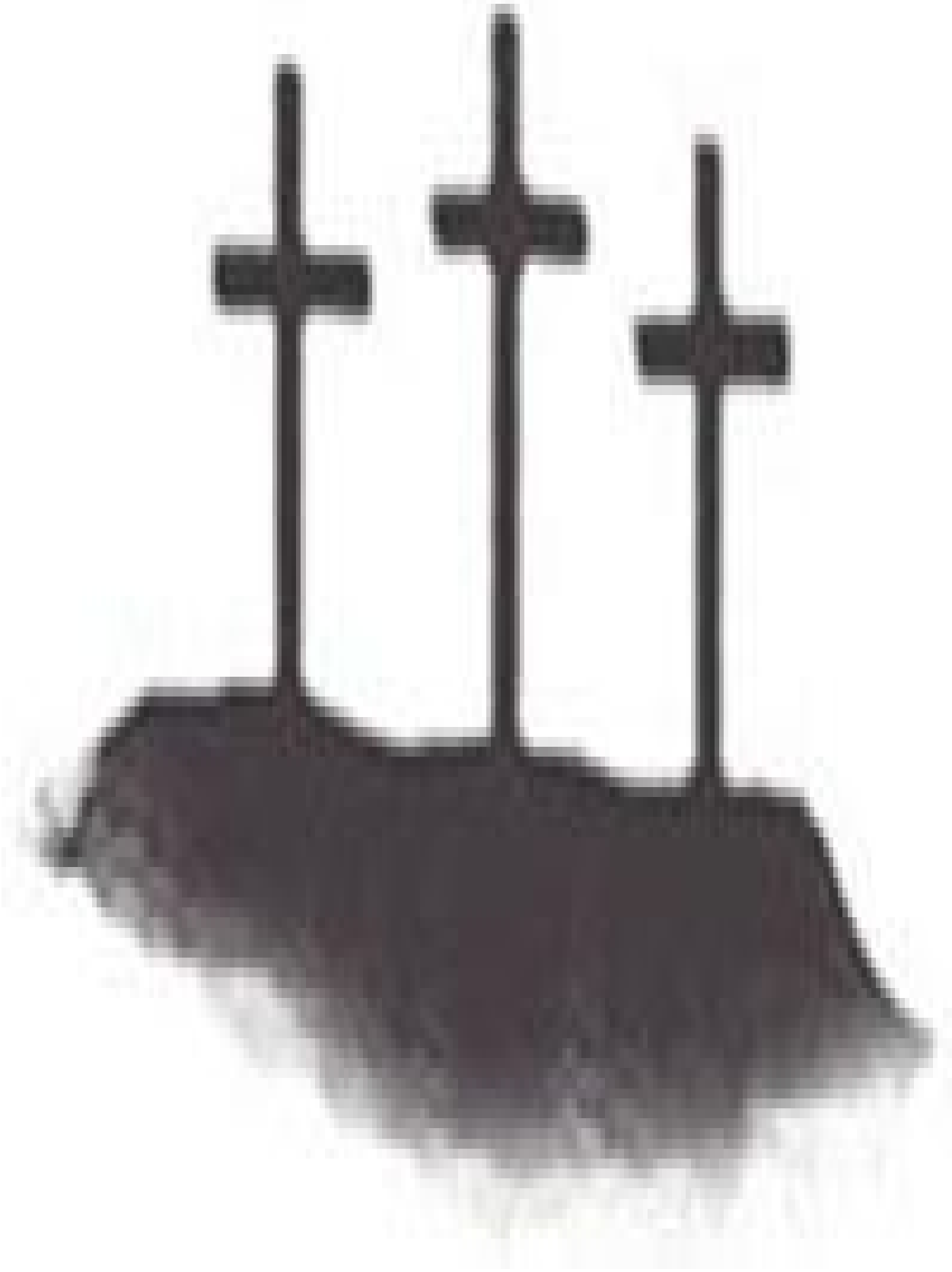
Certa vez, quando sua esposa estava em um momento difícil, emocionalmente, em um esforço para ajudá-la, ele disse: “Querida, eu sei exatamente o que está acontecendo com você.” Ela respondeu, irritada: “Não, você não sabe. Como você ousa me dizer que sabe o que está acontecendo comigo?” Meu amigo emudeceu e não conseguiu dizer nada, mas a sua esposa estava certa. Compartilhar da tristeza de outra pessoa não quer dizer que nós sabemos, necessariamente, o que está acontecendo com ela. Não podemos sempre participar da experiência exclusiva da outra pessoa. Isso significa que, como sabemos que o nosso amigo está sofrendo, nós sofremos com essa pessoa. O

nosso amor faz com que nos identifiquemos com a pessoa a quem amamos e que está sofrendo. O meu amigo deveria ter dito: “Querida, o que está acontecendo com você deve ser muito difícil, e quero que você saiba que sofro porque você está sofrendo”.

É assim que podemos nos identificar com a dor e a tristeza sem dar a impressão de que sabemos exatamente como a outra pessoa se sente — pois ela sabe que isso não é verdade. Considere a possibilidade de usar palavras semelhantes a essas quando alguma pessoa que você ama estiver sofrendo. “O que está acontecendo com você deve ser realmente doloroso, e quero que você saiba que sofro por você. E estou aqui, para apoiá-lo”. Exibir um amor que oferece afirmação traz cura para a dor de outra pessoa a aprofunda o relacionamento com essa pessoa. Tal demonstração de amor também agrada a Deus, e Ele lhe dá a alegria de ser o seu ministro de consolação. Paulo nos diz que Jesus é “o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus” (2 Co 1.3,4). Amar os outros como Cristo nos ama é um ministério voltado aos outros, nos traz alegria, e honra a Deus.



Por causa do sacrifício expiatório de Cristo, nós podemos ser perdoados. Jesus nos amou, com amor sacrificial, o que foi o motivo pelo qual Ele quis vir à terra, e se entregar como nosso perfeito sacrifício. A encarnação — Deus assumindo a forma de um ser humano — também permitiu que Jesus sentisse o que nós sentimos e nos apoiasse com um amor que oferece afirmação. Cristo demonstrou verdadeiro amor por nós, e Ele quer amar as outras pessoas desta maneira, por nosso intermédio. Quando nós aceitamos o amor sacrificial de Deus, que oferece afirmação, e, por nossa vez, amamos os outros com esse mesmo amor sacrificial e que oferece afirmação, estamos exibindo a verdade do amor genuíno de Cristo.



Capítulo Vinte e Quatro

O QUE NOS JUSTIFICA PERANTE DEUS?

A multidão estava em silêncio. Era possível ouvir um alfinete cair. Eu (Josh) havia entrado na congregação e perguntado a um dos diáconos sentados à frente: “Como vocês foram salvos — como vocês conquistaram um relacionamento com Cristo?” Ele respondeu, sem hesitar: “Pela fé — fui salvo pela fé”. Olhei para toda a congregação e, depois, para ele, e disse: “Não, não é verdade. Ninguém jamais foi salvo pela fé!” Foi então que a multidão fez silêncio e um calafrio percorreu o auditório. Continuei explicando a minha declaração antes que a multidão me marcasse com um “H” maiúsculo, de “herege”.

A verdade é que nenhum de nós é salvo pela fé. Se pudéssemos ser salvos pela fé, então Jesus não teria que morrer por nós. Nós poderíamos ter nos salvado por um simplesmente exercício de fé.

Aqui está a questão: Será que a fé, e apenas ela, tem algum poder? Hoje em dia, há uma geração inteira que cresce crendo nisso. Muitos pensam que a sua escolha de crer em algo tem, na verdade, a capacidade de converter essa crença na sua própria verdade. Eles parecem pensar que, se você crer em algo profundamente e de modo suficientemente sincero, essa será a verdade que funcionará para você.

Mas no que diz respeito à verdade sobre a sua salvação, há apenas um poder que pode modificar a sua condição de separado e perdido diante de Deus. A sua fé não tem o poder de salvar. Na verdade, é o objeto da sua fé que tem o poder de salvar, ou seja, Jesus Cristo — porque Jesus, o Filho do Deus Todo-Poderoso, é aquEle que morreu por você e ressuscitou para comprar a sua salvação. “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2.8).

Nas Escrituras, a fé nunca é apresentada como o poder que nos justifica diante de Deus: na verdade, a fé é o braço que se estende para receber a graça da

salvação de Deus. É Jesus, e somente Jesus, que tem o poder de perdoar e nos ressuscitar da morte para a vida. É por isso que não somos salvos por crer, mas por meio da crença em Jesus. Se Jesus não é o Messias, o Filho de Deus que morreu na cruz pelos nossos pecados, então a nossa fé é absolutamente "sem valor".

A Necessidade Absoluta de Ser Justificado

Tendo nascido espiritualmente mortos, nada podemos fazer para obter a benevolência de Deus. Como declaramos anteriormente, é o pecado que continua a nos escravizar a uma "vida de morte". Mas por intermédio da fé em Cristo, podemos nos libertar de uma vida de escravidão ao pecado. Mas ainda temos um problema. Nós ainda somos humanos, manchados pelo pecado. Como pode um Deus santo ter um relacionamento com humanos profanos e imperfeitos? Deus é tão santo, como indicamos antes, que "a vexação não pode contemplar" (Hc 1.13). Mas Deus tem uma solução. A redenção (a nossa compra, de uma vida de escravidão) também inclui a justificação (a declaração de que somos justos diante de Deus).

Quando colocamos a nossa fé em Jesus, somos redimidos — comprados da escravidão; e justificados — declarados justos diante de Deus.

Como Paulo explicou: "Nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus... sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus" (Rm 3.20-24). Assim, depositando a nossa fé em Jesus, somos redimidos — comprados da escravidão,

e justificados — declarados justos diante de Deus.

Quando Deus declara que somos justos diante dEle, está nos admitindo como o seu povo; Ele nos separa de uma vida de contínuo pecado. Esta vida separada é chamada santificação. Paulo iniciou a sua epístola à igreja de Corinto, endereçando-a aos "santificados em Cristo Jesus, chamados santos" (1 Co 1.2). Embora ser justificados seja uma condição em que somos "declarados justos", que acontece instantaneamente, a santificação é o processo que exige continuidade, como ensinam algumas igrejas; outras igrejas enfatizam a santificação como uma obra instantânea mas separada, seguida pelo contínuo crescimento em santidade. Independente do lugar que esteja a sua ênfase, ou a da sua igreja, estamos na posição correta diante de Deus, porque fomos redimidos, justificados e santificados.

O rei Davi havia pecado e buscado o perdão diante de Deus. Ele orou: "Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve" (Sl 51.7). Davi estava orando e pedindo um relacionamento sem obstáculos com um Deus santo. Mas como poderia Davi ter um relacionamento redimido, justificado e santificado com Deus, antes da morte de Cristo? Jesus ainda não havia nascido no mundo. À primeira vista, poderia parecer que Davi, tendo vivido séculos antes do sacrifício de redenção e justificação de Cristo, não tinha como ser limpo e purificado.

A resposta é que o poder da morte e ressurreição de Cristo não apenas se estende à frente, no tempo, para nos libertar do pecado, hoje, como também se estende ao passado, para abranger todos aqueles nascidos antes da morte sacrificial de Jesus (veja Rm 3.25, 26). A nossa justiça diante de Deus se faz possível por meio da nossa fé e confiança em Jesus, porque Ele soluciona o nosso problema do pecado, passado, presente e futuro. Devido à morte expiatória de Cristo, nós também podemos reivindicar a promessa que Deus fez a Israel: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã" (Is 1.18).

Não há nada, então, que possamos dizer a Deus, ou fazer por Ele, que possa merecer a nossa redenção? Não há nada que possamos fazer para conquistar a nossa justificação? Não há nada que possamos fazer para adquirir a santificação? Paulo propôs e respondeu essas perguntas, quando escreveu:

Onde está, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não! Mas pela lei da fé [em Jesus]. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei. (Rm 3.27,28).

As pessoas orientadas por desempenho, que desejam conquistar o que puderem, podem achar difícil de entender, ou pelo menos difícil de aceitar, a salvação pela graça, por meio da fé. Mas não há nenhum requisito humano para obter a oferta de Deus de um relacionamento, exceto aceitá-la livremente. É um presente baseado nos requisitos cumpridos por Jesus. É por isso que, quando falava sobre a salvação, Paulo disse: “Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece” (Rm 9.16).

▪

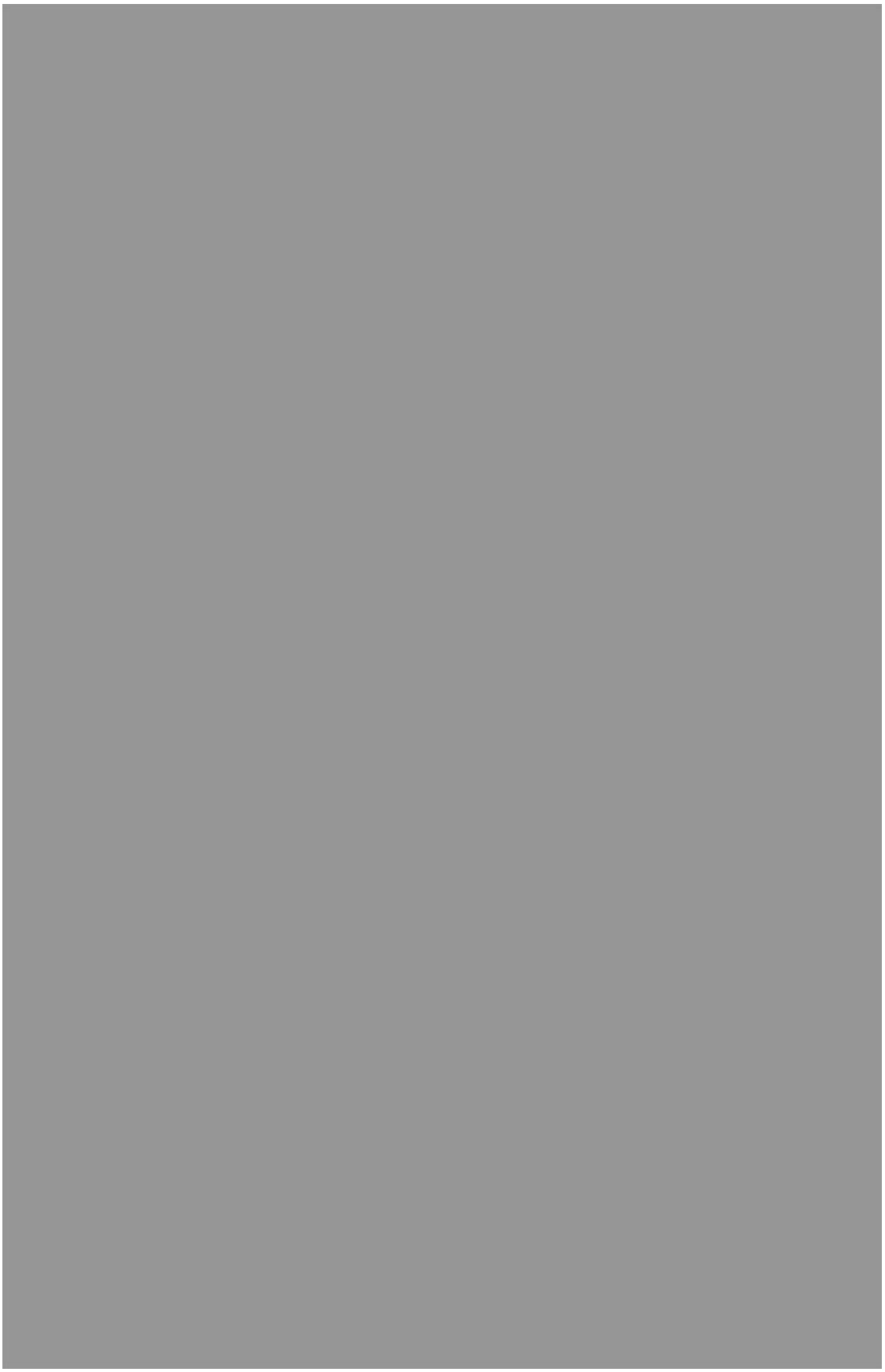
Nós cremos na verdade de que ser justificados diante de Deus e purificados dos nossos pecados é um resultado da graça de Deus, obtido exclusivamente por meio da fé em Jesus, como o nosso sacrifício pelo pecado.

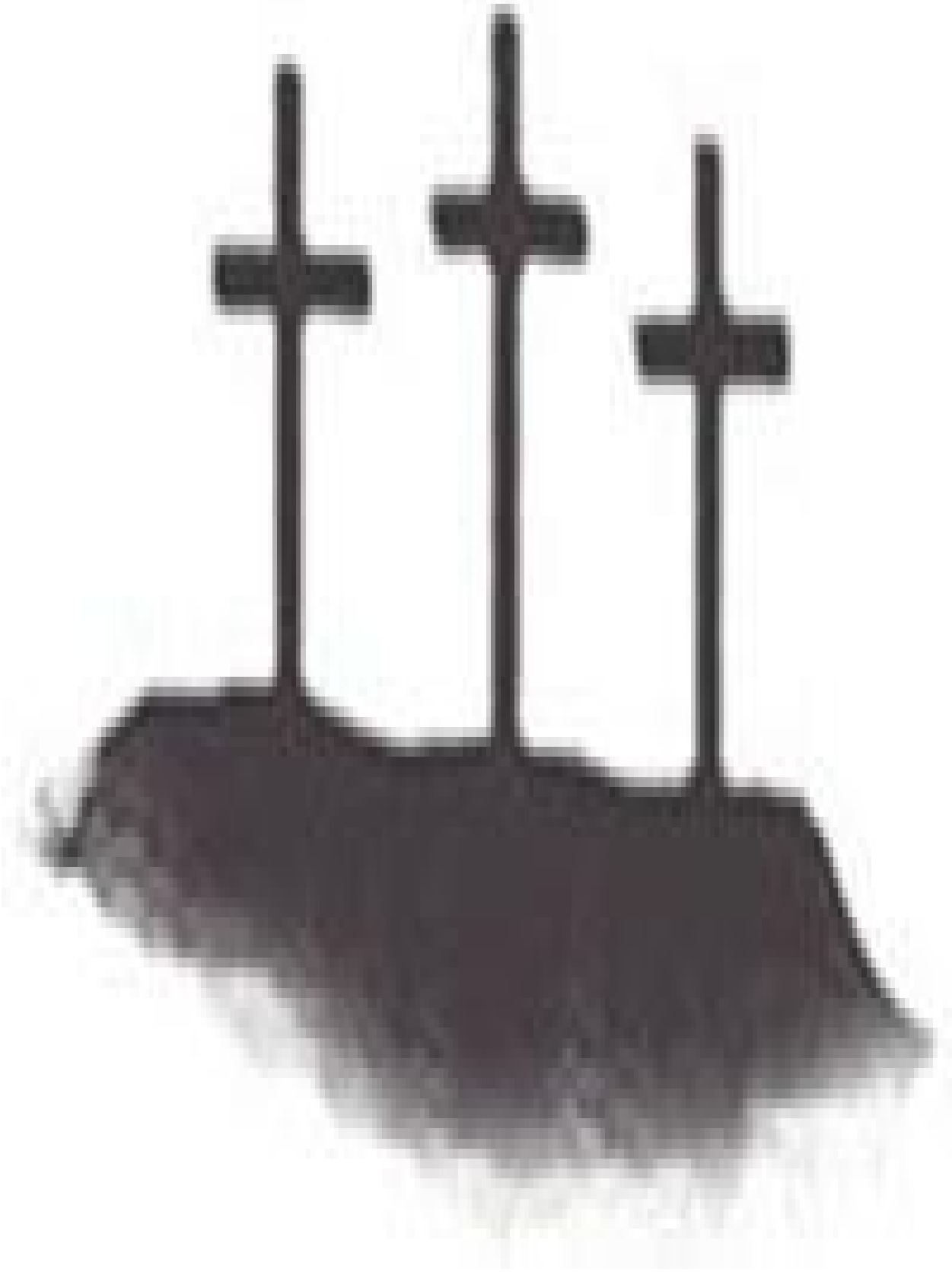
▪

Cristo expiou o nosso pecado pela sua morte na cruz. Quando depositamos a nossa fé nEle como nosso substituto, somos redimidos e justificados diante de Deus. Somos separados como o seu povo santo. Não pelo que fizemos, mas pelo que Cristo fez. “Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Ora, àquele que faz qualquer obra, não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça” (Rm 4.3,4).

Verdade Número Seis

A Justificação pela Fé





Capítulo Vinte e Cinco

A EVIDÊNCIA DE QUE CRISTO TEM O PODER DE NOS SALVAR

O seu irmão já estava morto há quatro dias. Assim, Marta chamou atenção para o óbvio quando seu amigo disse aos homens que abrissem a sepultura. “Senhor, já cheira mal...” Jesus respondeu: “Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11.39,40).

Jesus pretendia, claramente, que os Seus milagres fossem entendidos como uma validação da sua identidade como o Filho de Deus.

A implicação aqui é que, se Marta cresse o suficiente, seu irmão, Lázaro, seria ressuscitado dos mortos? A fé tem esse tipo de poder? Absolutamente, não. Não existe poder no ato de crer, por si só. O poder da nossa fé está no objeto daquilo em que se crê. A menos que Jesus fosse, verdadeiramente, o Filho de Deus, toda a fé do mundo não teria ressuscitado Lázaro dos mortos, e nenhuma fé em Cristo nos salvará se Jesus não for, verdadeiramente, o Deus homem. Não podemos ser redimidos e justificados diante de Deus, nem receber o dom da vida eterna, a menos que Jesus seja quem Ele afirmou ser — o Filho de Deus, o sacrifício aceitável diante de Deus. É importante, portanto, para a nossa confiança na salvação, que saibamos, com certeza, que Jesus é, verdadeiramente, Deus em carne.

Nós já comentamos duas razões pelas quais temos tão confiante fé de que Jesus é o Cristo: Ele nasceu de uma virgem e Ele cumpriu todas as profecias

messiânicas. Mas aqui está outra evidência para respaldar a nossa certeza. O próprio Jesus enfatizou que as suas ações, como o seu milagre de ressuscitar Lázaro dos mortos, eram evidências de que Ele é o Filho de Deus.

Os Milagres de Cristo

Os versículos seguintes nos apresentam exemplos de como o próprio Jesus afirmou que os seus milagres forneciam prova da sua identidade como o Filho de Deus:

Eu tenho maior testemunho do que o de João [Batista], porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço testificam de mim, de que o Pai me enviou (Jo 5.36).

As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas testificam de mim (Jo 10.25).

Se as faço [as obras de meu Pai], e não credes em mim, crede nas obras, para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim, e eu, nele (Jo 10.38).

Jesus pretendia, claramente, que os seus milagres fossem entendidos como uma validação da sua identidade como o Filho de Deus. Depois da sua ascensão, os seus seguidores também indicaram os seus milagres como provas da sua identidade. Como disse o apóstolo Pedro, no Dia de Pentecostes: “Jesus Nazareno [é] varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis” (At 2.22). O apóstolo João, apontando para a identidade de Cristo como Deus, narra que Jesus fez muitos outros “sinais” que nem mesmo foram registrados para nós (Jo 20.30).

O milagre mais importante que Jesus realizou foi ressuscitar dos mortos. Pois se Ele não tivesse conquistado a morte, “é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1 Co 15.17). Nós vamos dedicar dois capítulos inteiros à sua ressurreição, mais adiante neste livro.

Imagine Caminhar com Jesus

Imagine ser um dos discípulos de Jesus, caminhando ao lado dEle, em uma ensolarada tarde de sábado. Vocês acabam de sair do Templo, onde líderes religiosos acusaram Jesus de estar possuído por um demônio. Eles estavam tão irados que quase chegaram ao ponto de apedrejá-los, antes que conseguissem escapar.

Andando apressadamente, você passa por um mendigo cego, sentado sobre as pernas, na rua. Você percorre alguma distância antes de perceber que Jesus não o acompanhou. Você olha para trás, e vê o Mestre olhando para o homem, que é, de certa forma, parte da paisagem nessa área porque pede esmolas nesse lugar. Embora poucos conheçam o nome do mendigo, muitos conhecem as suas circunstâncias; ele era cego de nascença.

Você volta com os discípulos, e se aproxima das duas pessoas — o mendigo e o Professor — perguntando-se por que Jesus havia parado ali. Um dos companheiros de Jesus, sempre impetuoso e ansioso por agradar, lança uma pergunta: “Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (Jo 9.2).

Jesus, com Sua bondade característica, coloca os Seus joelhos no chão ao lado do homem e responde, muito mais para ele do que para o discípulo que havia feito a pergunta: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus” (Jo 9.3).

A estranheza das palavras de Jesus ecoa nos muros dos edifícios que cercam o local. Ele explica que os olhos deste homem — que nunca haviam visto o sorriso de sua mãe, nunca haviam contemplado o espantoso mármore branco do templo de Herodes refletindo os raios do sol, nunca haviam observado ondas de vento

pelo dourado de um campo de trigo, nunca haviam se fixado no rosto enrubescido de uma jovem apaixonada — haviam estado escuros durante todos esses anos, para que o poder de Deus pudesse ser visto neles, hoje!

Você observa como os outros; a sua atenção está entre o homem que vivia nas trevas e o Homem que dizia ser a luz do mundo. Jesus cospe na terra, não uma vez, mas várias. Ninguém fala nada, enquanto Ele forma um monte de barro em suas mãos de carpinteiro, e pacientemente, gentilmente, espalha o barro sobre os olhos do cego.

Jesus, então, diz: “Vai, lava-te no tanque de Siloé” (Jo 9.7). O que acontece a seguir desafia a explicação natural e até mesmo excede a compreensão da ciência médica do século XXI. Quando o homem obedece a Jesus e lava o barro de seus olhos, ele consegue ver!

Em um instante, um dos órgãos mais complexos do corpo humano está curado! Sem um bisturi para remover cuidadosamente a provável causa da cegueira — uma catarata congênita que havia nublado o cristalino desse homem — sem um minúsculo tubo de sucção para limpar os globos oculares enevoados e gelatinosos do líquido vítreo, os olhos do homem estão curados. Não houve nenhuma cirurgia a laser para reconectar as retinas. Não houve nenhum fluido altamente sofisticado aplicado à complexa camada de células fotossensoras no fundo dos olhos, que permitissem que 7 milhões de cones e 125 milhões de bastonetes enviassem suas mensagens codificadas de luz ao cérebro, por meio de milhões de fibras que constituem o nervo ótico. E não houve nenhuma terapia prescrita para a ambliopia permanente no interior dos olhos do homem — o subdesenvolvimento do sistema visual que resultava de décadas de falta de uso.[1]

Vinte séculos depois, esse tipo de cegueira congênita ainda é, muitas vezes, incurável, mesmo que a cirurgia seja realizada pelos mais habilidosos cirurgiões no centro cirúrgico mais avançado do melhor hospital do mundo. Mas Jesus, o carpinteiro galileu, realizou essa cirurgia em um instante, usando barro e a sua própria saliva como suas únicas ferramentas.

Por mais fascinante que seja esta cura — e ela é apenas um dos muitos milagres que Jesus realizou — ela não deveria ser surpreendente. Embora a tarefa de remover cataratas, reconectar retinas e reconstruir o maquinário ultrassensível do olho humano sejam um campo altamente especializado e ainda em evolução, não era um grande feito para Jesus de Nazaré — porque Ele é o Deus criador, o

arquiteto do olho humano.

“Creio!”

A cura do homem que havia sido cego foi mais do que simplesmente milagrosa para as primeiras pessoas que ouviram falar dela — para alguns, foi perturbadora. Quando as notícias chegaram aos fariseus, causaram uma comoção: “Então, alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles” (Jo 9.16).

A cura do homem cego de nascença foi estonteante para os críticos de Jesus. Muitos dos fariseus já o haviam rejeitado como o Messias. Ele não havia correspondido às suas expectativas políticas e religiosas. O reino que Ele proclamava exigia humildade, arrependimento, servidão e devoção à pessoa de Deus. Eles esperavam que o Messias insistisse na devoção para com um corpo de regras rabínicas e regulamentos, para purificar as pessoas para o seu destino nacional. Assim, eles não queriam ter nada a ver com o tipo relacional de religião de Jesus. No entanto, os seus milagres lhes apresentaram um grande dilema. Como poderiam aceitar um homem que não compartilhava de suas ambições nacionalistas? E como eles poderiam rejeitar um homem que exibia um poder tão espantoso?

Em primeiro lugar, os fariseus decidiram investigar. Eles chamaram o homem curado, para que comparecesse diante deles e explicasse o que havia acontecido. A seguir, chamaram os pais dele, para confirmar se realmente havia nascido cego. Finalmente, eles trouxeram o homem de volta para um interrogatório, esperando solucionar o dilema.

A verdade é que a investigação não foi realmente aberta e objetiva, porque eles não conseguiam se persuadir a crer no que o milagre indicava claramente: que Jesus era mais do que um homem. E ainda assim, eles não conseguiam explicar como um mero homem — um homem que eles supunham ser um pecador, como eles — podia realizar tal milagre (veja Jo 9.17-22). Às suas perguntas, o homem que antes havia sido cego respondeu: “Se é pecador, não sei; uma coisa sei, e é

que, havendo eu sido cego, agora vejo... Desde o princípio do mundo, nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer" (Jo 9.25, 32-33).

A narrativa de João conclui a história:

Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus? Ele respondeu e disse: Quem é ele, Senhor, para que nele creia? [Lembre-se, este homem não tinha ideia de qual era a aparência de Jesus].

E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo. Ele disse: Creio, Senhor. E o adorou (Jo 9.35-38).

O homem que havia sido cego não teve dificuldades em ver a verdade, porque a Verdade está diante dele. Este homem que podia realizar milagres era mais que meramente humano. "Havendo eu sido cego, agora vejo", disse o homem curado, citando a evidência que logo o convencera. "Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer", mas Jesus fez isso; Ele teve o poder para realizar esse e outros milagres, porque Ele era o Escolhido (veja Jo 1.1). O seu poder simplesmente refletia a sua identidade. Quem, senão Deus, teria o domínio que Jesus demonstrava sobre o corpo humano, o clima, a gravidade, e até mesmo a morte? Quem, senão o Filho de Deus, poderia fazer essas coisas?[2]

- Aplacar uma tempestade (veja Mateus 8)
- Fazer um mudo falar (veja Mateus 9)
- Dar de comer a 5.000 pessoas com cinco pães e dois peixes (veja Mateus 14)
- Expulsar demônios (veja Marcos 5)
- Andar sobre a água (veja Marcos 6)
- Dar a visão aos cegos (veja Marcos 10)

• Amaldiçoar uma figueira (veja Marcos 11)

• Predizer o futuro (veja Marcos 14)

• Curar um homem paralítico (veja Lucas 5)

• Ressuscitar um menino (veja Lucas 7)

• Curar uma hemorragia incurável (veja Lucas 8)

• Purificar leprosos (veja Lucas 17)

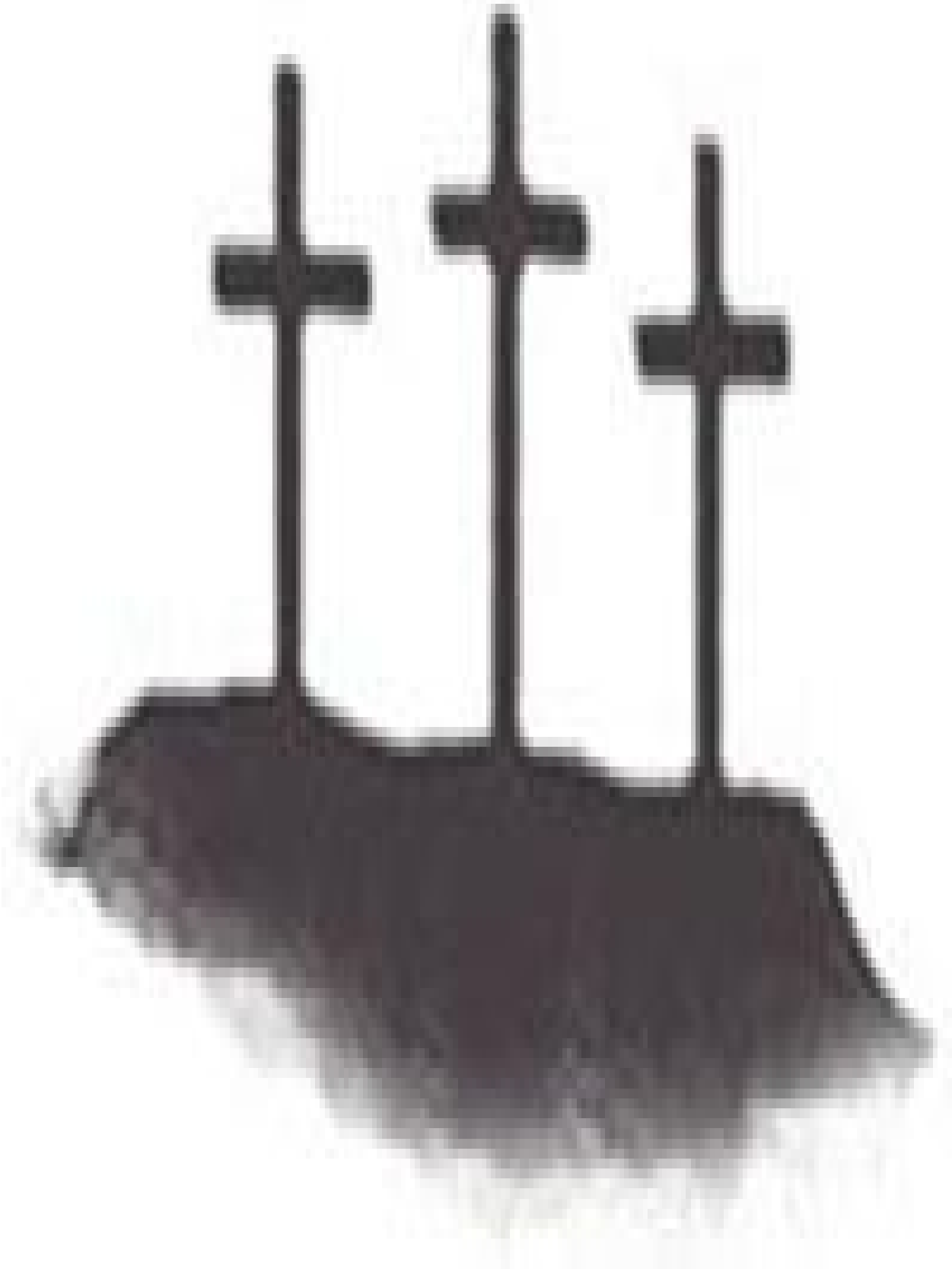
• Converter água em vinho (veja João 2)

• Fazer andar os coxos (veja João 5)

• Perdoar pecados (veja João 8)

• Ressuscitar um homem (veja João 11)

Os milagres de Jesus exibem evidências convincentes de que Jesus era o Cordeiro perfeito de Deus, que se sacrificou para que você e eu pudéssemos ser redimidos e justificados diante de Deus. Jesus disse: “Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras” (Jo 14.11). Quando depositamos a nossa fé em Jesus, podemos ter confiança de que Ele é aquEle que Deus aceita como um sacrifício por nós. Ser declarado justo, apesar do nosso pecado, significa que “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus... Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.1,2). A sua sentença de morte foi cancelada, e você é um filho de Deus!



Capítulo Vinte e Seis

A ALEGRIA DA SALVAÇÃO

Imagine ser transportado a um grande tribunal. Deus Todo-Poderoso está sentado, como Juiz, atrás de uma imponente mesa; a mesa da acusação está à sua esquerda e a da defesa, à sua direita. Você identifica Satanás em pé, junto à mesa da acusação, ao passo que um homem que parece amedrontado está sentado sozinho à mesa da defesa. O oficial declara em voz alta: “Caso número 8032666”. O Grande Juiz responde:

— Comecem.

— Hã... Meritíssimo — começa Satanás, zombeteiro, dirigindo-se ao juiz enquanto se move em direção ao amedrontado réu. — Sei que não tenho que lhe falar sobre todos os pecados que o acusado cometeu. Apenas os seus pecados de adultério são suficientes para condená-lo, sem mencionar a herança de Adão. A Prova A detalha as ocasiões e as datas em que o acusado sentiu desejo por mulheres — 65.243 vezes. Para piorar as coisas, as linhas marcadas em vermelho no quadro mostram as ocasiões em que o desejo desse homem o levou ao adultério. Por exemplo, em julho de 19...

— Está bem, está bem — interrompe o homem —, já chega.

— Como você se declara? — pergunta o Juiz.

— Inocente, Meritíssimo, porque realmente tenho uma defesa.

— Continue — diz o Juiz acenando com a cabeça.

— Não foi minha culpa — começa o homem. — A minha secretária era uma mulher solitária, e eu fiz o que fiz por compaixão. O Senhor percebe, ela era maltratada pelo marido, e alguém tinha que consolá-la. Eu estava ali, e...

— Irrelevante — grita Satanás. — O motivo não importa, Meritíssimo. O

simples fato de que ele cometeu esses feitos é tudo o que importa. As suas supostas razões são meras desculpas. Este homem é um pecador — diz Satanás, levantando uma folha de papel e agitando-a no ar.

— E a sua Lei diz: a alma que pecar, essa morrerá (Ez 18.4).

— Eu... Eu posso ter sido um pecador, mas... Tenho outra justificativa, Meritíssimo — gagueja o réu.

— Continue — declara o Juiz.

— Sei que o Senhor é justo — responde ele.

— Por isso, ofereço aqui todo o bem que eu fiz, durante toda a minha vida, como minha defesa.

Três homens entram na sala, carregando grandes cadernos cheios de papéis.

— Registrei as minhas nobres obras de bondade. Registrei como ajudei outros seres humanos, dediquei um pouco do meu tempo e consideráveis quantias de dinheiro para aliviar o sofrimento de outras pessoas. Além disso, amei fielmente a minha segunda esposa. — O homem sorri, orgulhoso. — Assim, o Senhor vê, as minhas boas obras são muitas, ao passo que os meus adultérios são poucos — pelo menos, em comparação. Está claro que o bem supera, de longe, o pouco mal que eu cometi.

— Irrelevante! — grita Satanás.

Ele encara o réu:

— Não interessa quanto bem você possa ter feito, você ainda é um pecador. Isto é tudo o que este tribunal precisa saber. E todos os pecadores são meus! Oh sim,você é — retruca Satanás. — Vamos examinar a questão da herança. Você é filho de Adão?

— É claro que sim — responde o homem. — Todos os seres humanos o são. O que isso tem a ver?

— Tudo! — responde Satanás. Ele fala com o Juiz, sem desviar os olhos do homem. — Meritíssimo, apelo para as palavras eternas do tribunal: Como por

um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram (Rm 5.12).

Ele aponta para o homem:

— As boas obras não podem apagar o seu pecado, meu caro, e nada que você possa fazer poderá substituir a sua sentença de morte!

Satanás se volta para o juiz, com uma expressão de presunçosa satisfação no rosto. A acusação conclui:

— Meritíssimo, o Senhor não tem alternativa, senão administrar a justiça e declarar a sentença de morte.

— Assim está escrito — declara o Grande Juiz, com certeza e angústia misturadas em sua voz. O salário do pecado é a morte (Rm 6.23). Ele bate com o martelo em sua mesa, e dois demônios, como guardas, entram e arrastam para fora do tribunal o homem que, curvado, soluça amargamente. Satanás o segue, vaiando-o todo o tempo.

De repente, você é levado à mesa da defesa, e inclina a cabeça, envergonhado pelo que você teme que será revelado.

O Juiz lê um papel que está diante dEle. “Caso número 2308777”. Ele olha para você e pergunta:

— Como você se declara?

— Inocente, Meritíssimo — você responde.

— Registrem — diz o Grande Juiz, a acusação pode começar.

Satanás dá um passo à frente, arrogante, convencido, com seu rosto inclemente exibindo desprezo e desdém.

— Então você pensa que é inocente — zomba ele. — Penso de outra maneira. Tenho aqui um longo registro de todos os seus pecados, e eles são uma legião.

Satanás começa a ler os seus pecados, um depois do outro — soberba, inveja, luxúria, avareza, explosões de ira descontrolada, ódio, egoísmo — apresentando

um exemplo após outro de seus piores pecados. Você inclina a cabeça, envergonhado, à medida que a lista continua. Finalmente, ele para, olha para o Grande Juiz, e diz:

— E, Meritíssimo, estas são as coisas que o réu fez em apenas um ano. Virando-se para você, ele diz:

— Devo continuar, ou você vai modificar a sua declaração?

— Eu ainda me declaro inocente — você diz.

Satanás ri, em escárnio demoníaco:

— Que tipo de louco é você? Você não tem defesa! De acordo com a Lei, o seu nascimento como um pecador garante a sua morte. E para piorar tudo, a sua lista de pecados poderia fazer afundar um navio de batalha. Você pode deixar de gastar o tempo do tribunal. Você não tem nenhuma defesa possível, e é um absurdo que pretenda ser inocente.

Você se levanta, e responde:

— É verdade, não tenho o direito de me declarar inocente. Estou perante esta santa corte, condenado pela minha própria natureza e culpado, em pensamentos e obras, de tudo o que você me acusa. Exceto por uma coisa.

— E qual poderia ser? — pergunta Satanás, com a voz evidenciando um desprezo sarcástico.

Você respira fundo, cai de joelhos, olha para o Juiz, e clama:

— Misericórdia, Meritíssimo!

Nesse momento, uma figura que, de alguma maneira, você tinha deixado de perceber, se levanta ao lado do Grande Juiz e se dirige ao seu encontro. Ele lhe acena com a cabeça e sorri, indicando que você deve continuar. Você limpa a garganta, se levanta e continua:

— Pequei, eu sou um escravo do pecado e da morte.

— Agora você está falando a minha língua — interrompe Satanás.

— E não há dúvida de que mereço a morte — você continua. — Mas reivindico o sangue do meu amado Salvador, Jesus Cristo, que me purificou dos meus pecados e removeu toda a culpa.

A esta altura, a pessoa que estava atrás do Juiz chegou ao seu lado. Ele diz:

— Isto é verdade — este humano é culpado e merece a morte.

A esta altura, Satanás começa a aplaudir. O Grande Juiz levanta a mão:

— Silêncio! — exige Ele.

— A morte é o pagamento pelo pecado — continua o homem ao seu lado. E eu mesmo fiz esse pagamento.

— Objeção! — grita Satanás.

— Negada. — As palavras explodem, na imponente voz do Grande Juiz. Você sente uma mão gentil apertando o seu ombro. Você olha e vê que é Jesus que está ao seu lado.

— É verdade — declara Jesus, com a sua voz forte e confiante. — Eu, Deus Filho, paguei a dívida do pecado por este humano.

A seguir, Jesus olha para você, e continua:

— E você, meu filho, depositou toda a sua confiança em mim, como sua defesa.

— Ridículo! — grita Satanás ao Grande Juiz. — O Senhor não pode permitir esse tipo de conversa com duplo sentido. Quem é a autoridade aqui, afinal? A Lei deve prevalecer: A alma que pecar, essa morrerá. — Satanás se vira para Jesus e exulta. — O réu pecou, é o humano que está merecendo a morte, e não você — diz Satanás apontando para Jesus. — É o acusado que deve morrer.

Jesus se dirige ao Grande Juiz, dizendo:

— A acusação está apresentando as minhas razões, Meritíssimo. Ele tem absoluta razão; eu não merecia a morte, e por isso fui um perfeito substituto para o meu cliente.

— Isso é loucura... uma infâmia! Injusto! Não... nem mesmo é legal! — diz Satanás.

— Aparentemente, a acusação se esqueceu das suas palavras infalíveis, Meritíssimo — responde Jesus. — Se a corte assim desejar, vou refrescar a sua memória, pedindo que o meu cliente leia as suas santas palavras.

Jesus entrega a você as santas Palavras de Deus, e aponta para uma passagem. O seu sorriso lhe dá confiança, enquanto Ele sussurra:

— Leia em voz alta, e com confiança.

Você limpa repetidas vezes a garganta.

— Deus colocou em ação um plano diferente para me salvar. Ele enviou o seu próprio Filho em um corpo humano como o meu, com a diferença de que o meu é pecador. Deus destruiu o controle do pecado sobre mim, entregando o seu Filho como um sacrifício pelos meus pecados (Rm 8.3, parafraseado).

— Não. Não. Não! — Satanás grita, batendo na mesa com seu punho. — Isso não é justo. Isso é misericórdia, e eu não suporto a misericórdia. Além disso, este tribunal não trata disto. Meritíssimo, o Senhor é um Juiz justo, e sei que o Senhor insiste na justiça. Na verdade, eu exijo justiça!

Jesus olha para o Grande Juiz, e diz:

— A justiça foi feita, Meritíssimo. O pecado foi cometido, e a minha morte, como Deus Filho, pagou a punição por ele. Agora que a justiça foi feita, este tribunal tem todo o direito de conceder misericórdia e inocentar este humano. O meu amigo aqui é legalmente inocente, porque eu assumi todos os pecados que ele cometeu, e sofri a punição. Isso não é verdade, Pai?

— Assim está escrito na minha Palavra eterna — começou o Juiz. Ele olha diretamente para você, enquanto continua.

— Você foi justificado diante de mim quando creu em meu Filho, Jesus Cristo, confiando nEle para remover os seus pecados (Rm 3.22). E o seu testemunho aqui é de que você fez isso, correto?

— Correto — responde você, sem hesitar.

— Não! Não! Não! Não! — grita Satanás.

— Este miserável é um pecador completo. Eu já mostrei a prova. O humano não alcança os seus padrões de justiça. Não alcança! Insisto no pagamento do salário — a morte eterna para este filho de Adão.

O Juiz levanta a mão e diz:

— Silêncio no tribunal! O pagamento da morte foi feito. Os pecados deste humano estão abolidos, quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim estão afastadas as suas transgressões. E este filho de Adão é, agora, um filho de Deus. Assim está escrito.

— Agora, eu, em minha graça e bondade, declaro você — e Ele olha diretamente para os seus olhos — "inocente". Faço isto por Cristo Jesus, que o livrou removendo os seus pecados (Rm 3.24).

Você sente o braço do seu Advogado de defesa ao redor dos seus ombros, enquanto o puxa para junto dEle. Você olha para o seu rosto. Ele sorri, e lhe dá uma piscadela, para tranquilizá-lo.

O Grande Juiz continua a ler.

— Enviei Jesus para assumir a punição pelos seus pecados e para satisfazer a minha ira por você. Você foi justificado perante mim quando creu que Jesus derramou o seu sangue, sacrificando a vida dEle pela a sua" (Rm 3.25).

— Não é justo! Não é justo! — grita Satanás.

O Juiz levanta a mão para pedir silêncio outra vez, e diz:

— Sou completamente justo nesta ocasião quando declaro que este pecador está justificado diante de mim, porque [este filho meu] crê em Jesus (Rm 3.26).

Com isso, o Grande Juiz bate o martelo ruidosamente na grande mesa e declara:

— Esta pessoa está justificada pela minha graça, por meio da fé em Jesus. Caso encerrado!

▪

Nós fomos libertados do pecado, recebemos paz de espírito e paz no coração, estamos livres da culpa, recebemos uma razão para viver e temos a esperança da vida eterna com Ele.

A essência deste exemplo fictício é absolutamente verdade. As impressionantes passagens de Romanos 3, embora personalizadas no contexto da nossa história, não são fictícias, mas citações diretas das Escrituras. A maioria das pessoas pode crer que as suas boas obras irão persuadir Deus a lhes conceder um lugar no céu. Mas a realidade é que a sua sentença de morte, o salário do seu pecado, foi substituído e você foi redimido e justificado diante de Deus, exclusivamente pela sua fé em Cristo. E, o que é igualmente importante, por causa do sacrifício de Cristo e da sua fé nEle, a sua condição como um filho ou filha de Adão se modificou. Você é agora um filho de Deus!

A sua Alegria Completa

"[Deus] nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade, e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade" (Ef 1.4,5). Você nasceu morto. Você estava sozinho, abandonado e sem amor, por causa do pecado. Você estava com medo, desconectado e sem uma verdadeira conexão familiar. Mas agora, se você creu em Jesus, tem uma verdadeira família e é alguém especial. O apóstolo Paulo disse que "Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai [ou Papai]" (Gl 4.6).

Como resultado de ser justificados diante de Deus, o seu Santo Espírito entra em nossa vida e nós somos adotados em sua família. Não somente recebemos a sua vida eterna e podemos chamar Deus de nosso Papai, mas "se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo"

(Rm 8.17).

Escolhidos, redimidos, justificados, santificados, adotados em uma família, receptores da vida eterna e participantes de uma herança eterna! O que mais poderíamos pedir?

O rei Davi falou sobre isto, descrevendo a felicidade de um pecador não merecedor que é declarado justo:

Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado (Rm 4.6-8).

Na realidade, Jesus está lhe dizendo, “Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15.11). “Ele mesmo [Cristo] é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (At 17.25). A sua perfeição, a sua alegria e felicidade são encontradas em um relacionamento com Deus como seu Pai. Ele não precisava salvá-lo. Mas pela sua graça, Ele lhe concede um relacionamento de adoção — e a todos nós que depositamos a nossa fé em Cristo. Nós fomos libertados do pecado, recebemos paz de espírito e paz no coração, estamos livres da culpa, recebemos uma razão para viver e temos a esperança da vida eterna com Ele. “[Deus] nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós” (1 Pe 1.3, 4).

Uma das Maiores Alegrias da minha Vida

Desde os meus onze anos de idade, quando eu (Josh) deixei aquele celeiro, sentindo-me abandonado, sozinho e zangado, eu estava determinado a encontrar a felicidade, tenho explicado como a minha busca para encontrá-la me conduziu pela religião, educação e prestígio, somente para ficar desapontado com tudo isso. Mas Deus foi fiel comigo. Eu não o amava, mas Ele me amava. Eu percebia Jesus à porta do meu coração, implorando, “Veja, tenho estado à sua porta batendo constantemente. Se você me ouvir bater e abrir a porta, entrarei”

(parafraseado de Ap 3.20). Estava no segundo ano da faculdade e continuava mantendo aquela porta fechada e trancada. Não me importava se Jesus havia andado sobre as águas ou convertido água em vinho. Eu não queria que nenhum estraga-prazeres acabasse com a minha diversão. Não conseguia pensar em nenhuma maneira mais rápida de arruinar a minha diversão. Eu achava que tudo era diversão, mas na verdade eu era infeliz e um campo de batalha ambulante. A minha mente me dizia que o cristianismo era a verdade, mas a minha vontade resistia a isso com toda a energia que conseguia reunir.

Então, havia o problema do orgulho. Naquela época, a ideia de me tornar cristão arrasava o meu ego. Eu havia acabado de provar que todo o meu modo de pensar anterior estava errado e os meus amigos é que estavam certos. Todas as vezes que me encontrava com aqueles cristãos entusiastas, o conflito interior fervia. Se você já esteve com pessoas felizes quando se sente infeliz, sabe como a alegria delas pode irritá-lo. Às vezes me levantava, deixava o grupo e corria para fora do grêmio estudantil. As coisas chegaram a um ponto em que eu estava na cama às dez horas da noite, mas não conseguia dormir antes das quatro horas da manhã. Não conseguia me livrar do problema e tinha que fazer alguma coisa antes de enlouquecer.

Foi naquele ponto que dei um passo de fé inteligente. Dei as costas à minha antiga vida e depositei minha confiança em Jesus como o meu sacrifício pelo pecado — o meu Salvador. E posso dizer, como Paulo, “agora, já o não conhecemos desse modo. Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Co 5.16,17).

Para mim, um aspecto dessa nova vida era a paz — o alívio da minha inquietude. Antes de confiar em Cristo, eu sempre tinha que estar ocupado, tinha que estar no apartamento da minha namorada, em uma festa no grêmio estudantil, ou saindo com amigos. Andava pelo campus com a minha mente em um redemoinho de conflitos. Sentava-me e tentava estudar, ou pensar, mas não conseguia fazer isso. Mas depois que entreguei a minha vida a Jesus, um tipo de paz mental se instalou em mim. Não me entenda mal; não quero dizer que todos os conflitos acabaram. O que encontrei nesse relacionamento com Deus não foi tanto a ausência de conflito, mas a capacidade de lidar com ele. Eu não trocaria isso por nada neste mundo.

Outra área que começou a mudar para melhor dizia respeito ao meu mau humor. Eu costumava explodir se alguém apenas me olhasse de maneira diferente.

Ainda tenho as cicatrizes de uma briga em que quase matei um homem, no meu primeiro ano na universidade. O meu temperamento era uma parte tão marcante de mim que não procurava conscientemente modificá-lo, mas certo dia deparei-me com uma crise que teria me feito explodir, somente para descobrir que eu permaneci calmo e composto. O meu temperamento explosivo havia desaparecido! Isso não era obra minha. Jesus havia me dado uma nova vida. Isso não quer dizer que eu era perfeito. Passei quinze anos sem perder a calma, mas quando realmente a perdi, receio que tenha compensado todas aquelas outras ocasiões em que eu não a havia perdido.

Jesus me transformou de outra maneira. A minha antiga vida consistia de ódio. Eu tinha uma grande carga de ódio que me esmagava. Ela sugava a alegria da minha vida. Isso não era possível perceber externamente, mas ela ainda persistia internamente e tornava a minha vida infeliz. Eu me irritava com as pessoas, com coisas, com problemas. Eu era inseguro. Sempre que conhecia alguém diferente de mim, essa pessoa se tornava uma ameaça, e eu reagia com algum nível de ódio.

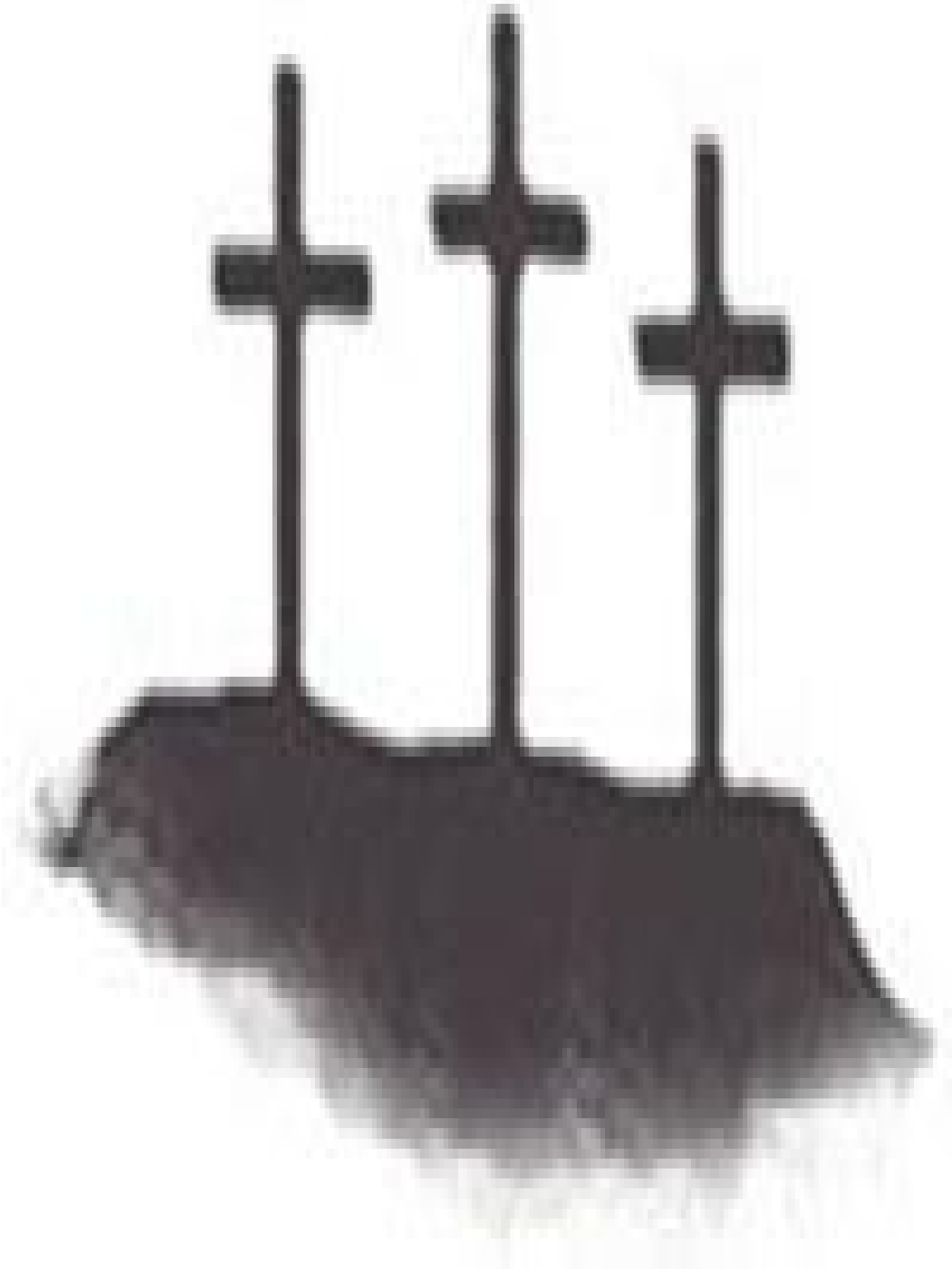
Mas eu odiava um homem mais que qualquer outra pessoa no mundo... o meu pai. Eu me envergonhava por ele ser o alcoólatra da cidade. Se você é de uma cidade pequena e o seu pai ou a sua mãe é um alcoólatra, você sabe o que eu quero dizer. Todos sabem. Os meus amigos da faculdade faziam piadas sobre o problema de bebida do meu pai. Eles não achavam que isso me incomodava porque eu acompanhava a piada e ria com eles. Eu ria, por fora, mas chorava por dentro. Quando era criança, ia ao celeiro e encontrava minha mãe tão espancada por meu pai que ela não conseguia se levantar, e ficava deitada em meio ao estrume, atrás das vacas. Isso me destruía, quando eu era criança. Quando nós recebíamos visitas, eu levava o meu pai bêbado ao celeiro, e o amarrava e estacionava o seu carro atrás do silo. Eu tinha vergonha de que alguém o visse daquela maneira. Nós dizíamos aos nossos convidados que ele não estava em casa. Não creio que alguém pudesse odiar uma pessoa mais do que eu odiava o meu pai.

Cerca de cinco meses depois que eu depositei a minha fé em Cristo, o amor de Deus entrou em minha vida, de maneira tão poderosa que eu tomei aquele ódio, e o esvaziei completamente. Em seu lugar, Deus me deu amor e alegria. Consegui olhar o meu pai diretamente nos olhos e dizer: “Papai, eu amo você”. E eu realmente quis dizer isso. Depois de algumas das coisas que eu havia feito a ele, isso realmente o chocou.

Depois que me transferi para uma universidade particular, um grave acidente de carro me colocou em um hospital. Quando fui levado para casa, para me recuperar, o meu pai veio me visitar. Admiravelmente, ele estava sóbrio naquele dia, mas ele parecia desconfortável e inquieto, andando pelo quarto. Então, ele perguntou, subitamente: “Filho, como você pode amar um pai como eu?” Eu respondi: “Papai, há seis meses eu o desprezava”. E então eu lhe contei a história da minha pesquisa e as conclusões sobre Jesus Cristo. Eu lhe disse: “Depositei a minha confiança em Cristo, recebi o perdão de Deus, convidei-o à minha vida, e Ele me transformou. Eu não consigo explicar, papai, mas Deus removeu o meu ódio e o substituiu pela capacidade de amar. Eu amo você e o aceito exatamente como é”.

Nós conversamos durante quase uma hora, e então tive uma das maiores alegrias da minha vida. Este homem, que era o meu pai, este homem que me conhecia bem demais para que eu pudesse enganá-lo, esse homem olhou para mim e disse, “Filho, se Deus pode fazer, na minha vida, o que eu vi que Ele fez na sua, então quero dar a Ele a oportunidade. Quero confiar nEle como meu Salvador e Senhor”.

Normalmente, depois que uma pessoa deposita a sua confiança em Cristo, as mudanças em sua vida acontecem durante um período de dias, semanas, meses ou até mesmo anos. Na minha vida, a mudança levou de seis a dezoito meses, e ainda há mudanças acontecendo. Mas a vida de meu pai mudou, bem diante dos meus olhos. Foi como se Deus estendesse a mão e tocasse no interruptor de luz. Nunca antes, nem depois, eu vi uma transformação tão dramática. Depois desse dia, meu pai tocou em apenas uma bebida alcoólica. Ela chegou somente a tocar os seus lábios antes que a jogasse fora. Para sempre. Posso chegar a uma única conclusão: Um relacionamento com Jesus Cristo transforma vidas, e torna a nossa alegria completa.[1]



Capítulo Vinte e Sete

EXPLICANDO COMO TER UM RELACIONAMENTO COM DEUS

Deus fez esforços extraordinários para ter um relacionamento com você. Ele deixou o céu, sofreu uma morte torturante, e ressuscitou para levá-lo a uma nova vida nEle. Repetindo, Ele fez tudo isso porque “Deus zeloso é ele” sobre o seu relacionamento com você (Êx 34.14).

Assim, se você não tem esse relacionamento e deseja encontrá-lo, quais são os passos que deve dar? Aqui está uma apresentação simples da história do Evangelho, que pode ser usado como um guia para estabelecer um relacionamento com Deus — ou levar alguém que você conhece a esse relacionamento.

1. Você pode de fato conhecer a Deus pessoalmente?

• Deus ama você. “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou” (1 Jo 4.10, ARA).

• Deus tem um plano para que você o conheça pessoalmente. “A vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3).

• Deus tem um futuro para você. Você pode reivindicar as promessas que Deus fez aos filhos de Israel quando disse: “Eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais” (Jr 29.11).

2. O que nos impede de conhecer a Deus pessoalmente?

• Os humanos são pecadores. “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23).

Embora tenhamos sido criados para ter um relacionamento com Deus, por causa do nosso egocentrismo, preferimos seguir o nosso caminho independente, em desobediência. Esta teimosia, caracterizada por uma atitude de rebelião ativa ou indiferença passiva, é uma evidência do que a Bíblia chama de pecado.

• Os humanos estão separados [de Deus]. “O salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). A morte de que Paulo fala aqui não é a mera morte física, mas a separação espiritual de Deus. Isso significa que “os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo... padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder” (2 Ts 1.8, 9).

Este pecado, que se manifesta na vida de cada um nós, nos impede de sentir o amor de Deus e nos separa de um relacionamento íntimo com Ele. Esta separação traz tumulto à terra, e consequências eternas.

3. Deus propiciou uma maneira de eliminar essa separação.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a única provisão de Deus para o nosso pecado. Somente por meio dEle podemos conhecer a Deus pessoalmente e sentir o seu amor.

• Cristo morreu em nosso lugar. “Deus propôs [Jesus] para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos” (Rm 3.25).

• Cristo ressuscitou dos mortos. “Cristo morreu por nossos pecados... [Ele] foi sepultado... ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e foi visto por Cefas e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos” (1 Co 15.3-6).

• Cristo é o único caminho até Deus. Jesus disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

Mas...

4. Não é suficiente apenas conhecer essas verdades.

• Devemos receber individualmente Jesus Cristo como Salvador e Senhor; então poderemos conhecer a Deus pessoalmente e sentir o seu amor. “A todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus” (Jo 1.12).

Recebemos Cristo pela fé, depositando a nossa confiança nEle, no seu poder e na sua autoridade. “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8, 9).

• Recebemos Cristo aceitando o seu convite pessoal. Ele diz: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei” (Ap 3.20).

E...

5. Quando recebemos Cristo, somos transformados.

• Quando o recebemos pela fé, como um ato da nossa vontade, temos uma nova vida. “Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Co 5.15).

Apenas concordar intelectualmente que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que Ele morreu na cruz pelos nossos pecados não é fé. A fé requer uma renúncia séria aos caminhos anteriores e uma confiança em Deus para conduzir o futuro. A mera crença intelectual não é adequada para que Cristo entre em sua vida, nem é suficiente ter uma experiência religiosa emocional. Receber Cristo envolve converter-se a Deus, afastando-se de si mesmo (arrependimento) e confiar que Deus vem a nossa vida para perdoar os nossos pecados e nos tornar o que Ele quer que sejamos.

6. A Bíblia promete a vida eterna a todos os que recebem a Cristo

• Quando o recebemos, somos assegurados da vida eterna no céu e da alegria aqui, na terra. “Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna e para que creiais no nome do Filho de Deus” (1 Jo 5.11-13).

Se você ainda não confiou em Cristo pela fé, pode fazer isso agora mesmo. As palavras da seguinte oração não são mágicas, elas são simplesmente uma sugestão para permitir que você expresse um desejo sincero de se afastar do seu ego e voltar-se para Deus:

“Senhor Jesus, creio que és quem afirmas ser, e quero conhecer-te pessoalmente. agradeço-te, porque morreste na cruz pelos meus pecados. Aceito o teu perdão e deposito a minha confiança em ti, como meu Salvador e Senhor. Entra no meu coração e faz de mim a pessoa que me criaste para ser. Em teu nome. Amém”.

Um Novo Começo

Se você acaba de depositar a sua confiança em Jesus, ou se acaba de conduzir alguém à confiança nEle para a salvação, você ou essa pessoa embarcaram em um novo princípio. “Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Co 5.17). O que isto quer dizer?

• Você reconheceu que tinha um problema. Pecou contra Deus e seguiu o seu próprio caminho.

• Você percebeu que Jesus é a única solução. Pediu que Deus perdoe os seus pecados. Afastou-se da sua antiga vida e se voltou para Jesus como a sua única esperança de um relacionamento com Deus.

• Você respondeu a Jesus em fé, depositando a sua confiança nEle como seu Salvador — AquEle que tomou o seu lugar.

• Você confiou em Jesus para que o leve da morte para a vida. Pela fé, você estendeu a mão, e recebeu o seu presente da vida eterna, e agora você tem um relacionamento de adoção na família de Deus.[1]

O que vem a seguir? Os capítulos restantes deste livro explicam o seu propósito e missão como um seguidor de Cristo, transformado. Deus tem um plano para a sua vida e para a minha.

Conduzindo uma Pessoa a Jesus

Uma das chaves para conduzir uma pessoa a Cristo ou levar alguém à saúde espiritual é desenvolver um relacionamento com essa pessoa. Depois que tiver estabelecido um relacionamento com a pessoa a quem você deseja apresentar a mensagem do Evangelho, você perceberá que é bom ter outra ferramenta eficaz no seu arsenal. Não há melhor maneira de mostrar um exemplo do que significa ser cristão do que o seu próprio testemunho. Um testemunho é simplesmente compartilhar o que Cristo fez em sua vida. Seu testemunho pode ser uma ferramenta importante e poderosa, se desenvolvida da maneira apropriada. As Escrituras nos dizem: “E eles o venceram [a Satanás] pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho” (Ap 12.11). Não é difícil desenvolver a sua própria história de uma maneira que possa ser compartilhada de maneira concisa e eficaz. Aqui estão algumas orientações.

Como Preparar o seu Testemunho Pessoal

Antes de começar, peça que Deus lhe dê sabedoria e orientação para conseguir uma apresentação eficaz. A seguir, você pode usar o esquema de três pontos apresentado a seguir como uma estrutura para montar a sua própria história pessoal.

A minha vida antes de conhecer Cristo

a. Crie a sua primeira frase de modo que ela seja interessante e chame a atenção.

b. Inclua os bons elementos da sua vida antes de Cristo (por exemplo, boa

pessoa, atleta, realizações, moral, generosidade, frequência à igreja e assim por diante).

c. Identifique um problema essencial (por exemplo, falta de alegria, falta de propósito, orgulho, prioridades erradas) que caracterizasse a sua vida antes que se tornasse seguidor de Cristo.

d. Mostre como esse problema afetou a sua vida.

OU se você teve uma conversão na infância, descreva os seus “tenros anos”.

e. Conte como cuidavam de você quando era criança (por exemplo, as necessidades físicas de comida e abrigo eram atendidas pelos seus pais ou parentes).

f. Fale como a sua necessidade de um relacionamento pessoal com Deus ficou evidente (por exemplo, “aos _____ anos de idade, percebi a minha necessidade espiritual de conhecer a Deus”).

Como eu vim a Cristo

a. Seja específico.

b. Evite declarações confusas (por exemplo, “Segui adiante”). Também evite os termos de “cristianês” (por exemplo, “Fui redimido pela morte propiciatória e substitutiva do Cordeiro”, e assim por diante).

c. Fale sobre Cristo e a sua obra (isto é, faça uma apresentação do Evangelho dentro do seu testemunho).

A minha vida desde que confiei em Cristo

a. Descreva como sua vida mudou desde que você aceitou a Cristo (por exemplo, com que problema Ele o ajudou, como Ele influenciou os seus atos e atitudes, e assim por diante).

b. Fale como Cristo lidou com o seu problema ou, se a sua conversão se deu na infância, apresente um possível benefício de seguir a Cristo (por exemplo, alegria, paz, esperança de vida eterna, ausência de medo da morte, perdão dos pecados e propósito na vida).

c. Seja honesto, positivo e realista (por exemplo, “Nem todos os meus problemas nesta vida foram eliminados”).

d. Inclua um atrativo para conhecer a Deus pessoalmente.

e. Termine com uma conclusão forte e convincente.

Evite:

• Frases e expressões comuns que não têm significado para os não cristãos, como “bênçãos”, “nascido de novo”, “louvar a Deus”, “conversão”, “redimido”, “glorioso” e assim por diante.

• Generalidades sobre o que aconteceu na sua vida. Seja específico.

• Fazer críticas a qualquer igreja, denominação ou indivíduo.

• Empregar um excesso de palavras exageradas, como “fantástico”, “emocionante”, “impressionante” e assim por diante.

• Pregar. Apenas transmita a sua experiência.

Para ajudá-lo a desenvolver o seu próprio testemunho, nós apresentamos dois

exemplos de como deve fazê-lo.

Exemplo de testemunho nº 1: Conversão na tenra infância.

(Minha vida antes de Cristo) Tive pais que genuinamente me amaram e cuidaram de mim quando era criança. Embora não fossem ricos, eles sempre atenderam as minhas necessidades mais básicas, como alimentação, roupas, abrigo e amor. Além de atender as minhas necessidades físicas, os meus pais também me deram uma consciência da minha necessidade de uma vida espiritual.

(Como encontrei Cristo) Quando tinha seis anos de idade, meu pai e eu comparecemos a um enterro. Quando estávamos no cemitério, fiz a ele uma pergunta básica que penso que todos nós perguntamos, em uma ocasião ou outra. A pergunta foi: "Papai, para onde uma pessoa vai, quando morre?" O meu pai respondeu a essa pergunta usando a Bíblia e me mostrando que há dois destinos possíveis depois da morte, o céu e o inferno. Ele também explicou que a Bíblia foi escrita para que pudéssemos ter certeza de que podemos ter a vida eterna... ou o céu (1 Jo 5.13). Papai me disse que o céu é o benefício dado por Deus para os que desejam se tornar seguidores de Cristo. Ele disse que seguir a Cristo era tão simples como confiar em Cristo, e não em mim mesmo, para guiar a minha vida.

(Depois que encontrei Cristo) Desde que me tornei um seguidor de Cristo, nunca mais temi a morte, porque Cristo prometeu que, como seu seguidor, viverei para sempre com Ele no céu. Não me entendam mal, a minha vida não é perfeita. Eu ainda enfrento muitos dos mesmos problemas que você. Mas a certeza da vida eterna me dá paz e confiança com as quais posso enfrentar esses problemas.

Se vocês não se importam, eu gostaria de lhes contar como também podem ter um relacionamento pessoal com Deus e ter a certeza da vida eterna.

Exemplo de testemunho nº 2: Conversão em uma fase mais adiantada da vida.

(Minha vida antes de Cristo) Aos vinte anos de idade, percebi que estava demonstrando uma boa aparência exterior, mas escondendo muitos altos e baixos em meu interior. Eu passava muito tempo procurando um relacionamento pessoal que durasse, mas ficava desapontado, uma vez após outra, até que o encontrei na amizade com Jesus Cristo.

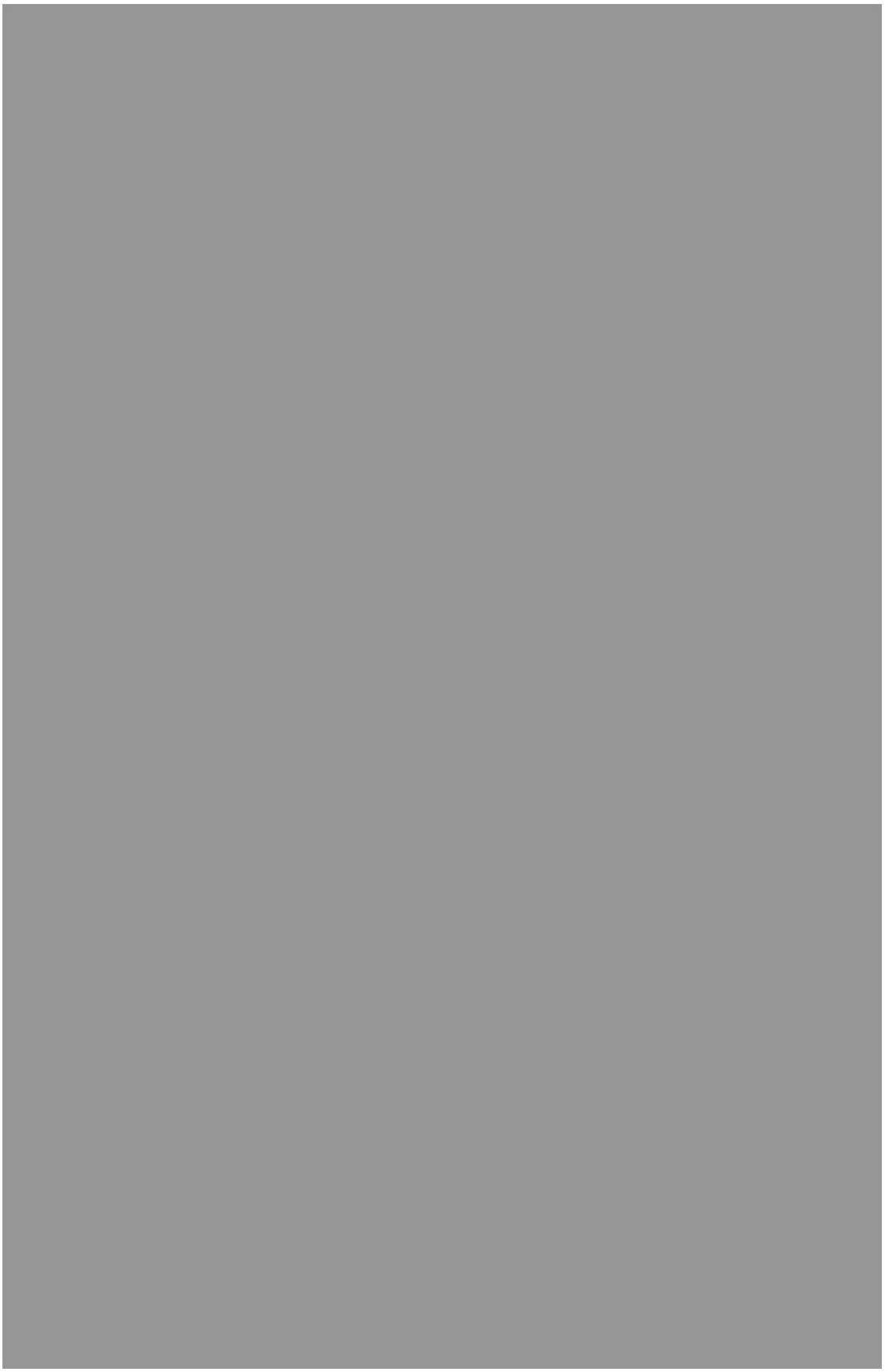
(Como encontrei Cristo) Quando entreguei a minha vida a Jesus Cristo, comecei a entender que os relacionamentos verdadeiros e significativos começam com um relacionamento com Deus. Eu não sabia como encontrar esse relacionamento, até que um amigo me explicou. Ele disse que Deus me amava e enviou o seu Filho para pagar a punição pelos meus pecados, para que eu pudesse ter um relacionamento pessoal com Deus. Como o meu amigo se preocupou o suficiente comigo para me contar a verdade, pedi que Jesus Cristo viesse à minha vida.

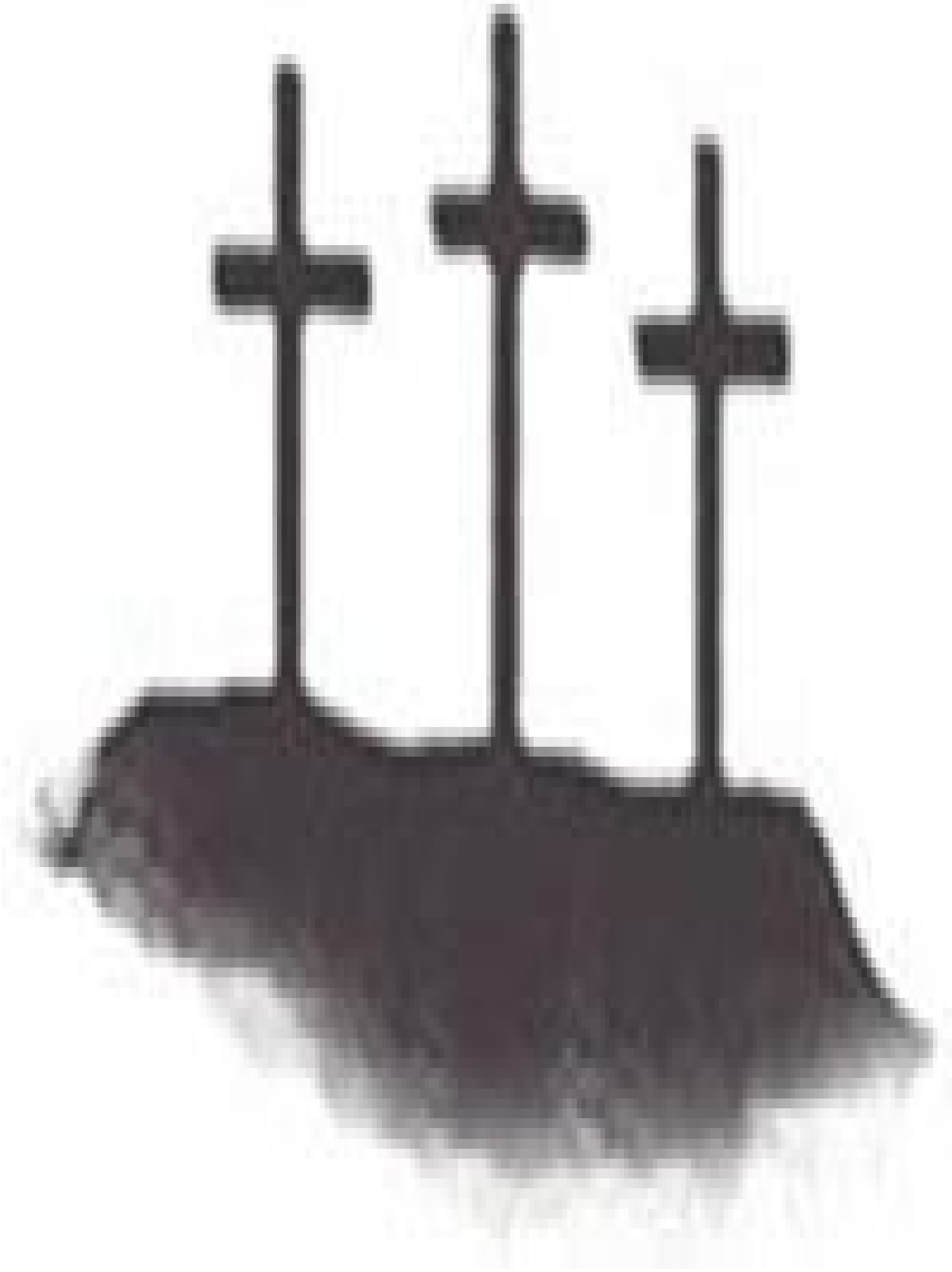
(Depois que encontrei Cristo) A minha fé cristã me ajudou a colocar em ordem as minhas prioridades. Desde que fiz de Deus o número um, e mantive as suas prioridades na minha vida, descobri um novo entendimento do que significa ter um amigo que se importa com você. Jesus se tornou o meu melhor amigo, e isso me ajudou a ser um amigo melhor para os outros.

Oportunidades adicionais para levar uma pessoa a Cristo podem ser encontradas na celebração da refeição da Páscoa judaico-cristã, a celebração da redenção, esquematizada no apêndice A deste livro. Como mencionamos antes, nós incluímos instruções detalhadas para a preparação dessa refeição e a realização da celebração. A celebração inclui uma oportunidade para que os participantes, incluindo os seus filhos, depositem a sua confiança em Cristo, como Salvador.

Verdade Número Sete

Vivendo a Vida Transformada





Capítulo Vinte e Oito

ENTENDENDO O SEU PROPÓSITO

Carl sente fome o tempo todo. Ele é obcecado por comida. Ele não pensa em nada, exceto manter o seu estômago cheio. Você percebe, Carl é uma lagarta, e como tal, ele expande a sua pele quatro ou cinco vezes para criar espaço para a contínua cota de folhas que o seu apetite insaciável exige. Na verdade, ele aumentará o seu peso em dez mil vezes, em menos de 20 dias. O seu guloso apetite causará tremendos danos a colheitas e à economia dos seres humanos. Não há nada de valor a dizer sobre Carl, a lagarta.

Mas algo maravilhoso está prestes a acontecer com Carl. Dentro dele, algo lhe diz que pare de comer e ceda a um processo de se embrulhar por uma misteriosa substância que endurece ao seu redor.

▪

A nossa transformação nos converte de criaturas egocêntricas em seres semelhantes a Deus.

▪

Muitos dias se passam, e então, acontece. Carl sai de seu casulo. Ele passou por uma mudança radical, chamada metamorfose. Ele agora é uma nova criatura, com novos hábitos e uma aparência completamente nova... porque Carl, a lagarta, obcecada apenas em satisfazer o seu guloso apetite, se transformou em uma bela borboleta. Ele não mais rasteja com um voraz apetite que destrói colheitas. Agora, ele alça voo no ar, voando de uma planta a outra, polinizando flores para aumentar a beleza de seu mundo.[1]

A nossa Metamorfose para Sermos como Cristo

“O que semeia na sua carne da carne ceifará a corrupção”, diz Paulo, o apóstolo, “mas o que semeia no Espírito do Espírito ceifará a vida eterna” (Gl 6.8). Como Carl, a lagarta, “O deus deles é o ventre, e a glória deles é para confusão deles mesmos, que só pensam nas coisas terrenas” (Fp 3.19).

Mas no fundo de nossas almas, uma voz é ouvida. É a voz de Deus que nos chama para que deixemos o pecado e a morte, para que possa ter lugar uma milagrosa metamorfose. Pois “se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2 Co 5.17, 18).

A nossa transformação nos converte de criaturas egocêntricas em seres semelhantes a Deus. “Os que dantes [Deus] conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Embora o pecado tenha rompido o nosso relacionamento com Deus e nós rastejássemos para satisfazer os nossos apetites pecaminosos, por causa de Cristo, a nossa semelhança a Deus é restaurada, pois “todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Co 3.18).

“E vos renoveis no espírito do vosso sentido”, dizem as Escrituras, “e vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4.23,24). Como filhos de Deus redimidos, justificados, santificados e adotados, “o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade... ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiqueis participantes da natureza divina” (2 Pe 1.3, 4). Quando Deus nos leva à nova vida, Ele nos dá do seu DNA, para que possamos ser uma réplica viva de Cristo. Este é o significado raiz do termo Cristão — “pequeno Cristo”.

“[Deus] nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.4,

5, ARA). Da mesma maneira como nós, humanos, temos prazer com os nossos filhos, que se parecem conosco e agem como nós, também o nosso Pai celestial exulta por ver cada um de nós transformado em uma nova pessoa que está se tornando cada vez mais parecida com o seu Filho.

Eu (Sean) nunca me esquecerei do nascimento do nosso primeiro filho. Tinha sido um longo dia, e quando Stephanie me disse que era hora de levá-la ao hospital, fiquei emocionado, e um pouco assustado. Eu iria ser pai. Essa seria uma experiência nova e assustadora.

Então chegou o pequeno Scottie. E me tornei um pai orgulhoso. Tenho que admitir que, quando olhei para ele, procurei alguma semelhança que ele pudesse ter, com Stephanie ou comigo. Ele tinha o meu nariz, ou os olhos de Stephanie? Ele tinha o cabelo da cor do meu, ou o formato do seu rosto era como o de Stephanie? Por alguma razão, eu queria que o meu descendente apresentasse uma semelhança comigo e com a sua mãe.

Quando Scottie tinha um ano de idade, ficou claro. Ele era o retrato físico de como o seu pai havia sido, na mesma idade. Na verdade, quando peguei as minhas fotografias de quando era bebê e as do meu pai descobrimos que o pequeno Scottie se parecia com duas gerações dos McDowell. No futuro, quando os nossos descendentes olharem essas fotos dos três de nós na mesma idade, será difícil distinguir quem era quem, porque nós três fomos muito parecidos. Havia algo no fato de ter um filho que se parecesse comigo que fazia que eu me sentisse honrado. E isso me encheu de alegria.

A mesma coisa acontece com Deus. Ele é honrado quando nós vivemos em relacionamento com Ele e começamos a nos parecer e agir como Ele. Esse é o nosso propósito, viver um relacionamento com Ele e refletir a sua semelhança. Quando Deus disse, “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26), Ele estava desejando que cada um de nós vivesse e desfrutasse da vida, como Ele, na verdade, Deus estava dizendo, “tenham intimidade comigo e pelo nosso relacionamento íntimo, você terá a verdadeira alegria de viver, pois terá o fruto da minha natureza — amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança. E isso me trará orgulho e me dará honra” (veja Gl 5.22, 23). Ver que nos parecemos com Ele é agradável para Deus. Na verdade, isso define o nosso propósito na vida.

Por que Estamos aqui?

O nosso propósito na vida é honrar o nosso Criador vivendo em um relacionamento com Ele; e, nesse relacionamento, nos tornarmos cada vez mais parecidos com Ele. Deus nos criou para trazer glória a si mesmo. E nós glorificamos a Deus — refletindo honra a Ele — quando vivemos em um amor dedicado a Ele, desejando agradá-lo. “Quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa”, disse Paulo, “fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31).

Você e eu começamos a satisfazer o nosso propósito quando vivemos a vida devota que Ele desejou para nós. Ele nos criou para que tivéssemos um relacionamento com Ele e desfrutássemos das bênçãos que resultam de sermos piedosos. Como dissemos antes, agir de acordo com os caminhos de Deus traz bênçãos, porque tudo o que é definido como perfeitamente justo e bom deriva da sua natureza (veja Tg 1.17).

Portanto:

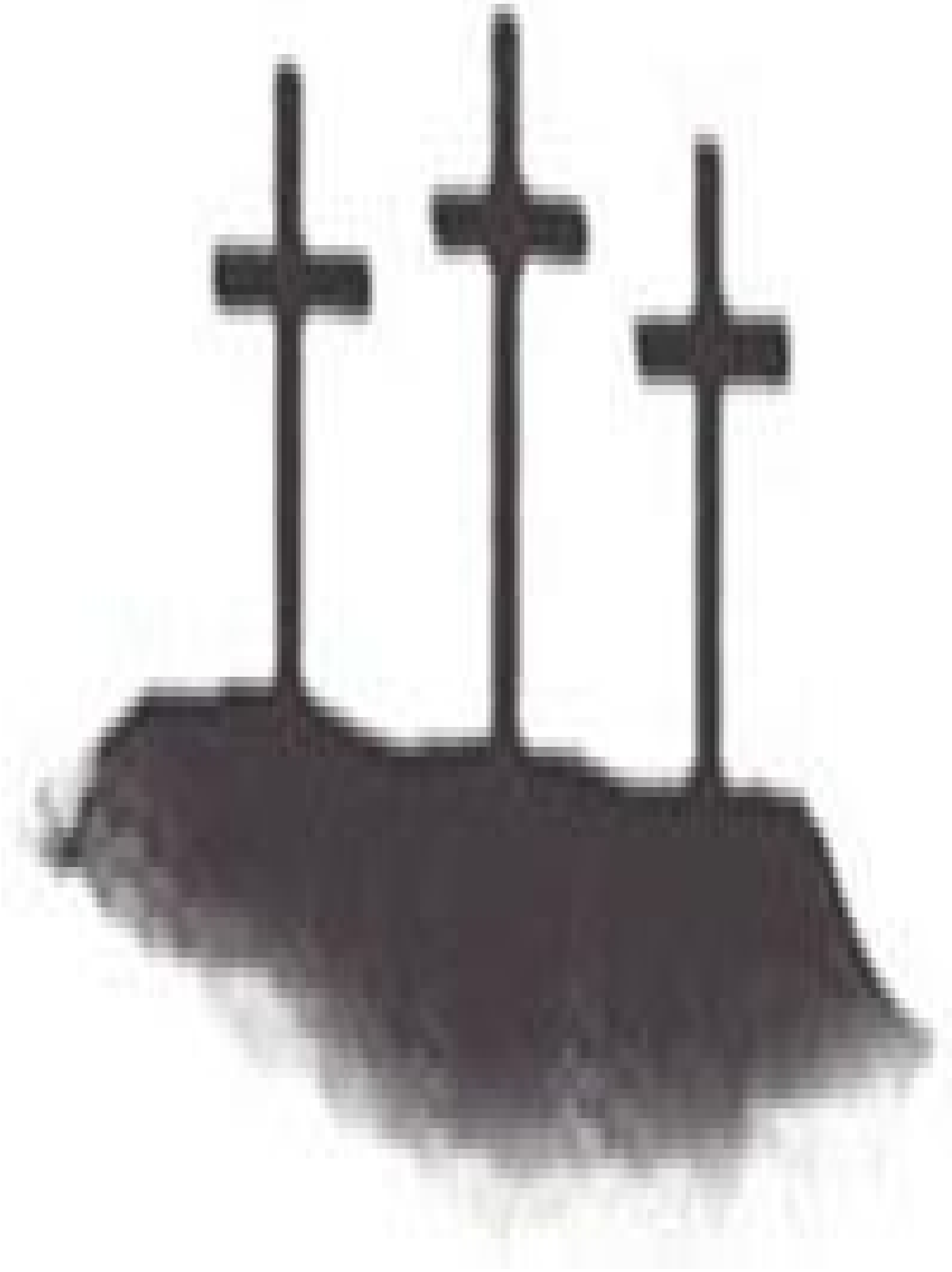
-

Nós cremos na verdade de que os seguidores de Cristo devem viver em relacionamento com Deus, e ser transformados na semelhança de Cristo, o que define o nosso propósito para a vida — honrar e glorificar a Deus.

-

Fomos criados para viver uma vida satisfeita e repleta de alegria. Fomos criados para conhecer a gratificante alegria de sermos aceitos, aprovados e queridos, com a capacidade de amar e ser amados livremente. Fomos designados para sentir satisfação imensurável, contentamento, paz além do entendimento e completa alegria. E esse tipo de vida significativa vem somente da vida em comunhão com Deus e do fato de estar em conformidade com a sua imagem. Quando entramos em um relacionamento com Deus, isso inicia um processo de mudança que permite que a sua natureza divina encha a nossa vida. E quando vivemos essa natureza semelhante à de Deus, satisfazemos a própria razão pela

qual estamos aqui.



Capítulo Vinte e Nove

EVIDÊNCIAS DE UMA VIDA TRANSFORMADA

“H ipócritas — a igreja está cheia de hipócritas”. Provavelmente, você já ouviu muitas pessoas dizendo isso. Hoje em dia, talvez mais do que nunca, uma das críticas justificáveis ao cristianismo é o fato de que aqueles que se dizem cristãos não vivem de maneira muito diferente da dos não cristãos. As pessoas podem adotar o nome e querer os benefícios, mas muitas não se submeteram a Deus para o processo da transformação.

Muitos milhões de vidas, durante o curso da história, se destacam como um testemunho do Deus da redenção que transforma vidas.

Como podemos distinguir a diferença? Como podemos saber quem é verdadeiramente cristão e quem não é? Jesus nos dá uma maneira simples para identificar os falsos profetas ou falsos cristãos: “Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?” (Mt 7.16). O mesmo critério pode também ser usado para identificar cristãos autênticos. Aquele que se submeteu ao amor redentor de Deus inevitavelmente exibirá evidências de uma vida transformada. A minha vida (de Josh) é um testemunho do fato de que Deus transforma vidas. O meu pai é uma prova viva de que um bêbado pode ser transformado em uma pessoa devota.

Muitos milhões de vidas, durante o curso da história, se destacam como um testemunho do Deus redentor que transforma vidas. Não há livros suficientes para conter as histórias. Se você depositou a sua fé em Cristo, você é uma prova

viva de que aconteceu uma “metamorfose” — você, um filho de Deus, foi redimido e está sendo continuamente transformado à imagem de Cristo. Use o seu testemunho como uma maneira de honrar a Deus. Sempre que você tiver uma oportunidade de falar aos outros como Deus transformou a sua vida, aproveite-a. Quanto mais você exibir a sua natureza piedosa e falar aos outros sobre o amor e a misericórdia de Deus, mais isso o honrará e o encherá de alegria.

A seguir, estão algumas histórias de pessoas que são provas vivas de que Deus transforma vidas.

Um Líder de Gangue de Nova York

Depois de transmitido a mensagem do Evangelho a uma grande multidão em Nova York, David Wilkerson afirmou: “Deus está aqui! Deus está nesta sala. E Ele veio especialmente por você. Se você quiser ter a sua vida transformada, este é o momento”. A seguir, gritou com autoridade: “Levantem-se! Os que desejam receber a Jesus Cristo e ser transformados — levantem-se! Venham à frente!”

Nicky Cruz, um membro dos Mau Maus, uma gangue de Nova York, estava sentado no auditório. A sua vida estava cheia de ódio, violência e crimes de todos os tipos. Ele estava infeliz. Ele precisava desesperadamente de uma transformação de vida.

Ele percebeu que um dos membros da sua gangue se levantava: “Rapazes, eu vou me levantar. Quem vem comigo?”, perguntou ele.

Nicky também se levantou. Ele se virou para a sua gangue e os chamou com a mão. “Vamos”. Houve um movimento espontâneo, à medida que as pessoas deixavam suas cadeiras e se dirigiam à frente. Mais de 25 dos Mau Maus responderam. Atrás de Nicky, aproximadamente 25 rapazes de outras gangues seguiram o seu exemplo.

“Eu quis ser um seguidor de Jesus Cristo naquele momento”, explicou Nicky mais tarde. “Eu estava feliz com a escolha, mas estava chorando. Alguma coisa

estava acontecendo em minha vida, sobre a qual eu não tinha nenhum controle... e eu estava feliz com isso".

Naquela noite, Nicky Cruz confiou/creu em Cristo como seu Salvador e a sua vida foi radicalmente transformada. Ele deixou a gangue e a sua vida de violência e crime. Ele começou a transmitir o seu testemunho com os membros da gangue e seus amigos. Ele compartilhou a sua história com o resto do mundo, em um livro chamado Run Baby Run [Foge Nicky, Foge], que foi lido por milhares de pessoas. Um filme baseado no livro foi útil para ainda mais milhares de pessoas. Nicky Cruz serve como um testemunho vivo do poder transformador de Deus. O Senhor disse que os seus seguidores eram a luz do mundo e ordenou que deixassem que a sua luz brilhasse, como uma cidade sobre um monte, iluminando a noite para que todos vissem... "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus" (Mt 5.14-16). Dezenas de milhares de jovens conheceram a Cristo como resultado do testemunho de Nicky Cruz, uma vida que foi transformada, da escuridão à luz.

Um Viciado em Drogas e Álcool

Rich era um homem irritado, com um temperamento violento, viciado em drogas e álcool. Ele nos conta a sua história:

Fui criado no lado oeste de Cleveland. Tinha treze anos quando passei a fazer parte da gangue de Milford. Foi quando comecei a beber e usar drogas. Quando tinha quatorze anos, eu já havia passado para drogas mais pesadas. Roubar, brigar, traficar drogas e consumi-las era tudo o que eu sabia.

Naquele verão, um amigo me deu um livro chamado Run Baby Run, de autoria de Nicky Cruz. O livro contava como Cruz, um membro de uma gangue de ruas de Nova York, se tornou cristão. A sua história teve um grande e real impacto sobre mim, mas foram precisos quinze anos para que a mensagem de Jesus criasse raízes. As drogas, o álcool e o meu temperamento explosivo me

atormentariam até os quarenta anos. Eu não era bom com relacionamentos. Eu estava com quase trinta anos, e já no segundo casamento. O novo casamento não ia muito bem. Laura, minha segunda esposa, também era viciada em álcool e drogas. Ela tinha gêmeos, Tim e Tom, que tinham cerca de oito anos quando me casei com ela. Eu não era um bom pai para eles. Eu ficava fora de casa na maior parte do tempo — trabalhando ou bebendo — e quando estava em casa, eu gritava muito.

Certo dia, quando voltava para casa, depois de uma noite de bebidas e drogas, eu cheguei ao limite. A vida não tinha significado. Eu não conseguia manter um relacionamento. Eu não era um bom pai; as drogas e a bebida não mais me traziam satisfação. Assim, qual era o propósito de estar vivo?

A história de Nicky Cruz voltou à minha mente, e comecei a orar. Ao chegar à casa, comecei a ler a Bíblia. Os gêmeos vinham frequentando a igreja, e isso teve um grande impacto sobre mim. Procurei Laura e disse: “Por que não deixamos de ir aos bares e começamos a ir à igreja, como os meninos, e tentamos transformar a nossa vida?” Laura disse que estava disposta a tentar.

Não tenho certeza do motivo pelo qual eu queria ir à igreja, porque eu não tinha uma grande consideração pelas pessoas da igreja. Elas eram muito críticas. Tudo o que eu já havia recebido das pessoas da igreja eram condenação e versículos das Escrituras lançados no meu rosto. A minha vida já estava se consumindo em chamas, e eu não precisava de mais condenação. E quando a sua casa está em chamas, você não quer alguém no seu jardim citando passagens das Escrituras, você quer um bombeiro com uma mangueira. Mas, por alguma razão, eu sentia que precisava ir à igreja. Acho que estava esperando que, em algum lugar, eu pudesse encontrar uma igreja com uma mangueira da qual jorrasse amor e aceitação. Talvez no fundo da minha mente eu pensasse que, provavelmente, era demais pedir isso, considerando a minha experiência com pessoas da igreja. Mas eu estava decidido a tentar, de qualquer maneira. O que eu tinha a perder?

Quando chegamos à igreja, fui saudado por uma senhora em um belo vestido florido. Com um sorriso aberto, ela me saudou com doçura, dizendo, “Olá, bem-vindo à Igreja da Graça”. Nós conversamos por um minuto. Ela era extremamente fervorosa e feliz. Imaginei que este devia ser um tipo de congregação para culto. Eu pensava que ninguém pudesse estar tão feliz em uma igreja normal.

A seguir, ela me apresentou ao seu marido, e disse: “Tom vai levar você à classe do Stoner”. Classe do drogado! [Stoned é uma gíria que significa “drogado”, em inglês]. Esses rapazes realmente iriam se drogar em uma reunião na igreja? Em seguida descobri, Stoner era o sobrenome do líder do pequeno grupo. Eu era um viciado, de cabelo comprido e pele queimada pelo sol. E eles puderam perceber isso, no entanto, eles me aceitaram como eu era, sem críticas ou condenação.

No passado, muitas pessoas me haviam dito que o meu problema eram as drogas e o álcool, mas a realidade era que essas coisas eram a minha “solução”. Essas pessoas da igreja também sabiam disso. Elas perceberam que o meu problema era a solidão. Eu estava buscando uma sensação de significado e entrosamento. As pessoas viram que, quando entrei para uma gangue e comecei a usar drogas e álcool, eu estava tentando solucionar as coisas, as eu não achei o que estava procurando. Essas coisas eram uma tentativa para afogar o meu problema — a dor e a solidão da minha existência infeliz. A minha solução não era uma solução.

Pela primeira vez na minha vida, conheci pessoas reais, que me amavam por eu ser eu. Nem eu mesmo me amava, e assim, fiquei meio chocado porque essas pessoas realmente se importavam comigo. E assim, elas eram tão terrivelmente felizes, que isso quase me incomodou. Elas amavam a vida; a vida tinha significado para elas, e por isso comecei a ansiar, verdadeiramente, pelo que essas pessoas tinham.

Com o passar do tempo, descobri quem Jesus era, verdadeiramente, o que Ele fez por mim e como Ele era a verdadeira solução para a minha vida confusa e estragada. Laura lutava. Ela dizia que não conseguiria, sem a sua antiga vida. Então, um dia ela se levantou e foi embora, sem aviso. O casamento que eu esperava que pudesse ser salvo estava permanentemente destruído. Os gêmeos agora ficaram comigo, seu padrasto.

Dois anos mais tarde, o pastor me apresentou a Pam, uma cristã. Acho que ele acreditava que eu poderia tentar construir um relacionamento, uma vez que Deus seria o cabeça desse relacionamento. Eu me apaixonei por Pam, e embora as coisas não tenham sido um mar de rosas, desde então, a vida, depois que encontrei a Cristo, foi melhor do que eu poderia ter sonhado. Os gêmeos foram para a faculdade, e nós adotamos três crianças. Uma família destruída e fragmentada foi transformada em um casamento de amor, um lar em que reina o amor e uma família que está transmitindo esperança e luz aos outros.

— Rich Bucha

Hoje, Rich é um líder na sua igreja. Ele é o líder de um grupo que guia homens e mulheres com alguma dependência química no processo de recuperação. Ele também está escrevendo um livro e é o pai feliz de três filhos adotivos. Ele ainda está casado com Pam, e ela também é uma líder ativa na igreja, participando do departamento de discipulado de pequenos grupos e eventos na comunidade.

A transformação desta família é extraordinária. Aqui estava um homem, à beira do suicídio — um alcoólatra e usuário de drogas, com dois casamentos destruídos.

A sua trajetória de vida estava destinada a conduzi-lo a sofrimento e ruína. Mas, graças ao poder transformador do Espírito de Deus, Rich e sua nova família estão agora vivendo uma vida verdadeiramente extraordinária.[1]

Um Físico Pesquisador

Um estudante de pós-graduação conta a história da sua busca pelas respostas da vida:

Depois de dois anos de estudos de pós-graduação, na Stanford University comecei a trabalhar como um físico pesquisador, estudando a atmosfera superior da terra. Familiarizei-me com as maravilhas deste universo — eu também descobri que os seres humanos tinham verdadeiros problemas em suas mãos, com armas de destruição em massa. A vida continuava passando por mim... Eu não estava nem um pouco feliz. Eu enfrentava uma forte possibilidade de me tornar um alcoólatra.

Comecei a buscar respostas para a minha vida infeliz. Estudei o budismo, o

confucionismo, o taoísmo e a religião zen. Eu estava intrigado com a possibilidade do Nirvana... eu queria morrer, mas a ideia do que me esperava depois da morte me afastava do suicídio...

Então, alguns amigos cristãos entraram em cena. Fiz a esses novos amigos o mesmo tipo de perguntas que havia feito à ciência, à filosofia e à psicologia. Fiquei surpreso quando eles me deram respostas satisfatórias. Esses amigos me levaram a colocar a minha confiança em Jesus Cristo como uma solução para minha vida infeliz e insatisfatória.

Os dias e semanas que se seguiram depois que confiei em/entreguei minha vida a Cristo viraram um milagre após outro. A Bíblia é um livro sobrenatural para mim. Os problemas e desejos antigos desapareceram. Pela primeira vez, eu me sentia completo, como um ser humano. Depois de anos de estudo e leitura, que não me levaram a lugar nenhum, comecei a construir um novo entendimento de realidade sobre a fundação da Rocha Sólida, Jesus Cristo.

— Lambert Dolphin Jr.

Um Médico Cientista

O Dr. Francis Collins é um dos principais especialistas em genética deste país, e antigo líder do Human Genome Project. Durante a sua residência médica, este profissional médico em formação ficou chocado com a serenidade de alguns de seus pacientes, mortalmente doentes. Sendo um agnóstico, ele ouvia atentamente quando alguém, com um tumor cerebral incurável, dizia calmamente: “Bem, acho que não vai demorar muito para ver meu cônjuge e meu amado Salvador”. Ele observava outras pessoas em dores terríveis dizendo coisas como: “Sei que isso dói, e muito, mas quando penso no quanto Jesus sofreu por mim, eu realmente não posso me queixar”.

Ele viu, muitas vezes, pacientes e familiares de pacientes enfrentando tragédias com um sentimento de gratidão, coragem e otimismo. Foi a exibição da graça de

Deus nas vidas dos que enfrentavam a morte que levou o Dr. Collins a buscar a fonte de tal paz. Alguém lhe deu o livro Mere Christianity, de C. S. Lewis. E ele começou a lê-lo.

O argumento que Lewis fazia em favor de Deus com a evidência da lei moral teve um profundo impacto sobre Collins. Essa evidência convenceu a sua mente de que havia um Deus. Mas foi a eterna esperança dos crentes em sofrimento que atraiu o seu coração. Como resultado, este brilhante cientista entregou seu coração e sua mente a Jesus Cristo.[2]

Um Frequentador de Igreja "Super Espiritual"

Jeff Bogue conta como, quando estudante de seminário, a sua "super espiritualidade" foi denunciada como falsa.

Durante as férias de verão no seminário, consegui um emprego na periferia da cidade de Filadélfia. O emprego envolvia o trabalho com jovens fisicamente, sexualmente e emocionalmente maltratados que haviam sido tirados de seus lares. Agora eles viviam em um lar comunitário. Fui para Filadélfia e me instalei no meu novo emprego, interagindo com vários outros estudantes de faculdade que, como eu, estavam ali, trabalhando durante o verão.

Conheci um rapaz, chamado Steve. Para dizer o mínimo, Steve era uma aberração da natureza. Quando o vi pela primeira vez, não pude acreditar no que via. Ele usava brincos nas duas orelhas, e tinha tatuagens cobriam seus braços, e o seu cabelo descia abaixo de seus ombros — todas as coisas que eu havia sido ensinado como sendo sinais de uma pessoa liberal. Eu, por outro lado, me considerava uma pessoa super espiritual. O meu cabelo era curto, não havia furos desnecessários no meu corpo, e a minha pele nunca foi submetida a nada além de uma queimadura de sol ocasional.

Então, Jeff, o "super espiritual" e Steve, o "liberal" tiveram que trabalhar juntos. Eu sabia que seria difícil, mas de alguma maneira tinha que encontrar um jeito

de me dar bem com esta aberração, porque estaríamos trabalhando lado a lado durante todo o verão. Tentei estabelecer uma conversação polida, mas estava convencido de que Steve e eu não tínhamos nada em comum. Seria um verão difícil.

Um dia, Steve me convidou para ir com ele a um estudo Bíblico. Devo lhe dizer que tinha tanto interesse em estudar a Bíblia com Steve quanto em passar algum tempo com ele — nenhum. No entanto, trabalhando também no centro estava uma jovem loira, realmente bonita, que eu queria impressionar. Eu havia aprendido que jovens como ela ficavam impressionadas se você fosse suficientemente espiritual para frequentar estudos Bíblicos e reuniões de oração. Assim, concordei em ir ao estudo Bíblico com Steve. Essa reunião iria acontecer no apartamento de alguém.

Entrei no estudo Bíblico, e todos os participantes eram como Steve: de cabelos compridos, orelhas furadas, aberrações tatuadas! Nesse meio, definitivamente, eu era o esquisito. Mas naquela noite, vivenciei algo radical. Todas essas aberrações de cabelos compridos, orelhas furadas e tatuadas amavam Jesus. O encontro não fora feito simplesmente como uma reunião para ouvir a banda U2; eles realmente liam a Bíblia para conseguir conhecer o seu Autor.

Quando eles entoavam cânticos de adoração, pareciam cantar diretamente diante de Deus; eu os cantava porque eles estavam na moda. Quando eles liam a Bíblia e meditavam sobre ela, pareciam estar fazendo isso para conhecer a Deus intimamente; eu memorizava a Bíblia para fazer testes e impressionar as pessoas com o meu conhecimento. Quando eles oravam em voz alta, pareciam estar conversando com o seu amigo mais querido; quando eu orava em voz alta, estava fazendo uma declaração diante das pessoas que estavam à minha volta.

Lembro-me de ter pensado: Com estes rapazes, não se trata de seguir determinado conjunto de regras, mas de amar determinada pessoa. Comecei a me reunir cada vez mais com aquele grupo. Havia algo diferente com eles que eu sentia que era autêntico e real. Em vez de simplesmente irem à igreja, eles eram a igreja. Em vez de se concentrarem em ser “super espirituais”, eles se concentravam em um relacionamento de amor com Jesus, que influenciava cada aspecto de sua vida.

Comecei a modificar a visão que tinha de Steve e de seus amigos. Eu tinha conversas intensas com eles, que duravam até altas horas da madrugada. Eu

achava a sua autenticidade e a sua abertura para Deus muito cativante e convidativa. O Deus de que eles falavam parecia diferente do Deus em que eu cria. Eles buscavam, apaixonadamente, um relacionamento íntimo com Ele — uma proximidade de Deus que eu nunca soube que era possível.

Eu tinha intuição espiritual suficiente para saber que não podia fingir ou simular o que Steve e seus amigos tinham. Mas não era tão simples como me render a Deus e admitir que eu não tinha o que era necessário para ser uma pessoa espiritual. Fazer isto seria me expor como um bebê espiritual que precisava de Deus e dos outros para amadurecer. Para mim, isto seria como começar de baixo. E pensar em ser conduzido por um grupo de pessoas esquisitas, que a minha igreja e a minha faculdade considerariam completamente inaceitáveis era algo fora de questão. Mas esses rapazes haviam virado o meu mundo de cabeça para baixo. Eu estava tendo uma crise de fé. Não sabia muito bem como lidar com essa nova realidade do que significava, verdadeiramente, ser espiritual. Eu estava em um dilema, porque esses rapazes tinham uma conexão com Deus que era muito real, enquanto a minha parecia muito falsa.

Então, houve um momento de clareza. Um dia, eu estava andando por um campo de futebol, por volta de nove horas da noite. Era verão e ainda havia luz. Frequentemente eu ia ao campo de futebol para me exercitar. Tinha a minha Bíblia comigo, e enquanto o sol se punha, sentei-me no campo de futebol e orei: “Deus, quero ter o que aqueles rapazes têm. Eu nem mesmo sei bem o que é. Eu quero, mas tenho medo de como isso irá afetar a minha vida. Tu poderias te mostrar a mim, para que eu possa conhecer-te, como realmente és?”

Abri a minha Bíblia e comecei a ler a história de Jesus andando sobre as águas. Então, aconteceu. De alguma maneira, Deus interagiu comigo, em um nível mais profundo, e comecei a perceber que, ou Jesus havia andado sobre as águas, ou não havia. Ou toda esta religião é real, ou é toda falsa. Eu pensei: somente Deus poderia superar e cancelar as leis da natureza, para realizar tal milagre. Assim, ou Jesus é quem Ele afirma ser, ou não é. Ou a narrativa do andar sobre as águas é verdadeira, e então Ele é o Deus do universo e aquEle a quem eu devo me submeter e em quem devo confiar como meu Salvador, ou então toda esta coisa é uma grande mentira, desde o princípio.

Naquela noite, senti que Deus falou comigo, dizendo: “Jeff, você precisa escolher. Confie em mim, como Eu Sou, e deixe que eu tome a tua vida comum e a transforme em uma vida extraordinária, ou abandone o Deus do teu pai e da

tua mãe, e afasta-te de mim para sempre". Eu vi a seriedade e o impacto daquela escolha. Era uma escolha extrema, "ou isso ou aquilo". Não era possível "ficar em cima do muro".

Naquele momento, foi como se eu pudesse ouvir Steve dizendo: "Tentar fazer as coisas sozinho, Jeff, pode parecer correto a princípio, mas é um caminho solitário. Isso não somente afasta a Deus, como afasta também as pessoas de você, pessoas que realmente o amam. Sim, é humilhante admitir que você precisa de Deus e das outras pessoas. A verdade é que você já descobriu que viver uma vida autossuficiente não lhe dá, realmente, a segurança que está buscando". Steve tinha razão. O versículo que me fora ensinado me veio à mente: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1.9). Naquela noite, tomei a decisão de confiar em Cristo e conhecê-lo como Ele é, e isso transformou a minha vida, para sempre.[3]

— Pastor Jeff Bogue

Um Criminoso Encarcerado

Andando de um lado a outro, em sua cela de prisão, Leo D'Arcangelo estava profundamente angustiado — e quem não estaria considerando o que o esperava?

Quando tinha 11 anos, ele havia furtado a bolsa de uma senhora. Esse foi o princípio.

Seguiram-se cinco anos de roubos e furtos, antes de ser preso pela primeira vez, aos 16 anos, em uma loja de departamentos, em Filadélfia. Depois de conseguir sair, em liberdade condicional, ele começou a sua vida de viciado em heroína. Então começou uma série, aparentemente interminável de detenções, e, finalmente, foi sentenciado à prisão.

Enquanto andava pela sua cela, ele percebeu estas poucas linhas, rabiscadas grosseiramente na parede:

Quando ao fim da jornada você chegar,

e este problema a sua alma atormentar,

e quando não parecer haver outra saída exceto chorar,

volte-se para Jesus, pois é Ele que você precisa encontrar.

O verso o fez pensar. Esse é o fim da minha jornada. O que tenho a mostrar? Nada, exceto um passado odioso e um futuro ainda pior.

Ele clamou: “Jesus, preciso de tua ajuda. Estraguei a minha vida, e este é o fim da jornada. Jesus, se puderes transformar a minha vida, por favor, faze-o. Ajuda-me a ter um amanhã diferente”.

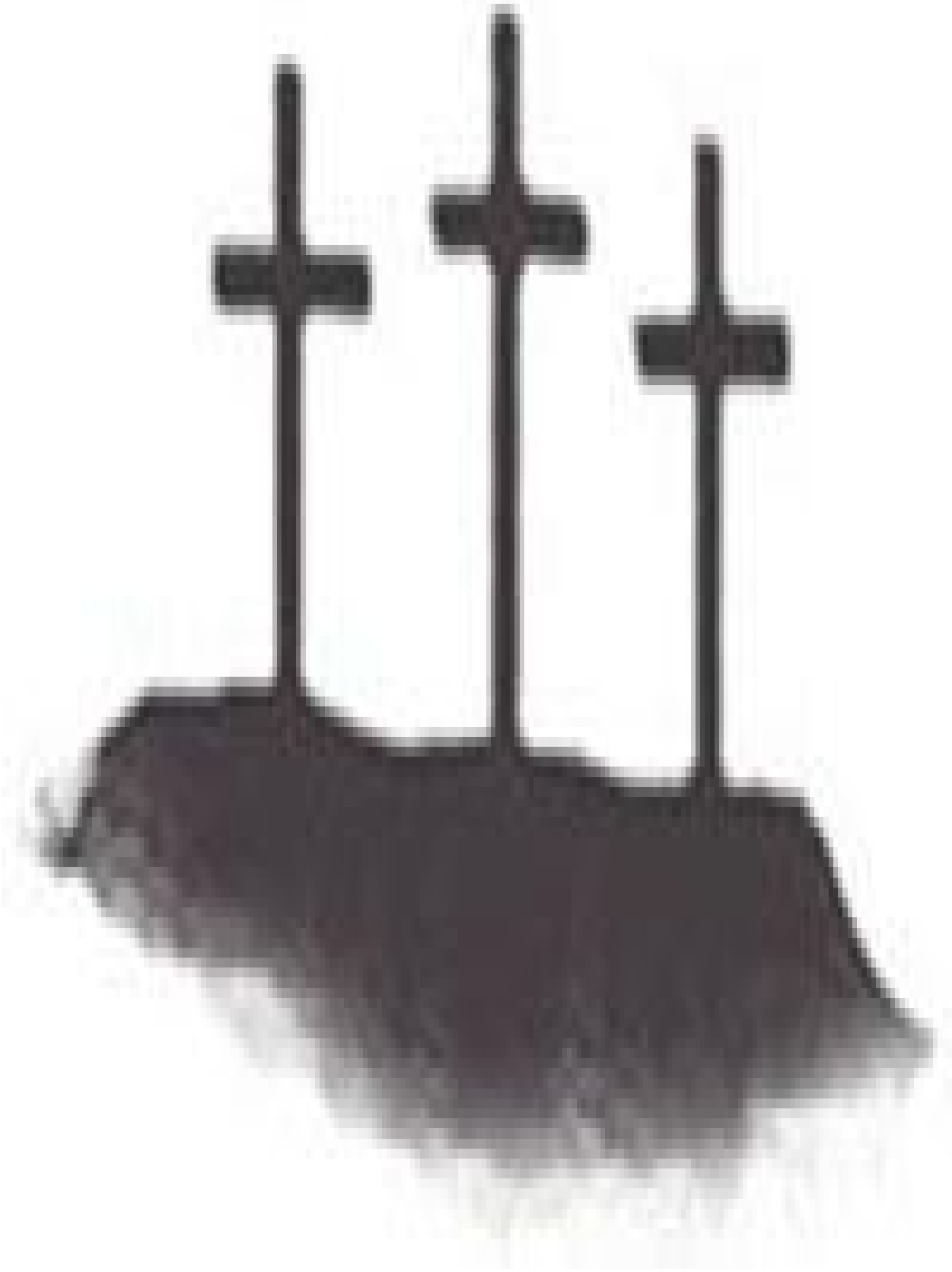
Pela primeira vez, Leo sentiu algo além de desespero. Ele se sentiu livre, embora estivesse aprisionado.

Depois de solto, dois anos mais tarde, Leo conseguiu o seu diploma do ensino médio e então se formou na faculdade, na West Chester State College e no Reformed Episcopal Seminary de Filadélfia. Leo havia sido transformado. Ele se tornou ativo no trabalho com os prisioneiros, conduzindo outros à mesma liberdade espiritual que havia encontrado em Cristo.

E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho (Ap 12.11).

[Nós] nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne (Fp 3.3).

Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16).



Capítulo Trinta

VENDO A NÓS MESMOS COMO DEUS NOS VÊ

“N ão seja tão duro com o rapaz”, disse eu (Josh), puxando meu colega para um lado. “Você precisa ter um pouco de misericórdia com Don”. Don, meu novo assistente, vinha de uma situação familiar difícil e tinha algumas questões a resolver. E, admito, essas questões estavam resultando em seu desempenho mediano. Mas o meu colega pensava que isso não era desculpa para que Don estivesse “vociferando” com ele e colocando-o em uma situação desagradável, em lugar de preparar a minha próxima viagem.

— Você sabe quem Don me lembra? — perguntei ao meu colega.

— Não, quem? — respondeu ele.

— Don me lembra de mim nessa mesma idade. Eu havia tido uma infância difícil e embora fosse cristão, havia alguns padrões pouco saudáveis que permaneceram comigo durante algum tempo. Meu amigo começou a concordar com a cabeça.

— Precisei de algumas pessoas maduras perto de mim — continuei —, que me estendessem misericórdia e me ajudassem a corrigir alguns desses padrões. Isso é o que Don necessita.

Embora Deus compartilhe a sua nova natureza conosco, é preciso que haja um processo em nossa vida para que possamos vivê-la e exibi-la. E nós precisamos de outras pessoas à nossa volta, para nos administrar graça e misericórdia, de vez em quando, para nos ajudar no processo de corrigir os nossos padrões pouco saudáveis — ou, como poderíamos dizer, nos ajudar a nos despir das nossas bandagens sepulcrais.

Recebemos uma Vida Nova instantaneamente, mas É Necessário que Ocorra um Processo para que Possamos Vivê-la

O Homem de aproximou da sepultura de seu querido amigo. Ele havia perdido o enterro, que acontecera a quatro dias. O corpo já havia sido sepultado em uma caverna, com uma grande pedra fechando a sua entrada.

“Tirai a pedra”, ordenou o Homem aos que estavam com ele. Em seguida, Ele levantou a cabeça, em direção ao céu, fez uma oração e gritou: “Lázaro, vem para fora”. Naquele momento, o seu amigo morto voltou à vida. Ressuscitado pelo chamado de Jesus de Nazaré, Lázaro havia sido enfaixado por uma mortalha de linho, embebida em especiarias, para ajudar a preservar o seu cadáver. Com as especiarias agora secas, o linho estava duro. Quando Jesus falou, uma nova vida passou pelas bandagens endurecidas e penetrou no corpo, e Lázaro cambaleou para fora da sepultura, envolto em bandagens, como uma múmia.

Fora da sepultura, Lázaro não precisava mais de suas bandagens. Elas eram, definitivamente, um empecilho para um corpo que agora estava vivo, e por isso Jesus disse aos amigos e familiares de Lázaro: “Desligai-o e deixai-o ir” (Jo 11.44). Com a ajuda de seus amigos e familiares, as bandagens de Lázaro foram removidas, e ele ficou livre para vivenciar uma vida completamente nova.

Perceba que as bandagens não caíram de Lázaro no momento em que Jesus o chamou. Houve um processo envolvido para removê-las, depois que ele já havia voltado à vida. Quando nos tornamos cristãos, Cristo nos dá uma nova vida. É como se Ele nos chamasse: “Vem para fora. Sai da tua existência antiga, morta. Vem para fora e desfruta a vida que Eu te dou”. Cristo é o iniciador da nova vida. E é o seu poder que ativa o processo de transformação, para que nos tornemos cada vez mais semelhantes a Ele. “Já vos despistes do velho homem com os seus feitos”, diz Paulo, “e vos vestistes do novo”. Mas observe como Paulo se refere ao processo, quando conclui que a nossa nova natureza “se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que [nos] criou” (Cl 3.9, 10).

Como Lázaro, nós saímos da sepultura do nosso passado envoltos em bandagens. Podemos estar envoltos pelas influências negativas da nossa família

de origem, os nossos antigos amigos e a vida que costumávamos ter. O convite de Cristo para a nova vida penetra nas bandagens — as coisas que nos atam — e a nova vida começa. Mas nós podemos ainda estar presos e atrapalhados pelas bandagens. Podemos ficar vivos instantaneamente com a natureza de Cristo dentro de nós, mas é preciso um processo de tempo e crescimento espiritual para que essa natureza chegue à maturidade. Paulo falou sobre a edificação para que "todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo... cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (Ef 4.13-15).

Jesus poderia ter preferido que Lázaro irrompesse de suas bandagens, em uma demonstração de poder. Mas Ele não o fez. Ele preferiu envolver as pessoas na vida de Lázaro. Foi como se Jesus dissesse aos amigos e à família de Lázaro, "Desatem-no vocês! Vocês devem participar do processo de livrá-lo das bandagens da sepultura! Ajudem-nos no processo de transformação!" Jesus faz o mesmo conosco. Ele dá continuidade ao processo de transformação, trazendo à nossa vida outras pessoas, que nos amam o suficiente para nos estender a graça, a misericórdia, para nos ensinar e nos orientar no processo de nos tornarmos cada vez mais semelhantes a Ele.

Paulo disse, "[Tenho certeza de que] aquele [Deus] que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo" (Fp 1.6). A obra foi iniciada em nós, mas deve ser continuada, todos os dias, à medida que a natureza de Deus é liberada, por meio de nossas atitudes e ações. Pedro disse: "Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou" (2 Pe 1.3).

Há aqui um princípio muito importante sobre o processo de transformação, para que nos tornemos cada vez mais semelhantes a Cristo. Como novos seguidores de Cristo, nós realmente vivemos de maneira diferente daquela de nossas vidas antigas. Mas não é isso que nos transforma continuamente; é viver em um relacionamento com Cristo e com a sua natureza, que é compartilhada e capacitada pelo Espírito Santo, que nos transforma continuamente. Assim, o processo não consiste tanto em aprender a fazer todas as coisas certas perfeitamente, mas em aprender quem é Cristo e agir de acordo com a nossa nova natureza.

Descubra quem Você já É

O processo de transformação não consiste em tornar-se uma nova pessoa, simplesmente agindo de maneira correta; nós temos que descobrir a nova pessoa que nos tornamos em Cristo e agir em conformidade com isso. Há uma diferença muito importante.

Viver uma vida semelhante a Cristo é descobrir a nova pessoa que já somos, no relacionamento com Cristo, e agir em conformidade com isso.

Muitos cristãos novos convertidos são incentivados a começar imediatamente a fazer coisas para ativar o processo para se tornar como Cristo. Orientadores bem intencionados incentivam novos convertidos a estudar a Bíblia, memorizar versículos, ir a igreja tão frequentemente quanto possível, testemunhar a outros, e substituir os hábitos antigos e pecaminosos pelos padrões de uma vida devota. Todas essas coisas são importantes para que a pessoa crie raízes na fé. Na verdade, não podemos descobrir quem Cristo é e o poder da verdade de Deus sem a oração e o estudo da Palavra. Mas devemos perceber que a atividade espiritual ou o estudo não é o que nos transforma continuamente.

Viver uma vida como a de Cristo é descobrir a nova pessoa que já somos, no relacionamento com Cristo, e agir de acordo com isso. É interagir com Cristo e relacionar-se com Ele para que nos apropriemos da graça e do poder do Espírito de Deus. Estudar a Bíblia, frequentar a igreja e transmitir a nossa fé não fazem com que Deus nos considere mais redimidos, mais justificados, mais santificados ou mais adotados como seus filhos. Ele já nos vê dessa maneira, porque essas coisas definem quem nós realmente somos. Assim, nós não fazemos o nosso caminho para nos tornarmos filhos adotados de Deus; nós não fazemos coisas que façam com que a sua natureza divina habite em nós. Nós não somos

transformados de fora para dentro; nós somos transformados de dentro para fora. À medida que vivemos um relacionamento com Cristo, podemos começar a nos comportar de acordo com a nossa nova natureza, e fazer aquelas coisas que os filhos de Deus fazem— agir como Cristo.

Eu (Josh) tenho um bom amigo, que se tornou um cristão nos seus vinte e poucos anos. Líderes cristãos bem intencionados o envolveram imediatamente em um estudo pessoal da Bíblia, para ajudá-lo a crescer na sua fé. Eles o sobrecarregaram com materiais que o desafiavam a examinar trechos das Escrituras para descobrir promessas a reivindicar, pecados a evitar e mandamentos a obedecer. Era um projeto de estudo muito abrangente, e ele mergulhou nesse projeto dedicadamente, passando horas e horas todas as semanas examinando a Bíblia para ver o que tinha que fazer.

Mas depois de poucas semanas, ele me disse que estava esgotado. Ele estava tão ocupado, desenterrando versículos para "crescer" que havia deixado de se beneficiar de seu exercício. Então, ele mudou o foco. Voltou a sua atenção para conhecer o Deus da Bíblia pessoalmente, o Deus que o havia salvado de maneira tão maravilhosa. A sua busca o levou de volta à Palavra, mas a sua motivação era completamente diferente. Em vez de mergulhar nas páginas para se tornar alguém, ele examinou a Palavra para descobrir o coração daquEle que o havia tornado alguém e buscar um relacionamento mais profundo com Deus.

Hoje, o meu amigo é um dos homens mais versados na Palavra que conheço. E, o que é mais importante, ele está mais intimamente em contato com o Deus da Palavra do que muitos líderes cristãos. Ele aprendeu logo que viver como Cristo é, basicamente, uma questão de conhecer Jesus melhor porque "o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade" (2 Pe 1.3). Devemos ler, memorizar e meditar sobre a Bíblia, basicamente para entrar em contato com o coração de Deus. Quanto mais conhecermos o coração de Deus, mais sabemos quem somos nEle, o que, naturalmente, fará com que passemos a agir como Ele.

Como a Pessoa mais Importante da sua Vida lhe Vê

As mais verdadeiras declarações sobre o seu relacionamento transformado com

Deus são o que Ele diz sobre você, na sua Palavra. Na Bíblia Deus abre o seu coração sobre quem você é e como Ele o vê. Se o que você pensa ou sente a seu próprio respeito não estiver de acordo com a maneira como a Bíblia lhe descreve, então você está se tornando a vítima de um caso de identidade errada.

Foi dito que o conceito de temos de nós mesmos é, em grande parte, determinado por aquilo que acreditamos que a pessoa mais importante de nossas vidas pensa sobre nós. Se a minha esposa (de Josh) me diz que sou um marido amoroso, a minha tendência é crer nela, porque ela é a mulher mais importante da minha vida. E se ela pensa isso de mim, creio nela. Se o meu pai (de Sean) diz que eu sou um filho carinhoso, a minha tendência é crer nele, porque ele é o homem mais importante da minha vida.

Assim, quando Deus lhe diz que há certas coisas sobre você que são verdadeiras, o que você deve fazer? Se Ele é a pessoa mais importante da sua vida, então o conceito que você tem de si mesmo — a maneira como pensa e sente a seu próprio respeito — estará em conformidade com a visão do seu Deus. A transformação progressiva da sua vida em Cristo está inextricavelmente ligada com quão confiante você crê na verdade do que Deus diz a seu respeito.

Scott, de trinta e quatro anos de idade, se tornou cristão na faculdade, mas desde então ele tem vivido debaixo de uma pesada nuvem de culpa pelos seus pecados passados. Quando era adolescente, Scott se envolveu com imoralidade sexual. Depois que entregou sua vida a Cristo, Scott modificou o seu modo de vida, porque ele sabia que, de acordo com as Escrituras, a imoralidade era errada, mas ele não conseguiu deixar de sentir que Deus ainda o condenava pelos seus pecados passados. Ele se sentia como um cristão de segunda classe; ele sentia que Deus nunca confiaria a ele nenhum ministério importante por causa da sua promiscuidade quando era adolescente. Como resultado, ele se sentia derrotado na maior parte do tempo.

As Escrituras declaram que “agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). Quem tem o retrato exato da verdadeira identidade de Scott: Scott, que se considera condenado e sem valor? Ou Deus, que perdoou os pecados de Scott e não mais o condena? Deus é claro! Nós vemos o coração de Deus a respeito de Scott em Romanos 8.1. Ele está perdoado, limpo, purificado. A percepção imprecisa que Scott tem de si mesmo começou a mudar apenas quando creu na verdade do que Deus disse sobre ele, naquela passagem das Escrituras.

Sem considerar a Palavra de Deus, teremos grande dificuldade para entender como Deus nos vê. É como o homem que tinha um amigo que adorava jogos de quebra-cabeças. Para o aniversário do amigo, o homem comprou como presente dois grandes quebra-cabeças, mas, como brincadeira, trocou as tampas das caixas dos dois jogos. O amigo que recebeu o presente ficou totalmente frustrado quando tentou montar o primeiro quebra-cabeças usando a figura da tampa da caixa como guia. Ele achou o segundo quebra-cabeças igualmente difícil, até que o seu amigo revelou a brincadeira.

Nós sentimos uma frustração similar para entender a nossa posição em Cristo quando olhamos para a tampa errada! Se você considerar os seus sentimentos, juízos e experiências pessoais como o critério para determinar quem você é, você terá muita dificuldade para entender a sua verdadeira identidade em Cristo. A imagem com que devemos nos orientar é a Palavra de Deus. Quanto mais você estiver em conformidade com a imagem de Deus, mais facilmente as peças da sua vida se encaixarão para se assemelhar àquela imagem.

Há certas coisas que são verdadeiras sobre você desde o momento em que confia em Cristo como seu Salvador e Senhor. Os dois primeiros capítulos da epístola aos Efésios propiciam um exame concentrado dos seus atributos como uma nova criação em Cristo. Abaixo listamos os muitos benefícios da transformação que descrevem a sua posição em Cristo. Lembre-se, essas declarações da Palavra de Deus já são verdadeiras a seu respeito, porque você está em Cristo. Elas fazem parte da sua identidade básica acima da maneira como você possa se comportar, de tempos em tempos. Esta lista mostra como a pessoa mais importante da sua vida o vê. A lista está escrita na primeira pessoa para que você possa ler as bênçãos como suas. Sugerimos que você releia a lista de Efésios frequentemente, como um auxílio para que você se enxergue claramente, assim como Deus lhe vê.

• Sou abençoado com todas as bênçãos espirituais (1.3).

• Fui eleito antes da fundação do mundo, para ser santo e irrepreensível diante dEle (1.4).

• Fui predestinado para filho de adoção por Jesus Cristo (1.5).

• Tenho a redenção pelo seu sangue (1.7).

• Tenho a remissão das ofensas (1.7).

• Nele fui feito herança (1.11).

• Estou em Deus e fui selado com o Espírito Santo da promessa (1.13).

Devido à sua posição em Cristo, grandes coisas são verdadeiras sobre você. Paulo entendia que a vida dos cristãos seria mais fortes, brilhantes, eficazes e alegres se eles aceitassem e internalizassem a verdade a seu próprio respeito em Cristo. Por isso, ele orou para que sejam “iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder” (Ef 1.18,19). Deus realmente deseja que você se veja como Ele o vê.

Paulo prossegue, descrevendo a ressurreição de Cristo e a sua ascensão à direita do Pai (veja Ef 1.20-23). Ele acrescenta que você foi ressuscitado juntamente com Cristo, e se assenta com Ele, ao lado do Pai (veja Ef 2.6). A seguir, no capítulo 2, ele continua com mais descrições do crente, visto da perspectiva de Deus. Novamente, parafraseamos essas declarações na primeira pessoa.

• Estou vivificado juntamente com Cristo (2.5).

• Estou assentado nos lugares celestiais, em Cristo Jesus (2.6).

• Sou um exemplo da graça de Deus (2.7).

• Pela graça sou salvo (2.8).

• Sou feitura de Deus (2.10).

• Pertenço a Cristo (2.13).

• Tenho acesso ao Pai em um mesmo Espírito (2.18).

Além dessa dose concentrada, em Efésios 1 e 2, a Palavra de Deus está repleta de muitas outras descrições de como Deus o vê. Aqui está uma lista mais ampla de declarações, extraída, em parte, do livro de Neil Anderson, Victory Over the Darkness, declarações que refletem a sua vida transformada em Cristo. Leia-as em voz alta, sempre que possível. Medite sobre estas verdades durante a semana, para que Deus possa usá-las para colocar o foco em quem você realmente é, nEle.[1]

• Tenho paz com Deus (Rm 5.1).

• Sou filho de Deus (Jo 1.12).

• O Espírito Santo habita em mim (1 Co 3.16).

• Tenho acesso à sabedoria de Deus (Tg 1.5).

• Sou ajudado por Deus (Hb 4.16).

• Eu me reconcilio com Deus (Rm 5.11).

• Não sou condenado por Deus (Rm 8.1).

• Sou justificado (Rm 5.1).

• Tenho a justiça de Cristo (Rm 5.19; 2 Co 5.21).

• Sou Seu embaixador (2 Co 5.20).

• Sou completamente perdoado (Cl 1.14).

• Sou carinhosamente amado por Deus (Jr 31.3).

• Sou, para Deus, o bom cheiro de Cristo (2 Co 2.15).

• Sou santo, e irrepreensível, e inculpável (Cl 1.22).

• Sou o sal da terra (Mt 5.13).

• Sou a luz do mundo (Mt 5.14).

• Sou uma vara na videira de Cristo (Jo 15.1, 5).

• Sou amigo de Cristo (Jo 15.15).

• Sou escolhido por Cristo para dar frutos (Jo 15.16).

• Sou co-herdeiro de Cristo, compartilhando de Sua herança (Rm 8.17).

• Uno-me ao Senhor em um só espírito (1 Co 6.17).

• Sou membro do corpo de Cristo (1 Co 12.27).

• Sou um santo (Ef 1.1).

• Estou escondido com Cristo em Deus (Cl 3.3).

• Sou eleito de Deus, santo e amado (Cl 3.12).

• Sou filho da luz (1 Ts 5.5).

• Sou participante da vocação celestial de Deus (Hb 3.1).

• Sou santificado (Hb 2.11).

• Sou uma das pedras vivas de Deus, edificado como casa espiritual em Cristo (1 Pe 2.5).

• Sou um membro de uma geração eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo adquirido de Deus (1 Pe 2.9,10).

• Estou arraigado e edificado em Cristo (Cl 2.7).

• Sou nascido de Deus e o maligno não me toca (1 Jo 5.18).

• Tenho a mente de Cristo (1 Co 2.16).

• Tenho ousadia e acesso a Deus com confiança (Ef 3.12).

• Fui resgatado do domínio de Satanás e transferido ao Reino de Cristo (Cl 1.13).

• Tornei-me perfeito em Cristo (Cl 2.10).

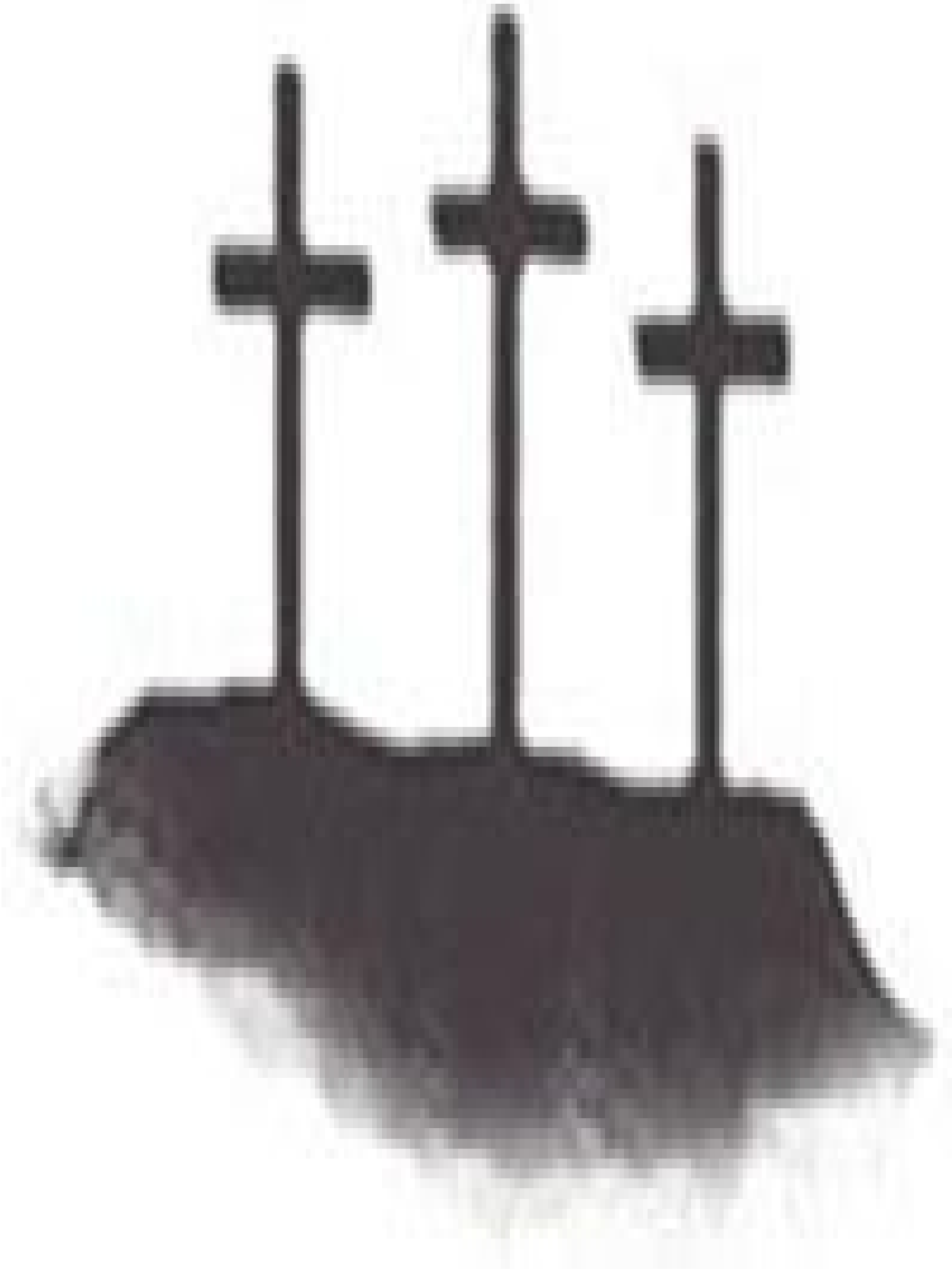
• Recebi um espírito de fortaleza, e de amor, e de moderação (2 Tm 1.7).

• Recebi, de Deus, grandíssimas e preciosas promessas (2 Pe 1.4).

• As minhas necessidades são supridas por Deus (Fp 4.19).

Você consegue ver mais claramente, com esta lista, o que significa ser uma nova criação em Cristo? Uma das chaves para o seu relacionamento transformado com Deus é reconhecer que alguma coisa muito boa aconteceu quando você se entregou a Cristo. Nas palavras de Paulo, você "se vestiu do novo [da nova natureza], que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele [de Cristo] que o criou" (Cl 3.10).

Você não é, basicamente, o que os seus pais, o seu cônjuge ou os seus amigos dizem que é, embora muitos deles possam ser cristãos. Você não é o que as suas emoções negativas ou sentimentos condenados podem dizer que é. E certamente você não é o que a cultura sem deus diz que é. Você é quem Deus diz que você é — nada mais, nada menos. Quanto mais você revê, repete e interioriza a imagem verbal que Deus pinta de você nas Escrituras, em melhor posição estará para crescer conforme aquela imagem.[2]



Capítulo Trinta e Um

VIVENDO UMA VIDA TRANSFORMADA

Antes dos tratores motorizados, arar a terra era algo feito com cavalos ou bois. Mas colocar arreios em dois bois separadamente dificultava a tarefa de arar, porque os bois não puxavam o arado concomitantemente. Isto tornava quase impossível um sulco reto. Assim, empregava-se um jugo, normalmente feito de madeira, que consistia de uma forte barra que cobria os lombos dos dois animais. Da barra, desciam dois laços, em forma de U, que se encaixavam ao redor dos pescoços dos bois. O jugo os unia de tal maneira, que eles andavam lado a lado, com a mesma velocidade e puxavam o arado em harmonia.

Antes de receber a natureza divina de Deus, não podíamos andar em harmonia com Cristo. Nós não estávamos em jugo com Ele, e não podíamos cumprir o propósito de Deus. Como disse o apóstolo Paulo: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7.18, 19). O que ele necessitava, como todos nós necessitamos, era a natureza distribuída de Deus, como um jugo que lhe permitisse andar em harmonia com Cristo.

Jesus estende este convite a cada um de nós: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mt 11.29, 30). Quando estamos presos ao jugo de Cristo, Ele nos ensina como ser motivados como Ele, pensar como Ele e agir como Ele. Jesus quer que saibamos como é a sua verdadeira natureza e que vivamos em jugo com Ele. Mas se não conhecermos verdadeiramente as características da sua natureza e como ela deve ser vivida, teremos dificuldade em refleti-la.

A Natureza de Deus Definida

Moisés recebeu as suas instruções. Enquanto estava no Monte Sinai, Deus havia fornecido detalhes exatos sobre como os sacrifícios deviam ser oferecidos. As instruções de Deus deveriam ser seguidas literalmente.

No primeiro dia de apresentação da oferta de expiação do pecado, e o holocausto, e a oferta pacífica, os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, que eram os sacerdotes que estavam realizando os sacrifícios, colocaram brasas em seus incensários, de uma maneira diretamente contrária aos mandamentos de Deus. “Então, saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor. E disse Moisés a Arão: Isto é o que o Senhor falou, dizendo: Serei santificado naqueles que se cheguem a mim e serei glorificado diante de todo o povo” (Lv 10.2, 3). Naquele dia, os filhos de Israel entenderam claramente que o seu Deus era um Deus santo.

A santidade de Deus não podia tolerar o pecado, e Ele consumiu os transgressores com fogo. A santidade é a descrição fundamental de quem é Deus. Ele é santo, e qualquer coisa ou pessoa que não tenha esta característica dEle é impura e profana.

Algumas pessoas têm dificuldades para compreender o conceito de santidade. O que significa, realmente, dizer que Deus é santo? A santidade de Deus está refletida na sua absoluta perfeição de bondade e justiça. Não há imperfeição de caráter ou motivação em Deus, Ele é o mais santo dos santos, o mais puro dos puros.

Ser santo é estar afastado dos impuros. Uma mancha ou imperfeição poderia estragar algo santo, que, portanto, se tornaria impuro. Por exemplo, se você tivesse um copo d’água absolutamente pura, você diria que ela é incontaminada — não tem nenhuma impureza. Mas se uma lasca de madeira suja caísse em seu copo, a sua água ficaria adulterada. Uma vez que uma substância estranha entrou na água, ela poderia ser considerada impura e imunda. Ser santo é estar afastado das coisas imundas e impuras da vida.

Ninguém se compara à absoluta santidade de Deus. Quando Deus falou sobre si mesmo como “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14), Ele estava definindo a si mesmo, por si mesmo. Deus se separou de todos os outros, porque não havia outro ser mais puro a quem pudesse se comparar. No entanto, Ele disse ao seu

povo: “Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2). Paulo, o apóstolo, escreveu: “Não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação” (1 Ts 4.7). A própria essência da natureza de Deus é santa, e os seres humanos criados à sua semelhança são projetados para serem santos também. Obviamente, não podemos ser santos no sentido absoluto, como Deus é, no entanto Ele exige que sejamos santos. Assim, como é, exatamente, a santidade, na vida de pessoas pecadoras que não podem ser perfeitamente puras como Deus é perfeitamente puro?

Se você fosse cristalizar a essência de como é a santidade na vida de uma pessoa, poderia resumi-la, talvez, em duas palavras: “Amor como o de Deus”. João, um discípulo de Jesus, escreveu: “Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo” (1 Jo 4.16,17, ARA).

João estava muito consciente do santo juízo de Deus quando escreveu isso. Deus é santo, e a sua santidade, no final, consumirá tudo o que for profano. Mas Ele disse que, quando o amor vive em nós, e nós vivemos em amor, não precisamos temer o juízo, porque “somos como Cristo, aqui neste mundo”. A natureza divina da santidade de Deus nos é imputada, isto é, uma vez que nós, como pecadores, não temos a santidade sozinhos, quando nos submetemos a Ele, Deus compartilha conosco a sua santidade. Com isto, Ele nos separa e nos consagra como o seu santo povo (Ef 3).

Um aspecto prático desta separação é um amor como o de Deus. E quando recebemos a sua santa natureza, recebemos este amor puro. Como somos redimidos, justificados, santificados e adotados na família de Deus, somos santos diante de Deus. Isto nos permite viver o seu amor no relacionamento com os outros. Assim, uma das claras expressões da santidade de Deus em nossa vida é amar como Deus ama.

Definindo um Amor que É como o Amor de Deus

Muitas pessoas sabem que Deus é amor e que devemos amar aos outros como

Ele ama, mas elas não têm uma definição concisa quanto a o que é o amor como o de Deus. Em 1 Coríntios, o apóstolo Paulo apresenta uma boa descrição do que o amor faz e não faz. “O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade” (1 Co 13.4-6, ARA).

Paulo também escreveu que “O amor não faz mal ao próximo” (Rm 13.10). Em vez disso, devemos tratar todas as pessoas como gostaríamos de ser tratados. Você se lembra da regra de ouro? “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós” (Mt 7.12). Paulo explicou da seguinte maneira: “Que ninguém procure somente os seus próprios interesses, mas também os dos outros” (Fp 2.4, NTLH).

Quando pediram que Jesus identificasse o mandamento mais importante, Ele disse que era amar a Deus e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Paulo nos deu uma aplicação específica deste princípio, quando disse que os maridos devem “amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo... Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta” (Ef 5.28, 29). Amar desta maneira é uma maneira de viver e exibir a santidade de Deus.

Amar é considerar a segurança, a felicidade e o bem-estar de outra pessoa tão importante como os seus.

Destes versículos, e outros similares, podemos obter uma definição concisa do amor puro como o de Deus. Amar é considerar a segurança, a felicidade e o bem-estar de outra pessoa tão importante como o seu. Isto é amor como o de Deus, um amor puro, que protege a pessoa amada do mal e provê, para o bem dela. O amor como o de Deus é caridoso, generoso e confiável, abnegado, altruísta e sacrificial, seguro, leal e eterno. E como a sua prioridade é proteger e sustentar a pessoa amada, o amor como o de Deus não fará coisas que são prejudiciais para a segurança, a felicidade e o bem-estar de outra pessoa.

Como É o Amor que É como o Amor de Deus

O seu tempo na terra chegava ao fim. Jesus havia passado os últimos anos derramando a sua vida e os seus ensinamentos aos que o seguiam. Poucas horas antes da sua morte, Ele se reuniu com os discípulos, para celebrar a Páscoa, e as Escrituras dizem, “[Jesus] amou-os até ao fim” (Jo 13.1).

“[Ele] levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, cingiu-se... começou a lavar os pés aos discípulos” (Jo 13.4,5). Quando terminou, Jesus perguntou aos seus discípulos: “Entendeis o que vos tenho feito? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes” (Jo 13.12-17).

Jesus havia acabado de assumir o papel de um servo ao lavar os pés dos que o seguiam. E nesse contexto, Ele proclama um novo mandamento: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13.34, 35).

Isso era muito importante. Deus havia escrito Dez Mandamentos sobre tábuas de pedra para que todos lessem e obedecessem. Agora, Jesus estava ditando o décimo-primeiro mandamento aos seus discípulos. Você não consegue nada mais importante do que um mandamento que vem diretamente da boca de Deus. E este mandamento é que seria o sinal característico de um verdadeiro cristão. Este: “Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” seria uma identificação universal — a marca distintiva — de Jesus. Amar como Cristo amou seria uma clara expressão da santidade de Deus.

Se Jesus não tivesse feito nada além de declarar simplesmente o mandamento, estes discípulos poderiam ter levantado a pergunta: Bem, se devemos amar uns aos outros como Ele nos amou, como, exatamente, Ele nos amou? Como é esse amor? Jesus exemplificou o mandamento com uma demonstração para que eles

pudessem ver, em primeira mão, que amar ao outro é servi-lo. Algumas horas mais tarde, eles veriam o amor estendido na cruz, morrendo no lugar deles.

Depois da morte e ressurreição de Jesus, Deus inspirou os discípulos e apóstolos a escreverem instruções específicas para mostrar como é o amor semelhante ao amor de Cristo em nossa vida. Muitas dessas instruções aparecem nas passagens das Escrituras que falam de “uns aos outros”. Pelo menos 35 vezes, no Novo Testamento, vemos um padrão recorrente de palavras — um verbo de ação seguido pelas palavras “uns aos outros”. Essas recomendações nos fornecem exemplos práticos de como amar como Jesus amou. Nós sabemos, por exemplo, que a natureza do amor de Deus era gentil, humilde e clemente. As Escrituras nos recomendam que vivamos e exibamos essas características de Cristo, sendo longâminos uns aos outros (Ef 4.2), sendo sujeitos uns aos outros (1 Pe 5.5) e perdoando uns aos outros (Cl 3.13). Identificando essas passagens de “uns aos outros” temos uma imagem muito mais clara de como Cristo deseja que vivamos e exibamos a sua natureza divina de amor em nossa vida. Considere a lista a seguir à luz de “Amar é considerar a segurança, a felicidade e o bem-estar de outra pessoa tão importante como o seu”.

As passagens de “uns aos outros” nas Escrituras

1. Amar uns aos outros (Jo 13.34).

2. Receber uns aos outros (Rm 15.7).

3. Perdoar uns aos outros (Ef 4.32; Cl 3.13).

4. Suportar uns aos outros (Ef 4.2).

5. Ser todos sujeitos uns aos outros e revestir-se de humildade (1 Pe 5.5).

6. Chorar com os que choram (Rm 12.15).

7. Ser unânimes (Rm 12.16).

8. Não julgar uns aos outros (Rm 14.13).

9. Ser pacientes uns com os outros (Ef 4.2).

10. Admoestar uns aos outros (Cl 3.16).

11. Saudar uns aos outros (Rm 16.16).

12. Esperar uns pelos outros. (1 Co 11.33).

13. Ter os membros igual cuidado uns dos outros (1 Co 12.25).

14. Servi-vos uns aos outros (Gl 5.13).

15. Ser uns para com os outros benignos (Ef 4.32).

16. Amar cordialmente uns aos outros com amor fraternal (Rm 12.10).

17. Sede uns para com os outros... misericordiosos (Ef 4.32).

18. Exortar uns aos outros (1 Ts 5.11).

19. Sujeitar-se uns aos outros (Ef 5.21).

20. Perdoar uns aos outros (Cl 3.13).

21. Estimular [uns aos outros] (Hb 10.24).

22. Ser hospitaleiros uns para com os outros (1 Pe 4.9).

23. Administrar aos outros o dom (1 Pe 4.10).

24. Alegrai-vos com os que se alegram (Rm 12.15; 1 Co 12.26).

25. Não falar mal uns dos outros (Tg 4.11).

26. Não reclamar uns contra os outros (Tg 5.9).

27. Confessar as culpas uns aos outros (Tg 5.16).

28. Orar uns pelos outros (Tg 5.16).

29. Ter comunhão uns com os outros (1 Jo 1.7).

30. Não se ensoberbecer a favor de um contra outro (1 Co 4.6).

31. Levar as cargas uns dos outros (Gl 6.2).

32. Preferir em honra uns aos outros (Rm 12.10).

33. Consolar uns aos outros (2 Co 1.4).

Vivendo e Exibindo o Modo "Uns aos Outros"

No capítulo anterior falamos sobre como podemos nos sentir presos e impedidos pelas "bandagens" da nossa antiga vida — coisas como as influências negativas da nossa família, antigos amigos, antigos hábitos, e assim por diante. Para mim (Josh), viver a santidade de Cristo amando os outros não foi fácil. Eu ainda precisava me livrar daquelas bandagens que estavam me prendendo depois da minha conversão.

Como cresci na casa de um alcoólatra, desenvolvi um padrão de comportamento que me tornou o que os psicólogos chamam de um "salva-vidas". Sempre que visse o meu pai tentando machucar a minha mãe, interferia e tentava impedir que ela fosse machucada. Isso se tornou um padrão psicológico e emocional permanente para mim, eu sempre tentava resgatar pessoas feridas e em dificuldades

Quando me tornei cristão, continuei com esse padrão pouco salutar de comportamento, mas não percebia que não era saudável. Todas as vezes que via alguém sofrendo, a minha compulsão se manifestava. Mas eu não sabia que isso era uma compulsão, pensava que era compaixão. Eu pensava que estava exibindo um amor como o de Deus. Veja, por exemplo, a passagem de "uns aos outros" que diz "Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6.2). Por causa da minha compulsão de salva-vidas, eu me sentia emocionalmente responsável por solucionar os problemas das pessoas, removendo qualquer carga que elas tivessem. Eu pensava que estava obedecendo à "Lei de Cristo" e considerando a segurança, a felicidade e o bem-estar das outras pessoas tão importantes como os meus. Na realidade, estava prejudicando

a mim mesmo, e, na maioria dos casos, prestando um mau serviço às pessoas, tudo porque estava vendo o amor de Deus através da bagagem ou das bandagens da minha disfunção resgatadora.

Foi necessária a ajuda de outras pessoas, mais sábias, sensatas e espirituais do que eu, para me ajudar a me livrar de minhas bandagens. Recebendo conselhos sábios e espirituais, aprendi que levar as cargas de outras pessoas não significa que eu devo me responsabilizar pelo problema ou pelo sofrimento daquelas pessoas. Na verdade, quer dizer caminhar ao lado delas e gentilmente ajudá-las a suportar a carga. Levar a carga de outra pessoa não significa assumir a responsabilidade pelo problema, mas ter uma responsabilidade para com ela — consolar, encorajar e apoiar a pessoa em seu sofrimento e dificuldade.

Foi a Palavra de Deus que, em última análise, me fez entender. Sim, Gálatas 6.2 nos diz: “Levai as cargas uns dos outros” (na versão ARA). A chave para a minha mudança foi a passagem que descobri, apenas três versículos adiante. Gálatas 6.5 declara: “Porque cada um levará o seu próprio fardo” (na versão ARA).

A princípio, isso pode parecer confuso, mas as coisas se encaixam quando consideramos que há uma diferença importante entre uma “carga” e um “fardo”. A palavra grega para “carga” é uma palavra que significa “rocha”, uma grande pedra que é difícil carregar sem ajuda. Todos nós enfrentamos situações que nos oprimem pesadamente, e precisamos de alguém ao nosso lado que nos ajude a suportar a nossa carga. A situação que provoca a carga poderia ser um ferimento, uma doença, a morte de um ente querido, ou a perda de um emprego, por exemplo.

A palavra grega para “fardo”, no entanto, é diferente; ela se refere à mochila de um soldado, com os suprimentos que ele levaria ao acampamento. A palavra representa algo que cada um de nós tem a responsabilidade de carregar. É seu, designado a você, e carregá-lo é a sua responsabilidade, sem ajuda. É o que Paulo estava ensinando, quando disse: “Cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Rm 14.12).

Todos nós temos responsabilidades pessoais, e quando falhamos em nossas responsabilidades — por más avaliações ou fazendo escolhas erradas ou alimentando más atitudes — devemos encarar as consequências. Interceder e remover as consequências naturais e corretivas do comportamento irresponsável

das pessoas pode lhes roubar lições valiosas — que podem ser essenciais para a continuidade do seu crescimento e amadurecimento.

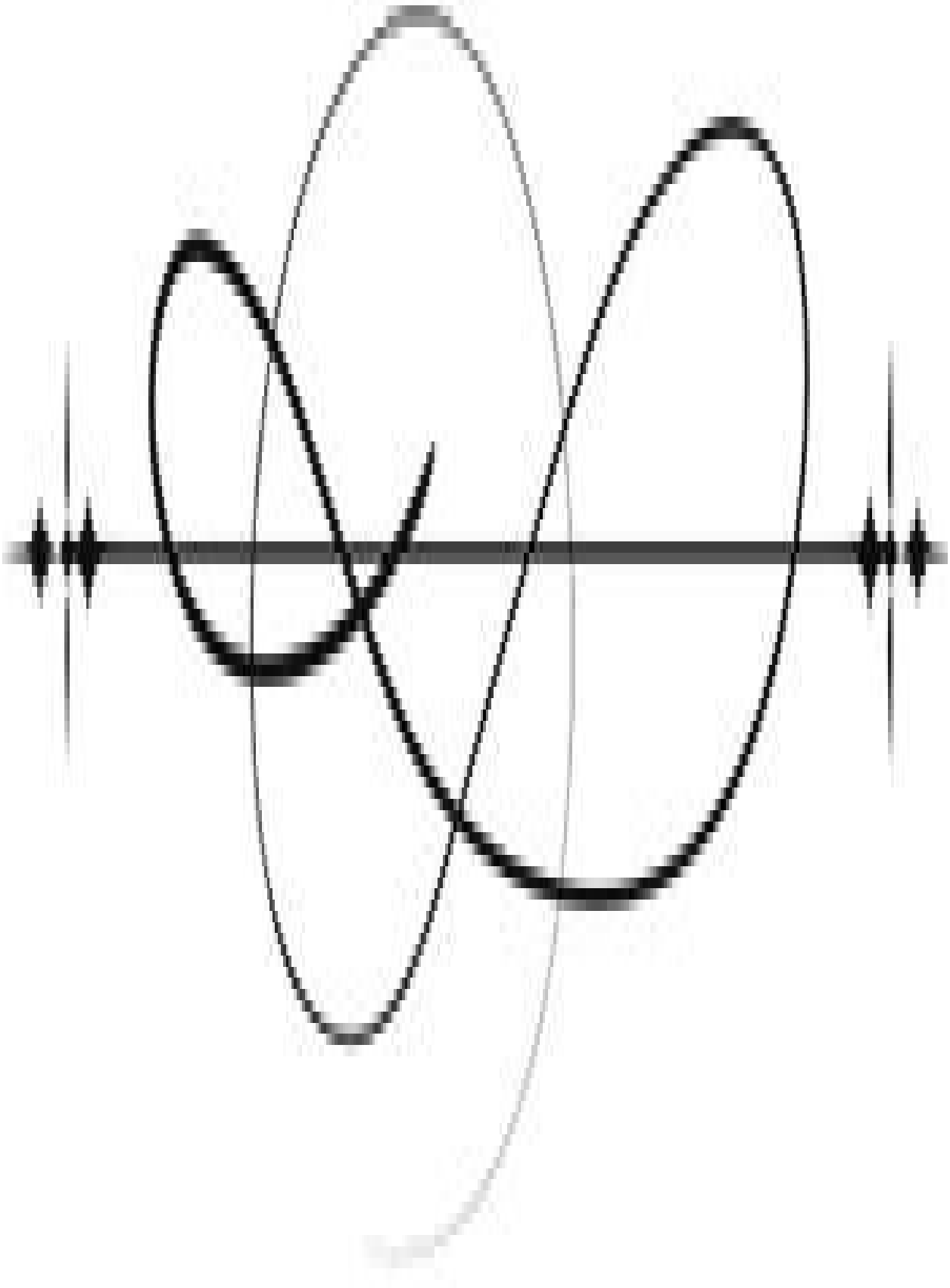
Eu não tenho como expressar o quanto essa revelação da Palavra de Deus foi valiosa para mim. Quando percebi que amar os outros como Cristo não queria dizer que eu era responsável por outras pessoas, então me vi livre para ser responsável para com elas — e, particularmente, com os que estavam sofrendo. Então comecei a procurar oportunidades para permitir que a consolação, o encorajamento e o apoio de Deus fluíssem por meu intermédio, porque sabia que, fazendo isso, estaria amando os outros como Cristo me ama.

O apóstolo Paulo nos encoraja, dizendo: “Procura apresentar-te... como obreiro... que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). À medida que entendemos, com base nas Escrituras, como Deus deseja que amemos e como esse amor se manifesta em nossa vida, podemos cumprir “a Lei de Cristo”, que consiste em amar aos outros como Ele nos amou.

Dedique algum tempo esta semana para colocar em prática uma ou mais das passagens de “uns aos outros” das Escrituras. Com um coração de servo e em um espírito de sacrifício, torne a segurança, a felicidade e o bem-estar de alguém tão importante para você como os seus. Fazendo isso, você estará expressando a sua natureza transformada, semelhante à de Cristo.

Vamos concluir com a recomendação de Paulo:

“Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E, sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição. E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos” (Cl 3.12-15).



RESUMO DA PARTE III

Declaração da Verdade de Deus: Eu Sou Deus Encarnado — O Deus da Redenção

• Cremos na verdade de que Deus se fez humano. E quando examinamos a evidência de que Jesus é o Deus-homem, podemos crer nessa verdade com muita confiança.

A vinda de Jesus Cristo à terra nos demonstra que embora sejamos pecadores, Deus nos aceita, incondicionalmente.

Quando aceitamos os outros, como Deus nos aceita, formamos relacionamentos firmes e íntimos.

• Cremos na verdade de que a morte de Cristo na cruz é uma expiação pelo nosso pecado, para que possamos ser redimidos por Deus. Podemos crer nisto com confiança, porque há evidências suficientes para estabelecer a verdade de que Jesus é o Filho de Deus — um sacrifício aceitável e perfeito.

A morte sacrificial de Cristo é relevante para nós, porque ela demonstra o amor de Cristo por nós e permite que Deus perdoe os nossos pecados.

A morte sacrificial de Cristo também define o que é o amor verdadeiro, um amor que devemos demonstrar aos outros. E quando fazemos isso, sentimos a alegria dos relacionamentos de amor duradouros.

• Cremos na verdade de que a justificação diante de Deus e o perdão completo dos nossos pecados acontecem apenas pela graça de Deus, por meio da fé em Jesus.

Como há evidências suficientes de que Cristo é o Filho de Deus, podemos crer, com confiança, que a nossa justificação está garantida.

Quando temos um relacionamento com Deus, somos redimidos, justificados, santificados, adotados como seus filhos, somos transformados, de mortos para vivos e temos uma alegre expectativa de vida eterna.

• Cremos na verdade de que o nosso relacionamento com Deus nos converte em uma nova pessoa.

Podemos crer nesta verdade com confiança, quando vemos a nossa vida consistentemente transformada à imagem do Filho de Deus.

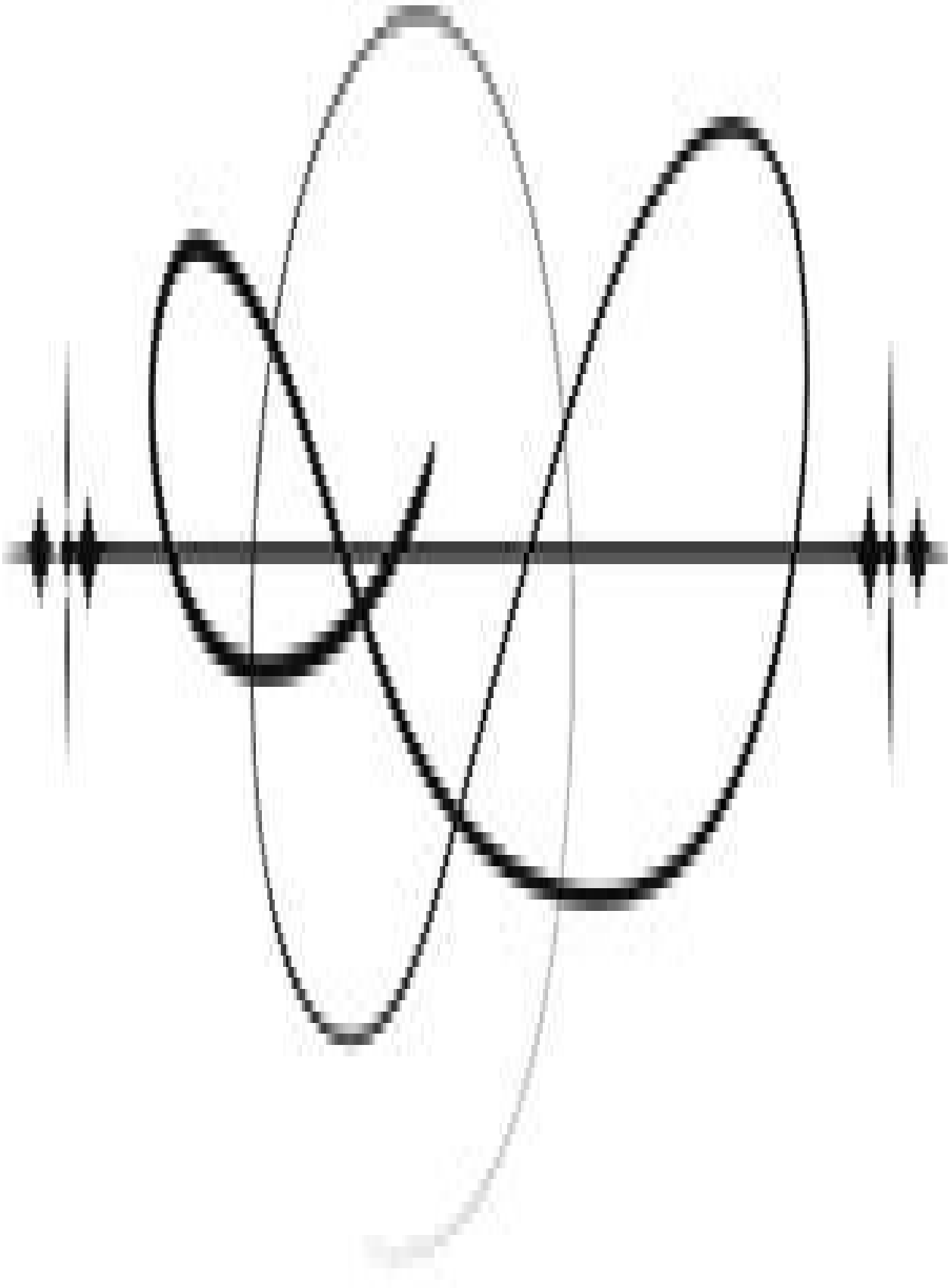
À medida que ficamos em conformidade com a imagem de Deus, descobrimos o nosso propósito para a vida — honrar a Deus, sendo e vivendo como Cristo. Podemos saber por que estamos aqui.

A fé cristã demonstra a verdade de que Deus entrou em nosso mundo para reconquistar um relacionamento íntimo conosco. Misericordiosamente, Ele nos ressuscita da morte para a vida, pela sua graça, por meio da fé em Jesus, e está continuamente nos deixando, cada vez mais, em conformidade com a imagem de seu Filho — o que cumpre o nosso propósito na vida.

No entanto por mais extraordinário e milagroso que isso seja, a história não termina aqui. Na parte IV, vamos descobrir a verdade da nova criação de Deus — a sua missão para nos envolver na restauração de todas as coisas a um mundo perfeito e sem pecado.

Parte 4

A VERDADE INCONTESTÁVEL DA rECRIAÇÃO DE DEUS



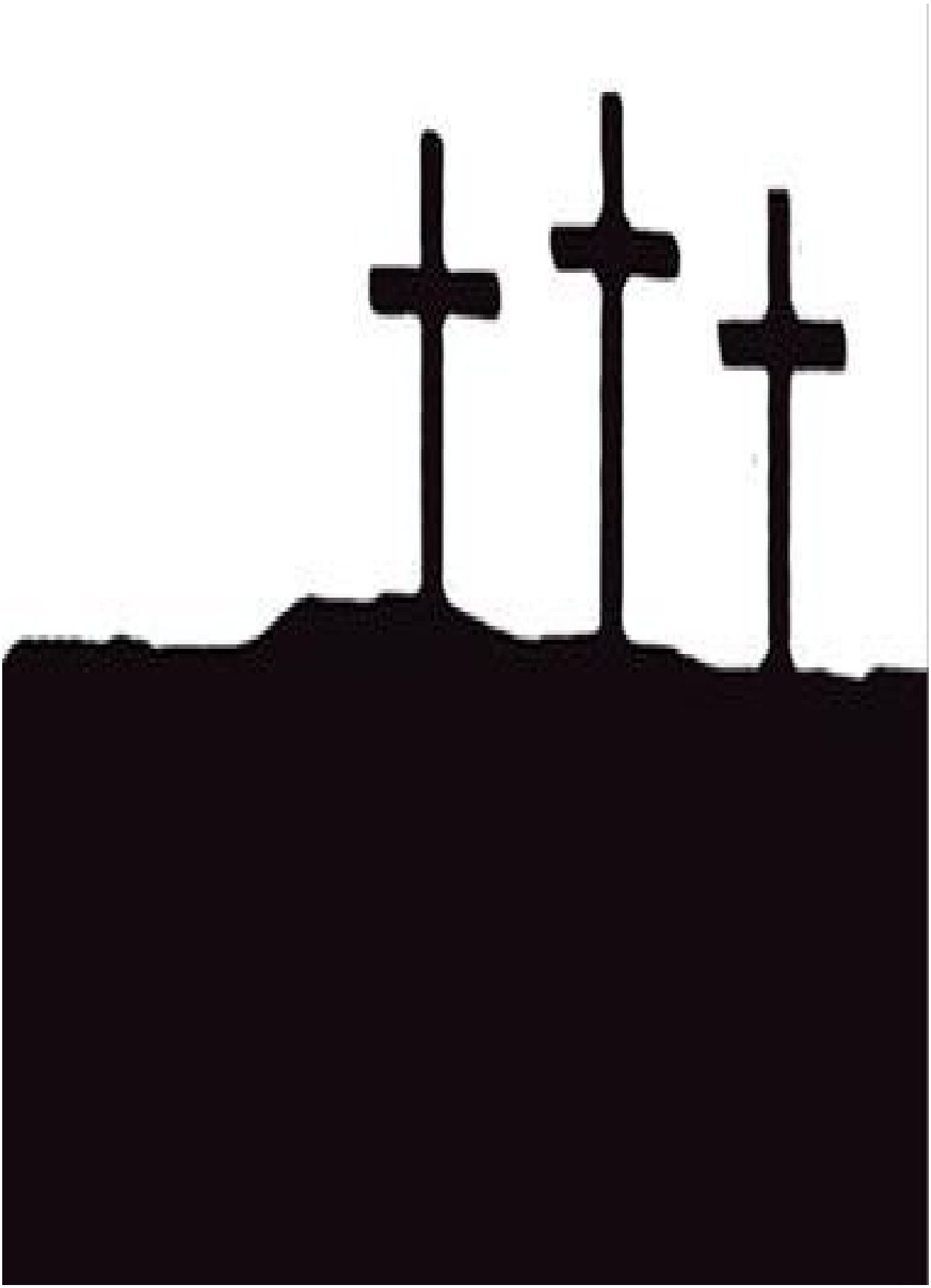
A nossa fé é real por causa da ressurreição de Cristo Nós experimentamos deus através de três pessoas

Em uma — Deus o pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo.

Jesus veio para restabelecer o seu reino.

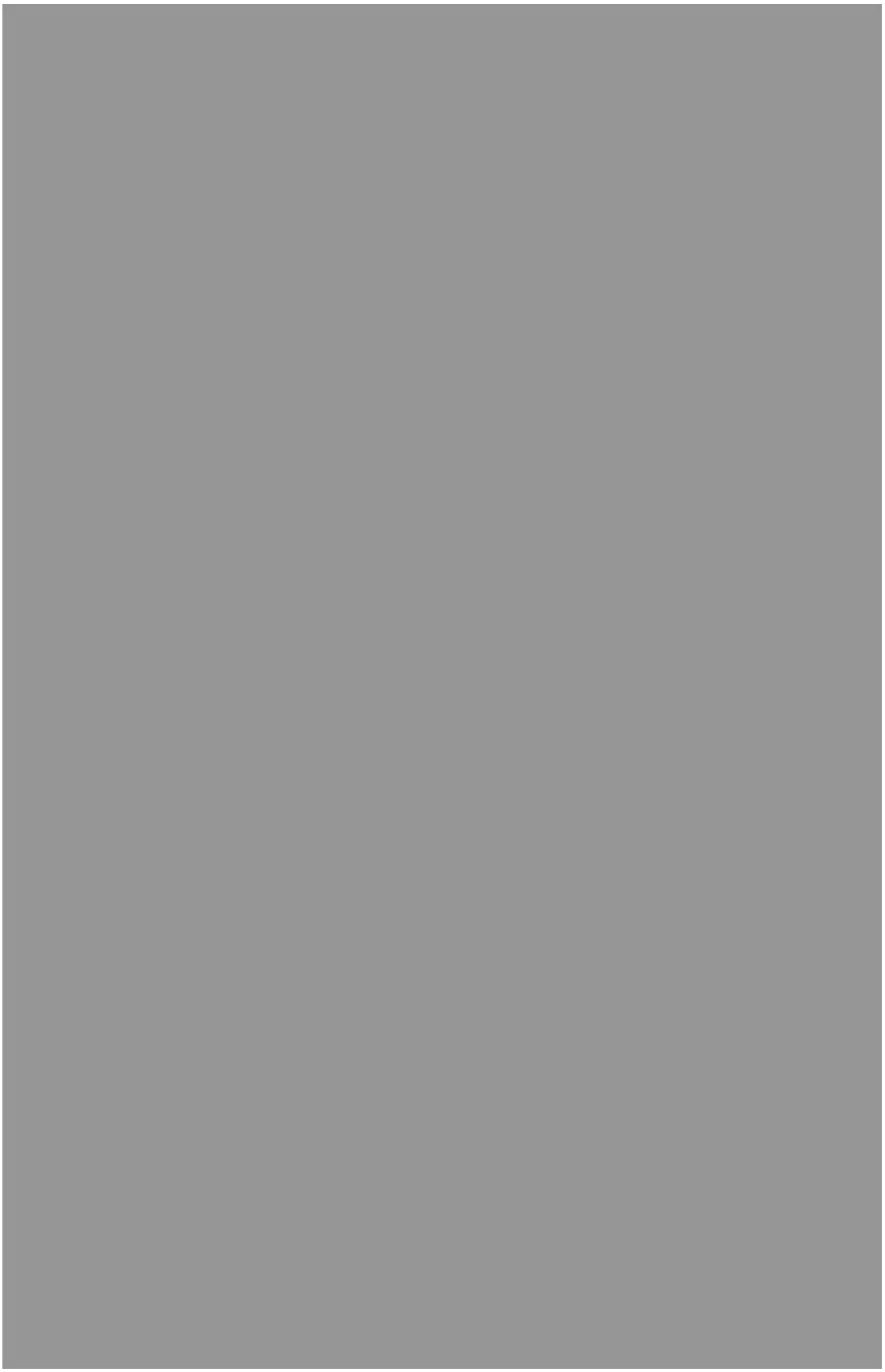
Nós temos uma missão em relação ao reino.

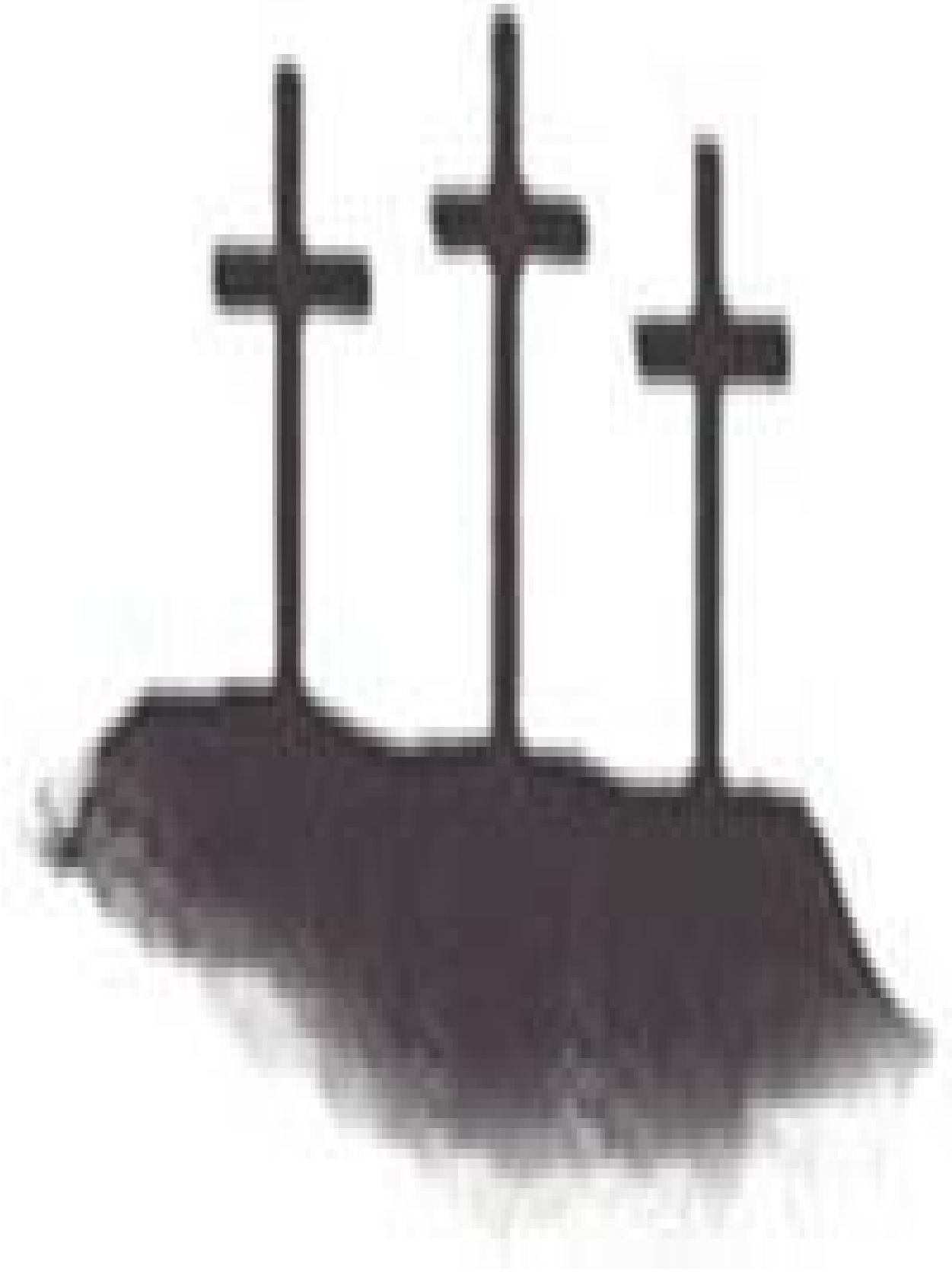
Nós herdaremos o reino de Jesus quando ele voltar à terra.



Verdade Número Oito

A Ressurreição Física de Jesus





Capítulo Trinta e Dois

A NECESSIDADE HISTÓRICA DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Ela permanecia ali, a apenas alguns metros, soluçando, enquanto o seu Filho estava pendurado, pregado em uma rude cruz.

João estava ao lado de Maria, tentando confortá-la. Momentos mais tarde, Jesus em um último suspiro disse: “Está Consumado!” Então inclinou a sua cabeça, e rendeu o espírito (Jo 19.30)

José de Arimateia e algumas mulheres desceram o corpo sem vida de Jesus da cruz, e prepararam-no para o sepultamento. Depois de colocarem o seu Messias morto na sepultura, rolaram uma grande pedra para a entrada a fim de selarem-na, pensando que estariam fazendo o melhor possível.

Imagine uma conversa entre dois observadores do ministério de Jesus imediatamente após a sua morte.

— Pensei que este movimento do Messias permaneceria — Hamon diz com voz seca.

— Sim, eu também — complementa Benjamim. — O que será que os seus discípulos farão agora?

— Oh, penso que será difícil — Hamon responde —, mas eles ainda podem prosseguir.

— Como? — pergunta Benjamim de forma cética.

— Sem o seu Messias eles não têm uma mensagem!

— Claro que têm — Hamon responde.

— É claro que, uma vez que Jesus está morto não pode comandar um exército contra os romanos, mas os seus discípulos ainda podem divulgar os seus grandes ensinos.

Os dois homens pensam por um momento. Finalmente, Benjamim diz de forma enfática:

— Sim, eles perderam o seu líder carismático, que realizou tantos milagres, porém ainda possuem um ensino sólido, especialmente se mantiverem como texto-chave a regra de amarem o próximo como a si mesmos. Acho que isto pode fazer com que prossigam. Acho que eles poderão ficar bem.

Se Jesus não tivesse quebrado o poder da morte através de seu próprio corpo, ressuscitando, Ele não poderia ter entrado no Lugar Santíssimo, oferecendo o seu sangue por nós, e cancelando a nossa sentença de morte.

Se Jesus tivesse vindo à terra para trazer unicamente a mensagem “Ame o seu próximo”, Hamon e Benjamim teriam chegado a uma boa conclusão. Mas esta não era a missão fundamental de Jesus. Naquele dia, naquela cruz, estava pendurado muito mais do que uma condenação pelos ensinos de Jesus, ou por um movimento de um Messias terreno. O destino de toda a raça humana estava pendurado na cruz com Ele.

Qual seria o destino de toda a raça humana? Como Paulo explica, “O pecado de Adão trouxe a morte, e a morte passou a todos os homens” (Rm 5.12). Jesus como o Cordeiro Santo de Deus, foi o perfeito sacrifício pelos pecados. Sua morte expiatória era necessária para que a raça de Adão pudesse sobreviver à morte que o pecado lhe impôs. Nenhum outro sacrifício poderia fazer isso. Como já explicamos, era necessário que houvesse um Sumo Sacerdote irrepreensível para oferecer o Cordeiro Santo no altar diante de Deus. Pois se Jesus não pudesse quebrar o poder da morte sobre o seu próprio corpo ressuscitando, Ele não poderia entrar no Lugar Santíssimo, oferecendo seu sangue a nosso favor, e cancelando a nossa sentença de morte (Hb 9.11,12). A ressurreição corpórea do Senhor Jesus atendeu uma necessidade histórica. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hb 2.14,15). Jesus precisava ressuscitar fisicamente, sim, em seu corpo, “Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos

irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo" (Hb 2.17). Foi por essa razão que o apóstolo Paulo foi tão enfático quando falou da ressurreição de Cristo como o fundamento da nossa fé. Ele disse, "E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé" (1 Co 15.14).

A promessa de Jesus de perdoar os nossos pecados e ser o sacrifício expiatório que permitiria que tivéssemos um relacionamento com Deus estava baseada, não somente na sua morte, mas também na sua ressurreição.

"E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem" (1 Co 15.17, 19,20).

O fato de Cristo ter ressuscitado é uma realidade histórica. Por causa da ressurreição nós temos uma nova vida. "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo" (Ef 2.4,5).

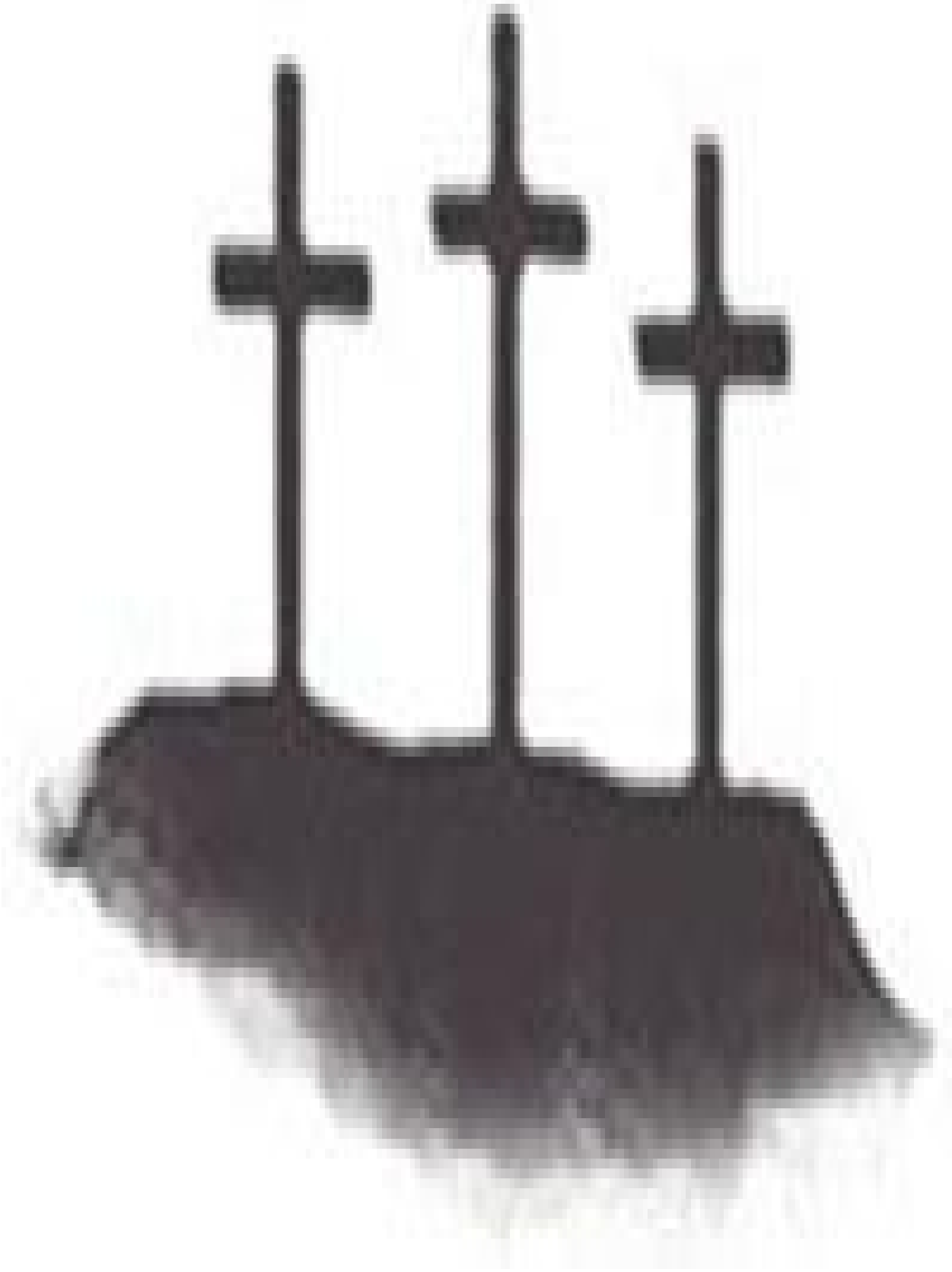
Nós cremos na verdade de que Jesus Cristo morreu na cruz como um sacrifício pelos nossos pecados, e que no terceiro dia ressuscitou de forma corpórea, vivendo novamente para transformar a nossa vida e nos assegurar a eterna salvação.

Por meio da ressurreição de Cristo, Deus transformou aquela sexta-feira aparentemente desastrosa em um dia maravilhoso. A ressurreição nos mostra claramente que a morte não tem nenhum poder sobre o Justo Filho do Deus soberano. Jesus, ao ressuscitar, aniquilou o poder da morte. Ao fazer isso Ele despedaçou o reino das trevas através de sua luz penetrante. Aquilo que parecia ser a destruição de Cristo, e que lançaria a raça humana em uma situação de completa ausência de esperança, provou ser o próprio meio de esperança da vida

eterna.

Até mesmo Gerd Lüdemann, um estudioso ateu que havia criticado o cristianismo por suas alegações sobrenaturais, admite a importância da ressurreição de Jesus para a fé cristã. Ele declara: “A ressurreição de Jesus é o ponto central da religião cristã... Evidentemente tudo depende da ressurreição de Jesus.”[1] Lüdemann está certo nessa afirmação — tudo depende do evento da ressurreição. A morte sacrificial de Cristo para nossa expiação não teria tido sentido sem a sua ressurreição.

Se Jesus não tivesse literalmente ressuscitado dos mortos, a sua promessa de perdoar os nossos pecados e nos conceder um relacionamento eterno com Deus não passaria de uma fantasia, de uma falsa esperança. A morte de Jesus era necessária para que a expiação ocorresse, e a sua ressurreição era uma necessidade histórica para que a nossa salvação tivesse sentido.



Capítulo Trinta e Três

AS EVIDÊNCIAS DE QUE JESUS LITERALMENTE RESSUSCITOU DOS MORTOS

Senhor McDowell,

Não posso concordar completamente com o senhor. A morte sacrificial de Cristo não seria sem sentido sem a sua ressurreição física. Um sacrifício como este jamais seria sem sentido.

Laura

A jovem que me escreveu estas palavras, mesmo sendo uma cristã comprometida, não enxergou a questão que muitas pessoas não discernem quando se trata da ressurreição de Cristo. É claro que foi o apóstolo Paulo, e não um McDowell que disse: “E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé” (1 Co 15.14). Ele disse isto porque Jesus não seria Deus se não conseguisse vencer a morte. Ele não teria conseguido apresentar o seu sangue expiatório a Deus Pai sem que acontecesse a sua ressurreição corpórea. O ato redentor de Cristo não terminou em sua morte. O ato redentor de Cristo consistiu tanto em sua morte, como também na oferta de seu sangue diante de Deus Pai, na forma de um corpo ressuscitado.

Se não tivermos a confiança de que Jesus ressuscitou literalmente para fazer a expiação pelos nossos pecados, a nossa fé para a salvação estará firmada em um terreno inseguro. Mas a boa notícia é que a ressurreição de Cristo é um fato histórico. Temos muitas razões para crer que este evento crucial é verdadeiro, e este fato nos dá razões para termos uma grande confiança em nossa esperança de uma salvação eterna. À medida que considerarmos algumas das evidências da ressurreição de Cristo permita que elas solidifiquem e firmem a sua fé como nunca.

O Túmulo Vazio

Bem cedo no início do primeiro dia da semana, várias mulheres foram ao sepulcro onde Jesus havia sido sepultado. O Senhor Jesus havia sido colocado naquele sepulcro no final da sexta-feira, que era considerado pelos judeus o início do sábado. Devido às regras estritas que proibiam certos tipos de atividades no sábado, as mulheres não concluíram o trabalho de unção do corpo de Jesus. Por esta razão, elas retornaram para concluir a tarefa. Mas à medida que se aproximaram do sepulcro, tiveram uma experiência que as chocou. A pedra que estava em frente ao sepulcro havia sido rolada, e depois de olharem para dentro, descobriram que o corpo de Jesus não estava mais ali. Em meio àquele sentimento de vazio, atordoamento, confusão e espanto, dois homens apareceram vestidos com roupas resplandecentes como um relâmpago, e disseram:

Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galileia, dizendo: Convém que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e, ao terceiro dia, ressuscite. E lembraram-se das suas palavras. E, voltando do sepulcro, anunciaram todas essas coisas aos onze e a todos os demais. E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras que com elas estavam as que diziam estas coisas aos apóstolos. E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram. (Lc 24.5-11)

Por mais que os discípulos de Jesus quisessem crer que Ele havia ressuscitado, não conseguiam. O relato das mulheres era simplesmente incrível — era bom demais para ser verdade. Porém eles logo veriam o Senhor. Pouco tempo depois, estando reunidos, Jesus apareceu. “E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor” (Jo 20.20). Mas Tomé, um dos doze não estava presente naquela reunião. Quando os outros discípulos lhe contaram o que havia acontecido, e o que viram, ele disse, “Se eu

não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei" (Jo 20.25). Oito dias depois, Jesus se mostrou novamente em meio aos discípulos reunidos, e nesta ocasião Tomé estava com eles. Jesus ofereceu ao discípulo duvidoso a oportunidade de colocar os seus dedos nas feridas e a sua mão no seu lado e disse, "Não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu!" (Jo 20.27,28). As evidências eram bastante claras até mesmo para aquele homem que insistia em evidências empíricas — Jesus havia ressuscitado dos mortos!

Nem mesmo os amigos do cristianismo, nem os seus opositores, poderiam negar o fato surpreendente e notório de que três dias após Jesus ter sido sepultado, a sua sepultura estava vazia. As muitas pessoas que o viram após a ressurreição sabiam por que: elas tinham provas diretas, empíricas e físicas de que Ele estava vivo. É significativo que, após a ressurreição, estes fatos que encorajaram os discípulos de Cristo não os conduziram a Atenas nem a Roma para pregarem que Ele havia ressuscitado; antes, voltaram diretamente à cidade de Jerusalém para proclamar as Boas-Novas. Isto é muito significativo, pois se aquilo que estavam afirmando fosse falso, a sua mensagem teria sido facilmente reprovada. Se aquele sepulcro não estivesse realmente vazio, a alegação da ressurreição não poderia ter sido mantida sequer por um momento em Jerusalém, a cidade em que Jesus havia sido morto e sepultado.

O filósofo Stephen Davis observa:

A proclamação cristã inicial da ressurreição de Jesus em Jerusalém teria sido tanto psicologicamente como apologeticamente impossível sem a evidência segura do túmulo vazio... em outras palavras, sem uma evidência segura e que fosse conhecida por todos, a respeito do túmulo vazio, as reivindicações dos apóstolos teriam sido consideradas imediatamente falsas por meio da simples apresentação do corpo de Jesus Cristo, morto.[1]

As fontes tradicionais judaicas e romanas reconhecem o túmulo vazio.

Estas fontes vão desde o historiador judeu Josefo, até uma compilação do quinto século de um escritor judeu que satirizou a vida de Jesus, intitulada O Toledoth

Jeshu. O escritor Dr. Paul Maier chama tais reconhecimentos de “evidências positivas que vêm de uma fonte hostil; este é o tipo mais forte de evidência histórica. Em essência, isto significa que se uma fonte admite decididamente um fato que não lhe é favorável, então este fato é genuíno”.[2]

Uma das evidências mais fortes do relato do túmulo vazio é o fato de ele registrar mulheres como tendo sido as primeiras pessoas a descobri-lo. Na Palestina do primeiro século, as mulheres tinham uma condição muito baixa como cidadãs e como testemunhas legais. Exceto sob raras circunstâncias, a Lei impedia que as mulheres testemunhassem em um tribunal. Portanto, por que aqueles que desejavam divulgar o cristianismo inventariam uma história que traria um grande embaraço aos discípulos? Os discípulos eram os proponentes da nova fé. Eles seriam envergonhados através de uma história que contasse que fugiram durante a crucificação, enquanto as mulheres se aproximaram corajosamente do sepulcro tornando-se as primeiras pessoas a proclamar que o sepulcro estava vazio. Uma história como essa não teria servido ao propósito de propagar aquela causa. O bom senso nos diz que a única razão pela qual as mulheres foram descritas como as primeiras testemunhas, é que esta é a verdade. O Dr. Paul Maier observa com precisão que “se os relatos da ressurreição tivessem sido forjados... as mulheres jamais teriam sido incluídas na história; ao menos, não como as primeiras testemunhas”.[3]

A sepultura vazia de Jesus permanece como uma clara testemunha de que, como o anjo disse, “Não está aqui, mas ressuscitou” (Lc 24.6).

Embora o fato do túmulo vazio tenha sido comprovado por meio da ressurreição do Senhor Jesus, sendo um fato historicamente inegável, foram apresentadas algumas teorias com a finalidade de explicar o fato histórico bem como outros fenômenos e eventos que se passaram nos dias e semanas transcorridos após a morte de Jesus. Estas teorias procuram explicar este episódio histórico sem recorrer à ressurreição corporal de Jesus como resposta.

Vamos cobrir aqui seis destas teorias.[4]

A Teoria do Corpo Roubado

A evidência de um sepulcro vazio logo após a crucificação e o sepultamento de Jesus não prova, por si só, que Ele ressuscitou. Aqui se faz necessária uma elucidação. Uma explicação que foi oferecida poucas horas após a constatação do túmulo vazio foi a teoria que dizia que os discípulos de Jesus haviam roubado o corpo. Mateus reporta:

E, quando iam, eis que alguns da guarda, chegando à cidade, anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido. E, congregados eles com os anciãos e tomando conselho entre si, deram muito dinheiro aos soldados, ordenando: Dizei: Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram. E, se isso chegar a ser ouvido pelo governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança. E eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. E foi divulgado esse dito entre os judeus, até ao dia de hoje. (Mt 28.11-15)

À primeira vista, a possibilidade do túmulo de Jesus estar vazio devido ao suposto roubo de seu corpo por seus discípulos pode parecer até mesmo plausível. Entretanto, a consideração mais cuidadosa mostrará rapidamente que a teoria do corpo roubado cria mais problemas do que resolve. Por exemplo:

• Os guardas romanos é que foram subornados para acusar os discípulos de terem roubado o corpo. Se os guardas estiveram dormindo, conforme alegaram, como poderiam saber que os discípulos, ou quaisquer outros, roubaram o corpo? Sentinelas que dormem em serviço não podem prestar um relatório confiável daquilo que aconteceu.

• Os soldados romanos eram executados quando dormiam em serviço (o que explica o relatório de Mateus sobre a proteção que os líderes religiosos prometeram aos guardas, dizendo, “E, se isso chegar a ser ouvido pelo governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança” (Mt 28.14). Quão plausível seria afirmar que todos os guardas decidiram tirar uma soneca, ao mesmo tempo, sabendo que essa atitude poderia custar a vida de cada um deles?

• Mesmo que os guardas romanos tivessem dormido, considere o que seria necessário para que alguém roubasse o corpo de Jesus. A pedra que fora rolada para a entrada do sepulcro deveria pesar entre 1 e 2 toneladas! Aqueles que desejassem roubar o corpo deveriam passar cuidadosamente pelos guardas, rolar aquela imensa pedra montanha acima, entrar no túmulo escuro, e sair carregando o corpo... tudo isso sem despertar nenhum soldado da guarda!

A suposição de que os discípulos seriam capazes de roubar o corpo de Jesus enquanto os guardas romanos estariam dormindo, força, de forma absurda, os limites da credulidade.

Analisando o Argumento da Versão do Corpo Roubado

O pelotão dos soldados romanos não é o único problema com a teoria do roubo do corpo. Também é difícil imaginar os seguidores de Jesus como homens capazes de realizar tamanha façanha. Considere o seguinte:

• Teria sido necessária uma bravura considerável — uma ousadia sem par — para desafiar um destacamento da guarda romana quer seus soldados estivessem acordados ou dormindo. Contudo, o registro histórico mostra que nos dias posteriores à morte de Jesus, os discípulos eram um grupo desencorajado e deprimido. Eles fugiam ao menor sinal de problemas, negavam sua associação com Jesus, e se mantinham encolhidos atrás de portas trancadas — este dificilmente seria o retrato de um grupo que se arriscaria para roubar o corpo do seu Mestre, que havia morrido (Mc 14.50; Lc 22.54-62; Jo 20.19).

• Uma das primeiras testemunhas da cena do túmulo vazio reportou que as roupas de linho que tinham envolvido o corpo de Jesus ainda estavam presentes, e que a peça de tecido que cobrira a sua cabeça estava dobrada e colocada à parte (Jo 20.5-8). Você pode imaginar os ladrões em um sepulcro desperdiçando tempo para despir um corpo morto meticulosamente, dobrando cuidadosamente os tecidos que o envolveram, colocando-os sobre uma laje de pedra? Ao contrário, se o corpo de Jesus tivesse sido roubado, os tecidos sepulcrais teriam sido levados juntamente com o corpo.

• De acordo com os relatos históricos, os discípulos se mostraram céticos quando

ouviram falar do sepulcro vazio. Tudo indica que eles não esperavam que o sepulcro estivesse vazio, e menos ainda fazerem um complô para roubar o corpo de Jesus.

• Por que um grupo de homens que haviam corrido e se escondido enquanto Jesus estava vivo, repentina e corajosamente decidiriam roubar o seu corpo, começando a propagar uma história que certamente faria com que recebessem o mesmo tratamento (prisão, açoites e até a morte) do qual fugiram há apenas três dias?

Contudo, divulgar a história da ressurreição de Jesus foi exatamente o que estes discípulos fizeram. O registro histórico afirma que apenas poucas semanas depois da morte de Jesus, os seus seguidores já estavam pregando publicamente as novas da sua ressurreição. Durante a semana do Pentecostes, de fato, milhares foram “batizados” e acrescentados à igreja, como um resultado desta pregação (At 2.41).

Uma pregação como esta deve ter levado os líderes judeus a uma completa consternação. O fato de não poderem fazer nada para provar que essa ressurreição não ocorreu é mais um atestado de sua veracidade. Você pode ter a certeza de que se o corpo de Jesus não tivesse sido ressuscitado, os líderes políticos e religiosos daqueles dias teriam, rapidamente, sufocado e esmagado a nova fé cristã, mostrando o corpo morto de Jesus, exibindo-o por todas as ruas de Jerusalém. Esta teria sido uma evidência inegável de que a ressurreição não passava de uma fraude. Isto teria destruído o cristianismo praticamente antes de seu início. Mas isso nunca aconteceu, e, por esta razão, a ressurreição de Jesus Cristo foi cada vez mais demonstrada.

Você pode ter a certeza de que se o corpo de Jesus não tivesse sido ressuscitado, os líderes políticos e religiosos daqueles dias teriam, rapidamente, sufocado e esmagado a nova fé cristã, mostrando o corpo morto de Jesus, exibindo-o por todas as ruas de Jerusalém.

Os inimigos de Jesus tinham todas as razões possíveis para tentar localizar o seu corpo. E, por outro lado, não há como crer que os seguidores de Jesus tivessem a possibilidade de roubá-lo, ou que de fato tenham-no roubado. Parece claro que tentar aderir à teoria do corpo roubado, equivale a escalar uma montanha de fatos que não são, de maneira alguma, plausíveis. Em poucas palavras, enquanto "as dificuldades para crer podem parecer grandes", conforme o autor George Hanson destaca em seu livro "The Resurrection and the Life", "os absurdos que vêm da incredulidade são muito maiores".[5]

Mas, se os discípulos não roubaram o corpo do senhor Jesus de sua sepultura, para onde Ele foi?

A Teoria do Desmaio

Alguns tentaram explicar o túmulo vazio sugerindo que Jesus nunca morreu, de verdade. A teoria do desmaio, como passou a ser chamada, supõe que Jesus tenha sido realmente pregado na cruz, sofrendo uma dor tremenda e perdendo sangue. Porém, de acordo com esta suposição, ao ser removido da cruz Ele não estaria completamente morto; estaria meramente em estado de choque.

Alguns que propõe esta teoria chegam a citar o registro do Novo Testamento como evidência, tentando mostrar que nem mesmo Pilatos podia crer que Jesus "já estivesse morto" (Mc 15.44).

Estes adotam a suposição de que os discípulos — ajudados por José de Arimateia — desceram da cruz o corpo ainda vivo de Jesus, e colocaram-no naquele sepulcro. (Hugh J. Schonfield, autor do best-seller The PassoverPlot, chegou a sugerir que Jesus planejou tudo isso!)

Então, a teoria prossegue, Jesus, ajudado pelo ar fresco do sepulcro, pelos efeitos revigorantes das especiarias para o sepultamento nas quais foi envolto, e pelas muitas horas de repouso tranquilo, levantou-se do local sobre a qual fora posto,

despiu-se da mortalha, e saiu do sepulcro. Assim, quando Ele se encontrou com os discípulos, eles equivocadamente pensaram que Ele tivesse ressuscitado... quando, de fato, Ele teria sido apenas revigorado.

Porém a teoria do desmaio tem várias falhas fatais.

A "Certidão de Óbito"

O Senhor Jesus sofreu agressões perversas. Os romanos usavam, tipicamente, um instrumento conhecido como flagrum que frequentemente rasgava as costas da vítima, retalhando-a (como resultado desses açoitamentos, muitos prisioneiros morriam antes mesmo que fossem executados). Jesus teve, então, as suas mãos e os seus pés cravados numa cruz.

Então, pelo fato de no dia seguinte ter início a páscoa judaica, e a Lei judaica não permitir que uma vítima ficasse pendurada em uma cruz de um dia para outro, os líderes religiosos pediram que Pilatos apressasse a morte de Jesus e dos outros condenados, quebrando-lhes as pernas (Dt 21.22,23; Jo 19.31). Este ato geralmente resultava em morte por asfixia, pois a vítima, incapaz de se sustentar ou de se apoiar sobre os seus pés para aliviar a compressão causada pelo peso de seu corpo sobre os seus pulmões, e sobre as suas passagens internas de ar, era lentamente sufocada.

Quando os algozes foram quebrar as pernas de Jesus, estando crucificado, descobriram que Ele já estava morto. Nem por isso deixaram de se certificar: "Contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água" (Jo 19.34).

Logo depois, quando José de Arimateia pediu a custódia do corpo, o governador romano expressou surpresa pelo fato de Jesus já estar morto, e exigiu uma confirmação. Somente depois de receber um relatório, Pilatos liberou o corpo, entregando-o a José de Arimateia. Deste modo, foi feita uma verificação rigorosa através da qual se constatou que Jesus estava morto, antes que fosse sepultado.

Não temos apenas o relato das Escrituras a respeito da morte de Jesus através da crucificação, mas temos também as evidências extrabíblica dos historiadores do primeiro século. O estudioso da Bíblia John Dominic Crossan escreve, “A morte de Jesus por intermédio de uma execução sob o governo de Pôncio Pilatos é um evento histórico mais que comprovado. Pois mesmo que nenhum de seus seguidores escrevesse algo a este respeito em um período de cem anos após a crucificação, nós ainda viríamos, a saber, destes fatos através de dois autores que não fizeram parte dos seus seguidores. Seus nomes são Flávio Josefo e Cornélio Tácito”.[6]

Nenhuma das pessoas que estiveram mais diretamente envolvidas com a morte de Jesus, nem os escritores que a relataram acreditavam que Jesus simplesmente desmaiou na cruz. Eles tinham a certeza de que Ele havia morrido.

A Mortalha

Os seguidores de Jesus prepararam o seu corpo de acordo com os costumes judaicos para o sepultamento. Nicodemos providenciou “quase cem libras de um composto de mirra e aloés. Tomaram [Nicodemos e José de Arimateia], pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer na preparação para o sepulcro” (Jo 19.39, 40).

O costume consistia em “embrulhar” o corpo firmemente desde as axilas até os tornozelos, depositando sobre ele as especiarias, que tinham frequentemente uma consistência viscosa e aderente, entre as faixas que eram enroladas ao corpo. Estas especiarias serviam a um propósito duplo: preservar o corpo e servir como um adesivo para as vestes mortuárias. A cabeça do morto também era envolvida por um pano semelhante a um turbante. Os registros históricos relatam que quando o sepulcro vazio foi descoberto no primeiro dia da semana, as testemunhas oculares daquela cena viram “no chão os lençóis e que o lenço que tinha estado sobre a sua cabeça não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte” (Jo 20.6,7).

Aceitar a teoria do desmaio exige que creiamos que Jesus, depois de sofrer uma tortura impressionante, um sofrimento que não se pode expressar e a

crucificação, acordou em um sepulcro escuro, e mesmo tendo os seus braços fortemente amarrados às partes laterais de seu corpo, envolto por faixas apertadas, foi capaz de se soltar sozinho de um conjunto de panos e especiarias, dobrou estes panos, colocou-os calmamente sobre onde esteve deitado, e saiu do sepulcro... completamente nú.

O teólogo do século XIX, David Strauss, foi um dos mais amargos oponentes dos elementos sobrenaturais contidos nos Evangelhos, e um homem que, por intermédio de suas obras, procurou destruir a fé em Cristo. Apesar de todas as suas críticas incorretas, corrompidas e perversas, e firmes negações de tudo aquilo que envolva o sobrenatural, Strauss disse o seguinte a respeito da teoria de que Jesus se recuperou de um desmaio:

É impossível que um ser que tenha sido roubado “meio morto” de um sepulcro, que estivesse rastejante entre a fraqueza e fortes ferimentos, precisando urgentemente de um tratamento médico... pudesse ter dado aos discípulos a impressão de que era um Vencedor sobre a morte e a sepultura, o Príncipe da Vida, uma impressão que faria parte do alicerce do futuro ministério que desempenhariam.[7]

A Pedra

Jesus não estava apenas envolto em apertadas vestes fúnebres e especiarias; Ele também estava sepultado em um sepulcro escavado em uma rocha, cuja entrada estava bloqueada por uma pedra que deveria pesar entre uma e duas toneladas.

Vamos assumir que Jesus tenha sido tirado da cruz “desmaiado”, e que a sepultura fria e sufocante o tenha reavivado algum tempo depois. Vamos assumir também que Ele tenha conseguido se livrar das faixas apertadas que estavam envolvendo o seu corpo, as apertadas “vestes” sepulcrais. Seguindo esta linha de raciocínio, também deveremos assumir que, livre das faixas que o apertavam, Jesus tenha agora conseguido, a partir do interior do sepulcro (que era projetado para ser aberto apenas pelo lado de fora) rolar montanha acima uma pedra circular cujo peso variava entre uma e duas toneladas (este seria um trabalho difícil para um grupo de vários homens). Observe que Ele também deveria

escorar a pedra, de algum modo, para que ela não rolasse novamente para a entrada do sepulcro, fechando-o. Tudo isto deveria ser feito por um homem que, poucas horas antes, havia sido cruelmente açoitado, dilacerado por uma coroa de espinhos, cravado em uma cruz com grandes pregos que atravessaram as suas mãos e os seus pés, além de ter sido fortemente golpeado por uma lança romana na altura de suas costelas. E tudo isso deveria ser feito de uma forma absolutamente silenciosa, para que os soldados romanos que guardavam o sepulcro não o percebessem, de forma que Ele pudesse passar pelo meio deles em fuga, sem ser notado.

As Aparições

No mesmo dia em que Jesus foi supostamente reanimado em um sepulcro frio, úmido e escuro, tendo conseguido tirar de si mesmo as apertadas ataduras com que foi envolto, tendo rolado montanha acima uma enorme pedra de uma ou duas toneladas e atravessado com muita habilidade os soldados romanos que guardava o sepulcro, Ele também deve ter andado pouco mais de 10 quilômetros da cidade de Jerusalém até Emaús.

Lucas registra no capítulo 24 a maneira como Jesus apareceu a dois de seus seguidores, que estavam a caminho de Emaús, uma aldeia que estava situada a aproximadamente 10 quilômetros de Jerusalém. Eles não reconheceram Jesus até que chegaram ao seu destino e convidaram-no a comer com eles. Quando Ele partiu o pão, como costumava fazer, “Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes” (Lc 24.31).

Andar 10 quilômetros até Emaús dificilmente seria do tipo de atividade que alguém esperaria de um homem que fora removido da cruz onde sofreu pelas mãos de um carrasco, e que permaneceu em um sepulcro por mais de 36 horas. E de algum modo os dois homens com os quais Ele estava caminhando não perceberam que a pele dEle estava perfurada, moída e retalhada.

Embora a aparição de Jesus na estrada para Emaús seja apenas a primeira de um conjunto de aparições (que aconteceram logo após a sua brutal experiência na cruz), ela convenceu os seguidores de Jesus de que Ele venceu a morte. O

apóstolo Paulo nos oferece outro registro das aparições de Cristo após a ressurreição:

Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois, foi visto por Tiago, depois, por todos os apóstolos. (1 Co15.3-7)

Nestes versículos, Paulo apela ao conhecimento que os seus leitores tinham de que Cristo tinha sido visto por mais de quinhentas pessoas em uma única ocasião. Paulo os lembra de que a maioria destas pessoas ainda estava viva, e poderiam ser questionadas. Esta declaração é uma forte evidência que qualquer pessoa poderia esperar encontrar para um evento ocorrido há dois mil anos.

O escritor C.H. Dodd observou: “Dificilmente haveria outro propósito ao mencionar que a maioria daquelas 500 pessoas estava viva, a menos que Paulo estivesse dizendo, com efeito, ‘As testemunhas estão aí, e podem ser questionadas’”.[8]

Esta é a razão pela qual o apologista William Lane Craig afirma que “é praticamente impossível questionar esta aparição”.[9]

Paulo jamais poderia ter mencionado que 500 pessoas viram Jesus, tão pouco tempo após o evento, se este fato não tivesse realmente acontecido.

Se cada uma destas 500 pessoas fosse testemunhar em um tribunal, e cada uma delas usasse 6 minutos, incluindo o exame feito através do cruzamento dessas informações, teríamos, no mínino, 50 horas de testemunhos prestados por testemunhas oculares, o que é impressionante e excelente! Acrescente a esses o testemunho de muitas outras testemunhas oculares, e você poderá ter, com certeza, o maior e mais completo testemunho da história.[10]

A Ascensão

Se Jesus apenas se recuperou de um desmaio que parecia ser a sua morte, então não há razão para crer que Ele mais tarde tenha ascendido ao céu, como Marcos e Lucas registraram. Mas se Cristo não subiu ao céu para onde Ele foi? Será que seria razoável pensar que Jesus teria se afastado de seus seguidores para viver o resto de sua vida em um isolamento e morrer na obscuridade?

Aceitar uma teoria como esta seria o mesmo que acreditar que enquanto a nova igreja estava pregando as Boas-Novas da ressurreição de Cristo, o próprio Senhor Jesus estaria vivendo em algum retiro solitário, desconhecido até mesmo dos seus seguidores mais próximos, enquanto a sua ausência estaria perpetuando a lenda do cristianismo. Um cenário como este faria de Jesus Cristo — cujos ensinos exaltam os mais elevados níveis de moralidade — o maior enganador de todos os tempos, e da sua ressurreição a maior fraude da história.

Seguir um pensamento como este exigiria que se cresse que Jesus decidira seguir um curso de ação insano: Ele estaria forjando a sua própria ressurreição para alcançar um renome que Ele jamais testemunharia, nem desfrutaria.[11]

A Teoria da Relocação do Corpo

Esta teoria sugere que Jesus não ressuscitou dos mortos, mais que o seu corpo foi temporariamente guardado no sepulcro de José de Arimateia, na noite daquela sexta-feira, antes de ser transferido para a sepultura designada a um criminoso. Assim, os discípulos teriam se equivocado, pensando que Ele tivesse ressuscitado. Esta hipótese ganhou um número considerável de seguidores na internet.

A “hipótese da relocação” ganha algum suporte pelo fato do processo de re-sepultamento ter sido uma prática comum na antiga Palestina. Mas é importante observar que os procedimentos de re-sepultamento dos judeus diferem significativamente da teoria proposta aqui. A tradição judaica consistia em

sepultar um corpo por um ano, e então, depois que a carne humana estivesse deteriorada, restando apenas os ossos, eles os removiam colocando-os em um ossuário — que consistia em uma "caixa de ossos" que era então enterrada.

O problema com esta teoria da relocação do corpo de Jesus é a sua completa falta de suporte histórico, quer nas fontes bíblicas, quer nas fontes extrabíblicas. Nenhum dos relatos dos Evangelhos sequer sugere que o corpo de Jesus tenha sido relocado, ou novamente sepultado. O mensageiro vestido de vestes brancas resplandecentes na entrada do sepulcro minou esta visão equivocada quando disse, "Já ressuscitou, não está aqui" (Mc 16.6).

A teoria da relocação enfrenta, de fato, um problema ainda mais grave. O doutor Michael Licona observa:

"Na melhor hipótese, ainda que o suposto re-sepultamento tivesse acontecido, ele contribuiria com o fato do túmulo vazio. Pois é interessante observar que nenhum dos discípulos aceitou, de início, o fato de o sepulcro estar vazio — talvez com exceção de João — e que deste modo Jesus estivesse vivo novamente. Foi o fato de Jesus se apresentar vivo a eles que os convenceu. E a teoria da relocação não explica estes fatos indiscutíveis". [12]

Se o corpo de Jesus tivesse sido simplesmente relocado, por que alguém não o mostrou quando os discípulos começaram a proclamar que Ele ressuscitou? Os líderes judeus sem dúvida teriam exibido o corpo morto de Jesus, imediatamente, e isso teria detido o avanço do cristianismo. Alguns chegaram a sugerir que os judeus não o fizeram, pois o corpo de Jesus já estaria desfigurado; porém isso não é verdade, porque devido ao clima da Palestina, o corpo de Jesus se manteria reconhecível por muito tempo. Assim, a conclusão é que a teoria da relocação simplesmente não tem sentido.[13]

A Teoria da Alucinação

Foram feitas muitas tentativas para explicar o sepulcro vazio. Se o corpo não foi roubado e escondido, se Jesus não desmaiou e depois se recuperou, e se o seu corpo não foi relocado, o que mais pode ter acontecido? Outra suposta explicação que tem sido oferecida é a teoria da alucinação.

Esta teoria sugere que aqueles que “viram” Jesus Cristo após a sua morte e ressurreição sofreram algum tipo de alucinação. Eles podem ter pensado que viram Jesus vivo, mas estas aparições seriam o resultado de alucinações, ou algum tipo de poder de sugestão.

As alucinações ocorrem. As pessoas sempre cometem enganos e sofrem até mesmo ilusões em relação às coisas que vêm ou experimentam. Entretanto, há certos padrões para que possamos avaliar se um caso é uma ilusão ou uma alucinação. Estes casos são altamente individualizados e extremamente subjetivos. É raríssimo ter duas pessoas experimentando as mesmas alucinações simultaneamente.

Os relatos das aparições de Jesus após a sua ressurreição não apresentam as características ou os padrões das alucinações. Elas ocorreram em momentos diferentes. As testemunhas oculares não estavam esperando nenhuma aparição, e frequentemente se mostraram, de início, confusas ou céticas (Lc 24.16; Jo 20.14, 24, 25).

A maioria das aparições aconteceu para grupos de pessoas (Mc16.14-18; Jo 21.1-24; 1 Co 15.6). Jesus apareceu em pelo menos dez ocasiões diferentes, depois da sua ressurreição:

1. A Maria, de Magdala (Mc 16.9; Jo 20.11-18)

2. Às mulheres que retornavam do sepulcro (Mt 28.9,10)

3. A Pedro (Lc 24.34; 1 Co 15.5)

4. A dois de seus seguidores no caminho de Emaús (Lc 24.13-33)

5. Aos discípulos e a várias outras pessoas (Lc 24.36-43)

6. Aos discípulos, incluindo Tomé (Jo 20.26-29)

7. A sete discípulos junto ao mar da Galileia (Jo 21.1-23)

8. A mais de quinhentos de seus seguidores (1 Co15.6)

9. A Tiago, seu irmão (1 Co 15.7)

10. Aos onze discípulos, por ocasião de sua ascensão (At 1.4-9)

Outro fator que argumenta fortemente contra a teoria da alucinação é o convite que Jesus fez para que a sua presença com eles, em carne e sangue, fosse verificada:

“Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel, o que ele tomou e comeu diante deles” (Lc 24.39-43).

As pessoas que viram Jesus não eram o tipo de pessoas que teriam ilusões. Eram pessoas céticas, que frequentemente demoravam a crer no que viam e ouviam. Quando as mulheres procuraram os apóstolos naquele domingo de manhã, com as notícias do túmulo vazio em primeira mão, “E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram” (Lc 24.11). A primeira reação de Pedro e João foi correr ao sepulcro para que pudessem ver com os seus próprios olhos aquilo que as mulheres lhes haviam contado. Thomé, por exemplo, jamais seria uma vítima dos erros de outra pessoa: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei” (Jo 20.25).

A teoria da alucinação — como as outras teorias — não se coloca como uma oposição digna de crédito perante o registro histórico. Como as outras tentativas de explicar a ressurreição, ela parece exigir mais fé do que aquela que é necessária para crer no que as testemunhas oculares declararam: “aos quais

também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus" (At 1.3).[14]

A Teoria da Ressurreição Espiritual

Esta teoria alega que o corpo de Cristo pereceu no sepulcro e que a sua verdadeira ressurreição foi espiritual. As Testemunhas de Jeová aceitam uma determinada forma desta teoria. Ao invés de crerem que o corpo de Jesus pereceu no sepulcro, entretanto, este grupo crê que Deus destruiu o corpo de Jesus no sepulcro, e que Jesus ressuscitou com um corpo que não era material. Estas teorias que procuram dizer que houve uma "ressurreição espiritual" possuem problemas insuperáveis.

Em primeiro lugar, para que tenha qualquer sentido, uma ressurreição precisa estar relacionada a um corpo físico (pois é o corpo físico que ressuscita). Na visão do judaísmo da Palestina, uma ressurreição espiritual sem a ressurreição do corpo físico, não é, de modo algum, uma ressurreição. Dan Cohn-Sherbok, um rabino judeu, convidado a ministrar em Cambridge, observou:

Ou Jesus foi fisicamente ressuscitado, ou não houve nenhuma ressurreição. É simples assim. O relato que os Evangelhos trazem a respeito do túmulo vazio, e o fato dos discípulos reconhecerem o Cristo ressuscitado, mostram que esta deve ser a nossa entendimento em relação ao evento da ressurreição. Para eles, não haveria sentido que Jesus ressuscitasse de algum modo espiritual, sem que houvesse uma ressurreição física.[15]

O estudioso britânico N. T. Wright demonstrou que embora tenham existido várias concepções de vida após a morte no judaísmo do primeiro século, "a ressurreição" tinha uma importância e um significado particular. Wright explica:

Por mais amplo que possa ter sido o espectro, e por maior que tenha sido o número das diferentes posições que os judeus assumiram em relação à "ressurreição", ela sempre denotou uma posição dentro de um contexto. A "ressurreição" não era um termo que designava a "vida após a morte", de um modo geral. Este termo sempre trazia consigo o conceito de um corpo que volta a viver.[16]

Wright também demonstra que "não há nenhuma evidência de que os judeus... tenham utilizado a palavra ressurreição para denotar algo que, essencialmente, não fosse concreto".[17] Se Jesus tivesse ressuscitado em um corpo imaterial, os discípulos não teriam descrito o acontecimento como uma ressurreição.

O próprio Senhor Jesus demoliu completamente a teoria da ressurreição espiritual. Quando os seus discípulos, assustados, pensaram que estivessem vendo um espírito, Jesus lhes advertiu: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39). Mais tarde, o Senhor Jesus Cristo comeu peixe com os seus seguidores, demonstrando, mais uma vez, que o seu corpo ressuscitado possuía carne e ossos. Mateus registrou que quando eles encontraram Jesus, abraçaram os seus pés e o adoraram (Mt 28.9). Ninguém abraça as pernas de um espírito! Alguns chegaram a argumentar que Jesus se manifestou temporariamente em um corpo físico para que os discípulos pudessem reconhecê-lo. Embora esta seja uma resposta criativa, ela é arbitrária; e, pior ainda, envolveria por parte de Jesus uma atitude enganosa, o que é claramente inconsistente com o seu caráter e natureza.

O apóstolo Paulo também demoliu a teoria da ressurreição espiritual ao ensinar sobre a ressurreição do corpo em 1 Coríntios 15.29-58. Tendo sido anteriormente um fariseu, Paulo acreditava firmemente em uma ressurreição física. Fundamentando a sua teologia na ressurreição de Cristo, Paulo mostra que nós também, um dia, seremos fisicamente ressuscitados. Embora os corpos ressuscitados sejam fisicamente diferentes do corpo que temos hoje, a diferença está na riqueza que os corpos ressuscitados terão; porém ainda serão corpos físicos.

Alguns discordaram desta interpretação desta passagem, baseando o seu argumento no ensino de Paulo em 1 Coríntios 15.44, “Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual”. “Veja”, eles dizem, “Paulo cria em uma ressurreição imaterial!” Porém esta objeção falha por não considerar que a palavra espiritual, neste contexto, não tem a conotação de imaterial. Nós sempre nos referimos à Bíblia Sagrada como um livro “espiritual”, embora esteja claro que não estamos dizendo que se trate de um livro imaterial!

Michael Licona realizou uma investigação histórica exaustiva dos termos gregos traduzidos como “natural” e “espiritual” em 1 Coríntios 15.44. Depois de pesquisar vários textos antigos do oitavo século antes de Cristo até o terceiro século de nossa era, ele concluiu, “Embora eu não tenha analisado todas as 846 ocorrências, estudei a maior parte delas. Como resultado, não encontrei nem mesmo uma única referência em que o termo psuchikon [o termo traduzido como natural em 1 Co 15.44] tivesse o significado de ‘físico’ ou ‘material’”.[18] É simplesmente uma afirmação falsa dizer que Paulo esteja contrastando um corpo físico com um corpo não físico. Stephen Davis adverte:

Não devemos nos confundir devido ao uso que o apóstolo Paulo faz da expressão “corpo espiritual”. Ele não está utilizando esta expressão significando um corpo “formado pelo Espírito”, ou feito de um “material espiritual”, a despeito do que isso possa significar. Na realidade, ele está se referindo a um corpo que foi glorificado ou transformado por Deus, e que agora é completamente dominado pelo poder do Espírito Santo.[19]

Podemos ver um bom exemplo disso quando Paulo fala sobre aqueles que são “espirituais”, em 1 Coríntios 2.15. Está claro que o apóstolo não quer dizer que estas pessoas sejam invisíveis, pessoas imateriais que não tenham um corpo físico; Paulo está dizendo que tais pessoas são dirigidas pelo poder do Espírito Santo.

Há outros que não concordam com a ressurreição física porque em 1 Coríntios 15.50 Paulo diz que “carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus”. “Veja”, eles dizem, “o corpo de Jesus teria que ser imaterial para que Ele pudesse ir para o céu!” O teólogo Norman Geisler apresenta uma resposta para

essa afirmação: “A expressão, ‘carne e sangue’, neste contexto, aparentemente significa carne e sangue mortal; isto é, um mero ser humano”.[20] Esta interpretação é apoiada ao longo de todas as Escrituras. Por exemplo, em Mateus 16.17, Jesus diz: “Bem--aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.”

A teoria da ressurreição espiritual ignora completamente estes dois princípios de nossa pesquisa e análise. Os fatos bíblicos não se enquadram de forma alguma na referida teoria, e são forçados a se moldar a uma conclusão preconcebida daquilo que aconteceu.[21]

A Teoria da Religião de Mistério

“Nada no cristianismo é original”. Esta é uma das frases mais famosas do best-seller O Código Da Vince. No final do século XIX, e no início do século XX, muitos estudiosos acreditavam que as reivindicações centrais do cristianismo haviam sido plagiadas de religiões de mistério Greco-Romanas. Assim, estas pessoas consideravam Jesus como “outra divindade” que “morria e ressurgia” como acontecia na tradição de Osíris, Mitras, Adonias e Dionísio.

Embora esta estória tenha tido alguma aceitação na internet e em livros populares, ela enfrenta uma rejeição praticamente universal por parte dos estudiosos contemporâneos. Veja por que:

Embora os paralelos entre Jesus e as religiões de mistério possam parecer interessantes quando observados superficialmente, eles entram em colapso quando são submetidos a um escrutínio. Osíris, por exemplo, é considerada por muitos como uma deusa egípcia que morreu e voltou a viver. De acordo com a lenda, Osíris foi morta por Sete e ressuscitada por Isis. Porém ao invés de voltar ao mundo em um corpo ressuscitado, Osíris se tornou a rainha do submundo — o que dificilmente seria um paralelo para a ressurreição histórica de Cristo. Esta é uma das numerosas razões pelas quais Paul Rhodes Eddy e Greg Boyd, autores do livro The Jesus Legend, concluem que “as diferenças entre o cristianismo e as

religiões de mistério são muito mais profundas do que as suas aparentes semelhanças. Embora certamente existam termos paralelos usados no cristianismo primitivo e nas religiões de mistério, não há evidências suficientes de que os conceitos sejam paralelos".[22]

Diferentemente dos relatos do Jesus histórico, não há nenhuma evidência a favor da confiabilidade de algum dos supostos paralelos contidos nas estórias das religiões de mistério. Jesus de Nazaré comeu, dormiu, realizou milagres, morreu e voltou a viver. Todos estes eventos têm o suporte de registros históricos absolutamente confiáveis. Porém, em contraste, os deuses que morrem e voltam a viver nas estórias das religiões de mistério, não passam de mitos atemporais que são repetidos ano após ano, como acontece com as mudanças das estações.

O tratado mais recente sobre a morte e a ressurreição de deuses foi escrito por T.N.D. Mettinger, que é professor na Lund University. No livro The Riddle of Resurrection, Mettinger concorda com a existência de mitos de deuses que morrem e voltam a viver no mundo antigo, o que ele mesmo admite como sendo a visão de uma minoria. Contudo, a sua conclusão coloca o último lacre no caixão da teoria das cópias baratas:

Não há, até onde eu saiba, nenhuma evidência "prima facie" de que a morte e a ressurreição de Jesus Cristo seja uma construção mitológica, baseada nos mitos e nos ritos dos deuses que morrem e supostamente voltam a viver, de acordo com as estórias dos povos que viviam ao seu redor. Quando estudada com seriedade no contexto da crença judaica na ressurreição, a fé na morte e na ressurreição de Jesus Cristo mantém o seu caráter singular na história das religiões. E o enigma permanece.[23]

A Realidade do Senhor Ressuscitado

A realidade da ressurreição de Jesus teve um profundo impacto sobre a vida dos

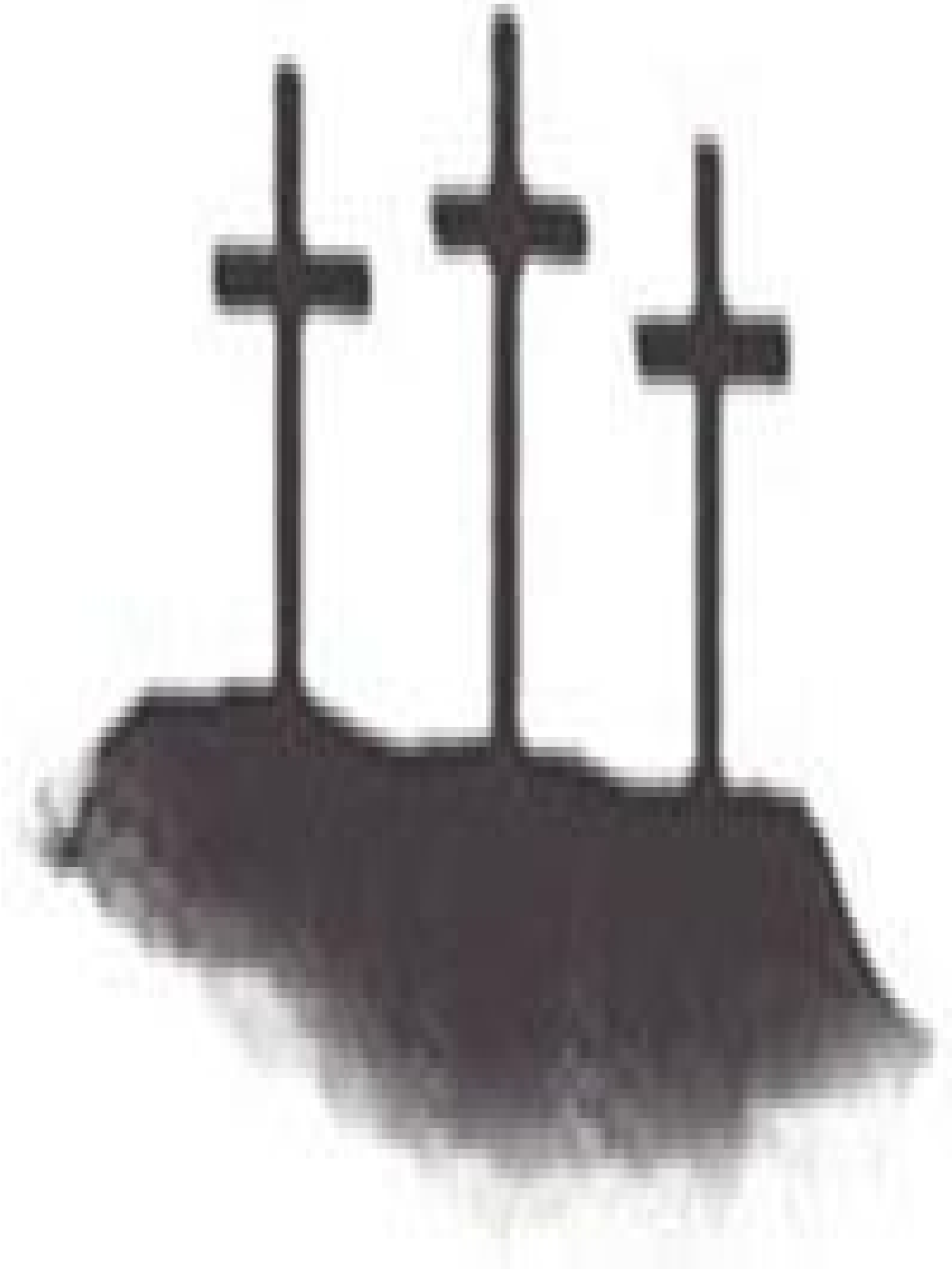
discípulos. Eles foram transformados, de covardes encolhidos de medo que se escondiam, passando a ser ousados pregadores, cuja maioria sofreu perseguições e deu a sua vida pelo Senhor ressuscitado. Esta repentina bravura e ousadia representam uma enorme transformação que pede uma explicação. Vamos examinar essa transformação mais de perto, e considerar as suas implicações.

Quando as autoridades prenderam Jesus no jardim do Getsêmani, a Bíblia nos diz que "todos os discípulos, deixando-o, fugiram" (Mt 26.56; Mc 14.50). Durante o julgamento de Cristo, Pedro saiu e negou-o três vezes, dizendo que nem mesmo conhecia o Senhor Jesus (Mc 14.66-72; Jo 18.15-27). Depois que Cristo foi crucificado, os discípulos, cheios de medo, se esconderam em um cenáculo e trancaram as portas (Jo 20.19). Estes discípulos se mostraram céticos quando ouviram falar do sepulcro vazio. Um deles chegou a se recusar a crer até que tocasse, pessoalmente, as feridas de Jesus. E dois discípulos, a caminho de Emaús, duvidaram, mesmo tendo falado pessoalmente com Jesus.

Porém, dentro de alguns dias, aconteceu alguma coisa que mudou completamente um grupo de seguidores covardes, transformando-os em um conjunto de entusiastas que se mostraram dispostos a enfrentar uma vida de sofrimentos em benefício da causa de Cristo.[24] O que foi isso? O que transformou estes seguidores desapontados em verdadeiros crentes? Somente uma explicação faz sentido. Foi a realidade do Cristo ressuscitado. E nos dias que se seguiram eles proclamaram abertamente estas Boas-Novas em Jerusalém, na Judeia, em Samaria, e praticamente até aos confins da terra de seus dias.

Esta verdade também é para nós. Como aqueles primeiros discípulos, nós também podemos confiar na eterna salvação que temos no Cristo ressuscitado, pois temos muitas evidências que nos mostram que os registros daquilo que Ele fez por nós são absolutamente verdadeiros.

Assim sendo, meus queridos irmãos e irmãs, podemos entrar com ousadia no Santo dos Santos por causa do sangue de Jesus. Este é o caminho novo, que dá vida, que Cristo abriu por nós rompendo a cortina sagrada, por intermédio de sua morte a nosso favor. E uma vez que temos este Grande Sumo Sacerdote que governa o povo de Deus, podemos ir diretamente à presença de Deus, apresentando-nos com corações sinceros que confiem plenamente nEle (Hb 10.19-22).



Capítulo Trinta e Quatro

VENCENDO O MEDO DA MORTE

Telma, uma senhora de 65 anos de idade, estava sentada na sala de espera com uma revista em seu colo, demonstrando inquietação e angústia. O homem que era seu marido há 48 anos conversava calmamente com outra paciente que estava sentada perto dele, também aguardando para ser atendida pelo médico.

— Senhora Milner? — a enfermeira chamou — o doutor lhe atenderá agora. Telma e seu esposo se dirigiram a uma sala na qual os pacientes eram examinados.

— Prazer em vê-la de novo, Telma — disse o médico com uma voz alegre ao entrar na sala.

— Prazer em vê-lo novamente, senhor Milner. Então o médico se dirigiu a uma cadeira e abriu uma pasta de arquivo que trazia em suas mãos.

— Bem, não existe um modo fácil de dizer isso, Telma, o médico disse em um tom sério. Os testes confirmam que você está nos primeiros estágios da doença de Alzheimer.

Telma instintivamente levou a mão à boca, esboçando um pequeno gemido. O marido passou a ter uma expressão preocupada enquanto colocava seu braço em torno de sua esposa atordoada.

Durante os 15 anos seguintes — e este foi um dos casos mais longos — a família de Telma assistiu o seu corpo, a sua mente, e todos os seus traços de memória serem devastados. Uma mulher que, no passado, fora bonita e vibrante, agora estava reduzida a nada mais do que pele e ossos. No final, incapaz de comer, falar ou responder à voz e ao toque das pessoas que amava, Telma deu o seu último suspiro e passou para a eternidade, deixando para trás de si uma família triste e enlutada.

Como a família Milner, todos nós, em algum momento da vida, sofremos a perda de uma pessoa amada. O vazio e o sofrimento que sentimos no caso de uma morte como esta é real, e, às vezes, parece insuportável. Embora o conforto que recebemos de pessoas amadas e o passar do tempo obscureçam a nossa dor, a realidade é que a morte é uma sombra inevitável que rouba as pessoas daqueles que as amam.

Assim, podemos muito bem entender que a morte representa um pensamento terrível, até mesmo para muitos cristãos. Jó descreveu-a como “o rei dos terrores” (Jó 18.14). A maioria de nós evita falar a respeito da morte, e, mesmo quando falamos, usamos eufemismos para suavizar ou disfarçar uma dura realidade. Preferimos termos como, “passar para a eternidade”, “dormir”, ou ainda “passar a estar com o Senhor”.

Por que, exatamente, tememos a morte? Há, pelo menos, cinco razões.

1. A morte é algo misterioso e desconhecido. É normal temermos aquilo que nos é desconhecido. Há sempre um grande sentimento de apreensão por não sabermos exatamente o que esperar. E a morte se coloca como a situação mais desconhecida dentre tudo aquilo que desconhecemos.

2. Temos que enfrentar a morte sozinhos. Se pudéssemos nos unir e enfrentar os ministérios desconhecidos da morte em um grupo, talvez fosse mais fácil pensar nela. Porém não é assim. Não podemos. Trata-se de uma noite escura pela qual cada um de nós deverá viajar sozinho.

3. Somos separados das pessoas que amamos. Como aconteceu com a família Milner, a morte rouba de nós as pessoas que nos são mais próximas. E alguns chegam a questionar se algum dia encontraremos estas pessoas novamente.

4. Com a chegada da morte, as nossas esperanças e sonhos não mais se realizarão. Quando morremos, os nossos objetivos morrem conosco. Já não poderemos continuar a construir os nossos sonhos. A morte coloca um ponto final no melhor de nossos planos.

5. A morte é inevitável. Mesmo tendo à nossa disposição os avanços científicos de nossos dias que são capazes de prolongar a nossa vida, todos nós podemos morrer a qualquer momento. Nenhum de nós é capaz de escapar da

inevitabilidade da morte.[1]

Embora tudo isto seja verdade, ainda há uma consolação significativa. Como cristãos, podemos experimentar a liberdade em relação ao medo da morte. A relevância da ressurreição corpórea de Jesus não consiste apenas na expiação dos nossos pecados, mas também na certeza que recebemos de que através dEle viveremos novamente. E o mesmo acontecerá com as nossas pessoas amadas que partiram para a eternidade, se elas depositaram a sua confiança em Cristo enquanto estiveram vivas.

A Liberdade do Medo pelo Fato de a Morte Ter Sido Vencida

Quando aquelas pessoas tão amigas de Jesus, Maria e Marta, perderam o seu irmão, o Senhor Jesus lhes disse:“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá” (Jo 11.25,26). Como Jesus é o nosso Senhor Ressuscitado, nós seremos os filhos ressuscitados de Deus. Deus nos revelou esta graça “pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho” (2 Tm 1.10).

Sim, a morte é inevitável, e todos nós estamos sujeitos ao morrer. Porém a morte não é um estado permanente para aqueles que têm confiado em Cristo. “Todos nós estamos sujeitos a morrer, pois todos estamos relacionados com Abrão, o primeiro homem. Mas todos aqueles que estão relacionados ao segundo homem, Cristo, receberão uma nova vida. Porém existe uma ordem para esta ressurreição: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda” (1 Co 15.22,23)

Nós não apenas temos nossos pecados perdoados e passamos a ter uma condição correta com Deus, mas também herdamos um corpo

que viverá para sempre.

Embora já sejamos redimidos, justificados, santificados e adotados como filhos de Deus nesta vida, ainda temos a receber a totalidade dos direitos que adquirimos por meio da adoção. Paulo disse: “para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada... nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. Porque, em esperança, somos salvos.” (Rm 8.18, 23,24). Esta é outra parte da importância da ressurreição de Cristo. Nós não apenas temos nossos pecados perdoados e passamos a ter uma condição correta com Deus, mas também herdamos um corpo que viverá para sempre.

Isto significa que um dia também experimentaremos a glorificação.

Novos corpos. Corpos que não sofrem dor, corpos que suportam adversidades e que não se desfazem. Essa é a nossa futura herança. “Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?... Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual... Qual o terreno, tais são também os terrenos; e, qual o celestial, tais também os celestiais” (1 Co 15.35, 42-44, 48).

Esta é certamente uma verdade que podemos abraçar e esperar ansiosamente. Pedro chamou-a de “herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar”, uma herança guardada nos céus para nós, uma herança cujo valor é tão grande que não se pode estimar.“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo, em que vós grandemente vos alegrais” (1 Pe 1.3-6). Esta herança de valor inestimável é um estado do ser no qual cada um de nós ganhará “pleno direito” a receber um corpo celestial

glorificado, para viver onde “não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor” (Ap 21.4). Isso significa que teremos corpos perfeitos em um mundo perfeito. Falando daquilo que ainda está por vir, Paulo, referindo-se aos nossos corpos, mostra que “convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade” (1 Co 15.53).

E isso acontecerá aos redimidos pelo fato de Jesus ter ressuscitado.

Esta promessa é tão maravilhosa e empolgante quanto qualquer outra que lemos na Bíblia Sagrada. Ela nos deixa eufóricos; nos dá esperança; estimula a nossa imaginação. E ela também aguça a nossa curiosidade natural. Quando é que esta vida eterna começa? Quando é que vamos receber os nossos corpos ressuscitados? Aqueles que amamos e que já partiram para estar com o Senhor já receberam esses corpos? Receberemos esses “novos corpos que Ele nos prometeu” imediatamente após a nossa morte? Ou teremos que esperar na sepultura ou em algum outro lugar até que Cristo volte, para que possamos receber o nosso corpo ressurrecto?

O Tempo da nossa Ressurreição

Jesus disse, “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também” (Jo 14.2,3). Essa passagem deixa claro que Jesus planejou voltar para buscar os seus seguidores. O apóstolo Paulo disse que Cristo “ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem” (1 Co 15.20). Jesus foi o primeiro a receber o corpo espiritual, e todos aqueles que confiam nEle estão em fila para receber os seus. “Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda” (1 Co 15.23).

As Escrituras deixam claro que existe uma ordem e um tempo quando se trata da ressurreição dos crentes. “Eis aqui vos digo um mistério”, Paulo nos conta este segredo que lhe foi revelado, “Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a

última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados", e assim não morreremos mais (1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.13-18). A ordem está bastante clara: Cristo foi o primeiro a ressuscitar e a subir ao céu. Quando Ele voltar, aqueles que morreram confiando nEle serão ressuscitados com seus novos corpos, e aqueles cristãos que estiverem vivos nesta ocasião também receberão os seus novos corpos.

Estes fatos levantam outra questão: "Se não receberemos os nossos novos corpos até que Jesus volte, qual é a situação daqueles que partiram? Esses filhos de Deus permanecem vivendo conscientemente sem os seus corpos? E se é assim, onde eles permanecem?" Alguns dizem que os cristãos que morreram estão simplesmente "dormindo", e permanecerão em um estado inconsciente até a volta de Cristo. Uma vez que Paulo se referiu àqueles que "dormiram no Senhor" (1 Ts 4.14), e outras passagens como estas utilizam uma linguagem semelhante (1 Ts 5.10; Mt 9.24; Jo 11.11) alguns crêem que vamos para um estado que é chamado de "sono da alma". Estes dizem que aqueles que morreram em Cristo e que estão "adormecidos" serão despertados por ocasião da ressurreição e receberão novos corpos.

Contudo, a maioria dos evangélicos considera a expressão "dormir" nas frases das Escrituras como um eufemismo para a morte, que descreve a aparência exterior do corpo morto. O corpo físico, está "dormindo" até a ressurreição, enquanto a alma, que não é física, desfruta uma existência consciente com o Senhor. O Antigo Testamento declara, "... e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Ec12.7).

Mas será que isto significa de fato uma existência consciente do espírito com Deus, mesmo antes de ressuscitarmos fisicamente? Sim, pois o Senhor Jesus disse ao ladrão que estava condenado ao seu lado, na cruz: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43). É óbvio que o condenado não receberia o seu corpo ressuscitado até que o Senhor Jesus ressuscitasse dos mortos. Contudo, o Senhor Jesus disse que aquele homem estaria com Ele. O apóstolo Paulo expressou a sua preferência: "Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor" (2 Co 5.8 , ARA). Todas as referências que o livro do Apocalipse faz aos seres humanos antes da ressurreição dos mortos retratam-nos como almas conscientes.

Como estas passagens indicam, quando os cristãos morrem, eles entram em um estado que os teólogos chamam de "estado intermediário". Esta é considerada

uma existência de transição, que abrange o período que vai da morte do crente até a volta de Cristo, quando todos os mortos serão fisicamente ressuscitados. Este momento da ressurreição, quando o espírito é reunido ao corpo transformado, é frequentemente chamado de “ir para o céu”. Porém, como discutiremos nos capítulos seguintes, existe uma diferença entre o céu intermediário, e o céu eterno (releia os capítulos 26 e 27).

Se a nossa alma está com o Senhor, em um céu intermediário, antes da ressurreição dos mortos, será que funcionamos como seres humanos físicos durante este período? Estas são questões das quais as Escrituras simplesmente não tratam. No entanto, teólogos como RandyAlcorn se aventuraram a dizer:

Dada a descrição física consistente do céu intermediário e daqueles que habitam ali, parece possível — embora se trate de um assunto passível de debates — que entre a nossa vida terena e a nossa ressurreição corpórea, Deus possa nos dar alguma forma física que nos permita funcionar como seres humanos enquanto estivermos naquele estado não natural “entre corpos”, aguardando a nossa ressurreição.[2]

Porque Ele Vive

Por causa da ressurreição de Cristo e das promessas que Ele nos fez, o nosso medo pode ser abandonado. Por que Ele vive...

• O mistério da morte é revelado. Sim, a morte é misteriosa e desconhecida, mas depois da ressurreição de Jesus, passamos a conhecer algo sobre ela que não poderíamos conhecer antes. A morte não é permanente. Cristo passou por ela, e abriu um caminho que podemos trilhar, seguindo-o. Uma parte do mistério foi removida porque agora temos pegadas a seguir, e sabemos que estas pegadas nos levarão a uma nova vida, à vida eterna.

• Não temos que enfrentar a morte sozinhos. Embora a partir de nossa própria perspectiva possa parecer que tenhamos de passar pela morte sozinhos, agora sabemos que esta é uma ilusão. A morte e a ressurreição de Jesus Cristo mostram que esta promessa não é vazia. Cristo de fato passou pelas trevas da morte, e nos espera ali como a luz da vida para nos conduzir em plena segurança.

• Não estamos permanentemente separados das pessoas que amamos, e que já partiram. A ressurreição também aplaca este medo. Pelo fato de Deus ter vencido a morte por intermédio de Jesus Cristo, o relacionamento com as pessoas que amamos continuará após a morte. A morte nos separa temporariamente das pessoas que amamos, mas a ressurreição de Cristo nos reunirá novamente.

• As nossas esperanças e sonhos pessoais têm um futuro. A ressurreição também elimina este medo. De fato, é mais exato dizer que no céu todas as nossas esperanças e sonhos se realizarão.

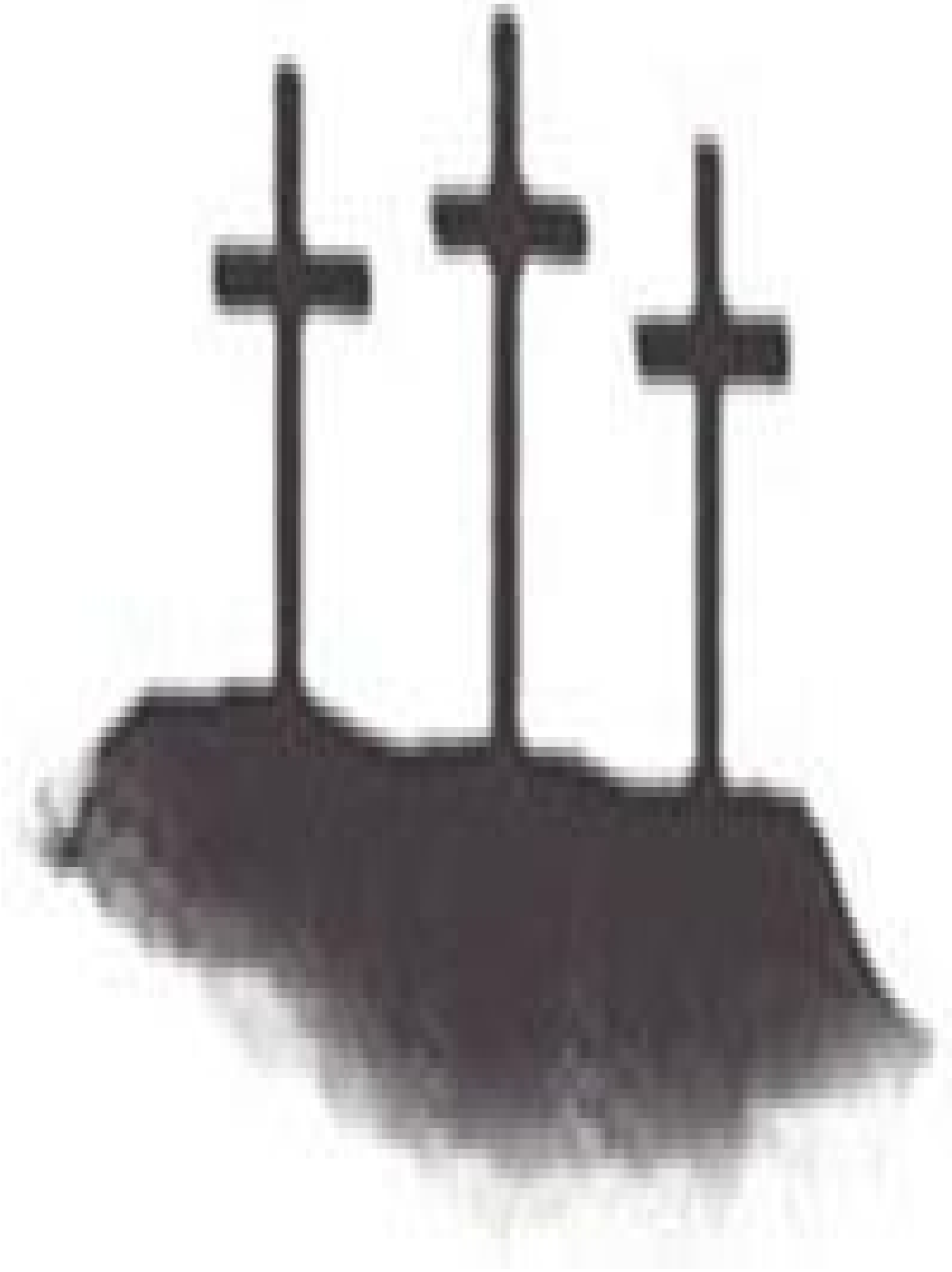
• A morte é inevitável, porém é uma transição para a vida eterna. É verdade que a morte é inevitável, e que ninguém pode escapar dela. Mas por causa da ressurreição de Cristo, a morte agora é, simplesmente, a passagem para o nosso lar eterno no céu.[3]

Embora provavelmente não recebamos as respostas para todas as nossas perguntas, a ressurreição de Cristo responde as principais. Acima de tudo, uma coisa é certa: Receberemos uma “herança de valor inestimável”, que inclui um corpo espiritual ressuscitado, que viverá para sempre com o Senhor, e com aqueles que amamos. Isto só é possível porque Jesus venceu a morte, e saiu vivo da sepultura. Embora nem todas as nossas perguntas a respeito de nosso futuro corpo, e de nosso futuro lar no céu sejam respondidas agora, por meio da ressurreição de Cristo, Deus nos revela um pouco daquilo que desfrutaremos. O apóstolo Paulo diz:

“Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória... Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de

Deus” (1 Co 2.7, 9,10).

Nas passagens das Escrituras que exploramos neste capítulo, Deus revelou a nós, seus filhos adotivos, um sabor antecipado daquilo que será o nosso relacionamento com Ele. O Senhor se revelou por meio do seu Espírito e da sua Palavra para que, como Jesus disse: “A minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15.11). Assim como um pai ou uma mãe amorosos desejam oferecer aos seus filhos uma antecipação daquilo que vivenciarão em uma viagem de férias, da mesma forma o nosso Pai Celestial deseja ver os nossos corações repletos de alegria por causa daquilo que nos aguarda. Ele deseja que nós sintamos a alegria por sabermos como será o céu e a eternidade. Ele deseja que sintamos uma antecipação do que será viver com Ele para sempre, em um lugar onde não haverá mais pecados nem tristezas. Jesus venceu a morte para que, um dia, tanto você como aqueles a quem ama possam ser levados a um lugar de completa alegria, sim, um lugar único onde você desfrutará uma alegria incomparável. Naquela ocasião a morte será “tragada na vitória” (1 Co 15.54). Como cristão, a sua ressurreição é uma realidade garantida. Por causa da ressurreição de Cristo, o seu relacionamento eterno, no céu, com Deus e com as pessoas que você ama, está garantido. Você está destinado(a) a um futuro eterno de felicidade e alegria. Enxergue e sinta a antecipação que Deus deseja lhe proporcionar, e fique empolgado(a)!



Capítulo Trinta e Cinco

VIVENDO FISICAMENTE NA TERRA, MAS COM O NOSSO CORAÇÃO NO CÉU

Se você já confiou em Cristo como o seu Redentor, a sua ressurreição corpórea está assegurada, e você viverá para sempre na presença de Deus. Mas, como a antecipação que Deus concede desta vida futura afeta a sua vida neste momento? Paulo diz: “Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra” (Cl 3.1,2).

Como devemos interpretar esta passagem das Escrituras? Como podemos encher o nosso pensamento como uma antecipação de uma vida perfeita no céu, quando temos tantas coisas a fazer, tantos lugares para ir e tantas obrigações para cumprir? A minha vida e a sua vida estão, seguramente, consumidas pelas preocupações terrenas. O que comerei hoje? Como pagarei todas estas contas? Quando é que receberei outro aumento de salário? Quando vou me casar? Como vou manter meu casamento? Quando teremos filhos? Quem está cuidando das crianças? O que os nossos filhos estão assistindo?

A nossa mente está inundada com milhões de coisas ao mesmo tempo, e a maioria delas diz respeito a coisas terrenas — faculdade, casamento, como criar a família, a nossa aposentadoria. Porém Jesus disse, “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração... Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir... (Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.19-21, 25, 32,33).

O que significam estas palavras? Como podemos viver uma antecipação da

ressurreição e não estabelecer a nossa vida atual neste mundo como a nossa maior prioridade?

Focando o nosso Coração no Lugar Certo

Eu (Sean) me lembro da mudança que ocorreu na minha maneira de pensar, e na minha vida como um todo, quando encontrei esta jovem maravilhosa chamada Stephanie. Sim, eu me senti golpeado por sua beleza, porém havia mais do que isso. Ela era habilidosa, elegante, inteligente e tinha bom humor. Ela tinha uma grande personalidade. Eu e ela gostávamos das mesmas coisas, em muitos aspectos, e eu queria estar com ela o tempo todo. Quando estava jogando basquete, pensava nela. Quando estava na escola, pensavam nela. Quando estava em casa, pensava nela. Eu não conseguia tirá-la do meu pensamento, porque ela havia conquistado um lugar no meu coração.

Parecia que os meus pensamentos, a cada momento que eu passava acordado, eram cativados por esta mulher. Havia, nisso tudo, mais do que eu era capaz de realmente entender. Havia um mistério neste sentimento. Eu pensava que a conhecia, porém estava consciente de que isso não era verdade. Por esta razão, queria conhecê-la mais. Eu queria conhecê-la em um nível mais profundo, como jamais conheci alguém; porque eu estava apaixonado!

Depois que Stephanie e eu nos casamos, este caso de amor se aprofundou. De fato, a nossa união criou um lar para nós, onde nos sentimos confortáveis. O nosso próprio lar. Embora o fato de estarmos casados significasse que poderíamos passar muito tempo juntos, eu ainda precisaria estar ausente em muitas ocasiões. Stephanie não gostava que eu ficasse tanto tempo fora de casa. Ela começou a sentir ciúmes quando eu passava muito tempo trabalhando, ou ministrando um seminário um pouco mais longo. Às vezes eu tinha que viajar para cumprir algum compromisso como palestrante. É claro que eu enviava mensagens de e-mail para ela, e também telefonava, porém não era o mesmo que estar presente. Ela sentia saudades de mim e queria que eu estivesse em casa. Devo confessar que gostava desta situação. Eu também sentia saudades dela. Eu também sentia saudades daquele ambiente de intimidade e segurança emocional.

Este é um pequeno retrato do que significa “colocar os nossos olhos na realidade do céu”. Isto não tem nada a ver com ficar sentado sem fazer alguma coisa útil, aguardando com grande expectativa o dia em que morreremos e estaremos no céu. “Colocar os nossos olhos na realidade do céu” significa que as nossas prioridades, os nossos interesses, e a nossa devoção estão colocados em outro mundo e em outra pessoa — Jesus. E quando nós nos tornamos exageradamente focados nas coisas dessa terra, Ele sente ciúmes.

O discípulo Tiago esclareceu este tema. Ele escreveu: “Não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Ou cuidais vós que em vão diz a Escritura: O Espírito que em nós habita tem ciúmes?” (Tg 4.4,5). Jesus disse, “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro” (Mt 6.24). Assim, quando dedicamos a nossa devoção e o nosso coração, de uma forma completa às coisas dessa terra, o Senhor Jesus sente ciúmes.

Stephanie queria que eu pensasse nela quando estivesse fora, assim como eu também queria que ela pensasse em mim. E se alguma outra mulher atraísse os meus pensamentos e o coração, ela se sentiria seriamente ofendida — e, com razão. Não é extraordinário pensar que Jesus sentirá ciúmes se os nossos corações e pensamentos estiverem nas coisas terrenas, ao invés de estarem nEle e no lar em que viveremos com Ele? Jesus deseja que o céu “encha os nossos pensamentos”. Ele quer que nós mantenhamos a sua pessoa como a nossa maior prioridade. Ele quer que desejemos estar perto dEle, em seu lar, assim como desejamos estar perto das pessoas que amamos aqui nesta terra, em nossos lares.

A bênção de vivermos em nosso futuro lar, tendo novos corpos na presença de Jesus, não é simplesmente um sonho que temos de olhos abertos, a cada dia. Este assunto se refere ao tipo de tesouro que estamos acumulando, e ao que priorizamos nesta vida. O apóstolo Paulo falou sobre aqueles que possuem um “apetite” desordenado — que só pensam nos prazeres terrenos — aqueles cujo “deus é o ventre” (Fp 3.19). Mas nós, que fomos espiritualmente ressuscitados no Senhor Jesus, não temos o objetivo de construir reinos terrestres, nem viver a nossa vida desfrutando os prazeres que este mundo pode nos dar. Antes, somos “cidadãos dos céus”, Paulo diz, “onde o Senhor Jesus Cristo vive”. “Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (Fp

3.20,21). O foco que temos em nosso futuro não nos tira deste mundo; ele simplesmente mantém a nossa atenção onde ela realmente deve estar, enquanto estivermos aqui.

O Senhor Jesus orou pelos seus discípulos, dizendo a Deus Pai: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.15-17). Se colocarmos o nosso coração nas atividades que praticamos neste mundo, estaremos engajados em tudo aquilo que acontecer à nossa volta. Porém, o fato de nosso coração estar inclinado àquilo que está relacionado ao porvir, faz com que sejamos mais úteis e eficazes aos interesses de Deus aqui e agora — vivendo a sua verdade e edificando o seu reino. C. S. Lewis foi feliz ao dizer:

Se você ler a história encontrará que os cristãos que fizeram mais pelo mundo atual foram exatamente aqueles que se preocuparam mais com o mundo porvir. Por exemplo, os próprios apóstolos, que lançaram os fundamentos para a conversão do império Romano, os grandes homens da idade média, os evangélicos ingleses que aboliram a escravatura, todos deixaram a sua forte marca na terra, precisamente porque as suas mentes estavam ocupadas com o céu. Porém a partir do momento em que os cristãos passaram a pensar menos no céu, tornaram-se ineficazes neste mundo. Sinta um forte anseio pelo céu, e você perceberá que este mundo passará a fazer parte destes benefícios. Porém se você pensar somente nesta terra, não fará nada por ela, nem pelo céu.[1]

O rei Davi, que era um homem segundo o coração de Deus, governou bem a nação de Israel, e realizou muitas coisas importantes na terra. Embora o seu coração estivesse fixado em Deus, ele foi capaz de ouvir e obedecer aos seus mandamentos relacionados à maneira como deveria viver nesta terra. De fato, ele prestou ainda mais atenção no modo como deveria viver na terra, porque o seu coração e os seus pensamentos estavam em Deus. “De noite, me lembrei do teu nome, ó Senhor”, Davi declarou, “e observei a tua lei” (Sl 119.55).

Uma Questão de Fé

viver neste mundo com o nosso coração voltado ao mundo porvir, não é algo que acontece naturalmente.

Como dissemos a vida, com todos os seus cuidados e preocupações, nos consome. Para que consigamos “colocar os nossos olhos na realidade do céu”, é necessário que vivamos pela fé. “Mas o que é fé?” — o escritor aos Hebreus responde. “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem” (Hb 11.1). A atitude de manter uma mentalidade voltada ao reino do céu requer uma “certeza confiante” de que Deus está no controle de todas as coisas, e que as suas promessas são reais e se cumprirão. Quando mantemos uma fé inteligente, sabendo por que cremos, estamos confiantes de que as promessas de Deus são verdadeiras.

Viver neste mundo com o nosso coração voltado ao mundo porvir exige uma fé que fixe os nossos olhos espirituais em Jesus.

Os santos do passado tinham uma fé inteligente, que lhes trazia confiança. “Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim... Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte e não foi achado, porque Deus o trasladara... Pela fé, Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, temeu, e, para salvação da sua família, preparou a arca, pela qual condenou o mundo, e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé... Pela fé, Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia. Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas, vendo-as de longe, e crendo nelas, e abraçando-as...” (Hb 11.4, 5, 7, 8, 13). Estes fiéis seguidores de Deus viveram no mundo, porém não eram do mundo. “... Confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Mas, agora, desejam uma [pátria] melhor, isto é, a celestial. Pelo que também Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade” (Hb 11.13, 16).

É por meio de uma fé inteligente que suportamos e vencemos as dificuldades, as tentações e as provações neste mundo. É por meio deste tipo de fé que colocamos os olhos e 7o nosso coração em uma futura alegria que nos aguarda após a morte. Se você já viveu muitos anos, já deve estar consciente de que a morte coloca um cobertor gelado sobre quaisquer planos que tenhamos para o futuro. Talvez você goste de seu animal de estimação, que pode ser, por exemplo, um cão ou um gato; mas então este animal morre. O futuro do animal é então "abafado", e o mesmo acontece com a sua alegria. Um avô ou uma avó, um irmão ou uma irmã, um marido ou uma esposa dão o seu último suspiro, e então já não possuem mais um futuro nesta terra. Em uma situação como esta, a alegria é arrancada de nós. A morte faz isso. É somente por meio de uma fé inteligente que podemos ter uma certeza confiante de que teremos um futuro abençoado após a morte. É somente por meio da fé que somos capazes de ter alegria diante de uma tragédia, ou da morte. A razão disso é que a fé inteligente está confiante naquilo que os olhos não podem ver.

Max Lucado, em seu livro, Quando Deus Sussurra o seu Nome, fala daquilo que a fé enxerga:

Os olhos enxergam os leões que rondam e se põem à espreita. A fé enxerga o anjo que veio ajudar Daniel.

Os olhos enxergam as tempestades. A fé enxerga o arco-íris.

Os olhos enxergam os gigantes. A fé enxerga Canaã.

Os seus olhos enxergam os seus erros. A sua fé enxerga o seu Salvador.

Os seus olhos enxergam as suas culpas. A sua fé enxerga o sangue dEle.

Os seus olhos enxergam a sua sepultura. A sua fé enxerga uma cidade, cujo arquiteto e construtor é Deus.[2]

Estamos rodeados por um mundo que clama pela nossa atenção, e que procura encaminhar o nosso coração em sua direção. É um mundo repleto de ocupações, que nos leva a lutar contra as dificuldades e problemas. Este é o mundo que

enxergamos. Porém a nossa tarefa consiste em enxergar outro mundo, que é invisível aos olhos humanos. Este mundo só pode ser contemplado por meio da fé. O escritor aos Hebreus resume o seu grandioso capítulo que lista exemplo após exemplo de pessoas que estiveram ansiosas por alcançar outro país, e que o contemplaram pela fé, dizendo:

“Portanto, nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé...” (Hb 12.1,2).

Aprofundando o Anseio que Sentimos em Relação a Deus

“Olhando para Jesus”. Manter o nosso olhar nEle. Esta é a chave. Para que possamos viver neste mundo com o nosso coração no mundo porvir, precisamos de uma fé que fixe os nossos olhos espirituais em Jesus. Ele deseja, fervorosamente, que nós o desejemos fervorosamente. Ele quer que tenhamos saudades dEle. Ele quer que tenhamos sede dEle. Ele quer que sejamos como o rei Davi que orou da seguinte forma: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (Sl 42.1, 2). E Davi prossegue, em sua oração: “Ó Deus, tu és o meu Deus; de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água” (Sl 63.1).

Dedique tempo para cultivar o seu anseio e a sua sede por Deus, e pelo lar que Ele está preparando. Quanto mais tempo você dedicar para estar focado nEle, maior será a sua perspectiva eterna, mesmo enquanto você estiver vivendo esta vida temporal. O seu foco precisa estar nas coisas que são reais e duradouras. Quando mantemos os nossos corações no mundo porvir, podemos experimentar a verdadeira paz, mesmo tendo, ao nosso redor, um mundo terreno que está em grande confusão.

O pastor e teólogo Calvin Miller compreendeu muito bem o segredo da paz que podemos ter quando enxergamos Deus por meio do poder do seu Espírito Santo:

Deus se torna visível para aqueles que o procuram no lugar certo. Portanto, nenhum olho — nenhum olho literalmente falando — é capaz de enxergá-lo! Nenhum ouvido é capaz de ouvi-lo! Nenhuma mente é capaz de imaginá-lo na sua grandeza e profundidade! Porém Ele esconde a sua vastidão na mais profunda dimensão da nossa existência interior.

O mundo que está à nossa volta é um mundo de relacionamentos “exteriores”. Nestes ambientes exteriores fazemos amigos, e alcançamos o sucesso — interagimos constantemente com o mundo! Neste mundo ocupado e repleto de preocupações temos compromissos, enfrentamos desapontamentos, e a nossa alma que é direcionada ao nosso ego deseja, desesperadamente, alcançar o sucesso e o poder. Na superfície de nossa vida, somos dominados por coisas frenéticas e dispépticas, sim, coisas difíceis de “digerir”. Mas em nosso coração, as coisas acontecem de uma forma muito diferente.

O texto em 1 Coríntios 2.10 contém uma pequena palavra que se lança em nossa direção com um desafio: “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus” (ênfase do autor).

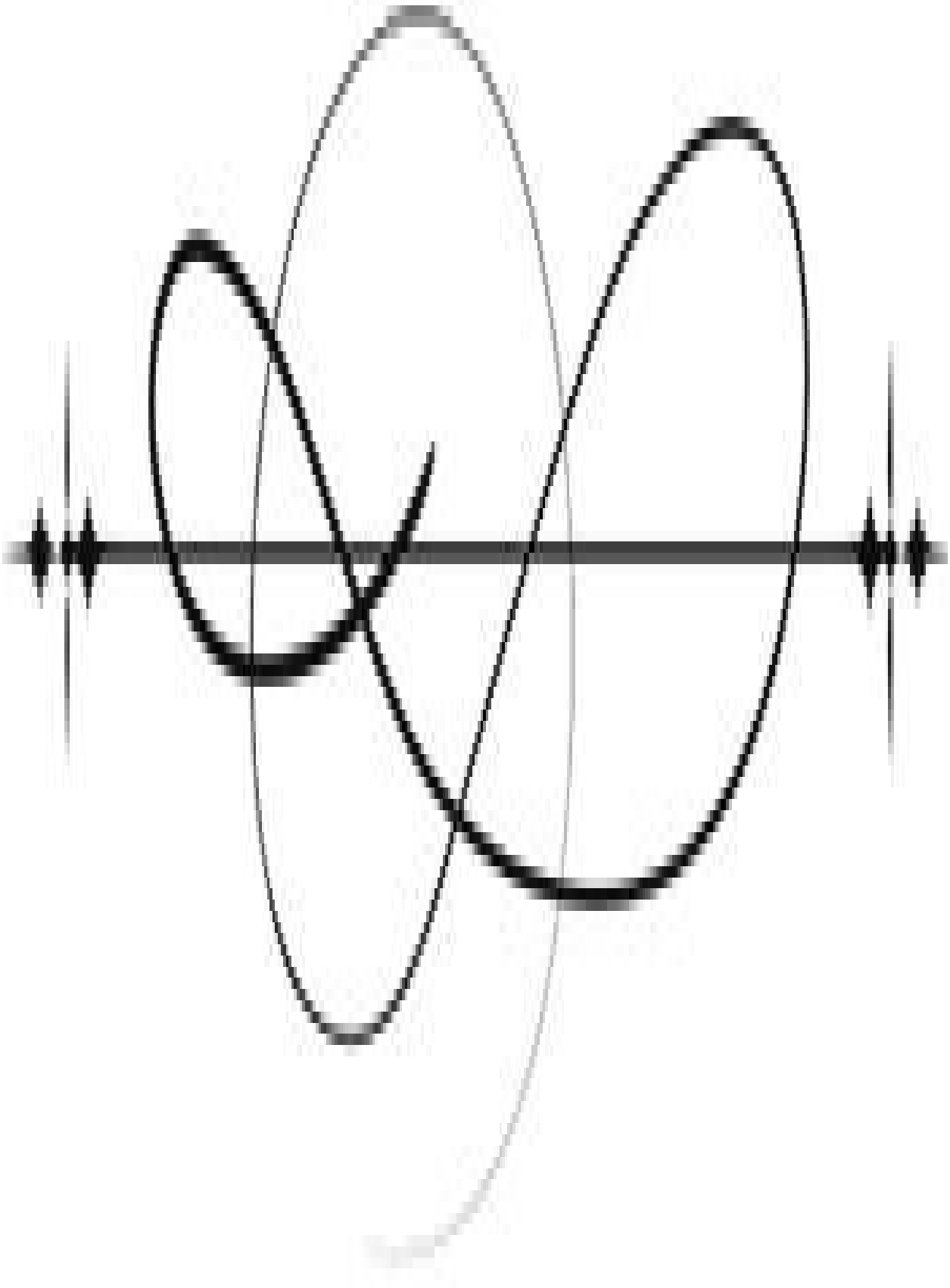
Profundezas: este é um termo que define o local onde Deus habita. Profundo: esta é uma característica dos oceanos. Pare por um momento nesta metáfora, e saboreie a lição que ela nos traz, uma lição que transcende o tempo. Pois observe que as profundezas dos oceanos são os locais em que as superfícies agitadas e barulhentas tornam-se quietas e serenas. Nenhum som é capaz de quebrar o silêncio assustador do coração nos oceanos. A maioria dos cristãos, entretanto, passa a vida sendo severamente açoitada em meio às tumultuadas circunstâncias superficiais de seus dias. O nosso estilo de vida frívolo marca a natureza da superfície da nossa vida. Porém aqueles que se ligam às coisas mais profundas de Deus, descobrem, pela primeira vez, a verdadeira paz.[3]

Dedique tempo em meio à sua agenda tão ocupada, para “ligar-se às coisas mais profundas de Deus”. Dedique tempo à leitura da sua palavra. Pense a respeito

dEle e cultive um desejo de estar em sua presença. Deixe que Ele saiba que você tem fome e sede de conhecê-lo da maneira mais profunda possível. Enxergue-o, pela fé, na nova morada que você terá no futuro, no céu. Louve-o, antecipadamente, pelo novo corpo que Ele lhe dará, devido a sua ressurreição. À medida que agir assim, você terá uma nova perspectiva sobre esta vida que vivermos na terra, e sobre as coisas que são realmente importantes.

Dedique tempo para ler e meditar nas palavras do salmista Davi. Ele enxergou Deus por meio dos olhos da fé. Ele viveu na terra, porém o seu coração estava em outro mundo. Davi disse:

"Ó Deus, tu és o meu Deus; de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água, para ver a tua fortaleza e a tua glória, como te vi no santuário. Porque a tua benignidade é melhor do que a vida; os meus lábios te louvarão. Assim, eu te bendirei enquanto viver; em teu nome levantarei as minhas mãos. A minha alma se fartará, como de tutano e de gordura; e a minha boca te louvará com alegres lábios, quando me lembrar de ti na minha cama e meditar em ti nas vigílias da noite. Porque tu tens sido o meu auxílio; jubiloso cantarei refugiado à sombra das tuas asas. A minha alma te segue de perto; a tua destra me sustenta" (Sl 63.1-8).

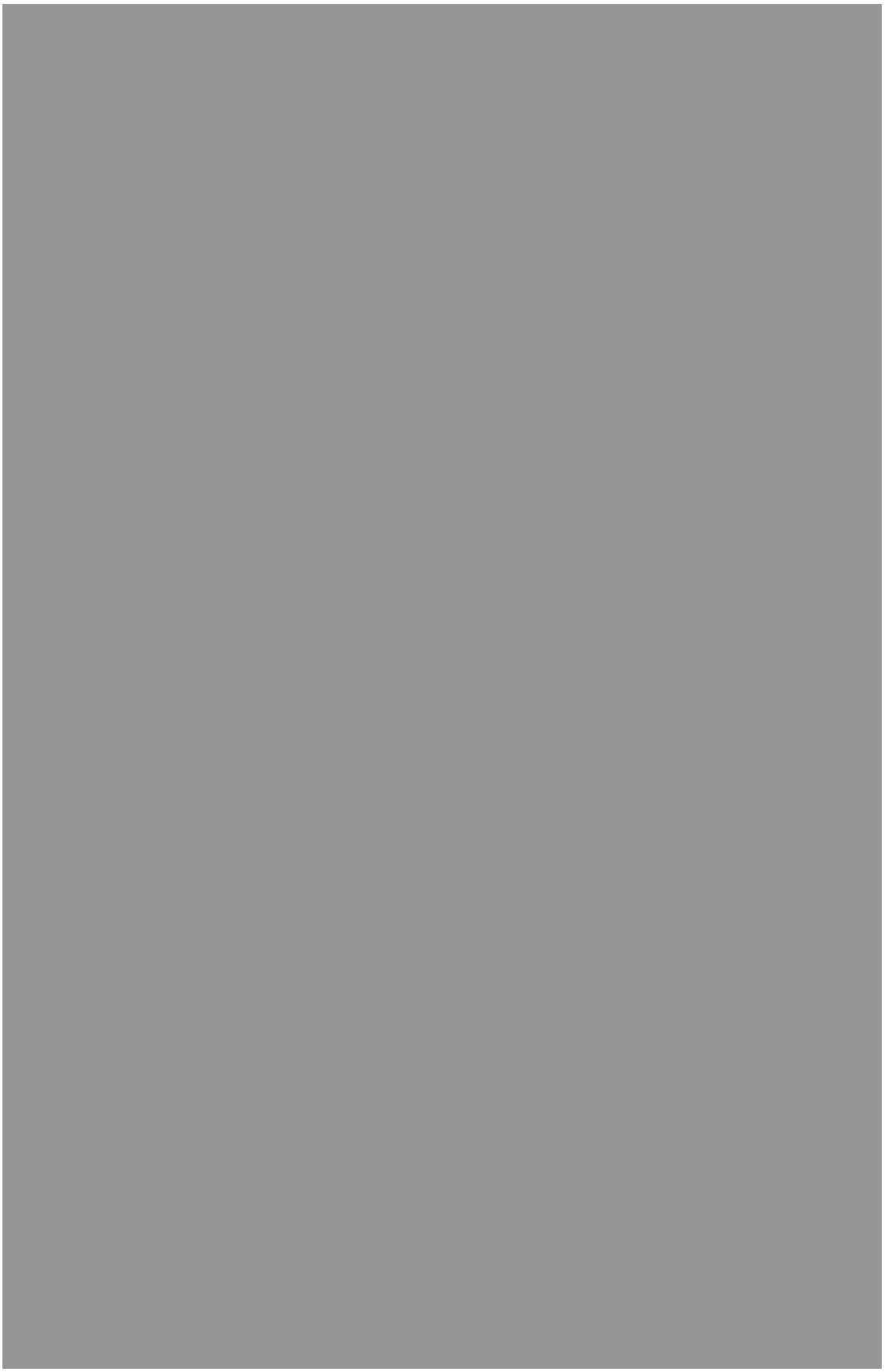


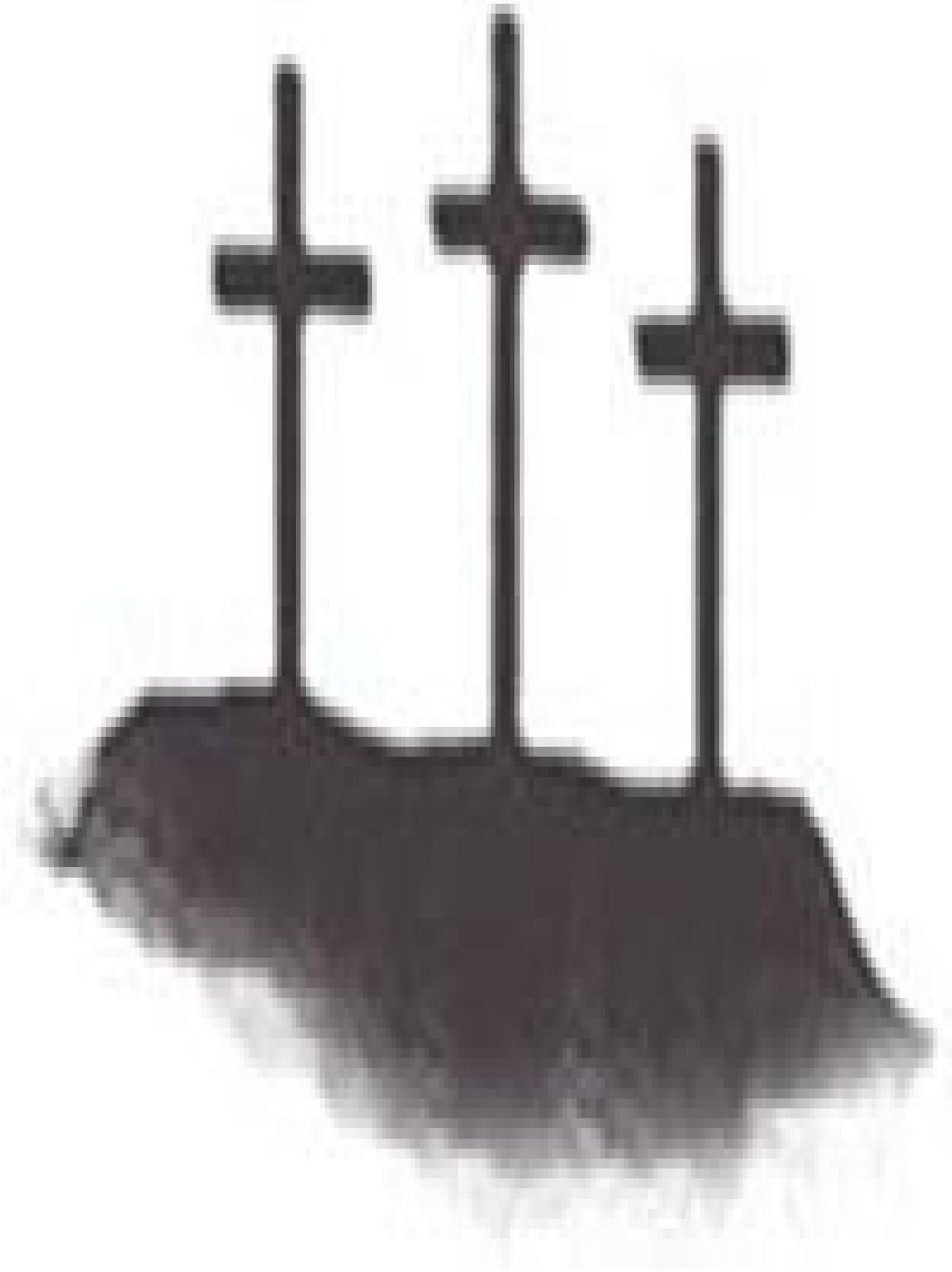
Agora vemos as coisas de uma forma imperfeita, como em um espelho embaçado; porém mais tarde, no céu, veremos todas as coisas com perfeita clareza. Tudo que conhecemos agora é parcial e incompleto. Porém no céu conheceremos todas as coisas completamente, assim como Deus nos conhece hoje. “Porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido” (1 Co 13.12).

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 Jo 3.2,3).

Verdade Número Nove

A Trindade





Capítulo Trinta e Seis

O SIGNIFICADO DE UM DEUS EM TRÊS PESSOAS

A água do rio Jordão estava fria. João, com a água pela cintura, estendia a sua mão a um outro penitente que aguardava para ser batizado. Assim que o homem olhou para ele, João recuou. Não, isto não vai funcionar, ele deve ter pensado. Olhando diretamente para os olhos do seu primo, ele disse: “Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?” Então Jesus, respondendo, disse-lhe: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu” (Mt 3.14,15).

João havia batizado muitas pessoas em seu curto ministério, porém aquilo que aconteceu em seguida não era como nada que tivesse acontecido anteriormente. Assim que Jesus, o filho de Deus, “saiu... da água... eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.16,17).

Naquele momento estava acontecendo um fenômeno que era capaz de abalar a terra, e todos podiam vê-lo e ouvi-lo. As três pessoas da Trindade tornaram a sua presença conhecida: o Deus Filho estava sendo batizado nas águas; o Deus Pai estava declarando com a sua voz que se compraz no Deus Filho; e o Deus Espírito Santo pousando, como uma pomba, no Deus Filho. Assim fomos apresentados, de uma forma altamente dramática, às três pessoas que compõem o Deus Único, que chamamos de Trindade.

A Trindade sempre existiu. As Escrituras registram que as três pessoas da Trindade estiveram envolvidas na criação. “No princípio, criou Deus os céus e a terra... e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1.1,2). “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez...E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...” (Jo 1.1-3, 14). “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa

semelhança...” (Gn 1.26).

Existe uma pergunta que surge naturalmente: “Será que a existência da Trindade significa que haja três “Deuses” diferentes? Ou há um só Deus que se mostra em três diferentes papéis ou relacionamentos — às vezes como pai, às vezes como filho, e às vezes como um agente representativo?” As Escrituras nos ensinam que Deus não é uma única pessoa com três papéis a desempenhar, mas um Deus que existe na forma de três pessoas.

Você e eu podemos considerar que o conceito de três pessoas em uma seja algo difícil de compreender. O conceito alternativo de uma pessoa que se mostra em múltiplos papéis ou relacionamentos faz mais sentido para nós. Por exemplo, vamos considerar por um momento a pessoa de Dottie McDowell. Dottie é a esposa de Josh McDowell. Ela também é a mãe de Sean McDowell. Além disso, ela é a avó de Scottie McDowell. Então aqui temos uma mulher que é esposa, mãe e avó; assim, esses três papéis são desempenhados por uma única pessoa. Alguém poderia dizer que Dottie é três pessoas em uma. Mas está claro que não queremos dizer que Dottie seja três pessoas. Ela é simplesmente uma pessoa com três diferentes papéis ou relacionamentos.

Mas a Trindade é algo completamente diferente de qualquer conceito como estes. Deus não é três seres independentes e separados, nem um ser manifestado em três papéis diferentes. Deus existe na forma de três pessoas, contudo Ele ainda é único. Os cristãos têm ensinado esta doutrina da trindade desde o primeiro século, porque as Escrituras afirmam claramente que Deus é o Deus trino — um único Deus formado por três pessoas.

Há Somente um Deus

Moisés afirmou, “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (Dt 6.4). O profeta Isaías também ensinou o povo de Deus, “Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, e o meu servo, a quem escolhi; para que o saibas, e me creiais, e entendais que eu sou o mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há Salvador” (Is 43.10,11). Moisés e todos os profetas afirmaram,

repetidamente, que só há um Deus Todo-Poderoso do universo, sendo Ele a única divindade onisciente e o onipresente em todo o universo.

Deus É Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo

Enquanto as Escrituras afirmam claramente que existe somente um Deus, ela também nos declara que Ele coexiste como três Pessoas Divinas.

Jesus é o Divino Filho de Deus. Isto não significa que Jesus tenha sido criado por Deus Pai. De fato, as Escrituras nos relatam claramente que Ele sempre coexistiu com Deus Pai (Jo 1.1-3). O próprio Senhor Jesus declarou que Ele sempre coexistiu com o Seu Pai. E foi com base nesta declaração que os líderes judeus decidiram conspirar para matá-lo. “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (Jo 5.18). O apóstolo Paulo declarou que Jesus é Deus em Romanos 9.5, ao comentar que Jesus, segundo a carne, era judeu. O escritor aos Hebreus disse: “O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas” (Hb 1.3). Portanto, o Deus Pai coexiste com o Deus Filho. “O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele” (Cl 1.15-17). O apóstolo Paulo se refere tanto ao Senhor Deus Pai como ao Senhor Deus Filho, como Deus. “Mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador... graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador” (Tt 1.3,4). Deus Pai é Deus. Deus Filho é Deus.

O Espírito Santo também é Deus. O apóstolo Pedro também reconheceu este fato quando falou sobre o mau procedimento de um membro da igreja de Jerusalém (At 5.3,4). O Espírito Santo coexistia eternamente com o Pai e com o Filho, e estava presente na criação (Gn 1.2). O Senhor Jesus disse: “E eu rogarei ao Pai, e

ele vos dará outro Consolador... o Espírito da verdade... aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (Jo 14.16, 26). O apóstolo Paulo também declarou: "Tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.13). O Senhor Jesus também chamou de "Santo" a este precioso Espírito que vive e coexiste com Ele, porque é o Espírito do Deus Santo. O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade Divina.

Deus É Formado por Três Pessoas Distintas

As passagens das Escrituras citadas acima nos dizem claramente que Deus não é, meramente, um Deus com três papéis ou relacionamentos diferentes. Ele é um único Deus, formado por três pessoas distintas, que interagem entre si, e também conosco. Deus Pai é uma pessoa distinta; o Deus Filho é uma pessoa distinta; o Deus Espírito Santo é uma pessoa distinta. Temos evidências claras de que Jesus, o Filho de Deus, é uma pessoa distinta porque Ele tomou a forma humana, enquanto Deus Pai não o fez. Mas Jesus se referiu várias vezes a Deus como a uma pessoa — o seu Pai — antes mesmo que Ele, Jesus, assumisse a forma humana (Jo 8.38). O Senhor Jesus disse que esta pessoa — o seu Pai — o enviou ao mundo (Jo 17.18). Também disse que na casa de seu pai há muitas moradas (Jo 14.2). Ele orou ao pai (Jo 17.1).

Jesus também se referiu ao Espírito Santo como a uma pessoa, muitas vezes. Jesus usou o pronome "Ele" quando se referiu ao Espírito Santo. Jesus disse: "Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso, vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (Jo 16.13-15). Jesus também se referiu às três pessoas da Trindade quando incentivou os seus seguidores a fazerem discípulos. Eles deveriam batizar estas pessoas "em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19).

Algumas pessoas acreditam que o Espírito Santo seja simplesmente a influência do bem, e não outra pessoa, separada, ou seja, a terceira pessoa da Trindade.

Uma afirmação como esta não leva em conta que o Senhor Jesus se referiu ao precioso Espírito Santo como a uma pessoa. O apóstolo Paulo mostra que o Espírito Santo tem os seus próprios pensamentos, a sua própria mente, ao dizer: “Aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito” (Rm 8.27). As Escrituras também nos dizem que o Espírito Santo tem sentimentos. “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção” (Ef 4.30). O Espírito Santo também escolhe, e decide, quem receberá quais dons espirituais. “Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer” (1 Co 12.11). Pedro também disse a Ananias: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo?...” (At 5.3). Ananias não mentiu a uma influência; ele mentiu a uma pessoa. Pedro ainda lhe disse: “Não mentiste aos homens, mas a Deus” (At 5.4).

A Unidade da Trindade

Deus existe como três pessoas distintas, porém Ele é um único Deus. Cada pessoa — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — possui uma identidade separada, embora desfrute, em sua natureza, a mesma essência das demais pessoas da Trindade. Aqui não se trata, meramente, de naturezas similares em papéis diferentes. Algumas pessoas podem até pensar que isto seja algo contraditório. A doutrina da Trindade seria contraditória se afirmasse a existência de um único Deus, e, ao mesmo tempo, a existência de três deuses independentes ou separados. Mas a Trindade consiste em um único Deus que coexiste eternamente na forma de três pessoas. Deus foi, Deus é, e Deus sempre será. Ele é Todo-Poderoso, perfeito, santo, a luz e o amor. O Pai, o Filho, e o Espírito Santo compartilham, como três pessoas distintas, esta substância e essência únicas, que constituem o ser de Deus.

Embora as ilustrações a seguir sejam imperfeitas, elas podem ser maneiras úteis para pensarmos a respeito de “três em um”. Por exemplo, a combinação química da água, H2O, pode ser um líquido (água), um sólido (gelo), ou um gás (vapor). Contudo, em cada uma destas formas, a substância química é uma só, e a mesma. Se você colocar um cubo de gelo em um recipiente e aquecê-lo, você verá um sólido se derretendo e tornando-se um líquido. Se você continuar

aquecendo, verá um líquido tornando-se vapor. À medida que este processo acontece, você terá os três estados da água, o elemento químico H2O, coexistindo.

Comprimento, largura e altura são três dimensões distintas que podem ser especificadas para definir um volume específico no espaço. O exemplo mais comum de um objeto tridimensional é o cubo. O cubo existe como uma entidade única por causa das suas três dimensões, que se combinam de forma harmoniosa para formá-lo: comprimento, largura e altura. Se você remover qualquer uma das três dimensões, a estrutura, como um todo, deixará de existir. Isto ocorre porque cada dimensão é única, embora as três devam se combinar mutuamente para que mantenham a essência do cubo. Deus existe como um único ser, sendo formado por três pessoas. Cada pessoa tem uma "quota" idêntica na formação da essência única de Deus. Todas as três pessoas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — se unem para formar uma substância única, uma essência única.

Espero que estas ilustrações, por mais imperfeitas que sejam, possam lhe ajudar a captar a ideia de como três coisas podem formar uma única coisa. Devemos ter em mente, contudo, que nós, seres humanos finitos e limitados, não podemos esperar ser capazes de captar, de forma completa, a essência do Deus infinito.

O Eterno Relacionamento de Amor

Deus, sendo formado por três pessoas, nos mostra que tem existido, desde a eternidade, um relacionamento íntimo. Deus não criou os seres humanos porque precisasse de um relacionamento; Ele já possuía um relacionamento. Ele existe em um relacionamento. Deus Pai sempre amou o Deus Filho com um amor infinito. O Deus Filho sempre amou o Deus Pai com um amor infinito. O Deus Espírito Santo sempre amou o Deus Pai e o Deus Filho com um amor infinito, e sempre foi amado pelo Deus Pai e pelo Deus Filho da mesma maneira.

Um ciclo contínuo de relacionamentos perfeitos é continuamente experimentado no íntimo da Trindade. Embora sejamos incapazes de compreender um relacionamento tão perfeito e contínuo, de uma forma completa, todos nós desejamos experimentar este tipo de relacionamento. Como indivíduos, se não

tivermos um relacionamento permaneceremos sozinhos, incompletos e lançados nas trevas do isolamento. Não fomos criados para viver deste modo, e por esta razão Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). Ele criou os seres humanos à sua imagem, e esta imagem reflete o perfeito relacionamento que existe entre as três pessoas da trindade — um relacionamento de amor infinito que produziu uma unidade, uma íntima união, uma perfeita ligação, uma conexão sem paralelos no universo. Ele sempre quis, para a sua criação humana, uma unidade semelhante a essa. Assim, ao invés de deixar sozinho o homem que acabara de criar, o bondoso Senhor criou outro ser humano (a mulher), e o fez retirando a substância que havia no lado do homem. Então Deus disse: “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2.24).

A unidade de Deus na Trindade é o segredo para se descobrir a forma como os relacionamentos devem funcionar.

Assim como Deus é único em seu relacionamento, Ele nos criou para que fôssemos únicos no relacionamento que envolve o nosso próprio ser. A unidade da Trindade serve como algo que vai além do nosso modelo perfeito para a unidade. A unidade de Deus na Trindade é o segredo para se descobrir a forma como os relacionamentos devem funcionar. Mesmo que jamais sejamos capazes de compreender a unidade de Deus em seu relacionamento, de uma forma absoluta, podemos alcançar uma compreensão suficiente deste mistério que nos proporcionará o verdadeiro senso de um relacionamento. A revelação do mistério da Trindade equivale a recebermos a permissão e o acesso ao próprio coração deste Deus precioso, para que possamos observá-lo atentamente.

Ouça a maneira como o Senhor Jesus fala a respeito de seu Pai. Em primeiro lugar, Ele diz: “... O Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai, porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente” (Jo 5.19). “Conhecereis quem eu sou e que nada faço por mim mesmo” (Jo 8.28). Mesmo Jesus sendo Deus, Ele não fala nem age sozinho; de fato, Ele disse que as

palavras que estava pronunciando não eram dEle, mas do Pai, que trabalha por intermédio dEle.“As palavras que eu vos digo”, Jesus declarou, “não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras” (Jo 14.10).

Porém, o que mais nos causa surpresa é que apesar do fato de Jesus insistir que não pode fazer nada por si mesmo, Ele prossegue dizendo: “E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo” (Jo 5.22). “Assim como lhe deste poder sobre toda carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste” (Jo 17.2). “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me hás amado antes da criação do mundo” (Jo 17.24). Deus Pai deu ao seu Filho toda a autoridade e poder para fazer tudo que Ele quisesse. Jesus tinha todo o poder até mesmo sobre a sua própria vida. Ele disse: “Por isso, o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Esse mandamento recebi de meu Pai” (Jo 10.17,18). Jesus é Deus, literalmente o Criador do universo, e aquEle que sustenta este universo (Hb 1.2,3). Mesmo assim Ele diz que não pode fazer nada de si mesmo. Por que?vSerá que o Senhor Jesus se sente, de algum modo, restringido por seu Pai? Será que Ele está tão rigorosamente sob a autoridade do Pai, que não ousa fazer nada sem a permissão do Pai? De forma alguma. O relacionamento entre Deus Pai e Deus Filho é tal que o Pai se agrada em dar tudo ao Filho, porque ama o seu Filho. O Filho, por sua vez, se agrada em dar tudo ao Pai, porque ama o seu Pai. Jesus orou: “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti... eu vou para ti” (Jo 17.1, 11).“E aquele que me enviou está comigo”, Jesus disse, “o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8.29).

Uma Unidade Incompreensível

É este infinito amor, neste perfeito relacionamento, que produz uma unidade que ultrapassa a nossa compreensão. Não se trata de um relacionamento que tenha níveis de poder e autoridade. Não é uma cadeia hierárquica de comando. É um círculo de relacionamentos em que os participantes procuram fazer o melhor uns pelos outros, por causa de um amor que é grande, profundo e permanente. Este é

o amor que existe entre as três pessoas da Trindade Divina. Em seu infinito amor, as três pessoas da Trindade têm um desejo tão grande de agradar umas às outras, que a própria essência do ser de cada uma se torna indistinguível. Se fôssemos falar em termos matemáticos, este amor seria equivalente a um número muito grande, como, por exemplo, um número elevado à enésima potência.

O Senhor Jesus nos declarou: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Ele prossegue para nos ajudar a compreender o que este infinito amor faz ao seu relacionamento. “Estou no Pai, e o Pai, em mim” (Jo 14.11). O precioso Senhor está falando a respeito de uma perfeita unidade, um relacionamento extremamente próximo, que “funde” as pessoas, fazendo com que estejam tão profundamente ligadas a ponto de Jesus poder dizer com extrema precisão: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9).

Vamos ponderar esta declaração, por um momento. Jesus está dizendo que o seu relacionamento com o seu Pai é tão íntimo que, se você vir Jesus ou se você falar com Ele, se você confiar nEle ou agradá-lo, você estará, automaticamente, vendo, falando, confiando ou agradando a Deus Pai (Jo 12.44). Que unidade maravilhosa!

Em nosso relacionamento com as pessoas, como seres humanos, tentamos compartilhar as alegrias e as dores das pessoas que amamos. Porém fazemos isto de uma forma imperfeita. Procuramos antecipar e suprir as necessidades dos nossos filhos, porém fazemos isso de maneira errada. Procuramos entender os sonhos e as expectativas da pessoa com a qual nos casamos, porém fazemos isso de uma forma imperfeita. Porém na Trindade, Deus Pai é capaz de enxergar, de forma antecipada, as necessidades do Deus Filho, que, por sua vez, é capaz de enxergar, de forma antecipada, as necessidades de Deus Pai. O Espírito Santo compartilha, de uma forma perfeita, as alegrias e as dores de Deus Pai, e do Deus Filho, e estes também fazem o mesmo pelo precioso Espírito Santo.

Para nós, seres humanos, é difícil compreender, mas este relacionamento de amor entre o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo é tão íntimo e se traduz em uma unidade tão perfeita, que eles sentem o mesmo, fazem o mesmo, dão o mesmo, amam as mesmas pessoas, amam da mesma forma, e assim por diante. Nós sabemos, por exemplo, que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho, o seu único Filho, para morrer por nós. Mas ainda assim o Senhor Jesus diz: “Dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a

tomá-la” (Jo 10.17, 18). Então o que podemos dizer? Foi o Pai que deu o seu Filho para morrer, ou foi o Filho que decidiu, por si mesmo, dar a sua vida? Na nossa maneira humana de enxergar, parece que as duas opções são mutuamente exclusivas, ou seja, uma excluiria a outra, e as duas não poderiam ser verdadeiras ao mesmo tempo. De acordo com nossa a lógica humana, ou o Pai deu o Seu Filho para morrer, ou foi o Filho que tomou esta decisão. A dificuldade reside no fato de que pensamos como indivíduos, e não como pessoas que coexistem em uma perfeita harmonia. A resposta correta é que tanto o Pai tomou a iniciativa de dar o seu Filho porque nos amou, como o Filho tomou a iniciativa de dar a si mesmo porque nos amou; e isso aconteceu porque tanto o Pai como o Filho são um em sua natureza. Assim, a nossa sugestão é que a incompreensível unidade da Trindade não é tanto o resultado do tremendo poder de Deus (que chega a nos causar temor!), mas o amor divino que é compartilhado pela Trindade.

Experimente a Unidade da Trindade

Pense nisso: quando você ora ao Pai em nome do Filho, você está compartilhando o seu coração, igualmente, com o Filho e com o Espírito Santo. Quando você honra Jesus com a sua vida de adoração e devoção, você está honrando, igualmente, ao Pai e ao Espírito Santo.

Considere isso — Paulo disse que nós podemos conhecer os segredos de Deus: “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus” (1 Co 2.10). E ele prossegue dizendo: “Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido. Porque quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo” (1 Co 2.15,16). Então qual é a Pessoa da Trindade que nos revela os segredos de Deus? O Espírito Santo ou Cristo?

Paulo entendeu que quando temos a mente de Cristo e a sua sabedoria, temos a mente e a sabedoria da Trindade — ou seja, temos a mente e a sabedoria do Deus Pai, do Deus Filho e do Deus Espírito Santo — por que os três estão em um perfeito relacionamento. Então, quando você experimenta um relacionamento com uma das pessoas da Trindade, está experimentando um

relacionamento com toda a Trindade. Isso não é o mesmo que dizer que os membros da Trindade sejam, simplesmente, equivalentes. Cada um deles é uma pessoa distinta, contudo estão em uma harmonia e em uma unidade tão perfeitas neste relacionamento, que conhecer uma das pessoas da Trindade, a sua natureza e o seu ser, é o mesmo que reconhecer as outras pessoas da Trindade. Paulo disse à igreja que estava em Éfeso: “Por causa disso, me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite, pela fé, no vosso coração” (Ef 3.14, 16,17); aqui Paulo faz uma referência às três pessoas da trindade. E então ele prossegue dizendo: “A fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.17,19). Então, a quem pertence o amor que estamos experimentando? Ao Pai, ao Filho, ou ao Espírito Santo? Paulo deixa claro que é o amor do Pai — que é, de fato, Pai, Filho e Espírito Santo. Trata-se de Deus com o seu infinito amor, em um perfeito o relacionamento, que “funde” as três pessoas da Trindade em uma única natureza amorosa; assim, unidos, este amor é compartilhado conosco.

Com toda certeza, é impossível compreendermos a Trindade. Não somos capazes de reunir a imaginação necessária para compreendermos uma união tão perfeita de amor e relacionamento. Temos a tendência de pensar nos relacionamentos em termos de posição, hierarquia, autoridade, de quem se reporta a quem, e de quem cumpre que papel. Mas em Deus vemos três pessoas em um relacionamento perfeito e em uma harmonia perfeita, por desfrutarem uma única natureza. O Pai amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho. O Filho amou o Pai de tal maneira, que deu a sua própria vida. O Espírito Santo amou o Pai e o Filho de tal maneira, que também permitiu ser dado (Rm 5.5). E assim, juntas, as três pessoas da Trindade — o único Deus — demonstram um perfeito amor para conosco.

Paulo disse: “A fim de... poderdes... conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Ef 3.17,19). Talvez jamais consigamos compreender este maravilhoso amor de uma forma completa, porque compreender o amor de Deus é o mesmo que compreender a Deus — algo que está inimaginavelmente além da nossa capacidade humana. Mesmo assim, a natureza trina de Deus nos foi manifestada. A criação que Deus fez com as suas próprias mãos nos foi revelada;

Ele mesmo se revelou em carne para a nossa salvação; e experimentamos a sua gloriosa presença, que nos dá poder por intermédio do seu Espírito.

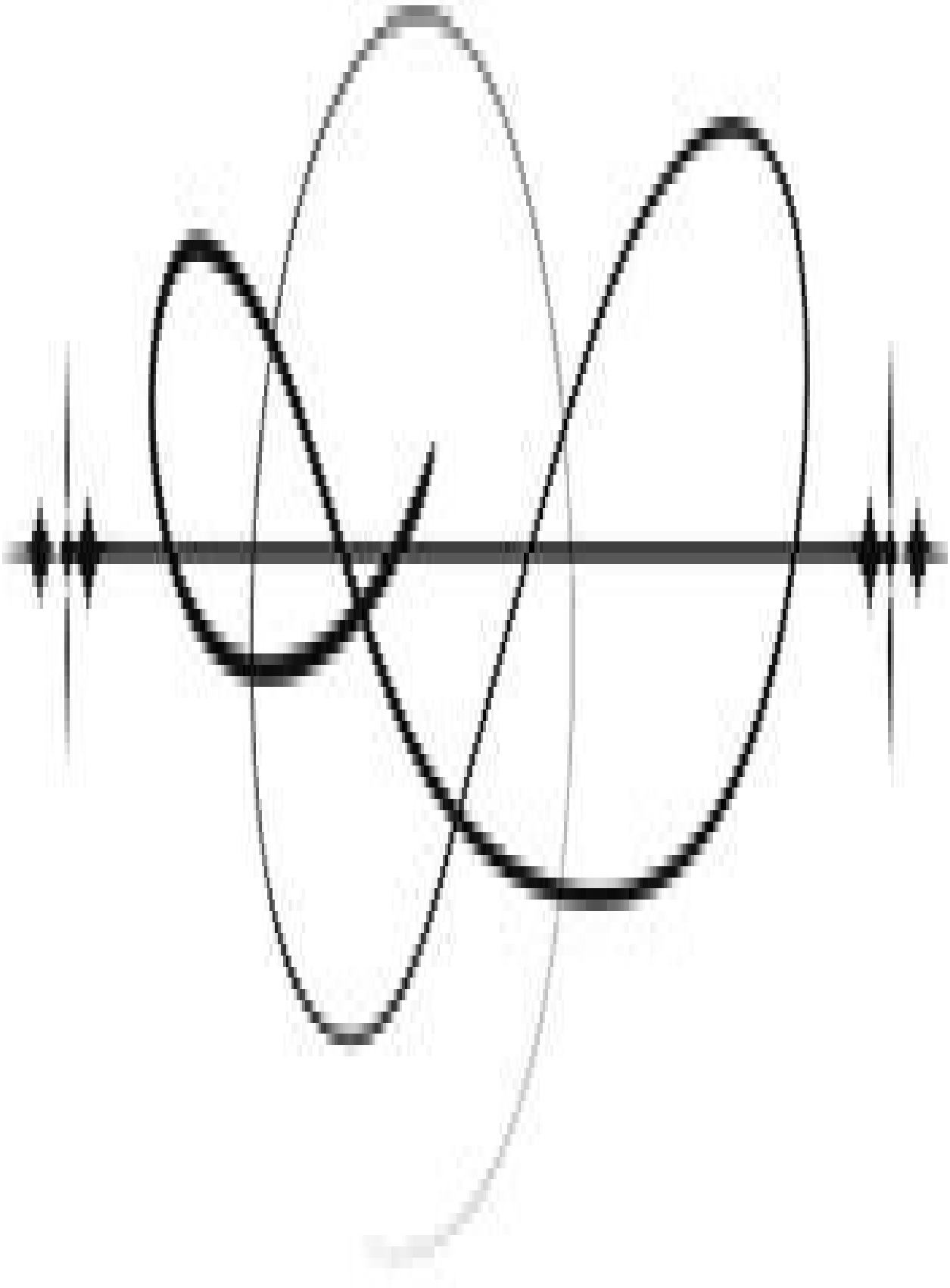
Portanto,

-

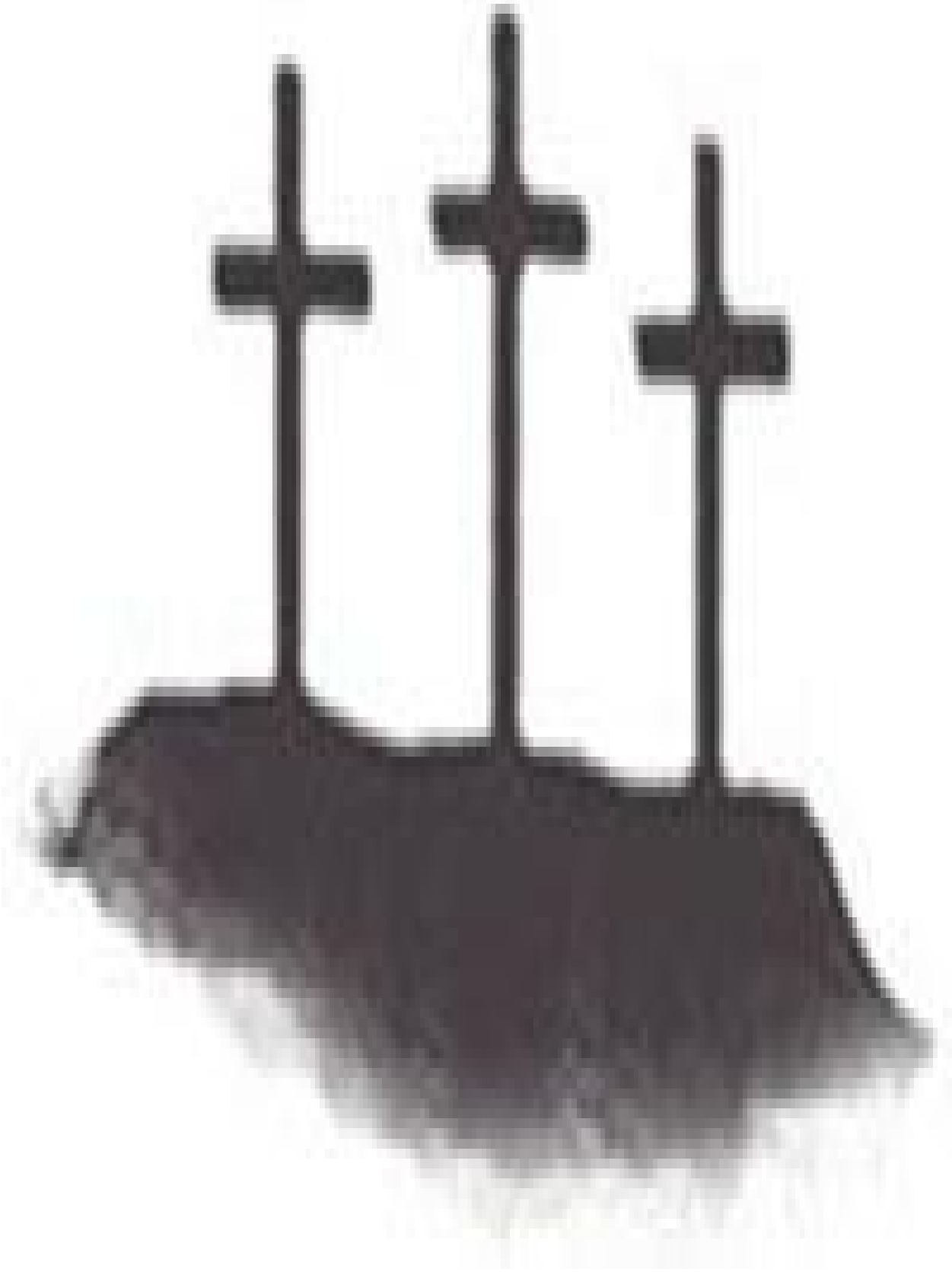
Nós cremos na verdade de que há somente um Deus, que coexiste eternamente como o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo, em um perfeito relacionamento de unidade.

-

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso” (Ap 1.8). É assustador conhecer em detalhes o Deus que é tão poderoso, temível e grandioso. Ele mesmo chegou a dizer: “Homem nenhum verá a minha face e viverá” (Êx 33.20). Contudo, o milagre da Trindade nos dá acesso a esse Deus maravilhoso, que nos deixa estupefatos. Lembre-se das palavras de Jesus: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9). E, pelo fato do Pai ter enviado o seu precioso Espírito Santo, podemos conhecer a Trindade Divina em um nível pessoal.



Nos capítulos anteriores oferecemos evidências a respeito do Todo--Poderoso Deus do universo, e também do Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. Na continuação desse trabalho apresentaremos evidências relacionadas ao Deus Espírito Santo, que foi enviado para habitar em nós, como a fonte que nos dá poder, e que nos insere no círculo de relacionamento da Trindade. É o Espírito Santo que nos capacita a experimentar o relacionamento com Deus.



Capítulo Trinta e Sete

A EVIDÊNCIA DA EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO

Maravilhados. Confusos. Não entendendo nada. Diante de fatos de compreensão impossível. Penso que os discípulos devem ter se sentido desta maneira. Estavam enfrentando um conflito à medida que o Senhor Jesus passava os seus últimos momentos com eles após a sua ressurreição. Eles sentiram uma alegria impressionante quando Jesus ressuscitou, porém quando disse que iria voltar para Deus Pai, esta notícia deve tê-los entristecido profundamente. Porém, apesar de ter dito que estava partindo, o Senhor Jesus também disse: “Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28.20).

Jesus estava partindo, porém estava dizendo que estaria sempre com eles. Que aparente contradição! Mas por causa do mistério e da perfeita harmonia e relacionamento da Trindade, o Senhor Jesus estaria com eles através da terceira pessoa da Trindade; o Espírito Santo. “E eis que sobre vós envio [o Espírito Santo]”, Jesus disse, “a promessa de meu Pai” (Lc 24.49).

Dez dias depois, estando os discípulos e outras pessoas reunidas com eles (cerca de 120 crentes), em oração, algo extraordinário aconteceu. Trata-se de um registro histórico. As Escrituras, que são absolutamente confiáveis, explicam que “de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.2-4).

Judeus vindos de muitas nações haviam se reunido em Jerusalém para a festa anual conhecida como Shavuot (que significa Pentecostes, em grego), e vieram correndo para ver toda a comoção que estava acontecendo nas redondezas. Para surpresa deles, “cada um os ouvia falar na sua própria língua” (At 2.6). Então Pedro deu um passo à frente e disse: O que vocês estão presenciando nesta manhã foi predito, há muitos séculos, pelo profeta Joel.

E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos. (At 2.16,17)

Pedro então prosseguiu com o seu discurso, transmitindo àquele povo a mensagem a respeito de Jesus, que morreu e ressuscitou para perdoar os pecados. E naquele dia aproximadamente 3.000 pessoas passaram a seguir a Cristo.

Mais tarde, Pedro e João foram ao Templo para a oração da tarde, e se depararam com um paralítico que pedia esmolas. Então Pedro disse àquele homem: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda” (At 3.6). De uma forma surpreendente e maravilhosa, aquele homem paralítico saltou e começou a louvar a Deus. Os discípulos saíram por toda a cidade pregando e fazendo muitos milagres em nome de Jesus, através do poder do Espírito Santo.

Deus em Ação, por meio do seu Espírito

Aquilo que começou com um grupo de aproximadamente 120 seguidores de Jesus, passou a contar com milhares de pessoas em poucas semanas. A mensagem de Jesus se espalhou por Jerusalém e ultrapassou as suas fronteiras como um fogo incontrolável. Cada novo crente se tornou uma testemunha viva daquilo que Deus pode fazer na vida de uma pessoa. Tudo estava acontecendo exatamente da maneira que Jesus havia dito que aconteceria. “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1.8).

Os discípulos que outrora estavam amedrontados e acovardados tornaram-se ousados pregadores de Jesus Cristo e de sua mensagem. Eles fizeram sinais e

maravilhas. A mensagem que eles proclamaram resultou em milhões de vidas transformadas, ao longo dos séculos. Este não foi o resultado de alguma força mística vaga, nem de alguma influência indefinida do bem. Tudo isto se deveu ao precioso Espírito Santo que estava em ação, trabalhando na vida de cada um deles. Por volta do terceiro século, estima-se que mais de 20 milhões de pessoas tenham sido alcançadas pelo poder transformador de Jesus Cristo através do maravilhoso Espírito Santo.[1] Todo esse enorme crescimento do Cristianismo é uma evidência clara de que Deus cumpriu a promessa que havia feito, enviando o Consolador. E durante estes últimos 2.000 anos, cada verdadeiro crente em Jesus tem sido um testemunho e uma prova viva de que o Espírito Santo é uma pessoa real, que está em plena atividade na vida das pessoas.

Vidas transformadas, orações respondidas e milagres realizados em nome de Jesus; todas estas maravilhas são o resultado da obra da Terceira Pessoa da Trindade – o Espírito Santo.

Vidas transformadas, orações respondidas, milagres realizados em nome de Jesus, todos estes são resultados do trabalho da terceira Pessoa da Trindade — o Espírito Santo. Deus Pai e Deus Filho estão no céu. Na mensagem de abertura proferida pelo apóstolo Pedro no dia de Pentecostes, ele declarou que Jesus "... exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis... Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita..." (At 2.33,34). O apóstolo Paulo também disse que "Cristo está assentado à destra de Deus" (Cl 3.1). Então cabe a pergunta: As manifestações sobrenaturais de Deus na terra são o resultado do trabalho do Pai, do Filho, ou esta é uma obra do Espírito Santo?

Por causa do ministério incompreensível da Trindade, trata-se simplesmente do trabalho de Deus — do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Esta é a razão pela qual não é inapropriado nem incorreto dizer que Jesus transforma vidas, ou ainda uma criança dizer "Deus vive em meu coração". O próprio Senhor Jesus disse que jamais nos deixaria, porém está claro que Ele está sentado à direita de Deus Pai.

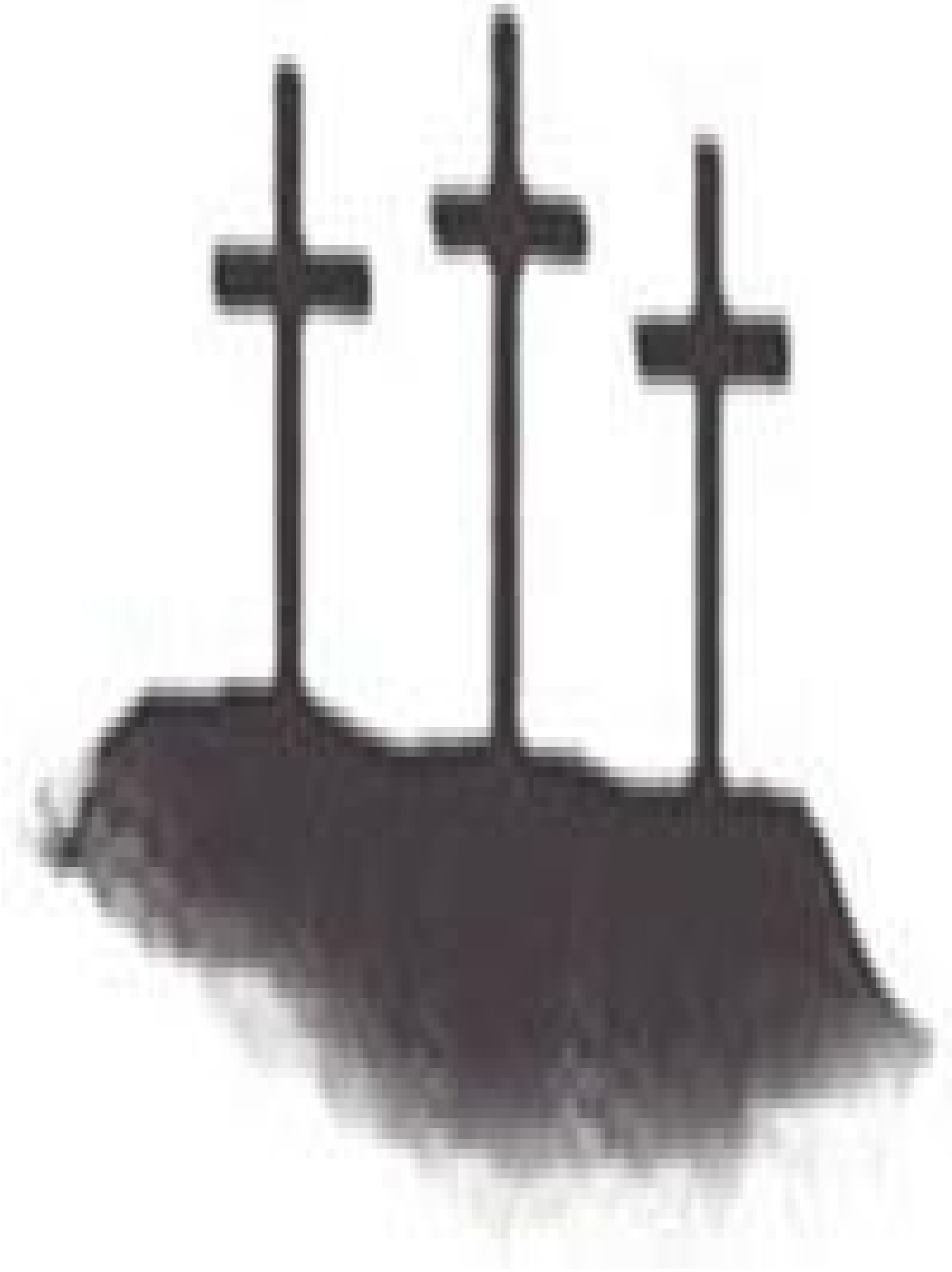
Assim, sabemos que Ele está em nosso coração através do poder do seu Espírito Santo. De fato, Jesus disse: “Naquele dia, conhecereis que estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós” (Jo 14.20). Isto significa que o Deus único, em sua plenitude, habita dentro de cada um de nós, e que nós habitamos nEle por intermédio do poder do Espírito Santo.

Embora cheguemos à conclusão de que é impossível compreender a perfeição absoluta do relacionamento que existe entre as Pessoas da Trindade, isso não diminui nem minimiza a realidade do Espírito Santo como uma Pessoa que está em nossa vida. Como C. S. Lewis disse, não é necessário entender o processo de digestão que ocorre em nosso organismo para que a comida que ingerimos seja capaz de nos alimentar. Assim, podemos dizer que depois que o Senhor Jesus ascendeu ao céu para se sentar à direita de Deus Pai, o Deus Espírito Santo se tornou o agente interativo de Deus para nós. Jesus disse que o Espírito Santo seria o seu representante: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14.26). Porém o precioso Espírito Santo é mais do que um ser que devamos conhecer intelectualmente. Alguém sugeriu que quando o Espírito Santo foi derramado, o termo Deus tornou-se não apenas um substantivo, mas também um verbo. Ao invés de aprendermos apenas quem Deus é, ou seguirmos os ensinos de Jesus de uma forma impessoal, o maravilhoso Espírito Santo trás Deus, de fato, à nossa vida. Além de ser uma pessoa, o Espírito Santo é a própria natureza de Deus que age e se move, e que nos impele a agir. O Deus Espírito Santo, que está constantemente em ação, tem, associado a si, um grande número de termos que designam ação: viver, amar, responder, desfrutar, abraçar, confortar, suportar, aceitar, encorajar, respeitar, disciplinar, crescer, capacitar e milhares de outros verbos excelentes como estes.

O Espírito Santo é a pessoa dinâmica, ativa e sempre presente da Trindade. Nós o experimentamos em nossa vida cotidiana. Ele se mostra até mesmo em nossa capacidade de amar assim como Deus ama. “Se nós amamos uns aos outros”, João disse, “Deus está em nós, e em nós é perfeita a sua caridade. Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito” (1 Jo 4.12,13). O Espírito Santo é real. Ele se evidenciou poderosamente no dia de Pentecostes, há vinte séculos. O fato de termos o maravilhoso Espírito Santo em nossa vida é uma prova adicional de que vivemos em Deus, porque “o mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16).

Por causa destas coisas podemos conhecer, com toda confiança, a maravilhosa

verdade de que o Deus Espírito Santo existe. E pelo fato de ser a pessoa ativa e interativa da Trindade, Ele mora dentro de nós, e é infinitamente importante para cada um de nós, sim, para a nossa vida. Este é o tema do nosso próximo capítulo.



Capítulo Trinta e Oito

O PROPÓSITO DO ESPÍRITO SANTO EM NOSSA VIDA

Marci examinou o seu canteiro de azaleias. Ela e seu marido, Chris, haviam se mudado recentemente para uma nova casa, e ela já havia começado a embelezar o jardim plantando suas flores favoritas.

Orgulhosa pelo que havia feito, Marci incentivou Chris a cortar a grama.

— Como ficou? — ela perguntou bastante animada.

— Sim, ficou bom — Chris respondeu.

— Só isso? Bom? — Marci retrucou — Você não gostou?

— Não estou preocupado com as flores — disse Chris — Estou preocupado se haverá condições e vegetação suficiente para que as flores desabrochem.

Marci então baixou a cabeça e deu um suspiro de desapontamento, misturado com um sentimento de irritação. Então ela começou a tirar, lentamente, as luvas que usava para trabalhar no jardim.

— Não consigo agradar você, não é? Nunca faço nada certo, não é? Então virou as costas, e voltou para casa.

Chris seguiu-a, e entrou em casa.

— Marci, você pediu a minha opinião — ele disse — eu não estava atacando você. Por que você leva tudo para o campo pessoal?

Muitos cristãos, como Marci, consideram todas as críticas como críticas pessoais, porque consideram difícil separar a seu desempenho, ou os seus resultados, de sua própria pessoa. Muitas pessoas cresceram buscando a aceitação pessoal e a aprovação pessoal através de seu desempenho. Por esta

razão, uma inocente pergunta como, por exemplo, “Será que há condições e vegetação suficiente no canteiro das flores?” será capaz de “ligar um aparelho de som” que fará com que uma pessoa ouça frases antigas, do tipo, “Porque é que você não é capaz de fazer nada certo?”

Reprogramando os nossos Relacionamentos

Todos nós já experimentamos relacionamentos imperfeitos, em diferentes níveis, e em diferentes intensidades. É difícil imaginar relacionamentos que não sejam, até certo ponto, afetados por um enfoque exagerado em desempenho, controle, regras, obediência, expectativas, obrigações, e assim por diante. É muito frequente que os relacionamentos consistam em pouco mais do que pessoas que estejam se relacionando com outras pessoas com a finalidade de satisfazer as suas próprias necessidades. Grande parte da maneira como abordamos os nossos relacionamentos foi programada desde a nossa mais tenra infância. Infelizmente, aquilo que muitos de nós têm experimentado não é o padrão de Deus para os relacionamentos mais próximos.

Para vivermos o conceito que Deus tem sobre os relacionamentos, muitos de nós precisarão ser reprogramados, de modo que possam conhecer o verdadeiro significado dos relacionamentos.

O padrão que Deus tem para os relacionamentos está relacionado a dar, abrir mão de algo, confiar e considerar as preocupações das outras pessoas como preocupações tão significativas quanto as nossas. Isto significa sentir alegria por agradar aos outros, e, acima de tudo, e em primeiríssimo lugar, agradar aquEle que morreu por nós. “Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito”

(Rm 8.5).

Quando Deus nos redimiu, Ele não desejou apenas nos salvar da perdição eterna. O seu plano consiste em nos restaurar para que possamos viver da maneira que fomos criados para viver — em um relacionamento íntimo com Deus, e com os nossos semelhantes. E esta restauração tem início no momento da nossa conversão.

Mas para vivermos o conceito que Deus tem sobre os relacionamentos, muitos de nós precisarão ser reprogramados, de modo que possam conhecer o verdadeiro significado dos relacionamentos. Os nossos conceitos sobre os relacionamentos não são, por natureza, os mesmos conceitos que Deus tem. Desde o nosso nascimento nos mostramos excessivamente autoconfiantes, egocêntricos, e costumamos condenar a nós mesmos. Este comportamento nos afasta de sermos pessoas que confiam nas outras, que abrem mão de determinadas coisas, que dão, e que procuram os melhores interesses das outras pessoas. No topo da nossa lista de tendências, muitos de nossos modelos de infância nos programaram com padrões que trabalham de uma forma contrária à ideia de dar, confiar, abrir mão de algo e assim por diante.

Então, como é que Deus faz para reprogramar os nossos corações e mentes para que possamos viver os nossos relacionamentos conforme o padrão dEle? Jesus poderia ter dito, simplesmente, “Leia sobre a maneira como vivi a minha vida, e então siga o meu exemplo. Ele poderia ter nos dado um plano com doze passos para estabelecermos de forma bem sucedida os nossos relacionamentos mais próximos. Ou, Ele também poderia ter nos dado a seguinte orientação: “Pratique, pratique, pratique”. Mas Ele não nos disse nada disso; antes, Ele veio a nós na pessoa do Espírito Santo, para que pudéssemos nos tornar uma parte íntima da Unidade Relacional de Deus. E quanto mais participarmos do relacionamento da Trindade, mais capacitados nos tornaremos para viver, amar e nos relacionarmos da maneira como Deus vive, ama e se relaciona.

A maravilhosa presença do precioso Espírito Santo, que habita em nós, nos foi dada para que possamos alcançar, no mínimo, cinco coisas relevantes para a nossa vida.

1. Tornar-nos um com Deus

“Tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa” (Ef 1.13). Como dissemos anteriormente, o propósito deste relacionamento não é apenas dar a você um lar no céu; o Espírito Santo está trabalhando para formar um relacionamento de unidade entre você e Deus.

Jesus orou ao Pai pelos seus discípulos e também por você, “para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim” (Jo 17.21-23). Jesus está lhe convidando para fazer parte do perfeito círculo de relacionamento da Trindade. O Espírito Santo passa a morar em sua vida com a finalidade de criar uma unidade milagrosa como àquela que existe na Trindade.

Ele está se dando completamente a você como um exemplo que deve seguir; por isso você deve se dar completamente a Ele.

O Espírito Santo não veio para simplesmente morar em você. Você também deve viver nEle. Jesus disse: “para que... eles [cada seguidor do Senhor Jesus] sejam um em nós...” (Jo 17.21). O apóstolo João disse: “Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito” (1 Jo 4.13). Você está sendo convidado(a) a se tornar uma parte integrante do ciclo perfeito de relacionamento que existe na Trindade. Deste modo, esta atitude mútua de dar-se a si mesmo resultará em uma profunda intimidade entre você e Deus. Esta intimidade fará com que viver conforme a imagem de Deus seja algo tão natural quanto respirar.

Uma mulher chamada Marta lutou com a ideia de dar a sua vida a Deus. O Senhor Jesus e alguns dos seus discípulos foram convidados para estar na casa de Marta, e ali havia muito trabalho a fazer. Ela queria preparar um maravilhoso jantar para o seu convidado especial. A irmã dela, Maria, deveria estar ajudando no preparo da refeição, mas, ao invés disso, estava sentada aos pés de Jesus, ouvindo as suas palavras.

Então Marta, bastante ansiosa, se dirigiu ao local onde Jesus estava, e disse: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que

me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada" (Lc 10.40-42).

O que Maria havia descoberto que Marta ainda estava por descobrir? Ela havia descoberto que existe apenas uma prioridade na vida, pela qual vale a pena nos preocuparmos: dar a nossa vida a Jesus. O Mestre estava dizendo a Marta, em outras palavras: "Eu não estou buscando os seus cuidadosos esforços, mas, sim, a sua devoção pessoal. Se você entregar a sua vida a mim, Eu vou lhe ensinar a viver de maneira como ela deve ser vivida". Jesus não está mais aqui em carne para nos ensinar esta lição, mas Ele nos deu o seu Espírito para nos conduzir a uma unidade — a um relacionamento íntimo que nos ensinará a reorganizar a nossa vida para que possamos agradá-lo. Ele está em nós para que a nossa alegria seja completa, e, também, à medida que entregamos o nosso ser a Ele, damos-lhe uma grande alegria.

É por intermédio do poder do Espírito Santo que nós participamos da "natureza divina" (2 Pe 1.4), e é por isso que temos uma transformação de vida: "E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Co 5.15). A intimidade consiste em vivermos para dar alegria uns aos outros, em nossos relacionamentos.

2. Tornar-nos Semelhantes a Cristo

As Escrituras nos dizem, "Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Co 3.18). Esta é outra razão pela qual o Espírito Santo passa a morar em nós; para que possamos conhecê-lo e ser como Ele. "O seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade" (2 Pe 1.3), e o precioso Espírito Santo nos ajuda a viver com aquilo que já recebemos.

Antes de sermos capacitados pelo Espírito Santo, éramos escravos do pecado. O apóstolo Paulo disse: "Eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado" (Rm 7.25). E prosseguiu em suas palavras, "Vós,

porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós" (Rm 8.9).

Alguns pensaram, equivocadamente, que ser um cristão significa tentar viver como Jesus. O slogan de um cristão cheio com o Espírito Santo não é: "Nós tentamos pra valer", mas, sim, "Nós nos damos uns aos outros". A nossa meta como seguidores de Cristo não deveria estar tão focada em agir como Jesus, mas em estar nEle, e com Ele. Ser cristão é estar em um relacionamento com Jesus Cristo. Estar nesse relacionamento resulta, naturalmente, em agirmos como Ele. O Espírito Santo está em nós para estar conosco, e assim podemos estar nEle. Então começamos a enxergar através dos olhos dEle, a ouvir com os ouvidos dEle, a pensar como Ele pensa e a agir como Ele age. À medida que nos entregamos a Jesus, como Maria se entregou, Ele coloca o seu poder em ação para viver a sua vida através de nós. Ele é a nossa fonte de poder.

Durante o ensino médio, eu (Sean) fiz uma caminhada com alguns colegas, que estará para sempre gravada em minha memória. Como eu era o residente assistente do alojamento em que meus colegas e eu dormíamos, decidi convidar 18 destes colegas para subirmos juntos as montanhas de San Diego. Este seria um retiro em um final de semana que nos traria união e diversão. Como um grande desafio, decidimos caminhar pela trilha de 4,8 quilômetros de extensão que nos levaria ao topo da montanha Stonewall. Embora estivéssemos preparados para escalar a montanha acima, estávamos totalmente despreparados para os desafios da jornada no sentido inverso — montanha abaixo.

Eu estava vivendo em meio às luzes da cidade de Los Angeles há apenas alguns anos, porém já havia me esquecido de quão escura uma noite estrelada poderia ser, nas montanhas. Embora tivéssemos levado uma quantidade suficiente de comida, água, e outras coisas necessárias à nossa viagem até o topo da montanha, nós nos esquecemos de levar um número suficiente de lanternas para que pudéssemos fazer uma descida segura. O sol se pôs, as nuvens escuras chegaram, e então de repente percebemos a urgência de chegarmos em casa rapidamente e com toda segurança. Quando arrumamos todas as nossas coisas para descermos a montanha, a noite havia se tornado escura como breu. Imagine a nossa surpresa quando, tomando as duas lanternas que havíamos trazido, percebemos que nenhuma delas funcionava!

Imagine 19 rapazes, colegas, tentando descer uma encosta de montanha em meio a uma densa escuridão, em uma noite de ventos fortes, sem terem a luz

necessária para enxergar o que estava à sua frente. Começamos a sentir um pouco de pânico, mas percebemos que, se quiséssemos descer com segurança, precisaríamos trabalhar juntos. Uma vez que algumas partes do caminho poderiam ser muito perigosas, todos nós, os 19 amigos, demos as mãos e começamos a percorrer o trajeto de descida, lentamente, centímetro por centímetro. Sem o poder das lanternas, o nosso trajeto foi feito às apalpadelas, parando aos poucos em meio àquela densa escuridão, sentindo, à nossa volta, as rochas e as fendas. Se tivéssemos boas lanternas, a nossa viagem de volta teria sido muito menos perigosa e frustrante. Na verdade, ela teria sido fácil.[1]

Quando nos entregamos ao Espírito Santo, Ele nos fornece o poder e a luz para que possamos andar em seus caminhos. “Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gl 5.22). O Espírito Santo, vivendo constantemente em nós, é a fonte de poder para a nossa vida.

3. Iluminar a Verdade das Escrituras

A palavra de Deus, através do poder do Seu Espírito, “é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16,17). Esta passagem nos diz que a Palavra de Deus contém diretrizes, e nos fornece o entendimento necessário, para que possamos aprender a cultivar uma unidade mais profunda com Deus. É a Palavra de Deus que nos ensina tudo isso. Ela também nos dá princípios que esboçam como deve ser a semelhança de Cristo em nossa vida. E à medida que enfocamos estas diretrizes e princípios, é o Espírito Santo que traduz esta verdade para a nossa vida.

O apóstolo Paulo disse que “ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus” (1 Co 2.11,12). Como esta passagem nos ensina, outra função do Espírito Santo em nossa vida é nos mostrar o próprio Senhor e a sua verdade. Ele nos ajuda a entender como o Senhor quer que sejamos, e como Ele quer que amemos e vivamos. E a única maneira de conhecermos o coração e o pensamento de

Deus é Ele mesmo nos revelar estas características e qualidades por meio do seu precioso Espírito Santo. O apóstolo Paulo faz uma pergunta, e ele mesmo a responde: “Porque quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo” (1 Co 2.16).

A presença do Espírito Santo em nossa vida não significa que os pastores e os professores não sejam necessários. Alguns chegam a citar João 14.26 na tentativa de alegar que não precisamos das Escrituras já que o Espírito Santo nos ensina todas as coisas. Mas o contexto desta passagem revela que Jesus aplicou estas palavras aos seus discípulos, e não necessariamente a todos os crentes que viriam depois deles. Se o Espírito Santo fosse o nosso único guia para a verdade, então não precisaríamos das Escrituras Sagradas, e muito menos de livros como, por exemplo, A Verdade Incontestável. Jamais devemos simplesmente desconsiderar todo o estudo e toda a sabedoria dos bons ensinadores, e confiar apenas na direção interior do Espírito. Esta é uma abordagem profundamente antibíblica, que sempre leva a resultados desastrosos. Pelo fato de sermos pessoas caídas, a nossa percepção é frequentemente obscura e nublada, e estamos sujeitos a ser enganados por vozes que pensamos que podem vir da parte de Deus, mas que, na realidade, vêm de fontes que se originam nas trevas. O apóstolo Paulo advertiu a igreja de Corinto sobre os falsos mestres: “Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz” (2 Co 11.13,14).

Esta é a razão pela qual é crucial, para nós, atentarmos para a orientação proposta pelo apóstolo Paulo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). Deus, por sua bondade, nos envolve nos ensinos de homens e mulheres tementes e obedientes a Ele, para que assim sejamos conduzidos a toda a verdade. O Espírito Santo faz com que a nossa vida se torne impregnada, de forma gradual, com a verdade que está contida nas Escrituras. Observe que as pessoas não crentes podem até mesmo ouvir e entender a verdade bíblica; porém é somente por intermédio do poder do Espírito Santo que a verdade pode permanecer em nossa vida e transformar o nosso caráter.

4. Capacitar-nos para Servir

“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós”, disse o Senhor Jesus, “e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). De fato, Jesus disse que, quando o Espírito Santo viesse, os seus seguidores fariam as mesmas obras que Ele fez, e as fariam ainda “maiores” do que aquelas que Ele estava fazendo, porque o Senhor Jesus iria para Deus Pai (Jo 14.12). É o Espírito Santo que nos capacita para que possamos fazer a obra de Deus.

“E há diversidade de operações”, Paulo declarou, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil” (1 Co 12.6,7). É o Espírito Santo que distribui estes dons, e então nos capacita para que possamos usá-los. Em Romanos 12.6 Paulo explica:“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada...” E então o apóstolo passa a identificar quais são estes dons, e como devemos utilizá-los. O ponto principal é que o Espírito Santo nos capacita para que possamos servir a outras pessoas, divulgar o evangelho de Cristo e para que possamos fazer coisas extraordinárias para a glória dEle.

O escritor aos Hebreus nos diz que aqueles que viveram pela fé, e tiveram o Espírito Santo em suas vidas, “venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fugida os exércitos dos estranhos. As mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos” Ele também menciona que “uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição” (Hb 11.33-35).

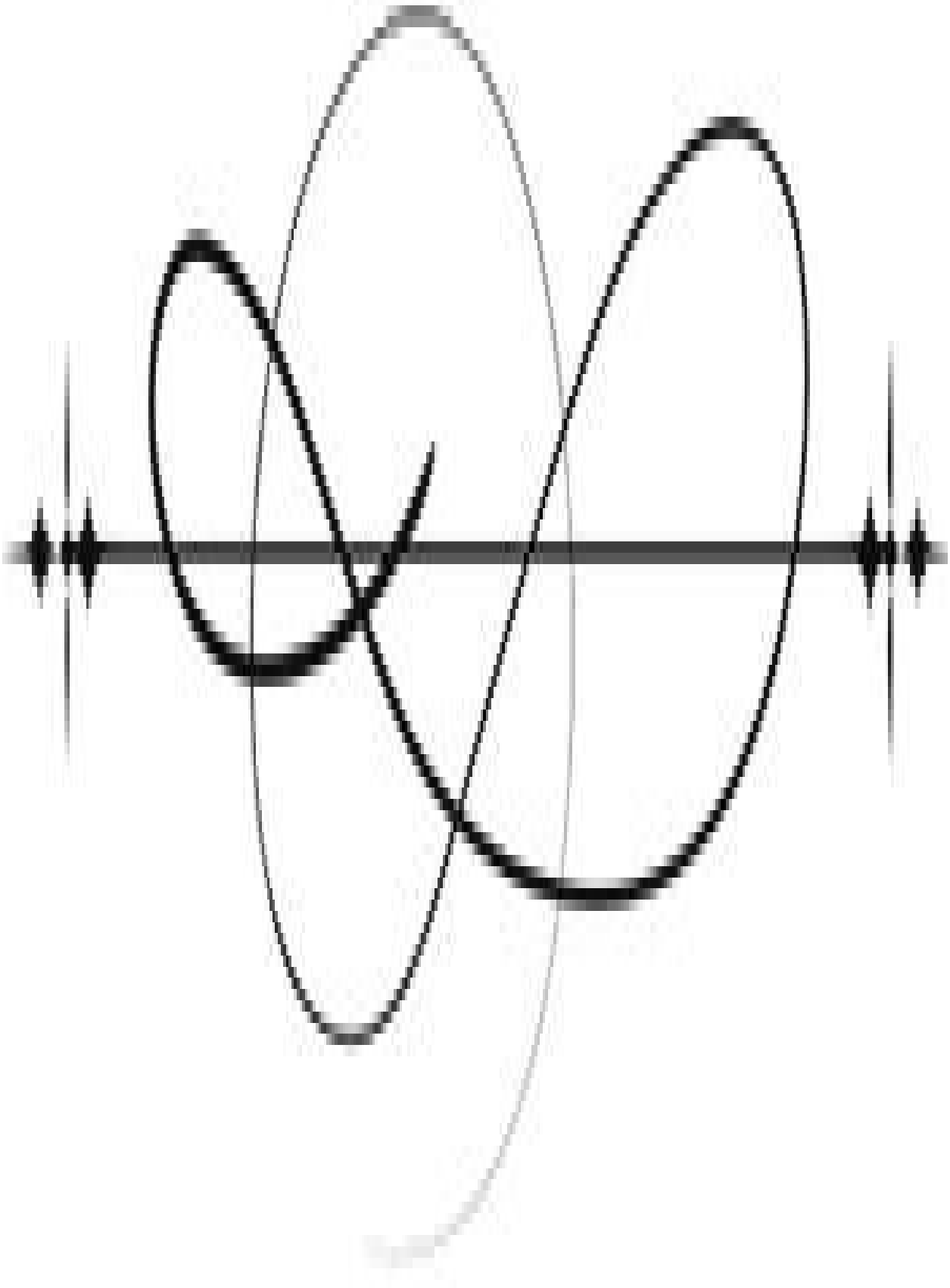
Quer o Espírito Santo nos capacite a realizar milagres, quer nos capacite a morrer corajosamente como mártires, Ele está presente em nossa vida para refletir a sua luz a um mundo que está imerso em trevas e necessidades. “Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5.14-16). Simplesmente enfocarmos o fato de que Deus nos enche com o seu precioso Espírito Santo, não faz com que centralizemos o nosso pensamento no poder que Ele tem para realizar milagres e maravilhas, mas no louvor e na adoração que devemos oferecer à sua Pessoa, que é bendita para

sempre. O Espírito Santo nos capacita a louvar, glorificar e honrar ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo.

5. Trazer Sentido à nossa Vida

Fomos criados à imagem de Deus, e quando nos tornamos íntimos de Deus, através do seu precioso Espírito Santo, começamos a viver da maneira que Ele deseja que vivamos, e passamos a ser o tipo de pessoa que Deus planejou que fôssemos. Ouça as palavras que foram expressas pelo apóstolo Paulo: "... conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade..." (Ef 1.11). "Pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas" (At 17.25). O Espírito Santo nos coloca em uma jornada com a finalidade de cumprir os nossos propósitos na vida. Porque quando... "o mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16), Ele está, na realidade, nos completando e nos aperfeiçoando. O plano de Deus é que vivamos em um relacionamento íntimo com Ele, como seus filhos. Quando agimos neste sentido, e vivemos assim, por meio do poder do maravilhoso Espírito Santo, encontramos o nosso verdadeiro significado e propósito.

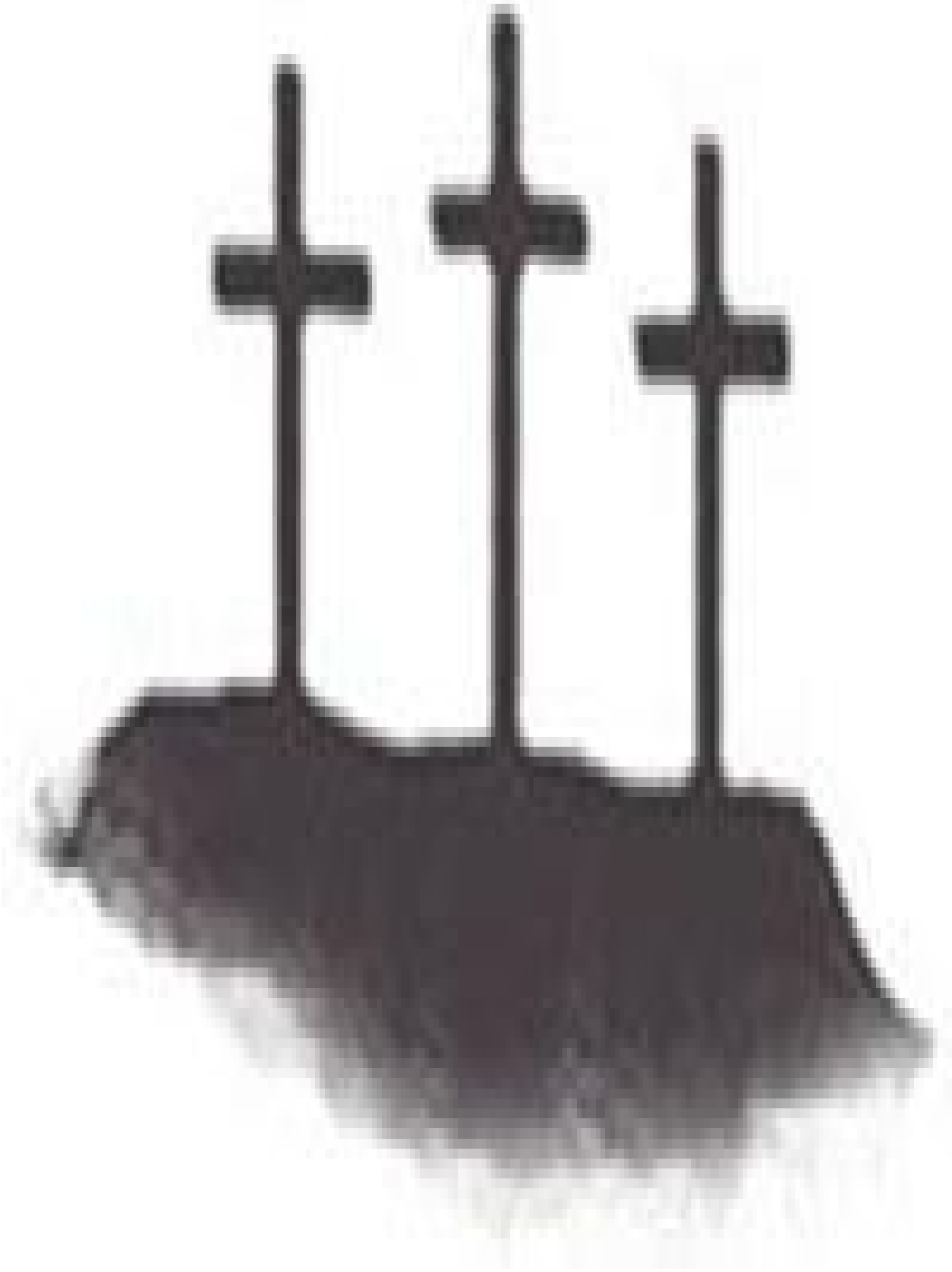
Jesus mandou que os seus discípulos obedecessem aos mandamentos de Deus Pai para que a sua alegria estivesse neles (Jo 15.11). Os discípulos não tinham ideia de quão literalmente Ele gostaria que esta frase fosse entendida. A alegria de Jesus Cristo deveria estar neles, o que significava que Ele mesmo era a alegria. Embora Jesus estivesse fisicamente com eles naquele momento, o Salvador estava lhes dizendo que quando o Espírito Santo viesse, Ele estaria neles. Ao declarar que a alegria deles seria completa (Jo 15.11), o Senhor Jesus estava dizendo que Ele mesmo era "aquele que completaria esta alegria". A vida dEle completa a nossa; é Ele que dá sentido à nossa vida; é Ele que nos dá o sentimento de realização e alegria na vida; e tudo isso acontece porque o Espírito Santo é o agente de Deus que proporciona um relacionamento contínuo entre Deus e cada um de nós. A relevância do Espírito Santo para a nossa vida é a seguinte: Ele cria em nós uma intimidade com Deus, nos transforma para que sejamos semelhantes a Cristo, nos conduz a toda a verdade, nos capacita para servir, e traz à nossa vida um senso de significado e realização pessoal.



Acabamos de falar do “o que”. Mas o que temos a dizer a respeito do “como”? Como é que nós, de fato, nos conectamos com o Espírito Santo? Como é que nós vivemos a vida com Deus que Ele nos oferece? Como e quando nós somos, de fato, cheios com o Espírito Santo?

Embora haja uma concordância admirável entre os evangélicos, e praticamente todos reconheçam a existência do Espírito Santo, há diferentes opiniões sobre como e quando uma pessoa o recebe. Falando de uma forma geral, a maioria dos cristãos adota uma dentre duas linhas principais de pensamento. Uma delas admite que um crente recebe o Espírito Santo no momento da sua conversão, e a partir deste momento ele passa a ser capacitado pelo Espírito de uma forma crescente e constante, principalmente à medida que se entrega a Deus de uma forma mais completa. A outra linha de pensamento admite que haja um processo que consiste em dois passos. O primeiro passo é aquele em que o crente é redimido, e se torna um filho de Deus através do poder do maravilhoso Espírito Santo. Mas, neste caso, a pessoa ainda não foi cheia com o Espírito Santo. O segundo passo purifica o coração do crente, e é aquela ocasião em que o crente é cheio com o Espírito Santo. Muitos cristãos também acreditam que ao serem cheios com o Espírito Santo, ou batizados com o Espírito Santo, este evento seja acompanhado por sinais ou evidências desta realidade, como, por exemplo, falar línguas estranhas.

No capítulo seguinte vamos tratar de um assunto muito importante, que é como podemos nos apropriar do poder de Deus através da presença do Espírito Santo em nossa vida. O apóstolo Paulo nos deu um importante conselho: “... enchei-vos do Espírito...” (Ef 5.18). Mas como podemos colocar este conselho em prática? De que forma devemos agir para que possamos andar diariamente no poder do Espírito de Deus? Qual deve ser a atitude do nosso coração para que possamos refletir o caráter de Deus, e viver uma vida que agrade a Ele? Este é o assunto do nosso próximo capítulo.



Capítulo trinta e nove

O PODER DO ESPÍRITO SANTO

–B ob! Preste atenção! Faça a finta! — o treinador bradou. — Agora, corra rápido!

Era tarde demais. O parceiro de Jim acertou um cruzado de esquerda que o lançou na lona.

— Você tinha que bloquear aquele golpe! — o treinador disse enquanto Jim se retirava lentamente do ringue.

—Vamos tentar novamente. Você poderá vencer a luta na próxima semana se aprimorar a sua técnica.

Durante várias semanas, Jim se submeteu a um rigoroso regime de treinamento. Alongamentos. Levantamento de peso. Ficar acordado até tarde. Corrida. Treinar os golpes no saco de areia. Lutas com o parceiro de treinamento. Alimentação correta. Levantar-se da cama bem cedo, e ir para a cama bem tarde. Jim estava dando tudo de si para ganhar a “Luva de Ouro” — o Grande prêmio do boxe amador.

Então a grande noite chegou. A luta estava nos 60 segundos do quarto round. Jim fez todos os movimentos de forma correta. Fez a finta, desviou dos golpes do adversário. O cruzado de esquerda veio voando em sua direção, e ele o bloqueou. Tendo então o seu oponente com a guarda praticamente aberta, Jim respondeu com um golpe de esquerda, de baixo para cima, seguido por um forte golpe de direita. Assim, o seu adversário foi nocauteado. Ele caiu, e o impacto do seu corpo contra a lona produziu aquele conhecido ruído abafado. A multidão comemorou. Jim se movimentou para frente e para trás esperando que o lutador desfalecido se levantasse. Porém ele não pôde.

O juiz acenou com as duas mãos, indicando que a luta estava terminada. E Jim

se lançou contra as cordas com os dois braços levantados. Ele era o vencedor.

O poder que Jim teve para vencer o seu adversário veio daquilo que ele fez — os alongamentos, o trabalho dos pés, a alimentação correta, além de uma prática constante e dedicada. Como na maioria das conquistas este tipo de treinamento e disciplina é o caminho para alcançarmos os nossos objetivos, muitas pessoas pensam que este também seja o caminho para alcançarmos uma vida cristã efetiva. Porém, para conseguirmos alcançar uma vida cristã que esteja realmente de acordo com os padrões de Cristo, precisamos de uma abordagem totalmente diferente — que seria algo que alguns poderiam até mesmo chamar de "abordagem de ponta-cabeça". O poder necessário para vivermos à semelhança de Cristo não depende tanto daquilo que fazemos, mas daquilo que não fazemos.

O apóstolo Paulo escreveu aos cristãos que moravam na Galácia, que estavam confusos sobre o que era necessário para viver uma vida cheia com o Espírito Santo, ou uma vida capacitada pelo Espírito Santo: "Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne? Será em vão que tenhais padecido tanto? Se é que isso também foi em vão. Aquele, pois, que vos dá o Espírito e que opera maravilhas entre vós o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?" (Gl 3.3-5). Paulo estava explicando que o desempenho de uma pessoa ao fazer o bem não é o que traz o poder de Deus para a sua vida.

Contudo, por outro lado, Paulo orientou Timóteo: "Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas e exercita-te a ti mesmo em piedade. Porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir" (1 Tm 4.7,8). Aqui Paulo parece estar dizendo são necessários tempo e esforço para que uma pessoa viva uma vida semelhante à de Cristo, assim como foi exigido de Jim, o lutador de boxe, para ganhar a "Luva de Ouro".

Mas então qual é o posicionamento correto? A vida cristã é uma questão de esforço, ou simplesmente uma questão de "plugar-se" no poder do Espírito Santo, e sentar-se confortavelmente esperando que Ele faça a obra toda sozinho? A resposta, como Paulo está deixando claro, é que certos esforços são necessários enquanto outros esforços não são necessários. Esta resposta gera em nosso pensamento outra pergunta: Que esforços são necessários, e que esforços não são necessários?

Sabemos que os nossos esforços ou as nossas boas obras são inúteis quando se

trata de ganharmos a nossa salvação (Ef 2.8, 9). Contudo, existe algo que devemos fazer. Paulo explica: “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis” (Gl 5.17). Nós, seres humanos caídos, devemos lutar contra uma natureza pecaminosa e entrincheirada que procurará nos açoitar até o dia da nossa morte.

Ao recebermos o Espírito Santo, passamos a ter a sua nova natureza dentro de nós, porém ainda precisaremos lutar contra a nossa natureza pecaminosa, que sempre resistirá ao Espírito Santo, e estará sempre em conflito com Ele. Esta é a razão pela qual devemos treinar a nós mesmos nas disciplinas espirituais e trabalhar arduamente para que possamos viver uma vida que seja agradável ao Senhor. Mas isto não é o suficiente. Não importa quão rigorosos sejam os nossos exercícios espirituais e os nossos treinamentos, jamais ganharemos algum tipo de músculo espiritual de modo que sejamos capazes de vencer a nossa natureza pecaminosa através do nosso próprio poder. Assim, embora a disciplina espiritual seja necessária para nos manter focados na vontade de Deus para a nossa vida, esta não é a fórmula para que alcancemos uma vida de temor e obediência a Deus. É preciso algo mais.

A renúncia É a chave

Não importando o quanto procuremos resistir à tendência que temos de pecar, precisamos saber que não temos a força necessária para vivermos a vida cristã, ou para fazermos coisas grandes para Deus. O nosso próprio poder não é páreo para esta natureza pecaminosa que está sempre presente. Foi por esta razão que Paulo disse: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1). Assim sendo, ao invés de exercitarmos os nossos músculos espirituais em esperanças fúteis de sobrepujarmos sozinhos o poder do pecado em nossa vida, Paulo recomenda que cada um de nós sacrifique a si mesmo. E ele prossegue dizendo: “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). Isto significa que devemos crucificar até mesmo os esforços que dedicamos às “boas obras”, juntamente com a nossa autoconfiança. Então poderemos dizer, com Paulo: “Porque eu, pela lei, estou

morto para a lei, para viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2.19, 20).

Devemos trazer todas as nossas ambições, desejos, esperanças e sonhos, por mais nobres que possam ser, e sacrificá-los a Deus. Isso significa que devemos entregar a Ele as nossas próprias habilidades, talentos, bondade, e os esforços que fazemos para ajudarmos a nós mesmos, considerando todas estas coisas como inúteis. Então devemos depositar a nossa confiança na bondade e na força do Senhor. Quando demonstramos a Deus que queremos vê-lo honrado, e que não queremos nenhuma honra para nós mesmos, Ele passa a nos contemplar e a nos responder poderosamente. Quando nos entregamos ao Senhor, Ele nos concede o seu Espírito Santo, que passa a habitar em nossa vida, e a agir através dela.

Quando nos entregamos ao Senhor, Ele nos concede o seu Espírito Santo, que passa a habitar em nossa vida, e a agir através dela.

Depois que eu (Josh) entreguei a minha vida a Cristo, e passei a confiar nEle, me transferi de uma instituição de ensino estadual para o Wheaton College, que é uma instituição cristã. Mas eu realmente queria ir para a Faculdade de Direito. Lembro-me de um pastor visitante que pregou durante um culto na capela, e que nos falou sobre como nós, estudantes, precisávamos colocar os nossos dons e talentos diante de Deus, e sacrificá-los a Ele, para que assim pudéssemos nos tornar úteis. Ele utilizou Romanos 12.1 como o seu texto base. Muitos daqueles estudantes foram à frente, pois queriam se tornar um "sacrifício vivo" para Deus. Eu não fui. Saí rapidamente daquele auditório. Eu disse a Deus que estaria disposto a lhe oferecer os meus dons e talentos, caso os tivesse, porém não fui à frente. Eu ainda estava lutando contra a minha gagueira; estava com notas terríveis em Inglês; eu realmente questionava se teria algo de valor para oferecer a Deus. Então um pensamento passou pela minha mente: Que tal você dar a

Deus as suas limitações?

Um dia saí da classe frustrado e comecei a caminhar. Quando estava a um quarteirão do campus do seminário, ouvi o toque de um sino. Era exatamente 11h45min da manhã — o horário do almoço para os alunos do Ensino Fundamental. O som do sino me assustou, e eu parei. Os portões da escola se abriram rapidamente, e um grande número de alunos saiu em bloco. Tive que me posicionar ao lado de um telefone público, na calçada, para dar espaço àquela multidão de crianças, que corria para todos os lados. Eu me senti momentaneamente paralisado. Foi como se o tempo tivesse parado para mim, e eu estivesse assistindo um mar de jovens se mover em câmera lenta. Naquele momento o meu pensamento foi diretamente ao livro de Isaías, quando Deus fez uma pergunta ao profeta: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” (Is 6.8). Estas palavras passaram a ter um novo contexto em minha mente. Era como se Deus estivesse me dizendo: “Todos estes jovens estão em crise; eles fazem parte de uma geração ferida, e você tem aquilo que eu posso usar para ajudá-los. Então, ‘A quem enviarei, e quem há de ir por nós?’”

Naquele ponto, fiz uma oração: “Senhor Deus, tudo o que sinto neste momento é que tenho as minhas limitações. Mas se é disso que o Senhor precisa, lhe darei tudo que tenho para que possa ensinar esta geração”. Instantaneamente, o conflito que eu sentia em relação à carreira que gostaria de ter na área jurídica, terminou. Aquele sentimento de ser uma pessoa inadequada acabou. Senti a presença capacitadora do Espírito Santo encher a minha vida.

Há algumas coisas que eu não fiz: não prometi a Deus que participaria de um treinamento avançado para líderes de jovens, nem que procuraria melhorar a minha dicção, nem que formaria uma rede de relacionamentos de líderes de jovens, nem que contrataria uma empresa de relações públicas com a finalidade de desempenhar um grande mistério para Ele. O que eu fiz consistiu em desistir de tentar fazer as coisas apenas com as minhas próprias forças e com o meu próprio entendimento, e sacrificar a Deus tudo aquilo que eu tinha (que não era muito). E Deus, por sua vez, me ofereceu como resposta as mesmas palavras que Ele disse a Paulo: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Co 12.9).

Quando você e eu damos as costas à nossa autoconfiança, ao nosso egocentrismo, ou à nossa autocomiseração, e simplesmente dizemos, “eu preciso de Ti, e quero te agradar”, Deus responde de uma forma especial: Ele passa a

viver a sua vida através de nós. É claro que Ele quer a nossa obediência, mas, em primeiro lugar, Ele quer cada um de nós. Ele quer que você e eu sejamos vasos dispostos, e que tenhamos nos entregado completamente a Ele. Por esta razão recebemos a seguinte orientação: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gl 5.25). “Apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça” (Rm 6.13); “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me” (Lc 9.23); e “Todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5.4). A nossa atitude de submissão e entrega ao precioso e bendito Espírito Santo é que permite que o poder e a presença de Deus sejam vistos através da nossa vida. O apóstolo Paulo disse: “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2 Co 4.7). Quando procuramos honrar a Deus e não a nós mesmos, Ele sente prazer em revelar e mostrar o seu poder e a sua vida através de nós.

Quando nos entregamos completamente a Ele, como um sacrifício, o Espírito Santo nos capacita. E é neste ponto que o nosso exercício espiritual e a nossa disciplina entram em jogo. Quando passamos a desejar que o poder do Espírito Santo defina a nossa vida, precisamos cultivar uma “boa forma” na vida espiritual. Podemos fazer isso de uma maneira consistente estudando a sua Palavra, buscando a sua presença em constantes orações, adorando-o juntamente com outros irmãos crentes, e cumprindo todas as orientações que as Escrituras nos apresentam, do tipo “uns aos outros”: amai-vos uns aos outros; aceitai-vos uns aos outros; encorajai-vos uns aos outros; confortai-vos uns aos outros; e assim por diante. Porém jamais devemos sentir que somos excessivamente fortes, ou que podemos alcançar as vitórias de que precisamos através das nossas próprias forças. Devemos sempre nos lembrar da verdadeira fonte do nosso poder espiritual. A atitude de confessarmos uns aos outros as nossas fraquezas e os nossos pecados deve fazer parte do nosso padrão de vida.

O rei Davi lutou contra o seu próprio orgulho, cobiça e egocentrismo. Contudo, a despeito de todas as fraquezas de Davi, Deus disse que ele era um homem segundo o seu coração. Por quê? Porque Davi compreendeu que Deus não queria aquelas obras que só serviam ao seu ego humano. Deus queria que Davi fosse honesto e transparente. Davi chegou a escrever as seguintes palavras: “Porque te não comprazes em sacrifícios, senão eu os daria; tu não te deleitas em holocaustos. Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus” (Sl 51.16,17).

Pelo fato de sermos humanos, e lutarmos contra a nossa natureza pecaminosa, devemos nos arrepender continuamente quando fazemos algo errado. Também devemos nos converter de nossos maus caminhos (confessando as nossas transgressões), e buscar o perdão de Deus. Foi por esta razão que Tiago disse: “Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós. Limpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai o coração. Senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo, em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4.7-10).

Então, quando nos entregamos a Deus com todas as nossas falhas, transgressões, e fraquezas, Ele se dá, a nós, como uma misericordiosa retribuição. E com Deus em nossa vida, através do Espírito Santo, passamos a ser seguidores de Cristo capacitados pelo seu poder. Paulo resumiu este assunto quando proclamou: “Enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18).

Descobrindo a Vida Cheia do Espírito

O Dr. Bill Bright, fundador da organização Campus Crusade For Christ International, foi uma das pessoas mais cheias com o precioso Espírito Santo que já conhecemos. Ele desenvolveu um livreto que foi usado por milhares de crentes, no mundo inteiro, para compreender o que é uma vida cheia com o Espírito Santo.[1] Estamos incluindo, nas páginas seguintes, uma réplica deste folheto.[2]

Se você ainda precisa experimentar uma vida cheia com o Espírito Santo, convidamos você a confiar em Deus, entregar-se ao Espírito Santo agora mesmo, pedindo que Ele assuma o controle da sua vida. Se você sente que tem algo mais a aprender, antes que esteja pronto(a) para fazer isso, a nossa oração é que a leitura deste livreto lhe conduza a abrir a sua vida a Ele.



Você já Fez a

MARAVILHOSA DESCOBERTA

da vida que É

Cheia com o Espírito Santo?

Cada dia pode ser uma aventura empolgante para o cristão que conhece a realidade de ser cheio com o Espírito Santo, e que vive constantemente, momento a momento, sob a sua direção e graça.

A Bíblia nos conta que há três tipos de pessoas:

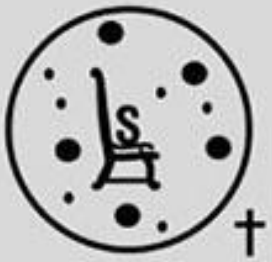
1. A PESSOA NATURAL

(*Aquela que ainda não aceitou a Cristo*)

"Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2.14).

Uma vida que é dirigida pela própria pessoa

S - O "eu" está no trono.
† - Cristo está fora da vida da pessoa.
● - Os interesses dela são dirigidos pelo seu ego, o que resulta, frequentemente, em uma falta de harmonia e frustração.



2. A PESSOA ESPIRITUAL

(Aquela que é dirigida e capacitada pelo Espírito Santo)

"Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido. Porque quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo" (1 Co 2.15,16).

Uma vida que é dirigida por Cristo

† - Cristo está no trono e na vida da pessoa.
S - O "eu" foi entregue a Cristo.
● - Os interesses dela são dirigidos por Cristo, o que resulta em uma harmonia com o plano de Deus.



3. A PESSOA MUNDANA (OU CARNAL)

(Aquela que aceitou a Cristo, mas vive em derrotas porque está tentando viver a vida cristã através de suas próprias forças)

Uma vida que é dirigida pela própria pessoa

S - O "eu" está no trono.
† - Cristo está fora do trono, e não recebe permissão para dirigir a vida da pessoa.
● - Os interesses dela são dirigidos pelo seu ego, o que resulta, frequentemente, em uma falta de harmonia e frustração.



"E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis; porque ainda sois carnais, pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois, porventura, carnais e não andais segundo os homens?" (1 Co 3.1-3).

(Usado sob permissão)

1 Deus proveu para nós uma vida cristã abundante e frutífera

Jesus disse, "O ladrão não vem senão a roubar, a matar e a destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância" (Jo 10.10).

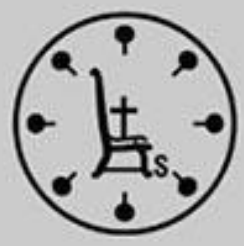
"Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer" (Jo 15.5).

"Mas o fruto do Espírito é: caridade (amor), gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei" (Gl 5.22,23).

"Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8).

A seguir temos alguns traços pessoais **da pessoa que é espiritual**, e que resultam da confiança em Deus:

- Caridade (amor)
- Gozo
- Paz
- Longanimidade
- Benignidade,
- Bondade
- Fé



- A vida está centrada em Cristo
- É uma vida capacitada pelo poder do Espírito Santo
- Apresenta outras pessoas a Cristo
- Tem uma vida de oração efetiva
- Entende a Palavra de Deus
- Confia em Deus
- Obedece a Deus

O grau em que estes traços se manifestam na vida depende do tamanho da confiança que o cristão tem no Senhor, e do quanto esta confiança é aplicada a cada detalhe da vida. Ele também depende da maturidade que o cristão possui em relação a Cristo. Aquele que está começando a compreender o ministério do Espírito Santo não deve se sentir desencorajado se não der tantos frutos quanto os cristãos mais maduros, que têm experimentado esta verdade por um período mais longo.

Por que a maioria dos cristãos não está desfrutando a vida abundante?

(Usado sob permissão)

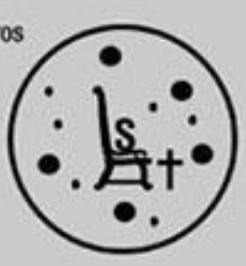
2 Cristãos mundanos não podem experimentar a vida cristã abundante e frutífera

A pessoa mundana (carnal) confia em seus próprios esforços para viver a vida cristã:

- Esta pessoa não foi informada, ou se esqueceu, do amor, do perdão e do poder de Deus (Rm 5.8-10; Hb 10.1-25; 1 Jo 1; 2.1-3; 2 Pe 1.9; At 1.8).
- Esta pessoa possui uma experiência espiritual que vem de cima, do céu, para a sua vida.
- Esta pessoa não pode entender a si mesma — é alguém que deseja fazer aquilo que é correto, porém não é capaz de fazê-lo.
- Esta pessoa comete uma falha por não buscar receber, do Espírito Santo, o poder necessário para viver a vida cristã (1 Co 3.1-3; Rm 7.15-24; 8.7; Gl 5.16-18).

Alguns dos traços destacados a seguir podem caracterizar a pessoa mundana (carnal) — o cristão que não confia completamente em Deus:

- Atitude legalista
- Pensamentos impuros
- Inveja
- Culpa
- Excesso de preocupações
- Desencorajamento
- Espírito Crítico
- Frustração



- Falta de vontade ou de objetivos
- Medo
- Ignorância quanto à herança espiritual
- Incredulidade
- Desobediência
- Perda do amor a Deus e às pessoas
- Vida de oração pobre
- Falta do desejo de estudar a Bíblia Sagrada

(Alguém que se declara cristão, mas que continua a praticar os seus pecados, precisa perceber que não está sendo um cristão verdadeiro, de acordo com 1 Jo 2.3; 3.6-9; Ef 5.5).

A terceira verdade nos dá a única solução para este problema...

(Usado sob permissão)

3 Jesus prometeu a vida cristã abundante e frutífera como o resultado de sermos cheios com o (dirigidos e capacitados pelo) Espírito Santo.

A vida cheia com o Espírito Santo é aquela que é dirigida por Cristo, e a Cristo; é a vida na qual Cristo vive, e através da qual Cristo se manifesta, através do poder do Espírito Santo (Jo 15).

- Uma pessoa se torna cristã através do ministério do Espírito Santo, de acordo com João 3.1-8. A partir do momento do nascimento espiritual, o cristão passa a ser interiormente habitado pelo Espírito Santo em todos os momentos de sua vida (Jo 1.12; Cl 2.9, 10; Jo 14. 16, 17).
- *Embora todos os cristãos tenham o Espírito Santo, nem todos os cristãos são cheios com o (dirigidos e capacitados pelo) Espírito Santo, de uma forma contínua, e constante.*
- O Espírito Santo é a fonte de uma vida transbordante (Jo 7.37-39).
- O Espírito Santo veio para glorificar a Cristo (Jo 16.1-15). Aqueles que são cheios com o Espírito Santo, são os verdadeiros discípulos de Cristo.
- Em seu último mandamento, antes de sua ascensão, Cristo prometeu nos conceder o poder do Espírito Santo para nos capacitar a ser as suas testemunhas (At 1.1-9).

Então, como uma pessoa pode ser cheia com o Espírito Santo?

(Usado sob permissão)

4 SOMOS CHEIOS COM O ESPÍRITO SANTO PELA FÉ; ENTÃO PODEMOS EXPERIMENTAR A VIDA ABUNDANTE E FRUTÍFERA QUE CRISTO PROMETEU.

Você pode receber a bênção de ser uma pessoa cheia com o Espírito Santo agora mesmo, desde que você:

- Deseje sinceramente ser uma pessoa dirigida e capacitada pelo Espírito Santo (Mt 5.6; Jo 7.37-39).
- Confesse os seus pecados. Agradeça a Deus, **pela fé**, por Ele **ter perdoado** todos os seus pecados – passados, presentes e futuros — através da morte de Cristo por você (Cl 2.13-15; 1 Jo 1; 2.1-3; Hb 10.1-17).
- Apresente a Deus cada área de sua vida (Rm 12.1, 2).
- Peça, **pela fé**, a plenitude do Espírito Santo, de acordo com:

O mandamento dEle: Enchei-vos do Espírito.

"E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18).

A promessa dEle: O Senhor nos atenderá sempre que orarmos pedindo as bênçãos conforme a vontade dEle.

"E esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos" (1 Jo 5.14,15).

A fé pode ser expressa através da oração...

(Usado sob permissão)

Como Orar, em Fé, para Ser Cheio com o Espírito Santo

É somente pela fé que nós somos cheios com o Espírito Santo. Entretanto, a verdadeira oração é uma maneira de expressarmos a nossa fé. As seguintes palavras são uma sugestão de oração:

> Querido Pai Celestial, preciso de Ti. Reconheço que tenho pecado contra Ti ao dirigir a minha própria vida. Agradeço-te por teres perdoado os meus pecados através da morte de Jesus Cristo por mim. Neste momento convido Cristo a assumir novamente o seu lugar no trono da minha vida. Encha-me com o teu Espírito Santo. Quero obedecer a tua ordem de ser cheio com o Espírito Santo, e aceitar a tua promessa, registrada na tua Palavra, de que o Senhor me encherá se eu pedir com fé. Faço esta oração em nome de Jesus. E como uma expressão da minha fé, agora peço que o Senhor dirija a minha vida e me encha com o teu Espírito Santo.

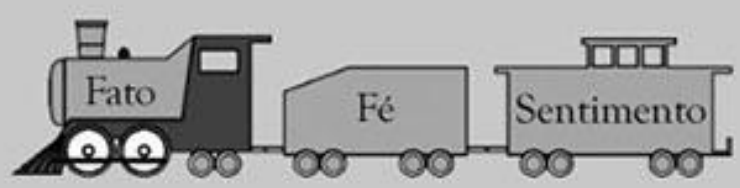
Esta oração expressa o desejo do seu coração? Se a sua resposta é sim, curve a sua cabeça em oração e confie que Deus lhe encherá com o Espírito Santo **neste momento**.

Como Você Pode Saber que É uma Pessoa Cheia com o (Dirigida e Capacitada pelo) Espírito Santo

Você pediu a Deus que lhe enchesse com o Espírito Santo? Então você sabe que é uma pessoa cheia com o Espírito Santo? Com que autoridade? (com a autoridade e a credibilidade do próprio Deus e da sua Palavra: Hb 11.6; Jo 17.17).

Não dependa de sentimentos. A nossa autoridade é a Palavra de Deus, e não os nossos próprios sentimentos. O cristão vive pela fé (confiança) na confiabilidade do próprio Deus e da sua Palavra. Este diagrama representado por um trem ilustra o relacionamento entre fato (Deus e a sua Palavra), fé (a nossa

confiança em Deus e na sua Palavra), e sentimentos (o resultado da nossa fé e da nossa obediência) (Jo 14.21).



A locomotiva estará em movimento com ou sem os vagões. Entretanto, seria fútil tentar empurrar a locomotiva utilizando os vagões. Da mesma forma, nós, como cristãos, não dependemos de sentimentos ou emoções, mas depositamos a nossa fé (confiança) na confiabilidade de Deus, e nas promessas da sua Palavra.

(Usado sob permissão)

Como Andar no Espírito

A fé (que é a confiança em Deus e nas Suas Promessas) é o único caminho que pode levar o cristão a viver uma vida dirigida pelo Espírito Santo. À medida que você continua a confiar em Cristo, momento a momento:

- A sua vida demonstrará mais e mais o fruto do Espírito (Gl 5.22, 23), e se tornará cada vez mais conforme a imagem de Cristo (Rm 12.2; 2 Co 3.18).
- A sua vida de oração e estudo da Palavra de Deus se tornará mais significativa.
- Você experimentará o poder de Deus ao testemunhar (At 1.8).
- Você será uma pessoa preparada para enfrentar o conflito espiritual contra o mundo (1 Jo 2.15-17); contra a carne (Gl 5.16, 17); e contra Satanás (1 Pe 5.7-9; Ef 6.10-13).
- Você experimentará o poder que Deus nos dá para resistirmos às tentações e ao pecado (1 Co 10.13; Fp 4.13; Ef 1.19-23; 2 Tm 1.7; Rm 6.1-16).

A Respiração Espiritual

Se você se tornar atento a uma área de sua vida (as suas atitudes ou ações) que esteja desagradando ao Senhor, mesmo que esteja andando com Ele, e desejando servi-lo como toda a sinceridade, simplesmente agradeça a Ele por ter perdoado os seus pecados — passados, presentes e futuros — com base na morte de Cristo na cruz por você. Peça, pela fé, o amor e o perdão de Deus, e mantenha a sua comunhão com Ele.

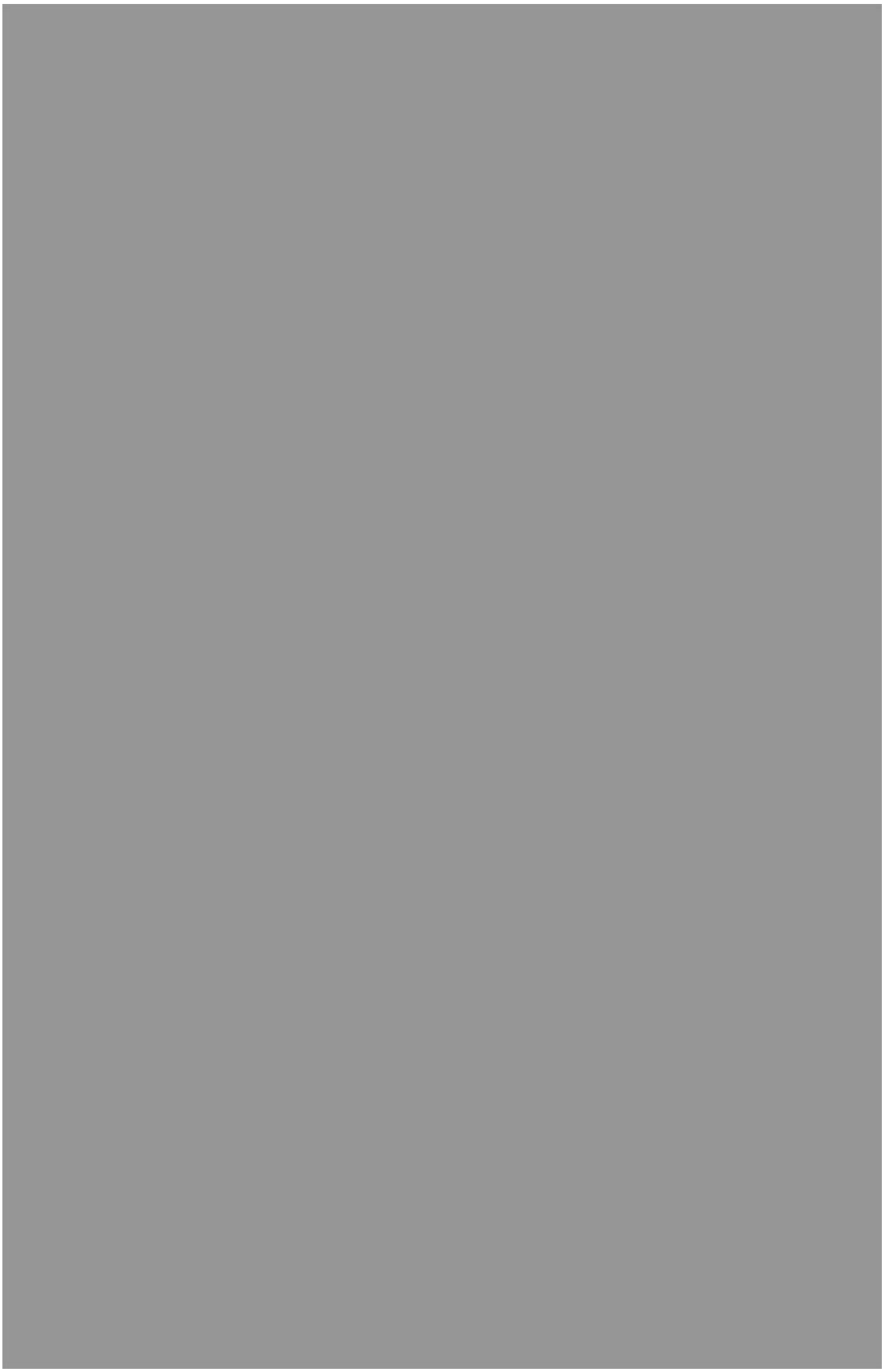
Se você tomar novamente o trono de sua vida através do pecado — o que seria um ato definitivo de desobediência — tome um fôlego espiritual. A respiração espiritual (que consiste em exalar aquilo que for impuro, e inalar aquilo que for puro) é um exercício de fé que lhe capacitará a experimentar o amor e o perdão de Deus.

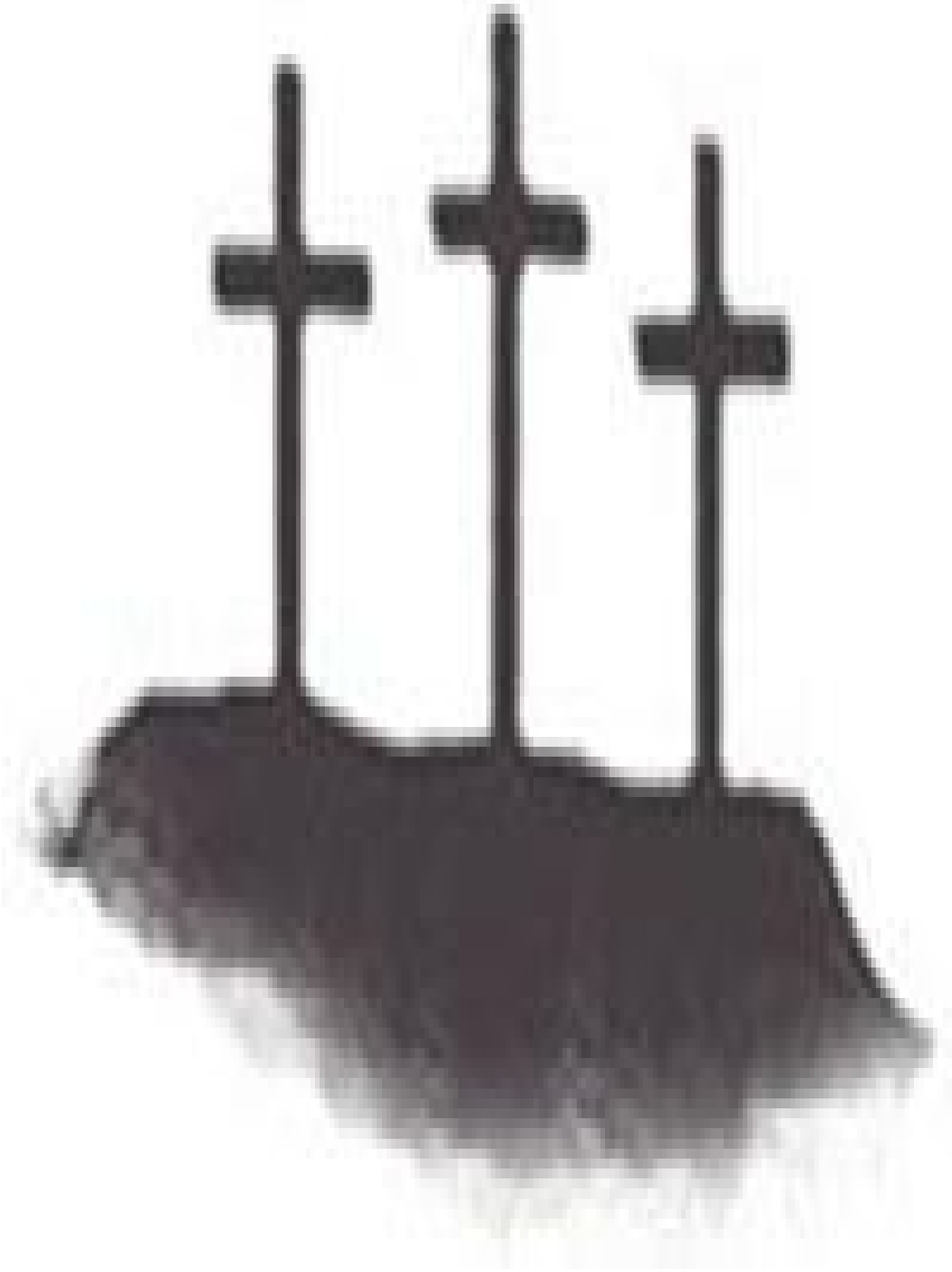
1. *Exale*: confesse os seus pecados — reconheça diante de Deus que você pecou, peça o seu perdão, e agradeça a Ele por este perdão, conforme 1 João 1.9; e Hebreus 10.1-25. A confissão envolve o arrependimento — uma mudança de comportamento e atitudes.
2. *Inale*: entregue o controle de sua vida a Cristo, e receba, pela fé, a plenitude do Espírito Santo. Confie que, a partir de agora, o Senhor estará dirigindo e capacitando você, de acordo com o mandamento de Efésios 5.18, e a promessa de 1 João 5. 14,15.

Have you Made the Wonderful Discovery of the Spirit-Filled Life?, escrito por Bill Bright © 1966-2010 Bright Media Foundation (BMF) e Campus Crusade for Christ International (CCCI). Todos os direitos reservados. www.campuscruzade.com. Incluído com permissão.

Verdade Número Dez

O Reino de Deus





Capítulo Quarenta

OS REINOS EM GUERRA

Foi uma época estranha para o povo judeu aquela em que viveram sob o domínio do Império Romano. Era um tempo de grande fervor religioso, porém um tempo de extremo desespero cultural. A religião florescia entre os líderes, que proclamavam as Escrituras com zelo. Muitos, dentre o povo judeu, seguiam os seus ensinos “ao pé da letra”. Eles sabiam muitas coisas a respeito de Deus, e a maioria declarava que cria nEle. Contudo, a religião parecia estar confinada às paredes do local de adoração, e possuía um pequeno efeito visível sobre a cultura como um todo. A pobreza dentro da cultura romana era assoladora e desenfreada entre as famílias dos arrendatários, dos escravos, dos servos, e daqueles que não possuíam a cidadania romana. Os líderes religiosos judeus não estavam fazendo praticamente nada para ajudar os pobres, dentre os quais estavam as viúvas, os órfãos, os pedintes, aqueles que eram socialmente indesejáveis, e aqueles que eram explorados pelo governo através de uma cobrança abusiva de impostos. De fato, a vida moral e ética da elite religiosa não era significativamente diferente da cultura romana na qual viviam.

Em meio a este mar de desespero social, um pequeno grupo de homens e mulheres enxergou um raio de esperança. Era o Messias deles, o Cristo que eles seguiam na esperança de que os liderasse como uma nação, libertando-os da tirania, e conduzindo-os a um novo reino de justiça e glória. Estes seguidores de Jesus viam tanto a Ele como o seu reino que estava por vir como a solução para cada problema que eles enfrentavam.

Estas pessoas permaneciam com Jesus à medida que Ele ensinava, curava, alimentava e ministrava às necessidades deles. Porém, durante todo esse tempo, eles estavam ansiosos pelo dia glorioso em que Ele reuniria o exército judeu, derrotaria os opressores romanos, e estabeleceria um novo reino de prosperidade e de liberdade.

Mas para completo horror deste grupo, o seu Mestre foi preso, conduzido a um

julgamento injusto que se transformou em escárnio, e foi crucificado. Eles estavam atordoados. A esperança que tinham de poderem se tornar livres do jugo romano foi despedaçada, e, escondendo-se, entraram em desespero. Mas então, no primeiro dia da semana seguinte, as suas emoções alcançaram, novamente, um nível muito elevado, quando algo aparentemente impossível aconteceu: Jesus ressuscitou dos mortos. O pequeno grupo agora estava novamente no topo, empolgado com a esperança de que o seu reino prometido, aguardado há tanto tempo, estaria, finalmente, prestes a se estabelecer. Que credencial poderia ser melhor para um exército entusiasmado do que ser liderado por um homem que derrotou a morte! Eles estavam prontos; estavam empolgados; quase não conseguiam esperar.

Eles se encontraram muitas vezes com Jesus depois da ressurreição. Nestas ocasiões Ele lhes falava frequentemente a respeito do reino. Finalmente, eles lhe perguntaram: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (At 1.6). Ele lhes respondeu que Deus Pai estabeleceu estas datas, e que elas não deveriam ser do conhecimento deles. Além disso, Ele anunciou que estava prestes a deixá-los. Imagine o sentimento de surpresa e confusão que eles experimentaram naqueles momentos. Porém Ele prometeu enviar o Seu precioso Espírito Santo, que os capacitaria a divulgar o Seu reino “em Jerusalém como em toda a Judia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8).

Não há dúvida de que tais respostas, naquele momento, confundiram ainda mais os seus seguidores. Por que Jesus não agiria naquela ocasião para se estabelecer como o governante de seu próprio reino? Por que Ele os deixaria agora, em um momento de tão grande triunfo? E como é que eles poderiam estabelecer o reino, sem que o líder deste reino estivesse presente? Então Jesus ascendeu ao céu diante dos olhos deles, e desapareceu em meio às nuvens. Naquele momento, as esperanças deles devem ter se abalado novamente. Podemos imaginar o tumulto emocional em que se encontraram, à medida que se viraram lentamente para descerem o Monte das Oliveiras, arrastando-se, pensativos,em direção a Jerusalém.

Imagino que eles devam ter caminhado silenciosamente por um longo período, tratando, pessoalmente, do profundo desapontamento que provavelmente sentiam. Quem sabe Filipe tenha finalmente quebrado aquele pesado silêncio. “Não entendi isso, Pedro”. “Pensei que Ele fosse restaurar o seu reino”.

“Também não entendi”, Pedro pode ter respondido balançando a cabeça em sinal

de desespero. “Tudo que Ele nos ensinou está relacionado ao reino, e eu comi cada palavra que Ele falou. Ou seja, eu estava pronto para deixar completamente o meu negócio de pesca para segui-lo, por que me senti chamado para ajudar a fazer tudo isso acontecer”.

Quando vivemos a visão do reino de Jesus, passamos a nos engajar em um poderoso conflito espiritual que tem como objetivo derrotar o reino de Satanás, o reino deste mundo, e estabelecer, em seu lugar, o reino de Jesus.

“Eu também”, Tiago pode ter respondido. “Nunca vi ninguém se importar tanto com os nossos problemas como Ele. Ele curava as pessoas, as amava, pregava uma mudança radical, e alimentava os famintos. E como Ele repreendeu os líderes religiosos, intimando-os a desempenhar o seu ofício com responsabilidade... Ele sabia que eles não tinham nada para oferecer a um mundo ferido. Eles são exatamente o que Ele disse, ‘Sepulcros caiados repletos de ossos de mortos em seu interior’. Ele era a nossa esperança. Pensei que Jesus seria o líder do movimento que mudaria todas as coisas”.[1]

Os Reinos Espirituais em Guerra

Jesus era, de fato, o líder do movimento de um reino que mudaria todas as coisas.

Mas a ideia que Jesus tinha a respeito do reino era muito diferente da ideia que os seus discípulos (e o mundo inteiro) tinham a respeito do reino. Então, afinal, o que era este “reino” de que Jesus falava?

O governador romano, Pôncio Pilatos, estava tentando obter mais clareza sobre este assunto, quando o Senhor Jesus foi trazido à sua presença. Ao interrogar Jesus, Pilatos perguntou-lhe se Ela era o rei dos judeus. Aquele governador estava tentando entender qual era a ambição política de Jesus.

Então Jesus lhe respondeu: “O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui” (Jo 18.36). Estas palavras deixaram Pilatos ainda mais confuso. Jesus não era um rei terreno? Que outro tipo de rei existe? – o governador pode ter pensado. Ele tem um reino, porém o reino dele não é deste mundo? Que coisa mais esquisita!

É esquisito a menos que você compreenda o conceito que Jesus tem de reino. Quando Jesus falava de reino, a Sua intenção não era derrubar o império romano. Os seus opositores não eram os romanos, e nem mesmo os líderes judeus. O seu opositor era Lúcifer, seu arqui-inimigo. Observe que desde que Adão e Eva pecaram, foi Satanás que esteve envolvido e fez deste mundo presente o seu reino, o reino das trevas. Por esta razão, o Senhor Jesus não estava enfocando os governos humanos; o seu foco estava na ordem mundial que Satanás procura implementar. Jesus veio a esta terra para reivindicar a sua criação perdida, e restabelecer o ciclo de relacionamento entre a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) e a sua criação humana. O Reino de Deus é uma ordem relacional perfeita na qual os filhos de Deus o amam e o adoram, e juntos compartilham toda a bondade e a glória deste vasto domínio.

Era isto que Deus queria estabelecer com Adão e Eva. O mundo no qual Ele colocou o primeiro casal seria o reino que eles receberiam por herança. Este reino perfeito na terra seria continuamente enriquecido pelo relacionamento entre Deus e os seres humanos, um relacionamento que ninguém poderia obstruir. Deus, que é a fonte de toda a vida, de todo o amor, e de toda a bondade, faria do reino deste mundo o seu reino, um reino que jamais teria fim.

Porém o pecado destruiu o relacionamento entre Deus e os seres humanos. Antes que o reino deste mundo pudesse se tornar o reino eterno de Deus, Satanás conseguiu assumir o controle. O discípulo João disse que, “Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno” (1 Jo 5.19). De fato, Satanás tomou dos filhos de Deus o reino deste mundo. Agora existem dois reinos — o reino deste mundo, que tem Satanás como senhor, e o reino do céu, que tem o próprio Deus como seu Rei. Isto significa que estamos justamente no meio de

um conflito poderoso entre dois reinos que guerreiam entre si.

Então, não se trata, realmente, de um conflito de natureza política, como Pilatos pensava. A batalha não é sequer cultural. O principal inimigo não é um povo ímpio, nem nos regimes malignos deste mundo. A guerra que está sendo travada é entre Deus e os seus caminhos, e Satanás e os seus caminhos. Como seguidores de Cristo, devemos estar lutando nesta guerra ao lado de Cristo. “Porque não temos que lutar contra carne e sangue”, o apóstolo Paulo nos diz, “mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12). Sendo assim, quando assumimos a visão do Reino de Cristo para este mundo, estamos nos engajando em um poderoso conflito espiritual que tem como objetivo remover o reino de Satanás, que é o reino deste mundo, e estabelecer o reino de Cristo em seu devido lugar.

O que Deus fez, ao entrar na história humana 2.000 anos atrás, foi notificar Satanás que o reino deste mundo seria resgatado e subjugado pelo reino do céu. Jesus considera esse mundo como um reino que foi roubado, e que está temporariamente sob o domínio do inimigo; e este domínio do inimigo, um dia, chegará ao fim. C. S. Lewis definiu a situação da seguinte forma: Os cristãos, na terra, vivem em um “território que está ocupado pelo inimigo”.[2] Mas a lealdade dos cristãos ainda é dedicada ao seu Comandante, Jesus, que é o líder de um movimento espiritual de resistência, que tem como objetivo libertá-los do governo do usurpador.

Visões Divergentes de Mundo

Chegará um dia em que Jesus, como o Rei Vencedor, voltará à terra para estabelecer o seu reino (ou herança), como um reino eterno, que abrangerá tanto o céu como a terra. Mas até que este dia chegue, nós continuaremos a lutar firmados no poder do Espírito Santo. Esta é uma guerra espiritual entre dois conceitos de governo, ou duas visões de mundo. Jesus ainda continua sendo Rei; Ele só não é um rei terreno no campo político. Ele é o Rei de um reino que possui um conjunto totalmente diferente de premissas básicas — este reino se baseia na verdade, o que por si só já estabelece um conjunto totalmente diferente

de prioridades, valores, e padrões comportamentais. O Senhor Jesus deixou claro a Pilatos, pouco antes da sua crucificação, que Ele de fato tem um reino a governar. “Eu para isso nasci”, disse Jesus, “e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (Jo 18.37). E esta verdade está em um nítido contraste com as premissas básicas do mundo presente. No primeiro dia do ministério público do Senhor Jesus, Ele começou a pregar e a dizer: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”, e, a partir daquele ponto, “percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mt 4. 17, 23).

A verdade do reino que Jesus proclamava não se referia a poder ou política, a autoridade terrena e tronos, nem a territórios que pertenciam a alguém por direito, e nem mesmo a territórios ocupados. Sua mensagem de verdade tinha como tema o coração e a natureza pecaminosa, ações e atitudes, amor e relacionamentos. A sua mensagem requer uma completa transformação na vida da pessoa. E esta transformação é radical.

As pessoas daquela época não tinham ouvido nada como esta mensagem gloriosa. A Lei judaica mandava que nenhuma pessoa matasse outra. Porém Jesus disse que odiar alguém é uma atitude tão pecaminosa quanto o assassinato. A Lei judaica dizia que não se deve comer adultério. Porém Jesus disse que se um homem cobiçar uma mulher, em seu coração terá adulterado com ela. A Lei judaica dizia, “ame o seu próximo e odeie o seu inimigo”. Mas Jesus disse: ame o seu inimigo. Jesus disse que você deve morrer para viver, dar para receber, diminuir para crescer, ser o último para poder ser o primeiro. Esses ensinos preciosos não faziam muito sentido para um grande número de pessoas naquela época, e parece que não fazem sentido para muitas pessoas em nossos dias. Esta é a diferença do reino de Jesus: ele consiste em uma maneira completamente nova de enxergar Deus, a nós mesmos, a vida, e os relacionamentos. É uma visão de mundo que é definida por Deus e pela sua Palavra. E ela só faz sentido para aqueles que foram espiritualmente transformados e que estão vivendo uma vida no poder de Deus, e em um relacionamento de amor com Ele.

O apóstolo Paulo disse: “Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus”. E destas coisas “também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. Ora, o homem natural não compreende as

coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2.12-24). A visão de mundo de Jesus é capaz de enxergar com precisão aquilo que o pecado e a separação de Deus tem feito aos seres humanos no mundo natural. O dilema do povo judeu do tempo de Cristo e do povo de nossos dias não é, em princípio, um problema material, político, ou físico que possa ser resolvido através de soluções materiais, políticas, ou físicas. Sim, nós temos hoje em dia problemas reais de ordem física, econômica, social, moral, ética, e ambiental. Porém o Senhor Jesus proclamou que todos os nossos problemas requerem uma solução espiritual. E esta solução espiritual "soa como tolice" para muitas pessoas.

Esta realidade não fazia sentido para os discípulos de Jesus naquele momento, por que as prioridades deles estavam invertidas, sim, elas estavam "de ponta cabeça". Eles ainda não haviam abraçado a visão de mundo que o céu possui. Mas quando o Espírito Santo os encheu, eles passaram a enxergar a vida e a morte através de outras lentes. Eles viram que Jesus tinha, de fato, estabelecido o seu reino — pois o seu reino teve início quando foi, inicialmente, plantado pela primeira vez, nos corações daqueles que confiaram nEle. O reino de Deus já não era mais simplesmente um conceito ou um modo de pensar. Ele se tornou a maneira correta de nos relacionarmos com Deus, e de vivermos dentro do seu mundo. E agora, ao invés de uma única pessoa divulgar o movimento do reino, haveria uma multiplicação; milhares de cristãos — "semelhantes a Cristo" — proclamam a mensagem através de sua maneira de viver. Por causa da morte de Jesus, de sua ressurreição, e da presença do Espírito Santo habitando no interior de cada cristão, o líder do movimento do reino agora está vivendo e pregando através da vida dos seus seguidores.

Esta visão de mundo do reino — o Caminho de Jesus — pode ser espiritual em sua natureza, mas afeta todas as áreas da vida. A visão que Jesus tem do mundo "destranca" um modo de vida muito específico, um modo de conhecer aquilo que é realmente verdadeiro, um quadro que nos retrata da maneira como Deus quer que nós sejamos, e do poder de que precisamos para viver de uma forma coerente com o relacionamento que temos com Deus. Quando enxergamos as coisas através da mesma visão de mundo que Deus tem, e vivemos a vida através dela, esse princípio passa a combater as trevas, a injustiça e o mal que existe neste mundo. E esta situação, por sua vez, traz soluções para os problemas físicos, econômicos, sociais, morais, éticos e ambientais desta vida. De fato, a nova ordem de Deus para este mundo, que o Senhor Jesus compartilha com os seus seguidores hoje, um dia será uma ordem mundial permanente e universal,

estabelecida em novos céus e em uma nova terra onde não existirão mais pecados, dores, tristezas e morte. Mas até que o reino final e permanente do céu envolva o reino da terra, deveremos ser as testemunhas do Senhor, aqueles que combatem contra o espírito das trevas, e os mensageiros da visão que Jesus tem do mundo, que deve ser vivida de uma forma que todos possam vê-la.

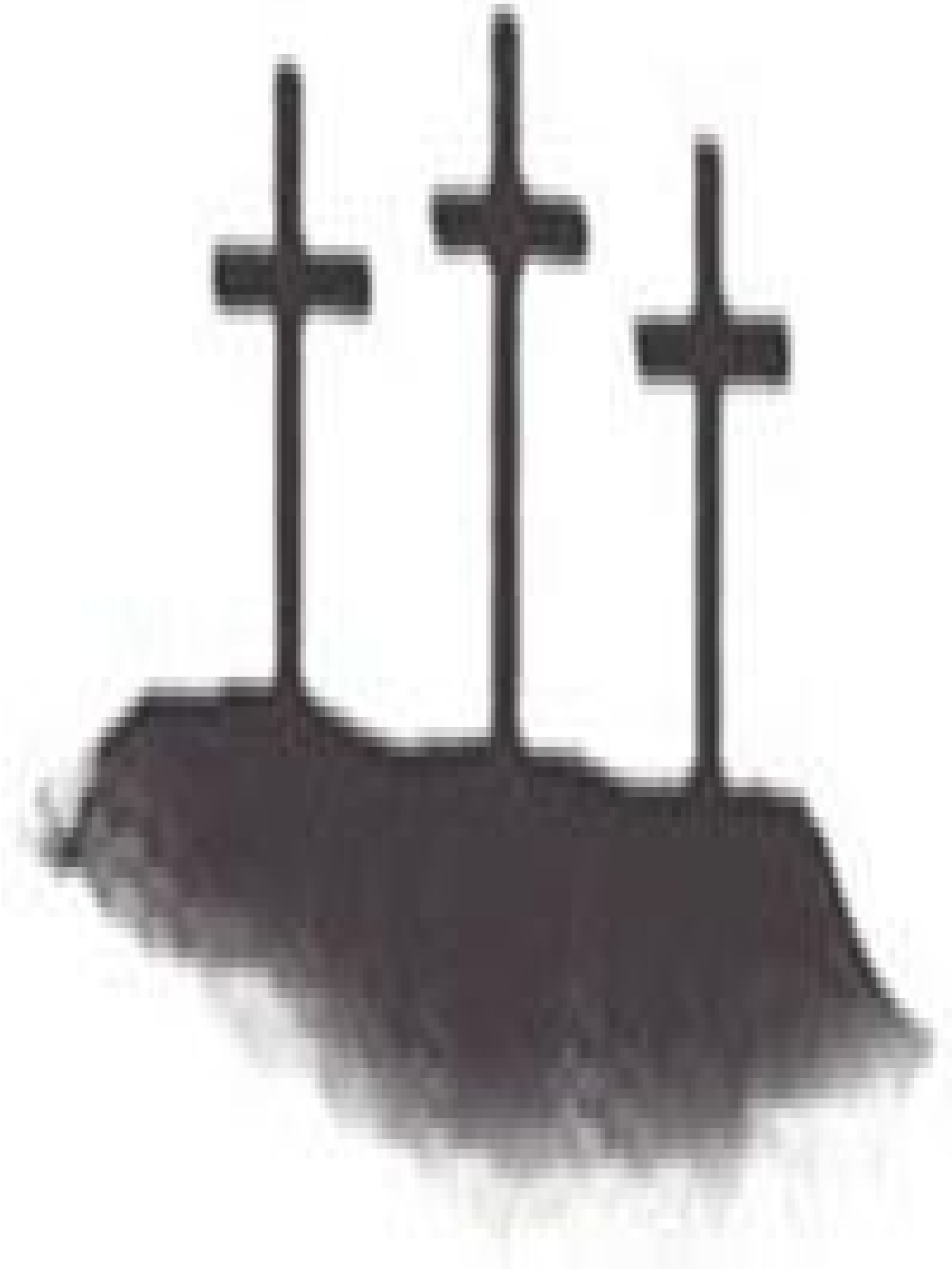
Portanto:

-

Nós acreditamos na verdade de que a vida e a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus formam a nossa visão bíblica de mundo. E é esta visão bíblica de mundo que não apenas nos fornece uma visão precisa de Deus, da história humana, da vida, dos relacionamentos, da morte e do mundo por vir, mas também uma maneira sobrenatural de ser e de viver neste mundo presente.

-

Ao longo dos 39 capítulos que vimos até agora, começamos a “destrancar” as verdades de uma visão bíblica de mundo que devemos viver, e na qual devemos crer. E embora estas verdades sejam basicamente espirituais, em sua natureza, elas têm um peso direto na maneira como vivemos e nos relacionamos tanto social como culturalmente. Portanto, a visão de mundo de Deus deve influenciar de maneira positiva, e de modo visível, o mundo que está à nossa volta. E ela tem feito isso.



Capítulo Quarenta e Um

A EVIDÊNCIA DE QUE O REINO DE DEUS TEM INFLUENCIADO O MUNDO DE UMA MANEIRA POSITIVA

"A religião envenena todas as coisas".[1] Esta foi a declaração de um ateu contemporâneo chamado Christopher Hitchens. Friedrich Nietzsche, um ateu do século XIX, autor do livro O Anticristo, escreveu:

Condeno o cristianismo; trago contra a igreja cristã a mais terrível de todas as acusações que um acusador já teve em sua boca. Ela é, para mim, a maior de todas as corrupções imagináveis; ela parece trabalhar nas maiores de todas as corrupções, e nada deixa de ser tocado por sua depravação; ela transformou todos os valores em coisas desprezíveis, e toda a verdade em mentira, e toda a integridade em vilezas da alma.[2]

Para alguns, o cristianismo é o imperador maligno impondo a sua vontade sobre as massas, e ameaçando suprimir as expressões de liberdade da humanidade. Embora tenha havido e ainda haja aqueles que, tanto no passado quando no presente, sob a bandeira do cristianismo fizeram guerras, escravizaram pessoas, e trouxeram grandes desgraças usando o nome de Cristo, esta não passa de uma parte muito pequena, de algum pequeno canto deste imenso panorama. Pode ser facilmente demonstrado que a visão mundial do reino de Jesus é que promoveu a maior parte do bem neste mundo, e que gerou a maior quantidade de contribuições positivas para a sociedade, do que qualquer outro movimento ou força na história. Se fôssemos destacar apenas algumas das influências positivas da visão bíblica de mundo, elas incluiriam:

• o elevado valor da vida humana

• o cuidado com os doentes, e a criação dos hospitais

• a alfabetização e a educação para as massas

• a abolição da escravatura no mundo ocidental

• a elevação da condição social da mulher

• a implementação de elevados padrões de justiça e liberdade civil

• as obras de bondade e caridade

• o desenvolvimento das artes e da música

• a motivação e a base para a ciência moderna

Os ateus e outros caluniadores do cristianismo omitem a realidade de que as misérias e o sofrimento que foram e são trazidos sobre as massas vêm da propensão que a humanidade tem ao egocentrismo. O cristianismo é, na realidade, o antídoto para essa propensão, pois a mensagem e o poder de Cristo é que tratam o problema do egocentrismo.

O Egocentrismo versus um Coração Compassivo Voltado aos outros

A ganância, a corrupção, o abuso de poder, e a desconsideração básica pelos outros são as consequências do egocentrismo. Se não for contida, a natureza humana sempre se voltará à obtenção daquelas maneiras que levam o indivíduo a servir a si mesmo, e a buscar algum ganho à custa das outras pessoas. Do lado oposto desta equação, a atitude de considerar os interesses das outras pessoas tão importantes quanto os nossos, além do nosso cuidado para com as outras pessoas, cria uma boa vontade e uma harmonia que produzem a satisfação das necessidades humanas. Estas virtudes estão no centro dos ensinos de Jesus —

elas representam o próprio coração de Deus. Jesus disse, “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas” (Mt 7.12).

Procurar atender os interesses das outras pessoas, especialmente daquelas que estejam atravessando momentos de necessidade, constitui o principal valor da visão que Jesus tem deste mundo. A expressão utilizada com maior frequência para descrever o coração amoroso de Jesus, é “moveu-se de íntima compaixão”. Quando Ele viu os dois homens cegos, “moveu-se de íntima compaixão”. Quando Ele viu o leproso, “moveu-se de íntima compaixão”. Quando Ele viu a multidão de famintos e enfermos, “moveu-se de íntima compaixão” (Mt 9.36; 14.14; 15.32; 20.34; Mc 1.41; 6.34; 8.2). Jesus tem um coração amoroso que sempre o move de uma maneira que Ele coloca as outras pessoas em primeiro lugar. É este coração semelhante ao de Cristo que capacitou e tem capacitado os seus seguidores a mudarem o mundo para melhor.

Jesus tem um coração amoroso que sempre o move de uma maneira que Ele coloca as outras pessoas em primeiro lugar. É este coração semelhante ao de Cristo que capacitou e tem capacitado os seus seguidores a mudarem o mundo para melhor.

Esta visão bíblica de mundo tem como ponto principal a característica de enfocar, em primeiro lugar, os interesses das outras pessoas. “Por humildade”, Paulo disse: “cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Fp 2.3,4). Esta compaixão para com as outras pessoas é uma mensagem radical em nossos dias, e certamente também o foi nos dias em que Cristo veio a este mundo. Dentro do império romano, durante o primeiro século de nossa era, escravizar as pessoas era algo considerado comum e normal. O aborto era uma prática desenfreada. Os pais abandonavam, literalmente, todos os bebês que nascessem deformados. As mulheres tinham pouquíssimos direitos e eram consideradas propriedade de seus maridos.

Porém, durante este período, Tiago, um dos discípulos do Senhor Jesus, fez uma declaração radical: “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo” (Tg 1.27). Estes primeiros cristãos rejeitaram a prática daquela cultura de abandonar bebês e órfãos para que morressem pelas ruas das cidades. Antes, eles literalmente os tomariam e os adotariam, levando-os para dentro de suas próprias casas. O que os levava a fazer isto? Era aquele sentimento do Senhor Jesus: “Moveu-se de íntima compaixão”. Aquele coração bondoso do Senhor batia no peito de cada um dos seus discípulos. Os primeiros cristãos acreditavam que cada pessoa — incluindo os pobres, os desabrigados, os aleijados e os enfermos — foi criada à imagem de Deus e possuía um valor infinito, uma dignidade de valor infinito, e que eram merecedoras de toda a compaixão. No terceiro e no quarto século de nossa era, a influência desta visão que Jesus tem de mundo já estava amplamente divulgada, e influenciava fortemente o mundo da época. Sherwood Wirt, autor da obra The Social Conscience of the Evangelical documentou o que aconteceu por volta do ano 500 de nossa era, sob a influência do Cristianismo:

Muitas reformas legais permanentes foram colocadas em prática pelos imperadores Constantino (280-337), e Justiniano (483-565), que podem ser atribuídas à influência do Cristianismo. Os jogos licenciosos e cruéis foram proibidos; Entrou em vigor uma nova legislação que protegia os escravos, os prisioneiros, os mutilados e as mulheres abandonadas. Foram garantidos às crianças importantes direitos legais. A exposição das crianças foi abolida. As mulheres passaram de um estado de degradação a um estado de proteção legal. Hospitais e orfanatos foram criados para que as crianças desamparadas recebessem os cuidados necessários. Os Feudos pessoais e a guerras particulares foram restringidas... A rotulação dos escravos foi contida. As lutas (mortais) entre escravos para o divertimento de seus senhores também foi proibida.[3]

Foram os cristãos que, tendo o coração compassivo de Jesus, cuidaram das pessoas das quais a sociedade, como um todo, se esqueceu. Foram os cristãos que procuraram cuidar dos cegos, dos paralíticos, dos idosos, dos deficientes mentais e dos menos afortunados em geral, quando ninguém mais estava se importando com eles. E estes esforços continuam até os nossos dias.

Frequentemente vemos grandes obras sociais, que têm a sua origem no coração, no esforço e na dedicação de um único seguidor de Jesus.

Basílio de Cesareia foi um bispo na Ásia Menor, no quarto século de nossa era. Ele escreveu as seguintes palavras: "Desperdicei muito tempo em tolices e passei praticamente toda a minha juventude fazendo coisas vãs... Porém, de repente, acordei como de um profundo sono. Enxerguei a maravilhosa luz da verdade do Evangelho, e reconheci que a sabedoria dos príncipes deste mundo não tem nenhum valor".[4]

Tendo esta visão do reino, Basílio abraçou a causa dos proscritos da sociedade, trabalhando com os pobres, com os enfermos e com as prostitutas. Ele conseguiu construir uma ampla instituição nos arredores de Cesareia, chamada "Basilíada", que incluía um abrigo para pessoas carentes, um lar para idosos, um sanatório e um hospital, além de uma hospedaria para viajantes. O coração compassivo de Cristo que batia no peito de Basílio, e o seu trabalho voltado às pessoas necessitadas foi considerado, na época, uma das grandes maravilhas da humanidade.

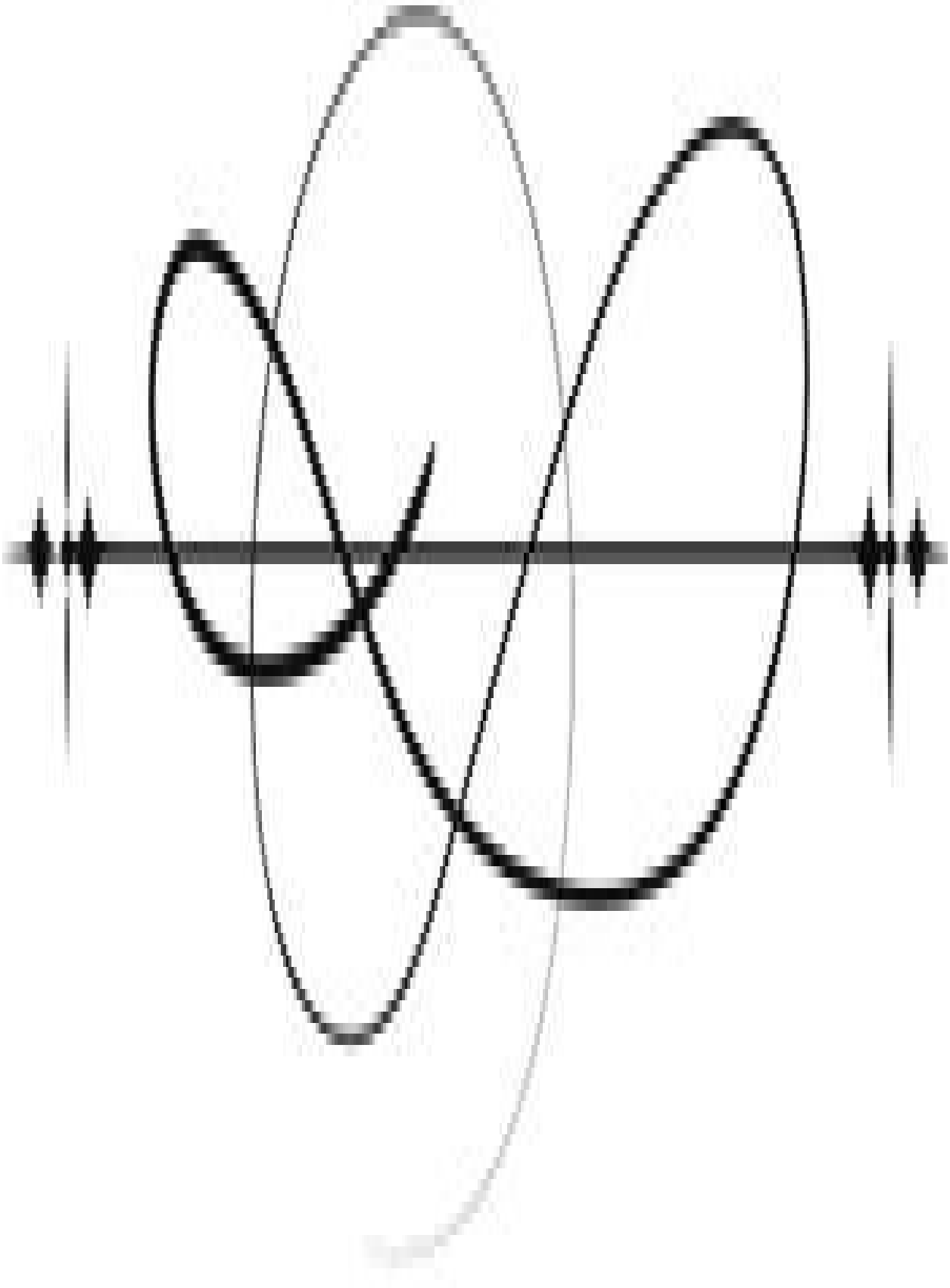
William Booth se dirigiu aos cortiços da região leste de Londres em 1865 como um evangelista itinerante. Naquela época, havia dezenas de milhares de pessoas vivendo nas ruas, dormindo onde pudessem encontrar abrigo. Os alimentos eram escassos, e havia cerca de 80.000 mulheres jovens se prostituindo para sobreviver.[5] William e Catherine Booth mobilizaram um exército (O Exército da Salvação) "para transformar o inferno vivo das pessoas desamparadas que não tinham uma moradia, em comunidades que se ajudassem mutuamente, em famílias autossustentáveis".[6]

Hoje, o Exército da Salvação atua em 118 países e oferece serviços em 175 idiomas diferentes. Esta instituição é a maior provedora não governamental de serviços sociais no Reino Unido, e uma das maiores provedoras de auxílio social no mundo, ajudando mais de 32 milhões de pessoas, somente nos Estados Unidos. A compaixão daquele casal, que vinha de seus corações que eram semelhantes ao coração de Cristo, há mais de 140 anos atrás, tem se traduzido em uma força de trabalho de 4,5 milhões de voluntários dedicados a ajudar os

necessitados.[7]

Jean-Henry Dunant nasceu em Genebra, na Suíça, em 1828, e foi criado por pais cristãos devotos. Quando criança, ele acompanhava a sua mãe nas visitas que fazia aos pobres e aos enfermos nos subúrbios de Genebra. Foi ali que ele conheceu a miséria daqueles que vivam em profunda pobreza. Aquele quadro deixou, naquele jovem cristão, uma impressão permanente. Em 1859 ele viajou para a Itália, e testemunhou a Batalha de Solferino. Ele pode ver aproximadamente 40.000 homens feridos que pediam socorro no campo de batalha. Movido por uma paixão semelhante à de Cristo, ele convenceu os líderes militares a libertarem todos os prisioneiros que trabalhassem na área médica, para que pudessem atender os feridos, quer fossem aliados ou adversários na batalha. Igrejas e lares foram parcialmente transformados em hospitais. Dunant conseguiu negociar com os militares o estabelecimento de procedimentos formais para um auxílio médico neutro durante o conflito, com a finalidade de aliviar o sofrimento dos feridos. Os seus esforços resultaram na criação da organização nacional "Cruz Vermelha", e no estabelecimento da Convenção de Genebra, que regulamenta a maneira como os exércitos em guerra devem tratar os soldados feridos. Hoje em dia, a Federação Internacional da Cruz Vermelha é a maior organização humanitária do mundo, tendo, como membros, 186 sociedades nacionais.[8]

Jesus é sempre "movido de íntima compaixão", e durante muitos séculos Ele tem movido os seus seguidores com a mesma compaixão, com a finalidade de aliviar o sofrimento dos feridos e dos moribundos.

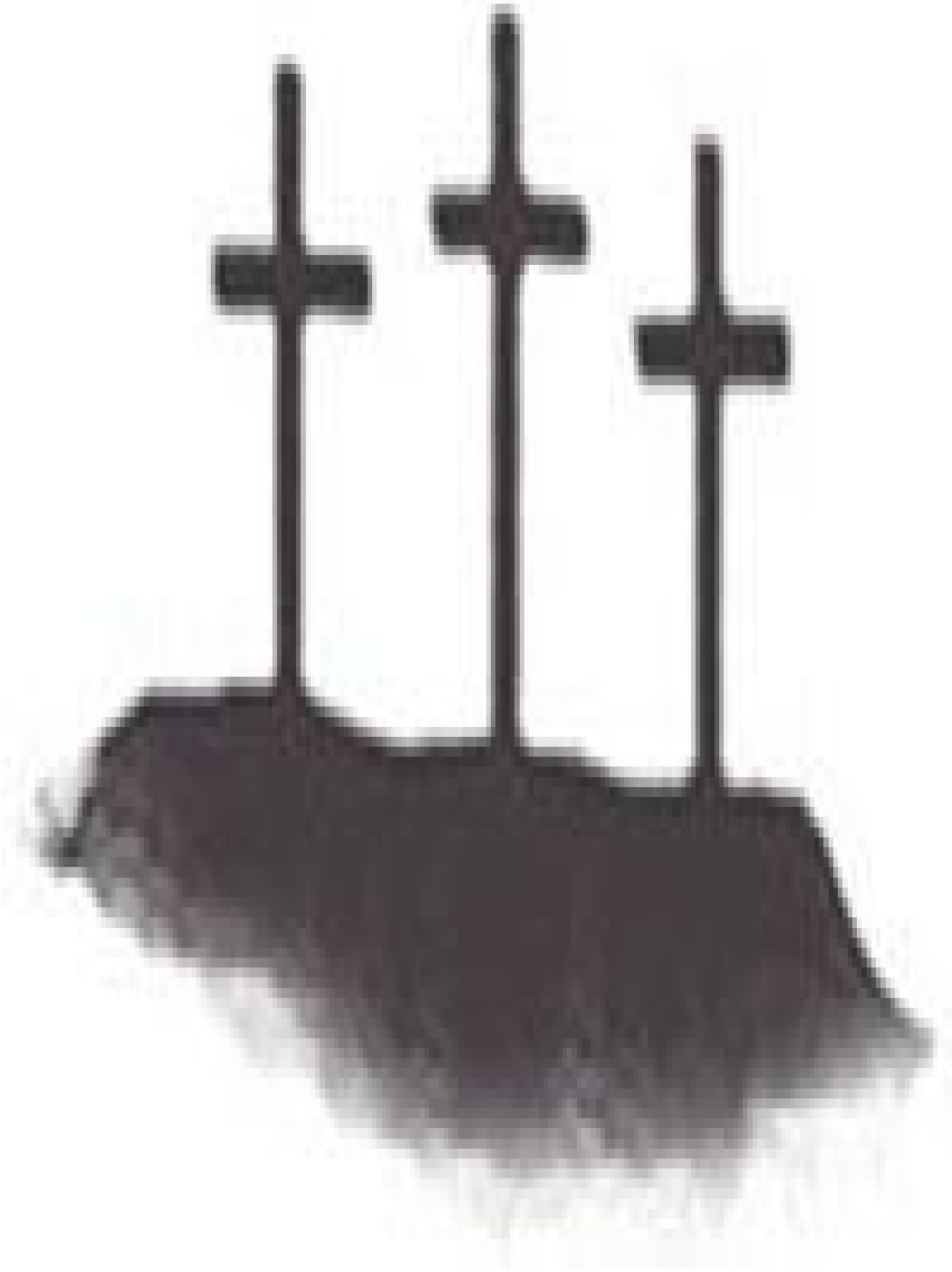


Sem qualquer sombra de dúvida, o cristianismo tem sido uma força redentora poderosa, voltada ao bem, no nosso mundo. A visão de mundo do reino de Jesus é que levou os seus seguidores a estabelecer mecanismos de proteção para as crianças e para os bebês que estão por nascer; também leis que protejam as crianças da prática da exploração infantil no trabalho; a separação entre a Igreja e o Estado; a liberdade e a justiça; o cuidado a favor daqueles que estejam passando necessidades; a abolição da escravatura no mundo ocidental; e a ciência moderna. Estes cristãos construíram universidades e hospitais, e também trouxeram inovações musicais, além do avanço da palavra escrita.[9]

Enquanto os avanços promovidos pelos "Basílios", pelos "William Booths", pelos "Jean-Henri Dunants", mundo afora têm sido heróicos e espetaculares, esta "Galeria da Fama" da visão Bíblica de mundo representa apenas uma pequena parte dos agentes de mudança do mundo que já desempenharam um papel extremamente positivo nele. Atualmente, ministérios cristãos como a organização Samaritan'sPurse (de Billy Graham), World Vision International, e Compassion International estão trabalhando para levar esperança e cura a muitas pessoas. Eu (Sean) conheci, em primeira mão, e pessoalmente, os corações compassivos de milhares de pessoas que estão atendendo os habitantes da antiga União Soviética através da Operation Carelift. Este foi um esforço fundado pelo meu pai (Josh), para oferecer assistência médica e roupas aos necessitados. Participei destas viagens de missões, e pude ver o impacto positivo que ocorre na vida das pessoas quando o amor de Cristo é colocado em prática. Hoje em dia, este simples esforço de alcançar as pessoas feridas e sofredoras na antiga União Soviética tem se tornado uma agência internacional de alívio chamada GAIN (Global Aid International). Em 2010, ela foi uma das primeiras agências a ir de encontro às necessidades desesperadoras das vítimas do terremoto devastador que ocorreu no Haiti.

São estes seguidores de Jesus, e muitos mais, que não foram publicados e muito menos noticiados pelo mundo, que tiveram e que têm tido uma influência positiva na sociedade. É a visão de mundo do reino de Cristo, vivida na sua e na nossa vida cotidiana, que está fazendo a diferença. À medida que cada um de nós abraça a Cristo, e passa a viver conforme a sua vontade e no caminho que Ele nos propõe, Ele pode ministrar através de nós de uma maneira poderosa, fazendo com que esta oração se torne uma realidade:

“Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu” (Mt 6.9,10).



Capítulo Quarenta e Dois

DETERMINANDO A SUA VISÃO DE MUNDO RELACIONADA AO REINO DE DEUS

–N ão posso acreditar que aquele cara tenha uma “cara-de-pau” tão grande! — Mark disse em voz baixa, à medida que tomava a sua xícara de café em um intervalo durante o trabalho.

— Que cara? — Chris perguntou, inclinando-se para o lado de Mark, para ouvir mais.

— Oh, Eric, o brilhante novo Vice-Presidente de Marketing. — As palavras de Mark gotejavam sarcasmo.

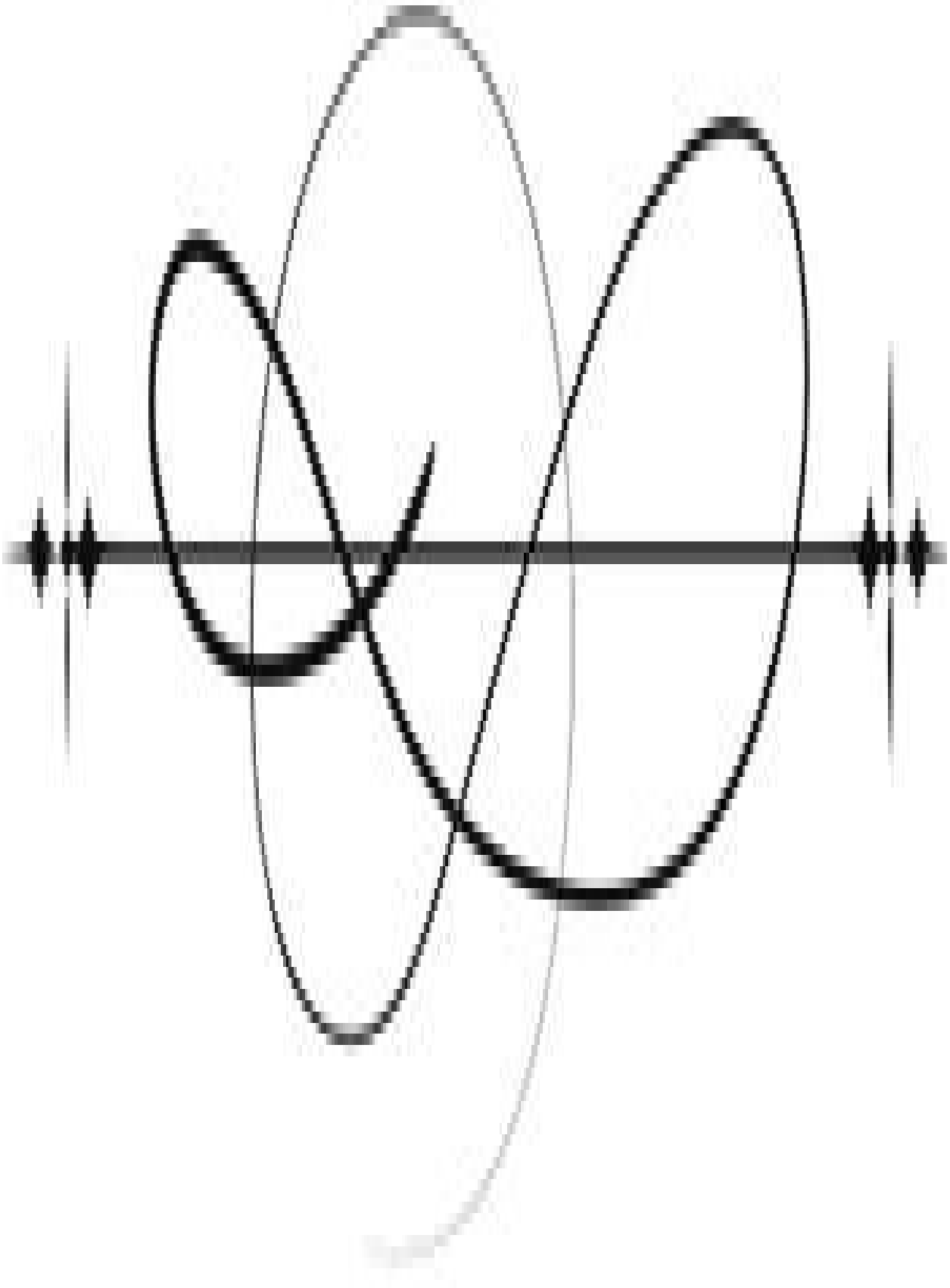
— Ele está fora de seu perfeito juízo, se acha que vai conseguir fazer isto.

— Mas, conseguir o quê? — Chris perguntou. — O que está acontecendo?

— Bem, ele me pediu, na semana passada, que lhe fornecesse todas as minhas ideias para a próxima linha de produtos — Mark começou a explicar. — Ele soube que gastei uma tonelada de meu tempo e energia criativa preparando algumas ideias realmente fantásticas. E acabei de descobrir nesta semana que ele apresentou as minhas ideias à alta administração da empresa, e tomou todo o crédito para si.

— Isso é algo muito errado! — Chris respondeu.

— Não pense que ele conseguirá fazer isso — respondeu Mark. — Estou assumindo como minha missão pessoal fazer com que ele fracasse, e se afunde em chamas!



Todos nós já fomos tratados de uma forma injusta, em algum momento de nossa vida. Todos os dias há pessoas que levam alguma vantagem sobre as outras. Você provavelmente já ouviu alguém dizer que vivemos em um mundo em que "cachorro come cachorro". Então é natural desejar ver a justiça ser feita. Mas o reino deste mundo tem os seus meios de obter a justiça, que são muito diferentes dos que são empregados no reino do céu. De fato, o reino deste mundo enxerga e age de uma forma diferente do reino de Cristo, em todos os seus níveis. O Senhor Jesus orou a Deus Pai, a favor dos seus seguidores, dizendo:

"Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.14-17).

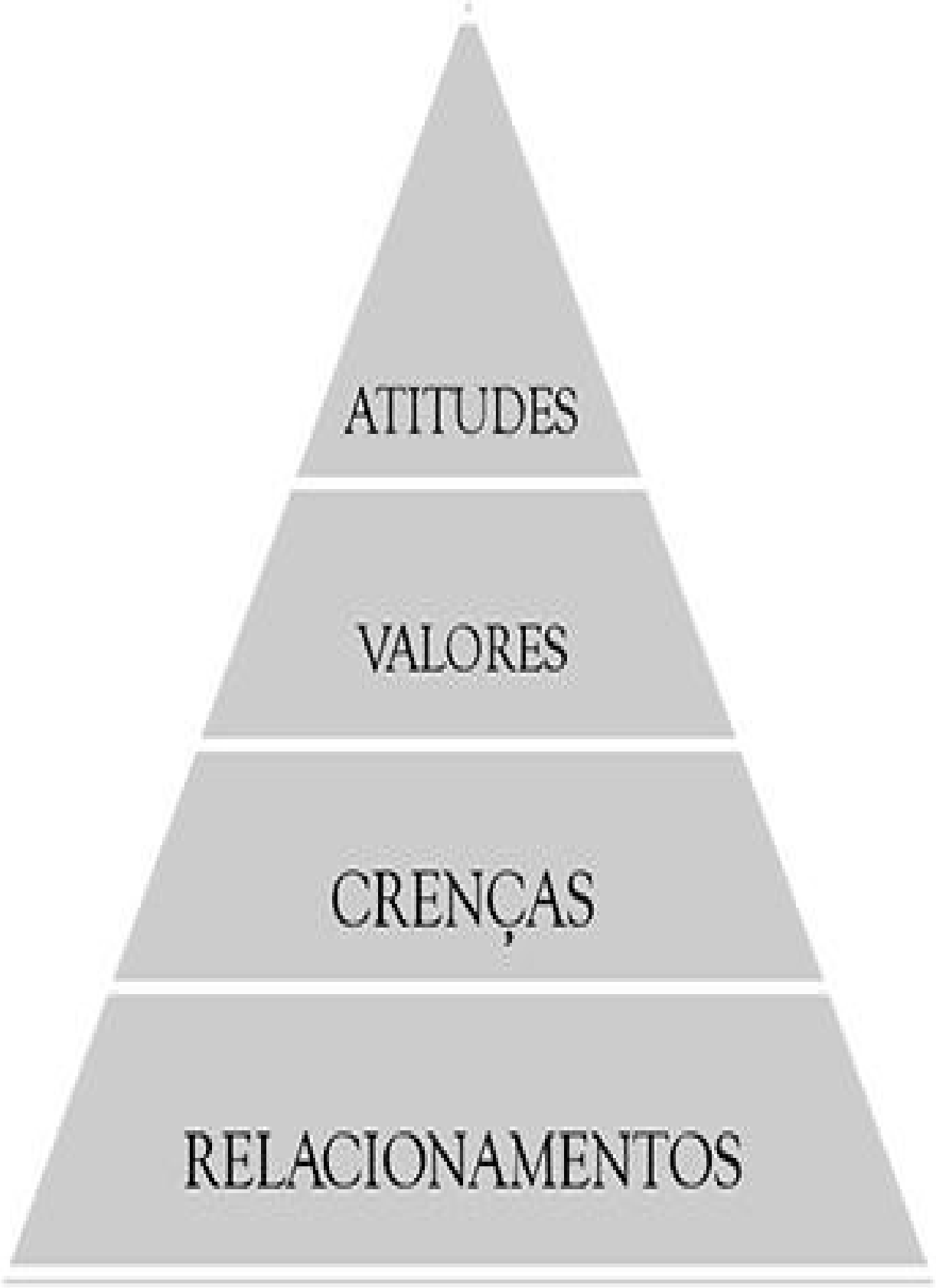
Jesus orou a Deus Pai pedindo que nós vivêssemos neste mundo, mas que não participássemos da maneira que o mundo pensa e vive. Para que isso aconteça, é necessário, em primeiro lugar, que tenhamos uma transformação relacional. Não deveremos mais nos relacionar com as crenças e valores deste mundo, mas com o próprio Cristo. E neste relacionamento redimido, nós acreditamos em tudo aquilo que Cristo diz, e abraçamos os seus valores. Então, a partir deste novo conjunto de valores de Cristo, passamos a agir conforme um novo conjunto de maneiras. Ao invés de, por exemplo, buscarmos a revanche ou a vingança, como Mark planeja fazer, na nossa história, devemos agir como Cristo agiu quando foi à cruz: "Quando o injuriavam, não injuriava e, quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente" (1 Pe 2.23).

A maneira como Mark e cada um de nós age em qualquer situação da vida, está baseada em um conjunto de premissas básicas sobre como a vida funciona. A atitude de Mark, que o levou a querer se vingar daquele chefe veio de algum lugar. É natural que Mark tenha se sentido usado e desrespeitado pelo seu superior, que tomou para si mesmo o crédito por um trabalho que pertencia ao Mark. No entanto por que ele decidiu "se vingar"? Alguma coisa o levou a fazer esta escolha. As escolhas que fazemos, a maneira como vemos a nossa própria

vida, e a maneira como reagimos a cada situação se baseiam em um conjunto de premissas básicas sobre como a vida funciona. E estas premissas definem a nossa visão de mundo.

Por que a Visão que Você Tem do Mundo Importa

Cada um de nós tem determinadas crenças a respeito do Senhor Deus, a respeito de nós mesmos, e a respeito de todas as coisas desta vida, e interpretamos todas elas com base em nossas experiências e relacionamentos do passado. Todos nós temos uma visão de mundo, quer estejamos cientes disto, ou não — porque todas as coisas que pensamos e fazemos são filtradas através das nossas premissas a respeito de como o mundo funciona.


ATITUDES
VALORES
CRENÇAS
RELACIONAMENTOS

Construímos estas premissas através de uma série de estágios, e elas finalmente emergem como ações. Em primeiro lugar, tudo o que você tem aprendido, e tudo o que você sabe, e até mesmo a maneira como você aprendeu as coisas vem de um relacionamento com alguém ou com alguma coisa. Você é um ser relacional; assim, a maior parte daquilo que você é hoje é o resultado direto de com quem você se relacionou, e como se relacionou. Então, a partir destes relacionamentos, você estabelece aquilo em que crê. Os relacionamentos são o solo fértil sobre o qual as nossas crenças crescem. Deste modo, as suas crenças dão forma àquilo que você valoriza, e os seus valores é que dirigem as suas ações (veja o diagrama).

Vamos considerar o caso de Mark, novamente. Ele cresceu em um lar onde havia abusos. O seu pai não estava constantemente presente, e, quando estava, fazia mal a Mark. Aos 16 anos de idade, o menino decidiu revidar. Mark decidiu não suportar mais aquela situação. Ele se mudou para a casa dos seus avós e concluiu o ensino médio. Agora casado, e bem empregado, ele visita os seus pais de vez em quando, porém não tem um relacionamento próximo com eles.

Devido a um relacionamento não saudável com o pai, Mark formou algumas crenças a respeito de como o mundo funciona. Assim, ele desenvolveu uma crença que diz que as pessoas só se importam consigo mesmas, e que elas lhe ferirão, se você entrar no caminho delas. A partir desta crença vieram os valores de Mark, que dizem que você deve atribuir uma grande importância à sua própria jornada e à sua própria vida, às suas próprias realizações, e utilizar tudo isto para o seu próprio benefício. Foi deste juízo de valor que veio a sua maneira de agir, que consistia, essencialmente, em uma autoproteção: “é matar ou morrer”. Então Mark lidava com aqueles que o ameaçavam, com aqueles que brigavam com ele, ou com aqueles que tentavam cometer ou cometiam algum abuso contra ele da seguinte maneira: “fique atento, revide, vingue-se”. Este era o seu curso de ação.

Cada atitude que temos, e cada comportamento que exibimos vem deste processo de desenvolvimento de relacionamentos, crenças e

valores.

Cada atitude que temos, e cada comportamento que exibimos vem deste processo de desenvolvimento de relacionamentos, crenças, e valores. Se você teve relacionamentos positivos e piedosos nos anos de formação de sua vida, é mais provável que você tenha desenvolvido valores bíblicos.

A sua visão sobre como o mundo foi formada por estes relacionamentos, e é mais provável que tenham continuado a crescer nesta mesma direção. A sua visão de mundo deve, na verdade, estar em um constante estado de desenvolvimento à medida que você se aprofunda no conhecimento de Deus, e no seu relacionamento com Ele. À medida que as suas crenças e valores entram em conformidade com Deus e com a sua Palavra, eles são refletidos em suas ações e atitudes.

A maioria dos teólogos e apologistas concordariam com a afirmação de que a nossa visão de mundo vem dos nossos relacionamentos, crenças e valores. Porém isto não define qual é a nossa visão de mundo. O filósofo e teólogo Dr. James Sire nos apresenta uma clara definição em seu livro The Universe Next Door. Ele defende que uma visão de mundo é:

Um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou como um conjunto de pressuposições (premissas que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras, ou completamente falsas), que temos (de forma consciente ou subconsciente, de forma consistente ou inconsistente), sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento sobre o qual vivemos e nos movemos e temos o nosso próprio ser.[1]

A maioria de nós forma a sua própria visão de mundo sem ter consciência de que já a formou. Contudo, o Dr. Sire destaca que existem aproximadamente oito pontos ou questões básicas que determinam as premissas que temos sobre “o fundamento sobre o qual vivemos e nos movemos e temos o nosso próprio ser”.

Você e eu provavelmente já respondemos estas questões, consciente ou subconscientemente. Elas estão se revolvendo em torno do entendimento que temos da realidade: a natureza do universo, a natureza da humanidade, a questão do conhecimento humano, moral e ética, o que acontece com uma pessoa quando morre, o significado da história e os nossos principais compromissos. Se você abraçou as nove verdades que cobrimos até este ponto, neste livro, aqui está como você responderia as oito questões que definem a sua visão de mundo. Estas respostas estão declaradas na primeira pessoa do singular, como se você estivesse respondendo:

1. O que é a realidade? Em outras palavras, o que considero absolutamente real?

Quando paro para considerar o que torna qualquer coisa real na vida, concluo que a resposta é Deus. A realidade reflete a natureza e o caráter de um Deus relacional, que me criou como um ser relacional, e é Ele que define a minha realidade.

2. Como é que o mundo existe? Creio que o Deus Todo-Poderoso, que é um Deus Pessoal, chamou à existência tudo aquilo que existe. Ele é o Deus Criador que formou o mundo que está à minha volta, e a realidade na qual eu existo.

3. O que é um ser humano? Os seres humanos são a criação pessoal do Deus relacional, criados à sua imagem e semelhança, trazendo em si mesmos a sua dignidade e valor. Pelo fato de Deus ser formado por três pessoas com infinito amor e em um perfeito relacionamento, fui criado para viver em um relacionamento amoroso com Deus, comigo mesmo, com os outros seres humanos e com o mundo físico no qual habito.

4. Como é possível saber qualquer coisa? O Deus onisciente deu a mim, que sou sua obra, sua criatura, a capacidade de conhecer e ser conhecido. Ele é a fonte de todo conhecimento. Toda a eternidade não será suficiente para que eu descubra o conhecimento infinito de Deus e da sua criação. Penso que não chegarei sequer a "cavar", mas apenas "arranharei" a superfície de todo este conhecimento.

5. Como é que sou capaz de discernir o certo do errado? O caráter e a natureza de Deus são absolutamente bons, corretos e santos. Tudo aquilo que é bom,

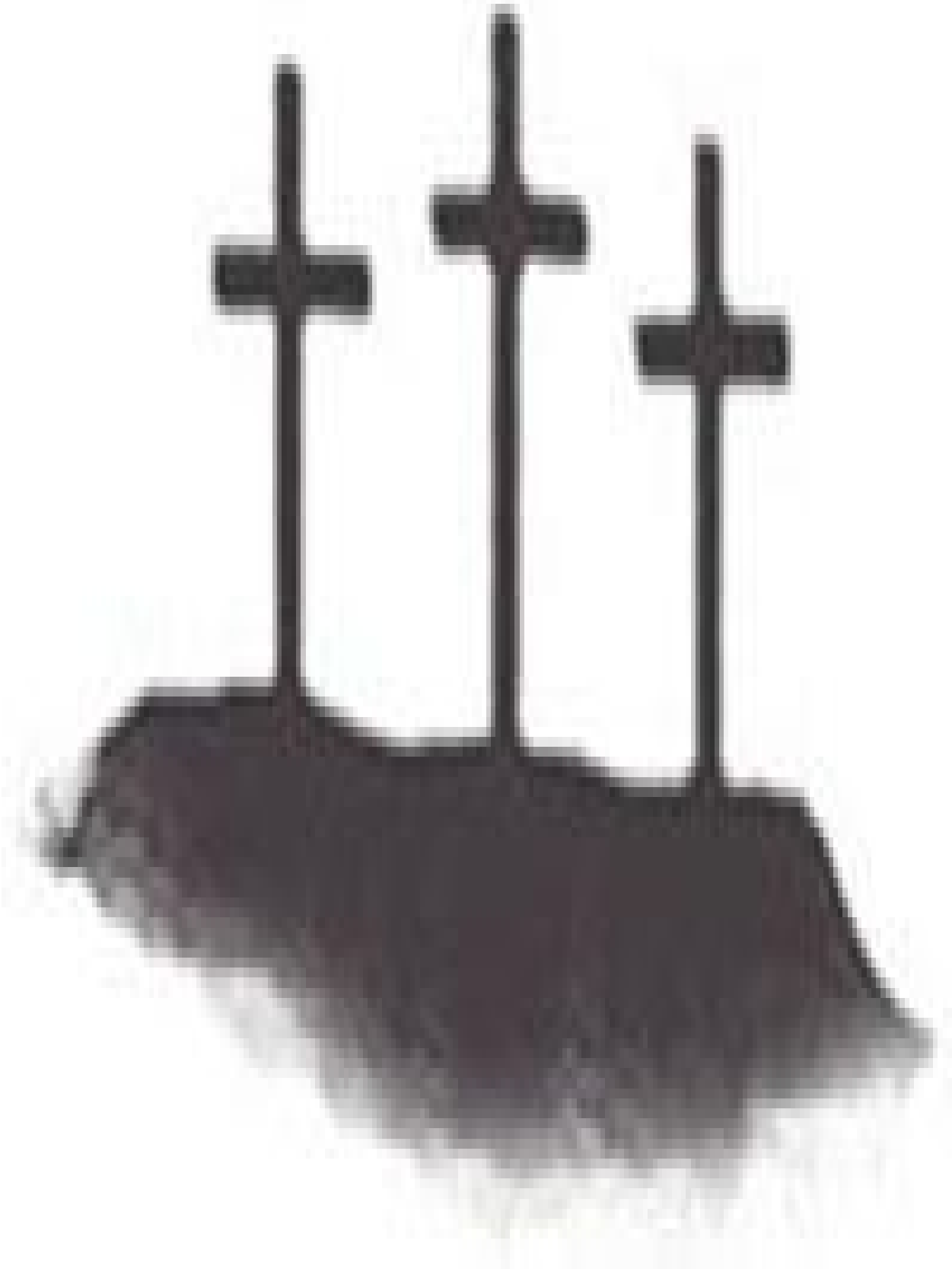
correto e santo flui do seu caráter e da sua natureza e somente deles. Para determinar se uma coisa é moral e ética precisarei medi-la tendo Deus e a sua Palavra como o meu padrão universal de certo e errado.

6. O que acontecerá comigo por ocasião da minha morte? Em primeiro lugar, deverei morrer porque o pecado entrou na raça humana e me separou de Deus, que é aquEle que dá a vida a tudo e a todos. Mas pelo fato de Deus ser amor, e por ser misericordioso, Ele mesmo preparou uma maneira pela qual posso voltar a ter um relacionamento com Ele. Portanto, pelo fato de eu ter aceitado a sua provisão (a morte de Jesus Cristo na cruz), quando eu morrer fisicamente viverei eternamente com Ele, em um novo céu e em uma nova terra. De outro modo, eu seria separado dEle e estaria em uma solidão eterna — que é o inferno.

7. Qual é o significado da história humana? A história é linear, e por esta razão ela possui uma sequência significativa de eventos que Deus entrelaça, e com os quais Ele interage para mover a saga humana de modo que nela haja princípio, meio e fim. Deus criou o tempo, através do qual a história humana pode ser organizada em uma crônica, e no início deste tempo Ele criou o mundo e tudo o que nele há. O pecado entrou no mundo, e assim os seres humanos morreram — assim o pecado os separou de Deus. Então Deus entrou no mundo em forma humana para oferecer a redenção. Durante a sequência da história, a partir da queda do homem, Deus está no processo de restauração de todas as coisas ao seu plano original. O pecado e a morte serão tirados, e os seres humanos redimidos viverão eternamente para glorificar a Deus em um perfeito relacionamento com Ele. O sentido da história humana é, em última análise, a efetivação do propósito de Deus na terra, que inclui um propósito para a minha vida, que culminará na eternidade com Ele.

8. Quais são os principais compromissos que são consistentes com a visão que tenho de mundo? Estou comprometido, de todo o meu coração, de toda a minha alma, e de todo o meu entendimento, com o amor a Deus, e com a adoração a Deus? Também estou amando ao meu próximo como a mim mesmo? Isto significa que eu estou comprometido com a tarefa de conhecer a Deus intimamente; de amar em primeiro lugar as pessoas que estão mais próximas a mim (a minha família), aqueles que fazem parte do corpo de Cristo e aqueles que estão à minha volta neste mundo. Também significa que estou disposto a me engajar na missão que nos foi dada por Cristo, e que consiste em redimir os perdidos, até que o seu reino venha. As respostas para as oito perguntas acima

formam uma visão Bíblica de mundo que está baseada nas verdades que cobrimos até este ponto, neste manual. Entendemos que esta visão da vida faz muito sentido diante de toda a confusão, caos e tragédias deste mundo. Ao adotar e afirmar estas verdades, você definiu a sua própria visão de mundo. No próximo capítulo descobriremos como esta visão bíblica de mundo define quem você é, porque está aqui, e para onde está indo.



Capítulo Quarenta e Três

DE QUE MODO A SUA VISÃO DE MUNDO DEFINE QUEM VOCÊ É, POR QUE ESTÁ AQUI E PARA ONDE ESTÁ INDO

Será que alguém pode viver em Roma e não se comportar como os romanos se comportam? Será que alguém pode conviver com os pecadores e não se comportar como os pecadores se comportam? Será que alguém pode viver neste mundo e não se comportar como os demais se comportam?

Você e eu podemos — assim como os fiéis seguidores de Cristo têm feito durante séculos, antes mesmo que nós nascêssemos — desde que o seu pensamento e o seu comportamento se originem de um relacionamento íntimo com Deus.

Este relacionamento lhe dá, como um filho de Deus, uma sólida crença a respeito dEle, a respeito de si mesmo como pessoa, e a respeito do mundo que está à nossa volta. Estas crenças criam certos valores que você, então, abraça. Estes valores são refletidos em todas as suas atitudes e ações. É neste processo que consiste a formação e a atitude de viver uma visão bíblica de mundo que lhe traz, na vida, e de forma permanente, uma profunda paz, e uma profunda alegria.

Dito isso, vamos observar como é que este processo se desenvolve e acontece em relação às nove verdades que cobrimos neste livro até este momento. O que veremos a seguir não é nada mais que uma amostra das muitas maneiras pelas quais a nossa visão bíblica do mundo é refletida em nossa vida. Vamos tratar de cada verdade que apresentamos até o momento, posicionando cada uma delas no processo que destacamos acima. Este exercício demonstrará como as verdades fundamentais do cristianismo dão sentido aos nossos relacionamentos, às nossas crenças, aos nossos valores e às nossas ações.

O sentido através das verdades do cristianismo

1. O Deus Criador Existe

A Verdade: O Deus relacional existe e criou os seres humanos à sua imagem, conforme a sua semelhança.

O nosso relacionamento: Deus é o Deus relacional que nos honra a ponto de nos dar o direito de escolhermos seguir a Ele, e o seu caminho. Ele é o Deus que valoriza a nossa criatividade e o nosso senso de responsabilidade. Ele tem permitido que nos relacionemos com as outras pessoas, e tem nos dado um mundo pelo qual somos responsáveis; temos a tarefa de alimentar e cuidar deste mundo. Ele é o Deus que nos ama pelo que somos e que nos dá a capacidade de amar tanto a Ele mesmo como aos nossos semelhantes.

A nossa crença: Nós cremos na verdade de que o nosso Deus Criador é digno da nossa mais devota adoração, e, como uma honra a Ele, devemos amá-lo de todo o nosso coração, de todo o nosso pensamento, de toda a nossa alma e de todas as nossas forças. Pelo fato de o amarmos, decorre que devemos amar a nós mesmos, devemos nos amar uns aos outros e também devemos amar o mundo que Ele nos deu.

Os nossos valores: Nós valorizamos a Deus como aquEle que dá a vida e os relacionamentos com as pessoas que amamos. Valorizamos a nós mesmos como o seu Templo, e assim nos mantemos fisicamente, espiritualmente e mantemos também os nossos relacionamentos. Valorizamos cada pessoa e cada relacionamento que Deus nos deu, e valorizamos o direito que Ele deu a cada pessoa de viver e ter relacionamentos com as suas pessoas amadas. Valorizamos o planeta que Deus nos deu e nos esforçamos para alimentá-lo

e protegê-lo.

As nossas ações: Nós nos esforçamos para adorar a Deus e colocá-lo em primeiro lugar em nossa vida continuamente, fazendo das prioridades dEle as nossas próprias prioridades.

Nós nos esforçamos para prover ao nosso corpo aquilo que ele necessita, e também proteger, além do nosso corpo, as nossas emoções e os nossos relacionamentos, evitando a imoralidade sexual, preservando o nosso relacionamento matrimonial, não usando drogas ilegais, não colocando em nosso corpo qualquer coisa que venha a ferir ou destruir o Templo de Deus. Evitamos também qualquer outro tipo de ação que não honre a Deus.

Nós nos esforçamos para amar os nossos semelhantes promovendo a justiça social, cuidando dos enfermos, atendendo às necessidades daqueles que atravessam situações difíceis, defendendo os direitos que Deus deu aos outros, protegendo e reverenciando a vida e promovendo a paz e a unidade entre todas as pessoas.

Nós nos esforçamos para, da melhor forma que podemos, nos tornar bons despenseiros dos talentos e dos dons que Deus nos deu, incluindo como beneficiário o planeta que Ele nos deu como lar.

2. Deus nos Deu a sua Palavra

A Verdade: Deus se revelou a cada um de nós através da sua Palavra, a Bíblia Sagrada, que é digna de toda confiança.

O nosso relacionamento: O nosso Deus relacional nos conhece intimamente, mas Ele quer que nós também o conheçamos intimamente, em todos os seus caminhos de amor.

A nossa crença: Acreditamos na verdade de que a Bíblia é a revelação que Deus faz de si mesmo. A Bíblia nos foi dada para nos capacitar a seguir o seu caminho, de modo que possamos ser semelhantes a Ele, desfrutando todas as bênçãos que vêm de um relacionamento íntimo com Ele.

Acreditamos na verdade de que a Bíblia é a revelação que Deus faz de si mesmo. A Bíblia nos foi dada para nos capacitar a seguir o seu caminho, de modo que possamos ser semelhantes a Ele, desfrutando todas as bênçãos que vêm de um relacionamento íntimo com Ele.

Os nossos valores: Valorizamos a Palavra de Deus como o meio adequado para o conhecermos. Valorizamos a obediência à Palavra de Deus porque ela nos informa sobre os benefícios que alcançamos através de um relacionamento com Ele, e nos protege das consequências negativas que resultam da atitude de viver fora dos limites do seu amor.

As nossas ações: Nós nos esforçamos para estudar frequentemente a Palavra de Deus, para que possamos conhecer mais a Ele e os seus caminhos. Procuramos seguir os seus caminhos através da obediência aos seus mandamentos. Fazemos isso porque o amamos de todo o nosso coração, de todo o nosso pensamento, de toda a nossa alma, e de todas as nossas forças, e também procuramos amar os nossos semelhantes como a nós mesmos.

3. O Pecado Trouxe a Morte

A Verdade: O relacionamento de amor entre Deus e os seres humanos foi interrompido através da desobediência que Adão e Eva demonstraram para com Deus.

O nosso relacionamento: Quando o relacionamento de amor entre Deus e os seres humanos foi interrompido devido à desobediência de Adão e Eva, a morte e a separação de Deus foram infligidas a toda a raça humana.

A nossa crença: Cremos na verdade de que ao escolhermos os nossos próprios caminhos, e ao decidirmos a partir de nossos próprios conceitos o que é certo e o que é errado, ao invés de crermos que Deus é o único árbitro que pode decidir legitimamente o que é certo e o que é errado, o resultado é a morte — a separação entre Deus e todos os seres humanos. Esta separação resulta em todos os tipos de dores, tristezas e sofrimentos que a raça humana enfrenta.

Os nossos valores: Valorizamos a Deus e a sua Palavra como o padrão absoluto de justiça. A essência do caráter e da natureza de Deus define tudo que é correto, perfeito, santo e bom.

As nossas ações: Nós nos esforçamos para nos humilhar diante de Deus, dando as costas aos nossos caminhos egocêntricos, submetendo-nos aos caminhos de Deus. À medida que comparamos as nossas ações e atitudes com os padrões de Deus e nos comprometemos a seguir os seus caminhos, escolhemos o que é correto e rejeitamos aquilo que é errado. Ao fazermos isso, passamos a desfrutar a provisão e a proteção de Deus.

4. Deus Entrou no nosso Mundo

A Verdade: Deus tomou a forma humana, na pessoa de Jesus Cristo, para nos redimir.

O nosso relacionamento: Pelo fato de Deus ser “zeloso” pelo relacionamento que tem conosco (Êx 34.14), Ele enviou o seu Filho para morrer por nós.

A nossa crença: Cremos na verdade de que Deus se tornou humano na pessoa de Jesus Cristo. Ele nasceu da virgem Maria para nos redimir e nos restaurar, para que pudéssemos ter um relacionamento com Deus.

Os nossos valores: Valorizamos o amor e a aceitação incondicional, porque Deus demonstrou estas duas características maravilhosas ao entrar em nosso mundo para nos redimir. Valorizamos o entendimento compassivo porque Jesus demonstrou que nos compreende ao experimentar todas as alegrias e sofrimentos que nós experimentamos, como seres humanos.

As nossas ações: Nós nos dedicamos a aceitar as outras pessoas de uma forma incondicional, colocando-nos totalmente à disposição delas, procurando compreender a situação em que cada uma delas vive e amando-as independentemente das falhas que cometam. Deste modo, as nossas ações refletem o amor e a aceitação incondicionais do Senhor nosso Deus, que nos ama com este tipo de amor.

5. Jesus Faz a Expiação pelos nossos Pecados

A Verdade: Jesus Cristo entregou a sua vida como o sacrifício pelos nossos pecados.

O nosso relacionamento: O relacionamento de Deus conosco é um relacionamento sacrificial. É um relacionamento em que Ele nos dá o seu amor, e nos perdoa, mesmo que nós não mereçamos o seu perdão.

A nossa crença: Cremos na verdade de que Jesus Cristo, como o Filho de Deus que jamais pecou, fez a expiação pelos nossos pecados ao morrer na cruz. A oferta do seu sangue como um sacrifício de amor, que teve como finalidade perdoar os nossos pecados, permite que o Deus Justo e Santo nos perdoe.

Os nossos valores: Valorizamos a justiça e a realidade de que alguém é sempre ferido quando qualquer mal é feito. Valorizamos o perdão, e entendemos que para que haja perdão um sacrifício sempre deva ser feito.

As nossas ações: O amor que sentimos por Deus, pelo fato de ter sacrificado o seu Filho por nós, está refletido no sacrifício que fazemos de nossos próprios confortos, de nosso tempo, e de nossas posses pessoais em benefício de outras pessoas. Procuramos nos dar sem qualquer egoísmo, mesmo que isto nos fira, de algum modo, e procuramos perdoar aqueles que nos causem danos.

6. Somos Justificados pela Graça

A Verdade: Nenhum de nós merecia ter os seus pecados perdoados. Deus nos justifica pela sua graça.

O nosso relacionamento: Não havia nada que pudéssemos fazer e oferecer para que merecêssemos a bênção de desfrutar um relacionamento de amor com Deus. Ele nos amou enquanto ainda éramos seus inimigos. O nosso relacionamento inicial com o Senhor foi unilateral — Ele nos amou quando nós ainda não o amávamos.

A nossa crença: Cremos que o fato de sermos justificados diante de Deus, tendo os nossos pecados completamente perdoados e transformados em seus filhos, seja um resultado da sua graça que recebemos exclusivamente através da nossa fé em Jesus Cristo, como o sacrifício pelos pecados.

Os nossos valores: Valorizamos a graça — que é um amor que dado quando não é merecido, ou quando a pessoa que recebe este amor não o retribui. Valorizamos a fé — que pode ser entendida como colocar a nossa confiança em Jesus Cristo — naquEle que sacrificou a sua vida por nós. Valorizamos o amor que nos buscou com a finalidade de restaurar o nosso relacionamento com Deus, quando estávamos irremediavelmente perdidos e desprovidos de qualquer esperança.

As nossas ações: O maravilhoso amor e a maravilhosa graça de Deus nos capacitam a colocarmos a nossa fé em Jesus, para que Ele nos redima e restaure o nosso relacionamento com o Pai. Nós nos humilhamos, voltando as nossas costas aos nossos caminhos egocêntricos e pecaminosos, e passamos a confiar no sacrifício que Cristo fez para que os nossos pecados fossem perdoados. Aceitamos o perdão que Deus nos concede com um coração repleto de gratidão, e dedicamos a nossa vida a amá-lo de todo o nosso pensamento, de toda a nossa alma, e de todas as nossas forças. Nós nos regozijamos em nossa identidade, como seus filhos amados.

7. As nossas Vidas São Transformadas

A Verdade: A nossa vida está sendo constantemente modificada para que nos pareçamos cada vez mais com Cristo.

O nosso relacionamento: Deus compartilha conosco a sua natureza divina (o DNA de Deus). Isso nos capacita a ter um relacionamento íntimo com Ele, e

refletir a sua imagem e semelhança diante do mundo que nos rodeia.

A nossa crença: Nós cremos na verdade de que, como seguidores de Cristo, somos destinados a nos tornar cada vez mais semelhantes a Ele.

Os nossos valores: Valorizamos todas as características da semelhança com Cristo — o amor a Deus, a submissão a Ele, o sacrifício pessoal e o amor pelas outras pessoas.

As nossas ações: Como um povo que está se tornando cada vez mais parecido com Cristo, nós não apenas amamos a Deus, mas lutamos para pensar e viver como Jesus — amando as outras pessoas como a nós mesmos, fazendo com que a sua segurança, felicidade e bem-estar sejam tão importantes quanto estas mesmas áreas em nossa vida. Lutamos para cumprir a expressão "uns aos outros" das Escrituras.

8. Jesus Ressuscitou dos Mortos

A Verdade: Jesus precisou ressuscitar dos mortos para que a nossa fé tivesse valor.

O nosso relacionamento: O nosso relacionamento com Deus não é uma filosofia, nem um estilo de vida. Nós nos relacionamos com o Cristo vivo, que ressuscitou e prometeu nos dar a vida eterna consigo.

A nossa crença: Cremos na verdade de que Jesus morreu e ressuscitou para

nos redimir e nos dar a vida eterna, em um novo céu e em uma nova terra.

Os nossos valores: Valorizamos a esperança que temos de desfrutar a vida eterna. Valorizamos a certeza que a nossa fé nos dá de que viveremos para sempre com Deus e com as pessoas que amamos, sim, com aquelas que também creram e confiaram em Cristo.

As nossas ações: Vivemos motivados e esperançosos, desfrutando uma antecipação daquilo que nos aguarda na vida por vir. Não temos medo da morte, porque não vamos enfrentá-la sozinhos; Deus está conosco. Também não entramos em desespero quando morre uma pessoa amada, que entregou a sua vida a Cristo. Não vivemos a nossa vida para este mundo temporal, e não juntamos tesouros aqui. Antes, nos esforçamos para juntar tesouros no céu, vivendo esta vida para honrar e agradar a Deus.

9. Deus É Composto por três Pessoas em uma

A Verdade: Deus é composto por Pai, Filho e Espírito Santo. Estas três pessoas, vivendo em perfeita unidade, formam um único Deus.

O nosso relacionamento: Deus se manifestou na obra das suas próprias mãos, a criação. Ele se revelou na forma corpórea em Jesus Cristo, e agora entrou em nossa própria vida na Pessoa do seu precioso Espírito Santo. A presença do Espírito Santo, que habita em cada um de nós, faz com que o nosso relacionamento com Deus seja mais íntimo do que qualquer outro relacionamento que possamos ter.

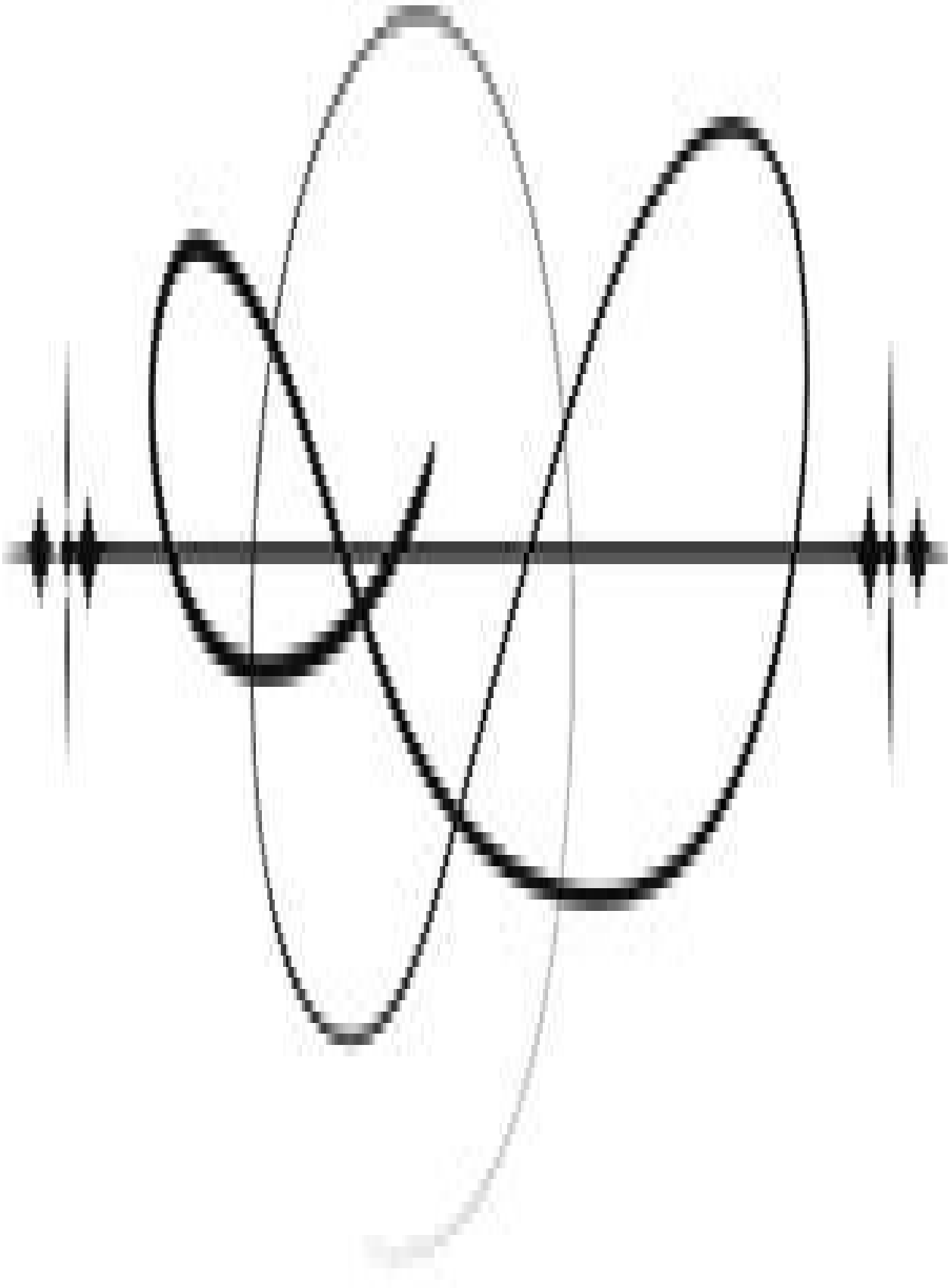
A nossa crença: Cremos na verdade de que Deus é composto por Pai, Filho e

Espírito Santo, três pessoas que possuem um infinito amor mútuo, em um perfeito relacionamento. Cremos que fomos feitos participantes deste ciclo de relacionamento através do poder da presença do Espírito Santo que habita dentro de cada um de nós.

Os nossos valores: Valorizamos a intimidade — um ciclo ininterrupto e indestrutível de relacionamento entre Deus, cada um de nós, e as outras pessoas. Valorizamos a unidade e o elo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo nas Escrituras, e desejamos fazer parte dela, e refleti-la em todos os nossos relacionamentos. Valorizamos o Espírito Santo de Deus como aquEle que vive em nossa vida e através dela, capacitando-nos a pensar como Jesus, sermos motivados como Jesus e agirmos como Jesus.

As nossas ações: Nós nos esforçamos para dar as costas aos nossos caminhos autoconfiantes e egocêntricos, e nos entregarmos ao precioso Espírito Santo que vive em nós. Desistimos de tentar viver à semelhança de Cristo através de nossos próprios esforços, e assim passamos a permitir que o Espírito Santo nos capacite e nos torne íntimos de Deus, semelhantes a Cristo, dirigidos a toda a verdade, equipados para toda boa obra e para todo serviço ao Senhor, e assim Ele traz um verdadeiro significado à nossa vida. Lutamos diariamente para respirarmos espiritualmente exalando: confessando o pecado que estiver presente em nossa vida; e também inalando: trazendo para dentro de nós a vida do Espírito Santo de Deus, entregando, a Ele, o controle total de nossa vida.

Quando abraçamos estas verdades e nos esforçamos para vivê-las, estamos adotando e seguindo uma visão bíblica de mundo. Embora talvez não sejamos capazes de viver estas verdades de uma forma perfeita, Deus ainda está trabalhando em nós, aperfeiçoando a sua vontade em nossa vida. Experimentamos este prazer e esta alegria porque viver uma visão bíblica de mundo, em última análise, fornece as únicas respostas satisfatórias às três perguntas mais profundas da vida.



As Respostas que Satisfazem

Quem É Você?

Você é um ser humano criado à imagem e semelhança de um Deus relacional. Porém você perdeu o seu senso de identidade por causa dos pecados que praticou. Estes pecados trouxeram a morte ao relacionamento de Pai e filho que você teria com o seu Criador. Deus tomou a iniciativa de lhe trazer de volta a um relacionamento com Ele, e pelo fato de você ter confiado na solução que Ele preparou (a morte do Filho de Deus em seu lugar), você recuperou sua identidade de filho transformado de Deus, a sua identidade de filho de Deus que teve o novo nascimento.

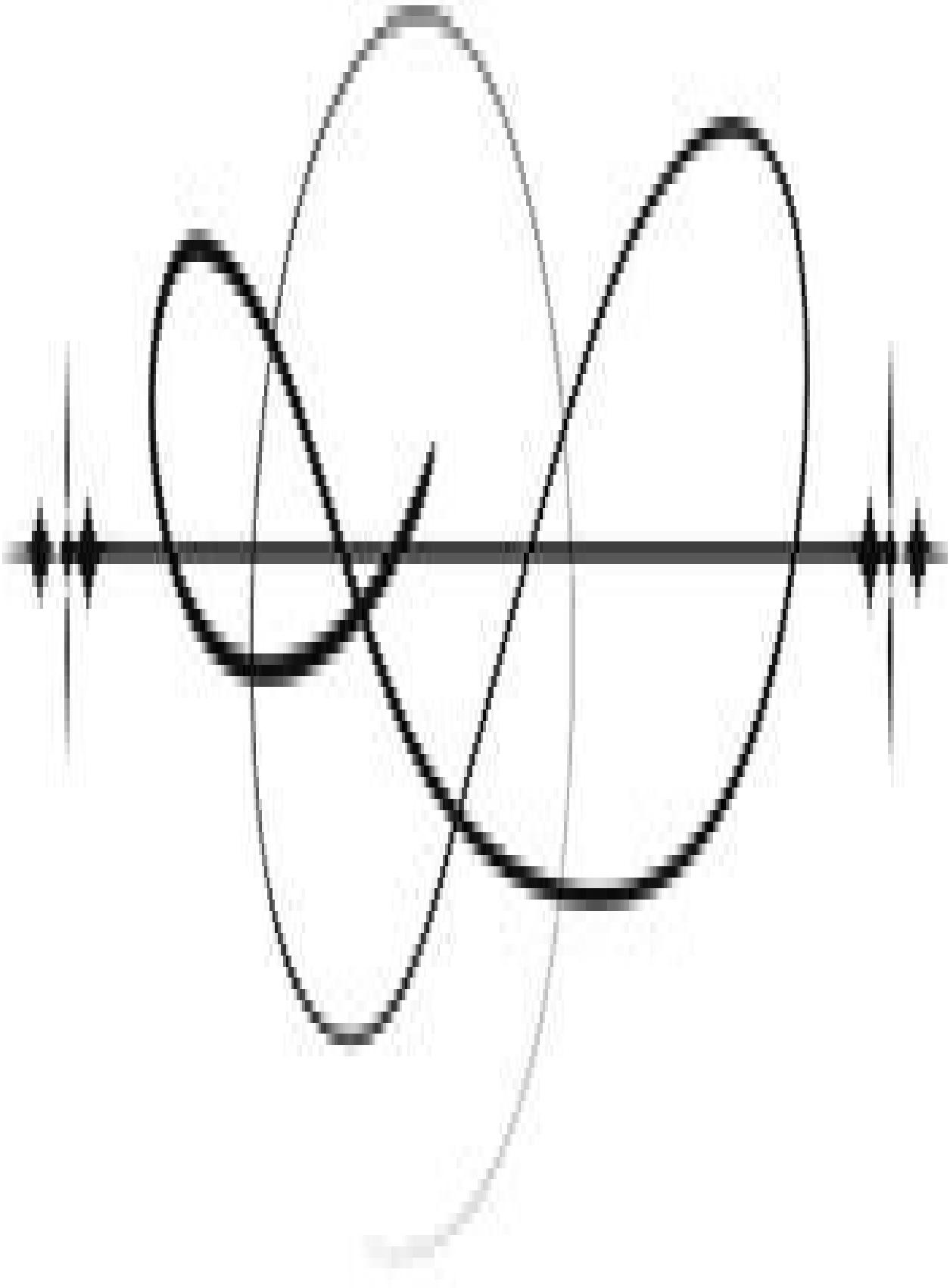
Assim você recuperou a sua conexão familiar com o seu Pai; com Deus.

Por que Você Está Aqui?

Tendo se tornado uma pessoa viva para Deus por causa de Cristo, você agora desfruta um relacionamento de Pai e filho que está lhe tornando, continuamente, alguém que está de acordo com a imagem do Filho de Deus. O seu propósito agora é glorificar e honrar ao Senhor Deus, ao viver para agradá-lo. Você faz com que Ele se compraza em sua vida, e Ele lhe dá alegria.

Para onde Você Está Indo?

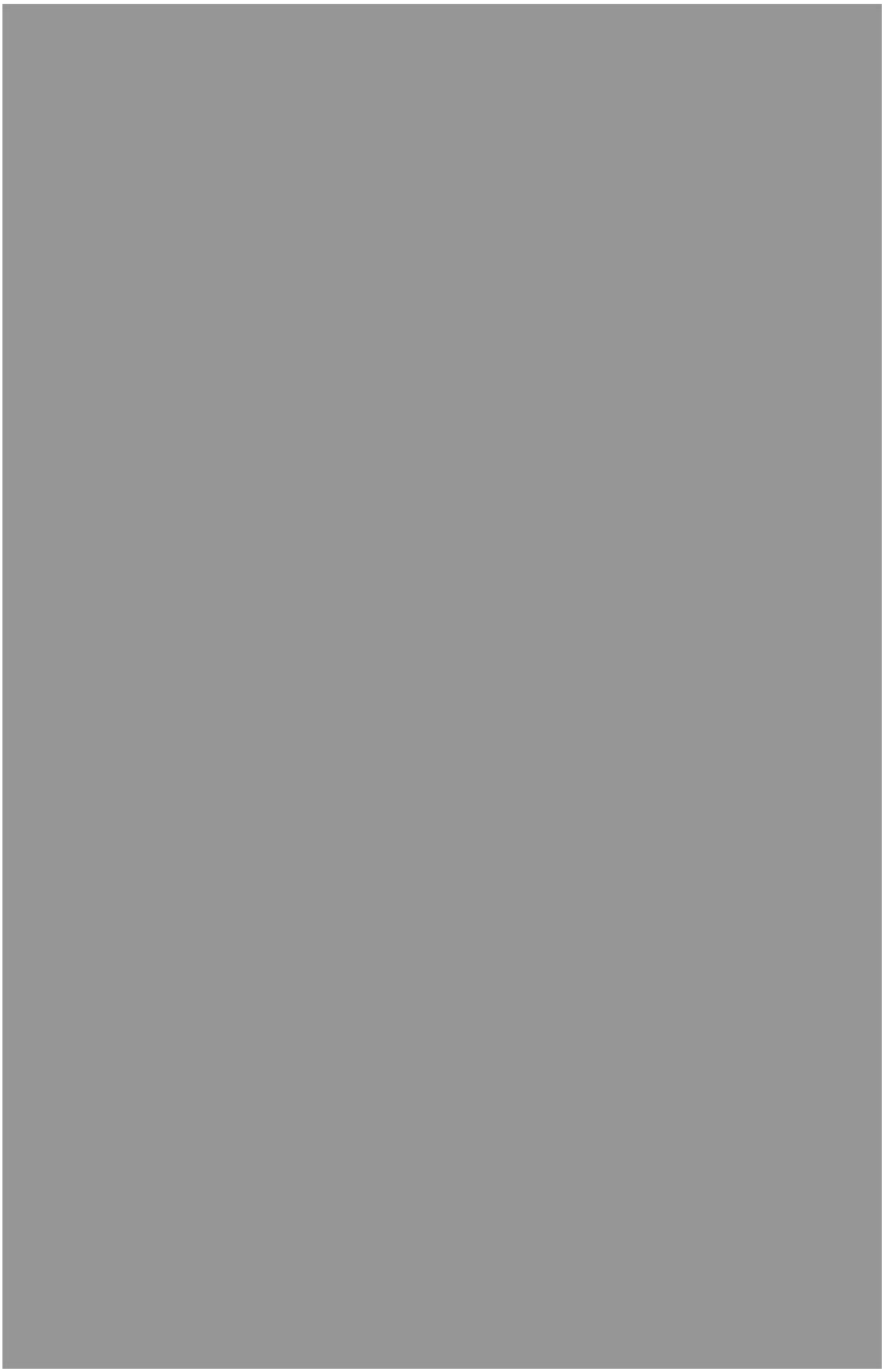
O pecado, a morte, as dores e os sofrimentos ainda existem. Contudo, Deus está empenhado em uma missão que consiste em restaurar todas as coisas à forma como foram originalmente planejadas. Você se uniu à missão dEle, que tem como objetivo proclamar as Boas-Novas do reino de Deus que está por vir. Um dia, o pecado e a morte terão um fim. O seu destino será viver eternamente com Deus e com as pessoas que você ama, em um novo céu e em uma nova terra.

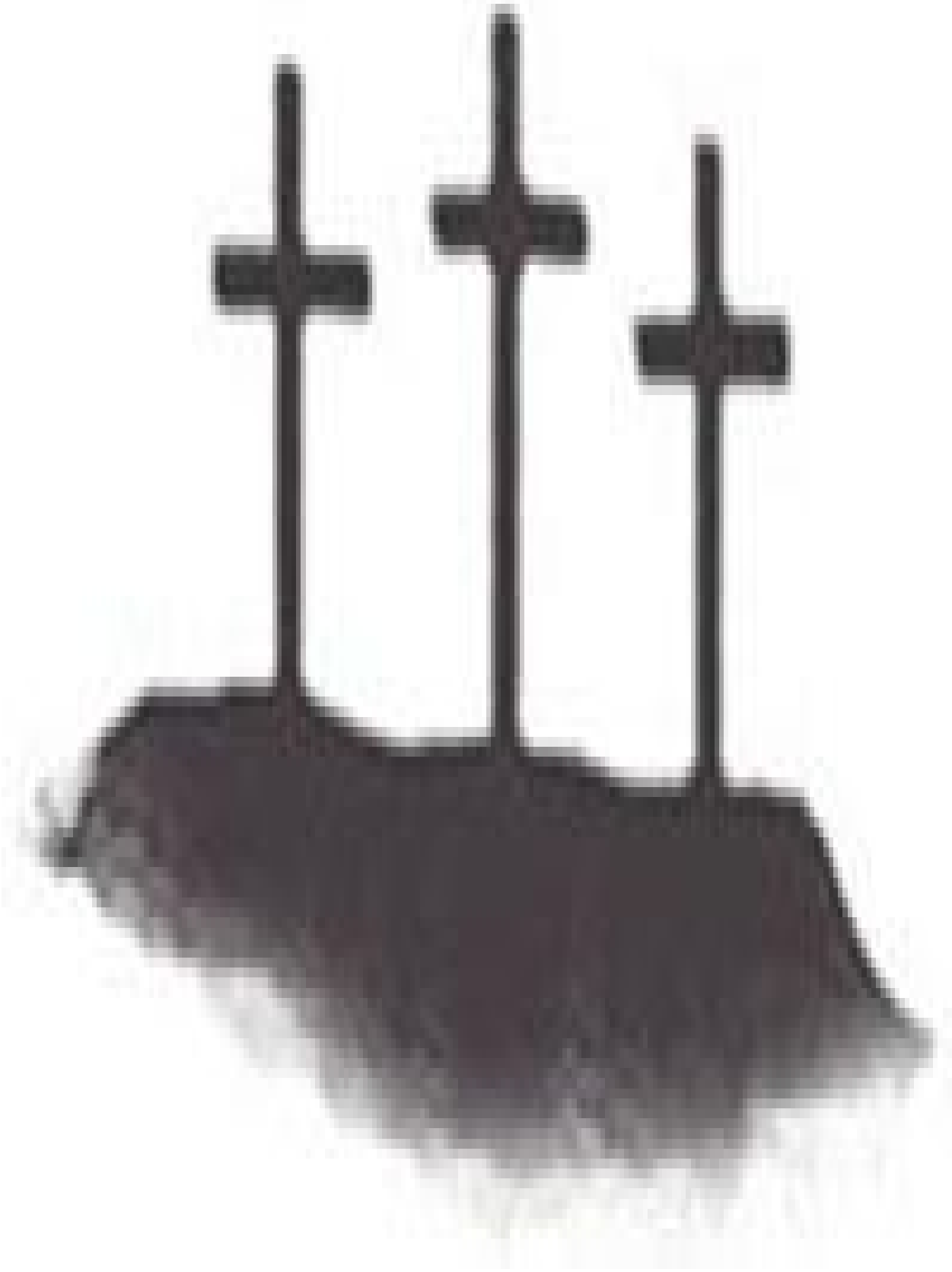


A sua visão Bíblica de mundo lhe fornece um claro senso de sua identidade, propósito e destino na vida. À medida que Deus lhe capacita para viver a sua visão de mundo, Ele lhe completa, lhe dá um senso de valor e significado, e também lhe concede uma ansiosa expectativa de um futuro eterno. Nenhuma outra visão de mundo oferece tamanha alegria. Nenhuma outra visão de mundo oferece uma evidência tão impactante e profunda de que é verdadeira. Nenhuma outra visão de mundo oferece um futuro tão glorioso.

Verdade Número Onze

A Igreja





Capítulo Quarenta e Quatro

O QUE É A IGREJA?

Quando eu era criança, ir à igreja era algo que não fazia sentido para mim (Josh). O máximo que consegui entender foi que, naquele lugar, as pessoas colocavam cinquenta centavos de dólar na salva na hora das ofertas, e mais tarde recebiam um dólar. Os sermões eram enfadonhos para mim. Ficar sentado durante 45 minutos, ou mais, ouvindo um pregador dizendo coisas que não tinham muito a ver comigo parecia uma perda de tempo.

É assim que muitas pessoas se sentem, hoje em dia, em relação à igreja. É claro que se Jesus fosse, fisicamente, o Pastor de uma igreja, a situação seria muito diferente. Eu imagino que Ele curaria as pessoas da direita e da esquerda, alimentaria os famintos, e faria com que o Seu reino se expandisse muito mais na terra, trazendo paz e alegria ao mundo inteiro. Quem não gostaria de fazer parte desta igreja? Bem, foi isto que os discípulos de Jesus também pensaram.

Expandindo “a central do reino” de jesus?

tinha sido um mês extraordinário. As multidões eram maiores do que nunca. O Messias estava mostrando o Seu poder, e os enfermos estavam sendo curados instantaneamente. “A multidão se maravilhou vendo os mudos a falar, os aleijados sãos, os coxos a andar, e os cegos a ver; e glorificava o Deus de Israel” (Mt 15.31).

Quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças, tinham sido a congregação de Jesus “ao ar livre” durante três dias, e agora estavam sentindo fome. Jesus perguntou aos discípulos a quantidade de alimentos de que dispunham. Eles lhe responderam que tinham sete pães e alguns pequenos peixes. Então, uma vez

mais, Jesus fez aquilo que era aparentemente impossível. Ele orou sobre os sete pães e os poucos peixes, e disse aos seus discípulos que os distribuíssem à multidão. Depois que todos comeram quanto quiseram, os discípulos recolheram o que sobrou — sete grandes cestos cheios!

O Senhor Jesus, então, despediu a multidão para que voltassem para as suas casas, todos de "barriga cheia", e prosseguiu com o seu ministério que consistia em curar e divulgar a mensagem do reino. Quando, porém, Ele estava sozinho com os seus discípulos, fez-lhes uma pergunta fundamental: "Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?" (Mt 16.13). Então eles lhe disseram que alguns pensavam que Ele fosse Elias; outros pensavam que Ele fosse Jeremias, ou algum dos profetas. Então veio a pergunta penetrante: "E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.15-18).

Lá estava! A declaração que os discípulos estavam esperando! Jesus disse: "Edificarei a minha igreja". Mas Ele realmente desejava expandir o seu reino. Com o Senhor curando os enfermos e alimentando o povo, os discípulos teriam, com certeza, uma mega igreja em sua primeira semana de atividade. Estas tinham que ser notícias excelentes para eles. De fato, seis dias depois, o Senhor Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João a uma excursão ao topo de um monte, e este evento reforçou ainda mais esta noção de igreja. De repente, Jesus "transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz" (Mt 17.2). E para que ficassem ainda mais estupefatos, Moisés e Elias apareceram, e começaram a conversar com Jesus.

Este tinha que ser o ponto mais elevado. O máximo. Quem poderia pedir algo melhor? Jesus seria o Pastor do reino, da grande igreja no topo da montanha, e Moisés e Elias seriam os seus dois pastores auxiliares. Este seria o melhor lugar para "A Central do Reino" de Jesus! Então Pedro falou sem pensar: "Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias" (Mt 17.4).

Porém Pedro nem mesmo havia acabado de pronunciar a sua grande ideia, quando um clarão, uma nuvem luminosa os cobriu, e dela saiu uma voz

estrondosa: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o” (Mt 17.5). Os discípulos se sentiram tão assombrados que caíram com o rosto em terra. Jesus se aproximou e lhes disse que não precisavam sentir medo. Quando levantaram os olhos, Moisés e Elias já haviam partido. E para completar, o Senhor Jesus lhes disse que não deveriam contar a ninguém aquilo que presenciaram até que “o Filho do Homem” fosse “ressuscitado dos mortos” (Mt 17.9).

Como É a igreja?

Esta situação deve ter sido confusa e frustrante para Pedro, Tiago e João. Mesmo que Jesus não fosse derrotar os romanos, e governar a nação politicamente, Ele poderia ao menos ficar por ali com eles depois da sua ressurreição e ser o Pastor da Igreja do Reino, no topo do monte. Que maneira melhor poderia haver de se divulgar a visão de mundo do reino do que ter o próprio Rei Jesus pregando semana após semana? E quando as novas tecnologias fossem criadas, Ele poderia ser globalmente televisionado, poderia estar no “Facebook”, e responder todas as perguntas e resolver todos os problemas “online”, isto é, ao vivo, e em tempo real.

Tendo Jesus como líder de sua igreja, o reino se expandiria tão rapidamente quanto um vírus — através do poder do Espírito Santo, vivido na comunidade dos seus seguidores — e, no final, todas as partes da terra seriam alcançadas.

Mas havia, e há, um caminho melhor. O conceito que Jesus tem de igreja não consiste em um edifício que sirva como uma “Central do Reino”. Sim, Jesus disse a Pedro que Ele edificaria a Sua igreja, na declaração de que Ele é o Messias, o verdadeiro Filho de Deus. Mas quando Ele disse “igreja”, não estava se referindo a um edifício. A palavra que Ele escolheu foi ekklesia, que significa

um ajuntamento de pessoas. Na cultura daquela época, o termo ekklesia era claramente entendido como uma assembleia pública de cidadãos. O termo hebraico correspondente significava uma assembleia diante do Senhor. Assim, tanto em Grego quanto em Hebraico, o termo igreja significava “o povo do Senhor”, e não um edifício.

Na cultura dos nossos dias, o termo igreja é mais entendido como um edifício ou uma organização. Mas estes conceitos estão muito distantes daquilo que os discípulos e os apóstolos entenderam depois do Pentecostes. Assim que o precioso e bendito Espírito Santo os encheu, eles entenderam o conceito — a igreja é o povo de Deus. A igreja é o agente de Cristo para a divulgação da mensagem. A igreja é a representação visível do próprio Cristo.

Quando Jesus disse aos seus discípulos, “Ide, ensinai todas as nações” ou “fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19), Ele estava entregando este mandamento ao seu povo, à igreja que em pouco tempo seria estabelecida. Aquela igreja recebeu uma missão, que era parte da grande missão de redenção e conserto de todas as coisas. O passo inicial de Cristo naquela missão consistia em dar a sua própria vida como um resgate. Ele cumpriu esta parte tão importante de sua missão através da sua morte na cruz; porém Ele cumpriria o restante dela através de outros meios. Tendo Jesus como líder de sua igreja, o reino se expandiria tão rapidamente quanto um vírus — através do poder do Espírito Santo, vivido na comunidade dos seus seguidores — e, no final, todas as partes da terra seriam alcançadas.

A nova igreja de Jesus não seria uma organização estática, mas um organismo vivo. A sua tarefa não seria a edificação de uma instituição, nem de um memorial, mas a divulgação de uma mensagem poderosa que é capaz de transformar os corações das pessoas. O Novo Testamento utiliza pelo menos seis imagens para descrever a igreja, e nenhuma delas está relacionada a organizações, instituições, ou edifícios físicos.

1. A igreja é o novo povo de Deus. O apóstolo Paulo explicou às igrejas da Galácia que já não importava mais que a Lei judaica da circuncisão fosse obedecida. O importante é que nós sejamos realmente transformados em um povo novo e diferente; e o apóstolo desejava que a misericórdia e a paz de Deus estivessem sobre todos aqueles que vivessem de acordo com este princípio (Gl

6.15,16).

Deus havia se referido à nação judaica, no passado, como o seu povo escolhido; mas como Paulo disse à igreja em Éfeso, agora os judeus e os gentios estão juntos, unidos na igreja do Senhor. Isso estava nos planos de Deus desde a eternidade, e agora foi posto em prática através de Jesus Cristo, o nosso Senhor (Ef 3.10,11). Jesus estabeleceu a sua igreja como uma comunidade de esperança para todas as nações do mundo.

2. A igreja de Deus é uma família. Paulo explicou que os gentios já não são mais estranhos. Ele disse, "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos Santos e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Ef 2.19,20). Quando nos tornamos cristãos, fomos adotados, e passamos a fazer parte da família de Deus, que é a sua igreja. Nós nos tornamos seus filhos — filhos e filhas de Deus (Rm 8.14-17).

3. A igreja é o corpo de Cristo. A igreja "é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (Ef 1.23). "Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros" (Rm 12.4,5).

4. A igreja é um Templo santo no qual Deus habita. Paulo disse que nós, que cremos, estamos em Cristo, e nEle, "todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor", e nEle somos "edificados para morada de Deus no Espírito" (Ef 2.21,22). Observe ainda as palavras do Apóstolo: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Co 3.16).

5. A igreja é a noiva pura de Cristo. Paulo aconselhou cada marido a amar a sua própria esposa da mesma maneira que o Senhor Jesus Cristo ama a igreja. "Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível" (Ef 5.25-27).

6. A igreja é o agente de Cristo para cumprir a sua missão de redimir os perdidos. O apóstolo Pedro disse, "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio

real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pe 2.9). Paulo falou à igreja que estava em Corinto e aos cristãos que estavam espalhados por toda a Grécia que Deus nos deu a tarefa de reconciliar as pessoas com Ele, que somos os embaixadores de Cristo, e que Deus nos usa para falar a outras pessoas: "Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamos-vos, pois, da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus" (2 Co 5.18-20).

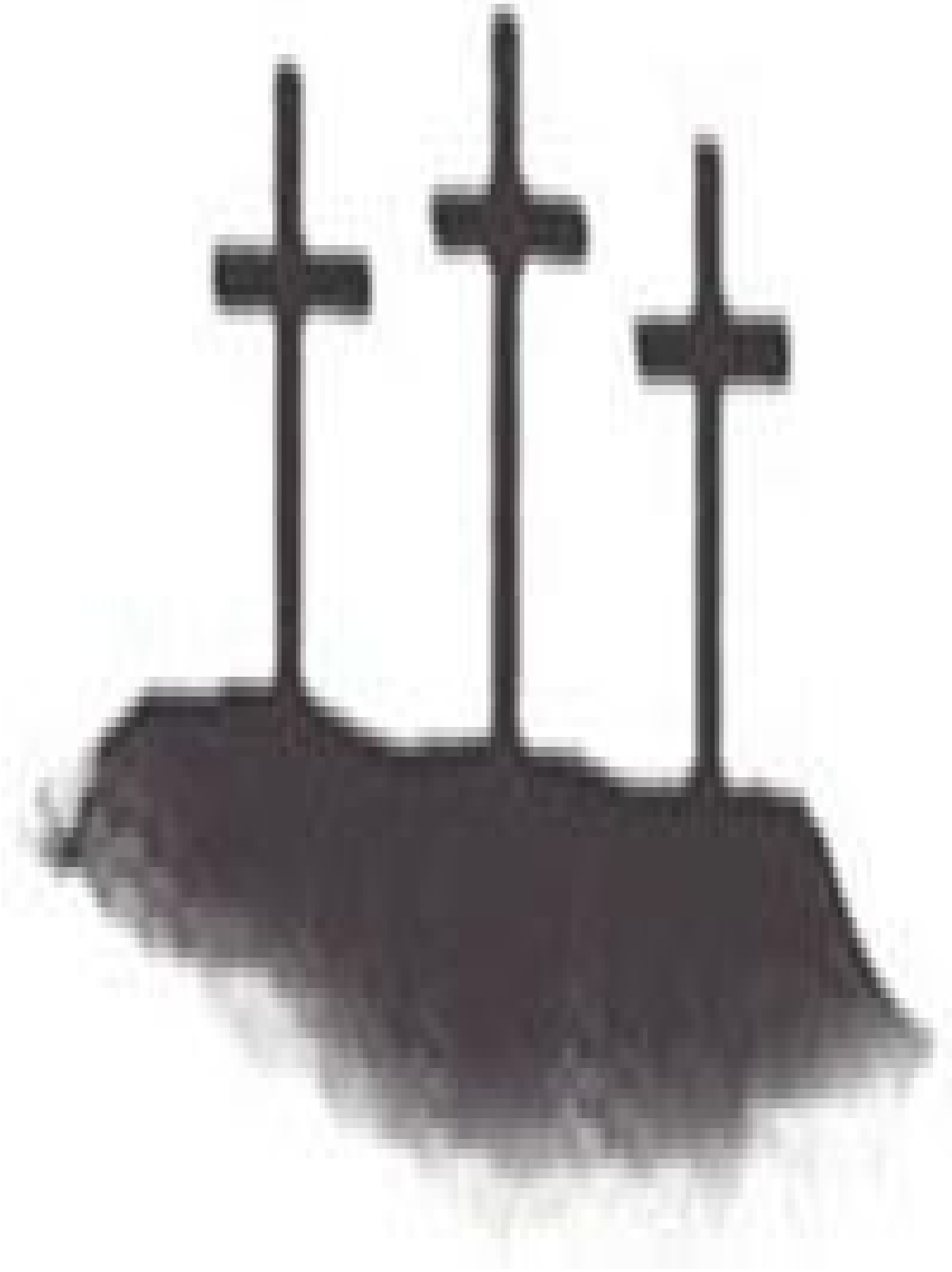
Portanto:

-

Nós cremos na verdade de que a igreja é a representação visível de Cristo na terra, na qual cada seguidor transformado de Jesus Cristo é feito uma parte de seu corpo vivo, para, tanto individualmente quanto coletivamente, cumprir o propósito redentor de Deus.

-

Quando você se torna um seguidor transformado de Jesus, você não recebe um relacionamento pessoal e privado entre "Jesus e você". Cada um de nós se torna parte da comunidade dos seguidores de Jesus — a família, o corpo de Cristo, um templo santo no qual o Espírito de Deus vive, a noiva de Cristo e a agência através da qual Cristo está buscando e salvando um mundo perdido. Nós, a igreja, somos um só corpo e temos um só Espírito, e também fomos chamados em uma só esperança da nossa vocação. Há "um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos" (Ef 4.4-6). Nós somos uma parte desta igreja, e ela ainda está viva e muito bem, no século XXI.



Capítulo Quarenta e Cinco

A EVIDÊNCIA DE QUE A IGREJA

DE DEUS ESTÁ VIVA E MUITO BEM

A igreja que está localizada na esquina da Pershing com a Maple é uma estrutura branca, de estilo Neo-Inglês, com uma torre bem destacada. A igreja que fica na State Road com a Portage Trail tem a forma de catedral (ou cúpula), e uma capacidade para 5.000 pessoas sentadas. A igreja cuja saída está sinalizada na freeway brilha sob a luz do sol, e parece ser feita de cristal. Definitivamente, não há falta de igrejas na América do Norte. De fato, há centenas de milhares de edifícios de igrejas no mundo, frequentadas por milhões de pessoas todas as semanas. Então, não é difícil acreditar na afirmação de que existem igrejas. Contudo, prédios visíveis com pessoas participando dos cultos não constituem, necessariamente, a verdadeira igreja de Cristo.

▪

A verdadeira igreja é o local onde Deus vive, se move, e realiza os seus propósitos.

▪

A igreja é uma comunidade de crentes onde Cristo, a cabeça, é “sobre todos, e por todos, e em todos” (Ef 4.6). Jesus disse, “Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18.19,20). A verdadeira igreja é o local onde Deus vive, se move, e realiza os seus propósitos. Mas será que a igreja que nasceu no dia de Pentecostes está realmente viva hoje? Há

alguma evidência de que Cristo esteja trabalhando através da sua igreja no século XXI? E se existem evidências, quais são?

Durante a celebração da Páscoa, o Senhor Jesus disse aos seus discípulos que iria deixá-los, e que estaria com Deus Pai. Então Ele lhes disse, “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13.34,35). Jesus disse que esta seria a característica mais marcante da sua igreja — o seu amor permaneceria nos seus seguidores, e se manifestaria através deles. Ele disse que esta comunidade cheia de amor seria o “sal da terra” e “a luz do mundo”, para que as boas obras da igreja brilhassem e todos pudessem vê-las, e assim todos glorificassem o Pai Celestial (Mt 5.13-16).

A igreja autêntica é esta comunidade de amor que age como “sal e luz”, e impacta a cultura que está à sua volta. Assim era a Igreja Primitiva. Alguns, entretanto, chegam a dizer que a igreja do século XXI, como um todo, perdeu de vista a sua missão, e que muitas igrejas não passam de um ligeiro reflexo do Deus invisível. O falecido escritor e historiador cristão Dr. Robert Webber transmitiu esta citação surpreendente e assustadora:

• A igreja teve início como um movimento missionário em Jerusalém.

• Ela se mudou para Roma, e se tornou uma instituição.

• Ela viajou para a Europa, e se tornou uma cultura.

• Ela cruzou o Atlântico em direção à América, e se tornou um grande negócio.[1]

Embora possa haver algo de verdade nesta citação, a verdadeira igreja de Cristo ainda está viva hoje, e vai muito bem. É verdade que algumas organizações e instituições chamadas de igrejas trazem, algumas vezes, alguns desapontamentos, e muitas podem ter se perdido ao longo do caminho, e já não serem mais a expressão visível do próprio Deus. Mas se você observar cuidadosamente poderá enxergar que a igreja está envolvida nas questões do mundo. Bob Roberts Jr., pastor de uma mega igreja, e autor do livro

Transformation, disse que teve que viajar até o outro lado do mundo para que pudesse enxergar, por si mesmo, como é a igreja. Ele relatou esta história:

Eu nem mesmo tinha consciência de quão perdido estava até que enxerguei como a igreja deveria ser de fato. Em um primeiro momento, nem sequer a reconheci; então, procurei argumentar e vê-la de uma forma racional. Mas tive que viajar até o outro lado do mundo para que pudesse enxergar, por mim mesmo, como é a igreja, e encontrá-la — na igreja subterrânea perseguida na Ásia. Eu tinha ouvido a história e as estatísticas, mas não tinha encontrado nenhum de seus membros, face a face. Eles não eram, em nada, como eu. Eles não eram como nenhum crente que conheci. Não apenas culturalmente, mas espiritualmente, eles me superavam em muito. É claro que a teologia deles chega a ser vaga, pois sequer possuem partes inteiras da Bíblia Sagrada, e provavelmente possuam, no máximo, um livro da Bíblia e algumas poucas passagens isoladas. Porém estes irmãos conhecem a Deus com uma profundidade muito maior do que aquela em que o conheço, e não conheço, nem jamais conheci alguém que conheça tanto ao Senhor como eles.

A adoração passa a ter uma expressão completamente nova do outro lado do mundo. Eles não possuem sistemas de som, não possuem transições calculadas de um cântico para outro, mas são apenas crentes que juraram a sua fidelidade ao Senhor, amontoados em pequenas salas, chorando enquanto o Espírito Santo “escoa lentamente” sobre cada um deles, de uma forma que jamais experimentei. Não sei se eles são carismáticos ou não (tudo o que sei é que não estavam falando em meu idioma natal), mas acho que neste caso não faz diferença. Nenhum deles está se tornando rico, e nenhum deles está brigando por controle ou posições. Se há alguma posição de favoritismo, ela consiste no privilégio de ser o primeiro a morrer por amor a Cristo. Viver no limite, como eles vivem, não deixa espaço para a falta de sinceridade ou para a promoção pessoal. Este povo vive da forma como cresci ouvindo que a igreja deve ser.

Através de uma rede de casas subterrâneas pequenas, “indígenas”, que funcionam como igrejas, está havendo uma transformação em vidas e em culturas. Estas igrejas não podem ser detidas.

Há muitas igrejas como estas, e elas estão se espalhando por toda parte, todos os dias. E aqui vai uma informação chocante: são as pessoas leigas que estão dando

início a estes movimentos, e não aqueles obreiros que são vocacionados e chamados para um ministério em tempo integral. A implantação de igrejas que eles realizam é o resultado de vidas transformadas, e não o resultado de uma magnífica estratégia, mesmo que a estratégia seja realmente magnífica.[2]

A Expressão Ativa da Igreja

A igreja de Jesus existe, hoje, da mesma forma como ela existiu no primeiro século. O processo de sua expansão é o mesmo. Vidas são transformadas pelo poder salvador de Cristo, e estas vidas passam a formar uma comunidade de esperança, amor e cuidados, e por sua natureza se tornam embaixadores de Jesus para proclamarem a mensagem de seu reino que consiste no amor e na redenção ao mundo que está à sua volta.

Muitas coisas já foram ditas e escritas sobre o propósito e o papel da igreja.[3]

Embora a lista a seguir não seja exaustiva, ela fornece um esboço da expressão ativa da igreja, conforme a descrição das Escrituras.

A igreja incorpora aquilo que uma comunidade de pessoas redimidas deve ser. Jesus nos disse devemos nos amar uns aos outros assim como Ele nos amou, pois este tipo de amor provaria ao mundo que somos seus discípulos (João 13.35). A Igreja Primitiva estava constantemente reunida, e os seus membros compartilhavam tudo que possuíam (At 2.44). Como corpo de Cristo hoje, os seus seguidores precisam uns dos outros, servem uns aos outros e vivem juntos em harmonia. “Se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (1 Co12.26). É isto que o amor faz.

Quando as pessoas do mundo olham para a igreja de Cristo, elas vêm um povo santo (2 Pe 3.14), vêm um povo que vive em unidade (1 Co12.25), vêm pessoas que dependem umas das outras (Rm 12.5), e vêm pessoas que cuidam umas das outras (Rm 12.15).

A igreja é o reflexo da Trindade, que é o modelo, por excelência, do amor infinito em um relacionamento perfeito. A igreja “veste Deus” com carne e ações. Ela é a representação visível do Deus invisível.

A igreja é a presença compassiva e sanadora para os necessitados. Os membros da igreja descritos no livro de Atos dos Apóstolos literalmente “vendiam as suas propriedades” e compartilhavam os recursos que vinham destas vendas com aqueles que estivessem necessitados (At 2.45). O apóstolo Tiago disse: “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo” (Tg 1.27).

A igreja é compassiva, como o seu Cabeça, Jesus Cristo, e está presente para alimentar os famintos, para vestir aqueles que precisam, para cuidar dos enfermos e para trazer a cura àqueles que estejam sofrendo (Mt 25.31-46).

Steve Baughan, de Branson, Missouri, é o diretor de um ministério que procura alcançar, especificamente, os viciados e aqueles que não possuem uma moradia. Ele é criticado por alguns cristãos, pois não prega o Evangelho, necessariamente, àqueles que estão desesperados, antes de alimentá-los, vesti-los e ajudá-los a conseguir um teto sob o qual possam se abrigar. Ouça a resposta de Steve:

Proclamar a mensagem cristã não consiste simplesmente em citar passagens das Escrituras para as pessoas, ou conduzir alguém na leitura de algum livreto evangélico. Algumas pessoas têm dificuldades tão intensas que a citação de algumas poucas passagens selecionadas da Bíblia Sagrada não são suficientes para amenizar a sua situação. Tenho perguntado às pessoas: “Se a sua casa estiver em chamas, quem você gostaria de ver chegando à sua rua: Uma pessoa religiosa citando passagens das Escrituras, ou um bombeiro usando a sua mangueira de incêndio?”

As pessoas profundamente feridas simplesmente não são capazes de ouvir as suas palavras em meio ao tumulto que estão enfrentando quando as suas vidas estão em chamas. Elas precisam de uma mangueira com jatos, não de água, mas de esperança, amor e compaixão em ação. E isso pode ser uma refeição quente, um lugar para dormir e o compromisso de estar por perto para ajudá-las, de

preferência por parte de alguém que já tenha passado pela situação que elas estejam enfrentando.

Já ouvi alguém dizer aos viciados: “O seu problema é o álcool ou as drogas”. Mas, na mente deles, o álcool e as drogas são a sua “solução”. O verdadeiro problema deles é que estão solitários, ou feridos, ou desconectados, sem um senso de sentido ou propósito em suas vidas. O álcool ou as drogas para eles constituem uma tentativa de afogar as mágoas e feridas, ou qualquer outra coisa em que os seus problemas tão arraigados estejam alicerçados. Como Tomás de Aquino escreveu: “Dentro de cada alma existe uma sede por felicidade e significado”. Uma pessoa viciada procura satisfazer esta sede por felicidade e significado através de uma garrafa, de um comprimido, ou de uma seringa.

A mensagem de Jesus que estamos oferecendo diz que a sua solução pode começar em um relacionamento comigo — eu sou seu amigo. Estou aqui para remover a sua solidão; vou confortá-lo; vou lhe ajudar a carregar o seu fardo. Vou me conectar com você porque o considero uma pessoa valiosa — vou alimentá-lo, vou cuidar de você e vou recebê-lo como uma pessoa da minha família. Foi isso que Jesus fez com a mulher samaritana, com o coletor de impostos, com a mulher que foi surpreendida em adultério. E é isso que Ele faz com cada um de nós. Quando você e eu somos Jesus para aqueles que estão famintos para se tornarem pessoas sadias, eles experimentam o sal da transformação em ação — então eles conseguem enxergar a luz tão atrativa da nossa mensagem. A mensagem do Evangelho não consiste apenas em palavras de verdade; ela consiste em vivermos esta verdade através de atitudes específicas de amor e compaixão direcionadas a outras pessoas.[4]

O apóstolo João disse, “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. E nisto conhecemos que somos da verdade e diante dele asseguraremos nosso coração” (1 Jo 3.18, 19).

A igreja é o agente reconciliador de Deus, e o seu embaixador para a divulgação do Evangelho — a mensagem do reino. Jesus disse: “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos

confins da terra” (At 1.8). A igreja é o meio de que Deus dispõe para reconciliar consigo um mundo perdido (2 Co 5.16-21). O coração da igreja palpita da mesma maneira que o coração relacional de Deus, que deseja redimir e restaurar aqueles que estão sozinhos e separados dEle. O verdadeiro evangelismo não consiste no crescimento numérico da igreja, nem na construção de uma organização, mas em conduzir as pessoas a um relacionamento com Deus.

A igreja é um agente que equipa as pessoas para que elas se tornem discípulos capazes de fazer outros discípulos. Antes de Jesus ascender aos céus, Ele deu aos seus discípulos um mandamento que é conhecido como A Grande Comissão: “Fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19, ARA). Mas este mandamento não foi, “Iniciai igrejas”. Bob Roberts Jr., em sua obra The Multiplying Church destaca o entendimento equivocado de que a ordem de Jesus foi que os seus discípulos apenas fundassem igrejas:

Tenho uma visão e um sonho. Vamos dar início a mil igrejas nos próximos dez anos, tendo, cada uma, um rol de, no mínimo, dois mil membros; se fizermos isto, viraremos a América de cabeça para baixo com o Evangelho! Isso funcionaria, certo? Errado — este cenário já aconteceu durante os dez últimos anos, e hoje há menos gente do que nunca nas nossas igrejas. Como é que isso pode ter acontecido? Como é que podemos ter gasto bilhões de dólares para dar início a milhares de mega igrejas, e ainda termos menos gente nas igrejas, e uma sociedade que, de um modo geral, entende que a igreja é antagônica?

A resposta, em parte, é que não é suficiente apenas fundar igrejas como uma ferramenta para o evangelismo, que termina quando as “conversões” acontecerem. Os livros que tratam do assunto da implantação de igrejas geralmente trabalham com a premissa de que precisamos fundar igrejas, pois alegam que este é o melhor método evangelístico que existe. Esta afirmação é verdadeira — porém é uma razão insuficiente para a fundação de igrejas. Todas as pesquisas a respeito do crescimento da igreja na América dizem que ela está em declínio.[5]

Iniciar uma igreja reunindo membros que participem de seus cultos não é o objetivo da “Grande Comissão”. Jesus disse: “Fazei discípulos”, e assim este processo daria à luz às igrejas de uma forma natural. O apóstolo Paulo afirmou que a responsabilidade dos líderes da igreja consiste em equipar o povo de Deus para que cada um possa fazer a obra, e edificar a igreja, que é o corpo de Cristo, “até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.12,13). Fazer discípulos é um processo de reprodução. Como os discípulos de Cristo são formados e capacitados espiritualmente, eles começam exercitando os seus dons espirituais, e é assim que a reprodução acontece: Nascem os novos convertidos.

Paulo declarou a Timóteo como esta reprodução espiritual acontece, ao dizer: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros” (2 Tm 2.2). Isso não é diferente do nosso processo de reprodução física. O amor e o relacionamento íntimo de um homem e uma mulher que se casam resultam na concepção e no nascimento de uma criança. Através de um processo de nutrição e cuidados físicos e emocionais, ocorre o processo de formação pelo qual esta criança cresce, amadurece, e assim chega à fase adulta, se casa, e produz a sua própria descendência. E este processo continua, geração após geração.

A Igreja Primitiva cresceu naturalmente através de um processo de formação espiritual de discipulado, que teve como resultado a reprodução de novos crentes, geração após geração. Esta não foi uma estratégia de adição de pregadores profissionais atraindo novos participantes para um edifício; foi um processo de multiplicação de pessoas leigas que, como discípulos, se reproduziram gerando outros discípulos, que também se reproduziram gerando outros discípulos, e assim por diante.

Como Robert Webber diz,

O discipulado não é uma vocação prescrita apenas para ministros e outros cooperadores do ministério da igreja, que ali trabalham em tempo integral. O discipulado é uma vocação espiritual em tempo integral de todo o povo de Deus. O tempo dedicado ao discipulado é o tempo que deve ser utilizado para enfatizar e arraigar no novo convertido a verdade de que ele possui um chamado em Jesus Cristo – o chamado para ser um discípulo o tempo todo, em cada local por onde

passar nesta vida... [E] se o novo convertido deve crescer, ele precisará ter uma experiência semelhante à nossa permanência no útero materno, como um período inicial de gestação.[6]

Esta atmosfera idêntica ao período intrauterino é um momento em que o novo convertido tem o seu mentor, e o discipulado é um processo de formação espiritual que inclui o treinamento dos novos discípulos, para que se reproduzam espiritualmente. A igreja é responsável por equipar os crentes até que eles sejam formados espiritualmente e cheguem à maturidade (Ef 4.11-16). Durante tantos séculos a igreja tem alcançado este objetivo, à medida que os crentes maduros andaram e têm andado juntamente com os novos crentes, para que estes aprendam a ser e a viver...

• Uma vida de fé.

• Uma vida de adoração.

• Uma vida de oração.

• Uma vida na qual cada um se torne uma pessoa que esteja de conformidade com a imagem de Cristo em todos os seus relacionamentos.

• Uma vida que resista continuamente à natureza do pecado (algo que também chamamos de guerra espiritual).

• Uma vida em que se façam escolhas piedosas.

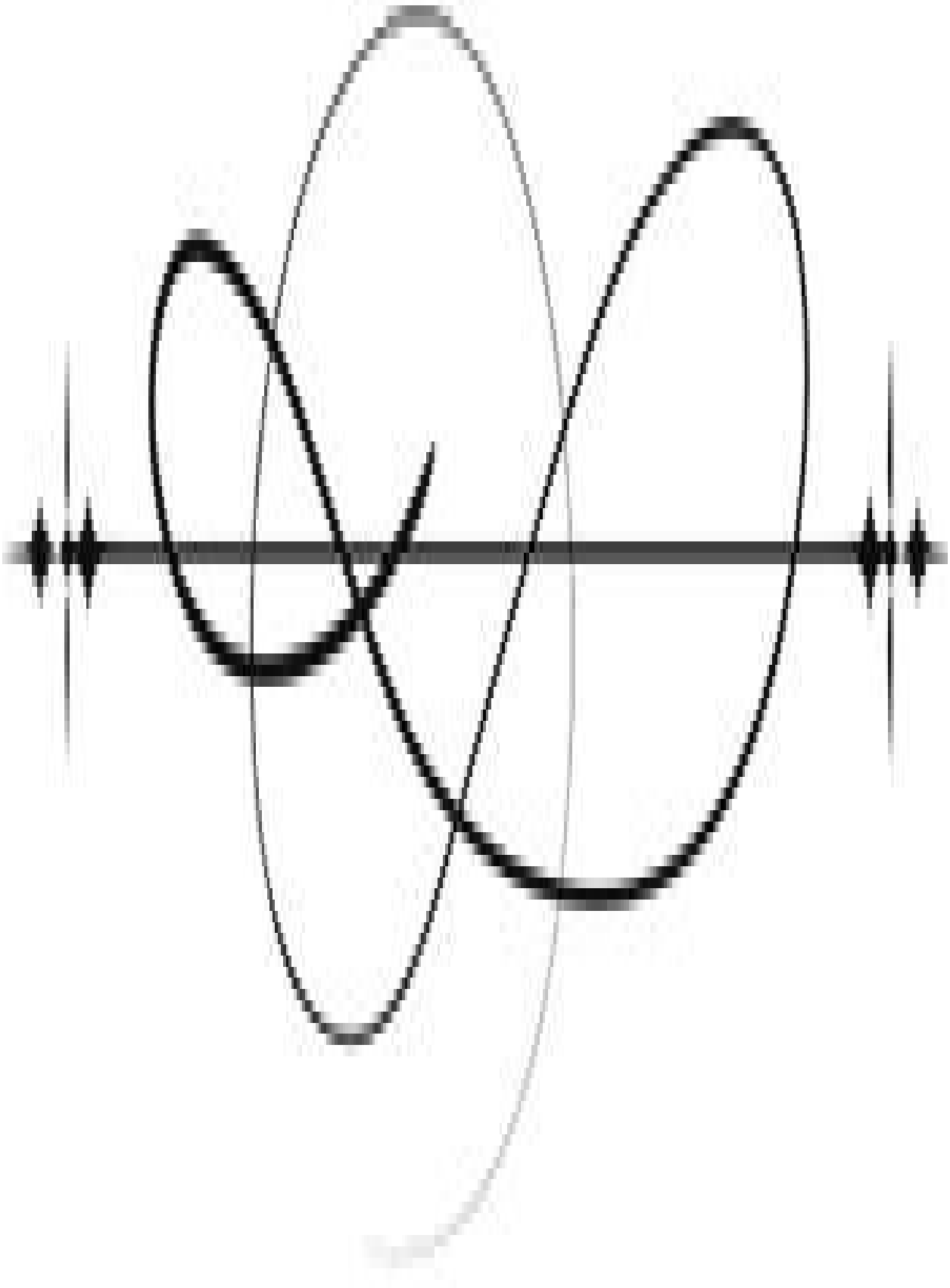
• Uma vida em que ocorra a reprodução espiritual.

Este processo de formação espiritual de discípulos foi exatamente a maneira como a Igreja Primitiva funcionou, e ela cresceu rapidamente. Este é o modelo que a igreja de nossos dias precisa adotar para fazer discípulos.

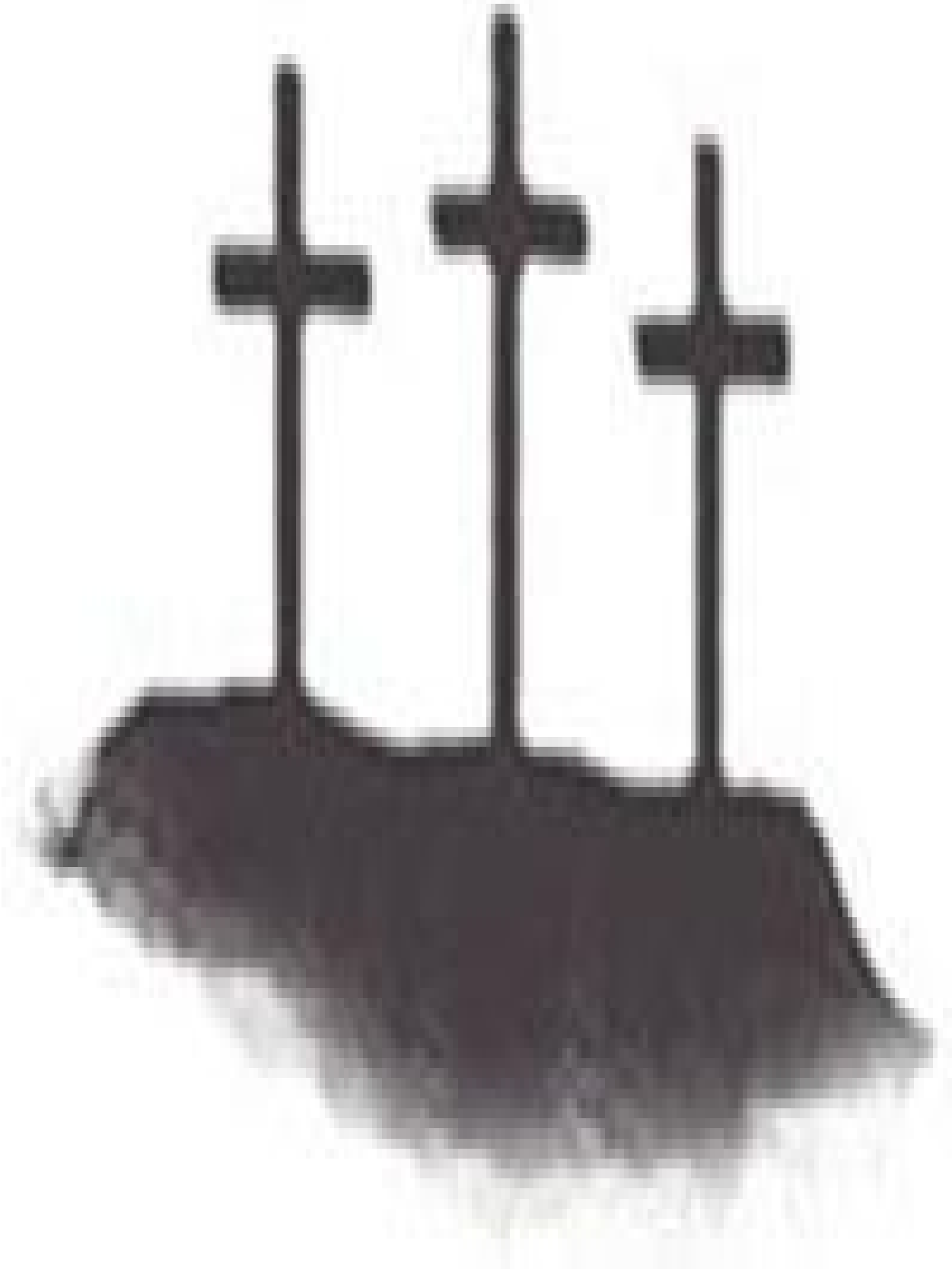
Há uma jornada altamente relacional: o processo pelo qual os cristãos mais

maduros funcionam como modelos diante de suas famílias e de suas comunidades, à medida que servem como mentores para uma nova geração de seguidores de Cristo. Esta é, de fato, uma via de duas mãos. Uma geração mais velha se torna o modelo de piedade que instila a sua própria vida dentro de uma nova geração. E uma nova geração é treinada para reconhecer o valor e buscar receber tudo o que puder de uma geração mais experiente. Os crentes mais velhos e mais maduros compartilham as suas experiências com os crentes que se converteram depois deles, e assim os crentes mais novos na fé buscam a sabedoria dos seus mentores. Unida, a igreja equipa as pessoas para que se tornem discípulos que fazem discípulos.

Quando você vê um grupo de seguidores de Jesus, transformados, e que, 1) são aquilo que a comunidade redimida de crentes deve ser; 2) estão atendendo as necessidades das pessoas feridas que estão à sua volta; 3) estão reconciliando os perdidos com Deus; e 4) estão equipando os seus santos para se reproduzirem espiritualmente, você está vendo a igreja de Jesus viva e muito bem. Estes crentes podem não estar expressando todas estas virtudes de uma forma perfeita, mas quando você vê estas características, está vendo uma expressão de Cristo vivendo através do seu povo. A igreja é o novo povo de Deus, o corpo de Cristo, a família de Deus — um local onde Deus vive no seu povo, que é a noiva de Cristo, e que é o seu agente para cumprir a missão que Ele mesmo nos deu. Esta é a igreja de Cristo, e ela está muito viva e visível em todo o globo terrestre.



Usando os princípios das Escrituras, descrevemos nos dois últimos capítulos o tipo de igreja a que as pessoas em sua comunidade responderão positivamente, o tipo de igreja que trará a transformação à vida das pessoas. As pessoas respondem positivamente ao enfoque da missão da igreja, e são atraídas aos seus autênticos modelos de amor. Olhe à sua volta, e você encontrará um grupo de pessoas na sua região que é, verdadeiramente, a igreja de Jesus. Talvez você já faça parte deste grupo. A igreja de Jesus está viva, e está cumprindo o seu propósito — que os cristãos demonstrem amor uns pelos outros, e procurem alcançar aqueles que ainda não conhecem a Cristo, levando esperança, amor, cura, e salvação a um mundo perdido e extremamente necessitado.



Capítulo Quarenta e Seis

A PRIORIDADE DA IGREJA

À medida que crescia, a igreja não significava muito para mim (Josh), de um modo geral porque aquilo que ela oferecia não tinha nada a ver com a minha vida. Pelo menos era isso que eu pensava. Eu era um jovem popular, e por esta razão me sentia aceito. Era bom nos esportes, e isso me trazia muitos elogios. Tinha muitos amigos, e então me sentia estimado. E como eu não era religioso, não percebia que precisava que a igreja fizesse parte de minha vida.

Mas, na verdade, eu era uma pessoa solitária. Oh, eu faria você pensar que todos eram os meus melhores amigos, e que eu não tinha nenhuma preocupação neste mundo. E embora os meus muitos amigos pudessem estar espalhados à minha volta em um raio de um quilômetro, as amizades não tinham uma profundidade superior a de alguns centímetros. Lá no fundo do meu ser, eu me sentia sozinho. O que eu não percebia é que Jesus e o seu corpo, a sua igreja, estava ali para me conduzir a Deus Pai e remover a minha solidão humana e a minha solidão espiritual.

O fato de nos sentirmos sozinhos não é, realmente, a indicação de que haja pecados em nossa vida, ou a marca de que sejamos ineptos em termos de relacionamentos. A solidão é um sinal de advertência que Deus nos concede, que nos diz que precisamos experimentar um relacionamento com Ele, e relacionamentos com outras pessoas, incluindo a sua igreja. É como se Deus tivesse colocado dentro de cada um de nós um dispositivo de “homing” que procura relacionamentos quando começamos a nos sentir sozinhos. E embora o pecado nos impeça de desenvolver o tipo de relacionamento que remova a nossa solidão, o pecado não é a causa da nossa solidão.

Por causa da nossa tendência a pecar, todos nós nos alienamos em relação a Deus. E Deus, é claro, é a solução para a perdição a que somos induzidos por este mundo. Através de Cristo podemos ter, novamente, aquele relacionamento que fomos criados para ter com Deus, e que perdemos devido aos nossos

pecados. Esta é a razão pela qual alguns acreditam que “Deus seja tudo o que precisam” para removerem a solidão que sentem. Mas este não é o caso. Lembre-se de que Adão vivia em um mundo perfeito, sem pecados, quando Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). Obviamente, Deus estava ali dedicando o seu amor perfeito à sua criação humana. Contudo, Ele sabia que Adão precisava de conexões relacionais com a sua própria espécie. Portanto, Deus criou outra pessoa para se unir ao ciclo de relacionamentos de amor entre o Pai, o Filho, o Espírito Santo e Adão. Deus poderia ter dito que Ele mesmo era tudo o que Adão precisava; mas Ele não disse isso. Ele criou uma mulher para ajudar a remover a solidão de Adão.

Como podemos ver, o intento de Deus foi evitar a solidão do homem através de um relacionamento tanto consigo, como também com uma família humana. Mas Ele prosseguiu oferecendo, também, outro meio. Ele deu ao seu povo devoto, a igreja, o privilégio e a responsabilidade de entrarem em profundos relacionamentos, uns com os outros, como um auxílio extra para removerem a solidão humana. Portanto, tendo as três provisões de Deus para os relacionamentos — a família, a igreja e o próprio Deus, não temos que nos sentir sozinhos.

Contudo, algumas pessoas resistem à ideia de que precisamos de alguém além de Deus. A ideia de precisar de outras pessoas é um tanto humilhante para estas pessoas. Deus é o Todo-Poderoso. Ele é a fonte de tudo o que existe no céu e na terra. Então, como é que alguém poderia pensar que precisaria de alguém mais? Na tentativa de dar suporte a esta posição, estas pessoas mencionam o apóstolo Paulo que, na maneira de entenderem, teria declarado que toda a sua suficiência estava somente em Cristo, quando disse, “Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fp 4.13). Eles dizem que esta passagem implica que somos espiritualmente fracos, se precisamos de algo ou de alguém além de Deus.

Mas não é isso que Paulo está dizendo. Observe o que o apóstolo diz logo depois do versículo 13. “Todavia, fizestes bem, associando-vos na minha tribulação... porque até para Tessalônica mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades” (Fp 4.14,16,ARA). A mensagem que Paulo estava transmitindo era a seguinte: “Faço todas as coisas através de Cristo, e Ele se agradou de envolver vocês neste processo”. Está bastante claro que todos nós precisamos de Deus; e Ele deixou bastante claro que precisamos uns dos outros.

Juntos para Alcançarmos um Propósito Grandioso

As Escrituras dizem: “Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Rm 12.4, 5). Deus nos planejou de um modo que precisássemos uns dos outros quando Ele nos criou conforme a sua imagem, como seres relacionais. Então Ele mesmo colocou dentro de cada um de nós necessidades de relacionamento que clamam para serem atendidas, tanto no relacionamento com Ele como no relacionamento de uns para com os outros. Quando estas necessidades são supridas, sentimos alegria e a sensação de que estamos completos. Quando estas necessidades não são supridas, nós nos sentimos sozinhos.

Porém há muito mais quando se trata da necessidade que temos de Deus e uns dos outros, do que a simples satisfação das nossas necessidades de relacionamento. Há um mundo perdido lá fora, e a nossa tarefa é pregar e viver o Evangelho, direcionando as pessoas a Cristo. O meio pelo qual Deus escolheu atrair as pessoas a Si é semelhante àquele dispositivo “homing”, que trabalha para remover a solidão — os relacionamentos.

Quando a igreja de Jesus está reunida em unidade e amor mútuo, Ele é exaltado e as pessoas são relacionalmente atraídas a Ele. Jesus disse: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13.35). Então o Senhor Jesus prosseguiu, orando por esta unidade amorosa do seu corpo, que é a sua igreja: “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim.” (Jo 17.21, 23).

A igreja se torna o verdadeiro “sal da terra” e a verdadeira “luz do mundo” quando os crentes se amam mutuamente assim como Cristo ama cada um deles. A maior plataforma que a igreja possui para proclamar a verdade de Jesus Cristo

é viver uma vida de amor entre os irmãos, e uma vida íntegra diante do mundo. Paulo disse, “Não dando nós escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja censurado” (2 Co 6.3).

No pecado, separadas de Deus, as pessoas se sentem sozinhas. A igreja é a presença poderosa de Cristo na terra, fazendo um chamado de braços abertos, “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). A igreja é o reflexo visível do Cristo invisível. E quando o seu corpo vive em uma unidade relacional com Deus, e uns com os outros, Deus realiza o seu grandioso propósito que consiste em redimir os perdidos.

A Prioridade: Suprir as Necessidades Espirituais ou as Necessidades Humanas?

Embora as Escrituras deixem claro que em nosso relacionamento com Deus, e em nosso relacionamento com os nossos irmãos suprimos as nossas necessidades, do que é que precisamos? Se os relacionamentos removem a nossa solidão, que necessidades são satisfeitas quando temos estes relacionamentos? As nossas necessidades podem ser classificadas, de um modo geral, em duas categorias bastante amplas: as necessidades humanas e as necessidades espirituais. As necessidades humanas incluem, por exemplo: as emocionais, as físicas, mentais e/ou educacionais, financeiras e assim por diante. As necessidades espirituais incluem a de sermos redimidos e justificados pela graça através da fé em Jesus, a de termos o precioso Espírito Santo, a de sermos consistentemente renovados através da oração, da palavra de Deus e assim por diante.

Qual destes dois tipos de necessidades — as necessidades humanas e as necessidades espirituais — você considera como a mais importante? Antes que você salte para o que considera a conclusão óbvia, considere a seguinte história, adaptada do livro The Never Alone Church, de autoria de um pastor e especialista em igrejas, David Ferguson:

O seu pastor inicia um sermão e, decorridos aproximadamente dois minutos, as portas laterais que dão acesso direto à plataforma do auditório é aberta em meio a um estrondo. Todas as cabeças se viram para ver o homem que está entrando,

um homem vestindo farrapos sujos, como “uma pessoa das ruas”. Pouco atrás dele entra um homem magro, com os olhos fundos, cambaleante, que mal consegue se equilibrar sobre os próprios pés. Logo depois dele entra uma jovem vestindo roupas bastante simples, acompanhada por duas crianças pequenas. Todos eles se dirigem à primeira fila e ali se sentam. O homem que parece morar nas ruas com o seu cabelo e com a sua barba embaraçados, parece estar escondendo a sua face atrás de uma máscara. O outro homem mal pode se sentar de um modo ereto, e a jovem sofre para manter as suas duas crianças pequenas quietas e sentadas.

Os olhos da congregação se movem de uma forma rápida e nervosa entre o seu pastor e estes visitantes que chegaram de surpresa. O ambiente está tenso, saturado com perguntas que não foram feitas: Quem são estas pessoas e o que querem? Como é que conseguiram passar pelos porteiros e atravessar o saguão? Será que estão embriagados, ou sob o efeito de drogas? Será que causarão um tumulto no culto? Alguém já pensou em chamar a polícia? Contudo, todos aqueles que estão ali sentados permanecem imóveis.

Então o seu pastor desce do púlpito e caminha em direção à pessoa que parece viver nas ruas, e diz: “Qual é a sua história?” Então o homem se levanta, vira-se para a congregação, e diz: “Estou sem trabalho há dois anos. Não tenho onde morar, e assim peço esmolas ou roubo qualquer coisa que puder, para que possa continuar vivo”.

Então o pastor olha para o outro homem e diz: “E qual é a sua história?” O homem, sofrendo náuseas, esforçando-se para ficar em pé, consegue se postar com alguma dificuldade e declara com sua voz áspera: “Estou fortemente medicado neste momento. Estou em um estágio terminal da AIDS. Como um homossexual, tive múltiplos parceiros, e esta enfermidade finalmente me pegou”.

Finalmente, o seu pastor se volta para a jovem e faz a mesma pergunta: “Então, qual é a sua história?” A mulher se coloca em pé, vira-se para a congregação e diz: “Sou uma mãe solteira e estou sem trabalho, e por esta razão dependo do sistema de serviço social para viver. Não sei exatamente quem são os pais dos meus filhos. Tive vários relacionamentos, com vários homens”.

Enquanto a jovem se senta, o seu pastor olha para você e para as outras pessoas que estão sentadas naquele auditório, e pergunta: “Quais são as verdadeiras

necessidades representadas nestas histórias, e como é que podemos supri-las?”[1]

Como você responderia esta pergunta? Como é que as outras pessoas na igreja em que você serve a Deus a responderiam? Algumas pessoas provavelmente diriam: “Eles precisam de Deus, em primeiro lugar, e mais do que tudo. Eles têm uma necessidade espiritual que é confessar os pecados que praticaram. A jovem precisa para de “sugar” o sistema de serviço social, e estas três pessoas precisam endireitar a própria vida”. Ainda poderia haver outro grupo que diria: “Antes de qualquer outra coisa, precisamos oferecer esperança a estas pessoas. Todas elas precisam de uma aceitação incondicional, conforto, e um suporte imediato. Uma delas precisa de abrigo e alimentos, duas delas precisam de um advogado para ajudá-las a se colocarem em pé, e uma precisa de cuidado e conforto em seus dias finais de vida. Elas têm necessidades e nós precisamos supri--las”. Então, parece que a verdadeira pergunta aqui é a seguinte: Será que a igreja deveria amar estas pessoas enfocando, em primeiro lugar, as suas necessidades espirituais, ou as suas necessidades humanas?

Trata-se de uma Questão de Prioridade?

Esta pergunta provavelmente nem seria feita se algo não tivesse acontecido pouco depois da virada do século XX. Durante décadas, a igreja esteve à frente das reformas e dos movimentos sociais visando atender as necessidades humanas das pessoas, sem, contudo, negligenciar as necessidades espirituais delas. Entretanto, alguns líderes que começaram a rejeitar certas doutrinas fundamentais da igreja, também começaram a interpretar o cristianismo exclusivamente em termos de um Evangelho social, negligenciando ou ignorando a dimensão espiritual. Os cristãos mais conservadores enxergaram este envolvimento nas ações sociais negligenciando as preocupações espirituais como uma substituição da verdade.

Como acontece de uma forma tão frequente, a reação a um extremo tende a produzir um erro em sentido contrário.

Após 1925, um grande número de igrejas conservadoras se retirou das atividades sociais como um esforço para rejeitar a teologia liberal, e se posicionarem ao

lado da divulgação da verdade. “Esta mudança de atitude foi chamada de ‘A Grande Reversão’”.[2] Os efeitos desta mudança ainda estão presentes, a ponto de muitas igrejas conservadoras em nossos dias enxergarem uma clara separação entre a atitude de suprir as necessidades humanas e as necessidades espirituais das pessoas. Assim, elas decidiram focar principalmente o lado espiritual. Está bastante claro que se a igreja cuidasse apenas das necessidades humanas, e jamais enfocasse as necessidades espirituais, haveria um grande desequilíbrio. Porém “A Grande Reversão” levou a igreja a um desequilíbrio na direção oposta.

Então, qual é a prioridade bíblica? Será que a igreja deveria ter como foco apenas as necessidades espirituais das pessoas, e negligenciar as necessidades humanas? Ou será que a igreja deveria estabelecer as necessidades espirituais como a sua principal prioridade, e então tratar das necessidades humanas? Será que a igreja deveria atender as necessidades humanas em primeiro lugar e esperar que a pessoa consiga, de algum modo, ter as suas necessidades espirituais atendidas? Ou será que ela deveria atender as necessidades humanas como um método para alcançar as pessoas, espiritualmente?

Jesus Responde à Pergunta

Cristo, o Cabeça da igreja, nos dá a resposta. A verdade é que o Senhor Jesus não fez uma clara distinção entre as necessidades humanas e as necessidades espirituais. Jesus disse aos seus discípulos: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mt 22.37-40). Jesus estava dizendo que devemos amar a Deus com tudo que somos — de maneira espiritual, emocional, mental, física, economicamente, etc. E devemos amar as outras pessoas com tudo o que são — espiritual, emocional, mental, física, economicamente, etc. Ele não colocou as necessidades humanas à frente das necessidades espirituais, nem as necessidades espirituais à frente das necessidades humanas.

Entretanto, Ele disse que devemos amá-lo e adorá-lo acima de tudo e de todos, e que Ele, por sua vez, supriria todas as nossas necessidades, tanto as humanas

quanto as espirituais (Mt 6.19-34; Fp 4.18-20). Mas Jesus não separou as nossas necessidades humanas das nossas necessidades espirituais. Ele não disse, “atenderei primeiro esta, depois aquela, e mais tarde aquela outra”... e assim por diante. Na realidade, Jesus supre as necessidades das pessoas no ponto em que estão no momento, conforme as necessidades que tenham no momento quer estas sejam espirituais ou humanas.

Jesus não disse ao cego: “Se você não crer em mim como seu Salvador, então não vou lhe curar”. Ele também não disse ao paralítico: “Vamos fazer um trato: Vou curar e restaurar completamente as suas pernas, se você se decidir a ter um relacionamento comigo”. O Senhor Jesus foi movido por um sentimento de compaixão pelas necessidades humanas e espirituais destas pessoas, e se dispôs a atender ambas.

As Escrituras descrevem um encontro entre Jesus e um homem chamado Zaqueu. Embora este homem fosse judeu, ele era um agente do odiado governo Romano. Ele era um cobrador de impostos. O povo judeu se ressentia por ter que pagar os impostos romanos, e se ressentia ainda mais em relação àqueles judeus que faziam com que as ordens dos romanos fossem cumpridas. Estes cobradores de impostos frequentemente extorquiam dinheiro do povo para engordar os seus próprios bolsos. Assim, Zaqueu, sem dúvida, sentiu-se criticado e rejeitado pelos seus vizinhos, e talvez até mesmo temesse sofrer algum tipo de represália. Ele certamente se sentia sozinho. Então, como pecador, ele tinha uma necessidade espiritual: ser perdoado. Além disto, ao ser rejeitado pelos seus compatriotas judeus, ele tinha uma necessidade humana: sentir-se aceito.

Então, o Senhor Jesus disse a este pecador rejeitado, sim, a este enganador? Zaqueu estava “empoleirado” em um galho, no alto de uma árvore, para que pudesse ter uma visão melhor de Jesus de Nazaré, que estava passando por aquele local. Quando Jesus olhou para cima, em direção a Zaqueu, a primeira coisa que Ele disse foi: “Zaqueu, desce depressa, porque, hoje, me convém pousar em tua casa.” (Lc 19.5).

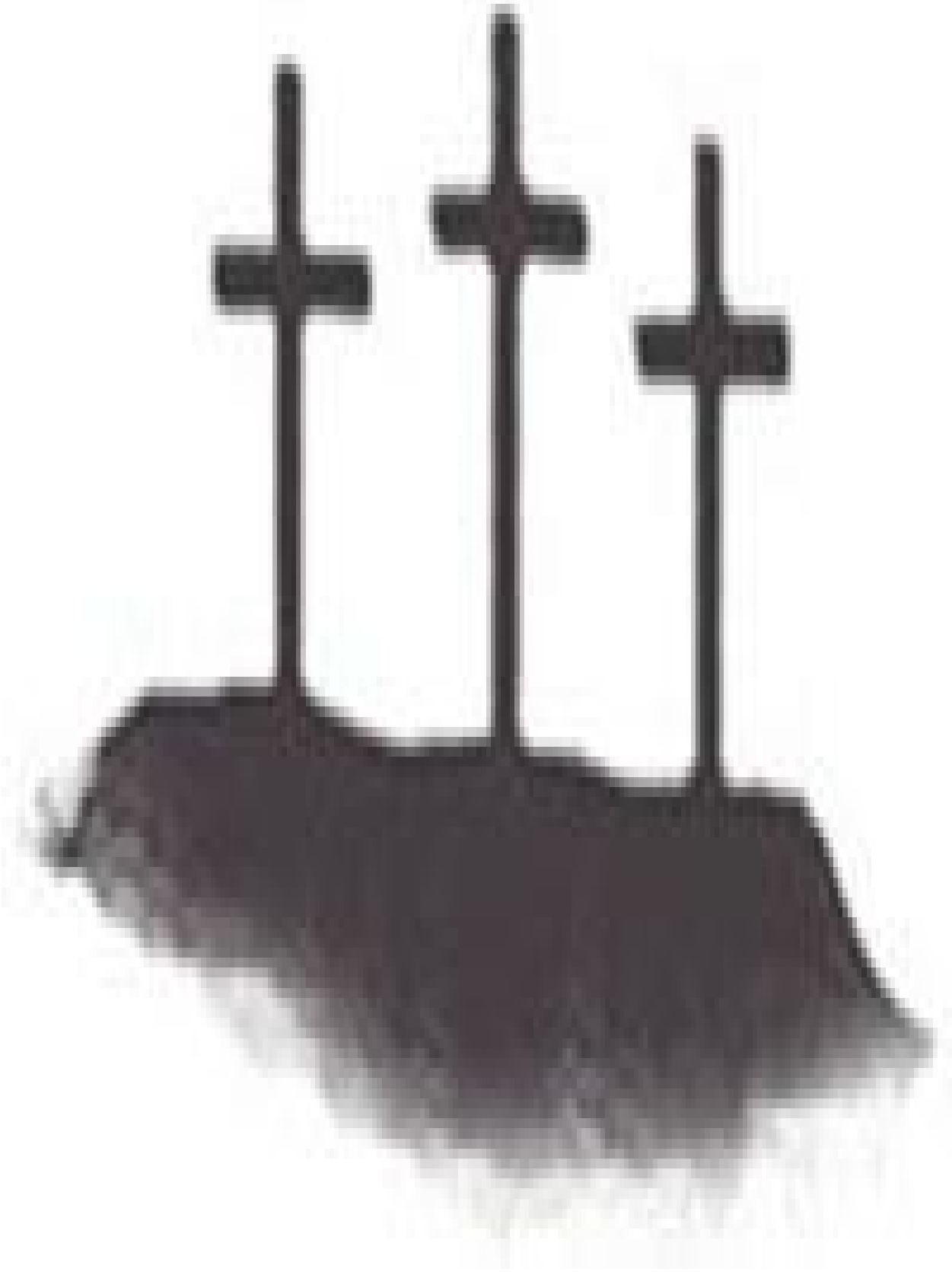
O Senhor Jesus foi movido por um sentimento de compaixão pelas necessidades humanas e espirituais destas pessoas, e se dispôs a atender ambas.

Jesus não poderia ter feito algo mais decisivo para demonstrar a sua aceitação incondicional àquele coletor de impostos tão rejeitado, do que declarar publicamente que iria à sua casa para comer com ele. Naqueles dias, ir à casa de uma pessoa para comer com ela significava o máximo em termos de comunicar aceitação. As Escrituras dizem que “apressando-se, desceu e recebeu-o com júbilo. E, vendo todos isso, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador” (Lc 19.6,7).

Ao comer com este pecador, o Senhor Jesus não comprometeu a verdade. Ele ainda manteve a sua posição de que enganar e roubar são atitudes completamente erradas. Mas o Mestre obviamente não pensava que Zaqueu precisasse, em seu primeiro encontro, de um sermão sobre quão maligno era o seu comportamento como um cobrador de impostos e um enganador. O que Jesus fez foi encontrar Zaqueu no ponto de sua maior necessidade, que era a aceitação. Assim, aquele cobrador de impostos respondeu de forma positiva ao Senhor Jesus, com um coração arrependido, dizendo: “Eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado” (Lc 19.8). A abordagem do Senhor Jesus em relação a Zaqueu, que se deu no campo relacional, supriu as necessidades dele tanto no âmbito humano quanto no campo espiritual. Esta é uma característica clara do Senhor Jesus — o seu amor sempre vai ao encontro das pessoas no ponto em que possuem as suas necessidades, tanto humanas quanto espirituais.

Esta é outra maneira de dizer que o Grande Mandamento do Senhor Jesus que consiste em amar a Deus e ao nosso próximo está inseparavelmente ligado à sua Grande Comissão, que consiste em fazer discípulos de todas as nações (Mt 28.19). Os novos discípulos devem nascer a partir do nosso amor a Deus e ao nosso próximo — ao irmos ao encontro das pessoas no ponto das suas necessidades, tanto humanas quanto espirituais. Em outras palavras, as nossas necessidades humanas e espirituais são supridas por um amor que diz: “Importo-me com todos vocês, e o meu amor entrará em ação para que eu tenha um encontro com cada um de vocês exatamente no ponto de suas necessidades físicas, emocionais, espirituais, financeiras, e outras”. Este é o amor que ama a pessoa como um todo. O apóstolo João estava falando a respeito deste amor quando disse, “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. E nisto conhecemos que somos da verdade e diante dele

asseguraremos nosso coração” (1 Jo 3.18, 19).



Capítulo Quarenta e Sete

COMO A IGREJA ATENDE ÀS NECESSIDADES HUMANAS E ESPIRITUAIS

Você sente necessidade de aceitação? Você anseia por aprovação? Você está procurando louvor? Se o seu coração bate, você tem essas necessidades. Até mesmo o seu cão, se você tiver um, tem essas necessidades. Mas os nossos desejos de aceitação, aprovação, louvor e outros, representam necessidades humanas ou espirituais?

A verdade é que eles representam os dois tipos de necessidades. Quando Jesus encontrou Zaqueu, na sua necessidade de aceitação, na realidade Ele atendeu uma necessidade humana e também uma necessidade espiritual. Como o Mestre Rabi, a sua aceitação condicional produziu em Zaqueu alegria e júbilo. Ele se sentiu valorizado por um colega judeu. Quiçá pela primeira vez, depois de assumir o seu trabalho com o governo romano, o coletor de impostos sentiu que tinha algum valor como ser humano. Mas Zaqueu necessitava mais do que a simples aceitação por um dos seus. Ele precisava ter removida a sua culpa por trapacear e enganar. E, como o Filho de Deus tinha o poder para remover a sua culpa, a aceitação incondicional de Jesus motivou o arrependimento de Zaqueu, e a sua necessidade espiritual de perdão foi atendida.

As nossas necessidades humanas e espirituais podem ser classificadas na categoria única de necessidades de relacionamento. Nós temos uma necessidade de relacionamento, de nos sentir aceitos por Deus (que é uma necessidade espiritual), bem como nos sentir aceitos por outras pessoas (que é uma necessidade humana). Nós temos uma necessidade de relacionamento para sentir a aprovação de Deus — uma necessidade espiritual; e de sentir a aprovação de outras pessoas — uma necessidade humana. Nós também temos um desejo de relacionamento, de ter uma sensação de segurança, de louvor, de atenção e assim por diante. E cada uma dessas necessidades tem uma dimensão espiritual e uma dimensão humana. Assim, quando começamos a encontrar pessoas em suas necessidades espirituais, Deus se alegra em nos envolver para tratar tanto das necessidades humanas quanto espirituais dessas pessoas, sem necessariamente

tratá-las como uma prioridade.

E o emocionante é que Deus congregou a sua igreja para atender todas as nossas necessidades de relacionamento, tanto espirituais como humanas. Ouça como Paulo descreve a igreja:

Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela, para que não haja divisão no corpo, mas, antes, tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. (1 Co 12.24-26)

Este versículo deixa claro que os membros da igreja devem cuidar, uns dos outros, com amor; consolar uns aos outros no sofrimento e alegrar-se uns com os outros na felicidade. Isso faz com que nos sintamos cuidados. Isso também cria a unidade entre o povo de Deus, tanto espiritualmente como no nível humano.

Paulo disse também: “Todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor” (Ef 2.21). Esta é uma unidade que vai além de evitar a separação e a divisão. É uma unidade que combina harmoniosamente o seu dom espiritual com um dom espiritual diferente, mas complementar, de um colega de fé. E isso acontece de tal maneira que as suas forças são maximizadas e as suas fraquezas são tornadas irrelevantes. Assim, unindo-se aos que são fortes quando você é fraco, a sua fraqueza se torna forte. Isso atende a sua necessidade de respeito, apoio e aprovação, e você obtém uma sensação de inteireza e competência que nunca poderia sentir sozinho.

É pelo amor da pessoa completa que Deus se alegra em tornar a igreja verdadeiramente relevante para a vida de outras pessoas.

Quando os membros do Corpo se encaixam e se unem dessa maneira, Deus realiza grandes coisas por meio deles. Quando o dom espiritual da exortação se combina com o dom espiritual do ensino, e então se combina com o dom da hospitalidade, e depois com o dom da administração, com o dom da evangelização, e assim por diante, todos nós sentimos o poder de Deus em ação de uma maneira poderosa. E quando cada um de nós age sobre a necessidade que temos uns dos outros, isso impede que uma pessoa dê um passo à frente e declare: “Sou quem é verdadeiramente importante aqui” ou “Sou quem realmente está fazendo tudo acontecer”. Aceitar que cada um de nós se torna completo no corpo de Cristo impede que nos concentremos em nós mesmos, para que possamos nos concentrar naquEle que realmente é merecedor disso — Cristo.

Amor pela Pessoa Completa

Já identificamos várias necessidades de relacionamento que representam necessidades espirituais e também humanas, como aceitação, consolação, apoio, respeito e aprovação. Muitas dessas necessidades estão identificadas nas Escrituras. David Ferguson identificou mais de 50 necessidades de relacionamento nas Escrituras. Vamos abordar dez das necessidades de que ele trata detalhadamente no seu livro, The Never Alone Church. Quando melhor entendermos essas necessidades de relacionamento, melhor perceberemos como Deus quer amar os outros por nosso intermédio para satisfazer as necessidades humanas e espirituais das pessoas à nossa volta. É por esse amor pela pessoa completa que Deus se alegra em tornar a igreja verdadeiramente relevante na vida de outras pessoas. Jesus disse: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos [a minha igreja], se vos amardes uns aos outros” (Jo 13.35).

O Amor Satisfaz a Necessidade de Consolação

O amor traz consolação dando esperança; aliviando uma angústia ou dor;

consolando; e sofrendo com uma pessoa.

“Deus [é] o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação” (2 Co 1.3,4).

Em algum ponto da vida, todos sofrem alguma dificuldade física, emocional ou espiritual. Quando tratamento médico é fornecido para aliviar ferimentos físicos ou doenças, podemos acompanhar em oração para ajudar a pessoa que luta com a doença ou a dor. Também podemos estar presentes pessoalmente para dar consolação. Paulo diz: “Chorai com os que choram” (Rm 12.15) quando uma pessoa estiver sofrendo emocional ou fisicamente. Quando fazemos isso, alguma coisa sobrenatural acontece. “Ele [Deus] nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus” (2 Co 1.4). Quando fazemos isso, a pessoa que sofre está recebendo mais consolação do que aquela que estamos dando; Deus está ministrando por nosso intermédio para também consolar essa pessoa. Nós, a sua igreja, somos o seu canal de consolação e cura para os que estão sofrendo. Nesse ponto, a pessoa está recebendo a bênção espiritual de consolação de Deus, bem como a consolação humana que você está dando.

Como dissemos em um capítulo anterior, consolar os outros não tem a ver com tentar “consertar” as pessoas, nem discipliná-las, nem ministrar-lhes um sermão. Um amor que consola acontece simplesmente pelo fato de uma pessoa estar ali para compartilhar o sofrimento de outras pessoas e deixar que elas saibam que você está sofrendo com elas. Pode ser uma dor física, um sofrimento emocional ou um problema emocional. Um amor que consola permite que a outra pessoa sinta não apenas as suas palavras e o seu toque, mas também o de Deus. Como disse Paulo: “Somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse” (2 Co 5.20).

O Amor Satisfaz a Necessidade de Atenção (Cuidado)

O amor mostra cuidado ou atenção, pensando sobre outra pessoa, transmitindo interesse e preocupação, entrando no mundo da outra pessoa.

“Tenham os membros [da igreja] igual cuidado uns dos outros” (1 Co 12.25).

Deus nos mostrou esse tipo de amor quando entrou no nosso mundo e assumiu a forma humana para satisfazer todas as nossas necessidades. Deus demonstrou que se importava o suficiente para deixar o céu e se sacrificar por nós. O nosso amor pelos outros, semelhante ao de Cristo, é capaz de encontrar as pessoas em sua necessidade de atenção, quando sacrificamos o nosso tempo e a nossa energia para estar com elas. Este tipo de cuidado com as necessidades humanas frequentemente prepara o seu coração para receber a mensagem espiritual de Cristo.

O Amor Satisfaz a Necessidade de Aceitação

O amor mostra aceitação incondicional amando os outros como eles são.

“Recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus” (Rm 15.7).

A aceitação amorosa de Jesus pode distinguir quem somos daquilo que nós fazemos. Ele pôde separar Zaqueu, como o coletor de impostos enganador, de um homem em necessidade de amor e aceitação. O amor de Jesus fez duas coisas por Zaqueu: aceitou o homem que lutava com a rejeição e fez com que Jesus morresse para absolver a culpa do pecador enganador e mentiroso. É esse tipo de aceitação incondicional que permitiu que Jesus morresse por todos nós enquanto ainda éramos pecadores. Quando aceitamos as outras pessoas sem condições, isso diz a elas que têm grande valor para nós e para Deus. Quando aceitamos os outros, independentemente de suas deficiências, de seus problemas físicos, ou suas limitações, eles podem sentir que têm o seu lugar. E isso pode

abri-los para receber a aceitação de Deus.

O Amor Satisfaz a Necessidade de Apreciação

O amor expressa apreciação, louvando outra pessoa e transmitindo gratidão por meio de palavras e obras.

“Louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim” (1 Co 11.2).

Deus criou cada um de nós com a necessidade de sermos louvados por outras pessoas. Quando expressamos gratidão por um cônjuge, um filho, um irmão na fé, um amigo ou um estranho, estamos demonstrando um amor que satisfaz a necessidade de apreciação dessa pessoa. Quando você faz com que as pessoas saibam que está profundamente agradecido por quem elas são ou pelo que elas fizeram, você remove um pouco da sua sensação de solidão, e Deus pode ministrar o seu amor por elas, por seu intermédio.

O Amor Satisfaz a Necessidade de Apoio

O amor dá apoio, ficando ao lado de outra pessoa para sustentar uma carga e ajudar a suportar um problema.

“Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2).

As pessoas podem se sentir muito sozinhas, quando estão tensas, estressadas, desapontadas, ou se sentem sobrecarregadas física, emocional ou espiritualmente; Deus pode operar por nosso intermédio quando ficarmos ao

lado dessas pessoas e as ajudarmos, sustentando a sua carga. Podemos como levar uma mensagem por eles, cortar o seu gramado, consertar algo quebrado, ajudar financeiramente, orar com elas, ajudá-las com os deveres domésticos, ou qualquer outra coisa que alivie a pressão e diminua o peso de sua carga. Quando damos apoio às necessidades humanas e espirituais de outras pessoas, de acordo com os ensinamentos de Cristo, elas podem ver o nosso amor e a glória de Deus. Porque "todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Co 3.18).

O Amor Satisfaz a Necessidade de Encorajamento

O amor oferece incentivo, inspirando com coragem e impulsionando a outra pessoa a seguir em frente, rumo a um objetivo.

"Exortai-vos uns aos outros e edificai-vos uns aos outros" (1 Ts 5.11).

As pessoas se sentem desencorajadas. Elas podem perder a esperança, por desapontamentos, rejeição ou fracassos. Nós devemos agir como embaixadores de amor de Cristo, para dar esperança, animar o espírito dos desencorajados, dar inspiração, e incentivar os outros rumo a objetivos positivos. O amor de Cristo, fluindo por nosso intermédio, oferece uma palavra de estímulo, um cartão ou um cântico, uma oração de exaltação, um momento de alegria... qualquer coisa que anime o espírito dos desencorajados.

O Amor Satisfaz a Necessidade de Afeto

O amor mostra afeto que transmite cuidado, carinho e intimidade, oferecendo palavras cativantes e toque físico apropriado.

“Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal” (Rm 12.10).

Nós fomos criados com a necessidade de relacionamento de conexão com os outros. E as palavras de afeto e o toque apropriado entre amigos fazem grandes coisas para remover a nossa solidão e fazer com que os outros saibam que nos interessamos e cuidamos deles. O afeto não é necessário apenas quando uma pessoa se sente desencorajada ou desanimada. Ele é necessário continuamente, para manter uma pessoa saudável, tanto em um nível humano como espiritual. O afeto faz com que as pessoas saibam que são dignas de ser amadas. Paulo disse à igreja: “Saudai-vos uns aos outros com santo ósculo” (Rm 16.16). Isso ainda é feito comumente no mundo do Oriente Médio. No Ocidente, o costume é um aperto de mão ou um abraço. O afeto físico é um dos desígnios de Deus, para expressar o seu amor, por nosso intermédio, para os outros. “Se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado” (1 Jo 4.12, ARA).

O Amor Satisfaz a Necessidade de Aprovação

O amor dá aprovação, expressando satisfação com uma pessoa, demonstrando que ele ou ela tem agradado o outro.

“Quem nisto serve a Cristo agradável é a Deus e aceito aos homens” (Rm 14.18).

Todos nós precisamos ouvir as palavras: “Estou satisfeito com você”. Quando transmitimos esse sentimento a outras pessoas, por meio de palavras e ações, nós as satisfazemos em sua necessidade de serem aprovadas. A aprovação de outra pessoa deve se concentrar mais no valor dela do que nas suas obras e realizações. Dessa maneira, nós valorizamos as qualidades da pessoa que permitem que ela obtenha sucesso. Quando nos concentramos em qualidades como persistência, criatividade, determinação, diligência, e outras, isso coloca a atenção na pessoa, e não no seu desempenho. Todos nós temos a necessidade

humana de aprovação. Nós também temos a necessidade espiritual de aprovação. Em última análise, todos nós queremos ouvir as pessoas e Deus dizendo: “Bem está, servo bom e fiel” (Mt 25.21).

O Amor Satisfaz a Necessidade de Segurança

O amor dá segurança, eliminando o perigo e removendo o medo da perda, da necessidade e dos relacionamentos destruídos.

“No amor não existe medo” (1 Jo 4.18, ARA).

Quando temos a proteção e a provisão de amor de Deus, isso nos dá uma sensação de segurança. Nós atendemos as pessoas em sua necessidade de segurança quando as ajudamos para que se sintam confiantes de que serão cuidadas no futuro.

David Ferguson, em seu livro The Never Alone Church, ressalta:

As pessoas amadas podem se sentir satisfeitas quando suas necessidades atuais estão sendo supridas, mas elas se sentem seguras quando têm confiança de que as suas necessidades futuras serão satisfeitas. Por exemplo, os seus filhos ficam satisfeitos depois que você lhes proporciona uma boa refeição. Mas eles se sentem seguros quando sabem que o seu amor inclui um compromisso de atender as suas necessidades futuras, e de estar com eles amanhã, na próxima semana e no próximo mês. O seu cônjuge pode se sentir satisfeito com um lar confortável e roupas bonitas. Mas ele se sentirá seguro quando o seu amor o impulsionar a se preparar adequadamente para o futuro, particularmente com um compromisso com o crescimento espiritual e a harmonia conjugal. Uma amiga pode se sentir satisfeita quando você a ajuda a orar tendo em vista uma importante decisão, mas ela se sentirá segura quando sentir o seu compromisso com uma amizade profunda e duradoura.[1]

Quando estendemos aos outros um amor como o de Cristo, eles podem se sentir seguros no nosso relacionamento com eles. Todos nós temos a necessidade humana de segurança e temos a necessidade espiritual de segurança. Quando o apóstolo João disse: “No amor não existe medo”, ele prosseguiu, dizendo, “o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor” (1 Jo 4.18, ARA). E o seu amor é perfeito em nós quando somos justificados — declarados justos diante de Deus, por causa da morte expiatória de Jesus por nós. É quando podemos nos sentir absolutamente seguros no seu amor.

O apóstolo Paulo não poderia ter se manifestado de maneira mais convincente quando disse:

Estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Rm 8.38,39)

O Amor Satisfaz a Necessidade de Respeito

O amor mostra respeito valorizando uma pessoa e transmitindo que ela tem grande valor.

“Tratai todos com honra” (1 Pe 2.17, ARA).

Tratar as pessoas com honra tem a ver com honrar quem elas são e o que elas fazem. As Escrituras dizem que devemos honrar a Deus, os nossos pais, os idosos e os governantes. Paulo também diz que devemos viver “Preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12.10). Quando respeitamos as ideias de outra pessoa, as suas perspectivas sobre as coisas, as suas opiniões, o seu tempo, os

seus desejos e a sua programação, estamos transmitindo que ela é importante e valiosa para nós. Quando você satisfaz as necessidades que outra pessoa tem de respeito, ela sente que vale alguma coisa, e isso a ajuda a ver que é valiosa para você e para Deus.[2]

Nós não Temos que Estar Sozinhos

Cristo nos deu o seu corpo, a igreja, para que possamos estar equipados para o serviço e ministrar o seu amor aos outros, para satisfazer as necessidades humanas e espirituais das pessoas à nossa volta. Como parte dessa igreja, não temos que estar sozinhos. Cristo está presente em nossa vida, por meio da presença interior do Espírito Santo de Deus, e os membros do seu corpo estão conosco, em todas as situações.

A igreja de Deus está viva hoje, e muito bem, para oferecer esperança como a personificação viva do amor de Jesus que, entre outras coisas, diz a você e a um mundo necessitado:

• Existe consolação para aliviar os seus sofrimentos físicos, para lhe fornecer um ombro sobre o qual você pode chorar, e para produzir a cura interior.

• Existe atenção (cuidado) que transmite que você é tão importante para Deus que Ele morreu para ter um relacionamento contigo, e a sua igreja está aqui para ajudar a tratar de todas as suas necessidades humanas e espirituais.

• Existe aceitação que diz que você é amado por quem é não importa o que aconteça.

• Existe apreciação que o louva por quem você é e pelo que fez.

• Existe apoio quando você precisa de uma mão que lhe ajude ou de um ombro para suportar uma carga pesada.

• Existe encorajamento quando você está lutando com desapontamentos,

fracassos ou dificuldades.

• Existe afeto para ajudá-lo saber que, em meio a tudo, você é verdadeiramente amado.

• Existe aprovação que diz “estou satisfeito com você”.

• Existe segurança em tempos de perigo, para remover o seu medo do futuro.

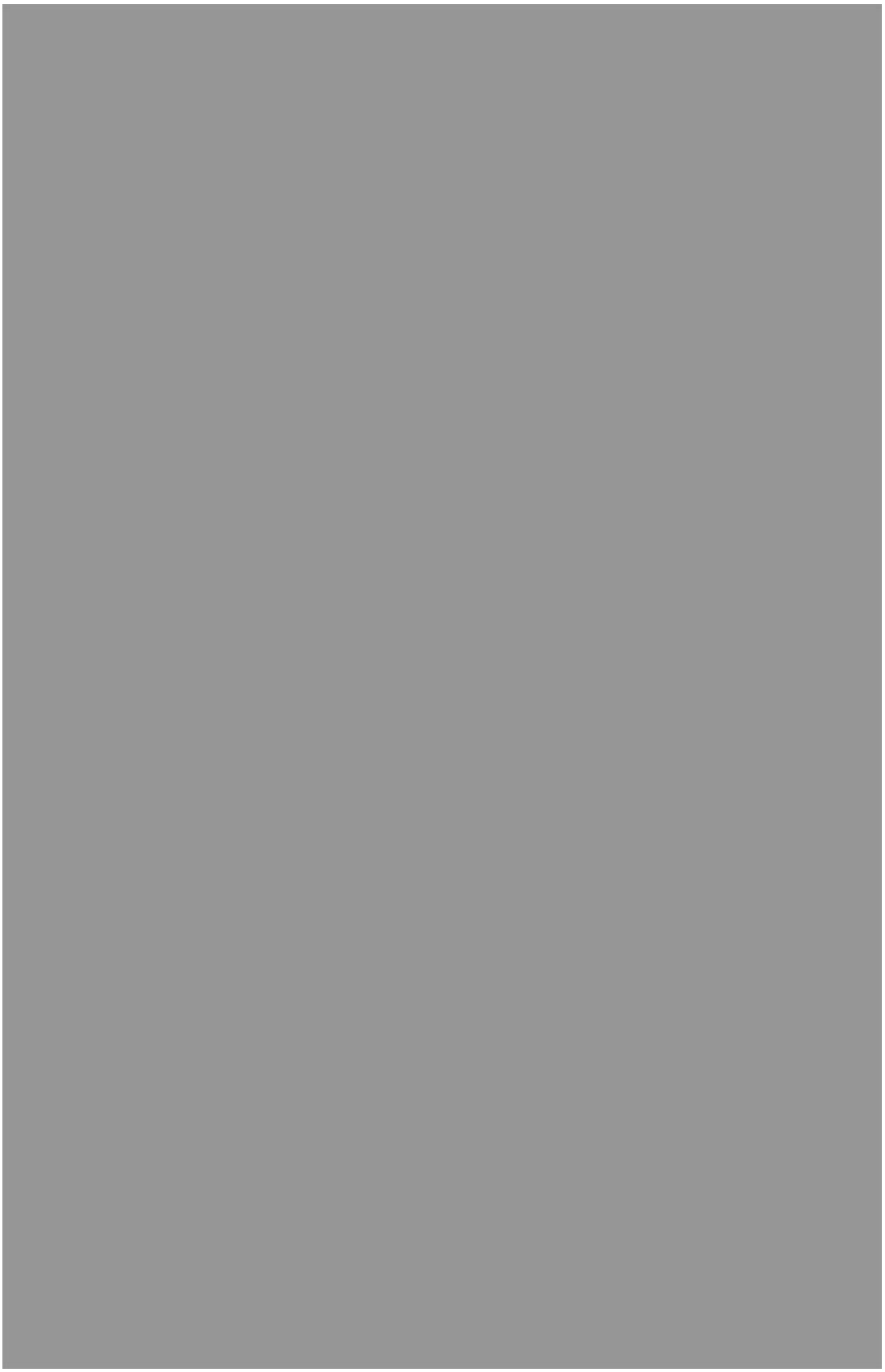
• Existe respeito que o honra pelo que você pensa e o valoriza pela sua contribuição.

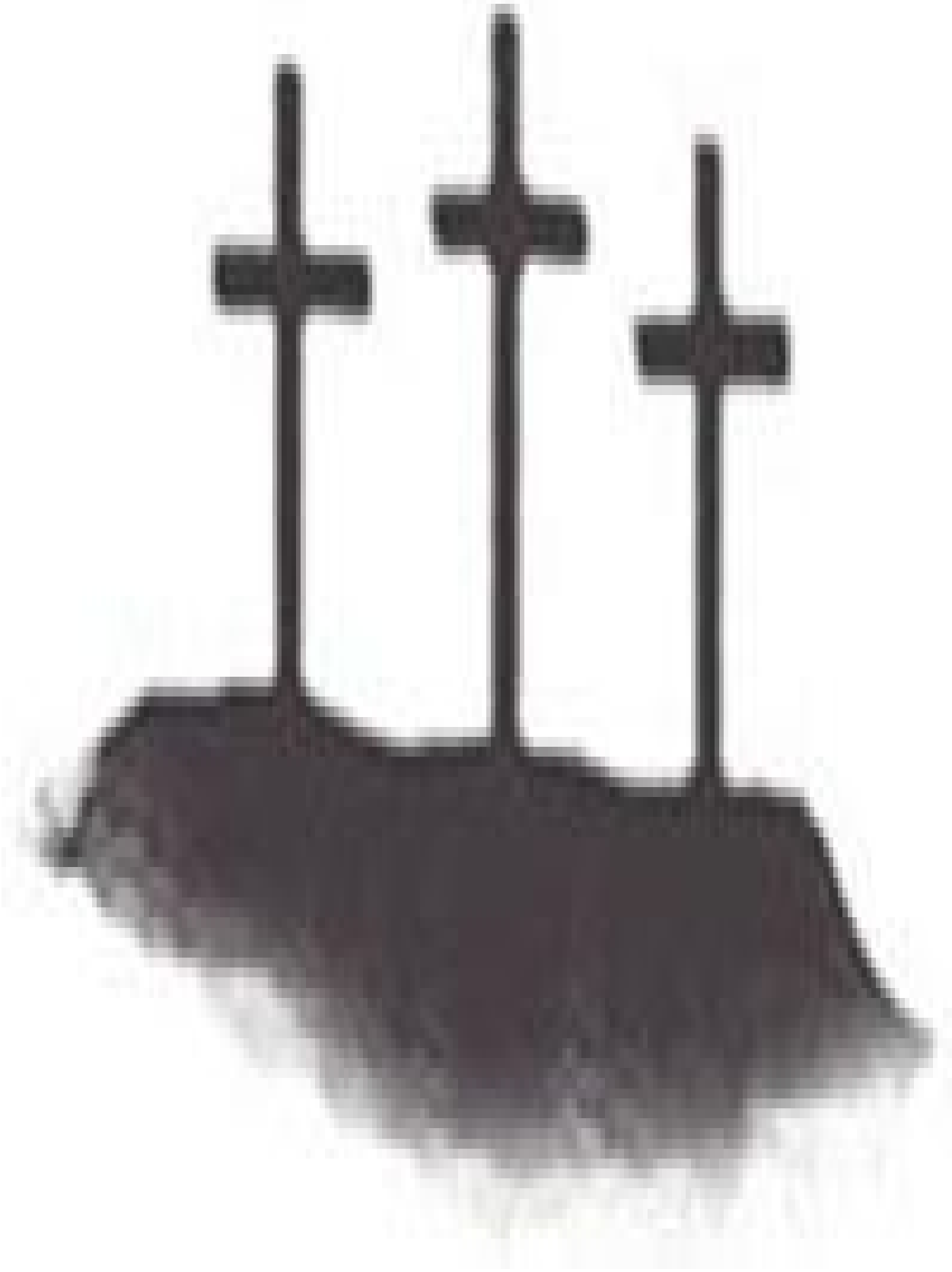
A igreja, o corpo de Cristo, está viva, e muito bem, para:

O aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulosamente. Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo (Ef 4.12-15).

Verdade Número Doze

A Volta de Cristo





Capítulo Quarenta e Oito

O NOSSO LAR RESTAURADO: O CÉU NA TERRA

O celeiro tinha apenas metade de suas telhas. Algumas das janelas estavam quebradas. Um dos lados estava quase sem pintura, e a pouca tinta que ainda permanecia no interior estava desbotada e descascando. A porta do celeiro estava torta, indicando que toda a fundação tinha estabilidade questionável. Ervas daninhas de todos os tipos cobriam o chão, que estava forrado com camadas de folhas mortas e lixo trazido pelo vendo e acumulado com o passar dos anos.

Eu (Sean) fiquei ali, olhando esse velho lugar, enquanto meu pai (Josh) esticava o braço em direção a ele e dizia às minhas irmãs e a mim que essa era a fazenda leiteira de 120 acres que ele chamava de lar quando estava crescendo na periferia de Union City, no estado de Michigan. Olhei para o celeiro dilapidado, a estrutura para depósito de milho que se inclinava precariamente, e os campos em que a vegetação havia crescido demais e tentei imaginar como seria o lugar no início dos anos 1940.

Papai se lembrava de quando sua irmã mais velha voltava para casa, para visitar a família, e como ele ajudava a fazer sorvete caseiro na varanda de trás da casa. Ele dizia que sua mãe fazia a melhor cerveja escura de todo o estado de Michigan, e ele tinha bebido avidamente toda a cerveja escura que seus pais o deixassem beber. Meu pai via claramente mais nessa propriedade do que minhas irmãs. Nós víamos um lugar em ruínas; mas ele, através das lentes de aumento da lembrança, via o lugar como havia sido.

Quando caminhávamos em direção à estrutura para depósito do milho, todo o comportamento dele mudou. As lembranças agradáveis do sorvete caseiro e da cerveja escura rapidamente desapareceram. A realidade era que as lembranças felizes de infância do meu pai eram poucas e muito distanciadas. Nós estávamos a poucos passos da velha estrutura inclinada quando ele parou abruptamente. Enquanto olhava para a estrutura maltratada pelo vento, lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. Em segundos, ele foi dominado pela emoção. Meu pai

parecia paralisado pelas lembranças daquele dia terrível de vergonha e abandono, há tantos anos. Como se estivesse vendo um filme antigo, ele parecia ver aquele menino de 11 anos de idade, assustado, amedrontado e sozinho, enterrado até o pescoço no milho, escondendo-se da cena humilhante de um pai embriagado e descontrolado. Isso era mais do que o meu pai podia suportar, e ele chorou abertamente. Minhas irmãs e eu o envolvemos com nossos braços e choramos juntos.

Naquele dia, eu vi o meu pai de maneira diferente. Esta antiga fazenda, agora em ruínas, havia sido o seu lar na infância. Ele desejara muito que fosse um lugar de paz e segurança, alegria e felicidade. Mas o lar havia estado distante de tudo isso para ele, e naquele dia entendi, mais profundamente, como havia sido dolorosa a sua infância — uma infância destruída que nunca poderia ser restaurada ao que deveria ter sido.

Jesus Está Voltando para Restaurar o que Está em Ruínas

Há dois mil anos, Deus viu, através dos olhos humanos, um mundo inteiro em ruínas. O que havia sido um paraíso de paz e segurança, alegria e felicidade, era agora um mundo de dor e sofrimento, homicídio e destruição. O Filho de Deus ficou diante da cidade cheia de pessoas que o rejeitavam, e lamentou: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Porque eu vos digo que, desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Mt 23.37-39).

Eu (Josh) não tive os recursos para restaurar a antiga fazenda leiteira dos McDowell, e mesmo que pudesse ter reparado o lugar, não poderia trazer de volta meu pai e minha mãe, e retroceder o relógio e tornar o meu lar de infância uma família feliz e amorosa; isso estava no passado imutável.

Mas, diferente de nós, Deus pode restaurar o que foi destruído, tanto a criação física como os nossos relacionamentos rompidos. Como escreve Mateus, “Bendito o que vem em nome do Senhor” (23.39). Pois Cristo irá retornar e

tomar esta “casa” física e o nosso lar terreno que agora está “deserto” e os restaurará completamente.

O apóstolo Paulo nos diz: “A criação [tem] esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora” (Rm 8.21,22). A antiga fazenda dos McDowell, como qualquer outro lugar na terra, será restaurada a um lar que superará o Jardim do Éden.

Deus prometeu renovar cada um de seus filhos ao seu desígnio original e restaurar esta terra ao que ela havia sido.

E quanto às nossas lembranças dolorosas e os nossos desapontamentos na vida? Paulo continua dizendo, “E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.23).

Deus fará mais que simplesmente restaurar a terra à sua condição anterior e perfeita, Ele também nos restaurará. Seja a dor no passado ou o sofrimento no presente, Deus prometeu renovar cada um dos seus filhos ao seu desígnio original e restabelecer esta terra ao que ela já foi.

Jesus Voltará para Restaurar a Terra

O salmista Davi declara: “Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam” (Sl 24.1). Deus criou os céus e a terra, e disse que era “bom”, e Ele não cedeu a humanidade o seu título e direito. Eles podem estar em ruínas agora, mas Deus tem planos definitivos para restaurá-los a um mundo

perfeito onde possamos viver.

Jesus disse aos seus discípulos que iria embora para preparar um lugar para eles e para todos nós. E Ele fez esta promessa: “Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também” (Jo 14.3). Depois do Pentecostes, Pedro pregou esta mesma mensagem ao povo de Jerusalém e disse que “convém que o céu contenha [Jesus] até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio” (At 3.21). E o que os profetas disseram sobre os planos de restauração de Deus?

Eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão (Is 65.17).

A terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar (Hc 2.14).

Como os céus novos e a terra nova que hei de fazer estarão diante da minha face, diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome (Is 66.22).

Essas promessas que Deus declarou eram dirigidas aos filhos de Israel, mas também nos incluem como beneficiários. Quando Pedro perguntou o que estava reservado para os discípulos que seguiam a Jesus, Ele disse, “Vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28). Posteriormente, Pedro escreveu: “Nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (2 Pe 3.13). Jesus também nos disse que “quando o Filho do Homem vier em sua glória”, dirá “aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25. 31, 34).

Deus não desistiu do seu plano original. Ele não abandonou a ideia de uma terra perfeita, nem deixou de lado o seu plano para que os seu filhos vivessem em um lugar perfeito para sempre. Ele não tem nenhuma intenção de nos levar a algum céu distante e então destruir esta terra que Ele designou que fosse a nossa casa. Depois da sua ressurreição, Jesus subiu ao céu, com uma promessa de retornar. Ele voltará e restabelecerá esta terra ao seu desígnio original. O plano perfeito de Deus é “tornar a congregar em Cristo todas as coisas” (Ef 1.10).

Perceba que no versículo acima Paulo nos diz que a terra, bem como o céu, estarão congregados sob uma única cabeça. Se nós, que agora vivemos na terra, fôssemos levados ao céu, o que sobraria na terra para ser congregado sob uma única cabeça? O céu é a morada de Deus. A terra, hoje, é a nossa morada, como Deus pretendeu originalmente. E é Jesus que nos congrega eternamente a Deus e conecta a sua morada à nossa. Na revelação de João, ele viu a cidade santa, a Nova Jerusalém, descendo de Deus, do céu, e disse: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles” (Ap 21.3).

O teólogo Randy Alcorn explica da seguinte maneira, em seu livro Heaven:

Haverá um único cosmos, um só universo, unido sob um único Deus — para sempre. Este é o plano irreversível de Deus. Para isso se dirige a história. Quando Deus passeava com Adão e Eva no Jardim do Éden, a Terra era como o quintal do céu. A Nova Terra será ainda mais que isso — será o próprio céu. E aqueles que conhecem Jesus terão o privilégio de viver ali.[1]

Quando o projeto de restauração de Deus estiver concluído, nós vivenciaremos uma terra renovada na perfeição do Jardim do Éden. “Nunca mais haverá maldição contra alguém” (Ap 22.3). Não mais haverá espinhos ou cardos para ferir nossos corpos. Não haverá mais dificuldade para plantar e produzir coisas. Não mais haverá a “sobrevivência do mais apto” entre os animais. Pois eles estarão em paz, uns com os outros. Na verdade, não haverá discórdia nem contenda nem maldade, em nenhuma parte, porque “não entrará nela coisa alguma que contamine e cometa abominação e mentira, mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro” (Ap 21.27).

Jesus Retornará para Restaurar o nosso Corpo

Quando Cristo retornar, Ele cumprirá a promessa que fez por meio de Isaías, o profeta, há muito tempo.

[Deus] destruirá, neste monte, a máscara do rosto com que todos os povos andam cobertos e o véu com que todas as nações se escondem. Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra (Is 25.7,8).

Como seus filhos redimidos, nós viveremos para sempre nesta terra perfeita, onde “não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21.4). “Convém... que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto [acontecer]... então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória” (1 Co 15.53,54).

E tudo isso, a restauração de nossos corpos e um novo mundo, depende de Jesus Cristo retornar para destruir a morte e, naturalmente, o seu arqui-inimigo, o Diabo. Jesus teve que morrer primeiro, como expiação pelo nosso pecado. E Ele fez isso. A seguir, Jesus teve que vencer a morte pela sua ressurreição, para se tornar o nosso Sumo Sacerdote. E Ele fez isso. E na sua segunda vinda, Jesus destruirá a terra e o maligno para renovar e restaurar todas as coisas.

Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele [Jesus] participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo (Hb 2.14).

Todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. Depois, virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força. Porque convém que [Cristo] reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte (1 Co 15.22-26).

Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo (1 Jo 3.8).

E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos (1 Co 15.28).

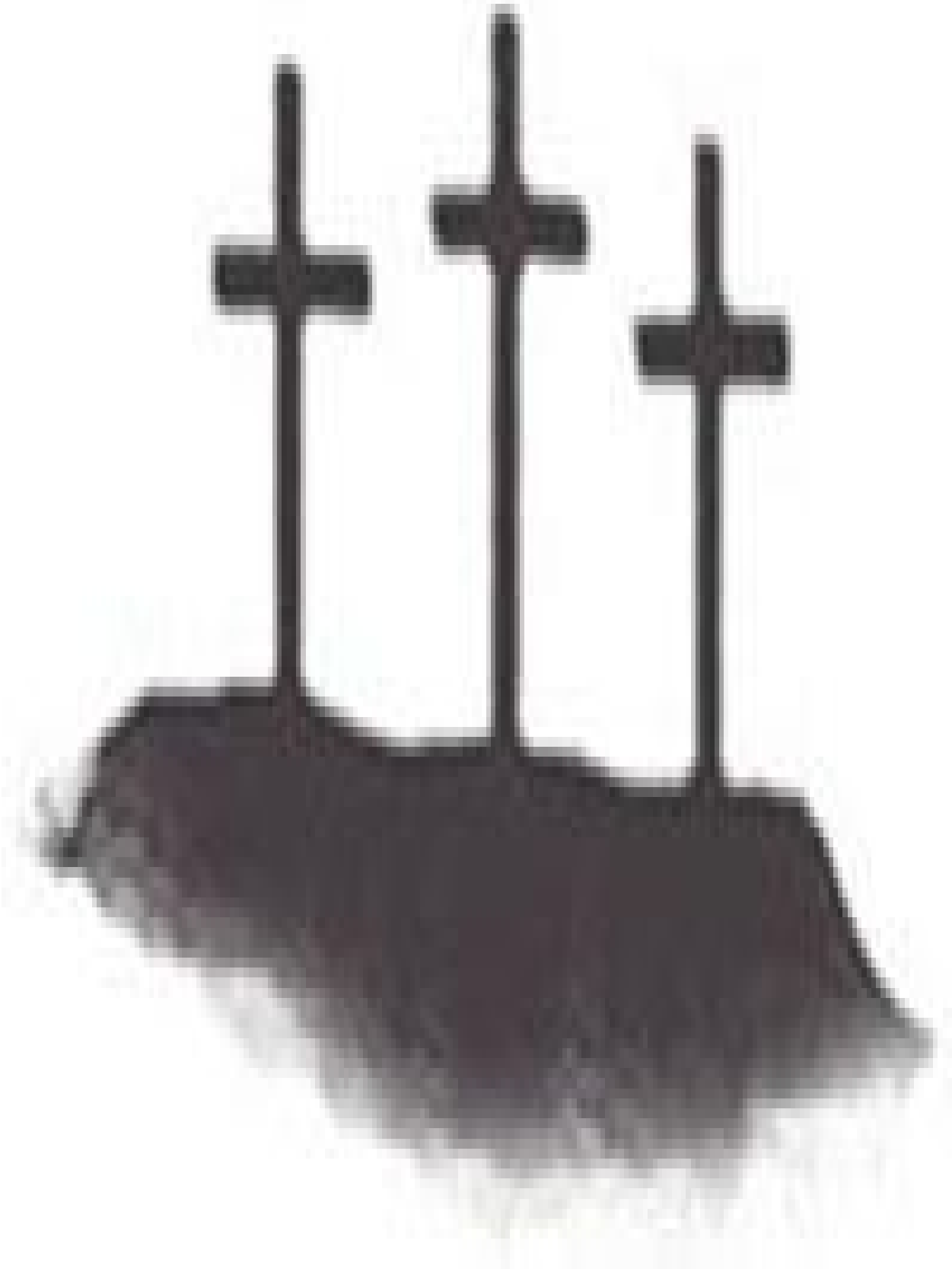
Portanto:

-

Cremos na verdade de que Jesus Cristo retornará para ressuscitar os nossos corpos sem vida, transformando-os em corpos eternos, para abolir o pecado e restaurar a terra a um mundo perfeito, onde Ele viverá conosco no milênio. Nós viveremos com o Senhor para sempre.

-

Jesus venceu a morte pela sua ressurreição, e um dia retornará à terra e exercerá o seu poder para lançar o Diabo, a morte e a sepultura no lago de fogo, o que é conhecido como a segunda morte (Ap 20.10-15). A ressurreição de Cristo é um pré-requisito para a sua vinda e para todo o plano de restauração de nos dar novos corpos e uma nova terra. Cristo prometeu voltar e fazer isso por nós. E podemos ter certeza de que Ele cumprirá a sua promessa. Como disse o autor da epístola aos Hebreus, “É impossível que Deus minta” (Hb 6.18).



Capítulo Quarenta e Nove

EVIDÊNCIAS DE VIDA APÓS A MORTE

Se você está esperando ansiosamente por desfrutar uma terra perfeitamente restaurada, onde viverá no milênio com um novo corpo, isso diz algo muito positivo a respeito da sua fé. Claramente, você crê que existe vida após a morte. Neste livro, e, sem dúvida, em muitos outros lugares, você encontra grandes evidências para fortalecer a sua fé. Você viu amplas evidências de que Jesus venceu a morte e prometeu ressuscitá-lo dos mortos. Assim, você pode confiar, completamente, na promessa dEle.

Mas você pode não saber que existem evidências adicionais de que terá uma alma eterna que continuará vivendo depois desta vida. Na realidade, há muitas evidências que respaldam a crença de que existe vida após a morte. Inúmeros livros foram escritos sobre esse assunto, em particular Life After Death: The Evidence de Dinesh D'Souza, e Beyond Death de J. P. Moreland e Gary Habermas. Eu (Sean) dedico um abrangente capítulo a este assunto em meu livro, Is God Just a Human Invention? And Seventeen Other Questions Raised by the New Atheists. Esses e outros livros oferecem muitas evidências da vida após a morte. Neste capítulo, vamos abordar apenas quatro delas.

A Eternidade Plantada no Coração Humano

Recentemente, uma de minhas (de Sean) antigas alunas me contou uma conversa que havia tido no primeiro dia de sua aula de inglês na faculdade. O professor iniciou a aula lendo um artigo escrito por um autor de ficção científica, que acredita que os computadores e a tecnologia produzirão super-humanos que dominarão o mundo em 2030. Esse professor esperava que esses super-humanos

fossem ambientalistas, para que desejassem preservar os nossos semelhantes menos evoluídos. A minha antiga aluna levantou a mão e perguntou: “Como pode uma coisa puramente material gerar consciência?” O professor simplesmente riu e disse: “Oh, suponho que você também acredita na alma?” E toda a classe riu dela.

Hoje em dia, há um bom número de educadores e cientistas que creem que o mundo físico é a única realidade e que a alma humana e a vida após a morte simplesmente não existem. No entanto, esta opinião não tem sido a conclusão universal ao longo da história. Na realidade, acontece exatamente o oposto. Praticamente todas as culturas, desde o amanhecer da civilização, creram em uma vida além da sepultura, em que algum tipo de alma sobrevive à morte do corpo.

É espantoso, quando você se detém para pensar sobre isso, que uma crença universal na vida após a morte tenha dominado o modo de pensar histórico, apesar de poucas evidências empíricas que justificassem tal crença. Naturalmente, as pessoas têm razões para crer em algumas coisas que não vivenciaram. Elas creem que existe um Monte Everest, mesmo que não tenham chegado aos seus picos ásperos. Elas creem na Grande Barreira de Corais na costa da Austrália mesmo que nunca tenham nadado na profundidade do Mar de Coral. As pessoas aceitam, universalmente, que milhares de andorinhas viajam todos os anos, de maneira tão precisa como um relógio, em uma jornada de ida e volta de pouco mais de 19 mil quilômetros, da Argentina a San Juan Capistrano embora a maioria das pessoas nunca tenha testemunhado esse evento de primeira mão. Apesar do fato de que muitas pessoas nunca viram nem vivenciaram esses eventos diretamente, eles podem ser observados empiricamente e têm sido observados, durante muitos anos — alguns deles, durante séculos. As pessoas registram encontros físicos e experiências como essas em textos, fotografias e programas especiais de televisão. Assim, é natural que outras pessoas aceitem esses eventos como fatos, porque está claro que eles não podem ser provados fisicamente.

Mas a questão é outra, quando todas as culturas da história, até o presente, afirmam a sua crença em alguma coisa que parece ser impossível de registrar ou vivenciar para contar a experiência. Por que a crença de que existe vida após a morte é declarada quase que unanimemente, em cada cultura da história, sem evidências físicas? Parece claro que a “sensação” de que existe uma vida após a morte foi implantada profundamente no coração dos seres humanos. O sábio rei

Salomão disse que Deus “pôs o mundo no coração deles, sem que o homem possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim” (Ec 3.11). Embora os humanos não possam ver a vida futura, a grande maioria acredita que ela está ali, e as pessoas têm crido nisto desde o princípio do tempo.

O Livre-Arbítrio da Alma

No capítulo 8 de meu livro (de Sean) sobre o “novo ateísmo”, Is God Just a Human Invention?, lido com o fato de que, se não tivermos uma alma, não teremos a capacidade de decidir livremente. A seguir, apresento uma adaptação daquele capítulo.

Em 1996, Tom Wolfe, um crítico de cultura norte-americana, escreveu um curto ensaio, intitulado Sorry but Your Soul Just Died (que poderia ser traduzido como: Desculpe, mas sua alma acabou de morrer). Ele discutia uma nova técnica de imagens que permitia que os neuro-cientistas estudassem o cérebro de um paciente durante um pensamento ou uma emoção. Ele disse: “Uma vez que a consciência e o pensamento são produtos inteiramente físicos do seu cérebro e do seu sistema nervoso — e uma vez que o seu cérebro já está completamente marcado e selado por ocasião do seu nascimento — o que faz você pensar que tem o livre-arbítrio? De onde ele vem?”[1] Nós concordamos com esta conclusão do argumento de Wolfe. Se não existe alma, então não existe o livre-arbítrio.

Se o materialismo é verdade, então um ser humano é simplesmente um corpo. Se você é apenas um sistema material, então você não tem um ser interior com capacidade de escolher livremente entre opções. Você não tem um centro de consciência para tomar decisões racionais. O que lhe parece um ser capaz de tomar decisões é, então, meramente uma visão projetada pelos processos mecânicos da sua mente, que é controlada unicamente por processos materiais que reagem a estímulos externos. Os seus sistemas físicos operam completamente por programação externa, e não por tomadas de decisão internas. Assim, se o materialismo for verdade, você não tem nenhuma capacidade genuína de decidir os seus atos. O que parece ser uma escolha é, na verdade, pré-determinado por processos nervosos e mecânicos que operam de acordo com a maneira como a natureza programou o seu cérebro.

Mas isso parece ser uma contradição à maneira como vivenciamos o mundo. Nós agimos como se as nossas mentes tomassem decisões livremente, decisões que são executadas pelos circuitos de nossos cérebros. Por exemplo, se uma pessoa desconhecida se detém para abrir a porta para nós, provavelmente nós descreveríamos o seu processo mental, dizendo, “O homem educado decidiu, em sua mente, ficar um momento mais e manter a porta aberta para nós”. Nós não diríamos, “Os circuitos de seu cérebro fizeram com que ele desse meia volta e mantivesse a porta aberta”. Nós suporíamos que ele decidiu livremente abrir a porta, e por esse motivo nós expressaríamos os nossos agradecimentos. Expressar agradecimentos por um ato de gentileza não fazia nenhum sentido se nós e o homem educado fôssemos simplesmente máquinas mecânicas, agindo de acordo com a programação inevitável e infalível dos circuitos de nossos cérebros.

A experiência de tomar decisões livremente parece tão autêntica que as pessoas não conseguem agir se essa sensação de decidir for falsa. O filósofo John Searle nos lembra de que se um garçom nos apresentar uma escolha, entre carne de porco ou bife, não poderemos dizer, “Olhe, sou um determinista. Terei que esperar e ver qual pedido acontece!”[2]

A negação do livre-arbítrio tem um elevado preço, pois suscita dúvidas perturbadoras: Como pode o amor ser significativo, se não é decidido livremente? Como podemos considerar as pessoas moralmente responsáveis pelos seus atos, se elas não poderiam ter agido de outra maneira? Qual é o propósito da punição? E a propósito, qual é o objetivo da recompensa? A nossa capacidade de ter livre-arbítrio claramente aponta para a realidade da alma humana.[3]

Experiências de quase Morte

Pam Reynolds tinha poucas opções. Ela tinha um aneurisma no cérebro, que não podia ser removido com procedimentos médicos convencionais. Assim sendo, ela escolheu um procedimento experimental, chamado “paralisação cardíaca”. Os cirurgiões lhe aplicaram anestesia geral para que o seu cérebro entrasse em um estado de ausência de reações. A seguir, eles baixaram a temperatura do seu

corpo a aproximadamente 15,5 graus centígrados, paralisaram o seu coração, para evitar que o fluxo de sangue chegasse ao cérebro, e a colocaram em uma condição de pessoa “clinicamente morta”.

Com o sangue drenado do cérebro de Pam, os cirurgiões rapidamente removeram o aneurisma, e a trouxeram de volta da beira da morte. O jornal USA Today apresentou essa história em 22 de junho de 2009, em um artigo com o título “The God Choice”.[4] O artigo citava Pam dizendo que ela deixou conscientemente o seu corpo e testemunhou toda a operação de um ponto acima dos cirurgiões. Ela pôde descrever os procedimentos do centro cirúrgico com muitos detalhes, incluindo quantos cirurgiões e auxiliares estiveram envolvidos. Ela descreveu a serra de ossos Midas Rex usada para abrir o seu cérebro, as perfurações, as lâminas, e assim por diante. Ela também pôde narrar detalhes específicos de conversas que ela ouviu entre os cirurgiões. Todos os detalhes foram confirmados com base nos registros oficiais do hospital. Os médicos não puderam oferecer nenhuma explicação científica para a experiência de Pam “fora do corpo”.

Em seu livro Life After Death: The Evidence, Dinesh D’Souza menciona milhares de experiências documentadas de quase morte, que datam desde os textos de Platão, 300 anos antes de Cristo. Em tempos recentes, a Associação Internacional de Estudos de Quase Morte foi fundada para estudar o fenômeno, e reuniu um grande conjunto de dados de todo o mundo. “A investigação de eventos de quase morte”, destaca D’Souza, “agora envolve pesquisas nas várias categorias da experiência de quase morte — o fenômeno das experiências fora do corpo, o túnel escuro, a luz brilhante, a sensação de amor e calor, a revisão da vida, e a subsequente transformação de vida. O que emerge desta obra é o quanto essas experiências são reais e vívidas para as pessoas que as têm”.[5]

O poder das experiências de quase morte não está tanto nos detalhes impressionantes de céu ou inferno que alguém possa narrar. Na realidade, o espantoso é o fato de que, de alguma maneira, as pessoas obtêm informações que simplesmente não poderiam obter sem estarem clinicamente mortas. Essas experiências demonstram que a consciência continua depois que o corpo deixa de funcionar. Isto não prova que a vida continua para sempre depois da morte, mas que a consciência não está simplesmente conectada ao corpo físico.

Os ateus, que constituem a maior parte dos críticos das experiências de quase morte, destacam que esses fenômenos não são provas válidas de vida após a

morte, porque as pessoas envolvidas não estavam verdadeiramente mortas. Teoricamente, isso pode ser verdade, uma vez que as pessoas não estiveram mortas por vários dias e então ressuscitaram para contar suas histórias. Mas o fato de que alguém não esteve permanentemente morto não quer dizer que não possa ter estado temporariamente morto. Alguns desses pacientes, na verdade, estavam clinicamente mortos, mas puderam reviver. O objetivo real desses relatos é reunir informação sobre o que acontece depois da morte. E uma vez que não temos acesso às experiências daqueles que estão permanentemente mortos, a melhor coisa a fazer é obter informação daqueles que estiveram muito próximos da morte ou temporariamente mortos.

No entanto, nós concordamos que, embora as experiências de quase morte possam refutar a posição defendida por aqueles que dizem que "não existe nada após a morte", elas ainda não podem fornecer evidências empíricas de que a alma é imortal, nem indicam como é a vida após a morte. Alguns diriam, como o apóstolo Tomé, depois da ressurreição, que não vão crer, até que vejam provas melhores. Para essas pessoas, a evidência científica é necessária para provar a possibilidade da existência da vida após a morte. Bem, essa evidência agora está disponível.

A Realidade do Mundo Invisível

O apóstolo Paulo escreveu: "Não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Paulo fala aqui de um mundo ou de uma dimensão que é real, mas que é invisível para nós, humanos.

Depois que Jesus morreu e ressuscitou, Ele provou a sua capacidade de passar do "mundo visível" para este "mundo invisível" quando quisesse. Você se lembra de quando dois dos discípulos de Jesus estavam caminhando para a aldeia de Emaús? Jesus veio e falou-lhes, mas eles não o reconheceram. Quando chegaram à sua casa, convidaram esse "estranho" para passar a noite com eles. E quando se preparavam para comer, reconheceram que o "estranho" era, na verdade, Jesus. "E ele desapareceu-lhes" (Lc 24.31). Para onde Ele foi? Ele tinha um corpo real,

mas desapareceu em um “mundo invisível”.

Quando esses dois discípulos relatavam suas experiências aos outros discípulos, novamente Jesus apareceu diante deles. Os discípulos se assustaram e pensaram que estavam vendo um fantasma. “Por que estais perturbados?”, perguntou Ele. “Por que sobem tais pensamentos ao vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24.38,39).

Jesus tinha um corpo real que podia passar da dimensão física em que nós existimos a uma dimensão física invisível — o “mundo invisível” e os “lugares celestiais” a que Paulo se referiu. As Escrituras documentam de maneira confiável e fiel o que os discípulos viram, e o que Jesus fez e disse depois de ressuscitar dos mortos. Só isso já nos permite crer, com confiança, que existe vida após a morte, como Jesus prometeu. Mas para aqueles que estão interessados, foi descoberta agora uma evidência científica de que existe uma realidade física além da nossa dimensão humana física.

No início do século XX, houve uma revolução na ciência, representada na transição da física clássica para a moderna. Houve uma reformulação radical das leis do espaço, tempo e matéria. Isso se deveu às teorias de Einstein da relatividade especial e geral e às leis de mecânica quântica.

Antes dessas novas descobertas na física, cientistas como o filósofo e matemático inglês Bertrand Russell ridicularizavam a ideia da vida após a morte. Ele afirmava que para que a vida fosse sustentável depois da morte, a matéria precisaria ser capaz de ter qualidades radicalmente diferentes de qualquer matéria em nosso mundo físico. E isso era considerado impossível — isto é, até que Einstein e a mecânica quântica provaram o contrário.

Anteriormente se supunha que nós vivenciamos o espaço em três dimensões e o tempo em uma dimensão. Einstein uniu essas dimensões e postulou que nós vivemos na entidade tetra-dimensional de tempo-espaço. E com a mecânica quântica, a ideia de nosso mundo tetra-dimensional de tempo e espaço abriu a ideia de que o comportamento da matéria não é completamente governado por leis fixas e resultados previsíveis que possamos observar. Em vez disso, os cientistas começaram a sugerir que nós fazemos parte de um mundo multidimensional maior, incluindo várias dimensões que estão escondidas daquilo que vivenciamos neste mundo físico.

Dinesh D’Souza explica este fenômeno científico no capítulo 5 de seu livro, Life After Death; The Evidence:

A ideia de múltiplas dimensões faz parte de uma poderosa e nova abordagem à física, chamada teoria das cordas... Em sua forma mais famosa, a assim chamada teoria M, os cientistas nos dizem que a realidade está dividida, não em quatro, mas em onze dimensões, sendo dez de espaço e uma de tempo. Assim, onde estão as outras dimensões? Bem, os adeptos da teoria das cordas afirmam que são dimensões ocultas, posicionadas de alguma maneira de modo que sejam invisíveis e inacessíveis para nós. Embora não possamos vê-las, elas ajudam a explicar as coisas que nós conseguimos ver. Como explica a física Lisa Randall: “Nós estamos nesta terra plana e tridimensional... O nosso mundo está preso neste universo tridimensional, embora existam dimensões extras. Assim, nós vivemos em uma fatia tridimensional de um mundo com mais dimensões”.[6]

Como os cientistas explicam as dimensões ocultas que são invisíveis para nós? Para começar, muitos físicos aceitam a noção de que a grande maioria de matéria e energia no universo é o que eles chamam de “matéria escura” e “energia escura”. São a matéria e a energia que não podemos ver nem detectar. Eles chegam a essa conclusão porque as galáxias são agregadas em aglomerados, mas a força gravitacional da matéria comum simplesmente não é suficientemente forte para conservá-las unidas. Assim, o que impede que elas se separem? Os físicos afirmam que é a força gravitacional da “matéria escura” — a matéria que não conseguimos ver. Os cientistas chegam à mesma conclusão a respeito da “energia escura”. Eles dizem que essa força de energia não detectada explica o ritmo crescente da expansão do universo.

A evidência se desenvolve em uma fé inteligente e razoável pela qual podemos ver com olhos espirituais o que Jesus prometeu que nós vivenciaríamos com nossos novos corpos, em uma nova terra, por toda a eternidade.

Há dois mil anos, o autor da epístola aos Hebreus escreveu que Cristo sustenta “todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3). Hoje, os cientistas confirmam que, além da nossa dimensão, existe uma força maior de energia que mantém unido todo o nosso universo físico. Eles também dizem que existe uma matéria muito mais física além da nossa dimensão do que dentro dele. Naturalmente, eles estão confirmando o que Jesus e as Escrituras estiveram dizendo todo o tempo. Jesus preparou um lugar real para nós onde Ele existe agora, e um dia nós vivenciaremos isso com Ele.

O que é interessante é o fato de que os físicos até mesmo calcularam a porcentagem de matéria e energia no mundo invisível, em comparação com o mundo visível:

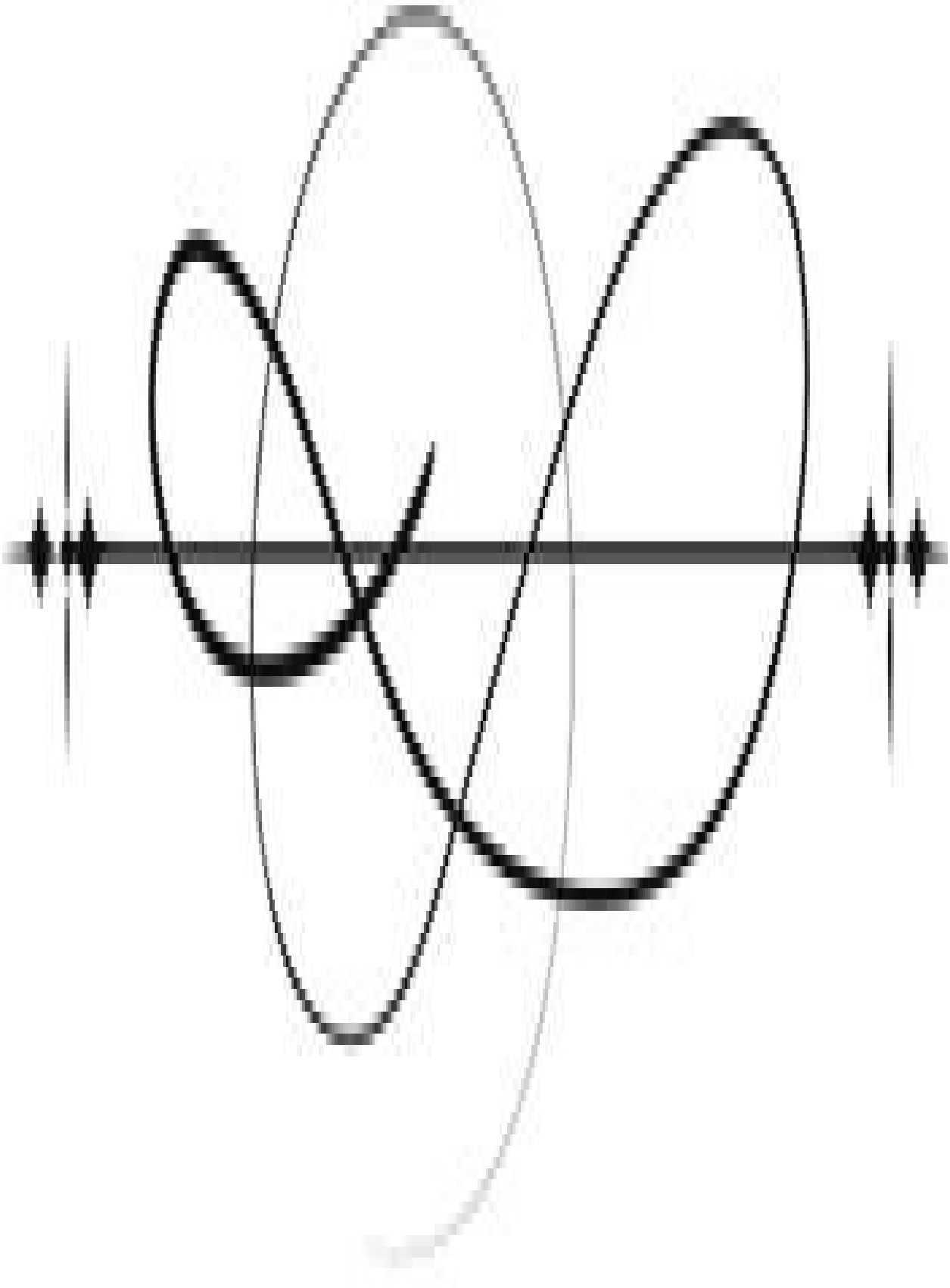
O número é um espantoso 95%! A matéria e a energia normal constituem meros 5% de toda a matéria e energia do universo. A grande maioria da matéria e energia em existência não pode ser observada nem detectada com nenhum instrumento.[7]

Jesus nos disse que há um lugar eterno além do tempo. Ele prometeu nos trazer a casa de Deus, que agora nos é invisível e está fora da nossa dimensão. Ele demonstrou, depois da sua ressurreição, que podia passar da nossa dimensão visível a uma dimensão invisível para nós. Agora, a ciência moderna da relatividade, a mecânica quântica, a matéria escura, a energia escura e os universos múltiplos confirmam a realidade física do “mundo invisível” — um mundo que as Escrituras nos revelaram todo o tempo.

Dinesh D’Souza chega à seguinte conclusão:

A física moderna expandiu o nosso horizonte e mostrou como a vida após a morte é possível em uma estrutura existente de realidade física. A objeção materialista provou ser um fracasso: na verdade, os físicos modernos questionam

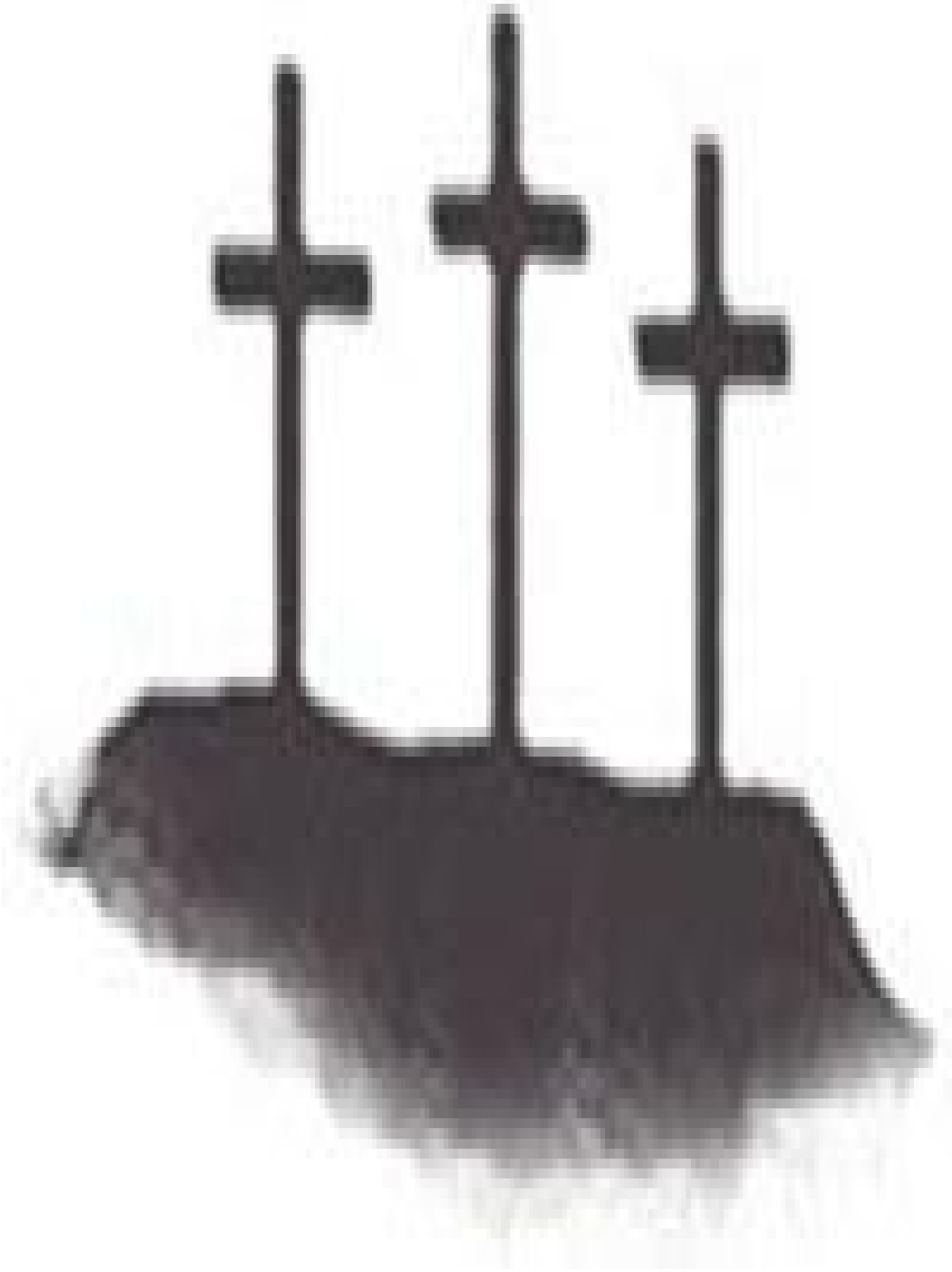
o próprio materialismo. Em uma área crucial, e às vezes, contra as intenções dos próprios cientistas, a ciência moderna provou ser não o adversário dos crentes, mas um inesperado aliado.[8]



Existem evidências convincentes de vida após a morte. O Jesus da história viveu, morreu e ressuscitou, preparando o caminho para que vivêssemos depois da morte. Todos nós sentimos uma alma viva que existe dentro do nosso corpo, como aconteceu com cada sociedade na história da terra. A nossa capacidade de livre-arbítrio confirma a existência de uma alma imaterial. As experiências de quase morte revelam que as pessoas têm consciência e sensações fora de seus corpos físicos. E a física moderna mostra como a vida além desta dimensão é, na realidade, uma realidade física.

Essas evidências se desenvolvem em uma fé inteligente e razoável pela qual podemos ver com olhos espirituais o que Jesus prometeu que nós vivenciaríamos com nossos novos corpos, em uma nova terra, por toda a eternidade. Jesus disse:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também. (Jo 14.1-3)



Capítulo Cinquenta

VIVENCIANDO A ALEGRIA ETERNA

A nossa nova casa era excelente. O cheiro de tinta fresca ainda enchia o ar. Não havia uma única mancha no carpete. A construção era novinha, e Stephanie e eu (Sean) estávamos ansiosos pela mudança. Embora gostasse da nossa nova casa pelo seu frescor, pela sua beleza e pela sua novidade, eu ainda sentia falta de algo familiar. Algumas coisas simplesmente se adéquam à maneira como sou e funciono, e mesmo com toda a inquietação e o glamour de uma casa nova, eu não queria que algumas coisas mudassem. Eu queria que a minha escrivaninha estivesse colocada em uma posição similar à da nossa antiga casa. Gostava do fato de que a nossa mobília antiga e confortável da sala de estar estava em nossa nova casa. Gostava da novidade, mas também apreciava e amava o que era familiar.

A casa que Deus planejou para você por toda a eternidade será uma casa nova, imaculada, gloriosa, mas ainda assim conservará a familiaridade confortável que você ama. Deus não está criando um lugar estranho que exigirá que você reajuste completamente os seus gostos. Em vez disso, Ele está restaurando o antigo — livre das cicatrizes, dos danos e das deficiências infligidas pela queda. Você aproveitará a beleza restaurada da terra, no milênio, com suas florestas exuberantes, seus montes majestosos, sua água borbulhante, e um reino animal com a multidão de espécies que não estarão mais em conflito umas com as outras.

No milênio não haverá maldição sobre a Nova Terra, e a perfeição que Deus pretendia originalmente emergirá, pura, imaculada, em todo o seu esplendor e glória. Embora tudo seja novo e fresco, você verá que é um lugar de completa familiaridade e perceberá que é onde deveria ter estado todo o tempo — um lugar em que você se encaixa tão perfeitamente que fica claro que ele se destinava aos seus gostos mais íntimos. Na verdade, a terra, durante o milênio, será exatamente aquilo que Deus fez no início da criação (Is 65; Ap 21—22).

No entanto, mais que isso, a sua casa futura será um lugar em que você estará com os seus entes queridos, um lugar onde a palavra família assume um significado inteiramente novo. As nossas famílias terrenas e os nossos amigos podem ser sensacionais. Nós podemos conversar, brincar, comer juntos, nos ajudarmos uns aos outros. Mas o tio Joe pode se tornar irritante, e a tia Sara não para de falar. Às vezes, nós podemos nos cansar de estar com a nossa família e os nossos amigos, mas na nossa nova casa essas imperfeições nos relacionamentos serão removidas, juntamente com as imperfeições do ambiente. As pessoas irão se relacionar umas com as outras exatamente como deveriam ter se relacionado o tempo todo. Na verdade, não haverá nada exceto bem-aventurança em cada aspecto de nossas vidas, porque estaremos entrando no puro gozo do próprio Deus.

Deus deu um exemplo de como será entrar no reino do céu. Ele disse que o Mestre nos fará o maior dos elogios, dizendo: “Bem está, bom e fiel servo”. Mas haverá algo mais. Ele continuará dizendo: “Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.23). A nossa entrada no reino do céu é muito mais que uma simples recompensa, é a nossa iniciação em um novo campo de significado para nossa vida.

Vivendo no Gozo de Deus

Jesus disse aos seus seguidores que deviam permanecer no seu amor, e então Ele disse: “Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15.11). Na nossa nova casa eterna, entraremos no gozo de Deus, em um sentido literal. Como será essa entrada no gozo de Deus? Nós obtemos uma ideia dessa alegria nas nossas experiências com os nossos próprios filhos.

Há algum tempo, Stephanie e eu (Sean) levamos a nossa família a um parque aquático gigantesco. Ele tinha escorregadores sinuosos, máquinas de água, cavernas multicoloridas de água. E preciso dizer-lhe que o garotinho que havia dentro de mim aflorou. Stephanie e eu brincamos com Scottie na piscina de ondas, e foi uma imensa emoção ver o nosso garotinho divertindo-se daquela maneira. Mas Scottie estava relutante em brincar em todas as características

desta “piscina”. Assim, tentei o escorregador sinuoso e os escorregadores das corredeiras antes, e explorei sozinho as cavernas multicoloridas. Stephanie e Scottie me observavam do lado raso deste mundo aquático de alegria.

Então, me aproximei de Scottie e disse: “Filho, você precisa experimentar isso — é muito divertido. Deixe-me mostrá-lo como é emocionante”. Ele ainda estava relutante, mas viu algo em meu rosto e ouviu algo em minha voz, que dizia: “Venha, faça isso comigo, por favor”. Ele percebeu que eu estava dizendo, “Entre na alegria do seu pai”. E quando Scottie me acompanhou naqueles escorregadores, ele se divertiu muito — e se molhou muito! Como o pai amoroso de Scottie, eu realmente me emocionei muito com o fato de que ele estivesse se divertindo tanto.

Da mesma maneira como quando um pai recebe um filho de volta a casa, vindo de uma vida em uma fazenda de porcos, você sentirá o êxtase emocionante de ouvir Deus dizer: “Entra no gozo do teu Senhor”.

Esta é uma pequena amostra do significado das palavras que Deus nos dirige: “Entra no gozo do teu Senhor”. Ele está emocionado para que consigamos vivenciar tanta alegria. A nossa primeira alegria será vê-lo, face a face, algo que será uma emoção inimaginável. O apóstolo João descreve o seu próprio encontro face a face com o Deus homem em toda a sua glória, dizendo: “E o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece. E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto” (Ap 1.16,17). Naturalmente, sem um corpo novo e transformado, nós não poderíamos nem mesmo olhar para o rosto de Deus e viver (Êx 33.20; 1 Tm 6.16). Mas com corpos novos e glorificados conseguiremos ver a face gloriosa de Deus. E a primeira coisa que veremos, sem dúvida, é a sua expressão de pura alegria. Estar na presença do nosso Deus e Salvador e vê-lo face a face será a maior experiência que teremos.

Mas alguns leitores podem se perguntar por que simplesmente olhar para o rosto

de Deus seria uma experiência tão magnífica. Nós sabemos que não podemos explicar por que esta será uma alegria tão grande, mas este é um aspecto muito importante da nossa vida no reino restaurado de Deus no qual viveremos.

Sem dúvida, cada leitor do sexo masculino já viu o rosto de uma bela mulher que o fez parar, e cada mulher já viu o rosto de um homem que quase a fez parar. Nós reconhecemos esse assombro diante da beleza extrema, usando a palavra "impressionante" para descrever esses rostos. Agora, some a esta experiência o fator do relacionamento — do amor. Você já esteve na presença daquela pessoa especial — digamos, olhando para ela do outro lado da mesa, durante um jantar à luz de velas — e pensou que você nunca havia visto nada tão glorioso? A sua respiração fica mais forte e o seu coração bate apressadamente, só de pensar que você tem um relacionamento com essa pessoa tão maravilhosa.

Agora leve essas experiências um passo mais à frente. Pense, por um momento, na expressão de uma jovem noiva, em toda a sua radiante glória, esperando na entrada da igreja os primeiros acordes da "Marcha Nupcial", antecipando o momento em que verá o seu amor no altar. Ela mal consegue esperar. Considere o olhar de um noivo, em pé, nervosamente ao lado de seus padrinhos, enquanto olha expectante o corredor em direção à porta em que ela logo aparecerá. A seguir, imagine os joelhos dele tremendo com um fascínio insuportável, quando a música começa e aquele rosto radiante aparece e se aproxima dele, cheio de amor e alegria. Ele é arrebatado, transportado, alçado a um campo de alegria que nunca imaginou. Essa bela criatura o ama tanto que decidiu passar toda a sua vida devotada a ele. É a experiência que nunca se esquece, uma experiência que molda toda a vida de uma pessoa.

A beleza da mulher mais formosa ou do homem mais bonito de todo o mundo é meramente uma sombra da beleza do rosto de Deus, que é a fonte de toda a beleza. O amor no rosto do mais devotado noivo ou noiva é meramente uma sombra do amor de Deus, que é a fonte e a perfeição de todo o amor. Ir muito além das imagens de beleza e amor que tanto nos impressionam, mesmo neste mundo caído, e contemplar o rosto que é a fonte de toda a beleza e amor, será, simplesmente, o melhor momento que vivenciaremos. É uma experiência que só podemos imaginar agora através de uma comparação com as manifestações mais fracas de amor e beleza que vivenciamos nesta terra estragada pelo pecado.

A alegria indescritível que você verá no rosto de Deus na ocasião de sua chegada à casa tem algo a ver com o seu sentido de perfeição. Quando Deus criou um

mundo perfeito, “viu que era bom”. Mas, naturalmente, ele foi estragado pelo pecado. Assim, depois de milhares de anos observando a sua adorada criação suportar a dor e o sofrimento, Deus logo terá a alegria de vê-lo como um dos seus filhos redimidos entrando no local que Ele designou originalmente — um paraíso sem pecado, onde você desfrutará dEle e Ele desfrutará de você para sempre. Da mesma maneira como quando um pai recebe um filho de volta à casa, vindo de uma vida em uma fazenda de porcos, você sentirá o êxtase emocionante de ouvir Deus dizer: “Entra no gozo do teu Senhor”.

Vivendo a Alegria do Relacionamento com Deus

Quando Deus o convida a entrar no seu gozo, Ele permite que você tenha uma experiência de relacionamento que anteriormente estava além da sua capacidade emocional de compreender. Da mesma maneira como eu sabia que Scottie iria vibrar de alegria no escorregador gigante, Deus sabe muito bem o que o seu amor infinito em um relacionamento perfeito significará na sua vida, embora você não possa compreender isso atualmente. Adão e Eva tiveram uma amostra disso, por um fugaz momento. Depois do retorno de Cristo, Deus o conduzirá a uma glória e bondade no relacionamento com Ele que as mentes e emoções dos meros mortais não conseguem compreender. Mas com um novo corpo e uma plena eternidade à sua disposição, você terá todo o sempre para absorver isso.

Assim, o que é essa alegria que vem de um relacionamento com Deus? É ser convidado para participar da Fonte de amor que enche o universo. O Pai amou o Filho eternamente. O Filho amou o Pai eternamente. O Espírito Santo amou eternamente o Pai e o Filho. A Divindade Trina esteve em um relacionamento perfeito entre si por toda a eternidade. Mas Deus está nos convidando ao seu círculo perfeito de relacionamento. A simplicidade e a pureza de desfrutar de um relacionamento crescente de amor com Deus são, a esta altura, incompreensíveis para a nossa mente mortal. Mas vamos tentar imaginá-las.

Em primeiro lugar, uma vida eterna e bem-aventurada tem a ver com conhecer a Deus. Jesus orou ao seu Pai e disse: “A vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). A nossa experiência de primeira mão de conhecer a Deus crescerá por toda a eternidade,

e o nosso amor por Ele se expandirá na mesma proporção. À medida que viermos a conhecer a natureza da aceitação incondicional de Deus, vivenciaremos um amor seguro, sem limites. À medida que aprendemos sobre a sua graça infinita, capturaremos a força e a unidade do seu amor. À medida que exploramos a humildade e a servidão do coração de Deus, acabaremos entendendo a sua verdadeira grandeza. À medida que viermos a conhecer a verdadeira essência do Deus trino, com toda a sua devoção infinita, fidelidade, bondade e santidade, a nossa capacidade de amar e crescer para sermos como Deus produzirá um deleite sempre crescente com a sua alegria e satisfação infinita em nossas existências finitas, por todos os séculos da eternidade. Será como se Deus dissesse a cada um de nós: “A Minha alegria infinita como Pai, Filho e Espírito Santo agora está em ti, porque tu estás em nós, e a tua alegria se completará com o passar do tempo que não tem fim”. Isso se tornará a sua realidade quando Cristo voltar e restaurar todas as coisas.

Vivenciando a Alegria Criativa de Deus

O meu pequeno Scottie viu a alegria no meu rosto quando concordou em descer comigo pelo escorregador. Mas ele também sentiu a emoção de descer pelo escorregador. Embora sintamos a alegria que vem do nosso relacionamento com Deus, também nos emocionaremos literalmente vivenciando a Nova Terra e o Novo Céu que Deus está preparando para nós.

Imagine Jesus mostrando a você algumas vistas da Nova Terra, e dizendo: “Oh, você precisa provar este fruto. Ele tem um sabor tão bom, que Eu quero que você o coma comigo”. Ou pense nEle dizendo: “Adoro esta vista da montanha; venha ficar aqui comigo e desfruta do magnífico esplendor deste cenário que Eu restaurei para você”. Você tem um Deus que está entusiasmado com você, Ele quer que você desfrute a Pessoa dEle, e tudo o que Ele criou para você.

Pode ser difícil entender que Deus deseja que nós desfrutemos verdadeiramente da nossa nova casa com Ele. Mas Ele realmente deseja. Paulo disse a Timóteo que ele devia dizer aos outros que não depositassem a sua esperança nas riquezas terrenas, “mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos” (1 Tm 6.17). Ele criou esta terra para o nosso prazer, mas o pecado a

estragou. Em nossa nova casa, o pecado será eliminado, e nós entraremos na alegria da criação restaurada de Deus para sempre, tanto no milênio na terra, como na eternidade, na Nova Jerusalém.

Mas o convite de Deus para que desfrutemos a sua criação restaurada não quer dizer que Ele deseje que nós sejamos meros espectadores. Nós não seremos colocados em uma eterna cadeira de balanço para desfrutar passivamente a beleza da obra de Deus. Lembre-se de que no exemplo de Jesus, o Mestre disse: “Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei” (Mt 25.23). Haverá coisas a fazer, projetos sobre os quais “seremos colocados”. Randy Alcorn cita o teólogo Dallas Willard, que comenta Mateus 25.23:

Um lugar na ordem de criação de Deus foi reservado para cada um de nós, desde antes do princípio da existência cósmica. O seu plano para nós é que nos desenvolvamos, como aprendizes de Jesus, até o ponto em que poderemos assumir o nosso lugar na contínua criatividade do universo.

Alcorn prossegue, dizendo:

Deus está nos preparando para a liderança. Ele está nos observando para ver como demonstramos a nossa fidelidade. Ele faz isso por meio do seu programa de aprendizes, que nos prepara para o céu. Cristo não está simplesmente preparando um lugar para nós; Ele está nos preparando para esse lugar.[1]

Depois que Deus criou a terra original, Ele disse a Adão e Eva: “Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gn 1.28). Deus tinha em mente uma responsabilidade para a sua família de humanos, originalmente criada, e Ele tem uma responsabilidade para os seus filhos futuramente redimidos. João viu aqueles que eram lavados no sangue do Cordeiro recebendo um lugar “diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite” (Ap 7.15). Assim, a nossa fidelidade atual a Deus é recompensada com

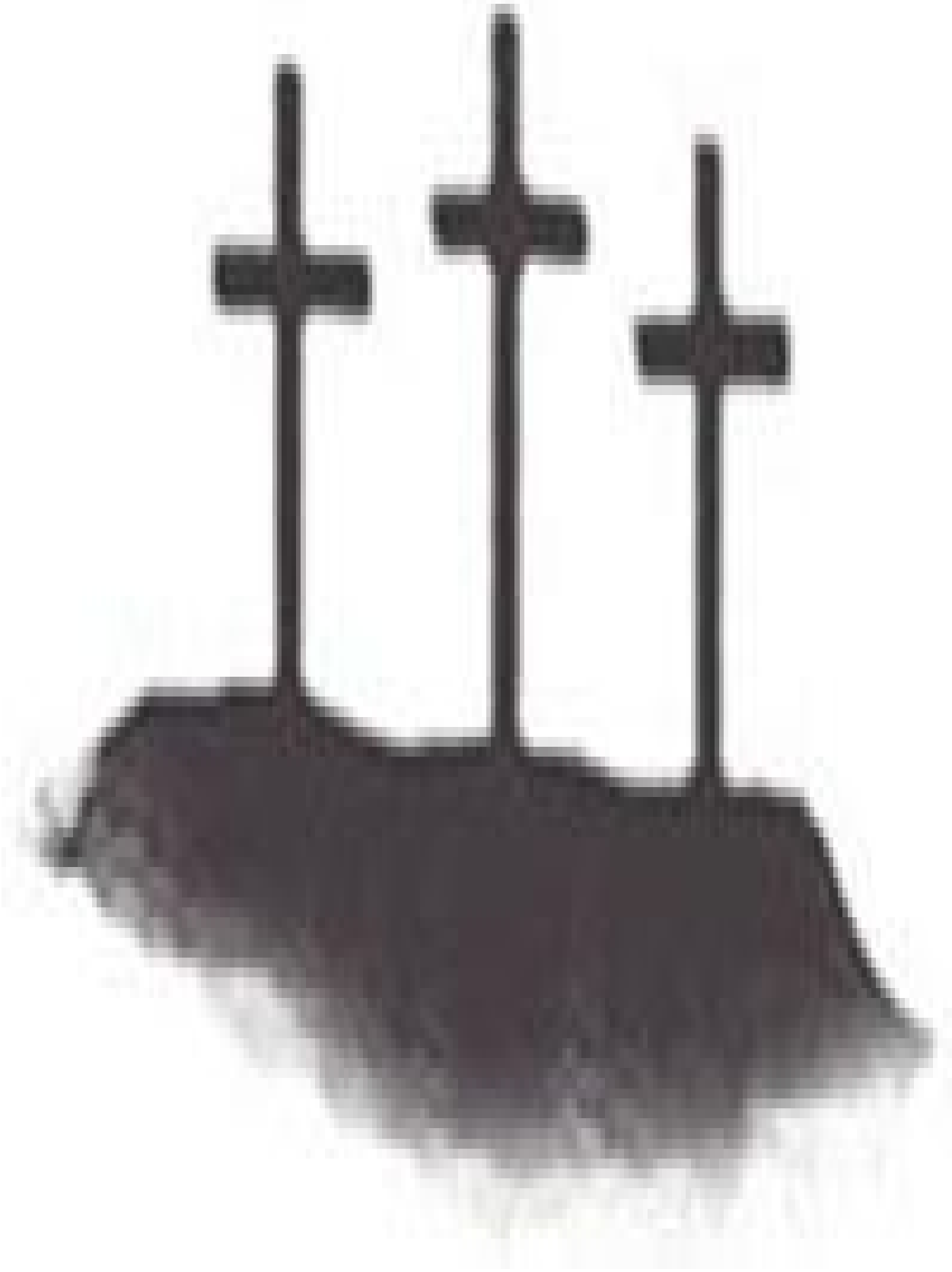
responsabilidades futuras na nossa nova casa. À primeira vista, esta promessa pode não lhe ser imediatamente encantadora. Você poderá pensar: Estou estressado com todas as responsabilidades que estão sobre mim aqui. Esperava que o céu me libertasse de tudo isso.

Randy Alcorn responde a esse temor com uma perspectiva reveladora:

O serviço é uma recompensa, não uma punição. Esta ideia é estranha para as pessoas que não gostam de seu trabalho e somente o suportam até a aposentadoria. Pensamos que o trabalho fiel deveria ser recompensado por um período de férias durante o resto de nossas vidas. Mas Deus nos oferece algo muito diferente: mais trabalho, mais responsabilidades, mais oportunidades, além de maiores capacidades, recursos, sabedoria e capacitação. Teremos mentes perspicazes, corpos fortes e resistentes, claro propósito e alegria inabalável. Quanto mais servirmos agora a Cristo, maior será a nossa capacidade de servi-lo no céu.[2]

Há muitas coisas que talvez não saibamos sobre o novo céu e a nova terra. O que exatamente podemos esperar fazer por toda a eternidade ainda é algo envolto em mistério. É um grande segredo que ainda deve ser revelado. Mas sabemos o seguinte: qualquer que seja a tarefa que Deus planejou para você, será perfeitamente adequada a você. Quando você receber a sua tarefa, entenderá exatamente o que os seus talentos particulares devem realizar. Será o trabalho dos seus sonhos, o caminho da satisfação de todas as suas mais profundas aspirações.

O lugar em que vivemos agora é apenas o nosso mundo temporário, e Deus está nos preparando um novo lugar que será a nossa “casa dos sonhos” porque entraremos para sempre na alegria criativa e de relacionamento que pertence a Deus. João ouviu “uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21.3,4). A nossa futura casa será tudo o que já sonhamos, e muito mais.



Capítulo Cinquenta e Um

CUMPRINDO O SEU DESTINO

Você já viu aquele adesivo de para-choque que diz: “Não me siga, eu estou perdido?”. Algumas pessoas vivem a vida perambulando, com pouco senso de direção ou de missão na vida.

Mas se alguma vez houve uma pessoa com uma missão focada na vida, essa pessoa foi o Senhor Jesus. E Ele transmitiu essa missão a cada um de nós. Jesus veio à terra para dar a sua vida como sacrifício, para nos redimir e nos levar de volta a Deus e estabelecer o seu reino. A mensagem de Jesus era sobre esse novo reino que há de vir. “Começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”. E a partir de então, “percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino” (Mt 4.17, 23).

Praticamente tudo o que Jesus disse e fez foi um esforço para contrastar os dois reinos — o reino dos céus e o reino deste mundo. Ele disse a seu Pai que os seus seguidores “não são do mundo, como eu do mundo não sou” (Jo 17.14, 16). A nossa casa verdadeira não é aqui. Jesus não quer que nós estejamos confortáveis vivendo aqui, e por isso Ele disse: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem” (Mt 6.19). Ele quer que nós vejamos esta vida e o nosso mundo temporal da sua perspectiva — uma perspectiva eterna.

O apóstolo Paulo nos adverte sobre aqueles cujo “deus é o ventre” — o seu desejo de prazeres terrenos — “e só pensam nas coisas terrenas. Mas a nossa cidade está nos céus”, disse Paulo, “donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3.19,20). Viver como cidadãos dos céus enquanto residimos nesta terra não é fácil, especialmente quando enfrentamos as provações, desencorajamentos e dificuldades desta vida.

Viver neste mundo, mas não pertencer a ele, naturalmente, não nos isola de sua dor e de seus problemas. Nós podemos vivenciar a alegria de Cristo em nossos corações enquanto sofremos a dor física de uma doença, a perda financeira do

desemprego ou uma queda no mercado de ações, ou a perda emocional de um relacionamento corrompido ou destruído, ou a morte de um ente querido.

Nós podemos crer que a missão de Cristo será completa um dia, quando Ele retornar para destruir o pecado e a morte e nos restaurar a um novo céu e uma nova terra, mas esta crença às vezes pode enfraquecer, diante da tragédia. Jesus tentou preparar os seus próprios discípulos para a iminente tragédia da sua morte, quando disse: “Na verdade, na verdade vos digo que vós chorastes e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes; mas a vossa tristeza se converterá em alegria... Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16. 20, 33).

Jesus não foi pego desprevenido naquele dia terrível no Calvário. Ele sabia que aquele dia viria, e sabia exatamente o que estava fazendo; e Jesus Cristo estava magistralmente no controle. E por isso Ele disse aos seus discípulos: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim” (Jo 14.1). Sim, Jesus sabia que estava prestes a morrer, mas também sabia que a morte não teria nenhum poder sobre Ele. O Senhor estava pedindo que os seus seguidores confiassem nEle e entregassem os seus problemas a Ele. “Que em mim tenhais paz”, disse Jesus e foi como se dissesse: “Quero que saibais que Eu estou no controle das coisas. Sei que não parece, mas confie em mim, não importa o que aconteça, pois Eu vou operar as coisas para o vosso bem e a minha glória. E o que parecer um desastre com a minha morte será, na realidade, para o vosso bem, porque com isso Eu vos redimirei e restaurarei todas as coisas de volta ao que planejei originalmente. Eu sou o Deus da Redenção, e também sou o Deus da Restauração”.

Para onde Estou Indo?

Não é difícil ver, depois do fato, que Cristo estava no controle da situação da sua morte. A sua ressurreição do sepulcro prova isso. E podemos ver como Ele tomou a sua morte torturante e a transformou na salvação da raça humana. Podemos criticar os discípulos por não terem confiado o suficiente em Cristo e por não crerem que Ele sabia o que estava fazendo; mas, como dissemos, não é fácil exibir esse tipo de confiança em meio às provações ou à tragédia. É difícil

ter um espírito de gratidão, coragem e otimismo, a menos que, naturalmente, nós vejamos este mundo temporal com todas as suas provações a partir da perspectiva eterna de Deus.

Em Romanos 8, o apóstolo Paulo nos dá vários conceitos eternos. Em primeiro lugar, ele diz: “Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.23). Esta passagem deixa claro que o otimismo não resulta de negar a nossa dor atual. Paulo prossegue, dizendo que “O Espírito ajuda as nossas fraquezas... E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Rm 8.26, 28). Paulo tinha a resposta: Nós podemos depositar a nossa confiança em Deus, porque Ele é soberano e obviamente sabe o que está fazendo. Quando agimos assim, o Espírito Santo, que vive dentro de cada indivíduo cristão, fará com que tudo colabore para o bem.

Isso não significa que tudo irá colaborar para o nosso conforto nem que tudo irá colaborar para nos poupar dificuldades, dores ou provações. Não é uma crença que diz que tudo o que acontece ao povo de Deus, neste mundo amaldiçoado pela morte, é, de alguma maneira, bom. A doença não é boa. A morte não é boa. A dor não é boa. A tristeza, a angústia e o sofrimento não são bons. De alguma maneira, confiando em Deus, não somente como nosso Salvador, mas também como nosso Senhor soberano, que faz bem todas as coisas, podemos ter certeza de que Ele fará com que todas as coisas — e até mesmo as coisas más, que nos acontecem — colaborem para o nosso bem e para a sua glória. A nossa confiança e a nossa convicção sobre um Deus que nos ama além das palavras e faz com que todas as coisas, até mesmo as tragédias, colaborem para o bem, pode produzir dentro de nós um espírito de gratidão, coragem e otimismo diante da vida — e da morte.

É a fé em um Deus soberano que nos move além de uma perspectiva humana sobre a vida para uma perspectiva eterna. O apóstolo Paulo foi um exemplo vivo desta mentalidade eterna. Ouça o seu coração de gratidão, quando ele nos transmite a sua carta inspirada por Deus à igreja de Corinto. Leia as palavras cuidadosamente. Observe como a sua fé no Cristo ressuscitado lhe deu um sentimento de coragem e otimismo, mesmo nas épocas mais difíceis:

Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos... sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus e nos apresentará convosco. Porque tudo isso é por amor de vós...

Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas (2 Co 4.8,9,14-18).

Que maravilhosa abordagem aos problemas da vida! Paulo não fugia das dificuldades para evitar a dor nem tentava negar que as dificuldades existiam na sua vida. Ele admitia o seu sofrimento e considerava as provações da vida de uma perspectiva eterna, sabendo que o Deus de toda consolação estava ali para aliviar a sua dor (1 Co 2.3,4).

Ele confiava em um Deus soberano que faria com que tudo colaborasse para o bem. A fé de Paulo em um Deus que tinha tudo sob controle permitia que ele visse as dificuldades desta vida como produzindo “um peso eterno de glória mui excelente”.

▪

O reino de Deus define para onde vamos. Pois estamos destinados a ter as nossas lutas, sofrimentos e a nossa morte transformados em bênçãos, alegrias e uma vida em casa, com Deus, por toda a eternidade.

▪

Devido à ressurreição, estamos destinados a viver para sempre, em novos corpos, em uma nova terra no milênio, e em um novo céu eternamente, uma

existência que será tão prazerosa que qualquer coisa que venhamos a sofrer agora não será nada, comparada “com a glória que em nós há de ser revelada [por Deus]”. Pois “nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.18, 23).

A nossa “herança” é um estado em que receberemos pleno direito de reinar com Cristo no novo céu e na nova terra. É um reino “incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar” (1 Pe 1.4). Este reino que irá abranger completamente a nova terra é o nosso destino. O reino de Deus define para onde vamos. Pois estamos destinados a ter as nossas lutas, sofrimentos e a nossa morte transformados em bênçãos, alegrias e uma vida em casa, com Deus, por toda a eternidade. Nós herdaremos um novo céu e uma nova terra como nossa casa eterna. Este é o nosso destino.

Cristo nos está dizendo: “Confie em mim. Estou vivo e no controle de cada situação. Tomarei as tuas lutas e dificuldades e as converterei em bênçãos; Tomarei o teu sofrimento e o converterei em alegria. E como tua herança, Eu te darei um novo céu e uma nova terra como tua casa eterna. Como posso fazer isso? Sou o Rei do universo, soberano e Todo-Poderoso, que pode criar todas as coisas e que faz com que tudo colabore para o bem daqueles que me amam e são chamados segundo o meu propósito. Portanto, confie em mim, não importa o que aconteça”.[1]

A nossa Missão

O nosso destino pode ser a vida eterna em casa com Deus, mas nós ainda não estamos lá. “Vós grandemente vos alegrais”, disse o apóstolo Pedro, “ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações”(1 Pe 1.6). E Pedro deixou claro por que Deus nos está mantendo aqui. Ele tem uma missão para que realizemos.

“Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra”, disse Pedro, “em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz e tende por

salvação a longanimidade de nosso Senhor” (2 Pe 3.13–15). Podemos estar esperando para viver na nova terra, mas ainda não é chegado o momento. O Senhor parece estar esperando para lançar aquele dia final, para que as pessoas à nossa volta ainda tenham tempo de confiar nEle. A nossa tarefa aqui é participar da missão de Deus de alcançar essas pessoas, vivendo vidas imaculadas e irrepreensíveis que reflitam a sua natureza e atraiam os outros a Ele.

“Deus... nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação”(2 Co 5.18). Durante os anos da vida de Jesus na terra, “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19). Agora, Cristo está em nós, e Paulo diz que Deus “pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse” (2 Co 5.19,20). Ele quer nos envolver na sua missão de atrair pessoas a Ele, pelas atitudes que exibimos, pelas coisas que dizemos e pela maneira como agimos — especialmente em tempos de adversidade e problemas.

Deus não causou nenhuma parte do sofrimento nem das dificuldades pelas quais você pode estar passando agora. Não há nada de bom a respeito da dor e do sofrimento. Mas Deus não é surpreendido desprevenido nem atacado pelas costas pelo nosso sofrimento. Ele sabe que o sofrimento é inevitável neste mundo caído. Ainda assim, o nosso Deus soberano faz com que todas as suas circunstâncias — tanto as boas como as más — colaborem para o bem. À medida que você permite que Cristo se sinta cada vez mais à vontade na sua vida, o gracioso e tolerante Espírito de Deus pode ser visto no seu sofrimento. E nessas circunstâncias, as pessoas veem a Cristo claramente.

Frequentemente parecemos cumprir a missão de Cristo de alcançar os outros mais eficazmente quando estamos passando por momentos de crise, sofrimento ou perseguição. Praticamente todos nós podemos exibir amor, alegria, paz, paciência e assim por diante, quando o vento sopra a nosso favor. Mas como é que muitas pessoas exibem gratidão, coragem e otimismo em meio a uma tempestade? A exibição desses atributos nesses momentos é o que faz com que as pessoas elevem os olhos e observem: quando você é atingido por uma tragédia, quando você está sofrendo, quando você é maltratado.

Pense nas dificuldades, provações ou sofrimentos que você pode estar passando agora. Não é um pecado se sentir desencorajado ou frustrado com as provações da vida. Mas você consegue perceber como Cristo quer estar ao seu lado, com o seu amor, apoio e consolação? O que dá prazer a Ele é preenchê-lo tão

completamente com uma abundância da sua alegria e bênção, durante as suas dificuldades, que você realmente se torne agradecido pelas provações pelas quais está passando. E quando as pessoas perceberem o quanto você é corajoso e otimista durante os seus períodos difíceis, serão atraídas a Cristo.

Quando nos submetermos completamente a Deus, poderemos nos sentir especialmente encorajados quando os problemas vierem. É durante esses momentos que podemos ter ciência de que nos foi designada uma missão, se estivermos dispostos a aceitá-la — uma missão de exibir um espírito semelhante ao de Cristo e transmitir o amor dEle às pessoas ao nosso redor. Longe de considerar os nossos sofrimentos como uma causa para reclamações ou autopiedade, devemos vê-los como grandes elogios. Deus confia em nós o suficiente para nos conceder a grande honra de refletir a sua glória em circunstâncias que podem desencorajar àqueles que não confiam nEle.

Como você pode ver, compartilhar Cristo não precisa ser considerado como um dever ou uma obrigação, pois, na verdade, é uma oportunidade de revelar Cristo a outras pessoas por intermédio de nossa vida. No entanto, é necessário um entendimento básico do que dizer e como transmitir uma apresentação do Evangelho, como explicamos no capítulo 27. Mas uma vez aprendido, é uma questão de desenvolver um estilo de vida que o faça um exemplo vivo de Cristo. Quando as pessoas reconhecerem você como uma pessoa que vive em um mundo temporal com uma perspectiva eterna, elas também obterão um vislumbre do seu Rei e do seu reino, o Rei que preparou para você “uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (2 Co 5.1).[2]

Para ajudá-lo a instilar uma perspectiva eterna em sua família ou no grupo que se reúne em sua igreja, enquanto você vive em um mundo temporal, nós preparamos instruções que o ajudarão a preparar e realizar uma celebração judaico-cristã, a Celebração de Restauração. Ela está baseada na Festa dos Tabernáculos, uma antiga festa dos judeus que coloca este mundo em uma perspectiva divina. Você encontrará essas instruções no apêndice C, no final deste livro.

RESUMO DA PARTE IV

A Declaração da Verdade de Deus: Eu Sou o Deus da Nova Criação — O Deus da Restauração

• Cremos na verdade de que Jesus morreu na cruz pelos nossos pecados e ressuscitou para nos transferir da morte para a vida e assegurar a nossa salvação eterna.

Uma vez que existem evidências suficientes de que Jesus ressuscitou dos mortos, podemos crer, com confiança, que Ele tem o poder de perdoar os nossos pecados e nos reconciliar com Deus.

A ressurreição de Cristo também nos assegura que Ele ressuscitará os nossos corpos mortos para que vivam com Ele por toda a eternidade.

• Cremos na verdade de que existe um único Deus que coexiste eternamente como o Pai, Filho e Espírito Santo em um relacionamento perfeito de unicidade.

O Espírito Santo é a pessoa dinâmica, ativa e sempre presente da Trindade, que habita em nós, tornando-nos íntimos com Deus.

Quando nos entregamos ao Espírito Santo, Ele faz com que sejamos um com Deus, confirma a nossa semelhança com Cristo, nos guia em toda a verdade, nos capacita para o serviço e traz significado à nossa vida.

• Cremos na verdade de que a mensagem do reino de Deus forma a nossa perspectiva bíblica.

A perspectiva do reino de Deus tem sido uma influência poderosa para o bem neste mundo durante séculos, motivando as pessoas a auxiliar e consolar os necessitados.

Uma perspectiva bíblica proporciona uma maneira sobrenatural para que os seguidores de Cristo vivam no mundo atual.

• Cremos na verdade de que a igreja é a representação visível de Cristo na terra, em que os seus seguidores transformados, individual e coletivamente, cumprem o plano redentor de Deus.

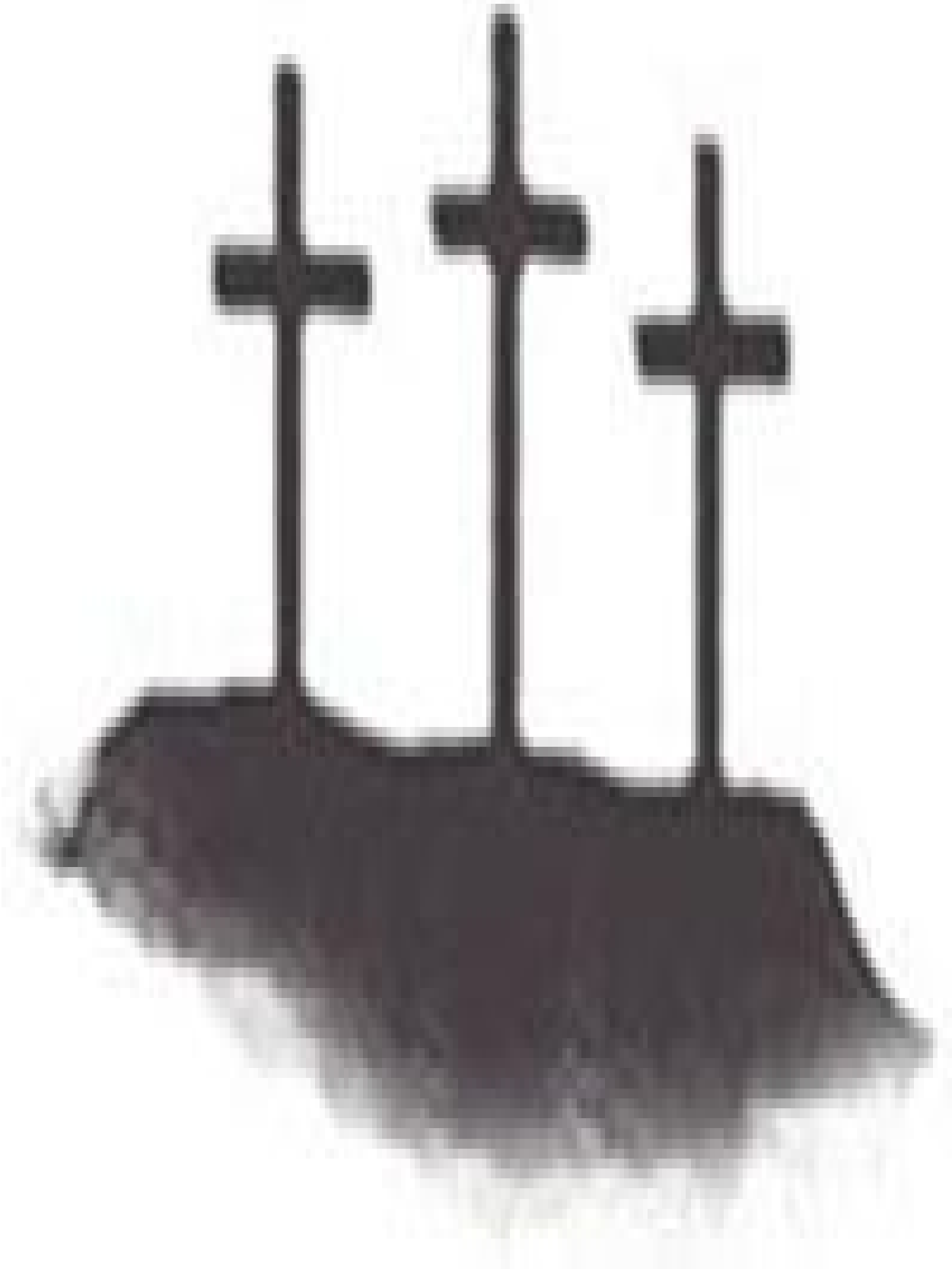
A igreja autêntica é a comunidade de amor de Cristo que atua como o “sal e a luz” para atrair as pessoas a Cristo e influenciar a cultura à sua volta.

O Grande Mandamento de “amar” de Jesus e a sua Grande Comissão de “fazer discípulos” estão inseparavelmente unidos para que a sua igreja satisfaça as necessidades humanas e espirituais das pessoas.

• Cremos na verdade de que Jesus retornará para dar aos seus seguidores corpos ressuscitados, que viverão para sempre; para abolir o pecado; e para restaurar a terra a um mundo perfeito durante o milênio, e que nos levará para a Nova Jerusalém onde os seus filhos viverão com Ele por toda a eternidade.

Podemos crer, com confiança, que Jesus retornará porque Ele derrotou a morte por meio da sua própria ressurreição.

Até a volta de Cristo, nós, como seus seguidores, estamos engajados em sua missão de reconciliar o maior número possível de pessoas com Deus.



Apêndice A

A CELEBRAÇÃO DA REDENÇÃO

Permitimos a quem comprar este livro, que faça cópias deste apêndice para uso em uma atividade de celebração, em família ou em grupo.

Este material © 2010 pertence ao Ministério Josh McDowell e a Sean McDowell.

A seguir, fornecemos instruções para uma refeição de celebração em louvor a Deus por fazer tão milagrosos e piedosos esforços para nos redimir. A época de Natal é uma ocasião excelente para isso. Esta celebração judaico-cristã se baseia na Páscoa judaica, Haggadah ("contar") que as famílias de judeus celebraram durante séculos.

A Páscoa judaica tradicional celebra Deus redimindo o seu povo das mãos de Faraó e da terra do Egito para levá-los à Terra Prometida. A Páscoa é celebrada por famílias judias, ano após ano, como uma maneira de transmitir aos filhos a história do Êxodo, a história do Deus da Redenção. Mas para eles é mais que uma história ou um evento histórico. As histórias contam quem eles são, de onde vieram, narram um retrato de um modo de vida específico e uma maneira de estar no mundo. Durante séculos os judeus transmitiram a seus filhos a ideia de que Deus cumpriu a sua promessa de lhes dar uma terra e de fazer deles uma nação. É por isso que os judeus trazem com tanto orgulho o nome de seu antepassado, Israel.

Provavelmente você não tem uma celebração ao estilo dos judeus, que lhe enraíze em vários eventos históricos significativos. Mas todos nós podemos reivindicar as raízes históricas e bíblicas por sermos os filhos de Adão e Eva. Assim, nesta Celebração de Redenção, nós relacionamos a sua herança e a de sua família ao primeiro casal. Nós mostramos como, pelo nosso pecado, estamos separados do nosso Criador, e como Jesus veio à terra em forma humana, através de um evento chamado de Encarnação, para redimir você especificamente para

um relacionamento com Ele. Tentamos transmitir isso na forma de uma história, dramática, porém simples. E, no fim da celebração, nós permitimos que você ofereça um convite para que os membros da família entreguem ou confirmem a entrega de suas vidas a Deus, pois Ele é o nosso "Redentor desde a antiguidade" (Is 63.16).

Se você quiser saber mais sobre a Páscoa, bem como as outras festas bíblicas do Senhor, e entender como elas se relacionam diretamente com a nossa fé cristã, nós encorajamos você a visitar www.ariseinglory.org. Em sua página da internet, Harvey Diamond, um judeu que crê em Cristo como o Messias, fez o excelente trabalho de explicar as festas bíblicas e narrá-las na forma de um devocional interativo, chamado Pathways to Glory Relational Devotional, que oferece várias maneiras de se relacionar com Deus de uma maneira que torna as festas particularmente relevantes para a vida cristã.

É melhor realizar esta Celebração da Redenção com duas ou mais famílias. As crianças a partir de três anos de idade poderão aproveitar esta celebração e extrair algo dela. Reúna-se antecipadamente com os adultos com quem você está planejando fazer a Celebração, para repassar os detalhes, escolher o mestre de cerimônias e designar determinadas leituras e responsabilidades.

A celebração consiste de sete elementos. Repassem cada um deles para praticar e planejar a sua refeição e as diferentes leituras.

1. "O Filho de Deus entrou no nosso mundo" (leitura das Escrituras). Na sua reunião de planejamento, identifique alguém no grupo que esteja disposto a ler esta passagem para iniciar a Celebração de Redenção. A leitura pode ser encontrada na página 481, e você tem permissão de fazer cópia dessa página, bem como todas as outras relacionadas com esta celebração. Peça que a pessoa pratique a leitura da passagem em voz alta para o grupo, usando a página copiada. Nós incentivamos você a praticar a leitura na celebração, em vez de tentar narrar o conteúdo de maneira informal. Isto dará à sua noite um senso de clareza e precisão.

2. A "Árvore do Profeta". Identifique alguém em seu grupo que esteja disposto a apresentar a "Árvore do Profeta". Esta pessoa precisará seguir as instruções para criá-la. Para praticar, peça que leia a apresentação em voz

alta diante do seu grupo de planejamento, usando cópias das páginas 481-484 que você fornecerá.

3. A refeição. Identifique alguém disposto a liderar a coordenação no local da Celebração da Redenção (preferivelmente a casa de alguém), decida a hora da celebração, o que as pessoas irão comer, e assim por diante. Esta pessoa não deverá fazer todo o trabalho, mas deverá trabalhar com os membros do seu grupo para coordenar os detalhes logísticos da celebração, apresentados na página 484. Faça uma cópia dessa página e entregue-a ao coordenador da refeição.

4. "A história mais triste que já se contou: A Grande Separação". Identifique alguém no grupo que esteja disposto a ler esta história de conto de fadas de uma forma personalizada na celebração. Faça cópias das páginas 484-486 desta leitura e entregue-as à pessoa que lerá a história e peça que ela faça a leitura agora mesmo, para praticar. (Obs.: O leitor precisará preencher as lacunas, dependendo do gênero.)

5. "A maior história que já se contou: A Grande Redenção". Identifique alguém no seu grupo que esteja disposto a ler esta história na celebração. Faça cópia desta leitura, encontrada nas páginas 487-488. Esta história, é claro, é verdadeira e estabelece a fundação para que os nossos filhos e jovens entreguem ou confirmem a entrega de sua vida a Cristo. O leitor designado poderá praticar, lendo uma cópia.

6. "Como vivenciar um relacionamento com Deus". Identifique alguém em seu grupo que esteja disposto a fazer uma breve e clara apresentação do Evangelho. Isso é para oferecer às suas crianças e jovens a oportunidade de entregar ou confirmar a entrega de sua vida a Cristo, o Redentor. O leitor designado pode praticar lendo a cópia da apresentação que está nas páginas 489-490.

7. "Algo para celebrar". Identifique alguém em seu grupo que esteja disposto a concluir a Celebração de Redenção, escolhendo cinco pessoas (preferivelmente jovens) para ler o que a vinda de Jesus à terra significa, e então concluindo em oração. Essas cinco leituras explicam o significado da vinda de Jesus à terra — e a nossa resposta através da qual dedicamos toda a nossa vida ao nosso Redentor. A pessoa designada pode praticar, lendo uma cópia das páginas 491-492.

Como Conduzir a Celebração da Redenção

Depois de se reunir com as famílias com as quais planeja ter a Celebração da Redenção, você estará pronto para ser o mestre de cerimônias do seu evento e refeição da noite. Sinta-se à vontade para fazer cópias destas páginas como um guia de referência para a sua celebração.

• Introdução. Convide todas as pessoas para que se sentem à mesa, e diga: “Hoje vamos fazer uma Celebração da Redenção, uma celebração de quando Deus assumiu a forma humana e Jesus nasceu neste mundo. E _____ (nome) vai iniciar a nossa celebração com uma leitura das Escrituras” (“O Filho de Deus entrou no nosso mundo”).

• Imediatamente depois da leitura, peça que a pessoa responsável pela Árvore do Profeta faça a sua apresentação (“A Árvore do Profeta”).

• Anuncie que é o momento da refeição; ofereça uma oração pela refeição.

• Na conclusão da refeição, agradeça a todos os que ajudaram a prepará-la. E então diga: “Agora, queremos celebrar o fato de que Deus assumiu a forma humana — o que é chamado de Encarnação. E queremos entender por que Ele fez isso — por que Ele veio à terra. Assim, para começar, _____ (nome) vai nos ler alguma coisa. Mas para alcançar o impacto desta história, eu quero que cada jovem aqui finja que _____ (nome) é o seu verdadeiro _____ (pai/mãe). A história tem o título ‘A história mais triste que já foi contada: A Grande Separação’”.

• Depois da leitura de “A Grande Separação”, estimule a resposta de cada pessoa. Pergunte: “Se essa história fosse verdadeira, como você se sentiria?”

• Então diga ao grupo: “Posso lhes dizer como eu me sentiria; eu me sentiria _____.” (Descreva da maneira mais honesta e vulnerável possível a maneira como isso o afetaria.)

• A seguir, diga: “A história que _____ (nome) acaba de ler mostra como seria triste a nossa vida se nós não pudéssemos sentir o amor uns dos outros. Mas, embora isso seja apenas uma fábula, corresponde a uma situação real, uma história que é absolutamente verdadeira, para cada um de nós. Agora _____ (nome) vai ler ‘A maior história que já se contou: A Grande Redenção’”.

• Depois da leitura de “A Grande Redenção”, o mestre de cerimônias dirá, “Obrigado, _____ (nome). Esta é a razão pela qual Deus veio à terra na forma de um ser humano. Esta é a razão pela qual Jesus morreu: Ele quer um relacionamento — uma conexão íntima de amizade — com você. Agora _____ (nome) irá nos explicar como vivenciar essa conexão, um relacionamento íntimo com Deus”.

• Depois da oração de compromisso ou confirmação, diga: “Se você fez essa oração do fundo do seu coração, aconteceu um milagre e você é agora um filho de Deus — tudo por causa de Jesus”. Investigue se alguém fez essa oração ou deseja continuar orando — e reaja de maneira apropriada. Então, no devido tempo, diga: “Vamos concluir o nosso tempo juntos, celebrando a nossa redenção e o que acabamos de vivenciar, respondendo de forma positiva ao próprio Deus da Redenção”. Apresente a pessoa que deverá fazer a apresentação de “Algo para Celebrar”.

• Conclua a sua Celebração da Redenção com uma oração.

O Filho de Deus Entrou no nosso Mundo (Leitura das Escrituras)

Foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres.

E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho,

e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim.

E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão?

E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.

Disse, então, Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela (Lc 1.26-38)...

E se cumpriram os dias em que ela [Maria] havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem (Lc 2.6,7).

A Árvore do Profeta

Instruções para Criar a sua "Árvore do Profeta"

Antes da celebração: Se ninguém lhe forneceu uma Árvore do Profeta, tome alguma planta em vaso ou um pequeno pinheiro para a celebração. Antes de começar, escreva as oito profecias a respeito de Jesus, que estão listadas abaixo, incluindo as suas referências nas Escrituras, em oito tiras pequenas de papel. Enrole-as e prenda cada rolo, com fitas, a um ramo da planta.

Comece a Apresentação

Diga: “Sim, Jesus nasceu em uma manjedoura. Mas como podemos saber que Jesus foi verdadeiramente o Filho de Deus?” (Pausa para possíveis respostas.)

“Bem, Deus nos deu uma maneira para sabermos, com certeza, que Jesus foi o seu próprio Filho. Você percebe, mais de 400 anos antes que Cristo nascesse Deus fez com que seus profetas predissessem muitas coisas específicas a respeito de Jesus. Isso foi como identificá-lo, dando-nos o seu endereço. Examinando essas profecias, sabemos que, se a informação for suficientemente descritiva, e Jesus se encaixar nas descrições, então não teremos nenhuma dúvida de que Jesus foi, de fato, Filho de Deus.

“Por exemplo, você (dirija-se a alguém no grupo) é uma pessoa entre mais de 6 bilhões de habitantes deste planeta. Se eu tivesse a tarefa de identificá-lo em meio à população da terra, eu poderia fazer isso, descobrindo as respostas a apenas oito perguntas. Deixe que lhe pergunte:

1. Em que continente você vive? _____

(O continente africano? O continente europeu? O continente sul--americano? e assim por diante)

2. Em que país você vive? _____

(Canadá? Brasil? Inglaterra? Estados Unidos? e assim por diante)

3. Em que província ou estado você vive? _____

4. Em que cidade, aldeia ou vilarejo você vive? _____

5. Em que rua ou avenida você mora?
_____

6. Qual é o número da sua casa ou apartamento? _____

7. Qual é o seu sobrenome? _____

8. Quais são o seu primeiro nome e o seu nome do meio?
_____

“As respostas a essas oito perguntas permitirão que eu separe você dos mais de seis bilhões de habitantes que estão vivos hoje. Da mesma maneira, Deus nos deu o endereço de Jesus Cristo. Ele nos forneceu informações específicas sobre quem seria o Cristo, onde Ele nasceria, e o que aconteceria com Ele. E por quê? Para que nós pudéssemos nos convencer, sem nenhuma dúvida razoável, que um homem judeu, chamado Jesus, que viveu há mais de dois mil anos, foi quem afirmava ser — o Filho do único Deus verdadeiro.”

Apresente a Árvore do Profeta

Agora traga a Árvore do Profeta e continue, dizendo: “Isto é chamado de ‘Árvore do Profeta’. Nela temos oito profecias a respeito de Jesus que foram escritas e preservadas centenas de anos antes que Ele nascesse”. Escolha até oito pessoas no grupo — de preferência, jovens — para desamarrar os rolos de papel da árvore e lê-lo. Uma pessoa, naturalmente, poderá ler mais de uma profecia. Os textos serão:

1. Ele nasceria em Belém (Mq 5.2).

2. Ele nasceria de uma virgem (Is 7.14).

3. Um precursor anunciaria a sua chegada, uma ‘voz no deserto’ (Is 40.3).

4. Ele entraria vitoriosamente em Jerusalém montado em um jumentinho (Zc 9.9).

5. Ele seria traído por um amigo (Sl 41.9; Zc 11.12).

6. Ele seria crucificado (Suas mãos e seus pés seriam perfurados), mas os seus ossos não seriam quebrados (Sl 22.16; 34.20).

7. Ele morreria 483 anos depois da declaração para reconstruir o templo, em 444

a.C. (Dn 9.24).

8. Ele ressuscitaria dos mortos (Sl 16.10).[1]

Será que Tudo isso Poderia Ser uma Coincidência?

Continue, lendo:

“Cada uma dessas profecias se cumpriu durante a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. Mas não poderia tudo isso ser uma coincidência? Talvez essas profecias tivessem se cumprido por inúmeras pessoas. Não é?

“É aqui que entra a ciência da estatística e da probabilidade. O Professor Peter W.Stoner, em uma análise que foi cuidadosamente revisada e declarada como confiável pela American Scientific Affiliation, declara que a probabilidade de apenas oito dessas profecias se cumprirem em uma única pessoa é de 1 em 10 elevado à 17a potência — isto é, 1 em 100 quintilhões.[2]

“Para fazer uma ideia desse número, suponha que você pegasse 100 quintilhões de moedas de um dólar e as espalhasse pelo estado do Texas. Essas moedas não somente cobririam todo o estado, como formariam uma pilha de 60 centímetros de altura! Agora, peque uma moeda de um dólar, marque-a com um grande X vermelho, jogue-a naquela pilha e mexa toda a pilha.

“Então cubra os olhos com uma venda, e começando em El Paso na fronteira ocidental, caminhe por toda a extensão e largura desse enorme estado, abaixando-se apenas uma vez em todo o caminho para pegar uma única moeda de um dólar daquela pilha de 60 centímetros de altura... A seguir, tire a sua venda, e olhe para a moeda na sua mão. Quais são as probabilidades de que você tenha apanhado a moeda marcada naquela pilha do tamanho do estado? A mesma probabilidade de que uma pessoa pudesse ter cumprido apenas oito profecias messiânicas em uma vida.

“E isso é apenas o princípio! Mais de 300 profecias do Antigo Testamento se cumpriram em uma única pessoa, Jesus Cristo — e todas elas foram proferidas

mais de 400 antes de seu nascimento. Em outras palavras, é completamente irracional imaginar que as profecias do Antigo Testamento a respeito de Jesus pudessem ter se cumprido em um único homem — a menos, é claro, que Jesus seja o que Ele dizia ser, 'o Filho do Deus Bendito' (Mc 14.61,62), aquEle que era, que é e que será".[3]

(O mestre de cerimônias agradece à pessoa que lhe presenteou com a Árvore do Profeta, anuncia que é o momento de fazer juntos a refeição e profere a bênção.)

Preparo da Refeição de Celebração da Redenção

• Escolha onde realizar a Celebração da Redenção. A casa de uma pessoa é preferível, dependendo do tamanho do seu grupo e suas famílias. Realizar a celebração em vários lugares é uma opção, se você tiver um grupo grande.

• Escolha o dia e a hora de sua celebração.

• Decida a respeito da refeição. Considere uma refeição trivial em que cada família traz um prato. Decida quem do seu grupo trará qual prato. Se você planeja realizar a celebração como um evento anual, você poderá desejar identificar um ou dois pratos como um item especial que sempre deverá estar presente, como um item tradicional da Celebração de Redenção.

A História mais Triste que já se Contou: A Grande Separação

O mestre de cerimônias profere uma introdução: "Agora, queremos celebrar a ocasião em que Deus assumiu forma humana — que chamamos de encarnação. E queremos entender a razão por que Ele fez isso — em outras palavras, por que Ele veio à terra. Para começar, _____ (nome) vai ler um texto. Mas para obter o impacto desta história, cada jovem aqui deverá fingir que _____ (nome da pessoa que lê a história) é o seu pai ou mãe

verdadeiro. Esta história tem o título de “A História mais Triste que já se Contou: A Grande Separação”.

A pessoa escolhida para ler se levanta e começa:

“Quero que vocês imaginem comigo que... era uma vez, em uma terra muito distante, eu era o(a) mais feliz _____ (rei/rainha) em todo o mundo ... o(a) mais feliz _____ (rei/rainha), na realidade, de toda a história de todos os _____ (reis/rainhas) de todo o mundo.

“Esta felicidade não existia apenas porque eu era grande. Não era porque eu tinha um grande castelo. Não era porque eu governava um reino glorioso. Foi porque, em certo dia especial, eu me tornei algo ainda melhor que um grande _____ (rei/rainha), porque naquele dia você nasceu, e eu me tornei seu _____ (pai, mãe).

“Durante meses, esperei a sua chegada. Quando, finalmente, você veio ao mundo, era verdadeiramente uma pessoa singular e única que nunca havia sido vista. Nunca, na história do tempo mortal, haveria outro você — tão distinto, tão individual, e ainda assim tão conectado a mim.

“Desde a primeira vez que o(a) peguei em meus braços e o(a) abracei, não quis mais nada no mundo além de amá-lo(la), estar perto de você, e vê-lo(la) crescer para sentir todas as suas alegrias. Você era meu(minha) filho(a), afinal, e eu não queria que nada se pusesse entre nós.

“Mas então... uma coisa horrível aconteceu. O ímpio príncipe de um reino triste tentou assumir o controle do meu reino. Mas ele fracassou, porque eu era muito forte. Assim, com ira e ódio, ele decidiu atacar onde feriria mais. Ele lançou um feitiço terrível sobre você.

“O feitiço do príncipe mau fez com que um muro de vidro terrível o(a) cercasse, onde quer que você fosse, e o que quer que você fizesse. Eu ainda conseguia vê-lo(la) e ouvi-lo(la) — pois eu ainda era o(a) grande _____ (rei/rainha) — mas o muro o aprisionou, sem o seu conhecimento. Ele impediu que você me visse, me ouvisse, me tocasse, e até mesmo sentisse que eu estava

ali.

“Assim, a menos que o feitiço fosse quebrado, eu nunca mais vivenciaria o prazer, a alegria, a intimidade de estar com você, o(a) meu(minha) próprio (própria) filho(a) .

“Oh, que angústia isso era para mim, pois conseguia vê-lo(la), mas você não conseguia me ver. Vi os seus primeiros passos... mas você não podia me ouvir o(a) animando. Ouvi as suas primeiras palavras... mas elas não foram ditas para mim. Via tudo o que você fazia, e o acompanhava, onde quer que você estivesse... mas o terrível muro de vidro impedia que você sentisse o meu amor, que sempre esteve presente. Eu queria compartilhar tudo com você — a sua emoção de aprender a andar de bicicleta, o seu alívio ao ser aprovado na escola, a sua excitação ao vencer um jogo — mas o terrível feitiço tirou de mim tudo isso.

“Eu estava ali também quando você foi ferido. Quando você chorou, estendi a mão para enxugar as suas lágrimas, mas você nunca sentiu o toque da minha mão. Quando você esfolou o joelho, eu queria beijá-lo(la) e fazer com que a ferida sarasse, mas você nem mesmo soube que eu estava ali. E naquelas noites, quando você chorava antes de dormir, eu o(a) ouvia, eu o(a) ouvia chorando, ‘Onde está o meu(minha) _____ (paizinho/mãezinha)? Quero meu(minha) _____ (papai/mamãe)’. Mas você não podia ouvir os meus soluços por você.

“Oh, que terrível feitiço. Eu teria dado o meu reino — a minha vida! — se isso rompesse o feitiço e devolvesse você a mim. Mas isso não era possível, pois ninguém na terra poderia rompê-lo. Eu só podia observar, com o coração partido, chorar por você, e esperar por aquele que romperia o feitiço, que reuniria você e a mim... e traria ao fim a história mais triste que já foi contada”.[4]

Transição do mestre de cerimônias para a próxima leitura:

Depois da leitura, avalie com sensibilidade a reação de cada pessoa. Pergunte: “Como você se sentiria, se essa história fosse verdadeira?”

A seguir, ofereça, “Posso lhe dizer como eu se sentiria; eu me sentiria _____”.

(Descreva da maneira mais honesta e vulnerável possível a maneira como isso afetaria você.)

A seguir, diga: “A história que _____ (nome) acaba de ler mostra como seriam tristes as nossas vidas, se não conseguíssemos sentir o amor, uns dos outros. Mas, embora isso seja apenas uma fábula, ela corresponde a uma situação real, uma história que é absolutamente verdadeira... para cada um de nós. E _____ (nome) lerá agora ‘A Maior História que já se Contou: A Grande Redenção’”.

A Maior História que já se Contou: A Grande Redenção

“Em uma nação do Oriente Médio, há muitos anos, onde um belo rio se dividia para formar quatro outros rios, havia um jardim imaculado. Árvores e plantas tropicais exuberantes produziam frutas deliciosas de todos os sabores e texturas. Um paraíso de ervas e flores sob uma abóbada de nuvens e céu pintada como uma tela de tirar o fôlego. Pássaros que cantavam e cascatas borbulhantes criavam uma trilha sonora de puro deleite. Havia a perfeição propriamente dita no Jardim do Éden, onde o primeiro homem e a primeira mulher viviam em perfeita harmonia, entre si e com o seu Criador, a Trindade de Deus Pai, Deus Filho e Deus, o Espírito Santo.

“Desde os primeiros momentos de sua existência, esse primeiro casal — Adão e Eva — desfrutaram um relacionamento íntimo com o seu Criador. Eles falavam com Ele da mesma maneira como falavam um com o outro. Eles andavam com Ele no jardim. Eles riam juntos, desfrutando das delícias do paraíso — deleitando-se com a graça da gazela, a força altiva da águia, a jovialidade do pardal.

“Eles tinham comunhão com Deus, como um amigo querido e um Pai amoroso, pois eram uma família, e nesse relacionamento, tinham tudo o que necessitavam. Tinham amor, porque o seu amor vinha de Deus. Tinham alegria, porque a sua

alegria vinha de Deus. Tinham paz, porque a sua paz vinha de Deus. Não tinham fome, avareza, medo ou dor, porque a santa presença de Deus permeava o magnífico jardim. Eles formavam uma família perfeita.

“Mas então aconteceu uma coisa terrível. Um anjo rebelde, chamado Lúcifer, planejou, com ódio, destruir a família perfeita e o mundo perfeito que Deus havia criado. Lúcifer, que havia sido expulso do paraíso, porque desejava governar o seu próprio reino sem Deus, persuadiu o primeiro casal humano de que eles, também, deveriam governar o seu próprio mundo sem Deus. Assim, ele os enganou, levando-os a crer que sabiam mais que Deus. Ele os convenceu, de maneira egoísta e pecaminosa, a escolher os seus próprios caminhos, em vez de confiar nos caminhos de Deus.

A decisão pecadora de Adão e Eva de rejeitar a Deus e os seus caminhos formou um muro terrível — um muro de morte — que os separou de seu Criador amoroso, o seu Deus Pai. Estavam acabados os momentos compartilhados de intimidade e felicidade. Estavam acabados os momentos de riso que haviam tido juntos. Estava acabado o seu relacionamento íntimo.

“A partir de então, Deus observou, com tristeza e pesar, seus filhos entrando no mundo que Ele havia criado, sem conhecê-lo e sem sentirem o seu amor. Ele os observava todos os momentos do dia, mas eles não podiam sentir o seu interesse. Ele os viu seguir o caminho pecaminoso de Adão e Eva, que impedia cada criança, adolescente e adulto de conhecer e sentir o seu amor.

“O Criador perfeito e santo, que não conheceu pecado, observava seus filhos pecadores, que estavam separados da sua presença. Agora, eles estavam desconectados da única fonte que podia sustentar a vida, o amor, a alegria e a paz. Ele observou seus filhos que tinham que sofrer a agonia da guerra e a fome, a doença e o sofrimento, a dor e a aflição. O pecado separou Deus da família que Ele havia criado, e isso partiu o seu coração, mas embora sofresse pelos seus filhos, Ele já sabia como iria reagir.

“Deus queria se reconectar com seus filhos e restabelecer um relacionamento com eles — com você — todavia Deus, sendo santo, não podia se relacionar com o pecado. Por isso, Ele idealizou um plano. Ele enviou o seu único Filho ao nosso mundo, para se tornar um de nós — um bebê humano, uma criança — por você. O próprio Filho de Deus veio à terra — no útero de uma virgem, como os profetas haviam predito, como os profetas descobriram — para cancelar a

maldição, para que você pudesse conhecer, para que você pudesse sentir o seu amor ágape.

“O pecado do primeiro casal e o seu próprio pecado causaram a morte; e o príncipe das trevas, o próprio Satanás, detém o poder de morte sobre você. Somente uma coisa poderia cancelar a maldição do pecado: um humano sem pecado teria que estar disposto a se sacrificar por você. Assim, o Filho de Deus, perfeito e sem pecado, se fez humano. Como registra a Bíblia, “Também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hb 2.14).

“Ele fez tudo por você. Embora você pecasse contra Ele, Ele o amou e o aceitou. Este é o significado da redenção — o seu resgate, com o seu sangue. Isso mostra o quanto Ele queria ter um relacionamento com você.

“E esse tipo de relacionamento está disponível a qualquer pessoa que responda positivamente à sua oferta de um relacionamento eterno, crendo e confiando em Cristo como o Filho de Deus, o seu Salvador, Redentor e amigo.

“Não o fim — mas o princípio, se você confiar em Jesus, o Redentor”.[5]

Mestre de cerimônias:

“Muito obrigado, _____ (nome). Esta é a razão pela qual Deus veio à terra, na forma de um humano. Esta é a razão pela qual Jesus morreu — Ele deseja redimi-lo, para que Ele possa ter um relacionamento com você. _____ (nome) vai nos explicar como ter esse relacionamento com Deus”.

Como Vivenciar um Relacionamento com Deus

(Apresentador: Fique à vontade para ler esses cinco tópicos ou simplesmente use-os como orientação):

A confiança no Redentor — Jesus Cristo — envolve quatro coisas:

1. Devemos admitir que temos um problema com Deus. “Não há ninguém que entenda”, diz a Bíblia, “não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis” (Rm 3.11,12).

Admitir o nosso problema com Deus significa que reconhecemos que nos afastamos dEle e não temos suficiente entendimento na vida para decidir, por nós mesmos, o que é certo. A Bíblia explica como é isso: “Noutro tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más” (Cl 1.21).

2. Devemos reconhecer que Jesus Cristo é a nossa única solução. “O salário do pecado é a morte”, diz a Bíblia (Rm 6.23). O nosso problema com Deus nos trouxe a morte — a separação de Deus. E somos completamente incapazes de solucionar esse problema.

Não podemos apenas tentar com mais afinco ser bons. Você percebe, Jesus não veio à terra para tornar boas as pessoas más; Ele veio à terra para tornar vivas as pessoas mortas. Romanos 8.11 diz: “E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita”. Assim, Cristo é a nossa única solução.

3. Precisamos responder à oferta de Cristo de nos redimir. Nós precisamos receber a nova vida, e Cristo nos dará a nova vida, quando concordarmos com Jesus, que disse:

Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo 14.6).

Morrereis em vossos pecados, porque, se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados (Jo 8.24).

Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isso? (Jo 11.25,26).

Você realmente crê nisso? Você está convencido de que Jesus Cristo é quem Ele disse que é: a ressurreição e a vida, o único caminho até a salvação, a única solução para o seu caso? Você deseja entregar a sua vida a Ele? Jesus está pronto a ressuscitá-lo, da morte à vida, da separação dEle a um novo relacionamento com Ele. Está escrito, em João 1.12,13: “A todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus”.

4. Você pode confiar que Deus vive em você e por seu intermédio. Você pode estar morto para Deus, por causa dos seus pecados, mas Ele está preparado e pronto, como diz Colossenses 2.14 para “[riscar] a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz [de Cristo]”.

Se esta oração expressa verdadeiramente o desejo do seu coração de iniciar uma nova vida em Cristo, você pode orar silenciosamente estas palavras a Deus:

• Deus, reconheço que tenho um problema contigo. Pequei contra ti, e segui o meu próprio caminho na vida.

• Percebo agora que tu és a minha única solução. Peço-te que perdoes todos os meus pecados. Neste exato instante, estou me afastando da minha vida antiga, e me convertendo a Jesus Cristo, como minha única esperança de encontrar um relacionamento contigo.

• Respondo, agora mesmo, à oferta de Jesus Cristo, de me resgatar da morte. Neste exato instante, deposito a minha confiança em ti, como meu Salvador e Redentor. Neste exato instante, creio que me transformarás em teu filho e me darás um relacionamento eterno contigo.

• Confio que me transferirás da morte para a vida. Disseste, em João 11.25, que receberei a vida eterna, se crer em ti e que nunca perecerei. Creio, e confio que

me transformarás em teu filho, neste instante.

• Agradeço-te porque farás o que disseste que farias. Agradeço-te, porque me transformarás em teu filho perdoado e me trarás a um relacionamento contigo, o único Deus verdadeiro. Por favor, vive a tua vida em mim e por meu intermédio, todos os dias. Faço essa oração em nome de Jesus. Amém.

O mestre de cerimônias faz uma transição para a última leitura, dizendo:

“Se você fez essa oração do fundo do seu coração, um milagre aconteceu, e agora você é um filho de Deus — e tudo, por causa de Jesus”. (Observe se alguém fez essa oração ou quer continuar orando, e reaja de maneira adequada. Então, no momento apropriado, diga:) “Vamos concluir o tempo que passamos juntos, celebrando a nossa nova vida e o que acabamos de presenciar, respondendo ao Deus da Redenção”. (Apresente a pessoa que deverá conduzir a apresentação final, “Algo para Celebrar”).

Algo para Celebrar

Instruções: A pessoa escolhida para conduzir esta parte deve tirar cópia e recortar as cinco leituras nestas páginas, distribuí-las às pessoas presentes antes de seu início da celebração, e pedir que elas se revezem na leitura, quando você as chamar. De preferência, os jovens presentes à sua refeição deverão fazer as leituras. Siga a ordem, de 1 a 5. No final de cada leitura, a pessoa dirá, “Vale a pena celebrar isto”, e incentivar todo o grupo a responder, “Ele é digno”.[6]

1. Por causa de Jesus, Deus me aceita incondicionalmente

Como qualquer outro ser humano, sofri a maldição da morte. Nasci no pecado, desconectado de Deus, e isso partiu o seu coração. E embora pecasse contra Ele,

ainda assim Ele me aceitou, incondicionalmente. Ele queria tanto ter um relacionamento de amor comigo que estava disposto a deixar de lado a sua glória, e se humilhar, e até mesmo encarar uma morte torturante em uma cruz, para me redimir, ainda que eu não merecesse isso. A vinda de Jesus à terra mostra o quanto Deus anseia por ter um relacionamento... comigo.

Vale a pena celebrar isto!

[O grupo responde: “Ele é digno”]

2. Por Causa de Jesus, Deus me Ama com Amor Sacrificial

Embora eu nascesse com uma natureza pecadora — e aumentasse a minha culpa muitas vezes, pecando — Deus solucionou o problema do meu pecado de uma maneira que satisfez a sua misericórdia e a sua justiça, “enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o [meu] pecado na carne” (Rm 8.3). Apesar do meu pecado, Deus me amou o suficiente para sacrificar a si mesmo, e provou isso, dando a sua vida por mim!

Vale a pena celebrar isto!

[O grupo responde: “Ele é digno”]

3. Devo Responder,Vivendo uma Vida de Adoração Devotada a Deus

Cristo sacrificou a sua vida por mim, não posso fazer nada diferente por Ele. Romanos 12.1 diz “Que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”. Em Êxodo 34.14, está escrito, “Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; Deus zeloso é ele”.

Vale a pena celebrar isto!

[O grupo responde: “Ele é digno”]

4. Devo Responder, Vivendo uma Vida de Contínua Oração a Deus

Em Hebreus 4.15,16 Jesus é chamado de nosso Sumo Sacerdote, onde está escrito: “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”. A oração nos ajuda a compartilhar o nosso coração e as nossas necessidades com Deus, e Ele está sempre pronto para nos ajudar.

Vale a pena celebrar isto!

[O grupo responde: “Ele é digno”]

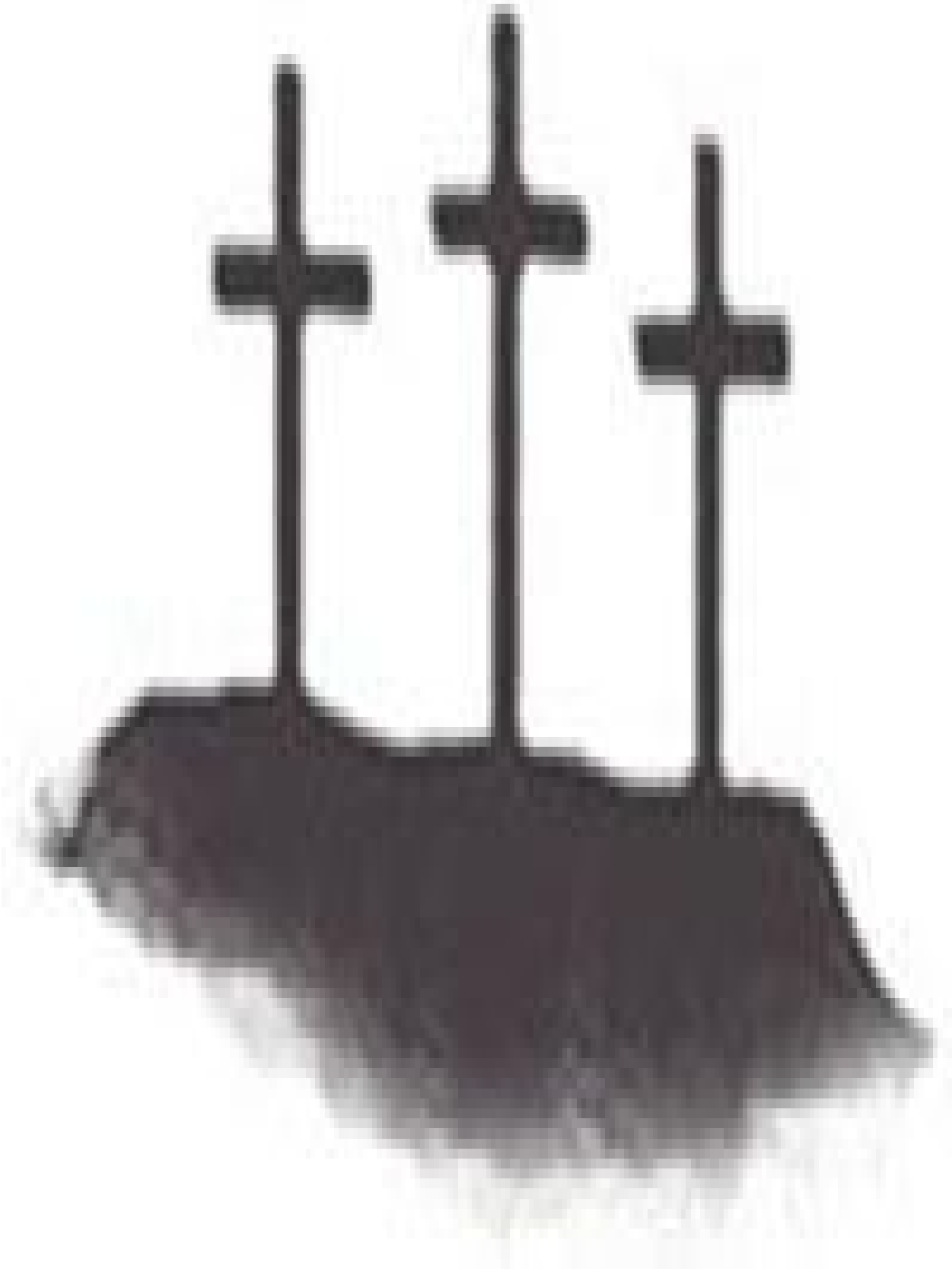
5. Devo Responder,Vivendo uma Vida de Fé Confiante em Deus

Em Hebreus 12.1,2 está escrito que devemos deixar “todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto”. Confiamos que Cristo nos redimirá, e Ele fará isso. Confiamos que Ele agora nos ajudará a atravessar as tentações e as dificuldades da vida — e Ele fará isso.

Vale a pena celebrar isto!

[O grupo responde: “Ele é digno”]

O mestre de cerimônias, então, agradece à pessoa encarregada e aos cinco leitores, e encerra a Celebração de Redenção, com um cântico de adoração e uma oração de ação de graças a Deus, por enviar o seu Filho e nos redimir.



Apêndice B

A CELEBRAÇÃO Da REVELAÇÃO

Permitimos a quem comprar este livro que faça cópia deste apêndice para uso em uma atividade de celebração, em família ou em grupo.

Este material tem direitos autorais © 2010 Josh McDowell Ministry e Sean McDowell

A Celebração da Revelação é uma celebração judaico-cristã, que inclui uma refeição. Você envolverá seus filhos e seus adolescentes em uma ocasião divertida e gratificante, que mostrará que as Escrituras e o Espírito Santo são as provisões de Deus para conservar vivo o nosso relacionamento com Ele. O foco está no processo contínuo de conhecer a Deus por intermédio da sua Palavra e da presença do Espírito Santo.

Esta celebração está baseada na festividade judaica, chamada “Festa da Colheita”. No idioma hebraico do Antigo Testamento, a festividade é chamada Shavuot. No idioma grego do Novo Testamento, é chamada Pentecostes.

Durante séculos, o povo judeu se congregou em suas casas para observar o Shavuot, celebrando a revelação da Palavra escrita de Deus, entregue a Moisés no Monte Sinai. As Escrituras são a revelação de Deus a nós, para que possamos conhecê-lo e aos seus caminhos. Isso é algo para celebrar.

Entretanto há mais para celebrar. Depois que Jesus morreu, ressuscitou e subiu aos céus, 120 dos seus discípulos e seguidores estavam reunidos em um cenáculo. Eles estavam guardando o Shavuot — Pentecostes — quando o Espírito Santo prometido de Jesus encheu cada um deles. Jesus disse que é o seu “Espírito da verdade” (Jo 14.17). O apóstolo Paulo disse que “Nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus” (1 Co 2.12). O Espírito Santo é a revelação de Deus de si mesmo. Ele nos enche para que

possamos conhecer a Deus intimamente e ser como Ele.

A Celebração de Revelação é uma ocasião para celebrar a Palavra revelada de Deus e o Espírito Santo, a quem Deus enviou como um meio para conhecê-lo, em um nível profundo, porque Ele é o "Deus zeloso" a respeito do seu relacionamento com você (Êx 34.14).

Se você desejar ter mais conhecimento sobre a Festa da Colheita, bem como as outras festividades bíblicas do Senhor, e compreender como elas se relacionam diretamente com a sua fé cristã, nós incentivamos você a visitar a página www.ariseinglory.org, a página de Harvey Diamond, um judeu que crê em Cristo como o Messias. Ele fez um excelente trabalho de explicar as festividades bíblicas e narrá-las na forma de um devocional interativo, chamado Pathways to Glory Relational Devotional, que oferece várias maneiras de se relacionar com Deus de uma maneira que torna as festas particularmente relevantes para a vida cristã.

É melhor realizar esta Celebração da Redenção com duas ou mais famílias. As crianças a partir de três anos de idade poderão aproveitar esta celebração e extrair algo dela. Reúna-se antecipadamente com os adultos com quem você está planejando fazer a Celebração, para repassar os detalhes, escolher o mestre de cerimônias, e designar determinadas leituras e responsabilidades.

A celebração consiste de sete elementos. Repasse cada um desses sete elementos para praticar e planejar a sua refeição e as diferentes leituras. Se o seu grupo for grande demais para se acomodar em uma única casa, planeje uma divisão e realize mais de uma celebração.

Os seus elementos da celebração da refeição não incluem música, e o seu grupo pode desejar inserir cântico e hinos em momentos diversos durante a celebração.

1. "A celebração de duas revelações de Deus". Identifique alguém em seu grupo que se apresente para ler esta apresentação, que explica de que trata a Celebração da Revelação. A leitura pode ser encontrada nas páginas 496-497, e você tem permissão para xerocar estas páginas, e todas as páginas relacionadas com esta celebração. Você pode pedir que a pessoa leia o texto em voz alta para o grupo, usando as páginas xerocadas. Nós encorajamos você a fazer estas leituras durante a refeição da celebração, em vez de

narrar casualmente o conteúdo. A exceção é o “Processo de Transmissão Verbal”.

2. “Por que celebramos”. Identifique alguém em seu grupo que se encarregue desta apresentação, encontrada nas páginas 498-500. Peça que essa pessoa leia o texto em voz alta para que todos se familiarizem com o material.

3. A refeição. Identifique alguém em seu grupo que esteja disposto a assumir a coordenação da Celebração da Revelação, incluindo a localização (preferivelmente, a casa de alguém), definir o horário, obter os itens do cardápio, determinar o que mais será servido, e assim por diante.

4. Esta pessoa não deverá fazer todo o trabalho, mas deverá trabalhar com os membros do grupo para coordenar os detalhes logísticos da celebração, apresentados nas páginas 500-501. Faça uma cópia dessa página e a dê ao coordenador da refeição.

5. “O Processo de Transmissão verbal”. Identifique alguém em seu grupo que conduza esta parte da celebração, encontrada nas páginas 501-503. Faça cópias dessas páginas e peça que a pessoa as leia em voz alta para que todos se familiarizem com o texto.

6. “Cartas precisas do Amor de Deus”. Identifique alguém que deseje ler esta informação, encontrada nas páginas 503-506. Peça que essa pessoa leia em voz alta para que o grupo se familiarize com o material.

7. “Do Coração de Deus para o seu”. Identifique alguém em seu grupo que se encarregue desta apresentação, encontrada nas páginas 507-508. Peça que leia esse material em voz alta para que todos se familiarizem com o seu conteúdo.

Conduzindo a Celebração da Revelação

Depois de se reunir com as famílias com quem realizará a Celebração de

Revelação, você está pronto para ser o mestre de cerimônias de seu evento e refeição noturna. Faça cópias destas páginas e use-as como um guia de referência para a sua celebração.

• Introdução: Convide todos para que se sentem à mesa, e diga: “Esta noite, vamos ter uma celebração, e _____ (nome) vai iniciá-la (“A Celebração de Duas Revelações de Deus”).

• Imediatamente depois dessa apresentação, a pessoa responsável pelo “Por que Celebramos” fará a sua apresentação.

• Essa mesma pessoa fará o anúncio e a oração pela refeição.

• Na conclusão da refeição, agradeça a todos os que ajudaram a prepará-la. A seguir, diga: “Agora _____ (nome) tem algo a nos dizer” (“O Processo de Transmissão Verbal”).

• Depois da apresentação da transmissão verbal, diga: “Agora, para que vejamos como é exata e precisa a mensagem salvadora de vidas da Bíblia, _____(nome) vai ler um texto muito fascinante, intitulado “Cartas Exatas do Amor de Deus”.

• Depois dessa apresentação, e depois de um momento de silêncio, fale com suas próprias palavras como você deseja conhecer mais a Deus, por intermédio do seu Espírito e da sua Palavra. Encoraje os outros a falar também sobre os seus desejos de conhecer mais a Deus. Depois de algum tempo, conclua a celebração em oração.

Considere Ler esta Oração no Final da Celebração

“Esta noite, ó Senhor, celebramos a revelação da tua santa Palavra e a revelação do teu Espírito Santo. Tu nos deste o teu Espírito e a tua Palavra para que pudéssemos conhecer-te e amar-te intimamente. E, fazendo isso, nos capacitaste

a amar nossas esposas e maridos, mães e pais, filhos e filhas, avôs, netos, e amigos, como desejavas que os amássemos — com um amor abnegado e como o de Cristo.

“Ajuda-nos a sair desta celebração comprometidos contigo de maneira mais amorosa, e também comprometidos uns com os outros. E que esta oração do teu apóstolo Paulo, em Efésios 3, seja a nossa oração de conclusão:

[Oro] para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite, pela fé, no vosso coração; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém! (vv. 16-21).

“E todos dizem... Amém!”

Celebrando Duas Revelações de Deus

Esta noite, vamos participar do que chamamos de “Celebração da Revelação”. Ela se baseia em uma festividade judaica chamada Festa da Sega. No idioma grego do Novo Testamento, é chamada Pentecostes.

Durante séculos, o povo judeu se reuniu em suas casas e guardou a Festa da Sega, celebrando a revelação da Palavra escrita de Deus, entregue a Moisés no Monte Sinai. Deus apareceu a Moisés, e disse: “Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade;...

te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; Deus zeloso é ele" (Êx 34.6,7, 14).

Deus deu aos filhos de Israel e a cada um de nós a sua Palavra, como as suas cartas de amor sobre como é possível vir a conhecê-lo pessoalmente. Como os humanos pecaram contra Deus, foram separados dEle. As Escrituras — a sua Palavra escrita — são instruções sobre como recuperar um relacionamento pessoal de amor com Deus.

Esta noite, vamos celebrar o fato de que Deus se revelou a nós, por meio da sua santa Palavra, para que possamos conhecê-lo como Ele é.

Centenas de anos depois de Moisés, foi escrito nas Escrituras que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14). O seu nome era Jesus. Ele disse aos seus seguidores que para redimi-los, Ele deveria morrer por seus pecados, mas Ele ressuscitaria dos mortos. Ele também disse: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade" (Jo 14.16,17). E a Bíblia diz que: "Nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Co 2.12).

Durante a celebração da Páscoa dos judeus, Jesus foi, na verdade, crucificado. Mas, exatamente como havia dito, Ele ressuscitou, e voltou para junto de seu Pai, Deus, no céu. E cinquenta dias depois da Páscoa, quando a Festa da Colheita, ou Pentecostes, era guardada pelo povo judeu, aconteceu algo extraordinário — exatamente como Deus havia prometido. Isso está registrado no segundo capítulo do Livro de Atos.

Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo (At 2.1-4).

Esta noite, também vamos celebrar o fato de que Deus se revelou a nós, dando-nos o seu Espírito Santo.

Assim, hoje à noite, celebramos a revelação de Deus da sua Palavra. Esta noite, celebramos a revelação de Deus do seu Espírito Santo.

Por que Celebramos

Instruções: No final deste texto, há três leituras para o grupo. Elas devem ser xerocadas, recortadas e distribuídas a três jovens Celebração de Revelação. Chame-os e peça que eles o ajudem com a sua leitura. Eles deverão ler em voz alta o que está escrito, ao seu sinal.

Peça também que a criança mais nova, que já saiba falar o ajude. Peça que ela simplesmente diga: “Porque”, quando você lhe fizer um sinal de cabeça. Esta criança precisará ser capaz de prestar atenção à sua leitura e aos seus sinais.

Você precisará de um cacho de uvas, como um objeto para uma lição, e pequenos cachos em quantidade suficiente para dar a cada pessoa presente à refeição da Celebração de revelação. Certifique-se de que o cacho que você usar tenha um caule principal de onde saiam várias uvas.

Leia em Voz Alta:

“Por que celebramos esta noite? Celebramos, porque Deus se revelou, por intermédio da Palavra escrita e também por intermédio do seu Espírito Santo. Mas o que isso realmente significa para nós?

“A revelação de Deus, por intermédio da sua Palavra escrita e também por intermédio do seu Espírito Santo significa tudo para você e para mim, porque o Espírito e a Palavra nos ensinam e capacitam a realizar a única coisa que devemos realizar — que é desfrutar os relacionamentos. Fomos criados para nos deleitarmos em um relacionamento de amor com Deus, e uns com os outros, porque, como diz Êxodo 34.14, ‘o nome do Senhor é Zeloso; Deus zeloso é ele’.

“Pedi a _____ (nome da criança mais jovem) que me ajudasse. Todas as vezes que (ele ou ela) disser: “Porque”, gostaria que todos vocês

repetissem essa passagem em uníssono: ‘O nome do Senhor é Zeloso. Deus zeloso é ele’. Está bem?”

“Por que Deus te deu a sua Palavra escrita?”

(Acene com a cabeça para que a criança diga: “Porque”)

(O grupo dirá, em uníssono:“O nome do Senhor é Zeloso. Deus zeloso é ele”. [Repita isto, se o grupo estiver incerto sobre o que deve fazer]).

“Por que Deus te deu o seu Espírito Santo?”

(Acene com a cabeça para que a criança diga: “Porque”)

(O grupo dirá, em uníssono: “O nome do Senhor é Zeloso. Deus zeloso é ele”.)

“Por que Deus te criou para amá-lo, e uns aos outros?”

(Acene com a cabeça para que a criança diga: “Porque”)

(O grupo dirá, em uníssono: “O nome do Senhor é Zeloso. Deus zeloso é ele”.)

Agora, acene ao adolescente ou jovem a quem você deu a leitura número 1, para indicar que ele pode começar a lê-la em voz alta. Atenção: Antes da refeição, faça cópias das três leituras e recorte-as, para que você possa dar a cada pessoas que for ler.

Leitura Número 1

Nós celebramos a revelação da tua santa Palavra, ó Deus, pois ela permite que te

conheçamos. Disseste a Moisés, como está registrado em Êxodo 33.12,13 “Conheço-te por teu nome; também achaste graça aos meus olhos”, e Moisés respondeu, “Agora, pois, se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei”. A tua santa Palavra te revela, e aos teus caminhos, a nós. Por isso celebramos esta noite a entrega da tua santa Palavra.

Acene para o adolescente ou jovem que fará a leitura número 2 para indicar que ele pode começar a lê-la em voz alta.

Leitura Número 2

Nós celebramos a revelação do teu Espírito Santo, ó Deus, no dia de Pentecostes, pois vieste para nos encher não apenas com a tua Palavra, mas também com a tua presença. O teu desejo é que nos unamos a Ti no círculo do teu relacionamento perfeito. Disseste: “[Eu rogo]... para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.21). O teu Espírito Santo veio para habitar em nós e nos tornar um só contigo. Esta noite, celebramos a entrega do teu Espírito.

Acene para o adolescente ou jovem que fará a leitura número 3 para indicar que ele deverá lê-la em voz alta.

Leitura Número 3

Esta noite celebramos a revelação do teu Espírito e da tua Palavra. E ao fazer isso, celebramos como o teu amor por nós e em nós nos capacitou para que amemos uns aos outros como tu nos amaste. Disseste aos teus seguidores, como está registrado em João 13.34,35 “Como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos

amardes uns aos outros”. O teu Espírito e a tua Palavra nos capacitam a amar verdadeiramente, como tu amas. Esta noite, nós celebramos o nosso amor, uns pelos outros.

Pegue o cacho de uvas. Peça que cada pessoa pegue um dos pequenos cachos que você colocou em uma bandeja, e diga o seguinte:

“Jesus disse, Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer” (Jo 15.5).

“Cristo é a videira. Nós somos as varas. Esta uva representa o fruto do seu amor. Quando nós nos entregamos à santa Palavra de Deus e ao Espírito Santo que habita em nós, produzimos o fruto do amor como o de Cristo. Cada um de vocês pegue agora o fruto da videira e coma-o”. (Pegue uma uva do seu cacho e coma-a também.)

“Esta noite, celebramos o seu amor e o nosso amor, uns pelos outros. Agora mesmo, permita que uma pessoa saiba que você a ama”. (Para dar um exemplo, vá e abrace alguém, e diga, “Eu amo você”. Depois que todos tenham expressado um gesto de amor, uns pelos outros, diga o seguinte.)

“Agora, graças à revelação de Deus do seu Espírito e da sua Palavra, celebramos a Ele e o nosso amor, uns pelos outros. E como fazemos isso? Para começar, festejando!” Se vocês decidirem cantar, diga: “Cantando e festejando”. (A seguir, inicie um cântico. A seguir, ofereça a oração seguinte.)

“Ó Deus, nós celebramos o teu Espírito e a tua Palavra esta noite. Nós celebramos o nosso amor, uns pelos outros. E enquanto repartimos este alimento, abençoa-o, para que ele nos fortaleça para que te honremos, amando-nos uns aos outros como tu nos amaste. Amém”.

Sirva a refeição

A Refeição da nossa Celebração

• Escolha onde você realizará a sua Celebração de Revelação. A casa de uma pessoa será preferível, dependendo do tamanho do seu grupo e das famílias dos membros. Uma opção, se você tiver um grupo grande, é realizar a celebração simultaneamente em vários lugares.

• Escolha a data e a hora da sua celebração.

• Escolha o cardápio. Uma boa ideia é uma refeição comunitária em que cada família colabora com um prato. O tempo que vocês passarem juntos é um tempo de festa e banquete. Decida o prato que cada família trará. Como um objeto para lição, você precisará ter um grande cacho de uvas para a refeição da sua celebração. Certifique-se de que pelo menos uma parte do cacho que você usar tenha um caule principal claramente visível, de onde saem vários pequenos cachos.

O Processo de Transmissão Verbal

Instruções: Antes da sua celebração, escreva cinco etiquetas que deverão ser coladas sobre cinco pequenos copos de papel. Os dizeres das etiquetas deverão ser, "Ácido clorílico", "Ácido clorírico", "Ácido clorífico", "Ácido clorícico" e "Ácido clorídrico". A seguir, coloque uma bala de hortelã dentro de cada copo. Também escreva as palavras "Uma pílula de ácido clorífico" em uma pequena tira de papel e dobre-a uma vez para esconder o texto. A seguir, coloque os cinco copos sobre uma bandeja e a tira de papel no seu bolso.

Apresentação (familiarize-se com este exemplo para não precisar ler durante a apresentação):

Diga: "Preciso que _____ (nome — escolha uma criança de dez anos ou mais, do seu grupo) e _____ (nome — um adulto) me ajudem. _____ (nome de um jovem), você é um médico com, entre outras coisas, estes remédios (apresente a bandeja com os cinco copos com balas de hortelã).

“_____ (nome do adulto), você sofre de uma doença rara, chamada ‘melodrama fatal que pode ser curada com apenas uma destas pílulas. Sei o nome dessa pílula, e o informarei ao nosso caro doutor aqui, por meio de um processo de transmissão verbal”. (Peça que o seu jovem médico venha até onde você está). “Mas vou transmitir o nome dessa tão importante pílula a _____ (nome da pessoa sentada mais perto de você) uma única vez, e essa pessoa deverá sussurrá-la à pessoa ao seu lado, uma única vez . E assim sucessivamente até que a informação chegue aos ouvidos do nosso caro doutor. Agora, o tempo é essencial, assim vamos fazer essa transmissão verbal o mais rapidamente possível. Lembrem-se, vocês podem sussurrar o que ouviram apenas uma vez. E, naturalmente, não podem pedir à pessoa anterior que repita o que ela lhes sussurrou — e devemos fazer isso depressa, porque o nosso paciente está morrendo”.

(Sussurre “Pílula de ácido clorífico” à pessoa mais próxima de você, e inicie o processo de transmissão. Depois que a informação tiver sido transmitida ao redor da mesa à última pessoa perto de você e do seu médico, peça que essa pessoa sussurre o nome da pílula ao médico. Então, olhando para o seu jovem médico, diga:)

“Qual foi a palavra que foi sussurrada ao seu ouvido?” (Depois que o médico tiver respondido, mostre a ele os cinco copos com etiquetas e peça que ele repita o nome que ouviu. O nome ouvido sem dúvida será diferente de qualquer dos nomes das etiquetas. Diga:) “Nenhuma destas pílulas corresponde ao nome que você disse, assim você precisa correr um risco”. (Deixe que o médico escolha o copo que tem o nome mais semelhante ao que ele ouviu. A seguir, diga:) “Uma vez que esse é o seu melhor palpite quanto ao nome da pílula, vá em frente e assuma o risco, dê a pílula ao nosso amigo moribundo”. (Peça que o adulto ingira a pílula. A seguir, dê ao médico a tira de papel dobrada que estava no seu bolso e peça que ele a leia. A seguir, pergunte:)

“Essa é a pílula que _____ (nome do adulto) tomou?” (Provavelmente, não; mesmo que a resposta seja afirmativa, enfatize que foi um tiro no escuro e que o paciente se salvou por um improvável milagre. No entanto, com toda probabilidade, não foi escolhida a pílula correta. Diga ao adulto:) “Você está sem sorte. Você tomou a pílula errada e agora vai morrer”. (Quanto mais o adulto exagerar em sua atuação, melhor. A seguir, diga:)

“Vou fazer uma pergunta a todos vocês: O que houve de errado com este

processo de transmissão verbal para informar o nosso médico o nome da cura?” (Deixe que o grupo responda: todos concordarão que a mensagem se deturpou no processo de transmissão.)

“Muito bem. Doutor _____ (nome do voluntário mais jovem) não tinha como saber se estava dando ao pobre _____ (nome do adulto) o remédio correto, porque a informação vital de que ele precisava foi distorcida pelo caminho. Sem instruções precisas e sem distorção, o nosso paciente moribundo não pôde vivenciar o poder salvador de vida da informação.

“Agora, o que este exemplo nos mostra sobre aqueles que fizeram cópias manuscritas da Bíblia, uma geração após outra?” (Espere a resposta, conduza o grupo à conclusão de que as palavras das Escrituras tinham que ser transmitidas com exatidão. Então, diga:)

“É isso mesmo. Para que possamos ler as palavras exatas de salvação de vida que Deus transmitiu àqueles que as escreveram pela primeira vez, as pessoas que copiavam as Escrituras tinham que ter o cuidado de copiar com exatidão, letra após letra, palavra após palavra”.[1]

O mestre de cerimônias agradece à pessoa por conduzir o exemplo, e diz: “Agora, para ver como é exata e precisa a mensagem salvadora de vida da Bíblia, vamos pedir que_____ (nome de um adulto) leia algo fascinante, chamado “As Cartas Precisas do Amor de Deus”.

As Cartas Precisas do Amor de Deus

(Faça cópias para que todos acompanhem a leitura.)

Deus falou aos homens há milhares de anos, e pediu que eles escrevessem mensagens muito importantes que Ele queria que soubéssemos. Como Deus nos amava e desejava um relacionamento conosco, Ele queria que soubéssemos como poderíamos conhecê-lo. Todos nós havíamos pecado e estávamos separados dEle, por isso a sua Palavra devia se tornar as nossas instruções ou conjunto de cartas de amor de Deus, sobre como conhecê-lo pessoalmente.

Nós temos um conjunto exato de cartas de amor? As cópias dos textos originais foram feitas com exatidão? Vamos descobrir.

O Caso dos Escribas Meticulosos

A cópia manuscrita do Antigo Testamento era responsabilidade de um grupo de homens treinados como escribas habilidosos que dedicavam sua vida à escrita. Durante muitos anos, antes e depois da época de Jesus, eles tiveram a responsabilidade de copiar as Escrituras. Esses escribas em particular se dedicavam a assegurar que as Sagradas Escrituras fossem copiadas letra a letra, palavra a palavra. As regras para cópias das Escrituras eram tão rígidas que quando uma cópia era feita, ela era considerada uma duplicata exata, como se você tivesse feito uma cópia. Depois que uma cópia era concluída, era chamada de manuscrito.

Um escriba começava o seu dia de transcrição de um manuscrito, lavando cerimonialmente todo o seu corpo. A seguir, ele se vestia em trajes judeus completos antes de se sentar à sua mesa para escrever. Se ele encontrasse o nome hebreu de Deus, não podia começar a escrever o nome com uma pena que tivesse acabado de mergulhar na tinta, por medo de que ela manchasse a página. Uma vez que tivesse começado a escrever o nome de Deus, não poderia parar nem se distrair... nem mesmo se um rei entrasse na sala. O escriba devia continuar a escrever sem interrupção, até que terminasse de escrever o santo nome do único Deus verdadeiro.

As diretrizes masoréticas para a cópia de manuscritos também requeriam que:

• O manuscrito fosse escrito sobre a pele de um animal limpo.

• Cada pele contém um número específico de colunas, igual por todo o livro

• Cada coluna não deve conter menos de 48 linhas nem mais de 60

• A largura da coluna consiste de exatamente 30 letras

• Entre cada consoante deve haver o espaço correspondente a um fio

• A largura de nove consoantes deve ser inserida entre duas seções

• Um espaço de três linhas aparece entre cada livro

• O quinto livro de Moisés conhecido como Deuteronômio é concluído com uma linha completa

• Nada — nem mesmo a mais curta palavra — deve ser copiado de memória, mas deve ser copiado letra a letra

• O escriba conta o número de vezes que cada letra do alfabeto aparece em cada livro e compara esse valor com o original

• Caso se descubra que um manuscrito contém um único erro, esse manuscrito deve ser descartado.[2]

Deus instilou nos masoréticos uma reverência tão meticulosa pelas Escrituras hebraicas, para assegurar a espantosamente exata transmissão da Bíblia, para que você e eu tivéssemos uma revelação exata dEle.

O Caso do Novo Testamento Exato

Os escribas hebreus não copiaram os manuscritos do Novo Testamento. Assim, Deus fez uma coisa diferente para assegurar que as palavras de Jesus e seus seguidores fossem preservadas com exatidão até a nossa época.

Para afirmar que algum manuscrito antigo é confiável, nós 1) calculamos o tempo entre a escrita original e a primeira cópia manuscrita; e 2) determinamos quantas cópias manuscritas ainda existem. Quanto menor o tempo decorrido entre a escrita original e a primeira cópia, e quanto maior o número de

manuscritos ainda em existência, mais exatos são considerados os manuscritos.

Por exemplo, praticamente tudo o que sabemos hoje sobre as campanhas de Júlio César na Gália se origina de dez cópias manuscritas de The Gallic Wars,das quais a mais antiga data de exatamente mil anos depois da época em que ela foi escrita originalmente. O texto mais confiável na história secular é a Ilíada,de Homero, com 643 manuscritos, dos quais o mais antigo data de 400 anos após a escrita original.

Vamos examinar este quadro da literatura clássica.[3]

Autor	Livro	Data em que foi escrito	Cópias mais antigas
Homero	Ilíada	800 a.C.	aprox. 400 a.C.
Heródoto	Historia	480-425 a.C.	aprox. 900 d.C.
Tucidides	Historia	460-400 a.C.	aprox. 900 d.C.
Platão		400 a.C.	aprox. 900 d.C.
Demóstenes		300 a.C.	aprox. 1100 d.C.
César	Guerra das Gálias	100-44 a.C.	aprox. 900 d.C.
Livy	História de Roma	59 a.C. - 17 d.C.	século IV (parcial) m
Tácito	Anais	100 d.C.	aprox. 1100 d.C.
Plínio Segundo	História Natural	61-113 d.C.	aprox. 850 d.C.

O Novo Testamento não Tem Igual

Usando este padrão reconhecido para avaliar a confiabilidade de textos antigos, o Novo Testamento é incomparável. Ele não tem igual. Nenhum outro livro do mundo antigo tem confiabilidade comparável à do Novo Testamento. Vamos ver este quadro.[4]

Autor	Livro	Data em que foi
João Demais autores do Novo Testa- mento	Novo Testa- mento	50-100 d.C.
		aprox. 366-384
		TOTAIS

Há aproximadamente 25.000 manuscritos ou fragmentos de manuscritos, alguns datando de 50 anos após a escrita original. E nenhum é mais de 400 anos mais recente que os originais. Isso é incrível!

Quando você toma uma Bíblia em suas mãos, você pode ter certeza de que ela é o texto mais exato e confiável de toda a história! Deus queria que você tivesse certeza de que a Bíblia que você lê é o conjunto exato de cartas de amor que Ele havia escrito.

Do Coração de Deus para o seu

Instruções: Pratique a leitura desta apresentação até que você consiga lê-la com paixão e sentimento. O objetivo é ajudar as pessoas presentes a captar o desejo de Deus de um relacionamento pessoal.

Diga:

“Vou ler algo como se Deus estivesse abrindo o seu coração para nós hoje”.

Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso.

Eu Sou o Deus infinito, que não conhece limites nem limitações. O meu poder, conhecimento e grandeza estão além da tua compreensão. O meu amor, santidade, e beleza são tão intensos que se me visses em toda a minha glória, isso te destruiria — pois, não me podes ver e permanecer vivo. Ainda assim... Eu te criei, para que me conheças pessoal e intimamente, pois sou zeloso a respeito do meu relacionamento contigo.

Mas um relacionamento não está completo a menos que o ciclo de amor — cada

um de nós conhecendo e sendo conhecido — esteja completo. Quero que saibas que eu o conheço, e quero que me conheças.

Eu sei tudo o que há para saber a teu respeito. Conheço a tua cor favorita, a tua comida favorita, a música de que gostas, os sonhos que tens e o futuro que esperas. Conheço as tuas dificuldades e fraquezas. Fico feliz quando fazes escolhas corretas. Fico triste quando fazes escolhas erradas. Conheço-te melhor do que conheces a ti mesmo, e... Eu te amo.

Mas quero fazer-lhe uma pergunta — não para minha informação, para a tua. Tu me amas? Quero dizer, tu realmente me amas? Não te apresses em responder; é melhor ter certeza antes de falar. E antes que fales, deixa que eu te conte o segredo de realmente me amar. Para que me ames, antes precisas me conhecer. Pois me conhecer é me amar!

Conheça a minha misericórdia e a minha fidelidade, e me amarás. Conheça a minha bondade e a minha santidade, e me amarás. Conheça a minha justiça, moderada com paciência, e me amarás. Se souberes o que Eu amo e o que detesto, me amarás. Conheça o que entristece o meu coração e o que me dá prazer, e me amarás.

Este é o caminho para a vida eterna: conhecer-me, o único Deus verdadeiro. E quanto mais me conheceres, mais te tornarás semelhante a mim. Quanto mais me conheceres, mais me louvarás, e agradecerás, e honrarás o meu nome. E quanto mais me conheceres, mais amarás os outros, como Eu os amo.

Há dois caminhos para que me conheças. O primeiro é por intermédio do meu Espírito Santo. Eu te enviei o meu Espírito, para que Ele habite em ti. Deixe que meu Espírito te encha. Faze do coração teu minha morada. Fala comigo frequentemente em tuas orações. Conta-me os teus temores, as tuas esperanças, os teus sonhos. Deixa-me viver a minha vida por teu intermédio. Estou sempre contigo e nunca te deixarei.

O segundo caminho para que me conheças é por intermédio da revelação escrita — a minha Palavra sagrada, a coletânea de minhas cartas de amor para ti. Leia as minhas Palavras, esconde-as no teu coração, e conhece-me como Eu Sou — o único Deus verdadeiro, o teu Salvador, e o teu amigo.

Quero que te comuniques comigo, abrindo o teu coração em oração. Quando ouvires as palavras da a seguir, peço-te que tornes tua a oração. Ore

silenciosamente a mim:

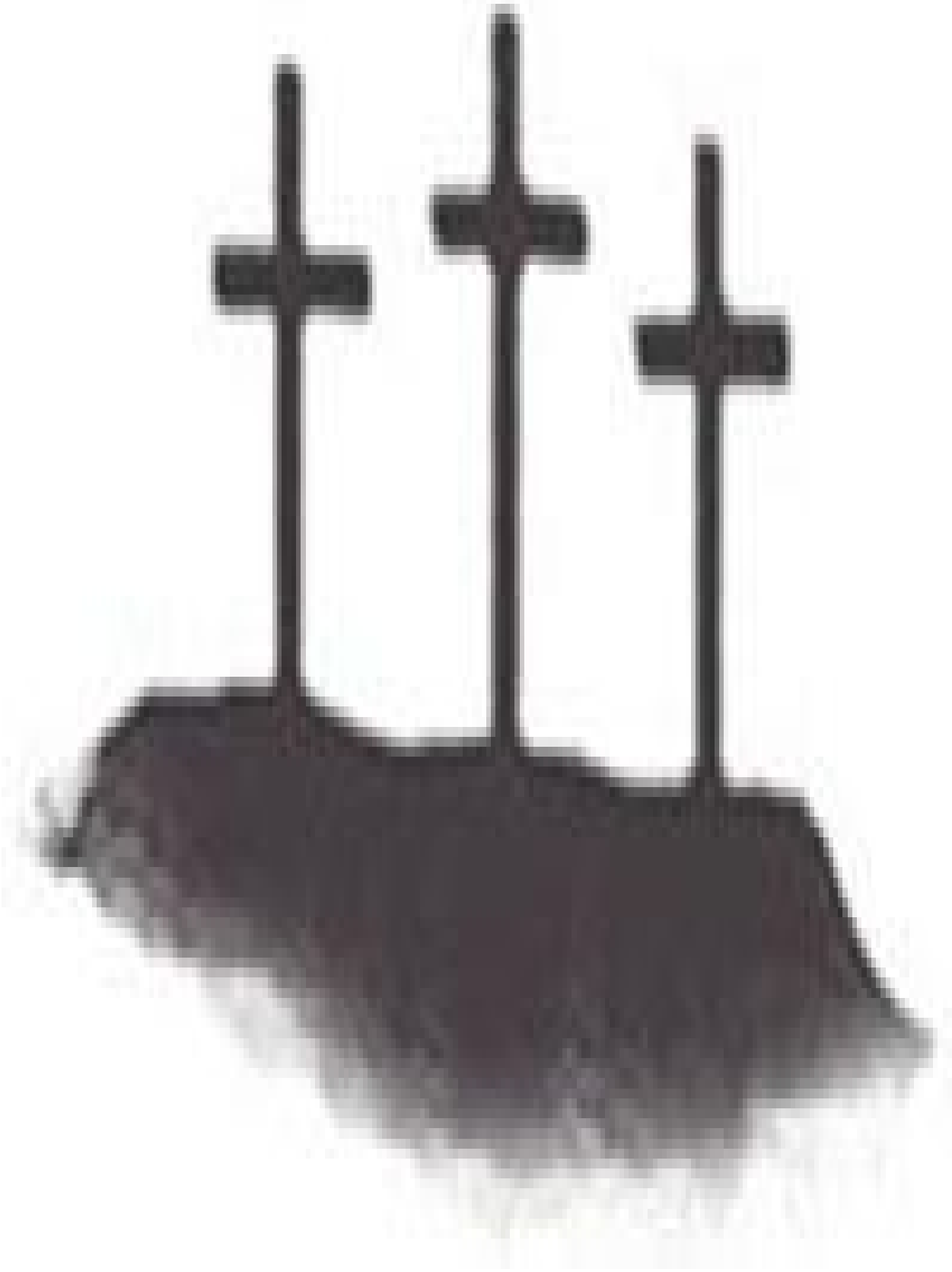
Ó Deus, és grandioso, mas conheço muito pouco da tua grandeza. Sei que és misericordioso e fiel e santo e justo, mas conheço- te tão pouco.

Quero agradecer-te pelo teu Espírito Santo. Recebo-te para que estejas cada vez mais em meu coração. Agradeço-te pela tua sagrada Palavra e por me dares, neste exato momento, um desejo de conhecer-te e um anseio por ter as tuas cartas de amor para mim.

Peço- te que me ajudes. Ajuda-me, dando-me o desejo de ler mais a tua Palavra. Quando eu a ler, ajuda-me a ver-te e conhecer-te, em cada página, para que possa ser como tu és. Ó Deus, deixe-me honrar-te com a minha vida. Sinto que estás sorrindo para mim neste instante. Agradeço-te, porque me amas. Eu também te amo. Amém.[5]

Mestre de cerimônias: Depois de um momento de silêncio, fale, com as suas próprias palavras, como você deseja conhecer a Deus cada vez mais, por intermédio do seu Espírito e da sua Palavra. Incentive outras pessoas a expressar seus desejos de conhecer mais a Deus. Depois que todos tiverem falado, conclua, com oração.

Considere a possibilidade de ler a oração encontrada no final das suas orientações, na página 496.



Apêndice C

A CELEBRAÇÃO DA RESTAURAÇÃO

Apessoa que compra este livro tem a nossa permissão para fazer cópias deste apêndice para uso em uma atividade de celebração em família ou em grupo.

A Celebração da Restauração é planejada para ser um evento familiar judaico-cristão que inclui uma refeição. Você envolverá os seus filhos e adolescentes em um programa recreativo e compensador que celebra a riqueza do nosso relacionamento com Deus através de Cristo aqui na terra, e também ilustra que, embora a nossa vida aqui neste mundo seja temporária, estamos nos aproximando do dia em que um novo e perfeito céu será o nosso lar eterno. O nosso foco deve estar no fato de que o Senhor Jesus está voltando para nos dar a nossa herança que consiste em corpos completamente novos que durarão para sempre em um mundo perfeito no qual viveremos.

Esta celebração está baseada no feriado judaico chamado de Festa dos Tabernáculos ou Festa das Cabanas. Deus mandou que os filhos de Israel vivessem em cabanas durante sete dias por ano. “Para que saibam as vossas gerações que eu fiz habitar os filhos de Israel em tendas, quando os tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor , vosso Deus” (Lv 23.43).

Por muitos séculos, durante o outono de cada ano, as famílias judaicas celebraram a Sucote (que em hebraico significa “barraca” ou “cabana”). Durante sete dias o povo de Israel deveria se alimentar dentro de suas cabanas, regozijando-se no Senhor seu Deus (Lv 23.40). Como a sétima festa, ela marca a conclusão da época da colheita, e do ciclo da festa. Portanto, ela serve como uma ocasião especial em que se comemora a plenitude da obra criativa e redentora de Deus, e, além disso, o descanso de Deus. Este deve ser um tempo para que as pessoas se lembrem de Deus, de tudo aquilo que Ele fez por cada um de nós, e assim o glorifiquem. Contudo, a parte mais significativa desta festa é que ela serve como um ensaio da celebração da glória futura de Deus.

Deus deu ao profeta Zacarias uma visão do Messias que viria, da restauração de Israel, e da restauração de todas as coisas. O profeta viu uma época em que “O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia, um será o Senhor, e um será o seu nome” (Zc 14.9). O apóstolo Paulo falou de um tempo determinado na história humana: “Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.10,11).

É neste contexto de restauração que Zacarias declara: “E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrarem a Festa das Cabanas” (Zc 14.16). Deus disse ao seu povo: “E na tua festa te alegrarás, tu, e teu filho, e tua filha, e teu servo, e tua serva, e o levita, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão das tuas portas para dentro. Sete dias celebrarás a festa ao Senhor, teu Deus, no lugar que o Senhor escolher, porque o Senhor, teu Deus, te há de abençoar em toda a tua colheita e em toda obra das tuas mãos; pelo que te alegrarás certamente” (Dt 16.14,15). Mas Zacarias estava, sem dúvida, apontando para a alegria suprema que estará completa quando todas as coisas forem restauradas ao plano original de Deus, quando o tabernáculo de Deus estiver entre os homens, e Ele habitar entre eles (Ap 21.2).

Na restauração final de todas as coisas não haverá mais lutas contra este mundo que foi amaldiçoado por causa do pecado, e ninguém viverá mais em cabanas gastas. O profeta Isaías declarou esta promessa de restauração da parte do Senhor:

“Assim diz o Senhor: No tempo favorável, te ouvi e, no dia da salvação, te ajudei, e te guardarei, e te darei por concerto do povo, para restaurares a terra e lhe dares em herança as herdades assoladas; para dizeres aos presos: Saí; e aos que estão em trevas: Aparecei. Eles pastarão nos caminhos e, em todos os lugares altos, terão o seu pasto” (Is 49.8,9).

“Porque, como os céus novos e a terra nova que hei de fazer estarão diante da minha face, diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome” (Is 66.22).

“E destruirá, neste monte, a máscara do rosto com que todos os povos andam cobertos e o véu com que todas as nações se escondem. Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o Senhor o disse” (Is 25.7, 8).

A sua Celebração da Restauração é uma ocasião para agradecer a Deus não apenas pelo que Ele fez, mas também por aquilo que Ele fará no futuro: Deus dará a nós e às nossas famílias novos corpos que jamais envelhecerão nem se desfarão, e uma cidade celestial perfeita que desfrutaremos com Ele eternamente. Não podemos nos esquecer de que a vitória que Cristo conquistou sobre o pecado e a morte, a nosso favor, não poderia ter acontecido sem que Ele tivesse morrido e ressuscitado. Assim, a sua Celebração da Restauração incluirá o louvor a Deus pela ressurreição de seu Filho, Jesus Cristo.

Se você quiser aprender mais sobre a Festa dos Tabernáculos, e também sobre outras festividades bíblicas que honram ao Senhor, e compreender como elas se relacionam diretamente com a nossa fé cristã, queremos lhe encorajar a visitar www.ariseinglory.org, que é o website de Harvey Diamond, um crente de origem judaica, que crê que Jesus Cristo é o Messias. Ele fez um maravilhoso trabalho ao detalhar as festividades bíblicas e relacioná-las na forma de um devocional interativo, chamado de Pathways to Glory Relational Devotional. Este trabalho oferece várias sugestões sobre como uma pessoa pode se relacionar com Deus de uma forma especialmente relevante à vida cristã.

A Celebração da Restauração é feita de uma forma melhor quando é realizada entre duas ou mais famílias. As crianças com idade a partir de três anos, gostarão muito desta celebração, e manterão na memória alguns resultados importantes deste evento envolvendo a refeição. Encontre-se previamente com os demais adultos com os quais você estiver planejando o evento, para que possam trabalhar nos detalhes e designar os responsáveis por cada tarefa.

Esta celebração é composta por cinco elementos. Pense em cada um deles na prática, e planeje tanto a parte da refeição quanto as diferentes leituras que serão feitas. Se o seu grupo for grande demais para estar em uma só casa, planeje dividi-lo, realizando a celebração em mais de um lar. Os cinco elementos da sua

celebração não incluem música. Assim, o seu grupo poderá desejar inserir o cântico de hinos de louvor e adoração a Deus em vários momentos ao longo do evento de celebração.

1. “Celebrando o Deus da Restauração”. Identifique alguém em seu grupo que deseje ler esta apresentação, que explica o significado da Celebração da Restauração. Esta leitura pode ser encontrada nas páginas 514-516, e você tem a nossa permissão para fazer cópias delas, como também de todas as páginas que estiverem relacionadas a esta celebração. Peça que alguém leia este material em voz alta, para que o grupo que estiver planejando a atividade possa ser treinado, usando páginas copiadas. Queremos encorajá-lo a ler estes textos durante a refeição da celebração, ao invés de relatar o seu conteúdo de uma forma casual. No seu plano você certamente desejará discutir quão elaborada desejará que a sua Suká seja (ela é o abrigo temporário).

2. “A Morte Teve que Ser Vencida”. Identifique alguém em seu grupo que deseje ler esta apresentação, e conduzir a ilustração (estas atividades requerem uma preparação). Peça a ele (ou a ela) que leia a apresentação em voz alta, para que o seu grupo de adultos possa praticar usando as páginas 516-519, copiadas, que você pode lhes fornecer.

3. “A Refeição”. Identifique alguém em seu grupo que deseje assumir a liderança com a finalidade de coordenar os preparativos no local em que vocês realizarão a Celebração da Restauração (que deverá ser, de preferência, o lar de alguém); que determine os horários, que decida o que será servido, e assim por diante. Esta pessoa não deverá fazer o trabalho todo sozinha. Ela deverá trabalhar com os membros do seu grupo familiar para coordenar os detalhes logísticos da celebração, que estão listados nas páginas 519-520. Tire uma cópia desta página e forneça-a à pessoa que estiver coordenando a refeição.

4. “Aquilo que Valorizamos”. Identifique alguém em seu grupo que deseje ler esta apresentação, e facilitar a discussão com o grupo com o qual você compartilhará esta refeição. Tire cópias das páginas 520-522 desta leitura, e forneça-as à pessoa que deseje fazer esta parte, pedindo que ela faça a leitura diante do grupo de planejamento, para que possa praticar.

5. “Por que Dizemos Aleluia?” Identifique alguém em seu grupo que deseje concluir a Celebração da Restauração, facilitando a discussão e direcionando a escolha da pessoa (de preferência uma pessoa jovem) que fará a leitura que mostra como será a eternidade, e então segue o encerramento com uma oração. A pessoa designada poderá se preparar lendo as cópias das páginas 522-525.

Conduzindo a Celebração da Restauração

Depois de se reunir com as famílias com as quais planejou fazer a Celebração da Restauração, você estará pronto para iniciar o seu evento e refeição. Tire cópias destas páginas como um guia de referência.

Nota: Tenha o cuidado de garantir que todos os preparativos sejam feitos para que você tenha a Suká “preparada” e pronta no local da celebração da refeição.

• Antes de iniciar a introdução: O seu grupo trouxe para o evento petiscos dos quais as pessoas podem se servir com os dedos. Antes da reunião formal em torno da mesa, convide as pessoas a se sentarem sob a Suká e assim poderão comer os petiscos juntas. Se a sua Suká for pequena, talvez as pessoas possam comer os petiscos em duplas, sob ela. Embora esta atividade seja amplamente simbólica, você fará uma referência a ela mais tarde, na mesma noite.

• Iniciando a Introdução: Convide todos os participantes a se sentarem à mesa, e diga: “Nesta noite teremos uma celebração e _____ (nome) a iniciará” (“Estaremos Celebrando o Deus da Restauração”).

• Imediatamente após esta apresentação, peça à pessoa responsável pela parte intitulada “A Morte Teve que Ser Vencida”, que faça a sua apresentação. Nota: Um anúncio da refeição e da oração serão feitos pela pessoa que estiver conduzindo esta apresentação.

• Na conclusão da refeição, agradeça a todas as pessoas que ajudaram a prepará-

la. Então diga: “Agora _____ (nome) tem algo a compartilhar conosco” (a apresentação “Aquilo que Valorizamos”).

• Após a apresentação “Aquilo que Valorizamos”, diga: “As coisas imperfeitas, bem como todas as coisas que não agradam a Deus, nem a nós, serão destruídas. No lugar delas, haverá um mundo novo e perfeito no qual todos os nossos sonhos e esperanças se tornarão realidade. E para que possamos concluir a nossa noite da melhor forma possível, vamos receber _____ (nome) que nos conduzirá em um exercício” (a apresentação “Por que Dizemos Aleluia?”).

• Depois que o apresentador da parte “Aquilo que Valorizamos” oferecer uma oração, você poderá encerrar esta atividade entoando um cântico de louvor ao Senhor.

Celebrando o Deus da Restauração

Preparações/Instruções: Um dos pontos-chave da nossa celebração consiste em ilustrar que a vida no mundo em que vivemos hoje é temporária. Esta celebração foi extraída da Festa Judaica dos Tabernáculos, que tem a função de lembrar ao povo judeu que os seus ancestrais viveram em abrigos temporários quando Deus os conduziu do deserto à terra prometida (Lv 23.43). A Celebração da Restauração é uma ocasião em que devemos olhar para o futuro, para os novos corpos e para a nova morada que o Senhor Deus está preparando para nós. E, ao fazermos isso, a Suká (que é o abrigo temporário), precisa ser construída, assim como acontecia na Festa Judaica dos Tabernáculos.

A sua Suká não precisa ser muito elaborada. Ela pode ser tão simples quanto um lençol aberto sobre o espaldar das cadeiras da sala de jantar, formando uma espécie de tenda. Outra opção é construir uma estrutura um pouco melhor usando caixas de papelão. Envolva os seus filhos, e faça com que esta experiência seja divertida. Se você estiver realizando a sua celebração em um dia quente, considere a possibilidade de fazer esta tenda do lado de fora da sua casa, por exemplo, em seu quintal, ou ainda usando uma parede exterior como parte da estrutura. Alguns poderão até mesmo dormir com a sua família na sua Suká, transformando esta experiência em um período de diversão familiar.

A Suká é importante porque serve como uma representação física de uma lição para a sua celebração. Ela nos lembra que a nossa vida e este mundo presente, bem como tudo o que temos, são como “um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece” (Tg 4.14). Portanto, quando você fizer a sua Suká, faça com que ela seja realmente “temporária”. Se você utilizar caixas de papelão, faça alguns buracos na parte superior e nas laterais que demonstrem que ela realmente precisa de reparos. Se você a fizer do lado de fora de sua casa, faça alguns orifícios na parte superior, de modo que você, estando dentro da Suká, possa enxergar as estrelas à noite. Seja qual for a forma construtiva que você utilizar para a sua Suká, faça com que ela possa abrigar ao menos duas pessoas sentadas em seu interior; isto porque, durante a refeição, será solicitado que as pessoas, pelo menos de duas em duas, possam comer dentro ou sob a Suká.

Apresentação: Leia o texto a seguir em voz alta.

Esta noite nós estamos participando de uma Celebração da Restauração. Estamos nos reunindo da mesma forma que o povo de Israel tem feito durante muitos séculos, ao comemorarem a Festa dos Tabernáculos. Eles deveriam viver sob uma Suká ou sob um tipo de abrigo durante sete dias para que pudessem se lembrar de que Deus os tirou de suas casas temporárias no deserto, e os levou à terra que lhes havia prometido, a terra de Israel.

Temos a nossa própria versão da Suká. Se você ainda não se uniu a alguém sob a Suká para compartilhar alguns petiscos, faça isso antes de participar da refeição principal. A Suká serve para nos lembrar de que tudo aquilo que temos nesta terra é temporário. Mas um dia Jesus Cristo voltará, passará o milênio nesta terra, e levará todos os filhos de Deus consigo para o céu – sim, aqueles que tiveram os seus pecados perdoados, e que passaram a ter um relacionamento com Deus.

Mas este mundo, a nossa terra, as estrelas e o firmamento que estão acima de nós se tornarão novos. Mais tarde, porém, iremos para o céu. Nesta noite, então, celebramos que embora a nossa vida aqui seja temporária, passageira, um dia Jesus nos tirará deste mundo e nos colocará em um mundo novo – um lar que jamais envelhecerá e que jamais se desfará. João, um discípulo de Jesus, teve uma visão desta época que fará parte do nosso futuro. Ele viu o lar de Deus, o céu, descendo sobre a nova terra. A Bíblia diz:

“E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas.” (Ap 21.3,4)

Teremos moradas novas que jamais envelhecerão, nem se deteriorarão. Também teremos novos corpos, sim, corpos que jamais morrerão. Os nossos amigos e familiares que morreram e que durante a sua vida na terra confiaram em Jesus serão ressuscitados e viverão conosco. Os nossos novos corpos não sofrerão qualquer tipo de dor, não envelhecerão, nem se desfarão. A Bíblia diz:

“Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual... Qual o terreno, tais são também os terrenos; e, qual o celestial, tais também os celestiais.” (1 Co 15.43, 44, 48)

O nosso Deus é o Deus da restauração. Um dia Ele restaurará esta terra, fazendo com que ela volte a ser o paraíso que Ele criou, e aqui poderemos viver no milênio. Um dia Ele também restaurará os nossos corpos, fazendo com que este seja aquilo que Ele havia planejado, no início.

Então, nesta noite, nós celebraremos aquilo que Deus declarou que aconteceria. Nesta noite nós contrastaremos a situação imperfeita em que vivemos (aponte para a Suká), com a perfeição que há de vir. Olharemos para a situação atual, e nos lembraremos daquilo que acontecerá, no futuro. Esta noite é a nossa Celebração da Restauração.

A Morte Teve que Ser Vencida

Preparações/Instruções: Para esta ilustração você precisará de um rolo de fita adesiva (fita crepe), e uma "tumba" que você mesmo fará. Você estará ilustrando como um corpo era preparado para ser sepultado em uma tumba. A fita adesiva (fita crepe) deverá ser enrolada em torno das pernas de um voluntário. Você poderá utilizar a sua Suká como uma "tumba" se ela for pequena, e se vocês não tiverem feito a sua refeição do lado de fora da sua casa. De outro modo, use seis cadeiras. Coloque uma no topo e duas de cada lado para formar um espaço retangular no chão, para que a pessoa que se voluntariar possa se deitar do lado de dentro, como se estivesse em uma tumba. A sexta cadeira será a grande pedra que ficará na entrada da "tumba".

Assim que você tiver a sua "tumba" preparada, escolha um voluntário — recomendamos que seja uma pessoa jovem, com, no mínimo, sete anos de idade. Nota: Sinta-se à vontade para ler a apresentação que fornecemos a seguir, ou expresse as suas próprias palavras.

Apresentação: Inicie a sua ilustração dizendo algo como:

"Jesus disse que voltará para nos dar novos corpos e um mundo novo. Porém algo muito importante precisou acontecer antes que Ele pudesse cumprir a sua promessa. De fato, toda a nossa salvação depende disto. Ele teve que ressuscitar.

"Jesus foi crucificado, e o seu corpo foi sepultado em uma tumba. E a menos que Ele fosse verdadeiramente o Filho de Deus, ressuscitado dos mortos, não poderia cumprir em nossa vida a sua promessa de nos conceder a vida eterna em um lugar perfeito.

"Alguns dizem que Jesus não ressuscitou. Estas pessoas não acreditam que Ele é o Filho de Deus, e também não acreditam que uma pessoa possa ter a vida eterna. Essas pessoas dizem que Jesus não morreu na cruz, mas que Ele teria desmaiado e acordado posteriormente, quando foi sepultado. Então elas dizem que Ele envelheceu como qualquer mortal, e morreu; porém que jamais ressuscitou.

"Bem, nesta noite, em nossa Celebração da Restauração, queremos aumentar a nossa confiança na verdade de que Jesus morreu, e então, sendo o Filho de Deus,

venceu a morte, ressuscitou e voltará para restaurar todas as coisas a um estado de perfeição.

“Pedi a _____ (nome do voluntário) que me ajude em algo” (peça ao jovem que se aproxime e se sente na cadeira que representará a “pedra da porta” do sepulcro).

“A Bíblia nos diz que pouco antes do Senhor Jesus ter sido conduzido à crucificação, Ele foi fortemente agredido e espancado com excessiva violência. Ele perdeu muito sangue. Então uma cruel coroa de espinhos foi colocada em sua cabeça. Jesus foi obrigado a carregar a cruz pesada até o local da crucificação. Ele estava tão enfraquecido que não pode carregar sozinho a cruz até o seu destino. Então Jesus teve as mãos e os pés pregados à cruz. Quando Ele bradou e expirou, um soldado cravou uma lança no seu lado, para garantir que estivesse sem vida. Assim, quando os discípulos retiraram Jesus da cruz para sepultá-lo, Ele estava realmente morto.

“Naqueles tempos, as pessoas preparavam os corpos mortos com muito cuidado, antes de depositá-los na tumba. O preparo para o sepultamento consistia em espalhar pelo corpo aproximadamente 34 quilos de unguento para embalsamar, além de algumas especiarias, e então o corpo morto era enrolado de forma bastante apertada com uma roupa de linho formando uma múmia. Todos estes detalhes foram muito bem explicados em João 19.39,40.

“Agora, vou enrolar _____ (nome do voluntário) com esta fita adesiva (fita crepe) somente nas pernas”. (Peça que o voluntário se sente e começe a enrolar as suas pernas com a fita a partir dos tornozelos. Peça que ele mantenha os pés juntos e enrole a fita até a panturrilha. Aperte a fita, porém tenha o cuidado de não apertar muito para que a circulação sanguínea da pessoa não seja interrompida). “Agora imagine se _____ (nome do voluntário) estivesse fortemente envolto(a) por esta fita até o pescoço. Depois que os discípulos do Senhor Jesus o envolveram com 34 quilos de unguento para embalsamar, o seu corpo deve ter ficado duro como cimento. Então, o Senhor Jesus foi completamente envolvo por aquelas faixas.

“Agora _____ (nome do voluntário) eu gostaria que você se deitasse entre as cadeiras (ou na Suká, se você preferiu utilizá-la nesta representação), e vamos imaginar que esta tenha sido a tumba em que Jesus foi colocado”. (Segure a cadeira que o voluntário acabou de usar). “Agora, esta cadeira representará a

porta e vou colocá-la em frente à ‘tumba’. A pedra que foi colocada em frente à tumba de Jesus, pesava, provavelmente, entre uma ou duas toneladas. Para que a entrada da tumba fosse aberta, esta grande pedra teria que ser rolada para cima, através de sua fenda, e para tanto seria necessário um grande número de homens. Para que a grande pedra permanecesse imóvel na parte superior, mantendo o acesso à tumba aberto, seria necessário empurrá-la até uma canaleta. Além disto, a enorme pedra só poderia ser manuseada pelo lado de fora”. (Coloque a cadeira em frente às outras cadeiras ou em frente à Suká, se você preferiu utilizá-la nesta ilustração).

“Então Jesus estava ali, envolto por 34 quilos de unguento para embalsamar tremendamente endurecidos, enrolado como uma múmia, e enclausurado em uma tumba por uma pedra que pesava, no mínimo, uma tonelada, e que só poderia ser removida pelo lado de fora. Agora ouça o que dizem aqueles que imaginam que Jesus tenha sido apenas um homem normal, que nunca ressuscitou: eles dizem que Jesus desmaiou (ou desfaleceu) na cruz, e que por esta razão ficou desacordado. E então aquele período de três dias dentro de uma tumba fria, e totalmente inóspita, o teria reanimado.

“Mas agora lembre-se de que Jesus foi agredido com tanta violência que Ele sequer podia reunir forças para carregar, sozinho, a própria cruz. Ele foi pregado à cruz, e, assim que morreu, um soldado romano perfurou o seu lado com uma lança, e a Bíblia diz que ‘logo saiu sangue e água’ (Jo 19.34). Então, quer dizer que agora aquela tumba fria, e totalmente inóspita, o teria reanimado, e Ele teria simplesmente ‘sacudido’ aquelas faixas apertadas de cima de si mesmo, juntamente com aquela grande quantidade de unguento para embalsamar endurecido?

Ei, _____ (nome do voluntário), por que você não tenta simplesmente ‘sacudir’ estas faixas das pernas? (elas não estão tão apertadas quanto às de Jesus). Você não poderá usar as mãos para desatá-las, porque se estivesse na mesma situação de Jesus elas estariam rentes ao corpo, e bastante apertadas pelas faixas. Você também não pode se sentar, pois estaria envolto(a) por uma sólida crosta como uma múmia. Mas, mesmo assim, tente ‘sacudir’ estas faixas dos pés e pernas. (Será impossível que a pessoa que se voluntariou consiga fazer isso. Então, prossiga).

“Mas, em benefício da argumentação, vamos assumir que você tenha revivido e fosse capaz de se colocar em pé, mesmo mumificado(a)”. (Ajude agora a pessoa

que se voluntariou a se levantar, porém mantenha-a no espaço que está representando a tumba, delimitado pelas cadeiras ou pela estrutura que você utilizou como Suká. Então, sente-se sobre a cadeira que você está utilizando como a “porta da tumba”).

“Agora, _____ (nome do voluntário), por favor mantenha as suas mãos rentes ao seu corpo, pule para cá, e tente remover do caminho esta pedra de pelo menos uma tonelada, que está servindo como porta da tumba. (Novamente, o voluntário não será capaz de mover a cadeira simplesmente golpeando-a com o próprio corpo).

“Bem, está bastante claro aqui que seria impossível Jesus ter apenas desmaiado durante a crucificação, e ter acordado posteriormente, na tumba, quebrando aquela estrutura mumificada, e movendo uma pedra de pelo menos uma tonelada como um homem normal, como foi considerado pelos seus opositores. A realidade é que Jesus é o Filho de Deus que morreu por nós, e ressuscitou porque era e é Deus. E Ele está voltando para nos dar um corpo perfeito que viverá para sempre, em um local perfeito, preparado por Ele.

“Então, nesta noite, teremos uma Celebração da Restauração. Jesus morreu por nós, ressuscitou, e está voltando para nos dar um novo corpo e um lugar perfeito no qual viveremos com Ele para sempre. E como é que celebramos tudo isto? Bem, uma das maneiras é festejar! (Se você decidir cantar, diga:) “cantando e festejando”. (Então lidere os seus convidados em um cântico, e ofereça a Deus a seguinte oração:)

Ó Senhor nosso Deus, nós celebramos a tua ressurreição e a tua volta a este mundo. E, ao participarmos deste alimento, abençoe-o, para que ele possa nos fortalecer e, assim, louvemos e honremos ao Senhor enquanto aguardamos ansiosamente a tua volta. Em Nome de Jesus, Amém.

Nota: Se alguém não comeu os petiscos debaixo da Suká, convide esta(s) pessoa(a) para que o faça. Depois disso, sirva a refeição.

A Preparação para a sua Refeição da Celebração

• Escolha o local mais conveniente para a sua Celebração da Restauração. O lar de alguma pessoa é o local preferível, dependendo do tamanho do seu grupo e suas famílias. Se você tiver um grupo muito grande, uma boa opção será conduzir a celebração simultaneamente, em diferentes locais.

• Escolha a data e o horário da sua celebração.

• Decida qual será a refeição. Uma boa ideia é uma refeição comunitária em que cada família colabora com um prato. Este tempo que vocês passarão juntos será um tempo festivo. Decida quem, em seu grupo, trará que prato. Não se esqueça de que vocês precisarão trazer alguns "petiscos" que possam ser apreciados sob a Suká — petiscos secos que não venham a molhar o piso, nem sujá-lo.

Aquilo que Valorizamos

Preparações/Instruções: Peça, antecipadamente, que um dos adultos seja o seu "escriba", e escreva todos os pontos de desagrado ou de aversão que o seu grupo identificar. Você também precisará de uma frigideira, um fluido que mantenha fogo aceso, e fósforos. No final de sua apresentação, você colocará na frigideira o papel que vocês redigiram, molhando--o com o fluido, e colocará fogo.

Apresentação: Explique ao grupo que você deseja fazer uma breve leitura em voz alta, e então analisar com os participantes aquilo que eles abominam neste mundo imperfeito, e aquilo que Deus preparou para todos nós no lar celestial perfeito que nos prometeu.

Leia o texto a seguir em voz alta:

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam” (Mt 6.19).

“Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam” (Mt 6.20).

“Nós juntamos tesouros no céu quando amamos a Deus de todo o nosso coração, de todas as nossas forças, e de todo o nosso entendimento, e quando amamos àqueles que estão à nossa volta como a nós mesmos”.

(Pergunte:) “Como é que amamos a Deus e às outras pessoas como a nós mesmos?” (Obtenha uma resposta do grupo — por exemplo, orando a Deus, lendo a sua Palavra, através de várias expressões de cuidado e amor por outras pessoas, e assim por diante).

(Prossiga:) “Juntamos tesouros no céu quando obedecemos, especificamente, a Palavra de Deus, e fazemos escolhas que o agradam”.

(Pergunte:) “Como é que obedecemos a Deus e à sua Palavra?” (Obtenha uma resposta do grupo — por exemplo, não mentindo, não enganando, não roubando, obedecendo aos nossos pais, não jurando, não nos embriagando, quando nos mantemos distantes das más influências, e assim por diante).

(Prossiga:) “Juntamos tesouros no céu quando nos recusamos a seguir as nossas

vontades e desejos egoístas, ao invés de fazermos o bem às outras pessoas".

(Pergunte:) "Como é que podemos nos recusar a seguir as nossas vontades e desejos egoístas, e fazer o bem às outras pessoas?" (Obtenha uma resposta do grupo — por exemplo, fazendo os meus deveres de casa ao invés de _____ , limpar os nossos quartos ao invés de _____ , fazer o bem ao pai, à mãe, à irmã, ao irmão, ao amigo, e até mesmo a um inimigo, ao invés de _____ , e assim por diante).

(Então diga algo como:) "A nossa Celebração da Restauração é um lembrete de que devemos acumular tesouros no céu, que durarão, e não neste mundo, pois os tesouros acumulados aqui perecerão. Então vamos fazer isto. Vamos fazer uma lista das coisas das quais realmente não gostamos — das coisas que você e eu não desejamos que sejam duradouras. E vamos escrevê-las. Mas vamos também escrever as coisas boas que desejamos que permaneçam — as coisas que queremos que estejam à nossa volta e conosco no céu. (Você pode pedir uma categoria por vez, ou alternar entre aquilo de que não gostamos e de que gostamos).

(Mas é necessário que o seu "escriba" escreva as coisas de que o seu grupo não gosta. É possível que as pessoas mencionem coisas do tipo: "Eu não gosto de fazer a lição de casa, de lavar a louça, de me cansar, de chorar, das dores, das rupturas de relacionamento, dos acidentes, dos crimes, das guerras, dos terremotos, das tempestades, de envelhecer, de me esquecer, de morrer", e assim por diante. Então, pergunte:)

"Do que gostamos?" (Você não precisa escrever estas coisas. Mas elas podem incluir um bonito pôr do sol, sorvetes, risadas agradáveis, cânticos e música, vários tipos de comidas, roupas bonitas, sentir-se amado, ter sempre energia e forças – nunca se sentir cansado, estar novamente com as pessoas amadas que já morreram, e assim por diante).

Uma vez que você concluiu o exercício: Pegue a lista que contém os tópicos que desagradam o grupo, e coloque-os na frigideira. Coloque a frigideira sobre a mesa. Borrife um pouco do fluido que manterá o fogo aceso, e diga:

"Vou pedir que _____ (nome de um adulto, ou de um jovem com mais idade) coloque fogo no papel que representa todas as coisas deste mundo das quais não gostamos. E enquanto isto está sendo feito, quero ler alguns versículos que foram escritos pelo discípulo Pedro:

Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz (2 Pe 3.11-14).

Os comentários sobre esta ilustração servem como introdução à apresentação intitulada "Por que Dizemos Aleluia?"

Por que Dizemos Aleluia?

Preparações/Instruções: No final desta breve leitura há cinco textos que devem ser lidos por cinco voluntários. Faça cópias destas páginas, recorte os textos, e distribua-os a estas pessoas escolhidas antes da refeição. Envolva, neste exercício, o número máximo de jovens que puder.

Estes textos são motivos de celebração, e por esta razão você deverá pedir ao grupo que grite "Aleluia" com muito vigor, logo após a leitura de cada texto.

Peça aos voluntários que façam a leitura conforme a ordem numérica, ou seja, comecem lendo do texto número 1 ao texto número 5.

Leia o texto a seguir em voz alta:

“Queremos encerrar a nossa Celebração da Restauração oferecendo louvores a Deus. E há um termo bíblico que significa louvor e ação de graças. O apóstolo João o ouviu, e o utilizou repetidamente no céu. É o termo ‘Aleluia’.

João disse:

“E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor, nosso Deus, porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos.

E saiu uma voz do trono, que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes. E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou” (Ap 19.1,2,5-7).

“Então, para encerrarmos a nossa celebração, vou pedir que algumas pessoas leiam textos importantes. E assim que cada uma delas acabar de ler, direi: ‘E todo o povo disse...’ e então todos nós gritaremos a palavra que significa louvor, Aleluia! Agora vamos treinar. ‘E todo o povo disse...’ (Incentive o grupo a gritar “Aleluia!”).

Faça um aceno com a cabeça à pessoa que possui o texto número 1 para que ela inicie a leitura em voz alta.

Leitura Número 1

Choramos. Sofremos. Cada um de nós sofreu desapontamentos em relação a si, e aos outros. Algumas das pessoas que amamos chegaram a morrer. Mas está chegando um dia em que todas as coisas serão restauradas — um dia em que acontecerá algo que Apocalipse 21 nos mostra: “... Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” [Neste momento podemos ler em voz alta todas as palavras maravilhosas de Apocalipse 21.3,4].

Então diga em voz alta: E todo o povo disse... O grupo então deverá gritar “Aleluia!”

Faça um aceno com a sua cabeça à pessoa que possui o texto número 2 para que ela inicie a leitura em voz alta.

Leitura Número 2

Trabalhamos. Suamos. Cansamos-nos. Corremos e perdemos o nosso fôlego. Envelhecemos e nos desgastamos. Mas está chegando um dia em que todas as coisas serão restauradas — um dia em que o texto de Isaías 40 será plenamente cumprido. Ele diz: “Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças e subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão” [Neste momento podemos ler em voz alta todas as palavras maravilhosas de Isaías 40.31].

Então diga em voz alta: E todo o povo disse... O grupo então deverá gritar “Aleluia!”

Faça um aceno com a cabeça à pessoa que possui o texto número 3 para que ela inicie a leitura em voz alta.

Leitura Número 3

Temos medo de não sermos aceitos. Temos medo de não conseguirmos um trabalho suficientemente bom. Tememos os acontecimentos futuros. Alguns chegam a ter medo de escuro. Mas está chegando um dia em que todas as coisas serão restauradas — um dia em que todos os nossos temores desaparecerão. Como o texto em 1 João 4 nos mostra: “... Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo. No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo” [Neste momento não precisaremos ler em voz alta todas as palavras maravilhosas de 1 João 4.17,18, ARA].

Então diga em voz alta: E todo o povo disse... O grupo então deverá gritar “Aleluia!”

Faça um aceno com a sua cabeça à pessoa que possui o texto número 4 para que ela inicie a leitura em voz alta.

Leitura Número 4

Há guerras e rumores de guerras. As pessoas lutam para obter poder. As pessoas lutam para ficar ricas. As pessoas lutam para ter mais casas e mais terras. O mundo pecaminoso em que vivemos não conhece a verdadeira paz. Mas está chegando um dia em que todas as coisas serão restauradas — um dia em que o Rei Jesus trará a paz duradoura, que jamais se findará. Como Isaías 9 nos diz a respeito dEle: "... Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim... desde agora e para sempre" [Neste momento não precisaremos ler em voz alta todas as palavras maravilhosas de Isaías 9.6,7].

Então diga em voz alta: E todo o povo disse... O grupo então deverá gritar "Aleluia!"

Faça um aceno com a sua cabeça à pessoa que possui o texto número 5 para que ela inicie a leitura em voz alta.

Leitura Número 5

Tivemos sonhos. Tivemos desejos. Tivemos esperanças. Muitas coisas que esperamos não aconteceram. Tivemos que conviver com pequenos e grandes desapontamentos. Mas está chegando um dia em que todas as coisas serão restauradas — um dia em que cada sonho, cada esperança, e cada desejo serão alcançados. Como o rei Davi escreveu no Salmo 37: "Deleita-te também no Senhor, e ele te concederá o que deseja o teu coração" [Neste momento podemos ler em voz alta todas as palavras maravilhosas do Salmo 37.4].

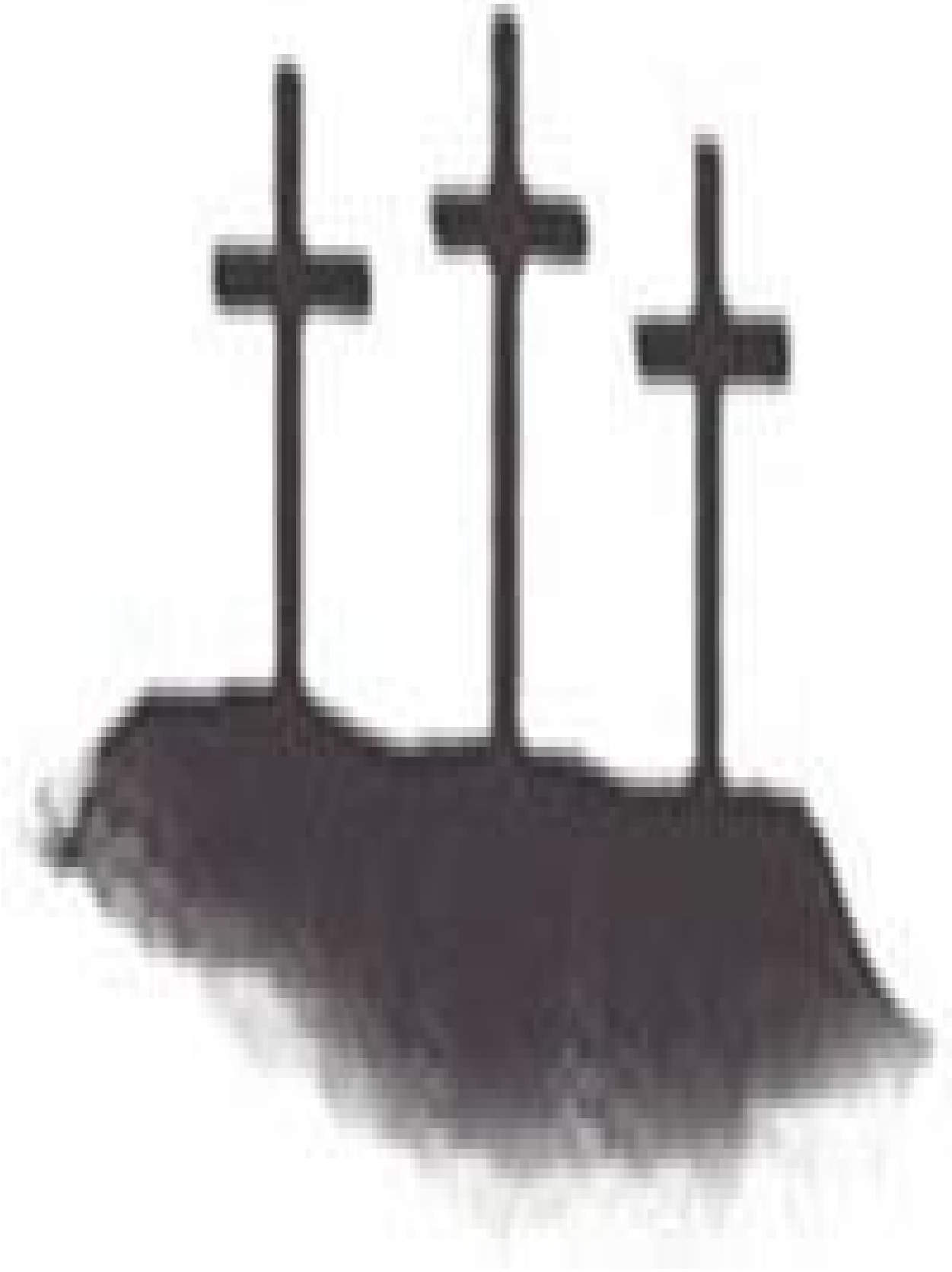
Então diga em voz alta: E todo o povo disse... O grupo então deverá gritar “Aleluia!”

(Então diga:) “Vamos encerrar com esta oração.

“Ó Senhor, tu és o Deus da Restauração. Todas as coisas que criaste são boas. No entanto, o pecado trouxe a ruína à tua criação humana, e ao mundo perfeito que preparaste, com tanta habilidade. E nesta noite nós celebramos o teu plano miraculoso e misericordioso para restaurar todas as coisas ao teu plano original.

“Aquilo que agora vemos, e ouvimos, e experimentamos, e tocamos, são coisas temporais; elas não durarão para sempre. O Senhor nos disse, em tua Palavra, que o céu deve encher os nossos pensamentos. Assim, não devemos pensar apenas nas coisas que fazem parte de nossa vida nesta terra. Ajude-nos a lembrarmos sempre destas palavras. Sabemos que a vida é como um vapor que desaparece rapidamente. Mas quando voltares tornarás a nossa vida eterna, em um mundo perfeito. Como lemos em 1 Coríntios 13.11, “Porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido”. Obrigado, Rei Jesus. Nós damos as boas vindas ao teu retorno. Aleluia e amém!

[1] Nota: Se desejar, cante com o grupo uma canção de louvor ao Senhor, logo após a oração.



NOTAS

CAPÍTULO 1: O QUE TODOS NÓS QUEREMOS DA VIDA

[1] Geoffrey Cowley, “The Science Of Happiness”, Newsweek, 12 de setembro de 2002, 48.

[2] J.P. Moreland e Klaus Issler, The Lost Virtue of Happiness (Colorado Springs, CO: NavPress, 2006), 17.

[3] J.P. Moreland, Love Your God with All Your Mind (Colorado Springs, CO: NavPress, 1997), 81,82.

[4] Josh McDowell e David H. Bellis, Last Christian Generation (Holiday, FL: Green Key Books, 2006), 11-13.

[5] David Kinnamane Gabe Lyons, unChristian (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007), 74.

[6] Pew Research Center Study conforme citado em “Generation Gap Is Widest Since 1960s”, artigo da Associated Press reportado por Hope Yen, Akron (Ohio) Beacon Journal, 29 de junho de 2009.

[7] Chrisrian Smith, Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers (Nova York, NY: Oxford University Press, 2005), 41-45, 74.

[8] Leia a obra de Neil Gross e Solon Simmons, “How Religious Are America’s College and University Professors?” Esta obra está disponível online no seguinte endereço eletrônico: http://religion.ssrc.org/reforum/Gross_Simmons.pdf.

[9] Jeff Myers, Handoff (Dayton, TN: Legacy Worldwide, 2008), 35, 36.

[10] Ibid., 34.

[11] Ron Sider, The Scandal of the Evangelical Conscience (Grand Rapids, MI: Baker, 2005), 128.

[12] Smith, 89.

[13] Myers, 24.

CAPÍTULO 2: DOZE VERDADES QUE DEFINEM A FÉ CRISTÃ

[1] Barna Research Group, Barna.org artigo número 264 do website, “Many Churchgoers and Faith Leaders Struggle to Define Spiritual Maturity” (Ventura, CA: The Barna Research Group, Ltd., 2008), 1, 3.

[2] Chuck Colson, The Faith (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 28.

[3] Alan Hirsch, TheForgotten Ways (Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2006), 18.

CAPÍTULO 3: O VERDADEIRO SIGNIFICADO DA VERDADE

[1] Adaptado da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, e David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 52-53.

[2] “Hardwired to Connect: The New Scientific Case for Authoritative Communities”, The Commission on Children at Risk, 2003.

[3] Conforme citado por Sean McDowell, Apologetics for a New Generation (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2009), 142.

[4] J.P. Moreland, Love Your God with All Your Mind (Colorado Springs, CO:

NavPress, 1997), 25.

CAPÍTULO 4: QUEM É DEUS?

[1] Wikipédia, artigo: “Age and Size of the Universe” no site www.en.wikipedia.org/wiki/universe, 2009.

[2] Conforme explicado na produção cinematográfica “Ants! Nature’s Secret Power” produzido para o canal Science Channelpela empresa ADI Mayer Filme OMF em associação com Docstar DWRBM: BWK © 2004.

[3] Wikipédia, artigo: “The Brain” no seguinte endereço eletrônico: www.en.wikipedia.org/wiki/brain, 2009.

[4] Wikipédia, artigo: “Pantheism” en.wipedia.or/wiki/pantheism, 2009.

[5] Christian Smith, Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers (Nova York, NY: Oxford University Press, 2005), 41, 42.

[6] Wikipédia, artigo: “Overview of Deism” no seguinte endereço eletrônico: www.en.wikipedia.org/wiki/deism, 2009.

[7] Smith, 41,42.

CAPÍTULO 5: EVIDÊNCIAS A FAVOR DA EXISTÊNCIA DE DEUS

[1] Frank Turek, “The Cosmological Argument”, Apologetics Study Bible for Students, Sean McDowell, Editor Geral (Nashville, TN: Broadman and Holman Publishers, 2009). Turek está citando a obra de Norman L. Geisler e Frank Turek, I Don’t Have Enough Faith to Be an Atheist (Wheaton IL: Crossway

Books, 2004).

[2] William Lane Craig entrevistado por Lee Strobel, The Case for a Creator (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004), 109.

[3] Harvest House Publishers, 2008.

[4] William A. Dembskie Sean McDowell, Understanding Intelligent Design (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2008), 122,123.

[5] Hill Roberts e Mark Whorton, Holman Quick Source Guide to Understanding Creation (Nashville: B & H Publishing, 2008), 323.

[6] Ibid., 109,110.

[7] Ibid., 133,134.

[8] Sean McDowell, Ethix (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2006), 49-50; citação incluída da obra de Fyodor Dostoyevsky, The Brothers Karamazov (Nova York, NY: Bantam Books, 1970), 95.

[9] Ibid., 161,162.

[10] Bertrand Russell, Why I Am Not a Christian (Nova York, NY: Simon & Schuster, 1957), 107.

[11] Adaptado da obra de Josh McDowell e Thomas Williams, In Search of Certainty (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2003), 66.

CAPÍTULO 6: A DESCOBERTA DA NOSSA IDENTIDADE

[1] Charles W. Colson, The Faith (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 171.

[2] Charles Caldwell Ryrie, editor, Ryrie Study Bible (Chicago, IL: Moody Press, 1976), 25.

[3] Why You Do What You Do pode ser adquirido pela internet ou na sua livraria cristã local. Você poderá encontrar Discover Who You Are e outros recursos de Life Key em www.LifeKeys.com.

CAPÍTULO 8: POR QUE DEUS NOS DEU AS SUAS PALAVRAS

[1] Adaptado da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 157, 158,163-165; e também do website www.seanmcdowell.org.

CAPÍTULO 9: A EVIDÊNCIA DE QUE A PALAVRA DE DEUS É CONFIÁVEL

[1] Este capítulo foi adaptado de Beyond Belief to Convictions, capítulo 8; The New Evidence That Demands a Verdict, capítulos 3 e 4; e Can the New Testament Be Trusted? , artigo de Sean McDowell. Por favor, veja os dois livros dos McDowell e o artigo em www.seanmcdowell.org para obter mais detalhes a respeito da confiabilidade das Escrituras.

[2] Josh McDowell, The New Evidence That Demands a Verdict (Nashville, TN: Nelson, 1999), 74.

[3] Ibid., 78.

[4] Ibid., 79.

[5] Adaptado da obra de McDowell, New Evidence, chart, 38.

[6] Ibid.

[7] Ibid., 38,39.

[8] United Bible Society, “2008 Global Summary of Scripture Distribution by Bible Societies”. Veja o website www.biblesociety.org/index.php?id=21.

[9] United Bible Society, “2008 Global Scripture Translation as of December 31, 2008”. Veja o website www.biblesociety.org/index. php?id=22.

[10] Uma análise abrangente dos testes de evidência interna é exposta nos capítulos 3, 4, e 21 de The New Evidence That Demands a Verdict.

[11] Para mais informações sobre a confirmação da confiabilidade da Bíblia em fontes extrabíblicas, veja os capítulos 3 e 4 de The New Evidence That Demands a Verdict.

[12] Adaptado da obra de McDowell, Hostetler, Bellis, 167-169,176-179.

[13] Sean McDowell, “Bones and Dirt”, Apologetics Study Bible for Students, Sean McDowell, Editor Geral (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2009).

CAPÍTULO 10: A PROTEÇÃO E A PROVISÃO DA PALAVRA DE DEUS

[1] Adaptado da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, e David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 11-12.

[2] Paul Copan, True for You, but Not for Me (Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1998), 17.

[3] Adaptado da obra de Sean McDowell, Ethix: Being Bold in a Whatever World (Nashville, TN: Broadman& Holman Publishers, 2006), 41.

[4] Este capítulo é uma adaptação dos capítulos 6 e 7 da obra de Josh McDowell e Bob Hostetler, Right from Wrong (Nashville, TN: Word Publishing, 1994).

[5] Bill Hybels, Laws That Liberate (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 10.

[6] S.I. McMillen, None of These Diseases (Westwood, NJ: Spire Books, 1968), a partir do Prefácio.

CAPÍTULO 11: VIVENDO SOB A PROTEÇÃO DE DEUS E DESFRUTANDO DA SUA PROVISÃO

[1] Este capítulo é uma adaptação dos capítulos 10 e 11 da obra de Josh McDowell e Bob Hostetler, Right from Wrong (Nashville, TN: Word Publishing, 1994).

[2] Caitlin Flanagan, "Why Marriage Matters", Revista Time, 13 de julho de 2009, 47.

[3] Ibid., 47.

CAPÍTULO 12: O PRIMEIRO RELACIONAMENTO DESTRUÍDO

[1] Adaptado da obra de Josh McDowell e Thomas Williams, The Relational Word (Holiday, FL: Green Key Books, 2006), 21-24.

[2] Aldous Huxley, "Confessions of a Professed Atheist", Report: Perspective on the News, vol. 3 (junho de 1966), 19.

[3] Christian Smith, Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers (NovaYork, NY: Oxford University Press, 2005), 165.

[4] Ibid., 163.

CAPÍTULO 13: EVIDÊNCIAS DE QUE O PECADO TEM CONSEQUÊNCIAS

[1] Akron (Ohio) Beacon Journal, 11 de novembro de 2009, A1, A4, A5, B2, B3.

CAPÍTULO 14: ESCOLHENDO O CERTO, E NÃO O ERRADO

[1] Adaptado da obra de Josh McDowell e Thomas Williams, The Relational Word (Holiday, FL: Green Key Books, 2006), 24, 25.

CAPÍTULO 17: EVIDÊNCIAS DE QUE DEUS SE FEZ HUMANO PARA NOS REDIMIR

[1] C.S. Lewis, Mere Christianity (Nova York, NY: Macmillan, 1960), 40-41.

[2] Diagrama extraído da obra de Josh McDowell, The New Evidence That Demands a Verdict (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1999), 158.

[3] William E. Lecky, History of European Morals from Augustus to Charlemagne (Nova York, NY: D. Appleton, 1903), 2:8-9.

[4] Clark H. Pinnock, Set Forth Your Case (Nutley, NJ: Craig Press, 1967), 62.

[5] Gary R. Collins, citado na obra de Lee Strobel, The Casefor Christ (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998), 147.

[6] Dan Brown, The Da Vinci Code (New York, NY: Doubleday, 2003), 233.

[7] James A. Kleist, The Epistles of St. Clement of Rome and St. Ignatius of

Antioch, “To the Ephesians” (Ramsey, NJ: Paulist Press, 1978).

[8] Alexander Roberts, First Apology, the Ante-Nicene Fathers, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993), 184.

[9] Joseph P. Smith, St. Irenaeus: Proof of the Apostolic Preaching (Ramsey, NJ: Paulist Press, 1978), capítulo 47.

[10] Plínio, Letters and Panegyricus, trad. Betty Radice, Loeb Classical Library (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969): 10.96 (2. 289).

[11] J. Ed Komoszewski, M. James Sawyer, Daniel B. Wallace, Reinventing Jesus (Grand Rapids, MI: Kregel, 2006), 215.

[12] Extraído da obra de Josh McDowell e Sean McDowell, More Than a Carpenter (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2009), 30-39.

[13] Orígenes, Contra Celsum, trad. Henry Chadwick (Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1980), 32.

[14] Adaptado do capítulo 4 da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 68-71.

CAPÍTULO 18: O QUE A ACEITAÇÃO INCONDICIONAL DE DEUS PRODUZ

[1] Gloria Gaither e William J. Gaithcr, “I Am Loved” (Nashville, TN: William J. Gaither, Inc., 1978), CCLI14019.

[2] Extraído do capítulo 5 da obra de McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 92-93.

CAPÍTULO 19: COMO ACEITAR OS OUTROS COMO DEUS NOS ACEITA

[1] Extraído da obra de David e Teresa Ferguson, NeverAlone (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2001), 87-88.

[2] N. do E.: Que vive por três ou mais anos, o que ocorre na maioria dos vegetais. (Dicionário Houaiss)

[3] Extraído da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 147-149.

CAPÍTULO 21: EVIDÊNCIA DE QUE JESUS ERA O SACRIFÍCIO PERFEITO DE DEUS

[1] A sessão das Profecias Messiânicas foi adaptada a partir do capítulo 4 da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 63-68.

[2] Para um tratamento detalhado desta profecia, veja a obra de Josh McDowell, The New Evidence that Demands a Verdict (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999), 195-201.

[3] Peter W. Stoner e Robert C. Newman, Science Speaks (Chicago: Moody Press, 1976), 107.

[4] Ibid.

CAPÍTULO 22: O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO AMOR

[1] Charles Wesley (1707-1788), Robert K. Brown e Mark R. Norton, compiladores, The One Year Book of Hymns (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1995), 29 de março.

CAPÍTULO 23: Como Amar os outros como Deus nos Ama

[1] Max Lucado, 3:16: The Numbers of Hope (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 2007), 42.

[2] Charles W. Colson, The Faith (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 164-165.

[3] Jeff Myers, Handoff (Dayton, TN: Legacy Worldwide, 2008), 128.

[4] Para obter mais perguntas excelentes de Mary DeMuth, visite a página wvvw.marydemuth.com e clique em “free stuff” [recursos gratuitos].

CAPÍTULO 25: A Evidência de que Cristo Tem o Poder de nos SalvarA

[1] Extraído da obra de Bascom Palmer Eye Institute, Cataracts, www.bpei.med.miami.edu/site/disease/disease_cataracts.asp(2009).

[2] Extraído da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 71-76.

CAPÍTULO 26: A ALEGRIA DA SALVAÇÃO

[1] Adaptado da obra de Josh McDowell, Sean McDowell, More Than a Carpenter (Wheaton, IL: TyndaleHouse Publishers, 2005), 160-165.

CAPÍTULO 27: A ALEGRIA DA SALVAÇÃO

[1] Centenas de milhares de pessoas foram levadas a um relacionamento pessoal com Deus pela apresentação simples do Evangelho que você viu acima. Esta apresentação é extraída de um folheto intitulado Would You Like to Know God Personally? Publicado por New Life Publications, um ministério da Campus Crusade for Christ. Você pode encomendar quantidades maiores desse folheto pela internet, na página www.campuscrusadexom/nlp_outreach_tools.htm.

CAPÍTULO 28: Entendendo o seu Propósito

[1] Adaptado da Wikipedia, artigo “Caterpillar”, www.wikipedia.org/wiki/caterpillar#behavior.

CAPÍTULO 29: EVIDÊNCIAS DE UMA VIDA TRANSFORMADA

[1] Extraído da obra de Jeffrey A. Bogue, Living Naked (Akron, OH: Living Naked Press, 2009), 123-126.

[2] Extraído da obra de Francis Collins, The Language of God (Nova York, NY: Free Press, 2006), 19-20.

[3] Extraído da obra de Jeffrey A. Bogue, Living Naked (Akron, OH: Living

Naked Press, 2009), 42-44,45-48.

CAPÍTULO 30: VENDO A NÓS MESMOS COMO DEUS NOS VÊ

[1] Parte desta lista foi adaptada da obra de Neil T. Anderson, Victory Over the Darkness (Ventura, CA: Regal Books, 1990), 45-47, 57-59.

[2] Adaptada da obra de Josh McDowell, See Yourself as God Sees You (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1999), 110-120.

CAPÍTULO 32: A NECESSIDADE HISTÓRICA DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

[1] Gerd Lüdemann, What Really Happened to Jesus: A Historical Approach to the Resurrection, trad. John Bowden (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995), 1.

CAPÍTULO 33: AS EVIDÊNCIAS DE QUE JESUS LITERALMENTE RESSUSCITOU DOS MORTOS

[1] Stephen T. Davis, Risen Indeed (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993), 79-80.

[2] Paul L. Maier, “The Empty Tomb as History”, Christianity Today, 28 de março de 1975, p. 5.

[3] Paul L. Maier, First Easter (Nova York, NY: Harper and Row, 1973), 98.

[4] Um tratamento mais completo sobre a ressurreição de Cristo pode ser encontrado em nosso livro intitulado Evidências da Ressurreição, publicado pela CPAD.

[5] George Hanson, The Resurrection and the Life (Londres, Inglaterra: William Clowes & Son, 1911), 24.

[6] John Dominic Crossan, Jesus: A Revolutionary Biography (San Francisco, CA: Harper Collins, 1991), 145.

[7] David Friedrich Strauss, The Life of Jesus for People, 2. ed., vol. 1 (Londres, Inglaterra: William & Norgate, 1879), 412.

[8] C.H. Dodd, "The Appearances of the Risen Christ: A Study in the Form Criticism of the Gospels", na obra More New Testament Studies (Manchester, UK: University of Manchester Press, 1968), 128.

[9] William Lane Craig, The Son Rises (Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2000), 94-95.

[10] Extraído da obra de Josh McDowell e Sean McDowell, Evidence for the Resurrection (Venture, CA: Regal Publishing, 2009), 195,196.

[11] Adaptado da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 261-270.

[12] Conforme citado na obra de Lee Strobel, The Case for the Real Jesus (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998), 146.

[13] Extraído da obra de Josh McDowell, Sean McDowell, More Than a Carpenter (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2005), 134-135.

[14] Extraído da obra de McDowell, Hostetler, Bellis, 271-273.

[15] Dan Cohn-Sherbok, "The Resurrection of Jesus: A Jewish View", na obra Resurrection Reconsidered, Gavin D'Costa, Editor Geral (Oxford, UK: Oneworld Publications, 1996), 200.

[16] N.T. Wright, "Christian Origins and the Resurrection of Jesus: The Resurrection as a Historical Problem", Sewanee Theological Review, vol. 41:2

(Páscoa de 1998), 111, a ênfase foi acrescentada.

[17] NT. Wright, “The Transforming Reality of the Bodily Resurrection”, na obra The Meaning of Jesus: Two Visions, de N.T. Wright e Marcus Borg (Nova York: NY, HarperCollins Publishers, 1999), 115.

[18] Michael Licona, “Paul on the Nature of the Resurrection Body”, na obra Buried Hope or Risen Savior: The Search for the Jesus Tomb, ed. Charles L. Quarles (Nashville, TN: B&H Academic, 2008), 177-198.

[19] Stephen T. Davis, Risen Indeed (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993), 56.

[20] Norman I. Geisler, Baker Encyclopedia of Christian Apologetics (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999), 662.

[21] Extraído da obra de McDowell e McDowell, Evidence for the Resurrection, 204-206.

[22] Paul Rhodes Eddy e Gregory A. Boyd, The Jesus Legend (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007), 142.

[23] T.N.D. Mettinger, Die Riddle of Resurrection: “Dying and Rising Gods” in the Ancient Near East (Estocolmo: Almqvist and Wiksell, 2001), 221.

[24] McDowell e McDowell, Evidence for the Resurrection, 232,233.

CAPÍTULO 34: VENCENDO O MEDO DA MORTE

[1] Extraído da obra de Josh McDowell e Sean McDowell, Evidence for the Resurrection (Ventura, CA: Regal Publishing, 2009), 57, 58.

[2] Randy Alcorn, Heaven (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2004), 57.

[3] Extraído da obra de McDowell e McDowell, Evidence for the Resurrection, 64-66.

CAPÍTULO 35: VIVENDO FISICAMENTE NA TERRA, MAS COM O NOSSO CORAÇÃO NO CÉU

[1] C.S. Lewis, Mere Christianity (Nova York, NY: Collier Books, 1960), 118.

[2] Max Lucado, When God Whispers Your Name (Dallas, TX: Word Publishing, 1994), 101.

[3] Calvin Miller, Into the Depths of God (Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 2000), 15.

CAPÍTULO 37: A Evidência da Existência do Espírito Santo

[1] Alan Hirsch, The Forgotten Ways (Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2006), 18.

CAPÍTULO 38: O PROPÓSITO DO ESPÍRITO SANTO EM NOSSA VIDA

[1] Adaptado da obra de Sean McDowell, Ethix (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2006), 15.

CAPÍTULO 39: O PODER DO ESPÍRITO SANTO

[1] Este livreto é publicado pela New Life Resources, e está disponível na íntegra no site www.campuscrusade.org Basta clicar em Ministry Resources, e procurar o botão “tracts e booklets”.

[2] Bill Bright, Have You Made the Wonderful Discovery of the Spirit-Filled Life? (Peachtree City, GA: New Life Resources of Campus Crusade for Christ International, 1966,1995, 2000, 2008). Have You Made the Wonderful Discovery of the Spirit-Filled Life?, escrito por Bill Bright© 1966-2010 Bright Media Foundation (BMF) e Campus Crusade for Christ International (CCCI). Todos os direitos reservados, www.campuscrusade.com. Incluído sob permissão.

CAPÍTULO 40: OS REINOS EM GUERRA

[1] God Is Up to Something (Hamilton, OH: The Words Worth Group, 2008), 1,2.

[2] C.S. Lewis, Mere Christianity (Nova York, NY: Macmillan, 1943), 36.

CAPÍTULO 41: A EVIDÊNCIA DE QUE O REINO DE DEUS TEM INFLUENCIADO O MUNDO DE UMA MANEIRA POSITIVA

[1] Christopher Hitchens, God Is Not Great: How Religion Poisons Everything (Nova York, NY: Twelve Books, 2007), 13.

[2] F. W. Nietzsche, The Antichrist, trad. H.L. Mencken (Torrance, CA: The Noontide Press, 1980), 180.

[3] Sherwood Eliot Wirt, The Social Conscience of the Evangelical (Nova York, NY: Harper and Row, 1968), 31.

[4] Basílio de Cesareia, no website http://en.wikipedia.org/wiki/St_Basil.

[5] Charles W. Colson, The Faith (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 169.

[6] Trevor Yaxley com Carolyn Vanderwal, William and Catherine: The Legacy of the Booths, Founders of the Salvation Army (Bloomington, MN: Bethany House Publishers, 2003), 221.

[7] Wikipedia, artigo: "The Salvation Army", http://en.wikipedia.org/wiki/The_Salvation_Army, 2009.

[8] Answers.com em www.anwers.com/topic/henry-dunant.

[9] Leia os escritos de Jonathan Hill, What Has Christianity Ever Done for Us?: How It Shaped the Modern World (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005); Rodney Stark, For the Glory of God: How Monotheism Led to Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003); Rodney Stark, The Victory of Reason: How Christianity Led to Freedom, Capitalism, and Western Success (Nova York: Random House, 2005); e Vincent Carroll e Dave Shiflett, Christianity on Trial: Arguments against Anti-Religious Bigotry (San Francisco: Encounter Books, 2002).

CAPÍTULO 42: DETERMINANDO A SUA VISÃO DE MUNDO RELACIONADA AO REINO DE DEUS

[1] James W. Sire, The Universe Next Door (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009), 20.

CAPÍTULO 45: A EVIDÊNCIA DE QUE A IGREJA DE DEUS ESTÁ VIVA E MUITO BEM

[1] Robert Webber, Listening to the Belief of Emerging Churches (Grand Rapids,

MI: Zondervan, 2007), 9.

[2] Bob Roberts Jr., Transformation (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006), 19,20.

[3] Robert Webber, por exemplo, fez um estudo detalhado sobre a Igreja Primitiva, e de como os seus membros cumpriram a missão que nos foi dada por Deus, e como podemos fazer o mesmo em nossos dias. O livro do Dr. Webber, intitulado Journey to Jesus é um recurso valioso para que possamos entender como é a igreja autêntica, e como Cristo deseja que ela se expresse.

[4] God Is Up to Something (Hamilton, OH: The Words Worth Group, 2008), 22,23.

[5] Bob Roberts Jr., The Multiplying Church (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 25.

[6] Robert Webber, Journey to Jesus (Nashville, TN: Abingdon Press, 2001), 102,103.

CAPÍTULO 46: A PRIORIDADE DA IGREJA

[1] História adaptada da obra de David Ferguson, The Never Alone Church (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1998), 77,78.

[2] Robert Webber, The Younger Evangelical (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2002), 29.

CAPÍTULO 47: COMO A IGREJA ATENDE ÀS NECESSIDADES HUMANAS E ESPIRITUAIS

[1] David Ferguson, The Never Alone Church (Wheaton, IL: Tyndale House

Publishers, 1998), 51.

[2] Adaptado de Ibid., 45-51.

CAPÍTULO 48: O NOSSO LAR RESTAURADO: O CÉU NA TERRA

[1] Randy Alcorn, Heaven (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2004), 101.

CAPÍTULO 49: EVIDÊNCIAS DE VIDA APÓS A MORTE

[1] Tom Wolfe, “Sorry, but Your Soul Just Died”, publicado originalmente em Forbes ASAP (1996). Reimpresso sob permissão em http://orthodoxytoday.org/artides/Wolfe-Sorry-But-Your-Soul-Just-Died.php.

[2] John Searle, Freedom and Neurobiology (Nova York: Columbia University Press, 2007).

[3] Sean McDowell e Jonathan Morrow, Is God Just a Human Invention?: And Seventeen Other Questions Raised by the New Atheists (Grand Rapids, MI: Kregel, 2010), capítulo 8.

[4] Barbara Bradley Hagerry, “The God Choice”, USA Today, 22 de junho de 2009, 9a.

[5] Dinesh D’Souza, Life After Death: The Evidence (Washington, DC: Regnery Publishing, 2009), 63.

[6] Ibid., 78.

[7] Ibid., 80.

[7] Ibid., 89.

CAPÍTULO 50: VIVENCIANDO A ALEGRIA ETERNA

[1] Randy Alcorn, Heaven (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2004), 215.

[2] Ibid., 226.

CAPÍTULO 51: CUMPRINDO O SEU DESTINO

[1] Extraído da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 246-252.

[2] Ibid., 279, 280.

APÊNDICE A

[1] Para um tratamento detalhado dessa profecia, veja o capítulo 8 da obra de Josh McDowell, The New Evidence That Demands a Verdict (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1999), 164-202.

[2] Peter W. Stoner e Robert C. Newman, Science Speaks (Chicago, IL: Moody Press, 1976), 106.

[3] Adaptado da obra de Josh McDowell e David H. Bellis, Is Christ Really God? Livro de exercícios, edição para adultos (Holiday, FL: Green Key Books, 2006), 110-112.

[4] Ibid., 114-116.

[5] Ibid., 117,118.

[5] Ibid., 121-123.

APÊNDICE B

[1] Adaptado da obra de Josh McDowell, Bob Hostetler, David H. Bellis, Beyond Belief to Convictions (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2002), 230-232.

[2] Josh McDowell, The New Evidence That Demands a Verdict (Nashville, TN: Nelson, 1999), 74.

[3] Ibid., 38.

[4] Ibid., 34-39.

[5] Extraído da obra de McDowell, Hostetler, Bellis, 235-237.